UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EUN MI YANG

A “*Geração 1.5*” dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade,
alteridade e educação

São Paulo

2011

EUN MI YANG

A “*Geração 1.5*” dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade,
alteridade e educação

Tese apresentada a Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do grau de
doutor em Educação

Área de Concentração: Cultura, Organização e
Educação

Orientador: Profa. Dra. Roseli Fischmann

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.98 Yang, Eun Mi
Y22g A “Geração 1.5” dos coreanos em São Paulo : identidade,
alteridade e educação / Eun Mi Yang ; orientação Roseli Fischmann. São Paulo : s.n.,
2011.

--- 506p : il., graf. tabs. mapas.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em
Educação. Área de Concentração : Cultura, Organização e Educação) –
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

1. Imigrantes – Educação – São Paulo 2. Coreanos –
Educação - Brasil 3. Identidade cultural – Brasil – Coreia 4. Alteridade I.
Fischmann, Roseli, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

YANG, E. M. A “*Geração 1.5*” dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação.

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTO

Esta tese é o resultado de mais de quatro anos de vivência na cidade de São Paulo e convivência com as pessoas que a habitam. Minha trajetória foi trilhada a partir da formação humana e acadêmica que tive em meu país natal, a Coreia do Sul. Em solo brasileiro tudo me parecia diferente do que eu costumava ver, ouvir e pensar antes; mas também pude compartilhar muitas coisas importantes com brasileiros e brasileiras, a quem hoje posso dirigir a palavra “Tu” em vez de apenas “Ele” ou “Ela”. Assim tenho me beneficiado da estadia aqui não somente pelo tempo dedicado às atividades acadêmicas propriamente ditas, mas por experiências que suscitaram muitas questões, as quais eu discuto nesta tese. Com certeza, nessa jornada, muitas pessoas têm me acompanhado enriquecendo minha visão de mundo de diversas formas e em momentos diferentes, me apoiando para que eu pudesse chegar até aqui. A todas elas, presto meu profundo agradecimento, especialmente:

Ao NIIED do Ministério de Educação, Ciência e Tecnologia da Coreia do Sul, pela concessão de bolsa para o período de setembro de 2006 a agosto de 2009 que possibilitou a minha permanência e estudo em São Paulo;

À Profa. Dra. Roseli Fischmann, minha orientadora e “mãe acadêmica”, como um dia nós falamos. Ainda que eu me desdobrasse para expressar minha gratidão, não faria jus a tanto compromisso, competência e paciência para comigo. Ouso dizer que um pequeno pedaço que consegui enxergar da vida dela me desafiou muito, especialmente pela sua coragem de enfrentar problemas crônicos da nossa sociedade. Fui realmente privilegiada tendo ela como minha orientadora;

Ao Prof. Dr. Adolpho José Melfi, que possibilitou o encontro com a professora Roseli e sempre deu atenção e carinho para uma moça estrangeira que pisou em São Paulo sem conhecer quase ninguém; além de ter demonstrado especial interesse pela cultura coreana;

Aos Profs. Drs. Alberto Junior Amaral, Marcio da Silva e Afrânio Mendes Catani pelas contribuições teóricas e, aos dois últimos, pelas valiosas críticas e sugestões para o aprimoramento de minha pesquisa no exame de qualificação;

À USP, especialmente à FEUSP, que me concedeu a oportunidade de desenvolver este

trabalho e garantir o vínculo oficial que possibilitou o visto brasileiro durante o tempo necessário para a conclusão dos meus estudos;

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da FEUSP, representados por Cláudio José de Souza Ávila e Marcelo Ribeiro dos Santos, sempre prestativos na resolução de dúvidas e encaminhamentos;

Às secretárias do Departamento (EDA) Raquel Antunes de Oliveira Silva, Eloisa Maria Felix, Luci Mara Reinaldo Gimenes e Solange Cleide Francisco, agora na Secretaria da Direção da FEUSP, que sempre foram prestativas e atenciosas em todos os momentos desde minha chegada na USP;

Aos colegas do grupo de pesquisa “Discriminação, Preconceito, Estigma: minorias étnicas e religiosas, cultura e educação”, coordenado pela Profa. Dra. Roseli Fischmann;

Ao Consulado Geral da República da Coreia em São Paulo e à Embaixada em Brasília, que além dos dados estatísticos sobre imigrantes coreanos no Brasil me deu oportunidade de contribuir como “ponte” e intérprete nos eventos importantes organizados pelo Governo coreano;

Ao Centro de Educação Coreana em São Paulo (CENEC/SP) que intermediou a comunicação geral com a NIIED e contribuiu para a realização da pesquisa com opiniões e dados preciosos sobre a educação na comunidade coreana em São Paulo. Dirijo a minha gratidão aos ex-diretores do CENEC/SP Sr. Jeong Seong-cheon e Sr. Kim Jin-tae e ao assessor administrativo Noh Sung-bum, ou Jorge, que sempre foram prestativos nesse processo;

Ao Sr. Jung Ha-won, coordenador da equipe de publicação do livro sobre a imigração coreana no Brasil, que contribuiu com materiais preciosos sobre a história da imigração coreana no Brasil;

À Associação Brasileira dos Coreanos (ABC) em São Paulo pela disposição ao oferecimento de materiais e opiniões referentes à comunidade coreana em São Paulo;

À Escola Coreana do Brasil (Colégio Polilogos), especialmente à diretora Choi Sun-kyu e ao

diretor administrativo Lee Chi-hyoung pela participação da pesquisa com dados e opiniões sobre a educação coreana voltada aos descendentes coreanos em São Paulo;

Aos participantes da pesquisa, pertencentes à *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos e que se disponibilizaram e concederam seu precioso tempo concedendo depoimentos e recordando memórias únicas tecidas na trajetória trilhada na Coreia e no Brasil;

A Kim Yoona, jornalista e autora, também *Geração 1.5*, que está ansiosa em contribuir para que ocorram mais encontros entre as culturas coreana e brasileira e realmente está fazendo o papel de “ponte” entre as duas culturas com muita convicção e coragem;

A Ji-hye, Hyun-jung (Carol), Hana (Eun-a), evangelista Daniel (Eun-ho), Jung-eun (Diana), Fernando, Joon, Soo e Juliana, que se ofereceram com boa vontade para traduzir as entrevistas, um trabalho que foi possível por eles serem a *Geração 1.5* ou a segunda geração dos imigrantes coreanos no Brasil;

Ao pastor missionário Park Jee-bum, líder do QUM, centro cultural voltado principalmente à *Geração 1.5* e aos descendentes dos imigrantes coreanos, pela contribuição com preciosas opiniões e a visão sobre o tema desta tese e, também pelo carinho;

A Érica Ayaco Sacata Tongu e Suelen Igreja, por lerem meu trabalho repetidas vezes, escrito numa língua que não é a minha língua materna, corrigirem os erros e darem suas preciosas sugestões sempre procurando preservar minha intenção original, ao mesmo tempo em que lhe dão mais “cara de português”.

À família Igreja Água Viva de São Paulo, em que realmente me senti acolhida e desafiada pela convivência com os membros compostos tanto por brasileiros de origens de várias origens diferentes quanto pessoas de origem coreana. Especialmente agradeço ao meu pastor Ko Young-gyu, líder dessa família, guiado pela visão de Deus e apaixonado pelo Brasil, pela preciosa orientação e incentivo como líder espiritual e veterano da vida;

Ao presbítero Lee Hyeon-jae (Chan) e à sua esposa Cho Hye-jin (Regina) pela generosidade em me receber em sua casa, e especialmente a Regina pela oração e orientação com as palavras bíblicas;

Ao diácono Shin Jae-sung e à sua esposa Camila e também ao irmão Lee Phil-gwon (Luis) e à sua esposa Kim Su-gyeong (Nayara) pela atenção e carinho;

Aos meus queridos amigos Park Jung-a (Betty), Kim Sun-myung (Célia), Andreza Tomaz, Felipe Tomaz, Sra. Irací Tomaz, professora-diretora da Escola Honor Christian Academy, Lia Morena, como ela prefere ser chamada, Lia de Moura, Renata Cruz, Kelly Park, Bae Deuro (Pedro), Érica Ayaco Sacata Tongu, Ana Luisa Campanha Nakamoto, Viviane Xanthakos, Rafael Guilherme Strauss Nunes, Kenji Matsuzaka, Cibele Krause-Lemke, missionária Kang Hyang-suk (Mônica), Kim Ji-hyeon e Choi Seong-min, que compartilharam comigo sentimentos e pensamentos tanto acadêmicos propriamente ditos quanto de vida;

À família Choi – Sr. Choi Won-seok, Sra. Shin A-yeong, Ja-yun e Hi-jae – que tem me acolhido no seu lar desde o início da minha vida em São Paulo e a amiga desta família, Jang Mi-suk, que me ofereceu sua casa e me acompanhou nos primeiros momentos em São Paulo;

E na Coreia, à Profa. Dra. Choi Keum-joa, pioneira no estudo sobre a imigração coreana no Brasil, cuja dissertação de mestrado foi imprescindível para a minha tese, ao elaborar a parte sobre a sua história;

Aos professores Lee Sung-deok, Jo I-hwan, Choi Young-soo, Lee Seung-yong, Yoon Taek-dong, Song Pil-hwan, Im Eun-sook e Shin Jung-hyeon, a quem devo a base da minha formação acadêmica no estudo da língua e cultura brasileira enquanto mantinha meu vínculo com a Hankuk Universidade de Estudos Estrangeiros na Coreia até concluir o mestrado;

Ao meu pastor Yoon Seok-jeon da Igreja Batista Yonsei em Seul onde comecei minha vida como cristã, pela sua oração e liderança;

Aos meus amigos fiéis Shim Hye-rim, ou, minha querida Charles, Jang Hye-hyeon, Namji e Lee Seul-gi, que têm me incentivado com carinho e voto de confiança apesar da longa distância física entre a Coreia e o Brasil;

Aos meus avós, tios, tias e primos, que têm sempre encorajado minha família dando todo o apoio possível em momentos difíceis;

À minha irmã Eun-yeong e ao meu irmão Min-gyu dos quais tenho grande orgulho pela sua coragem em seguir o caminho que querem e não que o mundo diz para seguir;

Ao meu pai falecido Yang Chi-seon e à minha mãe Jeong Myeong-suk, sempre corajosa e devota mãe de três filhos, a quem devo meu maior agradecimento e amor nesta terra pela vida que me deram e por tudo;

E a todas outras pessoas que não foram citadas neste espaço impresso, mas que estavam presentes nessa jornada da vida e acadêmica;

Para finalizar, a Deus, pelo passado, pelo presente, pelo futuro e pelo amor incondicional, a quem dedico esta tese.

RESUMO

YANG, EUN MI. A “*Geração 1.5*” dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação. 2011. 506f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Esta tese tem como objetivo preencher um pouco o hiato entre os imigrantes coreanos e os brasileiros trazendo mais fatos sobre os primeiros e esclarecer o conteúdo da “ambiguidade” que se diz marcar a identidade da *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos. Para tal, buscou-se analisar como essa geração em São Paulo lida com o duplo pertencimento cultural – coreano e brasileiro – no Brasil, sociedade caracterizada pela diversidade e complexidade e, como se dá a formação da visão do Eu e do Outro num contínuo processo de *alteridade*. A hipótese é de que a experiência única dessa geração no Brasil por se situar “entre” a primeira e a segunda geração dos imigrantes coreanos bem como “entre” coreanos e brasileiros propicia novas possibilidades de construção do Eu e do Outro, de forma menos dicotômica. Para fazer a apreciação desse pressuposto, tomou-se como centro de análise os 26 entrevistados pertencentes à *Geração 1.5*, conforme o critério estabelecido neste estudo, que imigraram para o Brasil entre as décadas de 1960 e 1990. Tentou-se captar os papéis educacionais dos quatro ambientes – família, escola, religião e comunidade coreana – na formação do eixo de interpretação do mundo, que é a base em elaboração de projeto referente a como se posicionar na sociedade brasileira e como se relacionar com brasileiros. Em seguida, examinou-se os aspectos de relacionamento em âmbitos diferentes, da visão do Eu e do Brasil e dos projetos elaborados pelos pais dos entrevistados e pelos próprios entrevistados para viver no Brasil. Sob essa perspectiva, a análise e a reflexão foram realizadas mediante as reflexões sobre a *alteridade* e identidade dos autores de áreas e origens variadas, dos quais o foco foi dirigido às de Martin Buber, George Herbert Mead, Hannah Arendt, Claude Lévi-Strauss, Gilberto Velho e Tak Seok-san. O resultado aponta que, para os entrevistados, pertencentes à *Geração 1.5*, a “ambiguidade” de fato encontra-se como um traço marcante ao longo do processo da construção da identidade, mas que eles lidam com essa ambiguidade de formas diferentes e autônomas de acordo com circunstâncias e estímulos diferentes, em vez de serem definidos de acordo com a classificação dicotômica para a identidade nacional e flutuarem submissas a ela.

Palavras-chave: *Geração 1.5*, imigrantes coreanos, São Paulo, Brasil, educação, entre, Eu e Outro, alteridade, identidade, projeto.

ABSTRACT

YANG, EUN MI. **The “*Generation 1.5*” of the Korean immigrants in São Paulo: identity, alterity and education.** 2011. 506p. Thesis (Doctorate). Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2011.

This thesis aims to contribute towards bridging the gap between the Korean immigrants in Brazil and the Brazilian people by showing facts about the first and clarifying some of the ambiguity, said to be a trait marking the so-called “*Generation 1.5*” of Korean immigrants. For this, it was analyzed how this generation deals with belonging to double cultures (Korean and Brazilian) in Brazil, a society characterized by its diversity and complexity, and how the formation of the vision of “I” and “Other” in a continuous process of *alterity* occurs. The underlying hypothesis was that the unique experience of this generation, being situated in “between” the first and second generation of Korean immigrants, propitiates new possibilities for the construction of the notion of “self” and “others” in a less dichotomous way. To verify this point of view, a total of 26 individuals considered to belong to *Generation 1.5* were selected for the interview and further analysis according to the criterion set in this study. It was attempted to understand how these four principal environments – family, school, religion and Korean community – influenced the interviewees in the forming of their interpretation of the world – which is intrinsic in elaborating the project of their positioning in Brazilian society and their relationship with Brazilians. Attention has also been paid to aspects of the interviewees’ relationships with Brazilians in different spheres, of their vision of “self” and “Brazil” and finally, of the projects taken by them and by their parents in living in Brazil. Following this perspective, the conceptual and theoretical base for the research and the analysis of the collected data was put on the views of Martin Buber, George Herbert Mead, Hannah Arendt, Claude Lévi-Strauss, Gilberto Velho and Tak Seok-san who share the concern about the *alterity* and identity issues in different academic branches. The result shows that for the majority of the interviewees this “ambiguity” is in fact a pending question throughout their identity construction process: but that they deal with it in different and more autonomous ways according to different circumstances and stimuli, rather than just being defined by the existing dichotomous classification model of their national identity.

Key-words: *Generation 1.5*, Korean immigrants, São Paulo, Brazil, education, between, alterity or otherness, identity, project.

국문초록

양은미. **상파울로 한국 이민 1.5세: 정체성, 타자성, 교육**. 2011. 506쪽. 박사학위 취득 논문 - 상파울로. 상파울로 대학교, 교육대학교 대학원. 2011.

이 논문은 브라질 한국 이민자들에 관한 보다 객관적 사실에 근거한 정보를 다룸으로써 이들과 브라질인들 간에 존재하는 오해와 편견을 해소하는 데 기여하고, 특히 이민자 1.5세의 정체성을 특징짓는 “모호함”의 내용을 구체화하고자 한다. 이를 위해 다양성과 복잡성으로 특징지어지는 브라질 사회에서 이 세대가 자신의 정체성의 재료가 되는 이중문화 소속이라는 조건에 어떻게 대처해왔는지, 또한 그 속에서 이루어지는 지속적인 타자성의 경험 속에서 어떻게 그들의 ‘나’와 ‘타자’에 대한 인식이 변화되어 왔는지를 분석의 초점으로 삼았다. 기존의 이민자 1.5세 관련 연구에서는 이 세대를 ‘이도 저도 아닌’의 정체성의 소유자로 보는, 다소 결정론적 접근방법을 고수하였다. 그러나 본 논문에서는 이들 존재 자체를 규정짓는 ‘사이’라는 위치, 즉, 이민 1세와 2세 ‘사이’, 한국인과 브라질인 ‘사이’라는 위치로 인해 불가피하게 겪어온, 한 발 더 나아가 이에 적극적으로 대처에 만들어진 유일무이한 경험들이 기존의 이분법적 분류 방식을 탈피한 방식으로 ‘나’와 ‘타자’ 개념을 만들어 나가는 데 새로운 가능성을 제시할 수 있다고 전제하였다. 이 관점의 타당성을 검증하고 구체적으로 어떻게 그것이 가능한지 확인하기 위해, 본 연구에서 세운 기준에 따라 1.5세에 해당하는 26명의 개인이 인터뷰 및 분석 대상으로 선별, 이민자들의 교육에 가장 큰 역할을 한다고 판단되는 4개의 환경, 즉 가정, 학교, 종교, (상파울로) 교포사회가 이들이 세상을 해석하는 관점의 축 형성에 어떤 영향을 끼치는지를 이해하려고 노력하였다. 이 같은 해석의 틀은 이들이 브라질 사회에서 자리매김 (positioning)을 하고, 이제는 직접 대면하게 된 타자인 브라질인들과 관계맺기를 하기 위한 프로젝트를 세우는 데 근거를 이루게 된다. 이어, 이들이 친밀한 영역과 직장 환경에서 브라질인들과 맺어온 관계 및 ‘나’와 ‘타자’를 향한 시선의 양상, 그리고 이와 관련한 인터뷰 대상자들의 부모 세대, 즉 이민 1세의 프로젝트와 1.5세인 인터뷰 대상자들의 프로젝트의 주요 특징을 살펴 보았다. 수집된 자료의 해석과 분석을 위한 주요 개념 정의와 이론적 틀은 각기 다른 학문 분야에서 타자성과 정체성 문제에 ‘상호성’에 초점을 맞춰 접근한 마틴

부버 (Martin Buber), 조지 허버트 미드 (George Herbert Mead), 한나 아렌트 (Hannah Arendt), 클로드 레비 스트로스 (Claude Lévi-Strauss), 질베르투 벨류 (Gilberto Velho), 탁석산의 관점을 적용해 구성되었다. 분석 결과는 실제로 인터뷰 참여자들에게 있어 ‘모호성’이 이민 후 정체성 확립 과정에 끊임없이 존재해왔으나, 이들이 이 주어진 사실에 대해 대응해온 방식은 국가정체성에 관한 기존의 이분법적 분류방식에 따른 일방적 정의에의 귀속이라기보다는 환경과 자극에 따라 각기 상이하고 보다 독자적인 것임을 보여 준다.

주요어: 1.5세, 한국 이민자, 상파울로, 브라질, 교육, 사이, 타자성, 정체성, 프로젝트.

LISTA DE MAPAS

Mapa 2.1 – Localização geopolítica da Península Coreana	85
Mapa 4.1 – Subdivisões administrativas da República da Coreia	196

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – População por religião	101
Gráfico 2.2 – Visitantes da Coreia do Sul de 1970 a 2007	101
Gráfico 2.3 – Casamento entre coreanos e estrangeiros na Coreia	104
Gráfico 2.4 – Caso de divórcio dos casais coreano-estragneiro	104
Gráfico 2.5 – Imigrantes por período entre 1820 e 1975	110
Gráfico 3.1 – Distribuição por país da presença coreana na América do Sul e Central	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 – Os nomes dos cinquenta coreanos	138
Quadro 3.2 – Processo da inauguração da Associação Brasileira da Educação Coreana, Escola Coreana e Colégio Polilogos	182
Quadro 3.3 – Escolas de língua coreana em São Paulo	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – População de residentes estrangeiros na Coreia do Sul	102
Tabela 2.2 – Imigração no Brasil por nacionalidade – períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933	112
Tabela 2.3 – Imigração no Brasil por nacionalidade – quinquênios 1945-1949 e a 1955-1959	115
Tabela 3.1 – As primeiras cinco levas da imigração coreana ao Brasil	150
Tabela 3.2 – Total de imigrantes coreanos beneficiados pela anistia	158
Tabela 3.3 – Número de coreanos e de cidadão brasileiro de origem coreana no Brasil	161
Tabela 4.1 – Idade com que imigrou para o Brasil	195
Tabela 4.2 – Cidade de origem dos entrevistados e de seus pais	197
Tabela 4.3 – Vínculo religioso da família dos entrevistados na Coreia	198
Tabela 5.1 – Crença religiosa antes e depois da imigração	275
Tabela 6.1 – Áreas de atuação profissional dos entrevistados	337

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Formulário usado para obter dados pessoais dos entrevistados	494
ANEXO 2 – Roteiro da entrevista	496
ANEXO 3 – Sistema Educacional da República da Coreia	502
ANEXO 4 – O poema A Flor traduzido para a língua portuguesa	503
ANEXO 5 – O poema A Flor na versão original (língua coreana)	504
ANEXO 6 – Testemunho completo do pastor Moon Myeong-cheol	505

LISTA DE SIGLAS

ABC	–	Associação Brasileira dos Coreanos (한인회)
ABEC	–	Associação Brasileira da Educação Coreana (한브교육협회)
ABUC	–	Associação Brasileira dos Universitários Coreanos (한인 대학생 연합회)
CEDR	–	Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial
CENEC/SP	–	Centro de Educação Coreana em São Paulo (상파울로 한국교육협회)
IDH	–	Índice de Desenvolvimento Humano
KOSIS	–	Korean Statistical Information Service
KOWIN	–	Korea Women's International Network
PCN	–	Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual
NIIED	–	National Institute for International Education Development (국제교육진흥원) (República da Coreia)
UNESCO	–	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
PARTE I	29
CAPÍTULO 1. ASPECTOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS	31
1.1 Aspectos metodológicos	31
1.1.1 Justificativa	31
1.1.2 Coleta de dados	43
1.1.3 Tratamento e análise dos dados obtidos	46
1.2 Aspectos conceituais: diálogos entre autores	50
1.2.1 Claude Lévi-Strauss e Hannah Arendt: o porquê da reflexão do Eu e do Outro	50
1.2.2 Reflexão sobre Indivíduo e Pessoa	58
1.2.3 George H. Mead e Martin Buber: o Eu e o Outro na dinâmica da relação	61
1.2.4 Filósofo coreano Tak Seok-san e antropólogo brasileiro Gilberto Velho	72
CAPÍTULO 2. COREIA E BRASIL: CONTRASTES	83
2.1 Coreia do Sul	83
2.1.1 Entrada da Coreia no contexto internacional	85
2.1.2 À procura da homogeneidade: como a base da formação da identidade coreana	95
2.1.3 Homogeneidade desafiada	100
2.2 Brasil	108
2.2.1 História do Brasil após a Independência acompanhada pela imigração	109
2.2.2 Rumo à construção da brasilidade	117
2.2.3 Diversidade ou desigualdade	122
CAPÍTULO 3. UM PANORAMA SOBRE A PRESENÇA COREANA EM SÃO PAULO	126
3.1 Grupos de coreanos no Brasil de naturezas diferentes	126
3.2 Imigrantes permanentes	131
3.2.1 Imigrantes pré-guerra de origem coreana	132
3.2.2 Ex-prisioneiros anticomunistas da Guerra da Coreia	137
3.2.3 Imigrantes após o início da relação diplomática entre o Brasil e a Coreia	141
3.3 A trajetória dos imigrantes coreanos em São Paulo: as origens da <i>Geração 1.5</i>	158
3.3.1 Onde eles se encontram e o que eles fazem	159
3.3.2 Meios de obtenção do sustento	163
3.3.3 Principais eixos de organização social em solo brasileiro	170
PARTE II	190
CAPÍTULO 4. ORIGEM E MOTIVOS DA VINDA	193
4.1 Quem eram eles?: as origens da <i>Geração 1.5</i>	194
4.2 Motivos da emigração/imigração da Coreia para o Brasil	212
4.2.1 Por que deixaram a Coreia?: fatores de expulsão por década (1960-1990)	214
4.2.2 O que o Brasil representava para imigrantes coreanos?	232
4.2.3 Implicações da questão da educação para a decisão da emigração/imigração	235
CAPÍTULO 5. PAPEL DOS QUATRO AMBIENTES PRINCIPAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	240
5.1 Papel da família	241

5.1.1 Preservação da cultura coreana	242
5.1.2 Aprendizagem da verticalidade no relacionamento	246
5.1.3 Amadurecimento precoce	251
5.2 Papel de instituições regulares brasileiras de ensino	257
5.2.1 Aprendizagem da língua portuguesa, como propiciador da relação com brasileiros ...	258
5.2.2 Experiência da diversidade do Brasil	264
5.2.3 Comparação das duas culturas: verticalidade de Nós e horizontalidade dos Outros ...	270
5.3 Papel da religião	274
5.3.1 Centro comunitário coreano que reforça a identidade coreana	276
5.3.2 Orientação da vida no Brasil por meio da visão englobalizadora bíblica	284
5.3.3 Propiciação de experiências da liderança e incentivo às atividades extracurriculares .	289
5.4 Papel da comunidade coreana	292
5.4.1 Rede de ajuda mútua no processo de instalação	293
5.4.2 Aspectos da participação da vida comunitária e sentimento de pertencimento a ela ..	299
5.4.3 Comunidade coreana e Nós: objetivação de Nós para Outros	308
 CAPÍTULO 6. TECENDO RELACIONAMENTOS COM BRASILEIROS	316
6.1 No âmbito de amizade	317
6.1.1 Apresentando-se um ao outro: encontro com brasileiros como Tu	317
6.1.2 Limitações ou fronteiras	328
6.2 No âmbito profissional	336
6.2.1 Relacionamento relativamente limitado com os brasileiros em certos ramos	338
6.2.2 Propiciador de reflexão mais equilibrada sobre si e seus Outros, brasileiros	342
6.2.3 Experiência de outro Brasil	349
 CAPÍTULO 7. MEMÓRIA E PROJETO	355
7.1 Memórias da Coreia	356
7.1.1 Memória até antes da imigração	357
7.1.2 Memória imaginária formulada na vivência na comunidade coreana	364
7.1.3 Memória reformulada por meio de reencontro com a Coreia	369
7.2 Projeto	379
7.2.1 Projeto dos pais, a primeira geração	380
7.2.2 Meu projeto, da <i>Geração 1.5</i>	400
 CAPÍTULO 8. VISÃO	426
8.1 Visão do Eu	426
8.1.1 Fase turbulenta da construção da identidade e a interiorização dos olhares dos Outros	427
8.1.2 Quem sou eu hoje?: no meio da jornada à procura da identidade	437
8.2 Visão do Brasil	447
8.2.1 Brasil imaginário e no primeiro encontro real: Brasil ainda como um Outro distante	448
8.2.2 Uma visão geral do Brasil estabelecida ao longo da (con)vivência no Brasil	454
8.2.3 Significado do Brasil para mim: Brasil como Tu	460
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	467
REFERÊNCIAS	482
GLOSSÁRIO	490
ANEXOS	494

APRESENTAÇÃO

[...] Cada um manipula e prolonga a perspectiva do vizinho. Em ambos os casos, os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. (ARENDT, 2007, p. 67-68)

Quando se quer estudar os homens, é preciso olhar para perto de si; mas, para estudar o homem, é preciso aprender a dirigir a vista para longe; é preciso primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades (ROUSSEAU, 1783, cap. VIII)

“Nós temos medo de ver claramente e de ser vistos claramente” (Adam Sors, personagem do filme “*Sunshine (Sonnenschein)*” de István Szabó, 1999)

Sou cidadã coreana nata, crescida na Coreia, e, especificamente, na Coreia do Sul. Uma definição como essa, sobre minha identidade nacional, pode soar exagerada e, de fato, até há alguns anos atrás não era necessário que eu me explicasse desse jeito diante dos outros. Principalmente porque, na minha percepção, não existia coreano de outra categoria além do coreano que nasce e vive na Coreia, com a fisionomia como a minha, enquanto eu vivia só na Coreia. Nunca tinha sido motivada pessoalmente para pensar na presença de algum coreano com fisionomia de “estrangeiro”, como “nós coreanos” comumente chamávamos, ou de emigrantes coreanos e seus descendentes no Exterior etc.

No entanto, na medida em que fui conhecendo a realidade brasileira, marcada pela ampla diversidade racial, étnica, religiosa e cultural, onde a identidade nacional engloba diversas identidades étnicas, o critério que eu tinha antes para classificação distintiva de quem é o cidadão, e quem é estrangeiro, passou a ser gravemente desafiado.

Embora um impacto como esse não tenha ocorrido antes no meu interior, a minha estada no Brasil não é a primeira oportunidade que tive de experimentar encontros com estrangeiros. O meu grande interesse em inglês, desde a quinta série do ensino fundamental, me fez buscar mais ativamente contato com essas pessoas “exóticas”, mesmo quando eu morava no interior da Coreia. Além de investir mais tempo no estudo de inglês, o primeiro esforço que fazia era criar *penpals* no mundo durante os três anos no colegial e contagiei minhas colegas com essa minha paixão. Agora vejo que isso era como se fosse um passeio “virtual” no mundo dos Outros não-coreanos – taiwanês, paquistanês, americano, africano (de

um país cujo nome não me lembro hoje) e canadense. Depois, a presença de estrangeiros na Coreia foi se tornando mais visível com o tempo e assim propiciando mais contato, observação e às vezes relação com alguns deles. E quando entrei na universidade que precisava da participação ativa de estrangeiros por ser uma universidade dos estudos estrangeiros, o encontro com eles se deu em forma recíproca e pessoal pela primeira vez. Até então, tais encontros, seja virtual, seja pessoal, ocorreram sempre sem eu atravessar a fronteira coreana.

Finalmente me senti, e realmente vivi, a experiência de me tornar uma estrangeira quando fui ao Brasil, em Porto Alegre, para fazer curso de português, por um ano. Dez anos atrás, quando a composição populacional daquela região era ainda considerada relativamente mais homogênea e com presença fraca de estudantes coreanos como eu, muitas vezes me senti alvo de olhares de curiosidade e estranhamento. Ainda que a cidade não fosse muito diversificada em termos de etnias e culturas, foi importante a experiência de ter encontros com tantos “estrangeiros” na terra “deles” e não na minha, ou seja, onde a estrangeira era eu. Lembro que digo isso com plena consciência de estar sendo etnocêntrica ao chamar os brasileiros de “estrangeiros”.

Depois disso, também tive outras chances de ter contatos e encontros com pessoas de outras origens étnicas e culturais de diversas formas.

Porém, ao longo de mais de quatro anos de vivência e convivência com os brasileiros em São Paulo, passei a perceber que os meus olhares sobre outras culturas e suas pessoas eram muito superficiais e, confesso que a minha própria intenção de tais intercâmbios com estrangeiros era obter conhecimentos “técnicos”, especialmente do “idioma” estrangeiro. E meu ponto de vista para com o mundo ainda era predominantemente coreano e nem me preocupava em cometer algum erro, ou de fazer interpretação eventualmente “arrogante” dos Outros e da sua cultura, aplicando a eles o critério coreano.

Neste sentido, a minha experiência no Brasil, desta vez, em São Paulo foi diferente. Primeiro, o tempo de permanência foi mais longo e isso me permitiu algo realmente significativo: vivendo aqui mais de quatro anos, passei a me sentir em casa. Hoje, tem lugares, pessoas, coisas, cheiros e muitas outras coisas do “Brasil” que acabaram virando minha rotina. Poderia expressar isso como “me acostumei” ou “estabeleci relacionamento ou vínculo mais duradouro” com tudo isso – concordo plenamente com a tese de Buber de que um “relacionamento” não necessariamente interpessoal pode se estabelecer entre uma pessoa e objetos que compõem o mundo. Segundo, desta vez foi diferente viver fora da Coreia, porque a realidade de São Paulo não é a mesma coisa que a de Porto Alegre.

Só para dizer o mínimo, tal diversidade nacional – étnica, religiosa e cultural – não será encontrada em qualquer outra parte do Brasil como aqui em São Paulo. Dentro de toda essa diversidade que a cidade de São Paulo tem, a presença dos imigrantes coreanos é notável o suficiente, especialmente da forma como estou me aproximando da temática – focando a *Geração 1.5* e a construção da noção do Eu e do Outro para esse grupo.

O fato de eu ter vindo para São Paulo, com o fim de desenvolver uma pesquisa sobre a sociedade brasileira, também concorreu para tornar minha estada aqui, desta vez, diferente das experiências anteriores. Pois, o que haveria para ser dito e escrito sobre o Brasil por uma pesquisadora, deveria ser uma reflexão mais responsável baseada em fatos, ao invés de ser uma descrição de mera observação e de seus sentimentos fragmentados. Mas ao mesmo tempo, para “saber” os fatos do objeto da pesquisa, é igualmente necessário “conhecer” esse objeto, porque o estudo sobre o ser humano é uma dimensão que envolve a subjetividade do pesquisador. Dizem que o pesquisador precisa manter objetividade ao desenvolver todo estudo acadêmico; no entanto, é imprescindível “conhecer” primeiro o objeto da pesquisa para depois poder se colocar no lugar de pesquisador, assim mantendo uma postura objetiva. Para mim, o processo de conhecer o Brasil se deu estudando os imigrantes coreanos em São Paulo. E fazer a separação entre a posição de pesquisador e a pessoal não foi fácil, como imagino que não o seja para muitos outros pesquisadores.

A intuição deste estudo, que explora a noção do Eu e do Outro pela *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo, surgiu a partir da minha própria experiência no Brasil, a qual se deu em forma de observação das pessoas, das relações mantidas com elas, relações essas de diferentes naturezas, bem como da comunicação, tudo compondo com o afastamento intencional de tais relações, em momentos de reflexão. Gostaria de resumir a essência de tal experiência como *estranhamento* dos Outros e de mim, e a descoberta de “interseções” entre os Outros e Eu.

No primeiro momento o olhar de *estranhamento* foi lançado sobre os Outros, mas logo tive que sentir os olhares que os brasileiros, para mim, os Outros, dirigiam a mim, uma estrangeira, e assim, passei a dirigir o *estranhamento* para mim mesma. A minha memória num país onde a tendência era reconhecer como coreano somente aquele com todas as características étnicas, isto é, nascido de antepassados coreanos com traços, língua, cultura e tudo o que identifique esse ser como coreano, ganhou significado especial quando saí da Coreia e conheci outra realidade, como a que há no Brasil, em que não existe um tipo humano padronizado para ser brasileiro. O que antes me parecia natural e lógico, tomando o modo coreano, que trazia, de identificar alguém quanto à nacionalidade, começou a perder sua

relevância “absoluta”, à medida que fui interiorizando outro ponto de vista sobre o mundo. Nesse processo marcado por constantes indagações e reflexões sobre os brasileiros e sua cultura, assim como sobre mim mesma, minha memória sobre a Coreia tem participado constantemente. Veio mais intensamente do que nunca a percepção de que eu sou um Outro para alguém e que quantas vezes somos equivocados quanto à expressão “Eu em si”, como se significasse um Eu que existe sem ser influenciado pelos outros.

Junto a isso, a consciência da necessidade de interpretar o que experiencio vem se tornando mais clara. Como Gilberto Velho elucidou, por o indivíduo ser um carregador de muitas memórias diferentes, aberto a acumular mais memórias dentro de si, essa tradução do que é vivido por cada um, pode ser bem diferente da tradução dos demais. Por que essa contemplação sobre o indivíduo, da definição à formação do mesmo, não pode ser deixada de lado; essa contemplação reside, antes de tudo, no fato que o ser humano não somente vê e pensa as coisas, mas também precisa agir e lidar com o que enfrenta conforme sua interpretação. (VELHO, 1994, p. 101) E estando num país onde se fala uma língua totalmente diferente da minha língua materna, a aquisição da língua portuguesa é de suma importância para interpretar a cultura brasileira. Acredito que é imprescindível tal procura por parte do estrangeiro para entender uma cultura a partir da língua local e não da primeira língua dele, no sentido em que o contrário acaba refletindo uma postura arrogante e imperialista.

Por mais que tenha sido imprescindível tal motivação pessoal para me identificar com o tema, o que de fato deu objetividade e consistência aos meus olhares e experiências fragmentadas (as quais muitas vezes permaneciam como acúmulo emocional, provavelmente contendo postura preconceituosa também) foram as lentes de acadêmica, formadas através de várias atividades desenvolvidas no programa de pós-graduação, na USP. Primeiramente, as disciplinas cursadas, como um todo, forneceram a base da conceituação dos principais termos usados neste estudo como o Outro, diversidade e pluralidade cultural, tolerância, paz, etc., que podem levar a um uso impróprio devido à sua abrangência, especialmente na sociedade brasileira caracterizada por sua vasta complexidade. De fato, hoje é frequente o emprego dessas palavras nos discursos públicos bem como no dia-a-dia, mas sem que isso seja associado a alguma iniciativa específica no âmbito educacional e político visando explorar a amplitude e profundidade dessas características e trabalhar com essa realidade encarada a partir de tal elaboração conceitual. É importante propor essa questão, porque nessa realidade, quando olhada de frente, é possível perceber que existe desigualdade entre os elementos que constituem a diversidade cultural brasileira, contrastada com a intolerância e a discriminação para com grupos minoritários, assim como a definição de fronteiras entre grupos diferentes.

Pode-se dizer que o documento “Pluralidade Cultural” como tema curricular transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs para as escolas de ensino fundamental (MEC/SEF, 1997) foi um passo marcante na direção da explicitação da presença de tais conflitos, bem como da elaboração da temática da diversidade cultural como conteúdo transversal. Neste sentido, a reflexão sobre esse termos, sobretudo nas suas relações com a educação e a escola brasileira, fez com que o presente estudo procurasse ganhar aprofundamento conceitual, especialmente por sua relevância para o cotidiano.

Por sua vez, a introdução do olhar antropológico no estudo propiciou a compreensão dos conceitos de Eu e de Outro, os quais não se opõem um ao outro, num sistema antagônico. Isso se deu elucidando o processo em que acontece o *estranhamento* ou o ato de lançar intencionalmente um *olhar distanciado* (LÉVI-STRAUSS, 1983) sobre sua própria cultura e sobre si mesmo. Assim, a percepção de si como um Outro instaura a *alteridade* como condição da própria possibilidade da representação do Eu no mundo e, assim, do equilíbrio na relação com os Outros. Trata-se da valorização das trajetórias dos indivíduos e memórias tecidas nesse caminho como matéria-prima não somente dos projetos de vida (VELHO, 1987; 1994) mas também do presente estudo, se considera como uma aproximação antropológica do tema, em composição interdisciplinar com outras áreas acadêmicas.

Junto a isso, a minha participação, desde 2007, como membro integrante do grupo de pesquisa “Discriminação, preconceito, estigma: minorias étnicas e religiosas, cultura e educação (DPE)” coordenado pela professora Dra. Roseli Fischmann, tanto consolidou o embasamento teórico quanto estimulou a procura pela coerência ou continuidade entre a reflexão teórica e a ação. Através deste vínculo, pude trabalhar com o tema deste trabalho, situando-o num contexto maior em termos de teorias, bem como de diferentes situações de conflito detectadas na sociedade brasileira. A maior contribuição da participação do Grupo DPE para encaminhamento de pesquisa e amadurecimento intelectual é o incentivo à reflexão e ação interdisciplinar. Sob a perspectiva interdisciplinar, as atividades procuraram estabelecer diálogo entre diversas áreas acadêmicas e profissionais visando à conscientização sobre a temática e as transformações sociais trabalhadas junto com os atuantes dessas áreas.

É a partir deste fundamento que tenho explorado o tema da imigração coreana no Brasil, explorar, como uma forma de estudar a noção do Eu e do Outro, entendendo a imigração como “encontro” entre duas culturas diferentes que expõe os sujeitos a esse processo, sendo indagação constante acerca da sua identidade e seu pertencimento. Com bastante humildade e convicção, suponho que minha experiência com relação a isso não deve ser tão intensa que a dos imigrantes coreanos em São Paulo. É porque, acima de tudo, sou

óbviamente “estrangeira”, portadora de Visto Temporário-IV, que garante só um ano de estada no país a cada solicitação, enquanto, no caso de imigrantes, “estrangeiros portadores de visto permanente” ou “estrangeiro naturalizado brasileiro”, a relação com eles e os brasileiros tende a ser mais ambígua. E como Roseli Fischmann argumenta, “o jogo de submeter o estrangeiro, tem sido suficientemente forte, na história da humanidade, a ponto de se constituir esse termo – “estrangeiro” – em referência metafórica frequentemente adotada na literatura.” (FISCHMANN, 1998, p. 6).

Embora seja verdade que a migração hoje é uma escolha que se faz ativamente, para a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos, nosso objeto-alvo, isso não pode ser aplicado: era a escolha dos pais deles e essa geração, que era ainda nova naquela época, só tinha escolha de seguir a decisão dos pais. Mas estima-se que foi e é a *Geração 1.5* que vem enfrentando maior necessidade de lidar com o “encontro” com os brasileiros, de interpretar de forma mais sistematizada a cultura (brasileira) que se transformou na “dela” e, assim, de elaborar um “projeto” que envolvesse ativamente seus Outros reais – e não virtuais (Fischmann, 1998).

Esta tese, que visa refletir sobre a noção do Eu e Outro tomando como vertente básica os “encontros” entre coreanos e brasileiros ocorridos em forma de imigração coreana para o Brasil, está desenvolvida em duas partes. A primeira parte compõem-se de três capítulos. No capítulo 1 “Aspectos metodológicos e conceituais”, a partir do esclarecimento do objeto e objetivo do estudo são abordados aspectos metodológicos envolvidos na realização da pesquisa bem como aspectos conceituais que serão utilizados como referencial teórico na análise dos resultados das entrevistas.

No capítulo 2 “Coreia e Brasil: contrastes” é apresentada, ainda que de forma ampla, uma contextualização das duas sociedades, a fim de vislumbrar as trajetórias que elas têm seguido para terem atualmente duas imagens bem distintas entre si e mesmo opostas, a saber, de homogeneidade e diversidade, respectivamente. Cobrindo as décadas de 1960 a 1990 no escopo da contextualização, também visa-se entender em que contexto político e econômico de cada uma das duas sociedades foi realizado o grande movimento migratório coreano para o Brasil.

O capítulo 3 “Presença coreana no Brasil” inicia fazendo uma breve apresentação de alguns grupos de coreanos que permanecem no Brasil com objetivos e prazo de estadia diferentes, inclusive para imigrantes permanentes, classificando-os em cinco grupos, a fim de facilitar a compreensão das características gerais da presença coreana no Brasil. Assim, o enfoque é dirigido a este último grupo, isto é, imigrantes coreanos a partir da imigração coreana oficial para o Brasil, tendo como objetivo abordar o processo da concepção, bem

como da realização, do projeto da emigração para o Brasil, na Coreia, e o processo da formação e crescimento da comunidade coreana em São Paulo.

Em seguida, a segunda parte, que traz a análise das histórias contadas pelos entrevistados, da *Geração 1.5*, com base nas reflexões conceituais e contextualização das sociedades coreanas e brasileiras bem como da história da imigração coreana no Brasil, divide-se em cinco capítulos, do capítulo 4 ao capítulo 8. No capítulo 4, procurou-se acompanhar as origens geográficas, econômicas, religiosas etc. das famílias dos entrevistados enquanto estavam na Coreia e quais motivos empurraram-nas do seu país natal rumo ao Brasil, as quais são o começo da trajetória da vida deles como portadores da identidade da *Geração 1.5*.

O capítulo 5 explora quais significados os entrevistados atribuem hoje com respeito aos papéis exercidos pelos quatro ambientes – família, escola (brasileira), religião e comunidade coreana –, consideradas mais influentes no processo da sua instalação no Brasil e às influências à formação da sua visão do Eu e do Brasil, principalmente até a formação do ensino superior. Entende-se que no contexto da imigração, as funções dessas instituições sociais significantes giram em torno de dois eixos: um é a transformação de seus membros em valor básico da sociedade, aqui, brasileira e o outro é a transmissão da *memória* da Coreia. É indispensável acompanhar o processo de socialização dos entrevistados nesses ambientes, pois o viver do duplo pertencimento cultural que se dá para eles e neles é exatamente o que torna, claramente, os entrevistados integrantes da *Geração 1.5*, a geração “entre” a primeira e a segunda geração dos imigrantes coreanos.

No capítulo 6, por sua vez, o foco é dirigido aos aspectos dos relacionamentos com os brasileiros, tecidos pelos entrevistados ao longo da jornada no Brasil nos âmbitos da amizade e da profissão respectivamente. Enquanto no Capítulo 5 foram iluminados os aspectos da vivência nos quatro ambientes importantes e sua influência à socialização dos entrevistados, bem como as funções educativas, aqui pretende-se aproximar do tópico focando seu sentido como encontro, diálogo, ato de tomar iniciativa ou participação efetiva no grupo ou na rede em que o sujeito pisa, assim como Martin Buber (1974) e Hannah Arendt (2007) o entenderam. É de grande importância examinar esse ponto quando se pode lembrar que, nas relações com os Outros, experiencia-se a *alteridade* e é a partir dessa experiência que um indivíduo se torna capaz de fazer a objetivação tanto de si quanto dos seus Outros de forma menos preconceituosa, sendo constantemente expostos a essas interações.

O capítulo 7 leva o título “Memória e projeto”, inspirado pelos elementos-chave na reflexão de Velho (1994) sobre identidade do indivíduo que vive a sociedade contemporânea,

complexa e heterogênea, com múltiplas referências em termos de grupos ou de atitudes. Para os entrevistados participantes da pesquisa, que hoje vivem no Brasil, onde têm tecido novas memórias significantes desde que imigraram, as memórias da Coreia, formadas na Coreia e reformuladas em fases diferentes depois da saída dela, constituem a identidade como coreano dos entrevistados, independentemente de que tenham negado – de modo temporário ou mais duradouro – a sua cultura de raiz. Essas memórias da Coreia, aptas à constante mudança, servem como materiais na elaboração do projeto dos entrevistados. A partir disso, procurou-se entender por quais mudanças significativas têm passado as memórias da Coreia que os entrevistados têm e depois, projetos da vida, especialmente relevantes à educação dos filhos, elaborados pelos pais dos entrevistados e dos pais respectivamente, portadores de porções diferentes da memória da Coreia uns dos outros.

O capítulo 8 “Visão do Eu e do Brasil”, tendo em vista as trajetórias e os vários aspectos tratados nos capítulos anteriores que vislumbram o tema deste capítulo, explora de um modo mais direto os olhares dos entrevistados para consigo e com o Brasil no decorrer do tempo, dividindo-o, grosso modo, em três fases: antes da imigração, nos primeiros momentos depois da imigração e após certo grau de adaptação ao Brasil, até chegar o presente. Essas duas visões, isto é, do Eu e do Brasil, onde os entrevistados convivem com os brasileiros, encontram-se numa relação, interativa mútua e diretamente ligada ao posicionamento perante o Brasil, a comunidade coreana no Brasil e até a Coreia. O capítulo traz a mudança dessas visões, iluminando o processo em que os entrevistados vão procurando equilibrar e reconciliar as visões diferentes de si e do Brasil, representado pelos brasileiros, que antes lhes pareciam incompatíveis.

Encerrando a presente pesquisa, na conclusão, são enfatizadas algumas questões principais abordadas no estudo e destacadas considerações educativas sobre alguns pontos problemáticos em relação à tendência do pensamento dicotômico, que pode ser destrutivo não somente para o objeto de tal pensamento, mas também para o sujeito do mesmo.

PARTE I

A Parte I, composta de três capítulos, tem como objetivo fornecer as bases metodológicas, conceituais, e o contexto da sociedade coreana e da brasileira quando ocorreu o maior movimento migratório coreano (1960-1990), para posterior análise na Parte II.

No capítulo 1, esclarecem-se o objeto e o objetivo deste estudo, bem como os aspectos metodológicos envolvidos na realização da pesquisa. Em seguida, fundamentam-se as bases conceituais, em torno da noção de identidade do indivíduo como “alteridade”, que será utilizada como referencial teórico na análise dos resultados das entrevistas. Além dos autores clássicos George Herbert Mead, Martin Buber, Claude Lévi-Strauss e Hannah Arendt, que discutem os conceitos em questão nesta tese – alteridade, Eu e Outro, diálogo, objetivação de si etc. –, trazemos dois outros autores: um antropólogo brasileiro, Gilberto Velho, e um filósofo coreano, Tak Seok-san, a fim de desenvolver a análise a partir de dois pontos de vista igualmente relevantes para nosso objeto-alvo, a *Geração 1.5*, que vive com os dois vínculos culturais.

No capítulo 2, faremos uma contextualização das duas sociedades, a coreana e a brasileira, desde sua fundação como país, focando especificamente as décadas de 1969 a 1990. Este capítulo tem como objetivo vislumbrar as trajetórias que as duas sociedades têm percorrido para terem hoje duas imagens bem distintas, “homogeneidade” e “diversidade”, respectivamente. Considera-se imprescindível levar em consideração os ambientes político e econômico das duas sociedades nos períodos estudados, a fim de compreender as principais características dos pensamentos que os imigrantes coreanos tinham ou/e têm, bem como do contexto em que foi realizado o grande movimento migratório coreano para o Brasil.

No último capítulo da Parte I, que começa apresentando brevemente os cinco diferentes grupos de coreanos presentes no Brasil, veremos uma série de “fatos” sobre os imigrantes coreanos em São Paulo – o início da imigração coreana para o Brasil, o processo de instalação em São Paulo, e o quadro atual dessa população etc. –, obtidos em fontes escritas e verbais, muitas vezes disponíveis somente em língua coreana. Este capítulo, além de abordar as características gerais da imigração coreana no Brasil, e da comunidade coreana em São Paulo como base da compreensão do grupo específico da *Geração 1.5*, visa a trazer mais informações objetivas sobre os imigrantes coreanos e seus descendentes, baseadas mais nos fatos e não apenas em boatos e imagens.

CAPÍTULO 1. ASPECTOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS

1.1 Aspectos metodológicos

1.1.1 Justificativa

O presente trabalho baseia-se na premissa de que problemas como preconceito e discriminação, e da intolerância em geral, não somente para com os outros, mas também para consigo mesmo, derivam do entendimento errôneo e limitado do Outro. A crise de identidade do indivíduo, um dos problemas principais pelos quais os imigrantes têm passado, como indica a literatura, está intimamente ligada também a como eles, os imigrantes, se posicionam nesse processo – essa é a abordagem dada nesta tese. Nesse sentido, seja a crise da identidade do indivíduo, sejam os conflitos derivados do preconceito e da discriminação, tratam-se de processos interrelacionados, não sendo puramente individual ou social, considerando a posição do indivíduo na sociedade moderna e seu papel como seu membro ativo, o que gera uma interação contínua com a sociedade. Além disso, vivemos atualmente uma época em que se torna cada vez mais complexo o conceito da identidade do indivíduo; isso se deve, em grande parte, à chamada globalização, bem como ao deslocamento do lugar de origem, o que tem sido uma razão mais frequente dessa crise, deslocamento facilitado por diversos motivos. Em particular, para imigrantes que saíram da sua terra natal e instalaram sua vida numa nova terra, isto é, que vivem com memórias formadas em mais de duas culturas nacionais, trabalhar com sua própria identidade é uma tarefa para a vida inteira.

Enquanto isso, a globalização não parece estar contribuindo para oferecer um solo adequado para a construção da identidade, nem para criar uma atmosfera mais sólida de tolerância, na mesma proporção da difusão do conhecimento que nela (globalização), e devido a ela, acontece. Pode-se dizer que a Segunda Guerra Mundial foi a manifestação mais brutal e de maior escala da cobiça e intolerância do ser humano de um com o outro. Mas o fato de ela ter oficialmente se encerrado, não quer dizer que essa intolerância também parou de existir. Muito diferente do que se espera o número dos casos de preconceito e discriminação para com os grupos minoritários, registrados pelos órgãos da ONU e inúmeras ONGs, não vêm diminuindo. Como a “Declaração Mundial de Princípios sobre a Tolerância” da UNESCO declara no seu artigo 3.1, “inexiste uma única parte do mundo que não seja caracterizada pela diversidade, por isso, a intensificação da intolerância e dos confrontos constitui ameaça

potencial para cada região. Não se trata de ameaça limitada a esse ou aquele país, mas de ameaça universal.”

Se os problemas derivados de tal intolerância para com os outros ocorressem de modo óbvio, seria mais simples tomar alguma iniciativa, de uma maneira mais consciente, urgente e organizada. Contudo, o que é mais complicado é como lidar com esses problemas nas sociedades ditas pacíficas, que não vêm acompanhados de grande conflito visível. É o preconceito que existe e que se exerce na dimensão de cada indivíduo e que (ainda) não toma uma forma altamente organizada, e com relação ao qual existe um acordo ou consentimento mútuo tácito, ou pelo menos, percepção silenciosa entre os que praticam discriminação e os que são discriminados. Para poder resolver algum problema, tem de haver o reconhecimento do fato de que esse problema existe. Se assim ocorre, ou seja, se é negada a existência do problema, como se poderia, então, resolver algo que “nem existe”?

Ao longo da vivência de mais de quatro anos no Brasil, pude ver que na relação entre os imigrantes coreanos e os brasileiros também há desentendimento e pensamento preconceituoso de um para com outro. Estima-se que a principal razão para isso está na, relativamente, curta história da imigração coreana no Brasil, o que colocou uma barreira na comunicação mútua, devido à falta da habilidade com a língua e a cultura brasileira da parte dos imigrantes coreanos e vice-versa. Especialmente entre os imigrantes coreanos da primeira geração, parece que prevalecia uma imagem bastante limitada dos brasileiros, a qual foi formada a partir de porções limitadas, inclusive geograficamente, do Brasil e, em geral, também economicamente menos privilegiadas, onde os imigrantes coreanos tinham se instalado no início da imigração. Mesmo da parte da sociedade brasileira, a imagem que se faz dos imigrantes coreanos tem sido baseada em boatos e notícias transmitidas na imprensa, muitas vezes com conteúdo negativo, preconceituoso.

Além disso, parece prevalecer na sociedade brasileira o pensamento de não considerar os descendentes dos imigrantes coreanos, que são brasileiros, como brasileiros. Tal atitude parece não restringir-se apenas aos imigrantes coreanos, já que os brasileiros de origem “asiática” ou “oriental” normalmente têm sido também alvo desse tipo de atitude. O Brasil frequentemente é propagandeado e de fato considerado como um país igualitário, tolerante e pacífico e é comum fazer comparação com os EUA para ressaltar tal característica do Brasil. Mas a realidade é que grupos minoritários de várias naturezas ainda precisam lutar para conseguir seu direito igualitário, já dado pela Constituição, mas negligenciado e infringido pelos grupos majoritários, deixando a discriminação em uma zona de sombra, de ambiguidade (FISCHMANN, Folha de São Paulo, 1994) Nesse sentido, existem também

vozes dos próprios brasileiros que apontam a existência da desigualdade, oculta por trás da diversidade formada ao longo da história brasileira, composta por imigrantes de origens as mais variadas, assim como dos afrodescendentes, que não podem ser considerados imigrantes, pela forma pela qual foram trazidos para o Brasil: vale lembrar que esses grupos procuram tirar esse problema da zona da ambiguidade para que o assunto seja discutido abertamente.

Apesar de tais situações conflituosas, acredito que essa base de pluralidade em termos de etnia, raça, religião e culturas que o Brasil possui em si pode contribuir para gerar um debate mais rico em torno dos problemas apontados no início deste capítulo, isto é, preconceito, intolerância e discriminação bem como o problema de identidade de indivíduo. Na Coreia – aqui digo a do Sul, mas praticamente na Coreia do Norte também –, a “quase” homogeneidade da sua população em termos acima citados fez com que a sociedade não enfrentasse problemas e conflitos graves. Enquanto não houve tais conflitos, podia até parecer estar numa situação pacífica. Contudo, a mudança desse clima devido ao crescente influxo migratório para o país e casamentos entre coreanos e estrangeiros e a reação da sociedade coreana, ainda imatura, para com isso nos faz repensar o verdadeiro sentido da paz. A paz é frequentemente citada em discursos políticos e de outras naturezas como uma meta a ser alcançada essencialmente e certamente o é. Só que, mais uma vez, nossa noção da paz muitas vezes é excessivamente e intencionalmente simplificada, negligenciado ou abstratizado. Como Raymond Aron (1962) delicadamente elaborou o sentido da paz, há “paz de potência” e “paz de satisfação”. Segundo ele, a paz verdadeira não nasce da ausência de situações conflituosas desde o início, muito pelo contrário, a paz pode se tornar verdadeiramente madura e sólida quando é conseguida pelos membros da sociedade através dos esforços para assumir e explicitar problemas existentes e resolvê-los efetivamente. Parece-me ser possível dizer que o Brasil pode auxiliar a aprendizagem da tolerância para com os diversos Outros mundialmente, no sentido de que a complexidade da sociedade brasileira propicia aos seus membros a oportunidade de uma reflexão mais “delicada”, tanto quanto conflitos complexos. E a experiência dos imigrantes de origem coreana em uma sociedade complexa como a brasileira não parece menos desafiadora do que a experiência dos imigrantes de outras origens, no sentido de que a sociedade coreana até a década de 1990, quando muitos coreanos deixaram o país para se instalarem em outros países, ainda era caracterizada frequentemente como “homogênea”, ao contrário da sociedade brasileira. E a experiência da diversidade e dos conflitos dela derivados, que a sociedade brasileira tem passado ao longo da sua história, poderia dizer alguma coisa para outras sociedades que estão sofrendo mudanças significativas,

especialmente de sua estrutura populacional, devido à globalização e influxo crescente de estrangeiros.

O presente estudo, intitulado “A ‘*Geração 1.5*’ dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação”, foi desenvolvido tendo como questão principal a que se refere a como a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo lida com o duplo pertencimento a diferentes grupos de referência de identidade na sociedade brasileira (caracterizada pela diversidade) tendo em conta como os pertencentes a essa geração viveram e têm vivido a formação da visão do Eu e do Outro nos principais ambientes educacionais.

A hipótese colocada é a de que a presença dos imigrantes coreanos no Brasil, em particular em São Paulo, propicia novas possibilidades de construção da noção do Eu e do Outro para os próprios imigrantes coreanos. Complementando essa hipótese e de modo especial, a dupla identidade¹ é o traço eminente na noção da identidade vivida pela *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos, servindo como elo ou ponte tanto entre a primeira e a segunda geração dos imigrantes coreanos quanto entre brasileiros e imigrantes coreanos. Pode-se dizer que a posição em si em que a *Geração 1.5* se encontra, é a de estar em meio a um hiato entre duas gerações diferentes e entre duas culturas diferentes. E proponho que a experiência única que essa geração tem passado ao longo da trajetória iniciada na Coreia e continuada no Brasil vislumbra novas possibilidades de preencher os hiatos existentes entre Nós e Outros, agravados pela obsessão pela classificação dicotômica do mundo e de formar ambiente de tolerância.

A partir das observações e levantamento dos problemas anteriormente descritos, este estudo tem como objetivo preencher um pouco o hiato entre os imigrantes coreanos e os brasileiros com um pouco mais de “fatos” sobre os primeiros e esclarecer o conteúdo da “ambiguidade” que “se diz” marcar a identidade, ou, uma fase do processo da construção da identidade dos que pertencem à *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos. Para tal, procurou-se

¹ A questão de dupla identidade foi discutida pelo sociólogo americano Paul Gilroy. Em *The Black Atlantic* (1993) (No Brasil, foi publicado com o título “O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência pela Editora 34 em 2001), Gilroy aborda a noção de “consciência dupla”, desafiando teorias etnocêntricas dos estudos culturais. Gilroy apropria essa noção a partir do reconhecimento do mundo contemporâneo como um híbrido cultural onde estruturas transnacionais prevalecem estimulando miscigenação e intercâmbio entre culturas diferentes. A reflexão sobre a identidade dupla, ou melhor, “consciência dupla”, de Gilroy é feita pelo viés da diáspora africana. Segundo ele, as populações negras formadas ao longo da história da diáspora africana espalhada pelo mundo não podem ser classificadas nitidamente como caribenha, africana, americana ou europeia etc. sendo que um indivíduo dessa massa populacional pode pertencer a mais de uma categoria dessas. Na modernidade, que tem sido acelerado desde a década de 1990, a insistência em pureza racial, étnica, ou de outra natureza perde seu sentido que tinha sido dominante quando ainda o cruzamento de fronteiras nacionais não acontecia com tanta frequência como hoje. A argumentação que Gilroy traz sobre a consciência dupla de indivíduos de origem africana com vínculos plurais discutindo a definição de identidade étnica, unidade nacional, fronteira entre outros considera-se relevante na discussão da temática no solo brasileiro também.

trazer experiências da *Geração 1.5* que ela tem passado na sua trajetória peculiar dada pela travessia da fronteira nacional e que passou a ter por possuir duas culturas relevantes como matéria-prima da construção da sua identidade. Com base na contemplação teórica sobre a relação entre Eu e Outro que constituem a identidade do indivíduo, este estudo procura:

Explicitar qual desafio trouxe a inserção dos entrevistados na sociedade brasileira à noção do Eu e do Outro que foi formada dentro das classificações estabelecidas conforme o padrão coreano e como os entrevistados têm vivido a *alteridade* que se formou através de tal processo;

Examinar como é a influência dos quatro ambientes – família, escola, religião e comunidade coreana – na formação do eixo da interpretação do mundo, o que se considera imprescindível para se posicionar na sociedade brasileira e tecer relacionamento com os brasileiros;

Entender com que atitude os entrevistados aceitam sua identidade “entre”, já dada por ser *Geração 1.5*, e quais significados atribuem a ela para torná-la uma identidade mais ativa e dinâmica.

O objeto-alvo deste estudo é a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos que vivem na cidade de São Paulo e que imigraram para o Brasil nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Quanto à região, delimitamos para a cidade de São Paulo por ela ser uma cidade onde existe maior diversidade em termos de etnia, raça e cultura daí derivada fazendo com que os imigrantes coreanos vivam um impacto cultural maior quando comparada à sociedade coreana que era relativamente homogênea nesse sentido. Considera-se imprescindível tal delimitação porque nesse ambiente complexo e dinâmico os imigrantes coreanos têm sido expostos a mais encontros com os diversos Outros, o que, por sua vez, tem sido mais desafiador na (re)construção da noção do Eu e do Outro. O fato de que a maior concentração dos imigrantes coreanos encontra-se na cidade de São Paulo é outro motivo que levou à decisão de não ampliar o foco da pesquisa até os imigrantes coreanos que residem em outras regiões do Brasil. É na cidade de São Paulo que se encontra um número razoavelmente grande daqueles que podem ser chamados de *Geração 1.5* fazendo com que seja possível se formar *unidade homogênea*.

Quanto à delimitação da época da imigração, foram tomadas estas quatro décadas porque a imigração coreana em unidade familiar começou na década de 1960 dando continuidade até a de 1990, embora o fluxo tivesse diminuído paulatinamente. Mesmo que não tenha sido possível conseguir dados estatísticos precisos que registrem o influxo

imigratório coreano para o Brasil, foi possível encontrar grande número de pessoas que imigraram nas décadas de 1980 e 1990.

Por fim, levando em consideração a tendência ao transnacionalismo do mundo moderno e assim à crescente complexidade do conceito de nacionalidade, parece necessário esclarecer primeiro, antes de definir o termo *Geração 1.5*, como se usará neste trabalho denominações como coreano e imigrante coreano também porque muitas vezes o uso de tais denominações parece muito generalizado no Brasil. Para começar, na nossa discussão utilizarei a denominação Coreia ou coreano referindo-me somente à Coreia do Sul ou sul-coreano quando não houver outra especificação e, fatos sobre a Coreia do Norte serão mencionados somente quando for necessário, por exemplo, em apresentar a breve história da Coreia do Norte e descrever a origem dos imigrantes coreanos. Outra coisa a ser esclarecida é sobre o uso das denominações “coreano” e “imigrantes coreanos”. Observa-se que no Brasil muitas pessoas, ao falarem do “coreano”, referem-se tanto aos coreanos da Coreia quanto aos imigrantes coreanos e seus descendentes – esse segundo que na verdade é brasileiro. Isso não necessariamente significa que eles em geral não estão cientes da diferença entre esses indivíduos de origem coreana como um todo, mas com identidades diferentes em termos de nacionalidade, cultura etc. Porém, é óbvio que frequentemente não se faz distinção entre eles na hora de denominá-los quer em razão de conveniência, quer pela falta de interesse e assim de conhecimento detalhado. No sentido mais amplo, todos os cinco grupos de coreanos presentes no Brasil – imigrantes permanentes, funcionários públicos e de empresas coreanas, estudantes universitários e pós-graduandos, missionários protestantes, estagiários de futebol – que posteriormente serão classificados no capítulo da presença coreana no Brasil, poderiam se enquadrar no binômio “Eu/Nós” perante os brasileiros, que seriam seus Outros, considerando-se que todos trazem memórias formadas na Coreia.

No entanto, cada um desses grupos veio para o Brasil com objetivos diferentes e em épocas diferentes, o que exige tratamentos diferentes para se estudar seus valores e atitudes, bem como seus projetos em um mundo novo. É imprescindível, nesse sentido, tratar com maior importância os imigrantes coreanos como um todo, incluindo-se aí a primeira geração, que corresponde à “geração parental” do nosso objeto-alvo e que foi o responsável por tomar a decisão de sair da Coreia e vir para o Brasil. Esta justificativa se aplica à não-inclusão, no conjunto dos objetos de estudo, dos imigrantes coreanos do pré-guerra e dos ex-prisioneiros da guerra que já se haviam instalado no Brasil antes da imigração coreana de caráter oficial. Pois, antes de tudo, esses dois grupos eram constituídos, sobretudo, por “solteiros”, embora tenham se instalado definitivamente no novo destino e o dividido com seus conterrâneos, isto

é, imigrantes coreanos oficiais, o fato de serem solteiros e não trazerem filhos consigo já elimina a possibilidade de associação do termo *Geração 1.5* a esses grupos. Assim, neste estudo, procuro distinguir entre coreanos da Coreia e imigrantes coreanos bem como entre imigrantes coreanos, que são a primeira geração e *Geração 1.5*, e seus descendentes. Mas quando julgar que o contexto está óbvio, denominarei somente como “coreano ou coreana” ao referir-me sobrecomponente da comunidade coreana no Brasil, seja pessoa, seja cultura.

Por que a *Geração 1.5*

A *Geração 1.5* é chamada frequentemente como “geração do ‘meio’ ou ‘entre’” que não pertence a nenhum lugar plenamente. O termo se lê como *geração um ponto cinco* ou *primeira e meia geração*. Neste trabalho, respeitando a tendência geral tanto entre os próprios imigrantes coreanos quanto entre pesquisadores do tema da imigração coreana, se optou por *geração um ponto cinco*.

Falando no sentido do estado legal, os imigrantes coreanos naturalizados e seus descendentes, que nasceram no Brasil e que automaticamente adquirem a nacionalidade brasileira, deverão ser excluídos da categoria de “coreanos” em termos de estado jurídico. No entanto, na realidade, como são atribuídas as mesmas características étnicas tanto para os legalmente coreanos – possuidores de visto permanente brasileiro – quanto para os descendentes coreanos legalmente brasileiros, todos acabam sendo denominados genericamente como “coreanos”. Por mais que seja verdade que existem diferenças e hiatos entre os imigrantes da primeira geração no Brasil e seus descendentes, que são a segunda e a terceira geração, não se pode negar que essas gerações possuem atributos coreanos em termos da fisionomia – que ainda tem se preservado devido à curta história da sua presença no Brasil e à raridade de união matrimonial interétnica -, linguagem, culinária, área de atividade profissional, religiosa e cultural, costumes do dia-a-dia e, enfim, maneira de pensar em relação a principais valores da vida. Se considerar tal realidade, não distinguir um do outro tem bastante razão.

Entretanto, ao mesmo tempo, não se pode menosprezar a diferença na maneira de pensar, adesão à cultura coreana e à brasilidade, ou seja, o grau do sentimento de pertencimento às duas entre as gerações diferentes. E tal diferença está diretamente ligada à questão da noção do Eu Nós e dos Outros por elas, é necessário distinguí-las estritamente ao desenvolver a análise sobre isso. Por este motivo, neste trabalho, o objeto foi delimitado à assim chamada *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos sendo que a primeira e a segunda geração serão tratadas como objetos de comparação com a *Geração 1.5*.

Como trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, traçamos o processo de pesquisa que engloba o delineamento da pesquisa, métodos de coleta de dados e tratamentos analíticos dos dados de acordo com os princípios estratégicos que achamos relevantes às questões levantadas neste estudo. O delineamento do termo da *Geração 1.5* não pretende estabelecer uma categorização “fechada” dos que se consideram satisfazer a condição da *Geração 1.5*, mas tem como objetivo oferecer uma ideia mais clara possível desse público chamado de uma denominação não muito familiar no Brasil bem como, a partir disso, desenvolver uma análise mais focada e não generalizadora ou abstrata, essa segunda que se aplique para os imigrantes coreanos e seus descendentes no Brasil como um todo.

Como métodos de coleta de dados, utilizamos entrevistas individuais semi-abertas, formulário para dados sóciodemográficos dos entrevistados, observação e conversas abertas com componentes da comunidade ao longo da minha vivência em São Paulo, busca de fontes escritas como documentos formais da posse dos órgãos e instituições da comunidade coreana, jornais, periódicos, revistas e autobiografias publicados que circulam na comunidade.

Os sujeitos das entrevistas foram indivíduos que são classificados como *Geração 1.5* conforme o critério estabelecido neste estudo que se segue abaixo e por responsáveis dos órgãos e instituições da comunidade coreana que julgamos terem participação importante na formação da identidade dos imigrantes coreanos e seus descendentes em São Paulo. Embora tenhamos procurado manter equilíbrio na seleção de sujeitos para entrevistas individuais em termos de ano da vinda ao Brasil, idade, profissão etc., os entrevistados selecionados bem como suas opiniões não representam a maioria dos pertencentes da comunidade coreana em São Paulo e nem o é o nosso objetivo neste estudo.

Procuramos trazer alguns dados estatísticos sobre a comunidade coreana obtidos dos órgãos e instituições consultadas nesta pesquisa, porém fornecer dados exatos “numéricos”, especialmente dos populacionais, não é o nosso principal interesse, além de ser difícil por falta de tais dados nas próprias instituições.

A *Geração 1.5*, como ele insinua, significa literalmente a geração entre a primeira geração e a segunda geração. Quanto ao surgimento do termo, é conhecido que o primeiro emprego se deu num seminário organizado por uma associação de jovens coreanos da Califórnia do sul em 1983. Desde então, o termo começou a ser usado frequentemente entre imigrantes jovens coreanos e foi se difundindo amplamente entre pesquisadores coreanos que estudam a migração coreana no mundo. (Dicionário *Encyber*, a versão virtual da *Enciclopedia*

Doosan)² Quando o termo surgiu no início entre os imigrantes coreanos nos Estados Unidos, ele costumava visar aqueles que se sentiam “perdidos” entre duas culturas diferentes, especialmente em frente à pergunta “Quem sou eu?”. Como a imigração se dá em torno da adolescência, esse grupo passa a ter conhecimento e identificação com ambas as culturas e “transitar” dois mundos é uma experiência inevitável dada a ele. A ideia é de que a primeira e a segunda geração não passa pelo conflito grave com relação à identidade porque a primeira não tem fôlego para isso, por viver mais carregada estabelecendo a base econômica num novo solo, enquanto a segunda, que nasce e cresce já nos EUA, não tem dúvida da sua identidade nacional americana. Por sua vez, no caso da *Geração 1.5*, a tendência era pensar que ela possuía conhecimento “apenas parcial” das duas culturas, e não “integral” de uma das duas. Isso dava sentimento de inferioridade, frustração, hostilidade, rebeldia etc. Assim, o termo *Geração 1.5*, ao longo da história do seu uso, tem sido predominantemente acompanhado pela expressão “crise de identidade”.

Embora tal base nos dê uma ideia, grosso modo sobre esse grupo que se encontra “entre” as duas gerações e entre os dois mundos, ainda permanece a tarefa de como definir o termo para poder introduzi-lo neste trabalho dando-lhe a fronteira mínima e objetiva tanto em seleção dos entrevistados pertencentes a essa geração quanto em desenvolvimento da análise. Tal processo de delimitação considera-se necessário a fim de que a temática da imigração e da identidade dos imigrantes, que já contém certo grau de ambiguidade³, seja discutida com maior especificidade possível. De fato, a definição do termo *Geração 1.5* não é nítida. Uma das opiniões mais comuns é ver aqueles que saíram do país natal e migraram para outro país na adolescência, em particular, no período de puberdade que se dá normalmente entre doze e dezesseis anos de idade.

A princípio, não há um consenso universal sobre quando começa e termina a adolescência e a puberdade. A definição deste período varia de acordo com sociedade e o próprio grupo social que se considere pertencente de tal período. É comum também o uso dos termos “adolescência” e “juventude” como sinônimos e, grosso modo, a adolescência é considerada como a fase entre infância e a idade adulta. Com o fim de estabelecer um critério mais inclusivo para a seleção dos entrevistados quanto à faixa etária de quando se deu a imigração, adoto as definições e escopo de alguns termos característicos que constituem a

² Enciclopedia *Encyber & Encyber.com*. Disponível em:

<http://www.encyber.com/search_w/ctdetail.php?masterno=758439&contentno=758439>

³ Digo “ambiguidade” porque diversos aspectos referentes à migração internacional são percebidos como ambíguos quando procura-se aproximar-se da temática conforme o critério ou classificação tradicional, isto é, dicotômica que torna novos grupos como migrantes internacionais se sentirem não pertencentes a nada e perdidos, o que é a tendência predominante do mundo de hoje.

descrição da *Geração 1.5* como “adolescência”, “geração” entre outros, estabelecidas por órgãos internacionais como a ONU, legislação referente a isso do Brasil e da Coreia e alguns autores acadêmicos que estudaram esses termos.

Primeiramente, a Organização das Nações Unidas (ONU) define “juventude”, principalmente por motivos estatísticos, como aquelas pessoas entre quinze e vinte e quatro anos de idade. Segue como a ONU esclarece sua definição do termo:

A definição foi estabelecida durante preparações para o International Youth Year (1985), e endossada pela Assembleia Geral (Vide A/36/215 e resolução 36/28, 1981). Todas as estatísticas da ONU sobre juventude são baseadas nesta definição como ilustrado através dos livros de estatísticas publicados anualmente pelo sistema da ONU sobre demografia, educação, emprego e saúde.

Segundo essa definição, portanto, crianças são aquelas pessoas abaixo de 14 anos de idade. Vale notar, entretanto, que o artigo 1 da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança define “crianças” como as pessoas até a idade de dezoito anos. Isso foi intencional, pois esperava-se que a Convenção daria proteção e direitos para um grande grupo etário possível e também porque não havia alguma semelhante Convenção das Nações Unidas que visasse a garantia dos Direitos da Juventude.

Muitos países também traçam uma linha sobre juventude na idade em que é dado a uma pessoa tratamento igualitário perante a lei – frequentemente referida como a “maioridade”. Essa idade costuma ser dezoito em muitos países, e uma vez que uma pessoa passa desta idade, é considerada como um adulto. No entanto, a definição operacional e as nuances do termo “juventude” variam frequentemente de país para país, dependendo dos fatores específicos sócio-cultural, institucional, econômico e político.

Dentro da categoria de “juventude”, também é importante distinguir entre os adolescentes (13-19) e jovens adultos (20-24), uma vez que os problemas sociológicos, psicológicos e de saúde que eles enfrentam podem ser diferentes. (Youth and the United Nations)⁴

Por sua vez, para a Organização Mundial da Saúde a adolescência compreende o período entre dez e dezenove anos de idade.

E no Brasil, o escopo de criança e adolescente está estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei N° 8.069, de 13 de julho de 1990. Segundo o Artigo 2 do Estatuto, “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos).⁵

No sentido em que se entende da adolescência o período entre a idade adulta e a infância, a definição do termo não varia muito na Coreia também. No Estatuto do Adolescente,

⁴ Fonte: A seção de Frequently Asked Questions de Youth and the United Nations <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/qanda.htm#1>>

⁵ Fonte: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>

a pessoa entre nove e vinte e quatro anos de idade segundo o Artigo 8432 da Lei, (Revisão 11/05/2007), considera-se adolescente na Coreia. Enquanto isso, a pessoa é considerada como adulto quando completa vinte anos de idade conforme o parágrafo 4 do Código Civil coreano.

Outro termo que precisa de uma explicação mais detalhada é “geração”. A interpretação sociológica e histórica do termo parece ter grande relevância neste trabalho. Primeiro, Karl Mannheim afirmou que “o fenômeno social ‘geração’ representa não mais do que um particular tipo de identidade de situação, enfeixando ‘grupos etários’ inseridos num processo histórico-social” (MANNHEIM, 1952, p. 292).

Por sua vez, Ortega y Gasset (1987) se aproximou do termo do ponto de vista histórico, elucidando o significado da “geração” na História:

As variações de sensibilidade vital que são decisivas em História se apresentam sob a forma de geração. Uma geração não é um punhado de homens egrégios, nem simplesmente uma massa: é como um novo corpo social íntegro, com a sua minoria seleta e sua multidão, que foi lançado sobre o âmbito da existência com uma trajetória determinada. A geração, compromisso dinâmico entre massa e indivíduo, é o conceito mais importante da História, e, por assim dizer, o fulcro em torno do qual executa os seus movimentos [...] cada geração representa uma atitude vital. (ORTEGA y GASSET, 1987, p. 78-79 apud MOISÉS, 2004, p. 205)

Com relação a isso, Moisés (2004) fala bem resumidamente que “o conceito de ‘geração’ implicaria sempre dois fatores básicos fundidos: a idade e a ideologia. Pertencem à mesma geração, via de regra, indivíduos nascidos em datas próximas e dotados de afinidades culturais” (Ibid., p. 207).

Dessa forma, a ideia básica que se entende do termo “geração” é altamente relevante na nossa discussão também. A diferença quanto ao uso do termo “geração” no contexto da imigração está no fato de que nele a geração não necessariamente significa as pessoas que nasceram e vivem a mesma época. A contagem de geração nesse contexto ocorre desde o momento da imigração sendo que aquele que atravessou a fronteira nacional através da imigração é considerado a primeira geração enquanto a geração que nasce nesse novo país já é a segunda. No sentido em que essas gerações diferentes de imigração são portadores de memórias e pensamentos diferentes, a definição do termo “geração” básico também é válida no contexto da imigração.

Junto com essa delimitação técnica, estimou-se que é necessário considerar a peculiaridade dessa geração no sentido qualitativo bem como a peculiaridade do contexto da imigração coreana no Brasil, o que levou a incluir no estabelecimento do critério do termo as

definições pelos próprios entrevistados. Assim, à medida que foi se realizando a entrevista, perguntas sobre o significado e características dessa geração foram dirigidas aos entrevistados. Nesse sentido, foram escolhidas as seguintes condições, as quais foram comentadas mais frequentemente pelos entrevistados:

- Frequentar órgãos educacionais regulares no Brasil;
- Ter memórias relativamente claras de ambas as sociedades do Brasil e da Coreia;
- Situar-se ou sentir-se “entre” dois mundos em relação aos assuntos em geral;
- Enfrentar mais claramente a situação resumida como “ambiguidade”, ou seja, ter que lidar mais arduosamente com mais espaços a ser definidos ou preenchidos conforme um projeto ou estratégia;
- Não exercer o direito da “escolha” quanto ao plano de emigração para o Brasil, mas encontrar-se na situação em que precisa fazer “escolhas” diante de opções plurais tendo duas referências culturais significativas quanto ao posicionamento e relacionamento no Brasil e que assim precisa elaborar um projeto para isso mais do que a primeira e a segunda geração.

Com base nas definições e características feitas por vários sujeitos, como acima exposto, estabelecemos critérios mínimos de seleção de sujeitos a serem entrevistados bem como para a seleção definitiva dos entrevistados a serem incluídos na análise. Os critérios são os seguintes:

- Ter nascido na Coreia e ter imigrado acompanhado pelos pais;
- Ter imigrado para o Brasil com a idade que se classifica como “infância” ou “adolescência”;
- Ter frequentado instituição do ensino regular brasileiro no nível fundamental, e/ou médio e/ou superior no Brasil.

O primeiro critério foi colocado considerando o fato de que o fundamental em definir a *Geração 1.5* é que ela não participou do processo de tomada de decisão de emigração. E o próximo passo foi mais complicado por o próprio termo *Geração 1.5* não ser um conceito bem definido e fechado como discutimos acima. Neste trabalho, em vez de delimitar estritamente a idade quando se deu a saída da Coreia já em selecionar pessoas a serem entrevistadas, preferiu-se colocar como condição “ter mais de seis anos de idade” e “ter

experiência de estudo em órgãos educacionais regulares brasileiros”. Modificando o esquema inicial que limitava o objeto da pesquisa somente àqueles que têm experiência da educação regular na Coreia também mesmo que o tempo de permanência na escola tivesse sido menos de um ano, foram incluídos até aqueles que imigraram para o Brasil mesmo antes de sete anos de idade⁶. Tal decisão deve-se à percepção de que a idade de quando se deu a saída da Coreia em si não determina sozinha a coreanidade de um indivíduo. Foi possível descobrir ao longo das entrevistas que mesmo no caso em que a memória da Coreia antes da imigração não é sólida, a memória da Coreia continua sendo formulada e reformulada mesmo depois da imigração para o Brasil através da vivência e convivência com a cultura coreana na comunidade coreana. Assim, julgou-se que o grau e frequência de tal contato depois da imigração é fator mais influente em caracterizar a geração um ponto cinco do que se a pessoa já tinha ingressado em órgão de educação regular na Coreia ou não. E como resultado de tal processo de filtragem, a faixa etária dos entrevistados selecionados de quando se deu a imigração delimitou-se a entre seis e dezessete anos de idade, assim satisfazendo em grande linha o escopo da faixa etária de “infância” e “adolescência”, conforme estabelecida pelos principais órgãos, como tratamos acima.

1.1.2 Coleta de dados

Formulário para os dados básicos e entrevista individual

Como já falamos, na seleção dos entrevistados, procurou-se ter o equilíbrio em termos de área profissional dedicada pelos entrevistados e da idade. E levando em consideração o peso do ramo de confecção entre pertencentes da comunidade coreana em São Paulo, mesmo entre os pertencentes à segunda geração, foi entrevistada maior proporção de indivíduos que se dedicam a esse ramo. O contato com os entrevistados se deu por meio da indicação tanto pelos órgãos representantes da comunidade coreana quanto dos próprios entrevistados.

Com 26 indivíduos da *Geração 1.5*, foram utilizados dois instrumentos: formulário para dados básicos de cada entrevistado e entrevistas semi-abertas e em profundidade, seguindo-se um roteiro de perguntas, os quais serão colocados como Anexo 1 e 2 respectivamente. Para a realização da entrevista semi-estruturada, utilizou-se o roteiro da

⁶ Na Coreia do Sul, a idade para ingressar na primeira série do ensino fundamental é sete anos. Ver Anexo 3 – Sistema Educacional na Coreia do Sul.

entrevista adaptado para o presente estudo a partir do modelo elaborado pelo projeto de pesquisa Discriminação, Preconceito, Estigma, coordenado pela Profa. Dra. Roseli Fischmann.

Cada entrevista durou entre uma hora e três horas, sendo que com alguns entrevistados foi necessário ter mais de uma sessão de entrevista, e o lugar escolhido mais frequentemente para realizar entrevista foram os bairros de Bom Retiro e Aclimação, onde os entrevistados costumam frequentar para trabalho ou para lazer. Todos os entrevistados foram informados sobre o objetivo da pesquisa antes de começar e, sob consentimento deles, todas as entrevistas foram gravadas junto com anotações à parte para análise posterior. Informações faltantes foram complementadas via e-mail e perguntas abertas em encontros breves.

Os entrevistados sempre tiveram escolhas livres de idioma para responder às perguntas, podendo misturar coreano e português dependendo do grau de intimidade e habilidade que têm com dois idiomas, o que torna possível deduzir com que grau e dimensão a pessoa se identifica com cada cultura ou qual significado atribui ao uso intencional do respectivo idioma. Com a maioria a entrevista foi realizada em coreano, respeitando a maior habilidade com o mesmo da parte da entrevistadora caso o entrevistado tivesse grande domínio de ambos os idiomas. Somente três pessoas fizeram questão de responder em português devido à pouca habilidade com a língua coreana. Em todas as entrevistas, independente do nível dos dois idiomas, foi comum misturar os dois conforme julgamento, no momento, de que certa situação, coisa e sentimento melhor se expressam em um ou outro idioma.

Ao dirigir perguntas, evitou-se, quanto mais possível, empregar o termo “identidade” visando minimizar o eventual caso de o termo explicitamente proferido impedir os entrevistados de expressarem sem se prender ao significado ou nuance tipicamente transportado por tais palavras seu ponto de vista para consigo mesmo bem como com a sociedade brasileira e sentimento de pertencimento a cada um das duas culturas.

A entrevista também foi realizada com os representantes das instituições que cumprem indiretamente papel importante para a formação da identidade coreana dos imigrantes coreanos e seus descendentes, por meio da entrevista aberta. Dentre outras, foram incluídas na análise as entrevistas com as seguintes instituições que se julgaram ter maior entendimento sobre a *Geração 1.5* e à segunda geração:

- Igreja Presbiteriana Á gua Viva, em São Paulo;
- Centro Cultural de Bom Retiro QUM, em São Paulo;

- Escola Coreana no Brasil⁷, em São Paulo.

Com as duas primeiras instituições, a entrevista foi realizada em coreano em várias sessões na própria sede de cada instituição, sendo transcritas e acompanhadas com anotações para análise posterior. Ao lado disso, a entrevista também ocorreu com os representantes da Escola Coreana no Brasil – a professora-diretora e o diretor administrativo –, que exerce a educação coreana às gerações dos imigrantes que nasceram e nascerão no Brasil no nível do ensino fundamental depois que foi inaugurada em 1998 com a autorização do Governo da Coreia do Sul.

Consulta de documentos

Dando enfoque às entrevistas individuais, a pesquisa procurou ter apoio em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação porque os dados formais reconstroem as maneiras pelas quais a realidade de social é representada por um grupo social. (BAUER & GASKELL, 2008, p. 20, 22)

Com o fim de obter dados sobre a comunidade coreana em São Paulo bem como a imigração coreana no Brasil como um todo, foram consultados documentos oferecidos pelos seguintes órgãos:

- Associação dos Coreanos no Brasil;
- Centro de Educação Coreana em São Paulo;
- Consulado Geral e Embaixada da República da Coreia com sede em São Paulo e Brasília respectivamente.

Sendo o objeto-alvo deste estudo a *Geração 1.5*, foram utilizados os registros sobre a imigração coreana no Brasil, entre outros, autobiografias escritas pela primeira geração com o fim de complementar os depoimentos dos entrevistados referentes à origem dos imigrantes coreanos e ao motivo da imigração para o Brasil, os quais podem não ser exatos por serem versões contadas pelos filhos – nossos entrevistados – daqueles que elaboraram o projeto da imigração.

⁷ A Escola Coreana no Brasil, localizada na Rua Solón, Bom Retiro, funciona junto com o Colégio Polilogos num mesmo prédio, conforme o currículo coreano depois que foi autorizada pelo Governo da Coreia do Sul, no nível do ensino fundamental. A Escola tem como objetivo promover a aprendizagem da cultura coreana aos descendentes coreanos – normalmente a partir da segunda geração. Com respeito à Escola Coreana no Brasil e sua relação com o Colégio Polilogos, veremos no capítulo 3 tratando do perfil da comunidade coreana em São Paulo.

Além dos documentos oferecidos pelos órgãos acima colocados, periódicos, websites publicados e administrados pelos próprios componentes da comunidade coreana de São Paulo foram levados em consideração para entender o perfil da comunidade coreana, embora essa segunda fonte não tenha sido utilizada diretamente na análise.

1.1.3 Tratamento e análise dos dados obtidos

Todas as entrevistas foram transcritas pela entrevistadora mesma em língua original que foi usada pelos entrevistados, sendo fiel ao conteúdo geral e às palavras usadas pelos entrevistados. Além dos próprios depoimentos verbalizados pelos entrevistados, levou-se em consideração fatores como comportamentos, mudança significativa de emoção – detectado no tom de voz –, duração de depoimento etc. que refletem o ponto de vista dos entrevistados para com determinado assunto em nível incognitivo por meio das anotações feitas tendo enfoque nos conteúdos temáticos da pesquisa e nos detalhes comportamentais acima descritos.

Região de origem na Coreia	1ª letra do sobrenome	Ano de nascimento	1ª letra da 1ª sílaba do nome	Ano da vinda ao Brasil	1ª letra da 2ª sílaba do nome
Seul	G, H, I, J, K e L	1940 - 1949	A, B e C	1960 - 1969	S, T, W e Y
Incheon	M, N e O	1950 - 1959	D, E, G e H	1970 - 1979	M, N, O, P e R
Gyeongsang-do	P, S e T	1960 - 1969	I, J, K e L	1980 - 1989	A, B, C, D e E
Busan	A, B e C	1970 - 1979	M, N, O e P	1990 - 1999	G, H, I, J e K
Jeolla-do	W e Y	1980 - 1989	R, S, T, W e Y	—	—

Como vemos no quadro acima apresentado, com o fim de manter o anonimato dos entrevistados, foram atribuídos aos entrevistados nomes fictícios conforme o critério estabelecido neste estudo levando em consideração três fatores – a região de origem, ano de nascimento e ano da vinda ao Brasil. Quando a cidade natal e a cidade onde cresceu do

entrevistado não se coincide, deu-se prioridade à segunda, a qual considera-se que o entrevistado passou mais tempo e assim teve maior influência dela mesmo que essa influência seja uma memória vaga da Coreia. O escopo da primeira letra do sobrenome foi delineado tendo-se em mente sobrenomes mais comuns, para resguardar o nome verdadeiro dos entrevistados, especialmente quando o sobrenome verdadeiro é considerado raro na Coreia. De modo semelhante, foi feito ao distribuir os alfabetos para as três sílabas do nome como um todo, foram excluídos os que são raramente utilizados.

As transcrições fonéticas dos nomes coreanos – das pessoas, regiões, palavras etc. – nesta tese, seguem, a princípio, a Norma para Romanização Revisada da Língua Coreana, adotada em 2000 pelo Instituto Nacional da Língua Coreana, pertencente ao então Ministério da Cultura e Turismo (atual Ministério da Cultura, Esporte e Turismo).⁸

No entanto, com respeito aos nomes de pessoas, empresas, entidades etc., com a sua romanização já fixada por muito tempo, abriu-se a elas uma exceção da aplicação do princípio da Norma e respeitou-se a versão anterior parcial ou integralmente, com o fim de evitar possíveis confusões, o que é estabelecido também no parágrafo 7 do capítulo 3 da Norma.

Em relação à romanização dos nomes de pessoas, acredita-se que tal procedimento pode gerar polêmicas devido às diferentes maneiras de romanização utilizadas por muito tempo, até antes, mesmo, da Norma de 2000. Ciente dessa realidade e com base no princípio da Norma, decidiu-se nesta tese, transcrever os nomes fictícios dos entrevistados, dos autores coreanos e demais figuras citadas no trabalho como seguinte: o nome será romanizado integralmente de acordo com o princípio geral da Norma; e a romanização dos sobrenomes também respeitará o princípio geral da Norma em grande parte, porém, será mantida a versão amplamente usada para alguns sobrenomes, segundo foi estabelecido no parágrafo acima mencionado, bem como na alínea do mesmo parágrafo da Norma para evitar possíveis confusões que podem ser causadas em virtude das coincidências de certos sobrenomes com palavras em inglês, as quais têm significado constrangedor ou ambíguo, por exemplo, Gang, Go, etc, pelo uso da versão anterior da Norma.

De acordo com isso, os seguintes sobrenomes foram transcritos nesta tese como segue abaixo:

- 강 – *Kang* em vez de *Gang*
- 김 – *Kim* em vez de *Gim*

⁸ Fonte: The National Institute of the Korean Language. Disponível em: <http://www.korean.go.kr/09_new/dic/rule/rule_roman_0101.jsp>

- ㄱ - *Ko* em vez de *Go*
- ㄴ - *Noh* em vez de *No*
- ㅁ - *Oh* em vez de *O*

Quanto à ordem de apresentação dos nomes, optou-se pela maneira coreana, segundo a qual, primeiramente, coloca-se o sobrenome, depois, o nome. Segundo o parágrafo 4 do capítulo 3 da Norma de 2000 dá-se um espaço entre o sobrenome e o nome, esse último composto normalmente de duas sílabas com significados correspondentes a cada uma e, entre essas duas sílabas, não há espaço, podendo-se colocar “-” entre elas.⁹

Por sua vez, visando uma análise mais eficiente, construiu-se uma matriz com temas no título das colunas como se fossem as linhas, estabelecidas em torno dos objetivos e finalidades da pesquisa e a transcrição foi feita colocando em cada coluna o que cada entrevistado disse referente a ele. Como a maioria das entrevistas foi realizada em língua coreana por motivos anteriormente ditos, era preciso fazer tradução das transcrições para a língua portuguesa com apoio dos próprios imigrantes coreanos da *Geração 1.5*, hábeis com as duas línguas. As colunas assim estabelecidas são as seguintes:

	Título	Categoria maior
1	Origem	-
2	Motivos da vinda ao Brasil	-
3	Papel da família	Em formação do eixo da interpretação do mundo
4	Papel da escola	
5	Papel da religião	
6	Papel da comunidade coreana	
7	Relacionamento de amizade	Relacionamento
8	Relacionamento profissional	
9	Memória da Coreia	Memória e Projeto
10	Projeto dos pais	

⁹ Se for seguir a Norma de 2000, a maneira correta de colocar um nome coreano seria, por exemplo, Yang Eunmi, ou, Yang Eun-mi. No entanto, ainda existem muitas pessoas que mantêm a versão Yang Eun Mi, escrita separadamente, mesmo depois do estabelecimento da Norma de 2000, principalmente para evitar a confusão devido às eventuais não-coincidências que poderão surgir entre a versão apropriada à Norma e a versão anterior colocada nos documentos de identidade, por exemplo, o passaporte.

11	Meu projeto	
12	Visão do Eu	Visão
13	Visão do Brasil	

Fazendo assim, foi possível estruturar os dados, juntando as respostas de um modo acessível e as próprias colunas estabelecidas constituem-se dos tópicos do próprio quadro analítico do presente trabalho.

Assim como foi na seleção dos entrevistados, não pretendemos, interpretar e analisar as entrevistas, tirar uma média das opiniões e pontos de vista dos entrevistados, ou seja, o que “a maioria” pensa e age com relação aos assuntos em questão embora seja possível detectar a “tendência” e “dominância” do contexto nos depoimentos dos entrevistados. Pois, como sabemos, a finalidade real da pesquisa qualitativa é explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão, em vez de contar opiniões ou pessoas (BAUER & GASKELL, 2008, p. 68). Neste estudo, a “objetividade” da pesquisa está mais em trazer os depoimentos dos entrevistados selecionados para o presente estudo do que repetir a versão que está difundida mais amplamente sobre a identidade da *Geração 1.5* entre “massa” ou “pessoas” em geral tanto na comunidade coreana quanto na sociedade geral, sujeito no plural mas na verdade um sujeito sem substância. Entre massa, há “boatos” que parecem tão convincentes, mas é irônico ver que cada um dessa massa parece que ninguém assume o ponto de vista de tal boato.

Quanto à objetividade dos resultados obtidos das entrevistas, poderia-se dizer que o fato de que todos os entrevistados estarem na fase adulta hoje, saídos da fase mais conflituosa do processo da construção da identidade, também propicia que eles próprios mantenham certa objetividade com relação aos assuntos. Assim, aderindo-se à visão de que “o mundo é o que nós vemos e interpretamos e não o mundo em si mesmo”, procuramos descobrir como os entrevistados lidam com interpretações das realidades sociais caracterizadas pelas complexidades vivendo no Brasil e com memórias tecidas em duas culturas – coreana e brasileira.

Da mesma forma que uma pesquisa, por ser quantitativa não se torna “objetiva”, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade de um determinado fenômeno (SANCHES; MINAYO, 1993 apud PAULILO, 1999). Para captar nos depoimentos pensamentos e atitudes que reflitam como é a noção do Eu, Nós e dos Outros pelos entrevistados e sua mudança ao longo da trajetória estendida da Coreia ao Brasil,

trouxemos as reflexões de autores das diferentes áreas científicas – filosofia, antropologia, sociologia e –, ou melhor, dos “pensadores” da humanidade como um todo.

Especialmente, a adoção dos autores tanto brasileiro quanto coreano como os principais no processo analítico parte da convicção de que a aproximação unilateral e generalizadora de uma cultura do ponto de vista de outra cultura podem gerar uma interpretação “totalizadora” e “imperialista” já desde a dimensão metodológica.

Igualmente acreditamos importante a introdução das reflexões dos Lévi-Strauss, Hanna Arendt e Martin Buber na análise porque, acima de tudo, eles alertavam à humanidade para não se prender às classificações e categorizações estabelecidas pelos homens por conveniência, as quais acabam fragmentando o sentido unido e até a humanidade. Usando linguagens diferentes, esses autores, como um todo, mostram ter a mesma preocupação essencial para com a sociedade moderna marcada por “hiatos” e “abismos” entre diferentes sujeitos – tanto indivíduo quanto instituição ou Estado. Tal observação propicia que pensemos na noção do Eu e do Outro dentro de uma grande categoria “Nós” humanidade, que nos garante uma “interseção” essencial. O não-emprego explícito da palavra “educação” por esses autores nas suas obras, ou seja, a não-denominação deles como “educador” não torna menos relevante a reflexão deles no espaço educacional. Muito pelo contrário, o pensamento interdisciplinar – acredito que nem era necessário usar essa palavra quando eles atuavam porque isso teria sido natural para eles – que suas obras nos transmitem considera-se

Assim, ao longo do presente trabalho, procurou-se manter a coerência entre metodologia, reflexão teórica e sua aplicação à nossa análise e interpretação especialmente no que concerne ao pensamento interdisciplinar sobre a temática, à não-fragmentação dos sentidos unidos como, por exemplo, a noção do Eu e do Outro, e assim à recusa da classificação dicotômica do mundo.

1.2 Aspectos conceituais

1.2.1 Claude Lévi-Strauss e Hannah Arendt: o porquê da reflexão sobre o Eu e o Outro

Lévi-Strauss e Arendt, que nasceram, viveram e atuaram na mesma época, vivendo respectivamente de 1908 a 1991 e de 1906 a 1975, o século XX, marcado pelos inúmeros avanços tecnológicos, mas também apelidado de “Século Sangrento” por causa dos acontecimentos terríveis como as duas guerras mundiais entre outros, trazem nas suas reflexões a tendência degenerativa do mundo moderno claramente e com os tons críticos no

sentido em que ele é totalitário e imperialista. Provavelmente tal circunstância fez com que os dois autores se empenhassem em desenvolver uma reflexão crítica sobre o mundo e o homem a partir da mesma preocupação por essência. A vida de Arendt era pontilhada pelo pensamento sobre a condição para a existência humana, composta de dois eixos que são a atividade física e a atividade mental, partindo da contemplação do Eu e do Outro, a qual era uma tarefa inevitável para ela sendo e vivendo como judia. Tal exigência interior dada por si a fez refletir ao longo da sua vida sobre o papel da *palavra* e da *ação*, possibilitada pela existência de um espaço público (LAFER, 2003, p. 73) como o fundamento para a condição humana. As ideias exprimidas nas obras de Lévi-Strauss nos permitem supor que a situação não era muito diferente para ele também, antropólogo de origem judaica e contemporâneo de Arendt. Acredita-se que uma situação como essa os conduziram a viver uma vida coerente com o que acreditavam e escreviam: os trabalhos deles não são uma produção do pensamento exclusivo, separado do cotidiano e meramente intelectual, pelo contrário, seria mais certo dizer que o que eles escreveram e estudaram é uma espécie de prova ou registro do que eles sentiram, pensaram e, enfim, viveram.

A época em que eles desenvolveram seus estudos com mais vigor estava dominada por uma tensão e turbulência mais aparente do que hoje. As grandes potências do mundo têm pregado a urgência da pacificação do mundo e de fato, hoje o mundo tem uma aparência de paz. Porém, a essência dos problemas, que preocupavam Lévi-Strauss e Arendt no século anterior, parece permanecer até hoje e de forma mais complexa, o que torna necessário entender o problema do mundo de hoje à luz dos pensamentos dos dois autores.

1.2.1.1 Relativismo cultural: alarme contra a tendência para encontrar uma simetria nas outras culturas

Tratar a questão do relativismo cultural tem grande relevância na compreensão da noção do Outro nos trabalhos dos dois autores. Parece que hoje o termo “relativismo cultural” se usa frequentemente, mas sem que seja contemplado o que deve se entender dessa ideia na essência e assim, muitas vezes soando insignificante e vago. O relativismo cultural não deve se confundir com qualquer ato de relativizar tudo, que gera uma situação problemática que pode se resumir como na ausência de um eixo ou na ausência da verdade em comum para todo o ser humano. Sem querer entrar fundo em questões polêmicas em torno de tal perda de foco acelerado em meio a tendência pós-modernista, aqui nos concentraremos na ideia do relativismo “cultural” a partir da reflexão de Lévi-Strauss e Arendt.

Pode-se dizer que, quando esse relativismo cultural é compreendido de forma apropriada, ele é uma atitude desejável. A ideia principal do termo ou da atitude, que originalmente surgiu dos trabalhos antropológicos de Lévi-Strauss, é que não existe uma cultura inferior ou superior à outra e que não existe uma cultura universal: ao invés disso, existem os valores universais. Não se pode supor que o padrão ou o critério estabelecido por uma sociedade específica é correto para outras sociedades também.

Então, em princípio, trata-se de má aplicação de padrão e critério ou o abuso deles. Na verdade, o padrão (ou o critério e mais outros termos desta linha) e a diversidade não estão em uma relação incompatível, pelo contrário, em um sentido, o padrão em si tem um papel distinguidor ou ordenador e é ele que torna possível surgir a noção da diversidade. O padrão é uma espécie de modelos ou regras estabelecidas por uma sociedade ou por um indivíduo para manter sua própria sociedade ou sua própria vida individual em ordem, e não dos outros.

No entanto, o que prevalece no mundo em relação a padrão parece usá-lo a fim de medir outras culturas e classificar ou categorizar elas em uma ordem vertical. A falta de conhecimento no sentido quantitativo delas não é mais um motivo convincente para isso. Embora a globalização acelerada permita hoje a aquisição de conhecimentos confiáveis sobre os outros países bem como o acesso à boa parte deles, há impressão de que cada vez mais fica intensa tal atitude exclusivista.

Até parece que o excesso de informações detalhadas sobre as culturas diferentes geraram certa mania de fragmentar a noção do mundo, a qual antes era mais unida. Existem hoje inúmeras classificações e categorizações, especialmente dos países por poder econômico e político. É muito comum pensar que o poder econômico e político de um país é o critério mais valioso para classificar os países como “mais” e “menos” importantes e que o padrão e o sistema dos países, as assim chamadas potências mundiais deve ser aplicado aos demais países. Isto é, aqui já se vê uma ideia de dividir o mundo e o homem como superior e inferior. Normalmente são as sociedades consideradas mais “civilizadas” que cometem este tipo de arrogância: quando não encontram o sistema altamente classificado e categorizado, e assim considerado mais sofisticado – igual ao seu – nas outras sociedades que parecem aparentemente ser mais primitivas, aí começam a olhar elas já se sentindo superior.

Nesse sentido, os trabalhos de Lévi-Strauss podem ser considerados um alerta para essa tendência. Lévi-Strauss em seu livro *Pensamento Selvagem* (1962) narra inúmeros exemplos etnográficos, com os quais procura alertar para a atitude arrogante e distorcida da

sociedade ocidental de insistir em aplicar suas tradições às demais partes do mundo.¹⁰ Ele recusa o pensamento tradicional que a sociedade indígena ou Africana, que mantêm o modo menos ou pouco industrializado de viver, é bárbara e irracional, e em vez disso, diz que ela é uma sociedade simplesmente “diferente” da nossa. Nos capítulos 5 e 6, intitulados “Categorias, elementos, espécies, números” e “Universalização e particularização” respectivamente, Lévi-Strauss (1962) esclarece seu ponto de vista trazendo suas observações etnográficas. Admitindo a característica das sociedades primitivas, comumente conhecidas, ele ressalva sua noção menos fragmentadora da humanidade, chamando atenção a um fato muitas vezes omitido:

Disseram, não sem razão, que as sociedades primitivas fixam as fronteiras da humanidade nos limites do grupo tribal, fora do qual elas apenas percebem estrangeiros, ou seja, sub-homens sujos e grosseiros, até mesmo não-homens: feras perigosas ou fantasmas. Isso muitas vezes é verdade mas omite que as classificações totêmicas têm como uma de suas funções essenciais fazer romper esse fechamento do grupo de sobre si mesmo e promover a noção aproximada de uma humanidade sem fronteira. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 189)

O hábito de observação ou contemplação simplificadora e exclusivista sobre as culturas diferentes pode ser captado não só em termos de espaço, mas também em termos de tempo. Isto é, além de desprezo pelas culturas diferentes existentes em diferentes cantos do mundo, existe a tendência de desprezar ou desvalorizar as culturas do passado existentes mesmo em uma mesma sociedade como se fossem inferiores às novas. E na verdade, essas duas categorias muitas vezes são entendidas como sinônimos de uma da outra. Arendt, em seu livro *Entre o passado e o futuro*, comenta a tendência para certa negligência do passado ou da tradição em sua observação sobre a crise da separação entre o passado e o futuro no mundo moderno. Alicerçada nas parábolas de Franz Kafka que descrevem as cenas de uma batalha entre as forças do passado e do futuro, Arendt (2007) observa com voz concordante:

[...] A primeira coisa a ser observada é que não apenas o futuro – “a onda do futuro” –, mas também o passado, é visto como uma força, e não, como em praticamente todas as nossas metáforas, como um fardo com que o homem tem de arcar e de cujo peso porto os vivos podem ou mesmo devem se desfazer em sua marcha para o futuro. (ARENDR, 2007, p. 36-37)

¹⁰ Hannah Arendt nasceu em Hanover, em 1906, e morreu nos Estados Unidos em 1975. Na Alemanha, de onde se exilou em 1933, estudou nas universidades de Marburgo, Friburgo e Heidelberg, tendo sido aluna de Heidegger e Jaspers. Nesta última, doutorou-se em 1928, com uma tese sobre Santo Agostinho, orientada por Jaspers (Lafer, 2003).

Assim, quando uma sociedade está presa ao modo de olhar e perceber o mundo sob um único ângulo, é inevitável que se torne perdida ou, em caso pior, totalitária na procura de encontrar nas outras culturas traços que exatamente correspondam aos componentes da sua própria cultura. Convém lembrar mais uma vez que as características encontradas nas diferentes culturas não são simétricas uma à outra. A isso, Lévi-Strauss (1962) descreve uma situação, que nos ajuda a entender esse ponto:

O próprio do pensamento selvagem é ser intemporal, ele quer apreender o mundo, como totalização sincrônica e diacrônica ao mesmo tempo, e o conhecimento que dele toma se assemelha ao que oferecem num quarto espelhos fixos em paredes opostas e que se refletem um ao outro (assim como aos objetos colocados no espaço que os separa) mas sem serem rigorosamente paralelos. Forma-se simultaneamente uma multidão de imagens, nenhuma das quais é exatamente parecida com as outras: por conseguinte, cada uma delas traz apenas um conhecimento parcial da decoração e do mobiliário, mas seu agrupamento se caracteriza por propriedades invariantes que exprimem uma verdade. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 291)

Deste modo, as contemplações dos dois autores nascem da preocupação pela realidade em que as pessoas dirigem seus olhares para o mundo a partir de um único ponto de vista, em uma única direção, seja no espaço físico, seja no temporal. Acredito que é exatamente esta maneira de Lévi-Strauss de se aproximar do tema e de contemplá-lo que deixa sua compreensão do relativismo cultural mais concreta e sólida, nos lembrando do trabalho de Arendt que sempre procurou construir um pensamento independente e crítico, não se encaixando sem contemplação em um ponto preestabelecido. E a relevância dos pensamentos deles é grande porque, de fato, a situação é preocupante e a UNESCO tentou chamar atenção para a atual crise mundial causada pelo pensamento e atitude intolerante para com os outros afirmando:

Inexiste uma única parte do mundo que não seja caracterizada pela diversidade, a intensificação da intolerância e dos confrontos constitui ameaça potencial para cada região. Não se trata de ameaça limitada a esse ou aquele país, mas de ameaça universal. (UNESCO, artigo 3.1, Declaração de princípios sobre a tolerância” do ano 1998).

1.2.1.2 O Outro nos trabalhos de Lévi-Strauss e Hannah Arendt

Vimos acima sobre a aplicação de padrões e critérios às outras culturas como certa medida para julgar e encaixá-las nas categorias preestabelecidas especialmente por países

considerados mais civilizados. Neste tópico, gostaria de aprofundar a reflexão sobre a tendência da mesma natureza disso em nível individual. Pois, a agravação da intolerância, apontada nos relatórios da UNESCO não é apenas algo manifestado por um país contra o outro. Mesmo dentro de um território nacional há disparidades em vários termos e a intolerância, e afinal são os indivíduos que precisam lidar com essa situação.

De fato, a crise da identidade individual está sendo tratada por muitos com muita frequência e a relevância do pensamento de Arendt e Lévi-Strauss na discussão em torno dessa questão não parece menor do que na discussão sobre a violência ou totalitarismo praticado em nível nação a nação um século atrás. E esta discussão não é tão simples, pois, como Stuart Hall observou bem, identidades fixas não existem no mundo moderno (HALL, 1996, p. 6): agora o país de nascimento não necessariamente coincide com o país onde vivemos e a nacionalidade dos pais e dos filhos de uma mesma família pode ser diferente; também é muito comum que a identidade nacional e a identidade étnica não são idênticas nos países como os Estados Unidos e o Brasil entre outros, os quais têm como seu cidadão os imigrantes de quase todo canto do mundo. Em particular, em uma sociedade que reúne uma ampla diversidade em termos de etnia, cultura, religião, língua, culinária etc., o conceito do Outro fica mais claro e os membros dessa sociedade enfrentam maior necessidade de lidar com ele.

No entanto, retomando a observação de Arendt (2007), o encolhimento da Terra diante a globalização, não necessariamente contribuiu para tornar a noção do Eu e dos Outros mais tolerante. Como Giddens (2007, p. 55) diz, em um mundo cosmopolita, mais pessoas do que nunca estão regularmente em contato com outras que pensam de maneira diferente delas. E veem-se na necessidade de justificar suas crenças, pelo menos implicitamente, tanto para si mesmas quanto para as outras. Mas muitas vezes as tentativas para tal justificação baseiam-se na percepção incompleta e daí discriminatória de si mesmo, bem como dos outros. A noção do Outro é extremamente estreita, superficial e preconceituosa: nós simplesmente ampliamos nosso entendimento do Eu, “minha família” e “meu país” na hora em que precisamos reconhecer e lidar com o Outro ou muitos Outros. Isto é, muitas vezes falta esforço para entender eles a partir do ponto de vista deles, ou seja, se colocar no lugar deles. Arendt (2007) elucidou esse ponto na sua obra dizendo:

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna.

Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida pela “natureza comum” de todos os homens que o constituem, mas sobretudo pelo fato de que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto. Quando já não se pode discernir a mesma identidade do objeto, nenhuma natureza humana comum, e muito menos o conformismo artificial de uma sociedade de massas, pode evitar a destruição de mundo comum, que é geralmente precedida pela destruição dos muitos aspectos nos quais ele se apresenta à pluralidade humana (ARENDT, op.cit., p. 67)

Arendt, na sua contemplação do mundo e do homem, enxergou o perigo de tal destruição do Eu e do Outro, seguida da destruição do mundo em comum citado acima. O que a havia deixado mais preocupada era a percepção de que a destruição do mundo comum, além de poder acontecer em uma condição isolada em que um é proibido de conversar com o Outro, por exemplo, sob o regime ditador, pode também ocorrer na sociedade moderna. Aí ela continua dizendo:

[...] mas pode também ocorrer nas condições das sociedades de massas ou de histeria em massa, onde vemos todos passarem subitamente a se comportar como se fossem membros de uma única família, cada um a manipular e prolongar a perspectiva do vizinho. Em ambos os casos, os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva (ARENDT, 2007, p. 111)

A expressão de Arendt “prisioneiros da subjetividade” no sentido em que estão presos só às suas próprias experiências, nos lembra do que Lévi-Strauss (1962) falou:

Quem começa por se instalar nas pretensas evidências do eu, esse daí não sai mais. O conhecimento dos homens às vezes parece mais fácil para aqueles que se deixam prender na armadilha da identidade pessoal. Mas assim eles fecham para si a porta do conhecimento do homem. (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 277)

A situação acima descrita por Arendt e Lévi-Strauss poderia ser a situação de hoje em que prevalece a tendência para se ignorarem características e propriedades em comum entre Eu e Outros, as quais são possíveis de se ter por todos eles pertencerem a uma grande categoria, ser humano e, em vez disso, para se concentrar mais em diferenças. Alicerçada em uma reflexão sobre essa situação, Roseli Fischmann (2005) questiona o atual estado do modo de pensar o universal e propõe a necessidade de pensar em como gerar a paz efetiva:

[...] Miro além de mim, e só vejo diferença, tomo a mim como medida da humanidade: assim faz cada ser humano e cada grupo humano. É a visão de um mundo habitado por um “Eu” e muitos “Não-eu”, que nem me importo em conhecer, são “eles” os diferentes. Compreender que a partir do olhar do Outro, diferente sou Eu, ou seja, sou o “Não-eu” do Outro, equivale a uma epifania, em que se revela a humanidade feita de interdependências, complementariedades e mesmo conflitos, que, se os enfrentarmos, juntos podemos superar.

A dificuldade de pensar o universal vem daí, da importância do reconhecimento da complexidade humana, que não existe o “meu” universal, mas construção que se faz da interação e, sobretudo, do reconhecimento que o outro, cada outro, vale tanto quanto eu e os meus, eticamente. É assim que afirma a Declaração Mundial da Tolerância no artigo primeiro: “A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética: é igualmente uma necessidade política e de justiça. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz”. (FISCHMANN, 31/10/2005, Correio Braziliense, Opinião)

A ideia da tolerância destacada por Fischmann na passagem acima considera-se coerente com o ponto assinalado tanto por Lévi-Strauss quanto por Arendt de que a verdade do homem reside “no sistema de suas diferenças e propriedades comuns”. E sendo assim, nas palavras de Lévi-Strauss (Op.cit., p. 276): “O Eu não se opõe mais ao Outro do que o homem se opõe ao mundo: as verdades aprendidas através do homem são “do mundo” e por isso elas são importantes.”

O que se entende através da reflexão em que empenhamos é que não é de estranhar que não só a pessoa que se torna o alvo de tal reconhecimento, mas também a pessoa que possui tal visão são vítimas nessa relação. Isto é, ambos podem sofrer de uma série de resultado que se resume no reconhecimento errado de si mesmo, em outras palavras, na formação da sua identidade deturpada. Por isso, é necessário que haja envolvimento ou participação ativa de ambos “na ação e no discurso” (ARENDT, 2007), os quais são o que torna possível a descoberta de diferenças bem como de propriedades em comum. E esse ponto é apoiado por George Herbert Mead (1934) e Martin Buber (1974), que dizem que não pode haver existência sem comunicação e diálogo entre seres, como veremos mais adiante.

E é neste ponto que surge a necessidade de uma reflexão sobre o Eu-Nós e o(s) Outro(s), especialmente, do mundo de hoje representado por sua complexidade que torna surgir inúmeras fronteiras “móveis” entre pessoas de origem diferente em diversos contextos. E, migrações internacionais que têm se realizado vigorosamente desde o século XX seriam o

fator mais decisivo para gerar a situação atual em que se tornou maior a dificuldade de categorização de diversos grupos étnicos e assim a questão de fronteiras entre estes grupos também. O Brasil pode-se citar como um dos países em que se observa com maior amplitude e intensidade a relevância de uma discussão sobre essa temática. Isso porque a própria população brasileira foi formada pelos descendentes de povos originários de diferentes contingentes, de tradições culturais e de diferentes religiões como trataremos no capítulo posterior e assim, a diversidade marca a vida social brasileira. E como Fischmann (2000, p. 29) aponta, a própria dificuldade de categorização desses grupos que vieram para o Brasil é indicativo de tal diversidade

1.2.2 Reflexão sobre *Indivíduo e Pessoa*

Um fato que se torna mais importante ao longo da reflexão até aqui é que o Eu e o Outro precisam de uma especificação maior. Como se sabe, o conceito do Outro tem se usado a fim de entender os processos pelos quais sociedades e grupos excluem “Outros” que eles querem subordinar ou quem não cabe em sua sociedade. Grosso modo, o Outro pode referir-se ao Outro Infinito, que é Deus, o ser absoluto em monoteísmo e, também ao Outro que se coloca como aquele que é diferente de mim. Nesse segundo caso, o Outro, mais uma vez, pode ser segunda e também terceira pessoa: a distinção entre segunda pessoa e terceira pessoa também não é algo nítido e permanente – esse ponto será discutido com maior detalhamento mais adiante. E o Eu e o Outro não são dois seres separados e não é uma posição inalterável: eu sou um Outro para quem eu chamo de Outros e esses outros são muitos Eu para eles mesmos, uma questão do ponto de vista. Então, o que este trabalho está propondo é uma reflexão sobre o Eu/Nós¹¹ e o Outro no sentido mais dinâmico, focando o fenômeno da relação Eu e o Outro. A partir da percepção da importância de entender a dinâmica de olhares para os Outros e para si mesmo, pretendo, neste capítulo, criar um diálogo principalmente entre George Herbert Mead (1934) e Martin Buber (1974), começando pela reflexão sobre o conceito do termo “indivíduo”.

Entendemos que termos como Eu e Outro são produto de uma posição elevada do indivíduo tanto na vida real como na discussão filosófica, psicanalista, antropológica, sociológica e dos demais ramos das Ciências Humanas e Sociais. Então seria necessário

¹¹ Tratar o Nós junto com o Eu é importante neste trabalho, especialmente considerando uma característica da linguagem, por conseguinte, da sociedade coreana de usar muitas vezes “nós”, “nosso” no lugar de “eu” e “meu”, referindo esses dois a um sujeito só na maioria das vezes. Até é muito comum falar “nosso pai” em vez de “meu pai”, o que não significa que “o pai” é compartilhado com a pessoa com quem está falando.

tratarmos primeiro do conceito do indivíduo, pois somente após o reconhecimento dele teria sentido discutir os conceitos do Eu e do Outro. Para começar, vejamos como a palavra “indivíduo” está definida no dicionário:

Indivíduo Adj. 1. Indiviso. • sm. 2. Biol. O exemplar duma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta. 3. A pessoa humana, considerada em suas características particulares; criatura. 4. Fam. Pessoa qualquer; sujeito, criatura, cidadão. (Definição no dicionário Aurélio, 6ª edição)

No caso, o indivíduo conforme a terceira e a quarta definição seria o que interessa ao tema deste trabalho. O indivíduo é uma palavra que se usa muito comumente hoje e é considerada, nos Estados constitucionais (Estados sob império da lei, Democráticos), como a unidade mais básica e mais concreta em tomar decisão, ao qual são dados tanto direitos quanto responsabilidades conforme a Lei. Contudo, a posição do indivíduo e o significado que os estudos davam a ele nem sempre era o mesmo que o de agora. Aliás, o conceito de indivíduo e assim a palavra para isso nem existiam: em grego, a palavra *atome* referia-se apenas a elemento do mundo material e, só na Idade Média, aparece a palavra *individuum* em latim. Os cidadãos romanos de Roma Antiga não passavam apenas de romanos em geral. O que importava era amar a pátria, não cuidar de si. E nas sociedades orientais, e especificamente neste trabalho, na sociedade coreana tradicional, a relação com os componentes de entidades (nação, linhagem, clã, família, associações etc.) a que pertencem tem sido considerada mais importante do que o indivíduo em si no sentido mais ocidentalizado moderno.

A razão por que o conceito “indivíduo” é discutido com tanta frequência e seriedade, convertendo a noção para com a posição do indivíduo empírico – não completamente, mas com forte repercussão – nas muitas sociedades tanto ocidentais como orientais está na tendência de individualização da sociedade e do individualismo moderno, o qual tem passado por transformações mais variadas desde seu surgimento – surgimento da palavra em si - ao longo da história. A palavra “individualismo” já contém em si uma ideia mais subjetiva e assim torna-se mais difícil ser definida: portanto, dependendo de épocas e lugares, tem existido individualismo de diferentes formas e, na sociedade moderna, a discussão em torno desse assunto parece mais vazia e apagada. Hoje tanto no Brasil como na Coreia fala-se do individualismo “moderno” que interrompe o desenvolvimento da sociedade, embora o individualismo nesses dois países tenha suas histórias diferentes e assim perfis diferentes.

Porém, pode-se questionar se essa importância dada à posição do indivíduo no mundo ocidental moderno pode ser dada na sociedade coreana, ainda conhecida como uma sociedade onde prevalece a estrutura hierarquizante, o comunitária ou familiar. A este respeito, é importante trazer na nossa discussão a observação de Roberto DaMatta (1997) sobre o *indivíduo* e a *pessoa*, cujas noções são fundamentais na análise sociológica. Não deixando de lado o fato de que “embora toda a sociedade humana seja constituída de indivíduos empiricamente (ou naturalmente) dados, nem toda a sociedade tomou esse fato como ponto central de sua elaboração ideológica”, DaMatta (1997) coloca duas elaborações distintas da ideia de indivíduo:

Numa delas, como acabamos de ver, tomou-se a sua vertente mais individualizante, dando-se ênfase ao “eu individual”, repositório de sentimentos, emoções, liberdade, espaço interno, capaz, portanto, de pretender a liberdade e igualdade, sendo a solidão e o amor dois de seus traços básicos, e o poder de optar e escolher um dos seus direitos mais fundamentais. Nessa construção – que corresponde à construção ocidental –, a parte é, de fato, mais importante do que o todo. E a noção geral, universalmente aceita, é a de que a sociedade deve estar a serviço do indivíduo, o contrário sendo uma injustiça que importa corrigir.

Outra valente importante do indivíduo natural ou empiricamente dado é a elaboração do seu pólo social. Aqui, a vertente desenvolvida pela ideologia não é mais a da igualdade paralela de todos, mas da complementaridade de cada um para formar uma totalidade que só pode ser constituída quando se tem todas as partes. Em vez de termos a sociedade contida no indivíduo, temos o oposto: o indivíduo contido e imerso na sociedade. É essa vertente que corresponde à noção de pessoa como entidade capaz de remeter ao todo, e não mais à unidade, e ainda como o elemento básico por meio do qual se cristalizam relações essenciais e complementares do universo social. [...]

As duas noções são básicas, e ambas são largamente utilizadas em todas as sociedades humanas. Ocorre apenas que a noção de indivíduo como unidade isolada e autocontida foi desenvolvida no Ocidente, ao passo que nas sociedades holísticas, hierarquizantes e tradicionais, a noção de pessoa é dominante. (DAMATTA, 1997, p. 222)

Desse modo, é importante entender a noção de uma junto com a outra, sem excluir uma das duas no processo de refletir sobre a questão da identidade do *indivíduo* ou da *pessoa*, pois como DaMatta observa, “existe uma dialética entre elas”. Aplicando essa reflexão à sociedade brasileira e à coreana, é interessante ver a característica apontada nesse sentido por DaMatta (Ibid., p. 231) se referindo ao Brasil: “Nos Estados Unidos, a realidade é, para Amoroso Lima, formada de indivíduos, ao passo que no Brasil a unidade social é a pessoa. Nem lá nem cá desapareceram o indivíduo ou a pessoa. Apenas se balanceou o sistema de modo diverso.”

Estima-se que o mesmo pode ser dito na sociedade coreana atual onde o sistema ocidental ideológico elaborado em torno do indivíduo foi projetado em cima da base tradicional comunitária e familiar. Parece complicado definir o Brasil ou como Ocidente ou não-Ocidente no sentido que obviamente, conforme a observação do DaMatta, o Brasil não é como os Estados Unidos, onde a vida gira mais em torno do indivíduo. Embora seja inegável que os imigrantes coreanos no Brasil possam parecer extremamente não individuais aos olhos dos muitos brasileiros – especialmente frente a certos assuntos delicados como casamento –, estima-se que nem o Brasil encontra-se no outro extremo em *indivíduo-pessoa* comparando com a sociedade brasileira. Com certeza, o modo que balanceiam entre *indivíduo* e *pessoa* na vivência varia entre os coreanos e os brasileiros fazendo com que cada um se sinta muito diferente um do outro: de fato, no correr da pesquisa e da vivência em São Paulo, ouvi, com viva voz, imigrantes coreanos falando de brasileiros “mais (não extremamente) individuais” e brasileiros dos imigrantes coreanos, “muito apegados à família”. Com respeito ao caráter comunitário e familiar da sociedade coreana, que se considera ter influenciado a identidade coreana – da sociedade bem como do indivíduo – será elaborado no próximo capítulo. O importante a ressaltar aqui é que mesmo nas culturas mais “totalizadas” ou organizadas em termos de hierarquia, enfim em toda a sociedade, há a possibilidade de individualização sendo que em algumas será mais valorizada e incentivada do que em outras (VELHO, 1987).

Assim, neste trabalho a análise partirá da elaboração “social” por DaMatta das noções de *indivíduo* e *pessoa*, que possibilita o homem tomar uma posição como “sujeito” de tal ação ou criar uma perspectiva equilibrada através da experiência de ser “objeto” nas relações com outras pessoas. Entendendo isso, acredito que aprofundar essa questão mais que isso não cabe a este trabalho. Aqui, pretende-se sugerir o homem – que é *indivíduo* e *pessoa* ao mesmo tempo – como um ser único e autônomo e um depósito (armazém) vivo, que digere, carrega as memórias que se distinguem das outras pessoas e age conforme elas. Tal premissa é importante porque, como Gilberto Velho (1987) assinala exatamente a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base para se pensar em *projeto*.

1.2.3 George Herbert Mead e Martin Buber: o Eu e o Outro na dinâmica da relação

Como vimos anteriormente, enquanto Lévi-Strauss e Arendt trazem nas suas reflexões a tendência degenerativa do mundo moderno claramente e com os tons críticos no sentido em que ele é totalitário e imperialista, Mead e Buber se dedicaram mais a elucidar a dinâmica da própria existência do ser humano e da relação com os outros.

Questionar a expressão “Eu em si”, que se usa frequentemente, vaga ou erroneamente, poderia ser o primeiro ponto para tecer o diálogo entre Buber e Mead. Quanto ao que se pretende dizer com ela nesse caso, parece se resumir em dois: o Eu como um ser objetivo que não se sobrepõe ao mundo nem um pouco de maneira alguma, e/ou como sujeito do pensamento e da ação. Mas nenhum dos dois é uma suposição sólida, pois, primeiro, o que pode ser considerado puramente objetivo é o Eu como indivíduo biológico ou agente empírico. E mesmo no segundo caso, que não parece problemático, se ele estiver propondo esse Eu em si como se fosse uma unidade que existe *a priori* a tudo, aí está um grande mal entendido, pois o Eu como sujeito somente é possível depois de o Eu como indivíduo biológico ou agente empírico passar pela fase em que este se relaciona com os outros e se torna consciente de si mesmo como um objeto. É aqui que entra a necessidade da reflexão sobre a tese de Buber e Mead que comumente *a priori da relação* (BUBER, 1974) ou *mind e self* como emergentes sociais (MEAD, 1934). Assim, de acordo com o raciocínio desses autores, o que se precisa entender é que a formação do Eu (social) como pessoa precede a formação do Eu como indivíduo-sujeito, cuja distinção foi tratada anteriormente citando DaMatta .

1.2.3.1 George Herbert Mead: reflexão sobre o processo de *alterizar*

Perguntas como: “Como podemos chegar ao reconhecimento correto do Eu? E de objetos e dos outros?” foram as que se colocavam no centro do processo de pensamento. E as mesmas estão diretamente ligadas à questão de identidade do indivíduo, que hoje em dia envolve várias dimensões, e isso torna fundamental contemplar a noção do Eu e do Outro, sua participação na construção da identidade.

O pensamento de Mead sobre o processo da formação do *self* composto tanto de Me – objeto dos outros – quanto de Eu – sujeito face aos outros – se desenvolve em torno dos três termos-chaves: *Mind*, *Self* e *Society*. O significado de cada um desses termos e a relação entre eles parecem estar bem expressidos na seguinte frase colocada por Mead: “O corpo não é o *self*, portanto, ele se torna o *self* somente quando ele tem desenvolvido o *mind* dentro do contexto de experiência social” (MEAD, 1934, p. 50). A preocupação principal de Mead era mostrar, por meio do emprego desses termos, como certo organismo biológico adquire a capacidade de autoconsciência, de pensamento reflexivo, de raciocínio abstrato, de comportamento proposital, de devoção moral, e enfim, como o homem se torna o indivíduo-sujeito.

Mais uma vez, a emergência de *mind* e o *self* é possível somente através da interação social e da língua – ou palavra para Buber –, na forma de gesto vocal que oferece o mecanismo para tal emergência. Para Mead, a língua é um fenômeno objetivo de interação dentro do contexto social, o que torna necessário que a língua pressuponha certa espécie de sociedade como um campo com Outros. A justificação de Mead (1934) por essa ordem de existência de *mind*, *self* e *sociedade*, a qual não pode ser invertida é a seguinte:

Porque, se pressupõe a existência de *mind* no início, como que explica ou torna possível o processo social de experiência, então a origem de *minds* e a interação entre *minds* se tornam mistérios. Mas, por outro lado, se você considerar o processo social de experiência como *priori* (de forma rudimentar) à existência de *mind* e explicar a origem de *minds* em termos da interação entre indivíduos dentro desse processo, então, não só as origens de *minds*, mas também a interação entre *minds* (que, portanto, é vista como interna à sua própria natureza e pressuposta pela sua existência ou pelo seu desenvolvimento) deixam de parecer misterioso ou milagroso. *Mind* surge através de comunicação por conversa de gestos em um processo social ou contexto de experiência – não comunicação através de *mind*. (Ibid.)

Mind poderia ser entendido como a presença, no interior do Eu ou no *self*, de símbolos significantes compartilháveis com os outros, cuja formação se dá através de conversa ou diálogo de gestos, especialmente vocal. Para um gesto se tornar símbolo signifiante, é necessário que um gesto convoque a mesma reação tanto no meu *self* como no outro e o símbolo signifiante assim constituído, por sua vez, passa a dar o conteúdo comum necessário para comunidade de significado. Outras formas de gestos como gesto de corpo também pode ajudar a comunicação, mas Mead assinala que somente ao gesto vocal que um indivíduo pode responder ou reagir assim como o outro tende a responder a isso. Nós não podemos olhar para nós mesmos quando nossa cara faz (assume) certa expressão facial – isso é possível somente olhando-nos no espelho – e a reação que esta causa na pessoa a quem estamos dirigindo pode não ser aquilo que pretendemos. Isto é, os gestos que não são vocais podem significar coisas diferentes para indivíduos diferentes enquanto o gesto vocal representa a mesma coisa para todos. Assim, como Mead fala, o homem é mais apto a se tornar consciente de si e controlar a si no gesto vocal da pessoa com quem conversa do que na expressão facial ou gesto de corpo dela. Essa é a peculiaridade do gesto vocal. Neste sentido, parece-me apropriado entender que *mind* é uma “interseção” entre o Eu e os Outros – que podem ser tanto o Tu quanto Ele/Ela – e que a conversa ou diálogo com esses outros é um esforço para criar tal interseção, o que é possível no encontro com os outros.

Neste ponto, surge a necessidade de abordar a importância decisiva da língua no desenvolvimento do sistema de significados compartilhado com os outros. De modo semelhante à Buber, que entendeu a palavra como mantenedor do homem na relação e assim no próprio ser, Mead (1934) depositou uma posição ontológica na língua:

A língua não simboliza simplesmente uma situação ou objeto que já existe ali de antemão: ela torna possível a existência ou o surgimento daquela situação ou objeto, pois ela, isto é, a língua é uma parte do mecanismo pelo qual essa situação ou objeto é criado. O processo social associa as respostas de um indivíduo aos gestos do outro, como os significados deste, e, portanto, é responsável pelo surgimento e existência de novos objetos na situação social, objetos dependentes de ou constituídos por esses sentidos. O significado é, portanto, não deve ser concebida, fundamentalmente, como um estado de consciência, ou como um conjunto organizado de relações existentes ou subsistente mentalmente fora do campo de existência para dentro do qual eles entram: pelo contrário, ele deve ser concebido de forma objetiva, como tendo a sua existência inteiramente dentro desse próprio campo. (MEAD, 1934, p. 78)

A afirmação de Mead de que a língua torna possível a existência de uma situação ou de um objeto corresponde com alto grau de associabilidade à essência do pensamento de Buber (1974) segundo o qual a palavra é princípio e fundamento da existência humana. É deste modo que a *palavra-princípio* (Eu-Tu e Eu-Isso) não é um conceito abstrato mas é o mantenedor do homem na relação e assim, no próprio ser.

Acredito que ao longo do percurso reflexivo acima onde foi ilustrado o surgimento do *self* com *mind*, capaz de comunicar com os outros, foi vislumbrada a noção de alteridade, a qual se propõe primordial na nossa discussão. O *self* na tese de Mead, cujo sentido pode ser ainda confuso, ganha sua clareza quando é entendido como uma contrapartida do(s) Outro(s). Os indivíduos ganham a capacidade de fazer de si um objeto a si mesmo e o mecanismo de pensamento reflexivo em virtude da internalização do processo de comunicação com os outros. Isso se refere à alteridade. E todas as atitudes de Outros organizadas e tomadas para dentro do *self* do indivíduo constituem o Me. E a fase do desenvolvimento do *self* como um Me, ou seja, do senso da alteridade acontece com a ou na comunidade e instituição à qual ele pertence. Tanto Mead quanto Buber acentuam o fato de que a matéria-prima no nascimento de um indivíduo particular não é o *self* (MEAD, 1934) ou o Eu egótico (BUBER, 1974) mas o relacionamento dele com os outros na comunidade da qual ele participa. Quem se envolve nesse processo, se coloca, consciente e inconsciente, no lugar dos outros e age como os outros agem. Tomando o papel do outro, um indivíduo pode refletir sobre si mesmo a partir dessa perspectiva, e assim se tornar um objeto a si mesmo. Se interpretarmos isso à luz do

raciocínio de Buber, poderíamos dizer que ter a relação entre Eu e Tu no meu interior é a experiência da alteridade.

Se o processo terminar aqui, isto é, na fase da experiência da alteridade, vai restar uma pergunta sobre como o homem se torna capaz de se posicionar como sujeito da sua ação. Por mais que seja imprescindível a capacidade de pensar no lugar dos outros para o homem não se tornar egocêntrico e egoísta, permanecer nesse estado também pode ser um problema grave. Se ele olhar tanto para si mesmo quanto para os outros apenas a partir dos olhos dos outros, é então que surge a “crise” da identidade do indivíduo. Porque isso pode significar a ausência de um eixo, perspectiva autônoma. O *self* completo, como Mead assinala, deve incluir Eu e Me como um todo: se Me é constituído de um conjunto organizado das atitudes dos outros, o Eu é a resposta do organismo às atitudes dos outros, ou é como um Eu que o homem reage face aos outros (MEAD, op.cit., p. 175). Os outros são uma referência no estabelecimento do eixo do seu posicionamento ou sistema de filtração, e não o eixo em si. Um outro nome dessa referência poderia ser a memória do passado estabelecida ao longo da interação com os outros. Foi discutida a relevância da *memória* na elaboração do *projeto* (VELHO, 1987; 1994)) por Mead (1934) ao afirmar que:

Aquilo que ocorre no comportamento orgânico no presente é sempre, em certo sentido, um emergente do passado. [...] Inteligência é essencialmente a habilidade para resolver os problemas do comportamento atual em termos das suas possíveis consequências no futuro, implicadas com a base em experiência no passado – a habilidade, isto é, para solucionar os problemas do comportamento do presente à luz de, ou com referência a, tanto o passado quanto o futuro: isso envolve tanto a memória quanto a perspectiva. (MEAD, op.cit., p. 99-100, tradução nossa)

O importante a lembrar é que a inteligência de lidar com o presente com referência às memórias do passado organizadas na direção do futuro é uma habilidade que exige a subjetividade do indivíduo. Mead, tratando da contribuição do homem como conjunto do Me e do Eu a dar à sociedade, sublinha a importância da “criatividade do Eu” (Mead, 1934). Não com um mero acúmulo das memórias, mas com flexibilidade em interpretar e reinterpretar, o homem se torna o indivíduo-sujeito que pode contribuir à sociedade também.

1.2.3.2 Martin Buber: Eu-Tu

As reflexões de Mead e de Buber se encaixam uma na outra em muitos pontos essenciais acerca da formação do homem tanto como pessoa quanto como indivíduo. *A priori*

da relação, ou seja, do processo social ao ser é o ponto enfatizado por ambos. O que há de exclusivo na reflexão de Buber é a atribuição de uma posição existencial às palavras e às relações e assim, a não-fragmentação dos conceitos unificados bem como do conceito da unidade substancial.

“No começo é a relação”, diz Buber decisivamente. Na abordagem reflexiva de Buber, há dois modos de se ter a relação: a relação Eu-Tu e a relação Eu-Isso. Trata-se de com que atitude o homem se apresenta diante do mundo ou trata o mundo. Vejamos isso na palavra de Buber (1974):

O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude.
A atitude do homem é dupla de acordo como a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir.
As palavras-princípio não são vocábulos isolados mas pares de vocábulos.
Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso no qual, sem que seja alterada a palavra-princípio, pode-se substituir Isso por Ele ou Ela.
Deste modo, o Eu do homem é também duplo.
Pois, o Eu da palavra-princípio Eu-Tu é diferente daquele da palavra-princípio Eu-Isso. (BUBER, 1974, p. 53)

Assim, não há Eu em si, mas apenas o Eu nas relações Eu-Tu e Eu-Isso, nas quais o Eu toma atitudes diferentes. O importante a notar é que a palavra-princípio não é conceito teórico e abstrato, mas é a própria experiência existencial. Para Buber a palavra é o princípio, fundamento da existência humana e a relação é o fato primitivo. Isso nos lembra a colocação de Mead que diz através do processo social o indivíduo biológico ganha *mind* e o *self*.

E segundo Buber (1974), tal relação pode acontecer em três esferas: a relação com os seres da natureza, a esfera dos homens e a esfera das essências espirituais:

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o Tu que lhes endereçamos depara-se com o limiar da palavra.
A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o Tu.
A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra-princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la. (BUBER, 1934, p. 55)

Deste modo, as atitudes que o homem pode tomar são múltiplas na medida em que o mundo é múltiplo para ele, as quais podem ser resumidas nas duas distintas palavras que se traduzem pela *palavra-princípio Eu-Tu* e pela *palavra-princípio Eu-Isso*.

O critério decisivo para tal distinção está na reciprocidade dos dois seres que se encontram face-a-face. As características atribuídas aos mundos do Tu e do Isso respectivamente por Buber poderiam ser esquematizadas como vemos abaixo:

Mundo do Tu	Mundo do Isso
Imediatez, atualidade, reciprocidade, presença, totalidade, incoerência no espaço e no tempo, a fugacidade, a inobjetivação	Experiência, utilização, Unidireção, Coerência no espaço e no tempo, ordem, objetivação

Como se vê acima, a primeira é uma relação ontológica que traz dois seres à presença e na atualidade e é encontro entre dois parceiros. Existe nesta relação a confirmação mútua de que um é respondido pelo outro e o outro por um. Por sua vez, a segunda é atitude objetivante que vê o mundo ou o ser como objeto da experiência e da utilização. Nela, não há reciprocidade mas sim ato unidirecional do Eu egótico para o mundo. Buber assinala que a *palavra Eu-Tu* precede a *palavra Eu-Isso*, isto é, o Eu-Isso é posterior ao Eu-Tu.

Buber chama nossa atenção primeiramente para a relação Eu-Tu, ou da relação entre Eu e os outros na forma de segunda pessoa Tu, não os outros na forma de terceira pessoa Ele ou Ela. Ao descrever a relação, Buber adota vários termos como diálogo, encontro, relação dialógica entre outros. O encontro ou a relação dialógica são algo que acontece no presente em que Meu Tu atua sobre mim como eu atuo sobre ele e, por sua vez, a relação engloba o encontro. Como veremos mais adiante, a relação continua mesmo depois que o encontro encerra se tornando um evento do passado. Por agora, concentremo-nos nos aspectos do encontro Eu-Tu, que torna possível o homem transformar-se em Eu assim como, para Mead (1934), um indivíduo biológico se torna o *organismo com mind* (*minded organism*) ou *self* no campo com outros.

A importância da palavra como um ato que presentifica a própria relação é mais um ponto sublinhado por ambos os autores. Buber atribui uma posição ontológica à palavra: o homem se introduz não somente no mundo mas também na própria existência. Por mais que seja a verdade que a palavra é dirigida pelo homem, é ela que o mantém no ser, ou no *self* no momento que é pronunciada. Essa atitude ou capacidade de Buber de não fragmentar a unidade do seu conceito de si mesmo e enxergar a dicotomia desnecessária no mundo de hoje nos ajuda a entender que o Eu e o Outro são, antes de ser um conceito filosófico ou de

qualquer área da ciência social, substâncias que somos nós afinal. Acredito que a relação entre o Eu e o Outro é melhor elucidada nas obras literárias usando linguagem mais fácil e real e, em particular, sem ou com menor fragmentação conceitual. Os pedaços das duas obras que cito abaixo exprimem bem tanto a ideia do encontro como uma relação atual entre Eu e Tu quanto à importância da palavra em transformar o Outro, que era insignificante para mim, em Tu significativo e presente. O primeiro é uma cena em *O Pequeno Príncipe* (SAINT-EXUPÉRY, 1943), a cena do primeiro encontro entre o Pequeno Príncipe e a raposa:

[...] E foi então que apareceu a raposa:
 “Bom dia.” Disse a raposa.
 “Bom dia.”, respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando a sua volta, nada viu.
 “Eu estou aqui”, disse a voz, “debaixo da madeira...”
 “Quem és tu?”, perguntou o príncipezinho. “Tu és bem bonita...”
 “Sou uma raposa”, disse a raposa.
 “Vem brincar comigo”, propôs ele. “Estou tão triste...”
 “Eu não posso brincar contigo.”, disse a raposa, “**Não me cativaram ainda**”.
 “Ah! Desculpe”, disse o príncipezinho. Mas após refletir, acrescentou:
 “O que quer dizer ‘cativar’?” [...] **“Eu procuro amigos. Que quer dizer ‘cativar’?”**
 “É algo quase sempre esquecido”, disse a raposa, “**Significa ‘criar laços’...**
“Criar laços?”
 “Exatamente”, disse a raposa. “Tu não és ainda para mim senão um garotointeiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, **se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único do mundo. E eu serei para ti única no mundo...**” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 64-66, Grifo nosso)

Por sua vez, no poema de Kim Chun-su (1922 – 2004)¹² intitulado “Flor”, está vislumbrado de modo mais explícito o sentido da palavra. Os seguintes são os dois primeiros versos do poema:

Antes de eu lhe pronunciar o nome,
 Ele não era
 Mais que um simples gesto.
 Quando eu lhe pronunciei o nome,
 ele veio a mim
 e se tornou uma flor

¹² 김춘수 (Kim Chun-su) é um poeta coreano que começou a carreira ativamente desde os anos 1940. Escreveu poemas que procuraram descobrir a essência inerente ao interior das coisas, o que tornou o poeta ser chamado de “poeta de consciência”. As obras como 꽃 (Flor) e 꽃을 위한 서시 (Prólogo para a flor), nas quais enfatiza-se a relação entre a existência e a palavra, foram escritas quando o poeta andava mais com a preocupação ontológica na fase inicial da sua carreira como poeta. Kim Chun-su atuou também como crítico. Vide os anexos 1, 2 e 3 para consultar o poema original completo em coreano e as versões em inglês e português.

[...] (KIM,1955¹³)

Entende-se que tanto o diálogo entre o príncipe e a raposa quanto o poema de Kim descrevem uma transformação do outro, terceira pessoa em segunda pessoa. O príncipe para a raposa e a raposa para o príncipe eram um Outro – embora a relação entre eles ainda não chegou a ser íntima porque o príncipe ainda não cativou a raposa – da mesma maneira que Ele era um outro para Eu antes de este proferir o nome a Ele no poema de Kim. A ideia transmitida nas duas obras, no meu entender, o Outro pode ser classificado em duas fases: o Outro que é o Tu como segunda pessoa e o Outro que se chama de Ele ou Ela na forma de terceira pessoa. Seguindo esse raciocínio, é possível sugerir que o encontro entre o príncipe e a raposa já é um confronto, mas essa relação Eu-Tu se tornará intensificada à medida que ela for se transformando em diálogo, isto é, cada um for sendo cativado pelo outro. De modo semelhante, no poema de Kim, Ele era apenas um “gesto” para Mim, mas ao ser pronunciado o nome a ele, Ele se tornou uma “flor”, uma revelação na atualidade.

É nessa relação Eu-Tu que se instaura a alteridade essencial. Buber nos alerta que no relacionamento Eu-Isso o outro não é encontrado como outro em sua alteridade. Isso é porque a noção de alteridade é ganha somente através da experiência de “entre”, na relação dialógica presente: “o “entre”, o ‘inter-valo’ é o lugar de revelação da palavra proferida pelo ser. Este intervalo existe entre Eu e Tu e entre Eu e Isso (BUBER, 1974, p. 34)”. O homem adquire *mind* (MEAD, 1934) e se torna *self*, consciente de si através da resposta e reação da pessoa a quem é dirigida a palavra – essa resposta, revelada “entre” dois parceiros. Em outras palavras, a resposta e a reação de Tu para Eu torna possível Eu se olhar a partir dos olhos de Tu. Por isso, o fenômeno da resposta é essencial à relação, ou à existência da esfera “entre” e à experiência da alteridade tanto para Mead quanto para Buber.

Assim, somente depois da constituição da *palavra-princípio Eu-Tu*, a outra pode constituir-se. Somente agora o Tu, originalmente inexperienciável, torna-se o Outro como terceira pessoa: um Ele ou Ela, ou Isso. Aqui precisa-se tomar cuidado para não se deixar levar pelo equívoco de supor que Eu-Tu não é exclusivamente a relação inter-humana, nem Eu-Isso exclusivamente a relação entre o homem e coisa. Buber (1974) explica que há muitas maneiras de Eu-Tu e o Tu pode ser qualquer ser que esteja presente na face-a-face: homem, Deus, uma obra de arte, uma pedra, uma flor, uma peça musical. E Eu-Isso em si não é um mal. Ele se torna fonte de mal só quando ele é a primeira e única atitude da nossa parte com a

¹³ O poema foi originalmente publicado na Revista 현대문학 (*Hyundai Munhak*, Literatura Moderna), n. 9, em setembro de 1955. A tradução do poema para português foi feita por Yun Jung Im, atual coordenadora do Grupo de Estudos Coreanos-USP e publicada na Revista Cultura Tropical, No 4, em abril de 1988.

qual nos relacionamos com o mundo – porque nesse caso, na verdade, não há uma relação verdadeira, mas sim somente a experiência e utilização ou até exploração. Isto é, não se trata de dois estados de ser, mas dois modos de ser do homem a ser tomados “incessantemente num ritmo constante” (Ibid., p. 34).

Buber assinala que o homem se colocar diante do mundo como o Eu da *palavra-princípio Eu-Isso* é indispensável para criar a perspectiva do mundo e assim elaborar o projeto da vida, isto é, para ser o sujeito nesse processo. A respeito da inevitabilidade e necessidade da transformação do Tu no Isso, Buber (1974) diz:

[...] De fato, somente agora ele ordena as coisas em uma conexão espaço-temporal-causal: somente agora, ele determina a cada um seu lugar, a sua evolução, a sua mensurabilidade, a sua condição. [...] somente o Isso pode ser ordenado. As coisas não são classificáveis senão na medida em que, deixando de ser nosso Tu, se transformam em nosso Isso. O Tu não conhece nenhum sistema de coordenadas. (Ibid., p. 70-72)

E uma vez que tem a memória da relação Eu-Tu, o indivíduo como sujeito, ou o Eu em si, não é mais um ser meramente objetivo, isolado dos outros, cuja qualidade não se repete com os outros. Buber (1974) prossegue falando:

O homem não está limitado ao mundo do Isso e que pode sempre evadir-se para o mundo da relação. Aí o Eu e o Tu se defrontam um com o outro livremente, numa ação recíproca que não está ligada a nenhuma causalidade e não possui dela o menor matiz: aqui o homem encontra a garantia da liberdade de seu ser e do Ser. Somente aquele que conhece a relação e a presença do Tu, está apto a tomar uma decisão. Aquele que toma uma decisão é livre, pois se apresenta diante da Face. (Ibid., p. 85)

Como entendemos anteriormente, a *alteridade* essencial se instaura somente na relação Eu-Tu, mas é no mundo do Isso, ordenado e coerente, que nós podemos nos entender com os outros e que pode haver aplicação “criativa” (MEAD, 1934) da *alteridade* pelo Eu como sujeito. É neste sentido que Buber (Op.cit., p.60) diz: “O essencial é vivido na presença, as objetividades no passado”. A *alteridade* sem a subjetividade é a universalidade sem particularidade

Porém, pode surgir aqui o problema de como um indivíduo engloba as relações que ele tem com diversos Tus vinculados às diferentes culturas, instituições e ideias etc. A relação com cada Tu já é única e as relações com vários Tus se encontram soltas uma das outras. Enquanto o homem se relaciona com cada um deles em um encontro atual, basta ele se concentrar em cada relação no presente. Mas quando ele entra no mundo da objetividade,

precisa ordenar essas relações com coerência para se posicionar no mundo com coerência. As experiências da alteridade em múltiplas relações e situações, se não são digeridos de modo coerente em torno de um “eixo” pelo indivíduo, podem lhe gerar sentimentos de fragmentação, confusão, inferioridade, insegurança e até hostilidade. Além disso, embora o que se debilita com encerramento do encontro não seja a relação, mas a atualidade de sua imediatez (BUBER, 1974, p. 117) – aliás, nem todo mundo consegue pensar desse modo e, mesmo que consiga, as emoções também funcionam fortemente –, para algumas pessoas tal separação pode marcar de modo mais negativa causando sentimentos como tristeza, desespero e ceticismo. Em ambos os casos, poderia-se supor o sentimento de falta ou de vazio. Tratar desse ponto é importante porque, como Gilberto Velho (1987) observou com muita razão, as emoções não simplesmente afetam o meu projeto, mas são matéria-prima dele. A esse respeito, Buber, que vê o homem e o mundo como a via de acesso para a relação com o Tu eterno, traz sua reflexão sobre essa relação que engloba todas as relações humanas. O importante a notar é que assim como na sua reflexão sobre a relação entre o homem e o mundo, Buber se preocupou mais em entender a relação entre o homem e Deus, e não Deus em si. Diz Buber (1974):

No grande privilégio da relação pura, os privilégios do mundo do Isso são abolidos. A continuidade do mundo do Tu é assegurada graças a esse privilégio: os momentos isolados das relações se unem para uma vida de vínculo no mundo. Este privilégio confere ao mundo do Tu seu poder formador: o espírito é apto a penetrar nele e transformá-lo. Graças a este privilégio não somos abandonados à estranheza do mundo nem à desatualização do Eu e à tirania de fantasmas. (BUBER, op.cit., p. 118)

Para terminar, segundo Buber, como está bem descrita na passagem acima, a situação problemática acima colocada referentes às relações humanas pode ser resolvida na relação com Deus, que é o Tu totalmente presente e que jamais pode ser reduzido a um Isso. Assim, para quem vive consciente não só da inevitabilidade e da necessidade da transformação do Tu em Isso nas relações humanas, mas também da exclusividade absoluta e inclusividade absoluta (BUBER, 1974, p. 103) da relação com o Tu eterno, as relações passadas se reúnem de modo coerente e se tornam imagináveis as relações potenciais a ocorrerem futuramente. Acredito que abordar essa reflexão é necessário a fim de entender a influência da dimensão religiosa - como instituição bem como o conteúdo da religião - na constituição da identidade da *geração 1.5* dos imigrantes coreanos e na elaboração do projeto da vida no Brasil.

1.2.4 Filósofo coreano Tak Seok-san e antropólogo brasileiro Gilberto Velho

O nosso objeto-alvo, imigrantes coreanos em São Paulo, mais precisamente, a *Geração 1.5* deles não somente provêm da Coreia mas também vivem de acordo com a(s) memória(s) formada e reconstruída na Coreia no sólo brasileiro onde vêm se formando novas memórias. Todas essas memórias – da Coreia e do Brasil – formam “um contexto em que diferentes ‘mundos’ ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito (VELHO, 1987, p. 33)” e trabalham no processo da construção da identidade e da elaboração de projetos individuais. Neste capítulo, cientes da relevância da dimensão social e cultural de ambas as sociedades na nossa discussão, adotamos teorias e argumentos de Tak Seok-san, filósofo coreano e Gilberto Velho, antropólogo brasileiro a fim de fornecer a base sobre como a questão de projeto de vida do indivíduo é abordada nas sociedades coreana e brasileira respectivamente, as quais são desafiadas constantemente para lidar com a globalização e transnacionalização. Sendo uma tradicionalmente definida como sociedade homogênea, a outra, como diversa ou multicultural, a própria noção de identidade nacional varia nas duas sociedades. Portanto, considera-se intrínseco aplicar os pontos de vista tanto dos autores coreanos quanto dos brasileiros, à análise dos resultados da pesquisa realizada para este trabalho, que foi motivado pela percepção de perigo de desconsideração da cultura originária dos nossos Outros com quem nos relacionamos (FISCHMANN, 2005).¹⁴

Acreditamos que o discurso de Tak Seok-san (2000), que preocupa com uma identidade coreana mais distinguível das outras e comunicável com elas ao mesmo tempo – ou seja, mais “identificável ‘das’ outras e ‘com’ as outras” – no mundo globalizado, poderia corresponder à tese de Gilberto Velho que nos proporciona uma reflexão aprofundada sobre a identidade no mundo caracterizado pela sua complexidade, heterogeneidade e a extrema fragmentação de papéis e domínios. Pois, embora as bases em que os dois autores atuam sejam diferentes e assim motivações pelos trabalhos de cada um também, acredita-se que ambos os trabalhos chamam atenção à necessidade de elaboração de um projeto individual e social. E especialmente considera-se que a reflexão dos dois autores tem grande relevância na análise das entrevistas realizadas para os indivíduos da *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo, os quais têm tanto a Coreia quanto o Brasil como referência na construção da identidade e a elaboração de projetos.

¹⁴ Roseli Fischmann trata dessa questão no seu artigo “A relevância de dimensão cultural na pesquisa em educação”, publicado na Revista *Eccos*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-56, em junho de 2005. Aqui a autora privilegia “pluralidade cultural e educação”, trazendo à reflexão obstáculos epistemológicos advindos, sobretudo, do desconhecimento e desconsideração com a dimensão cultural.

1.2.4.1 Filósofo coreano Tak Seok-san: sobre a identidade da Coreia

Tak Seok-san (탁석산) é um filósofo coreano que tem sempre trabalhado em sua própria sociedade, coreana, assim como Gilberto Velho, na brasileira, procurando estabelecer a identidade coreana, ou seja, a propriedade que torna os coreanos “nós”, distinguidos dos outros. O que torna essa jornada difícil, não somente para Tak, mas também para muitos outros pesquisadores que atuam nas diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais como antropologia, sociologia, filosofia, história, jornalismo etc. é o fato de que o contexto verdadeiramente internacional em que a Coreia encontra-se hoje é recente. Isto é, embora tenha feito esforços para definir sua identidade nacional, isso foi feito mais de dentro pra fora: em outras palavras, ela foi trabalhada a partir de dentro como uma maneira de se defender de alguma força estrangeira desconhecida. E após a Independência até a década de 1980 o desejo pela independência econômica reinava no país reunindo toda a população em torno desse um objetivo. É oportuno colocar aqui a observação de Susan Campbell (apud KANG, J., 2006) em *Comunidade global* que diz: “Quanto mais centralizada a estrutura do poder de uma comunidade é, menos confusão ocorre dentro de um grupo em torno do conflito de poder e de papel”.

Então, para a Coreia, que se encontra em um contexto bastante diferente de há duas ou três décadas no máximo, mais individualizado e mais globalizado, e sem aquele poder centralizador, o desafio é estabelecer a identidade coreana mais relevante ao contexto atual. Isso nos lembra, por sua vez, o que McLaughlin e Davidson (1985) fala a este respeito: “Em comunidades que não tem estrutura de poder centralizado, o tempo e a energia foram dedicados mais a tratar os assuntos como diferenças e identidade das pessoas e a reunir-se para tomada de decisão.”

Enfim, são recentes os trabalhos de pesquisadores coreanos que tratam da identidade coreana no contexto global. Estima-se que, embora tenham existido etnólogos e folcloristas que estudam a cultura e a sociedade coreana dentro de moldura coreana, estudos feitos por coreanos com uma visão mais ampla, situando-se no contexto razoavelmente internacional, ainda não estão em fase madura. De acordo com a abertura às influências de fora cada vez mais crescentes e a coexistência das pessoas e culturas tangíveis bem como intangíveis, até recentemente não consideradas “parte de nós e do nosso”, no seu território, a necessidade de uma reelaboração mais sofisticada – não exclusivista mas autônoma – da identidade coreana também vem sendo cada vez mais enfatizada.

A tese de Tak (2000, p. 15) parte da percepção aguda de tal situação. Ele começa o seu livro dizendo: “Agora nós (coreanos) estamos expostos ao mundo e em um sistema em que é difícil sobrevivermos sem intercâmbio com outros países”. É óbvio que se torna difícil estabelecer “nós” no mundo se antes não tratar da “minha identidade”, pois, somente estabelecendo a identidade de uma forma ou outra é possível se apresentar ao mundo como sujeito do projeto da sua vida. No sentido em que Tak procura tratar da identidade coreana no mundo contemporâneo de modo mais realista, sempre tendo em mente a “direção ou rumo” a ser seguido pelo “sujeito” a partir da identidade estabelecida, a reflexão dele propicia um diálogo com a tese de Gilberto Velho mesmo que os dois autores utilizem vocabulários diferentes.

Estima-se que a coreanidade quase sempre era definida como uma particularidade que normalmente se distinguia nitidamente das culturas dos outros países, isto é, até antes de começar intercâmbios com estes de diversas naturezas e dimensões. Essa particularidade parece agora formar uma certa tensão frente à inevitabilidade de ser posicionada na universalidade mais do que nunca. Ao longo da sua reflexão, Tak nos propõe continuamente indagações sobre como poderá se resolver a crítica de que a particularidade não direcionada à universalidade gera paralização e exclusivismo. Será que é possível preservar-se a particularidade da Coreia mesmo não contrariando a universalidade? Para Tak (2000), a razão por que é mais difícil ter uma resposta nítida na Coreia é porque:

A situação em que estamos não é confortável. Se nós fôssemos potência mundial e ao mesmo tempo país culturalmente avançado, não precisaríamos nos preocupar tanto em definir o que é ser “coreano”. Pois, sendo assim, teríamos a vontade e capacidade de absorver todas as culturas e digeri-las como a nossa cultura e poderíamos falar sem hesitar que todas as coisas e culturas adaptadas ou transformadas na nossa são realmente a nossa. Mas somos um país pequeno e fraco. E somos culturalmente subdesenvolvidos. Como nós, sendo um país pequeno e fraco e culturalmente subdesenvolvido, poderemos nos proteger dos intercâmbios com outros países mais potentes e culturalmente mais desenvolvidos, ou seja, da invasão deles? (TAK, 2000, p. 49, tradução nossa)

Pode-se dizer que, nesse ínterim de dez anos de 2000 quando ele escreveu isso para cá, a posição da Coreia no mundo tem sido elevada especialmente com seu destaque no setores de eletrônica e tecnologia da informação, um dos resultados da ênfase dada à educação, como também nas áreas de artes e esportes entre outros. Mas mesmo assim, permanece a preocupação de Tak e até se agrava. Pois, à proporção que a Coreia vai se apresentando no mundo, os outros países também vem ampliando seu espaço na Coreia com velocidade mais

acelerada. Assim, os aspectos da globalização hoje são mais diversificados e complexos. A observação de Giddens sobre a identidade nos dias de hoje parece ser válida na nossa discussão também embora ele esteja se referindo à identidade do indivíduo

Tak delimita sua discussão, a fim de estabelecer uma identidade coreana mais englobalizante, à identidade da Coreia, distinguindo ela da identidade dos coreanos. Acredita-se que isso pode ajudar a compreendermos melhor a identidade dos imigrantes coreanos no Brasil. Isso porque, apesar de que o que será tratado com foco neste trabalho em se estudando a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos é mais a identidade do indivíduo, a identidade da Coreia forma uma base na construção da identidade individual desses imigrantes coreanos no Brasil. É essa base – o grau de participação dessa base coreana na construção da identidade dos imigrantes coreanos varia caso a caso – que torna distinta a identidade dos imigrantes coreanos da identidade de muitos outros brasileiros. Por sua vez, a porção brasileira que os imigrantes coreanos têm na sua identidade os deixa diferentes dos coreanos da Coreia. É inevitável que o pensamento e estilo de vida destes dois não se coincidam um com outro, ou seja, a identidade individual dos dois não seja idêntica. Contudo, o que torna possível os imigrantes coreanos ainda se sentirem coreanos seria a identidade da Coreia, a qual compartilham com os coreanos na Coreia e o mesmo pode-se dizer quanto à identidade do Brasil, presente na identidade dos imigrantes coreanos.

Entrando na discussão com efeito sobre como verificar a identidade da Coreia, Tak (Ibid.) propõe *contemporaneidade*, *popularidade* e *subjetividade*. Primeiro, para estudar a identidade da Coreia, é necessário começar a partir de fenômenos atuais da sociedade coreana, isto é, a *contemporaneidade* é um dos critérios em verificar a identidade da Coreia. Se algo que está acontecendo hoje na Coreia tem significado importante, é isso que precisa ser estudado. Em outras palavras, fenômenos meramente do passado não podem ser o objeto da contemplação quando o assunto se trata da identidade e, é desejável que o passado seja incluído nesse processo somente quando for necessário para resolver o problema de hoje. Mas a *contemporaneidade* sozinha não é suficiente. Afinal, qual dos fenômenos contemporâneos devemos tomar como objeto? Conforme Tak, a *popularidade* tem que ser outro critério porque algo ser popular quer dizer que grande número de pessoas simpatiza com isso, o que ajuda a verificação da identidade. O que reflete bem o quadro atual de uma sociedade é aquilo que é compartilhado entre muitas pessoas, independentemente do seu nível de sofisticação. Por último, a *subjetividade* é um critério decisivo aqui. O mesmo fenômeno pode ser interpretado e tratado de modo diferente por sujeitos diferentes que o experienciam. Então, com que atitude aceitamos certa cultura ou sistema é uma condição importante para verificar a

identidade. Nesse sentido, a reflexão de Maurice Halbwachs no seu livro “La Mémoire collective” (1968) que os atores da sociedade, indivíduos e coletivos, reorganizam o passado baseado no presente parece exprimir condensadamente as três condições de identidade, estabelecidas por Tak.

Apesar de que ficou mais concretizada a discussão com o estabelecimento de três critérios, ainda parece permanecer um ponto ambíguo e, portanto, polêmico quanto a própria definição do conceito “identidade”. Quando se fala da identidade, logo ela é relacionada ao conceito “inerência”. Tak aponta o hábito de coreanos de discutir a origem ou a raiz quando tratam da questão da identidade e afirma que a origem não pode ser o critério da identidade e que ela não contribui de forma alguma para decidir a identidade. Para melhor explicar sua posição, ele traz a interpretação do termo em questão, isto é, “inerência” por Jo Ji-hun (조지훈, 3 de dezembro de 1920 - 17 de maio de 1968)¹⁵, poeta e crítico coreano:

A opinião de que não há pensamento inerente da Coreia vem fundamentalmente da concepção errônea de duas coisas. Uma é sobre a essência da cultura ou da ideologia, e a outra é sobre o significado das palavras “inerente” e “personalidade étnica”. Primeiramente, a essência da cultura ou da ideologia reside no fato de que elas se movem ou mudam e se misturam com outras e, é a característica única da cultura étnica formada exatamente nesse processo de mudança que chamamos de “inerente”. Portanto, a cultura ou a ideologia tem seu significado na personalização por cada nação ou etnia do estilo de vida e do pensamento da humanidade como um todo. Segundo, a palavra “inerente” não quer dizer “existir desde o começo. Ser identificável com outras coisas ao mesmo tempo que é distinguido delas, ser impossível existir em algum outro lugar, isso é ser inerente. Portanto, a ideologia ou pensamento inerente não significa algo que existe desde remoto, mas que passou a estar aqui de modo único e autônomo. Isto é, o que podemos chamar de ideologia ou pensamento inerente da Coreia é o padrão ou estilo coreano dos pensamentos existentes em toda a humanidade, ou seja, a maneira de pensar do povo coreano em comum sobre as coisas, descoberta durante a convivência na mesma circunstância geográfica, histórica, folclórica etc.” (JO apud TAK, 2000, p. 85-86)

Alicerçado neste tipo de reflexão, Tak assinala que a questão ao se tratar da *inerência* não é a raiz ou origem, mas sim, a personalidade e a unicidade que vem de interpretações e adaptações diferentes das coisas por sujeitos diferentes. O importante é o que existe no presente, reconstruído pela “criatividade do Eu (MEAD, 1934)”. Isto é, algo do passado é

¹⁵ Jo Ji-hun foi poeta, crítico e ativista coreano. Nascido na cidade de Yeongyang da província de Gyeongsangbuk-do, durante o período de ocupação colonial japonesa na Coreia, ele se formou na Faculdade Hyehwa em 1941, com especialidade nas Artes Liberais. Serviu como presidente da Associação de Poetas Coreanos e também foi diretor-fundador do Centro de Pesquisa da Cultura Nacional na Universidade Korea.

reproduzido ou reconstruído, passando a existir no momento presente, ele pertence ao presente. Em outras palavras, a tradição aceita como verdade oficial é reinterpretada e reorganizada pelos indivíduos e coletivos (MIN, 2001). Neste sentido, a afirmação de Tak (2000, p. 17, 106) de que somente o passado reproduzido é o presente e pode servir como um elemento em decidir nossa identidade constata a relevância de memórias na elaboração de *projeto*, a qual é suficientemente refletida no trabalho de Velho. Além disso, a definição por Jo Ji-hun da palavra “inerência” como essa poderia servir como uma explicação satisfatória da *contemporaneidade*, *popularidade* e *subjetividade*, três critérios adotados acima por Tak.

Então, o que é a identidade da Coreia que satisfaz os critérios acima ditos? Tak sugere que há duas coisas que distinguem da Coreia de outras nações ou etnias: uma é a língua coreana e a outra é natureza ou característica inerente em diversas esferas da sociedade coreana em comum. Primeiro, há consenso em torno da importância da língua nacional como o meio mais destacado e efetivo em verificar a identidade de uma nação. Em especial, a Coreia possui o *Hangeul* (한글), alfabeto coreano. Então, para Tak também, é extremamente natural verificar a identidade da Coreia tomando como critério o *Hangeul*. Segundo, agora resta examinar se há algum traço comumente captado em diversas áreas como literatura, arte, música, costume do dia-a-dia, culinária etc. e extrair, a partir disso, o que se pode dizer ser o estilo coreano. Chegando a este ponto, Tak não parece estar tão certo como quanto à língua. Porque ainda não está sendo realizada minuciosamente a pesquisa sobre características que definem a Coreia em diversas áreas da sociedade. O que ele pondera apontando tal realidade é que é muito provável que essas características em comum a serem reunidas para estabelecer a identidade da Coreia sejam algo relacionado à mentalidade. (Ibid., p. 41-47)

Uma vez que essa é a situação na própria Coreia, acreditamos que seria possível estreitar o escopo dessas características nos relatos dos entrevistados com relação a quais características da Coreia são tomadas como essencial ou simbólico pelos imigrantes coreanos, especialmente da *Geração 1.5*, na preservação da identidade como coreano.

1.2.4.2 Gilberto Velho: sobre projeto, memória e identidade na sociedade moderna complexa

Enquanto Tak, partindo da percepção da especificidade da sociedade coreana no contexto internacional, tenta dar uma orientação em estabelecer a identidade da Coreia, a reflexão de Gilberto Velho se desenvolve sobre a sociedade brasileira em que ele atua como cidadão e como um pesquisador, a qual é caracterizada mais explicitamente pela diversidade e complexidade e por mais tempo do que a Coreia. Na circunstância como essa, ele sente a

necessidade de trazer uma preocupação teórica de lidar com a questão da construção de *projetos* pelos indivíduos e da relevância de *memórias* nesse processo, o que é diretamente ligada à *identidade* do indivíduo.

A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea têm como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. No mundo existem mais de duzentos países¹⁶ e, mesmo dentro da fronteira de uma nação, existem diversas subculturas. É a globalização, ou na globalização, que acelera o cruzamento do ser humano por culturas diferentes, de conhecimentos dessas culturas das fronteiras nacionais. Como resultado, o que nós vemos hoje em nossa sociedade não é somente a coexistência da tradição e da modernidade, mas também a coexistência da nossa tradição e das tradições das outras culturas nacionais – em algum sentido, elas, mesmo sendo valores bem tradicionais em suas terras, o fato de que as mesmas podem sair da sua terra de origem e adotadas em outras culturas pode ser considerado um perfil da modernidade.

O que foi descrito acima é uma tendência geral que permeia o mundo contemporâneo. Na Coreia, a questão de identidade vem sendo tratada mais a partir da preocupação pela recente abertura do país ao mundo e crescente experiência de outras culturas dentro e fora do país. E a presença de subculturas étnicas na Coreia, visível como hoje, é mais recente ainda: o surgimento e aumento de famílias multiculturais dentro do território coreano realmente é um fenômeno que marcou a primeira década do século XXI da Coreia. Enquanto isso, no Brasil a situação de complexidade não se considera tão recente embora a globalização a tenha deixado mais complexa, pois o grande influxo de imigrantes de origem étnica mais variada na época de construção do país já deu a base para sua diversidade e complexidade. Assim, nela existem várias dimensões como étnica, religiosa, de gênero, etária e muito mais nas quais o indivíduo se situa de uma maneira plural e complexa e tal multiplicidade de referências que o indivíduo tem, como Velho (1987; 1994) aponta, gera algumas questões polêmicas. Acredito que tais polêmicas, em algum sentido, vêm do hiato entre a “vontade” de acreditar que, no Brasil, a identidade nacional e a identidade cultural são idênticas e o “fato” de que, na verdade, mesmo os cidadãos brasileiros que compartilham uma identidade nacional vivem com diversas

¹⁶ Esse número varia entre 222 e 237, dependendo de órgãos pesquisadores. O número total dos países que cada órgão oferece é o seguinte: World Map Finder 237; Banco Mundial 229; Agência de Importação 224; Korean National Intelligence Service 231; países membros da ONU 192; países membros da FIFA 210. Também é preciso levar em consideração os países não-independentes; Após 15 de agosto de 1945, data que encerrou 2ª Guerra Mundial, 104 países tornaram-se independentes e cerca de 10 países continuam como não-independentes, e outros países cujo número chega a aproximadamente 30, permaneceram como parte (semi-colônia) dos países como o Reino Unido, Rússia ou a França.

identidades culturais por serem oriundos, principalmente, de etnias diferentes um do outro. Queiroz (1989) observa:

Devido à história brasileira de independência conseguida sem guerras externas, ao contrário do ocorrido na maior parte de outros países, particularmente os europeus, a tendência entre os estudiosos brasileiros foi, ao longo do tempo, de confundir identidade cultural e identidade nacional, em uma perspectiva introvertida, portanto aí entendendo um patrimônio cultural comum semelhante, expresso de forma concreta, independentemente de conscientização, variando apenas “o grau em que cada complexo pesa num ou noutro estrato. (QUEIROZ, 1989 apud FISCHMANN, 1996)

Além disso, não se pode esquecer que nem todos os residentes permanentes no Brasil tem a nacionalidade brasileira – embora a nacionalidade como estatuto legal não determine a identidade nacional, uma exerce influência importante sobre a outra –, pois bom número dos imigrantes ainda mantêm sua nacionalidade originária e vivem no Brasil como residentes permanentes. E se for olhar os imigrantes coreanos, o objeto-alvo do nosso trabalho, estima-se que a nacionalidade da maior parte da primeira geração e da *Geração 1.5* deles ainda é coreana e que entre eles a naturalização ocorre normalmente só quando for necessário – por exemplo, quando decidirem trabalhar com certas carreiras profissionais que aceitam apenas cidadãos brasileiros como advogado, juiz, polícia e político entre outras, ou exercer o direito de votar. Sendo antropólogo, Velho rejeita uma compreensão simplificadora de *outra(s) cultura(s)*, cuja separação com a minha ou entre elas não é feita tão nitidamente porque a distância física, espacial, pode ser “enganadora”, especialmente no mundo contemporâneo (VELHO, 1987). A observação dele de que outros aspectos, dimensões, traços, podem ser as fronteiras mais significativas como religião, a identidade étnica, a ideologia política etc. é bem oportuna no estudo da sociedade brasileira onde existem várias subculturas étnicas e de outras dimensões, como vimos enfatizando. A cidade de São Paulo chama mais atenção neste sentido por ser a megalópole mais inter-racial do mundo em que essa complexidade e heterogeneidade se observam mais intensamente: nela ocorre de modo diferenciado a socialização dos imigrantes coreanos bem como os de origem diferente comparando os que residem nas outras cidades interiores.

O problema essencial da existência de tradições diferentes como essa é sobre “comunicação” entre os grupos, segmentos e indivíduos que representam elas. Existem certos temas, determinados paradigmas culturais mais significativos e que têm um potencial de difusão e contaminação maior do que outros. Sendo assim, os indivíduos pertencentes a diferentes culturas, como Velho (1987) destacou:

[...] vivem permanentemente a contradição entre as particularizações de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a universalização de outras experiências que se expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores – paradigmas, temas etc. (VELHO, 1987, p. 18)

Como foi observado, mesmo que uma sociedade adote os valores modernos – além dos valores realmente novos no contexto histórico mundial, todos os outros que não são tradicionais dessa sociedade – passiva e ativamente, não pode acontecer a substituição total dos velhos pelos novos. Ao passo que o indivíduo se destaca e é cada vez mais sujeito, sua relação com as instituições preexistentes também muda, as quais não desaparecem necessariamente mas mudam de caráter (VELHO, 1994, p. 98). E como as mudanças próprias da sociedade não são uniformes, a relação do indivíduo com essas mudanças também sofre de fase paradoxal, confusa, ambígua e até conflituosa muitas vezes. A respeito dessa situação em que o indivíduo de hoje se encontra, diz Giddens (2007):

À medida que a influência da tradição e do costume definha em nível mundial, a própria base de nossa identidade – nosso senso de individualidade – muda. Em situações mais tradicionais, o senso de identidade é sustentado em grande parte pela estabilidade das posições ocupados pelos indivíduos na comunidade. Ali onde a tradição declina, e a escolha do estilo de vida prevalece, a individualidade não fica isenta. O senso de identidade tem de ser criado e recriado de forma mais ativa que antes. Na verdade, estava construindo um modelo para a renovação do senso de identidade, nos estágios iniciais de uma cultura de tradições em declínio. Afinal, o que acontece na psicanálise é que o indivíduo revisita seu passado para criar maior autonomia para o futuro. (GIDDENS, 2007, p. 57)

Isso também é a situação em que se encontram os imigrantes coreanos no Brasil, especialmente, em São Paulo. Frente a algumas possibilidades com relação a como lidar e agir, o indivíduo se perde sem poder escolher uma ou mais possibilidade(s) e pisar solidamente nela(s), pois na verdade, essas possibilidades não são classificadas tão nitidamente. Em outras palavras, uma das polêmicas em torno dessa situação é: “até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais” (VELHO, op.cit., p. 97). Então, no contexto da nossa discussão, poderia-se dizer que *projeto* é uma estratégia para lidar com essa “ambiguidade”, “fragmentação” e “contradição” em meio à coexistência de diferentes configurações de valores ou *campos de possibilidades*, o qual tem seu significado, ou deve ter, no entendimento de Velho, como uma tentativa consciente de dar um sentido ou uma coerência a essa experiência fragmentadora.

A partir dessa observação Velho (1987; 1994) estabelece relações entre *memória* e *projeto* e sua importância para a constituição de identidade(s) na sociedade moderna que vivemos hoje. É necessário frisar dois pontos para entender a relação entre *memória* e *projeto*: um, é imprescindível a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher porque é o ponto de partida para se falar de projeto; dois, porém, é igualmente importante lembrar que não há um *projeto* puramente individual que não tome como referência os outros (indivíduos e grupos ou entidades de diversas categorias). Isto é, a construção de *projeto* é um processo interno e subjetivo, mas também que deve envolver a objetividade do mundo em que o agente de *projeto* participa. Por este motivo, o indivíduo precisa estar consciente das experiências anteriores (passado), da complexidade do momento em que está (presente), e enfim, do que pretende fazer com base nisso (futuro). Pois, como Alfred Schutz (1971) coloca, quando há ação com algum objetivo predeterminado ter-se-á o *projeto*, que é “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Sobre a necessidade de fazer um *projeto* e a relevância da *memória* do indivíduo como elaborador e ator desse *projeto*, está bem colocado na passagem abaixo:

A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma *memória* que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de *projetos*. Portanto, se a *memória* permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão se atingidos. A consciência do *projeto* depende, fundamentalmente, da *memória* que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar *projetos* [...] o *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. (SCHUTZ, 1971, p. 101)

Assim, entende-se disso que a *memória* do indivíduo é relevante tanto para ele mesmo quanto para a sociedade em que ele atua. Pois, primeiramente, a *memória* em si é uma versão interpretada do que passou na trajetória do indivíduo no “convívio com os outros” – a não ser que ele tenha vivido completamente isoladamente do mundo –, e segundo, a utilização da *memória* no *projeto* do futuro a torna mais relevante ainda porque o *projeto* é sobretudo “meio de comunicação ou negociação” com outros atores de seu *projeto*, quer indivíduos quer coletivos. A partir dessa consciência, acreditamos que poderia-se resumir o significado de *projeto* sugerido por Velho (1987; 1994) em dois: um como a força organizadora da *memória* fragmentada, o que contribui diretamente na formação de *identidade*, e o outro como “força

constitutiva de modelos, paradigmas e configurações de diversas dimensões que atuam sobre a sociedade (VELHO, 1994, p. 102)”.

Para finalizar, o *projeto* de cada ator inclui ponto único e particular não só porque atores são oriundos de culturas diferentes, mas também porque no *projeto* também entram emoções deles. E formando a combinação de fatores psicológicos, sociais, históricos, ele se torna realmente única e impossível de ser repetida. Mas também, o *projeto* é um gesto ativo que procura descobrir por detrás das diferenças ou unicidades dos *projetos* dos diferentes atores um ser humano universal. Velho (1994) reforça, dessa forma, o pensamento de que a própria existência de *projeto* mostra a afirmação de uma confiança no indivíduo-sujeito. Se puder agregar mais um, o *projeto* também é um ato de reconhecimento da existência do Outro, que deve ser o Eu, ou seja, um outro indivíduo-sujeito a fazer seus projetos.

Assim, vimos as indagações e reflexões de dois autores sobre a identidade no mundo contemporâneo em torno de alguns conceitos-chave colocados por cada um dos autores. Tak e Velho trabalham como pesquisador em áreas diferentes das Ciências Humanas e Sociais, um na filosofia, outro na antropologia. Além disso, embora ambos os autores estejam tratando da questão da identidade, as preocupações específicas dos dois não se coincidem uma com a outra. Enquanto Tak se preocupa em como estabelecer a identidade da Coreia no contexto da globalização, Velho aprofunda sua reflexão sobre como o indivíduo pode dar continuidade em experiências e memórias fragmentadas para constituir sua identidade de modo mais coerente e consistente possível. Mas considera-se apropriado a colocação como essa considerando que é no Brasil, e não na Coreia, que nosso objeto-alvo, a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos vive hoje tendo que formular e executar o *projeto* de vida. A identidade individual dos componentes dessa geração se constrói no Brasil e a participação da identidade da Coreia do projeto e da identidade individual deles é como *memórias* ou *matérias*: com certeza, o grau de tal participação deve variar mesmo entre os indivíduos da *Geração 1.5*.

Com certeza, esses projetos devem conter erros e causar situações conflituosas, pois as próprias memórias que são matérias dos projetos não representam a harmonia e paz total assim como a história do ser humano é formada junto com e por erros. É nesse sentido que Mills (2004, p. 218) tem razão ao observar que talvez a história realmente seja algo que se faz pelo ser humano que somos nós. O importante não é acabar com as crises do mundo de vez, mas sim, ter consciência do papel do indivíduo de recolocação e explicação dos problemas (Ibid., p. 214-215), e isso não seria nada mais que o projeto de que Velho fala.

CAPÍTULO 2. COREIA E BRASIL: CONTRASTES

Os problemas aqui tratados são estruturais: primeiro, são estruturais no sentido de que, seja um indivíduo, uma coisa material, ou um acontecimento, ele está situado dentro da sociedade que é uma estrutura; e segundo, são estruturais em termos de tempo, considerando que isso também encontra-se dentro de fluxo histórico. Neste sentido, torna-se possível sugerir que, para poder explicá-los direito, eles devem ser estudados do ponto de vista clássico de olhá-los como a vida de um indivíduo e, ao mesmo tempo, como a história da época. Somente a partir de tal ponto de vista, como Mills (2004, p. 218) alega, podemos traçar correlação entre ambiente do indivíduo e estrutura social que influencia a formação de valores principais do indivíduo e, fazer uma análise a respeito disso. Junto com isso, “o princípio de peculiaridade histórica”, adotado por Marx Weber, também deveria ser respeitado, de acordo com o qual, acima de tudo, “cada sociedade deve ser compreendida a partir do ângulo da época em que ela existia”. Em outra palavra, num certo momento histórico, diversos mecanismos de transformação se cruzam (*intersect each other*), o que Karl Mannheim (1893-1947) designou “*principia media*” (1967), como John Stuart Mill já antes o denominara. O que gostaria de destacar conforme este ponto de vista é que em estudos científicos sociais os fatores históricos não ocupam seu lugar apenas como “*background*”, mas como fator, causa peculiar inerente ao objeto em si. (MILLS, op.cit., p. 187-188) Portanto, para poder desenvolver qualquer discussão sobre a noção do Outro pelos imigrantes coreanos no Brasil e pelos brasileiros que estão mais integrados à sociedade brasileira, é necessário ter uma visão geral das sociedades brasileira e coreana.

2.1 Coreia do Sul

A história de cinco mil anos desde a fundação do primeiro país na Península Coreana é uma das coisas das quais a Coreia mais se orgulha. Neste tópico será tratada a história do povo coreano antes da separação da península devido à sua relevância em entender a homogeneidade, característica marcante da sociedade coreana por muito tempo. Porém, quando não há nenhuma especificação, “a Coreia” ou “os coreanos ou imigrantes coreanos” no presente trabalho refere-se somente à Coreia do Sul. E será especificado como a Coreia do Sul e a do Norte quando precisar distinguir as duas.

A Coreia do Sul hoje é caracterizada por sua mudança rápida. A velocidade de tal mudança tem aumentado desde que a economia da Coreia do Sul surgiu como conseguindo o assim chamado Milagre do Rio Han. Sendo a décima terceira maior economia do mundo, a Coreia do Sul conseguiu grande salto em seu PIB, que hoje chega a aproximadamente US\$ 969,9 bilhões em 2007, quase 500 vezes maior do que o de 1962, US\$ 2,3 bilhões. E a renda per capita saltou de US\$ 87 em 1962 para US\$ 20.045 em 2007. Ao longo das décadas entre esse espaço de tempo, uma série de planos quinquenais deu continuidade ao desenvolvimento do país enquanto foi sustentado e consolidado pelas reformas educacionais, nas quais a obrigatoriedade do ensino fundamental foi um princípio simbólico que representa a importância dada a educação. Foi através da ênfase à educação que a Coreia tem gerado recursos humanos cada vez mais crescentes em número e qualificados. Para a Coreia que não se beneficia das condições da natureza, recursos humanos se consideram a única e a maior arma para a sobrevivência do país na competição com o mundo. E no país totalmente devastado depois da guerra civil, única maneira com a qual a então Coreia do Sul podia contar era o investimento em pessoas por meio da educação. Agora a Coreia do Sul tem bastante recursos humanos e eles, além de suprir o mercado interno, são enviados para o Exterior frequentemente.

Ao ritmo do desenvolvimento econômico, o quadro da vida material na Coreia tem se tornado cada vez mais rico e diversificado, absorvendo influências de fora do país. Muitos apontam, como a essência dessa mudança, que a homogeneidade geral na sociedade coreana, que podia ser mantida com a base na estrutura econômica de agricultura, foi atingida. O problema apontado pelas vozes críticas é de que, apesar da homogeneidade nas esferas visíveis do dia-a-dia não ser tão absoluta quanto antes, a obstinação pela homogeneidade do povo coreano ainda parece forte. E isso muitas vezes causa conflitos não só entre indivíduos diferentes, mas também dentro de si, o que pode ser considerado o resultado que vem da diferença nos ritmos de mudança material e mental.

Neste trabalho, foram escolhidos aqueles que saíram da Coreia do Sul nos quatro períodos diferentes – 1960s, 1970s, 1980s e 1990s – como objeto-alvo da pesquisa. Considera-se imprescindível entender a atmosfera da sociedade coreana nessas épocas, definida como fase de transição, primeiro porque muitos dos imigrantes coreanos no Brasil foram movidos mais pelos fatores de expulsão do país. Além disso, entender tal mudança do contexto social, político e econômico ao longo desses períodos vai servir como base para examinar os pensamentos dos imigrantes coreanos no Brasil que saíram em tempos diferentes, assim, de contextos diferentes da Coreia do Sul. A seguir, examinaremos brevemente o

processo de tal mudança particularmente focando a homogeneidade da sociedade coreana que se acredita ter influenciado a noção do Eu/Nós e dos Outros dos coreanos. Como veremos nos capítulos posteriores, o escopo de tal noção que os imigrantes tinham passou a ser desafiado no contexto da imigração no Brasil e essa experiência parece dizer algo aos coreanos da Coreia que hoje estão lidando mais intensamente do que nunca com a homogeneidade cada vez mais desafiada, mas que ainda se considera como um traço muito forte.

2.1.1 Entrada da Coreia no contexto internacional

Mapa 2.1 - Localização geopolítica da Península Coreana
Reelaborado por Kim Sun-myung

Acredito que a percepção interna da homogeneidade da sociedade coreana, ou melhor, do homogeneísmo pelo povo coreano começou a ser sintetizada à medida que a

Coreia foi entrando com efeito no contexto internacional, cujo início se deu de maneira forçada e violenta.

A Península Coreana, que muitas vezes se caracteriza como um país étnico, foi dominada por um único país por mais de 1.000 anos com o estabelecimento da *Dinastia Goryeo*, (918~1392). Devido à sua característica geopolítica que é uma península localizada a extremo nordeste do Continente Asiático, a Coreia tem servido como ponte que liga o continente (China) e o mar (Japão). E isso, nos tempos pacíficos, foi um fator favorável que ajudou a Coreia a não ficar completamente isolada, mas também funcionou como uma atração aos países vizinhos que tinham ambição de expansão territorial através da invasão dos outros países. Foi esse segundo caso que influenciou de modo decisivo a história mais recente da Coreia: embora tenha tido muitos momentos em que adotava política de abertura para com o Exterior, se manteve uma homogeneidade forte na Coreia, acompanhada pela resistência às invasões estrangeiras. A última dinastia da Coreia, *Dinastia Joseon* (1392-1910) era a que se fechou mais inteiramente perante as demandas de fora por “portas abertas”. Na verdade, o nome do país passou pela alteração para “대한제국 (*Daehanjekuk*)” que se traduz como “O Grande Império Coreano (The Greater Korean Empire)” em 1897 sendo o então rei Gojong proclamado imperador. Ao longo da dinastia, foi executada uma política de isolamento nacional, chamada *쇄국정책 (Swaegukjeongchaek)* (1860s-1876), que era uma manifestação decidida da corte coreana de tal resistência à influência estrangeira. Sem precisar mencionar o Ocidente, quando os países vizinhos estavam abrindo seus portos à civilização ocidental, a Coreia, então Joseon estava indo contra essa onda. Em meados dos anos 1800, o Japão, com *Meiji Ishin*, traduzida como a restauração ou Revolução Meiji, já estava lidando com mudanças significativas que marcaram a modernização e ocidentalização do país. A modernização da China também deu-se nesse período. A China, que também aferrava-se à política de total isolamento como a Coreia, teve que abrir sua porta aos “bárbaros”, após as Guerras do Ó pio. Uma vez derrotada nessas guerras, a China foi obrigada a assinar uma série de tratados desiguais fazendo com que sucedesse movimentos como o *Movimento Taiping* (1851-1864) e o *Movimento Iang Wu* (1860-1880) que foram - apesar de terem sido motivados pela invasão - contribuintes em acelerar a modernização da China, a partir da estrutura constitucional da monarquia chinesa.

A reação da *Dinastia Joseon*, numa reunião ministerial, à aparição de cinco portugueses que desembarcaram na Ilha de Jeju no primeiro ano do Reinado de *Sunjo* (1801) mostra bem como os coreanos ficaram embaraçados pelo que aconteceu:

[...] “Você consegue identificar de que país eles são?” (정순왕후, Rainha Jeongsun) “Como a fala dele não é clara e, as letras também são bizarras e esquisitas, não podemos julgar ao certo.” (Primeiro-ministro Shim Hwan-ji) “O meu conhecimento era de que, no mundo, usam-se as mesmas letras (alfabetos, caracteres). Mas até as próprias letras são diferentes?” “Dizem que, nos livros que eles trouxeram, foi escrito em linha lateral de esquerda para direita e que, como as letras são tortas, não foi possível decifrá-las.” (PARK e JEON, 2008)

Passando por “contatos” com os ocidentais seja de natureza evangelística seja imperialista, se tornou difícil a Joseon se prender na península.

E já o início do século XX marcou o ponto de conversão da história da península. Como acontecimentos mais decisivos que ficaram gravados na memória coletiva dos coreanos, se pode citar o domínio japonês de 1910 a 1945 e a guerra da Coreia de 1950 a 1953. Estima-se que esses dois têm grande importância em compreender a formação da identidade coreana contemporânea. Primeiro, a invasão japonesa seria o que a levou a colocar-se em um contexto internacional com efeito. Apesar de que havia tentativas de reforma do país como Gabsin coup d'état (갑신정변, *Gabsinjeongbyeon*, 1884), e Reforma Gabo (갑오개혁, *Gabogaehyeok*, 1894), pelos componentes inovadores, elas não resultaram em sucesso, devido ao envolvimento e reação forte dos oponentes conservadores. Apesar disso, a Coreia, o então Império Coreano foi forçado a assinar o Tratado de Eulsa em 1905, e em 1910 finalmente sendo anexado ao Japão. Embora a Coreia já tivesse sofrido ameaças e invasões estrangeiras várias vezes, nenhuma delas tirara a total soberania do país como essa a fez. Além do significado simbólico, tal acontecimento, isto é, “perda total de sua soberania” nacional implicava para cada indivíduo coreano a perda de seu nome, o que se deu por causa de uma medida tomada pelo governo japonês de obrigar os coreanos a mudarem de nome para o japonês. Isso é uma das razões por que é difícil captar a presença coreana no Brasil antes das levas oficiais. Pois, possíveis coreanos de sangue que entraram no Brasil naquela época eram portadores de identidade japonesa, com nomes japoneses, e falantes de língua japonesa. De acordo com algumas pessoas com idade avançada das colônias coreana e japonesa, estima-se que existe um bom número – maior que o número já divulgado atualmente – dos coreanos que embarcaram no Brasil junto com imigrantes japoneses vivendo com nomes japoneses. De qualquer maneira, a perda da soberania da Coreia fez com que ela ficasse exposta ao mundo, “desarmado”, sem ter acumulado paulatinamente, ao longo do tempo, a experiência e o conhecimento da civilização ocidental. E o preço disso foi amargo.

Outra tragédia que envolveu toda a península coreana foi a guerra da Coreia (25.6.1950 - 27.7.1953) e a separação da península em duas. A independência da Coreia em

1945, apesar de ter sido o maior sonho do povo coreano, não era o fim de todos os conflitos, pois daí a pouco tempo, surgiu outro conflito principalmente entre os esquerdistas e direitistas da Coreia. O governo provisório ou governo interino, que foi organizado em 1919 dando estrutura a grupos de movimentos de independência da Coreia existentes desde o período colonial japonês, foi reduzido a um grupo político que abrange alas de esquerda, centrista e direita nos anos 1920s.¹⁷ Estima-se que o Acordo da Conferência de Moscou em 1945 agravou a confrontação entre essas linhas diferentes, em especial, entre a direita e a esquerda.

O Acordo da Conferência de Moscou, que foi uma declaração conjunta feita pelos Aliados, abrangendo um grande número de questões surgidas com o fim da Segunda Guerra Mundial, foi anunciado em 27 de dezembro de 1945, cerca de quatro meses após a independência coreana do regime colonial. Por esses quatro meses, aconteceram muitas coisas: foi organizado e Lee Seung-man e componentes do governo provisório retornaram para a península coreana. Houve movimentos políticos de cores diferentes enquanto houve também a voz que proclamava a necessidade de deixar atrás tais linhas políticas diferentes e unir-se para a construção de uma nação verdadeiramente independente. O mais representante entre esses movimentos foi o esforço para a integração do governo provisório e do governo popular da Coreia, ambos não reconhecidos pelos EUA. Mas a notícia sobre a Curadoria (*Trusteeship*) pelo Acordo causou uma grande confusão no país. Muito diferente do que foi conhecido em relação ao Acordo, o foco dele era o estabelecimento do governo democrático provisório da Coreia como está afirmado no artigo 1º do acordo e, não a Curadoria. E no artigo 2º, foi decidida a instalação de uma Comissão pelos EUA e URSS para auxiliar a formação de um único governo provisório na Coreia. A Curadoria foi colocada no artigo 3º dizendo: “A Curadoria pelos quatro poderes – os EUA, o Reino Unido, a URSS e a China – no máximo de cinco anos será necessário antes da Coreia ter capacidade de ficar

¹⁷ Na segunda metade da década de 1920, o governo provisório foi reorganizado ao redor de Kim Gu que tinha uma linha nacionalista forte e também linha anticomunista bastante forte. Sua linha política foi fortemente influenciada pelo Partido Nacionalista Chinês. Enquanto isso, Lee Seung-man foi à direita do eixo. Ele já tinha desenvolvido, desde a década de 1890, as atividades políticas e participou de um movimento pro monarquia constitucional, o que levou ele a ser condenado à morte em 1904. Com a ajuda de missionários ele se mudou para os Estados Unidos e recebeu diploma de mestre e doutor pela Universidade de Harvard e pela Universidade de Princeton. Enquanto na ala direita estavam localizados Lee Seung-man e o governo interino, a esquerda foi representada pelos comunistas Bakheonyoung e Kim Il-sung. Ao contrário de Park Heon-young, Kim Il-sung era capaz de falar de política um pouco mais flexível por causa de suas experiências nos palcos internacionais. Nos dados oficiais da China sobre Kim Il-sung, está registrado sobre as tendências nacionalistas do movimento de independência na Manchúria do qual ele tinha participado. Considera-se que tal experiência consolidou sua ideologia comunista fazendo com que posteriormente o nacionalismo se tornasse um lema importante. Foi anotado também o poder político das forças de centro, entre eles, sendo classificada como uma atividade moderada de esquerda Yeo Un Hyeong proeminente. Naquela época, a liberação do terreno político é como o desenho. (PARK, Tae-kyun, 2005, p. 49)

independente.”¹⁸ Esse terceiro artigo termina falando “a sugestão da Curadoria pela Comissão deve ser entregue ‘segundo consultas junto com o governo provisório da Coreia’” embora isso não quisesse dizer que tal decisão pudesse ser alterada dependendo de opiniões do povo coreano. Enfim, os direitistas se opuseram fortemente a tal decisão enquanto os esquerdistas manifestaram “o apoio geral para a decisão final do Acordo da Conferência de Moscou para com Joseon” quando o conteúdo do Acordo ficou difundido mais especificamente, movidos pela ambição de ocupar melhor posição no governo provisório a ser logo estabelecido, para dizer o mínimo. O ar que estava sendo formado rumo à integração das linhas políticas focando o meta em comum que era conseguir a independência verdadeira do país e dar o próximo passo para seu desenvolvimento foi interrompido por esse acontecimento. O conflito entre direitistas e esquerdistas foi se agravando e, a divisão entre elas ficou perto da separação oficial – que se deu depois da guerra da Coreia – em 1948. Isso foi quando a Coreia do Norte recusou-se a participar da eleição supervisionada pelas Nações Unidas, que levava à criação de dois governos coreanos separados para as duas zonas de ocupação. Depois disso, nasceu em 15 de agosto de 1948 a República da Coreia no Sul enquanto, no Norte, foi estabelecida a República Democrática Popular da Coreia (조선 민주주의 인민 공화국, *Joseon Minjujuui Inmin Gonghwaguk*) em setembro do mesmo ano.

E falando de modo bem resumido, o que levou a Península, que já estava em confrontação como acima descrito, à Guerra da Coreia foi a reivindicação por ambos os lados da soberania sobre a península inteira: ambos os lados queriam a reunificação da Coreia, mas sob seus respectivos governos. E tal confronto foi manifestado finalmente em 25 de junho de 1950 quando as forças armadas da Coreia do Norte invadiram a Coreia do Sul. No início, a guerra tinha mais característica de uma guerra civil. Embora tivessem estado presentes os conselhos militares dos EUA e URSS no Sul e no Norte respectivamente, eles não eram os diretamente envolvidos na guerra. Mas a guerra logo se tornou internacional à medida que as então potências mundiais começaram a enviar suas tropas para a guerra.

O que vale ser lembrado entre outros aqui é que essa guerra foi a manifestação mais hostil e violenta durante a Guerra Fria e que resultou em uma decisão marcante para a oficialização dos confrontos entre a esquerda e a direita: o Armistício em 27 de julho de 1953 que fixou as fronteiras entre as duas Coreias segundo as últimas linhas da batalha, na altura do paralelo 38°, tendo uma zona desmilitarizada na fronteira. Entre os grandes e pequenos

¹⁸ Fonte: “The Ambassador in the Soviet Union, Harriman, to the Secretary of State Moscow”, 27 de dezembro de 1945 em *Foreign Relations of United States, 1945. Vol. VI*, Washington D.C.: Government Printing Office, 1969, p. 1150-1151 (Apud PARK, T., 2005, p. 89)

problemas a ser resolvidos após a Guerra, a questão de repatriação de prisioneiros, que se considera o mais delicado –¹⁹ tem sua relevância em entender como se deu em 1956 a entrada de 50 ex-prisioneiros da guerra coreanos no Brasil, sobre a qual será tratada no próximo capítulo.

Não há dúvida que a Guerra devastou a península coreana. Mas quando o foco é dirigido à rápida reestruturação do país após a guerra, se pode dizer que ela até trouxe uma “nova criação” como Park Tae-gyun (2005) diz. Ele alega:

Será que é a ironia da história? A guerra que gerou a destruição total deu lugar a uma outra criação. Se não tivesse acontecido a guerra, será que poderiam ter acontecido tão rápido a capitalização da Coreia do Sul bem como a socialização da Coreia do Norte? O colapso da classe dos proprietários, paradoxalmente, teve o papel de promover e consolidar o capitalismo e socialismo nas Coreias do Sul e do Norte respectivamente. Embora os sistemas ideológico em dois lados foram diferentes um do outro, ambos os governos após a guerra abusaram seu poder em nome da restauração e desenvolvimento da economia. (PARK, T., 2005, p. 337)

De fato, as tragédias pelas quais o povo coreano passou na primeira metade do século XX deram lugar às seguidas transformações rápidas na sociedade coreana. Em especial, a segunda, a Guerra da Coreia marcou o início das duas jornadas bem diferentes, uma guiada pelo socialismo comunista aliada à União Soviética e à China e outra pela democracia capitalista, aliada aos Estados Unidos. A herança em comum e a memória em comum pelos coreanos dos dois lados terminam por aí. Hoje, falar apenas a Coreia passa a causar certa confusão: tem que se esclarecer colocando “do Sul” ou “do Norte”, pois a partir de então, a diferença da ideologia política entre as duas partes afetou todas as esferas da vida: a economia, valores sociais e culturais, linguagem, costumes e mentalidade do povo.

Aí começa a história da República da Coreia, ou como é chamado mais comumente, da Coreia do Sul. Os anos de 1950 eram quando a sociedade inteira estava em alarme devido

¹⁹ Na negociação após a guerra, foram tratados cinco assuntos: adoção da agenda; estabelecimento da linha de paralelo 38° como linha de demarcação militar entre os dois lados e estabelecimento de uma zona desmilitarizada, como condições básicas para cessação de hostilidades na Coreia; retirada de forças armadas de países estrangeiros da Península Coreana; arranjo concreto para a realização de cessar-fogo e armistício na Coreia; arranjo referente a prisioneiros da guerra seguindo o armistício. Dentre eles, o assunto sobre prisioneiros permaneceu o mais complicado e causou mais discordâncias entre as duas partes, o que fez a negociação durar dezoito meses e onze dias até que enfim foi encerrada. Na verdade, como já havia existido um acordo internacional para tratar de problemas relacionados a prisioneiros de guerra, não houve algum ponto problemático em especial, ao menos, teoricamente. Pois, de acordo com a Convenção III, Convenção de Genebra Relativa ao Tratamento dos Prisioneiros de Guerra de 12 de Agosto de 1949, prisioneiros de Guerra teriam de ser enviados para seus países de origem incondicionalmente, como se vê na SECÇ ã O II que diz sobre Libertação e repatriamento dos prisioneiros de guerra no fim das hostilidades: segundo o Artigo 118º, “Os prisioneiros de guerra serão libertados e repatriados sem demora depois do fim das hostilidades ativas.”

à memória da guerra. O governo de Lee Seung-man, voltado à reconstrução do país enfatizou a política anticomunismo, enquanto secretamente prosseguiu planos para governar longo prazo. A ambição de Lee trouxe irregularidades e corrupção na sociedade e a Constituição foi injustamente alterada conforme a qual os funcionários públicos fossem mobilizados para a criação de esquemas de votação ilegal. Além disso, a administração veementemente oprimiu suas oposições políticas. Durante a quarta eleição presidencial realizada em 15 de março de 1960, a administração de Lee cometeu práticas eleitorais ilegais numa escala sem precedentes. Enfurecidos, estudantes e os cidadãos levantaram em protesto, enquanto a polícia tentou esmagar os protestos pela força. Os protestos contra as eleições ilegais viraram mais fortes e, em 19 de abril, os protestos culminaram forçando o governo a declarar estado de emergência e abrir fogo contra os manifestantes. Indignados, professores universitários, bem como cidadãos comuns e até mesmo membros da força policial se juntaram aos manifestantes. Presidente Lee se demitiu do cargo e do Partido da Liberdade caiu. Depois que o governo Rhee foi derrubado após a Revolução de 19 de abril, uma nova Constituição foi elaborada para criar um governo liderado por um parlamentar *premier*. O gabinete parlamentar bicameral criado pela nova Constituição foi uma tentativa de implementar uma política democrática e promover o desenvolvimento econômico. Exacerbadas, as pessoas de todas as esferas da vida em toda a sociedade reclamaram, como os dirigentes não conseguiram demonstrar bastante esforço na construção de uma nova nação.

Em meio a um clima político caótico acima descrito, um grupo de soldados sob o comando do general Park Jung-hee, realizou um golpe de Estado e estabeleceu um governo militar em 1961 (golpe de Estado de 16 de maio). O governo militar governou o país sob uma Constituição modificada que criou uma presidência forte, sendo o general Park eleito presidente durante uma eleição realizada sob a nova Constituição redigida. O governo recém-inaugurado empurrou mais intensamente do que nunca o anticomunismo e a modernização da Coreia e ativamente implementou políticas econômicas voltadas ao crescimento rápido e foi nesse contexto que o governo se interessou pela ideia de enviar seu povo para o Exterior. O Projeto de Emigração que já tinha começado a ser elaborado no regime de Lee passou a dar novo impulso conforme políticas mais ativas por Park. Tais políticas voltadas à Reconstrução econômica do país tinham como principal objetivo assegurar a subsistência básica do povo. Para atingir seu objetivo, o governo promoveu o Projeto de Emigração Coreana para o Brasil na década de 1960 como uma estratégia, literalmente, de “saída”. E ao mesmo tempo, ele, visando o fortalecimento da estrutura econômica interna, implementou uma série das iniciativas de desenvolvimento econômico de cinco anos, assim chamada “Plano Quinquenal

de Desenvolvimento Econômico” realizada em quatro vezes de 1962 a 1981. Com o capital estrangeiro e tecnologia, as fábricas foram construídas e, sob o lema “Exportar é sobreviver”. Além dos produtos fabricados em cima da base industrial que estava sendo erguida, a Coreia exportou até mão-de-obra: despachou tropas coreanas para a Guerra do Vietnã em 1965. Após a implementação bem sucedida das duas primeiras rodadas dos Planos Quinquenais de Desenvolvimento Econômico, a economia da Coreia cresceu tremendamente e tal realização econômica da Coreia foi apelidada de “milagre do rio Han.” Durante as rodadas 3 e 4 da execução do Planos Quinquenais de Desenvolvimento da Economia, que começou em 1972, o foco foi colocado sobre o desenvolvimento da indústria química pesada, e ele provou ser muito bem sucedido.²⁰ Enquanto isso, o 새마을 운동 (*Saemaeul Undong*) que significa o Movimento Vila Nova varreu aldeias rurais da agricultura de acordo com a política de Park como forma de modernizar e melhorar a vida dos agricultores. Estima-se que o lema do governo que procurava a diligência do povo coincidiu com os valores protestantes fato de que houve um crescimento explosivo em número de crentes protestantes serve para explicar por que mais que a metade dos emigrantes coreanos nessa época era constituída por cristãos.²¹

No entanto, a jornada bem sucedida de Park como presidente, pelo menos, em termos de desenvolvimento econômico, começou a ser problematizada mais forte do que antes quando, em 1971, o governo Park Jung-hee entrou em um terceiro mandato da presidência (sétimo Presidente da República da Coreia), após alteração da Constituição em nome do cumprimento de sua missão de restauração nacional e modernização da pátria. O incidente mais culminante guiado pela ambição de Park pelo controle do país por longo prazo foi a reeleição dele como o oitavo Presidente e a imediata proclamação da Constituição Yusin, o que era, segundo ele, “uma forma de praticar a democracia do ‘estilo coreano’”.²² Sob a Constituição Yusin novos poderes presidenciais foram reforçadas e a presidência foi transformada em uma ditadura jurídica em que ele poderia ser reeleito quantas vezes quisesse através de um sistema de votação indireta, o qual Park foi capaz de manipular facilmente. Aparentemente o sistema Yusin foi prejudicial para o desenvolvimento democrático e a

²⁰ A Siderurgia e construção de usina nuclear da POSCO na cidade de Guri são os símbolos da indústria química pesada bem sucedida da Coreia.

²¹ O Movimento *Saemaul* aumento dos rendimentos dos agricultores e vilas de pescadores, bem como melhorar seus ambientes de vida. Mais tarde, o Movimento *Saemaul* desenvolvido em um movimento espiritual para melhorar os ambientes de vida das áreas rurais e urbanas, e serviu como um caso exemplar para outros países estrangeiros para seguir.

²² Com o fim de providenciar a base para tal ato, Park dissolveu a Assembleia Nacional e proclamou a lei marcial em toda a Coreia do Sul em outubro de 1972, logo depois organizando o Conselho Nacional de Unificação (UCN), que foi apenas uma entidade eletiva prontamente manipulada necessária para prolongar a sua ditadura.

ditadura do poder continuou a manter um controle firme sobre todos os aspectos da sociedade, incluindo a supressão da imprensa. Como resultado, o sistema repressivo Yusin desencadeou uma forte resistência do povo. Estudantes, ativistas políticos e da imprensa começaram os movimentos contra o sistema Yusin, juntamente com os trabalhadores que protestaram por melhores condições de trabalho. No entanto, o movimento democrático foi fortemente oprimido pelo governo, que mobilizou as forças policiais para reprimir os protestos, até finalmente encerrando a cortina sobre os sete anos do sistema Yusin com a morte do presidente Park em 1979.²³

A década de 1980, apesar do encerramento da ditadura por Park, ainda não começou com um ar esperançoso para com a democracia. Aproveitando-se da confusão política, um grupo novo do poder militar liderado por Chun Doo-hwan tomou o governo (dezembro de Incidentes 12). O novo poder militar respondeu ao proclamar a lei marcial, proibindo qualquer atividade política como uma forma de suspender novos movimentos democráticos. O amplamente conhecido Movimento de Democratização de 5-18 foi uma manifestação mais expressiva e sangrenta, mas silenciosa por certo tempo²⁴, contra a ditadura militar em que estudantes e manifestantes foram brutalmente violentados e assassinados pelas forças especiais mobilizadas pelo novo poder militar. O Estado autoritário de Chun Doo-hwan, eleito o novo presidente por meio do sistema de votação indireta apoiada por mais uma nova Constituição e dissolução da Assembleia Nacional, novamente enfrentou forte resistência do povo. Quando o protesto em prol da democratização em grande escala começou em junho de 1987, o governo aceitou a demanda do povo por democratização e revisou a constituição para permitir a eleição direta do presidente. Mas apesar do desejo do povo por presidente civil, na eleição presidencial realizada, foi eleito outro militar, Roh Tae-woo. Mas Presidente Roh, que tinha uma base de apoio fraco do povo, exerceu sua política baseada nas ideias democráticas da Declaração de 29 de junho. Além disso, ele realizou um evento que serviu como momento decisivo para colocar a Coreia do Sul num palco internacional, mostrando ao mundo o que a Coreia do Sul se tornou após a Guerra da Coreia: ele acolheu com êxito os Jogos Olímpicos de Seul em 1988.

Seguindo essa atmosfera, o que marcou o início dos anos 1990 foi a aceitação simultânea tanto da Coreia do Sul como do Norte como membros das Nações Unidas em 1991. E durante a eleição presidencial de 1992, Kim Young-sam, um ativista político que

²³ Forçado em um canto, o presidente Park enfrentou um confronto político interno com seus apoiadores e no dia 26 de outubro de 1979, ele foi assassinado por um de seus aliados mais próximos.

²⁴ Foi mantida sob controle rígido pelo poder militar a libertação de qualquer notícia do incidente sangrento.

tinha lutado pela democracia foi eleito presidente, marcando a primeira vez que um presidente civil assumiu o governo da Coreia do Sul. Ele, além de normalizar o sistema político corrupto, reconheceu a honra perdida das pessoas que sacrificaram suas vidas no Movimento de Democratização de Gwangju de 18 de maio. E a democracia ganhou novo impulso com a sucessão do cargo de presidente por Kim Dae-jung, líder do movimento democrático. No final da década de 1990, devido à escassez de reservas cambiais, na sequência da dívida externa excessiva, e uma desaceleração nas exportações, a Coreia foi forçada a uma crise econômica em 1997. Após o resgate econômico do FMI, a economia da Coreia estava em grandes dificuldades, e o governo, bem como as empresas se submeteram ao processo doloroso de reestruturação. O que se destacou durante o mandato do presidente Kim, junto com os esforços árduos para a democratização do país, foram esforços para melhorar as relações com Coreia do Norte. Como resultado, em junho de 2000, um histórico encontro dos líderes da Coreia do Sul e do Norte realizou-se e a Declaração Conjunta Coreias do Sul e do Norte de 15 de junho foi anunciado.²⁵

Assim a história da Coreia do Sul após a Guerra da Coreia pode ser resumida como a jornada rumo à democratização e o desenvolvimento econômico do país. Estima-se que a segunda meta foi alcançada com alto grau de satisfação considerando o curto prazo e nada de infraestrutura que o país tinha então. Por sua vez, a primeira, isto é, a democratização passou pelo caminho doloroso: na década de 1960 foi estabelecido o regime de ditadura dando início ao movimento para a democratização; e entrando nos anos 1970 e 1980, esse movimento atingiu seu ápice com o prolongado mandato ditador do Park Jung-hee e os seguidos governos pelo poder militar; foi no final da década de 1980 que o presidente Roh, sendo oriundo do poder militar também, mostrou o gesto democrático, dando-se finalmente lugar ao governo pelo presidente civil por meio da eleição direta em 1992. Porém, a democracia da Coreia do Sul ainda se considera imatura, como sua curta história mostra também: o tempo de cerca de 50 anos talvez tivesse sido suficiente para a Coreia alcançar o crescimento proeminente econômico, mas não para estabelecer uma democracia madura.

Na verdade, como muitos políticos reconhecem, o início da história da democracia na Coreia do Sul se deu junto com o forte anticomunismo. Em nome do desenvolvimento econômico do país e do anticomunismo que se considerava o patriotismo, os direitos humanos foram brutalmente violados até os anos 1980, o que chegou a ser criticado pelas imprensas

²⁵ Por seus esforços valorosos, o presidente Kim recebeu o Prêmio Nobel em 2000. E a coorganização com sucesso da Copa do Mundo em 2002 pela Coreia e Japão também poderia ser considerado um gesto de reconciliação dos dois povos, especialmente quando se leva em consideração o antagonismo que ainda existe entre eles.

internacionais. Com a estabilização da base econômica bem como política desde os anos 1990, a exploração pelo Japão, a fome e o anticomunismo não eram mais palavras que definissem a sociedade coreana. Mas a memória desses incidentes em si e a estratégia ou projeto elaborado no nível nacional para sobreviver a essas situações emergentes fizeram com que a sociedade coreana ainda vivesse nelas de certa forma, causando efeitos colaterais. É sobre esse fenômeno que veremos em seguida.

2.1.2 À procura da homogeneidade: como a base da formação da identidade coreana

Como se vê na trajetória pela qual a Coreia do Sul tem passado brevemente iluminada acima, não faz muito tempo que o povo coreano enfrentou a necessidade de pensar sua identidade em um quadro mais amplo, no contexto verdadeiramente internacional. Pode-se dizer que a percepção de que o que a sociedade coreana hoje tem talvez seja mais o homogeneísmo do que a homogeneidade também foi possível nesse contexto. Aqui precisamos focar o fato de que os acontecimentos acima descritos – a anexação da Coreia no Japão e a Guerra da Coreia – trouxeram alterações significativas de alguns valores tradicionais. Neste ponto, acredito que é necessário repensar a palavra “tradicional”, pois muitas vezes nos enganamos como se a tradição fosse algum padrão objetivo. Anthony Giddens (2007) pondera que:

Nenhuma sociedade tradicional era inteiramente tradicional, e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de razões. [...] Além disso, as tradições sempre incorporam poder, quer tenham sido construídas de maneira deliberada ou não. [...] A ideia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. Se posso me expressar assim, elas são inventadas e reinventadas.” (GIDDENS, 2007, p. 50-51)

Nesse sentido, é imprescindível entender que a identidade do povo coreano bem como a obstinação pela homogeneidade da sociedade coreana não são valores que existiram desde tempos remotos. Como veremos adiante, as circunstâncias extremas fizeram com que os “fatos” históricos, que dizem ser a base da homogeneidade ampla na sociedade coreana, surgissem na superfície e até no currículo nacional como um “valor” a ser buscado e preservado e com o qual os coreanos devem se orgulhar. Isto é, a homogeneidade que realmente tem sido uma característica da sociedade coreana passou por um processo de se tornar “homogeneísmo”. E da mesma maneira, não se pode concluir precipitadamente que a

identidade nacional étnica coreana é algo que já se tinha formado antes desses acontecimentos, apesar da continuidade política, linguística e geográfica por um mil anos.

Poucos discordam que a identidade nacional étnica tem sido uma fonte crucial de orgulho e inspiração para os coreanos durante os anos turbulentos de transição da Coreia para a modernidade que envolveu colonialismo, divisão territorial, Guerra da Coreia, e políticas autoritárias. (SHIN, G., 2006) Ao contrário da intenção do Japão, o domínio japonês não erradicou a consciência nacional dos coreanos, mas fortaleceu seu clamor por uma identidade étnica realmente distinta e homogênea. Vejamos o que Moore-Jr. (1985) diz com respeito a isso:

Como apelo, o nacionalismo funciona melhor nos estados que sofrera derrota na guerra recentemente, especialmente quando a ocupação inimiga se segue à derrota. Contudo, é bastante útil em outras situações. Qualquer percepção que o grupo tenha de si provém de suas relações com outros grupos. Ele cria sua identidade a partir destas relações, alguma coisa que existe acima e contra estes grupos. (MOORE-JR., 1985, p. 657)

Se pode dizer que foi através desse mecanismo que se deu o motivo mais forte para o povo coreano unir-se ao redor da noção de nação unitária, 단일민족 (*danil minjok*) ou 한겨레 (*hangyora*), fixando-se na mente do povo de uma maneira mais organizada: procurando a raiz em uma figura mística, chamada 단군 (*Dangun*), considerado um dos filhos de Deus que desceu para a terra e construiu 단군조선 (*Dangun Joseon*) e a raiz do povo coreano. Sob o governo colonial japonês e políticas de assimilação em que, claro, coreanos tinham de sempre se subordinar aos japoneses, a resistência cresceu cada vez mais e, como uma força inspiradora, a crença no *Dangun* foi enfatizada mais do que nunca. Yi Gwang-su (apud LEE, 1997), uma figura-chave durante o domínio colonial japonês, clamou que “혈통 (*hyeoltong*, linhagem de sangue)”, “성격 (*seonggyeok*, personalidade)” e “문화 (*munhwa*, cultura)” são três elementos fundamentais de uma nação e que “coreanos são, sem dúvida, uma nação unitária em sangue e cultura.” (SHIN, 2006) No entanto, não foi só no povo coreano que tal tendência pode ser observada. Pelo contrário, estabelecer alguns fatores, ou melhor, símbolos que possam unir o povo efetivamente na hora de crise do destino da nação tem sido uma das maneiras mais adotadas ao longo da história do mundo. Quanto a isso, Lee Gwang-gyu (1997), um dos primeiros antropólogos na Coreia, explica:

O sistema de identidade coletiva (*collective identity system*) que funcionava como força motriz do desenvolvimento cultural e motivo de ação para

membros da nação transforma em sistema de identidade persistente (persistent identity system), no qual se defende a si mesmo sob pressão de outras nações [...] Entre estes povos, ao serem pressionados pelas outras nações (ou povos), em especial, aquelas com a soberania, para integrar-se a elas, observam-se algumas características comuns quanto a manifestar o sistema de identidade persistente como uma forma de resistência. Primeiro, eles estabelecem o símbolo de identidade (identity symbol), atribuem-lhe um significado especial com o qual somente seu povo se identifica. Segundo, desenvolvem a consciência participativa da emoção comum que esse símbolo causa, e por fim, com o fim de manter esse efeito, formam relações sociais institucionalizadas. (LEE, 1997, p. 51, 52, tradução nossa)

Nesse sentido, se pode dizer que o mito de *Dangun* é um *símbolo de identidade* escolhido com o fim de difundir efetivamente a ideia de linhagem de sangue, característica, cultura coreana. Outros símbolos são a língua e o território que, entre outros, como Lee suscita, são de fato o que podemos ver com mais frequência e com mais impacto como símbolos de identidade ao longo da história do mundo. (Ibid., p. 53) O caso da Coreia também não foi exceção: o seu próprio alfabeto 한글 (*Hangeul*) e o território, que pode ser comparado ao “berço de consciência de nação” (Ibid.). É muito natural que o governo japonês colonista executou políticas como 창씨개명 (*Changssigemyeong*), política que forçou os coreanos a trocar seu nome para japonês, a proibição de uso da língua coreana, especialmente em escolas e órgãos públicos, a expulsão do grande número de coreanos para fora do território coreano etc.

A crença na etnicidade coreana homogênea e seu caráter distintivo fortalecida nesse contexto histórico são até hoje uma ideia enraizada profundamente na consciência e subconsciente de coreanos. Os dois fatores acima mencionados como o símbolo de identidade, a língua e o território em comum têm contribuído neste processo e, a língua, em particular, é um laço mais dinâmico. Lee (Ibid., p. 53) diz: “A língua em comum, que, em determinado momento, contribuiu mais do que outros fatores para formar uma consciência da etnia, funciona, mais uma vez, como a força mantenedora mais potente dessa consciência.” A ênfase na etnicidade coreana assim fortificada é uma característica que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul compartilham; estima-se que essa tendência é ainda mais forte na Coreia do Norte. Porém, após a libertação do Japão, tal consciência de ser um povo não conseguiu impedir o confronto entre os direitistas e os esquerdistas que acabou gerando a guerra dentro de um povo e a separação.

Foi após a guerra que voltaram a encontrar seu papel os *símbolos de identidade*. A ditadura militar (1961 – 1988) que dominou a Coreia logo depois do colapso da Segunda República democrática até a Sexta República pelo presidente Roh Tae-woo, utilizou

efetivamente os *símbolos de identidade*, apelando ao patriotismo do povo, para conseguir um desenvolvimento econômico rápido em curto prazo. Especialmente, a Coreia do Sul após a Independência enfrentou a necessidade de estabelecer um país democrático e desenvolver a cidadania democrática. A propósito, como o conceito de cidadania democrática não era uma noção tradicionalmente herdada para coreanos, sempre tem existido disputa constante ao redor da natureza de “cidadania democrática” e a maneira mais apropriada de realizar isso. Vale lembrar o fato de que a própria democracia na Coreia do Sul foi entendida como se fosse o sinônimo de anticomunismo nessa época, como foi dito antes. Como um resultado natural de tal imaturidade, o currículo nacional, cuja primeira versão foi proclamada em 1955, sofreu várias mudanças e reformas²⁶ – a última foi em 2008 que começou a ser aplicada a partir de 2009 – conforme, principalmente, a mudança de poderes. (KIM, H. J., 2004, p. 2-3) O que tem sido enfatizado durante esse tempo todo, mesmo em meio a essa falta de definição de cidadania democrática, é o centralismo, sustentado pela história coreana pela qual o povo inteiro passou. Em outras palavras, a identidade coreana no seu formato e natureza de agora é algo construído pela necessidade de unir o país em torno de um valor em comum.

São esses contextos que tornam constrangedor o ato de pensar e falar da identidade nacional, identidade étnica e identidade cultural separadamente para muitos coreanos. Entre os coreanos, quando o assunto é a identidade nacional coreana, inconscientemente assume-se que ela inclui não somente a identidade nacional, mas também a identidade étnica e cultural. Pois, como foi descrito acima, os coreanos têm desenvolvido um senso de nação baseado em sangue e ancestralidade compartilhados. Shin (2006) resume isso de modo efetivo falando: “A nação coreana foi ‘racializada’ através da fé em uma origem pré-histórica comum, produzindo um intenso senso de unicidade coletiva”. Etnicidade, por sua vez, é considerada como um fenômeno cultural baseado em uma língua e história comum, e raça, entendida como uma coletividade definida por fenotípico inato e imutável e características genotípicas. Apesar de estes dois conceitos não coincidirem completamente, o conceito de raça serviu como um fator marcante que fortaleceu a identidade étnica coreana, a qual era instrumental em definir a nação. (Ibid.)

Outro aspecto a ser examinado para entender a identidade do coreano é o comunitarianismo coreano transformado significativamente na época da Guerra da Coreia e fixado passando pelos tempos turbulentos seguidos da Guerra. De fato, há concordância de

²⁶ Até o momento, houve sete reformas e a última reforma entrará em vigor a partir de 2009: 1º currículo nacional (1955-1962); 2º currículo nacional (1963-1972); 3º currículo nacional (1973-1981); 4º currículo nacional (1982-1988); 5º currículo nacional (1989-1994); 6º currículo nacional (1995-1999); 7º currículo nacional (2000-2008); 8º currículo nacional (2009-).

que boa parte das características da sociedade coreana e dos coreanos foi formada ou transformada nessa época. Ao ser introduzido o individualismo ocidental, tanto esse individualismo como o comunitarianismo coreano passam a mudar suas características originais, mostrando um aspecto meio irônico. O comunitarianismo na antiga estrutura econômica baseada na agricultura realmente tinha seus méritos: a cooperação entre membros de comunidades agrícolas nos momentos de necessidades ultrapassava a fronteira familiar. Mas o chamado comunitarianismo de hoje, quando julgado à luz dos critérios do comunitarianismo tradicional coreano, é mais uma degeneração do que simples transformação. Assim como o individualismo coreano não é igual ao individualismo ocidental, o comunitarianismo que existe na sociedade contemporânea coreana também não é o mesmo que definia a Coreia até antes da modernidade. Jeon Sang-in (2001) designa isso como dissolução da comunidade tradicional causada pela Guerra da Coreia:

A Guerra da Coreia, como ela era uma situação extremamente difícil em que a entidade de sobrevivência não podia ultrapassar a fronteira de indivíduo e família, contribuiu decisivamente para dar à luz sociedade de desconfiança, sociedade de lucro pessoal e sociedade bárbara. Uma vez que o oportunismo e acaso na ação se instalaram como, por assim dizer, “regra de sobrevivência”, o senso de comunidade continha em si um lado bastante fictício e imaginário. (JEON, 2001, p. 178-179 apud KANG, J., 2006, p. 137, tradução nossa)

E Kang (2006) mostra como Choi Bong-young (1997)²⁷ apóia o argumento de Jeon como seguinte:

A Guerra da Coreia influenciou fortemente a filosofia da vida e políticas sociais dos coreanos. Conforme Choi, Guerra da Coreia causou uma mudança enorme ao desejo dos coreanos, isto é, a natureza egoísta extrema que tinha sido negada passou a assegurar sua legitimidade ao enfrentar situações de crise de vida ou morte. (CHOI, B. 1997, p. 238-239 apud KANG, J., 2006, p. 138, tradução nossa)

Isso é o quadro de hoje da identidade coreana, instalado fortemente, passando pelos acontecimentos e transformações radicais no século XX. No entanto, na sociedade coreana moderna existe uma face que parece meio contraditória nesse sentido de *unicidade* coletiva. Isto é, embora todos os membros do país em massa ajam sob a noção quase inconsciente que eles são um, colocando na mente um muro sólido entre si e raças e etnias não coreanas, na

²⁷ Choi Bong-young, historiador e sociólogo coreano, estudou a transformação que a sociedade coreana sofreu após a Guerra da Coreia e a influência da mesma à identidade dos coreanos.

verdade, raramente se capta entre eles, os coreanos étnicos que devem ser “um”, alguma consciência de unicidade coletiva consolidada e ativa. A chamada comunidade, enfim, se aplica muitas vezes a entidades mais estreitas como “família”, “parente”, “partidos políticos” etc. às quais eles se sentem pertencentes de fato.

Em suma, embora esteja fora do alcance desta pesquisa analisar o próprio nacionalismo coreano, o que parece óbvio é que, como a análise de Shin (2006) e Kang (2006), identidade nacional étnica baseada em *jus sanguinis* virou uma força totalitária em políticas, cultura, e sociedade e passou a anular outras identidades competitivas. E isso está diretamente ligado também ‘à pobreza de pensamento moderno’, inclusive o liberalismo, o conservadorismo, e o radicalismo, o que tem dificultado a diversidade cultural e social e a tolerância na sociedade coreana. (SHIN, G., 2006)

2.1.3 Homogeneidade desafiada

Estritamente falando, não é recente que foi levantada a necessidade de descartar tal homogeneidade em termos de raça ou etnia como um traço característico da sociedade coreana. Choi Keum-joa (1991, p.9) também tratou isso na sua dissertação sobre a imigração coreana apontando a tendência de imigrantes coreanos para preservar sua raça. A fé dos muitos coreanos de se considerarem etnicamente homogêneos vem sendo cada vez mais anulada pelo fato bastante óbvio de que coreanos agora são um híbrido produto da mistura entre mongóis, manchurianos, japoneses, chineses e polinésios.

Então, o que realmente está sendo desafiado especialmente desde o final do século XX seria, não a homogeneidade, mas o homogeneísmo, a crença na homogeneidade. Pois, a homogeneidade como um aspecto objetivo da sociedade coreana já estava sendo influenciada pelo influxo estrangeiro já a partir do período colonial japonês para dizer o mínimo. Pelo menos, muitas esferas da sociedade coreana hoje são altamente diversificadas, a partir da composição populacional por raça, etnia, religião etc. Diferente do que se pensa fora da Coreia, hoje não há uma única religião dominante na Coreia do Sul.

As religiões que contam com maior número de adeptos são o budismo e o cristianismo tanto católico quanto protestante, como se vê no gráfico 2.1, equivalentes a 43,0%, 34,5% e 20,6% respectivamente da população total. A maioria de 1,9% remanescente pratica confucionismo, xamanismo, Cheondogyo (*Heavenly Way*) e verifica-se até a presença do islamismo.

[Unidade: pessoa]

Gráfico 2.1 População por religião

Fonte: Korean Statistical Information Service - Kosis [2005]

[Unidade: pessoa]

Gráfico 2.2 Visitantes da Coreia do Sul de 1970 a 2007

Fonte: Organização de Turismo da Coreia

Tabela 2.1 – População de residentes estrangeiros na Coreia do Sul

[Unidade: pessoa]

População coreana com o certificado de registro como residente comunitário		49.593.665
Porcentagem da população (%)		2,2
Total de residents estrangeiros	Total	1.106.884
	Porcentagem (%)	100
Não-possuidores da nacionalidade coreana	Subtotal	925.470
	Trabalhadores estrangeiros	575.657
	Imigrantes via união matrimonial	125.673
	Estudantes	77.322
	Descendentes dos emigrantes coreanos	43.703
	Outros	103.115
Naturalizados coreanos	Subtotal	73.725
	Naturalização pelo casamento	41.417
	Outros motivos	32.308
Filhos dos residentes estrangeiros	Subtotal	107.689
	Pais estrangeiros	4.205
	Pais estrangeiro e coreano	88.485
	Pais coreanos	14.999
Famílias com residente estrangeiro como chefe	Famílias com residente estrangeiro como chefe	186.566

Fonte: Ministério da Administração Pública e Segurança

E a presença cada vez mais crescente de estrangeiros também tem contribuído para tornar os aspectos da vida na sociedade coreana mais diversificados e dinâmicos, dando lugar à fusão ou a mistura entre coisas e pessoas diferentes.

Para começar, o número de visitantes do país tem crescido constantemente desde a década de 1970, especialmente de 1980 para 1990, o número saltou drasticamente de 976 mil a 2.959 mil pessoas, provavelmente devido à realização bem sucedida dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul. A aceleração da diversificação do quadro de vida na Coreia se deu quando o novo governo democrático assumiu o poder em 1993 adotando uma política caracterizada pela introdução da ideia de globalização e sistema de mercado livre. A partir de então, costumes e culturas materiais estrangeiras, bem como pessoas estrangeiras têm sido introduzidos na Coreia. A estrutura populacional foi a faceta mais diretamente atingida por essa onda. O relatório abordado pelo Ministério da Administração Pública e Segurança em 2009 com levantamento dos dados estatísticos sobre residentes estrangeiros na Coreia mostra bem essa mudança do quadro populacional do país.

Como podemos ver na Tabela 2.1, o número de residentes estrangeiros incluindo os que residem ilegalmente na Coreia chega a 1.106.884, correspondente a 2,2% da população coreana. Deles, 925.470 pessoas (83,6% do total número de residentes estrangeiros) não possuem a nacionalidade coreana.

Os grupos que se destacam desses estrangeiros são trabalhadores industriais, imigrantes pela união matrimonial com coreanos, estudantes, descendentes dos emigrantes coreanos do Exterior, funcionários das empresas estrangeiras entre outros. Primeiro, com o novo influxo de trabalhadores estrangeiros, em particular oriundos dos países da Ásia do Sul e do Leste, que começou nos anos 90, calculou-se que em 2009 52% (575.657) do total de residentes estrangeiros na Coreia são dessa natureza.

É interessante ver também que a naturalização coreana dos estrangeiros residentes no país também ocorre com mais frequência. Em 2009 73.725 pessoas, que corresponde a 6,7% do total dos residentes estrangeiros adquiriram a nacionalidade coreana e, 41.417 deles fizeram-no pelo motivo do casamento.

De fato, os casos de casamento entre agricultores coreanos e mulheres convidadas dos outros países, também da mesma região acima comentada, por intermédio de agências matrimoniais também vêm aumentando.

O número de imigrantes, cuja absoluta maioria são mulheres, é de 125.673, 11,4% do total. Segundo os dados do Korean National Statistical Office (2009), casamento entre coreanos e estrangeiros registrou 33.300, sendo que 25.142 dos casos ocorreram entre homens

coreanos e mulheres imigrantes. A maioria desses estrangeiros é oriunda do Vietnã, Filipinas e da China.

Gráfico 2.3 – Casamento entre coreanos e estrangeiros na Coreia
Fonte: Korean National Statistical Office (2009)

Gráfico 2.4 – Caso de divórcio dos casais coreano-estrangeiro
Fonte: Korean National Statistical Office (2009)

Outra coisa que merece uma atenção especial com respeito a esse fenômeno é o nascimento da segunda geração desses casamentos interétnicos que torna inevitável uma reflexão sobre a noção de “Nós coreanos” de outro ponto de vista. Na verdade, a presença dos coreanos não-étnicos como coreanos mestiços e coreanos naturalizados não é recente. Por exemplo, 화교 (*hwagyo*), nome para designar descendentes dos chineses espalhados no mundo, já têm existido na Coreia por tempo significativo. Hoje devido aos fenômenos acima descritos, o assunto vem surgindo à tona paulatinamente, acompanhado pelo surgimento de novos termos. Depois que o termo *Kosian*, produzido juntando duas palavras “Korea” e “Asian”, começou a ser usado para designar a geração nascida da união entre trabalhadores desses países e mulheres coreanas em meados da década de 2000, o novo termo surgiu, com uso mais oficializado. Na segunda metade da década, o termo 다문화 가정 (*damunhwa gajeong*), que significa família multicultural, aparece com grande frequência nos espaços públicos como mesa de debate para estabelecer políticas referentes a tais famílias. Apesar de ser uma mudança significativa na sociedade coreana, esse fenômeno está sendo acompanhado por reações diferentes dos diversos setores da sociedade, inclusive conflitos dentro da própria família multicultural. Os casos de divórcios entre casais coreano-estrangeiro, no Gráfico 2.4, são um dos índices que mostram esses conflitos bem resumidamente.

Pode-se dizer que tudo isso reflete o quanto são presentes na Coreia estrangeiros ou coreanos não-étnicos hoje. Entender tal mudança é crucial aqui, pois isso implica na inevitabilidade de diversificação racial, étnica e cultural e isso, por sua vez, coloca a identidade coreana em uma situação problemática. A crença e obstinação com relação à homogeneidade fazem a clara distinção entre “coreanos étnicos” e “coreanos não-étnicos e estrangeiros”. A homogeneidade, que era mais um resultado no início, passou a ser uma ideia forte que define várias esferas da sociedade coreana até hoje. Essa ideia parece ter influenciado de modo que o povo coreano desse grande importância em estabelecer, obedecer e pertencer a algum padrão ou critério na vida. A Coreia ainda está obstinada em relação a essa ideia de povo único, às muitas regras e à homogeneidade, embora sejam tendências que estão perdendo cada vez mais sua posição na própria sociedade coreana moderna, principalmente devido ao influxo crescente de estrangeiros. A palavra “Nós”, a primeira pessoa plural que coreanos usam muitas vezes no lugar de “Eu”, tem sido algo muito sólido que reflete a força unificadora do povo nos momentos da crise nacional como invasão exterior. Porém, os olhares de estrangeiros residentes na Coreia para a sociedade coreana nos propiciam que pensemos nessa tendência a partir do ponto de vista dos nossos Outros, que

têm sido estranhados, discriminados e excluídos por Nós coreanos muitas vezes. A crítica de Park No-ja (2001), um russo radicado coreano, ou seja, um “coreano” de origem russa e professor de estudo coreano, sobre isso teve grande repercussão na sociedade coreana, especialmente chamando a atenção dos intelectuais. A concretização de tal crítica por meio da publicação do livro “A Coreia de vocês (당신들의 대한민국)” (PARK, N., 2001) até pode ser considerada um ato desafiador, pois, acima de tudo, a existência da atitude exclusivista como essa tinha permanecido na zona de ambiguidade muitas vezes. De fato, ainda é muito comum ver muitos coreanos terem mais afeto a “coreanos étnicos que vivem em países estrangeiros” do que a “coreanos não-étnicos que vivem na Coreia” (SHIN, G., 2006), cabendo aqueles a “Nós” e estes a “Outros”. Entretanto, a partir do início do século XXI, momento em que começou a surgir vozes de crítica tanto internas quanto externas, a chamada “tese de Nós” da Coreia vem se tornando um objeto de reflexão mais aprofundada. A conceituação do Nós e Outros faz parte de tal reflexão e a percepção de que esse Nós na Coreia frequentemente tem servido como um termo que exclui muitos não-coreanos, que podem ser Outros, mas com os quais compartilham uma interseção essencial sendo a humanidade como um todo.

Esforços como o de aumentar os programas de pós-graduação na área de estudo internacional - um dos programas de BK21²⁸ - e o de dar grande mérito aos que falem idiomas estrangeiros, em particular, inglês, não estão atrasados comparando com outros países. Em outra palavra, o investimento nos recursos humanos e nas matérias para acompanhar a globalização está sendo feito. Mas o esforço a ser feito dentro do país, especialmente, de lidar com essa população está sendo questionado e criticado cada vez mais pelas ONGs e outros órgãos de direitos humanos. Realmente, estão sendo exigidas urgentemente a reelaboração da maneira de pensar sobre a miscigenação e a mudança de atitude para com a mesma. Um recente exemplo disso é o aviso preocupante do Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial (CEDR). No dia 18 de agosto de 2007, o CEDR advertiu à Coreia a crise que o uso abusado dos termos como o povo único e o *mixed-bloods* pode causar numa sociedade com o número tão elevado de estrangeiros e de coreanos mestiços (ONU/CEDR, 2007).

²⁸ O Ministério de Educação propôs o projeto BK21, cuja essência é de formar os recursos humanos voltados à área de alta tecnologia e ciência e, através disso, reformar o sistema universitário e diminuir a concorrência exagerada para entrada em universidade. Com o projeto iniciado pela percepção de que, com o apoio tradicional do Governo às universidades, será impossível aprimorar a competitividade das universidades coreanas, o Governo pretende praticar investimento concentrado nas universidades e certas áreas de estudo que têm condição favorável e esforço próprio, para alcançar o nível mundial. A primeira etapa foi de 1999 a 2005 e a segunda etapa começou em 2006 e terminará em 2012. O site oficial do Projeto BK21 é <<http://bnc.krf.or.kr/home/bk21/index.do?method=getList&menuSN=0201>>.

Não se pode generalizar ou extremar como se a causa de conflitos e divórcios entre casais interétnicos na Coreia, ou seja, nas famílias multiculturais, estivesse no pensamento e atitude discriminatória da parte de coreanos contra seus cônjuges não-coreanos de sangue. Porém, como vemos no gráfico abaixo, o número dos casos de divórcio cada vez mais crescente entre 2004 e 2009 nos faz presumir que um dos motivos principais seria de que muitos ainda estão imaturos em entender e lidar com culturas diferentes dentro do seio familiar.

Ciente da importância de ter uma atitude mais flexível e tolerante para com os outros em meio a tais mudanças, o governo do presidente Lee Myung-bak promoveu assim chamado “nacionalismo aberto” que recusa a atitude exclusivista em torno da noção de “Nós” exclusivo. É óbvio que a identidade coreana não deve ser de natureza exclusivista. Mas ao mesmo tempo, ideias de cunho sincretista ou ecumênico, ou mera retórica cheia de palavras lindas, também não pode ser uma resposta. Com certeza, a identidade nacional étnica coreana tem exercido seu papel de uma maneira bastante construtiva no início da modernização do país e ela por si só não pode ser definida como um mal social. Uma simples verdade, mas que é esquecida muitas vezes por nós é que “Eu posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou.” Nem a obstinação cega a essa identidade exclusivista nem a negação total pode e deve ser uma solução desejável. O primeiro passo seria reconhecer que o nacionalismo étnico virou uma força tão intolerante que pode ser perigoso e opressivo quando misturado com racismo e outras ideologias essencialistas. (SHIN, G., 2006) E na arena constitucional e política, é necessário fazer uma revisão da noção de “cidadão”, à que não foi dada a atenção devida após o término do regime colonial japonês. E essa noção de cidadão tem que ser mais inclusiva. Shin (2006) enfatiza a urgência de tal esforço no seguinte parágrafo:

Coreanos precisam institucionalizar um sistema legal que mitigue práticas injustas e discriminação contra aqueles que não compartilham o sangue coreano. Coreanos precisam de uma moldura institucional para promover uma identidade nacional democrática que permitiria mais diversidade e tolerância entre seus cidadãos, do que simplesmente fazer apelo a uma consciência étnica que tende a encorajar uniformidade falsa e força conformidade a ela. Eles têm que encarar que eles podem viver juntos como cidadãos iguais de uma política democrática. Isso tem de ser uma parte integral de processos de consolidação democrática que a Coreia está atualmente passando. Senão, seria difícil esperar que a Coreia se torne “*Asia's hub*,” o que vai requerer a acomodação de diversidade e flexibilidade cultural e étnica. (SHIN, G., 2006, tradução nossa)

Por fim, gostaria de retomar a questão de união matrimonial interétnica cujo número está crescendo continuamente. Conforme isso vem se tornando uma tendência forte entre coreanos tanto da Coreia quanto fora da Coreia, na segunda metade da década de 2000, “família multicultural”, um dos principais assuntos da agenda da UNESCO, virou um assunto frequentemente abordado nos espaços virtuais e reais na Coreia também. Como já falamos antes, o surgimento em si da denominação em coreano para família multicultural, “다문화 가정 (*damunhwa gajeung*)”, pode ser considerado um marco simbólico de tal atmosfera em mudança. E acredito que para coreanos que tinham uma noção mais estreita de “Nós” em termos de raça e etnia e com um forte afeto à família cujos membros são “Nós” mais importantes, ou melhor, mais reais, a experiência de ter um coreano de origem não-coreana dentro do seio familiar através do casamento pode implicar em uma mudança significativa. Pois, isso significa que um “Outro” que assim era considerado por ser estrangeiro passou a fazer parte da minha família, ou se for dizer como costuma se falar na Coreia, “nossa família”. Embora tal experiência venha ser compartilhada entre cada vez mais coreanos em diversas formas, a mesma ainda é um fenômeno recente. Com o fim de difundir os conhecimentos e atitudes necessários para lidar com a presença das famílias multiculturais bem como demais estrangeiros, cada vez maior número de órgãos e instituições de diferentes cunhos – público, privado e religioso – está sendo organizado nas regiões onde há concentração significativa dessa população.

Nesse sentido, a experiência de imigrantes coreanos no Brasil no que diz respeito ao encontro com pessoas de raças e etnias mais variadas, todas chamadas brasileiras poderia contribuir para a sociedade coreana que está sofrendo essa mudança. Pois, a convivência duradoura com Outros de origem mais variada dentro do território nacional que se deu através da sua inserção (imigrantes coreanos) como “estrangeiros” na sociedade brasileira pode propiciar à sociedade coreana melhor compreensão da posição dos estrangeiros residentes na Coreia.

2.2 Brasil

É amplamente sabido entre os estudiosos especialmente da área econômica e política do Brasil e Coreia o fato de que os dois países passaram por alguns momentos importantes de natureza semelhante entrando no século XX. Evidentemente não há intenção de abordar todos os aspectos que envolvem a trajetória do Brasil durante exatamente o mesmo período coberto

na trajetória da Coreia. Ao invés disso, com o objetivo de entender os principais aspectos sócio-econômico e político do Brasil moderno, cada fase histórica será examinada focando: primeiro, o contexto em que ocorreu o grande fluxo imigratório estrangeiro formando a faceta multicultural do Brasil hoje; segundo, como o Estado lidou com tal diversidade, especialmente a partir da década de 1930 quando o Brasil procurou estabelecer a identidade brasileira; e por fim, como era o contexto geral da sociedade brasileira quando nela foram inseridos os imigrantes coreanos. Começaremos pela primeira fase como país independente entre 1822 e 1889 e a Primeira República entre 1889 e 1930 considerando que foi nessa época que se deu a primeira entrada de “estrangeiros” no Brasil sendo formado o esboço do quadro populacional do país com entradas de imigrantes de origens europeias, sírio-libanesas e asiáticas em massa. Em outras palavras, a relevância de examinar essa fase histórica está no que diz à formação da diversidade, o traço que define o Brasil hoje. E por sua vez, o período que abrange o Estado Getulista de 1930 a 1945 e o período democrático de 1945 a 1964 era quando o Estado executou políticas de centralização e o regime militar de 1964 a 1985, a fase transitória para a democracia de 1985 a 1989 e finalmente o governo democrático a partir da década de 1990.

2.2.1 História do Brasil após a Independência acompanhada pela imigração

VII

“Tudo, em nossa formação, nasce das misturas, do encontro de raças, culturas e tradições. E se há 2.500 anos alguns soldados romanos latinizaram a Península Ibérica, criando novos povos, foram justamente esses povos novos que saltaram o oceano para se multiplicar aqui.” (RIBEIRO, 2008, p. 9)

Ao longo de 500 anos de povoamento, palavras como mistura, fusão, miscigenação e muitas outras dessa linha parecem as que se usam mais frequentemente para descrever o povo e a cultura do Brasil. Enfim, a diversidade – essa que precisa ser examinada com mais atenção posteriormente ainda neste capítulo – parece ser a característica óbvia que o Brasil representa. Para começar, as pessoas com fisionomias diferentes por serem oriundas de raças e etnias diferentes vivem num território nacional como brasileiros, ou melhor, portando a nacionalidade brasileira. Aparentemente, tal diversidade se deve principalmente à imigração de várias etnias e, à miscigenação entre elas que ainda continua acontecendo. E não há dúvida de que houve “descobertas do Brasil” antes das vindas com efeito de ex-estranhos para a terra do Brasil. Meyer (2000) diz:

Assim o tema recorrente da cultura brasileira vem desde a descoberta originária marcando, em momentos diversos, a história de nossa cultura, ou seja, a cultura letrada. [...] Mas o felicíssimo terreno, o terreal paraíso descoberto, não é uma terra de ninguém. Seu ocupante, na maioria dos textos, também entra na descoberta retórica ou no relato evangélico, o qual também é metamorfoseador do real concreto. Inflado herói, magníficas heroínas, matrizes fecundas da nacionalidade. Enquanto o índio e a índia de carne e osso iniciam a trajetória que já conhecemos. Desde as origens, portanto, um hiato entre o Brasil que se vai descobrindo pela palavra escrita e o Brasil tal como se vai estruturando no concreto. Ao mesmo tempo em que vai desenrolando a descoberta retórica, o verdadeiro país vai-se configurado [...] Com a Independência, multiplicam-se as “descobertas” letradas do Brasil, agora jovem nação em busca de identidade própria. (MEYER, 2000, p. 3, 6-8)

De fato, a população brasileira tem sido configurada pelas descobertas de diversas naturezas e após a independência por ondas distintas de imigrantes. E tal característica torna o Brasil um país merecedor de especial atenção na agenda da Organização de Migração Internacional também. Mais recentemente, o Brasil recebeu um número importante de imigrantes (regulares e irregulares) da Coreia do Sul desde a década de 1960 e da América Latina, especialmente da Bolívia e do Peru na década de 1990. Seguindo isso, a entrada crescente de chineses em grande número forma essa última onda por agora. Embora o governo não tenha incentivado a imigração regional, o Brasil se tornou um destino importante atrativo para os latino-americanos de diversas origens sócio-econômicas. Esse é o quadro populacional do Brasil hoje caracterizado por sua diversidade e dinamicidade.

Gráfico 2.5 – Imigrantes por período entre 1820 e 1975

Fonte: “Brasil, 500 anos de povoamento”. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

O período até a década de 1930 pode ser definido como a fase em que se deu o esboço da formação do contingente imigratório no Brasil e da moldura básica de sua diversidade, começando pela chegada dos colonos portugueses junto com os negros que vieram como escravos. E a imigração intensificou-se a partir de 1818, com a chegada dos primeiros imigrante não-europeus. Em busca de novas oportunidades, vieram suíços, os alemães, os eslavos, procedentes da Ucrânia e Polônia, os turcos, os árabes, italianos e os japoneses.

A abolição de escravidão em 1888 fez com que o governo brasileiro incentivasse a entrada de imigrantes europeus para substituir mão-de-obra anteriormente suprida por escravos nas fazendas de café e nas indústrias da zona rural do sul do país. Como podemos ver no gráfico, houve um salto destacado de número de imigrantes da década de 1880 para a de 1890, o que reflete claramente tal situação.

E a atração de imigrantes para o Brasil nessa época, que vai até a década de 1930, nasceu mais cedo no Sul do que em São Paulo. Enquanto em São Paulo tinha por objetivo fornecer trabalhadores para a grande lavoura, no Sul esteve ligada aos planos de colonização baseados na pequena propriedade. Assim, pouco antes da Independência, foram realizados os primeiros esforços no sentido de atrair colonos alemães para o Sul, em especial Santa Catarina e o Rio Grande do Sul por razões sócio-econômicas. Para o agrado à intenção de José Bonifacio e Dom Pedro que realizaram tal projeto, o fluxo de alemães para o Sul foi significativo e chegou a formar a classe media rural, contribuindo para a instalação de estabelecimentos industriais nas colônias por eles erguidas. Registra-se que o fluxo alemão começou a diminuir desde 1860 principalmente devido às más condições de tratamento dos colonos. E também houve, em 1859, a suspensão do apoio à imigração pela Rússia, medida tomada depois pelo Império alemão unificado em 1871. Como resultados disso, os alemães representaram 93,5% dos imigrantes recebidos entre 1824 e 1870 enquanto 15% entre 1889 e 1914. Isso fez com que o governo incentivasse, depois de 1870, a vinda de colonos italianos para o Rio Grande do Sul. Com isso, pequenos cultivadores italianos chegaram a estabelecer colônias das quais a de Caxias foi a mais importante. Dos 41.616 imigrantes totais que entraram no Rio Grande do Sul, 34.418 eram italianos. (FAUSTO, 2006, p. 240-242) O povoamento dessas regiões determinadas pelos europeus, especialmente dos alemães e italianos, formado nessa época tem se mantido no decorrer do tempo, formando parte das cores diferentes do Brasil, as quais passaram a ser adicionadas nos tempos posteriores com influxo imigratório das outras etnias.

Os primeiros anos posteriores à Independência quando o Brasil estava recebendo imigrantes dos países europeus são descritos por muitos historiadores brasileiros como “eras de ‘incerteza’”. Dentre eles, Fausto (Ibid., p. 245-251) nos fornece o então contexto político incumbido de implantar um eixo em meio a essa incerteza. Vários grupos disputavam o poder e divergiam em suas concepções de como organizar a República. Apressados para sair do possível prolongamento de semiditadura sob o comando pessoal de Deodoro e para dar uma forma constitucional ao país, assim garantindo o reconhecimento da República pelo Exterior, os partidários redigiram a Constituição. Ciente do peso de imigrantes estrangeiros na organização sócio-econômica do país, a Constituição incluiu o artigo que dizia a consagração do direito dos brasileiros e estrangeiros residentes no país à liberdade, à segurança individual e à propriedade. Junto com isso, a separação do Estado e da Igreja também é um dos feitos marcantes da Constituição de 1889.

Tabela 2.2 - Imigração no Brasil por nacionalidade – períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933

Nacionalidade	Efetivos decenais				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	227.78	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	-	-	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42820	109.222	51.493	164.586
Total	883.668	852.110	100.6617	503.981	717.223

Fonte: Brasil: “500 anos de povoamento”, Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. P. 226

Nessa fase, isto é, a partir das últimas décadas do século XIX, o quadro de imigração também sofreu mudanças. Como podemos ver na tabela acima, o número de estrangeiros que

entraram no Brasil nos anos anteriores à República, de 1887 e 1930 foi de cerca de 3,8 milhões e, o período 1887-1914 concentrou o maior número que era aproximadamente 2,74 milhões, cerca de 70% do total. Isso foi devido à forte demanda de força de trabalho para a lavoura de café entre outros. Diferente de antes da República, a maioria dos italianos que entraram nessa época se instalou no estado de São Paulo para suprir a mão-de-obra para a lavoura de café. Em 1920, 71,4% dos italianos no Brasil viviam no Estado de São Paulo.

Assim, durante esse período, as três etnias majoritárias em termos quantitativos eram italianos, portugueses e espanhóis. Por sua vez, podem-se citar os sírio-libaneses, os judeus e os japoneses como outros grupos importantes apesar de relativamente pouco, numericamente comparando com as três majoritárias. Em particular, o caso de imigrantes japoneses ocupa um lugar importante na diversificação das atividades agrícolas do Brasil. Eles vieram em sua absoluta maioria para o Estado de São Paulo. Chegando pela primeira vez ao porto de Santos em 1908 com o destino às fazendas de café, mas com intenção de retorno em breve (Arai e Hirasaki, 2008, p. 24), os imigrantes japoneses preencheram o lugar de força de trabalho nas fazendas que estavam carentes devido à interrupção do fluxo europeu durante a 1ª Guerra Mundial. Entrando em meados da década de 1920, os japoneses rumaram para outros campos e se tornaram pequenos proprietários. Estima-se que, tanto nas fazendas de café como nos campos onde exerciam outras atividades agrícolas, a dedicação paciente pelos japoneses apesar das dificuldades em fixação nesse ramo fez com que a sociedade brasileira desse um grande voto aos japoneses até agora.

Enquanto isso, os sírio-libaneses e os judeus que chegaram ao Brasil a partir do início do século XX e da década de 1920 respectivamente rumaram para as cidades. As atividades às quais os sírio-libaneses se dedicaram no começo eram venda de mercadoria de porta em porta e depois muitos deles se tornaram comerciantes com negócios instalados e indústrias. Muitos judeus também caminharam uma trajetória semelhante à essa. E como veremos mais adiante, essa trajetória passa a ser compartilhada mais uma vez com os imigrantes coreanos, dessa vez, a partir da década de 1960. Oswaldo Truzzi (2001) em seu artigo “Etnias em convívio” traça o perfil do bairro do Bom Retiro, preenchido de cores diferentes pelas etnias diferentes que vieram a habitá-lo desde o final do século XIX e as relações entre essas etnias, entre outras, italianos, judeus e coreanos. Especialmente na relação dos imigrantes coreanos com os judeus, até poderia-se dizer que houve “sucessão” do local de habitação – Bom Retiro, este já povoado primeiro pelos italianos que vinham para São Paulo, não para o Sul do país – bem como do ramo de vestuário dos judeus aos coreanos.

Por sua vez, a imigração portuguesa concentrou-se nas cidades como Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro exercendo o papel no pequeno e grande comércio: em 1920 havia cerca de 170 mil portugueses no Distrito Federal, 167 mil portugueses na cidade de São Paulo, 172 mil no Rio de Janeiro. Os espanhóis cujo maior fluxo ocorreu entre 1887 e 1914 também vinham em famílias como os japoneses e dedicaram-se às atividades agrícolas preferindo viver nas pequenas cidades do interior a na capital de São Paulo. As maiores mudanças que marcaram esse período seriam a urbanização, a industrialização e a diversificação da estrutura econômica, as quais, na verdade são fenômenos entrelaçados um com outro. A economia brasileira realmente estava em uma era de transição absorvendo um grande fluxo migratório. O núcleo industrial se mudou para a região Centro-Sul em meados da década 1880 da qual se destacaram o Rio de Janeiro e São Paulo entre outras impulsionadas pelo papel de energia no caso do Rio e, pelo setor cafeeiro no de São Paulo. A atração da população seja nacional seja estrangeira para grandes cidades naturalmente resultou na urbanização do país em torno delas, principalmente, da capital do Estado de São Paulo. Mas ainda nessa época a indústria brasileira não chegou a tomar impulso notável devido à ausência de uma política deliberadamente promovida que visasse o desenvolvimento industrial pelo Estado. (FAUSTO, 2006, p. 284-290)

Após a Revolução de 1930, quando o Estado Getulista começou, o Brasil ainda se encontrava em meio a incertezas. O governo de Getúlio é comumente caracterizado pela política de centralização, a qual a primeira República também visava implantar. Fausto (2006), no entanto, complementa tal simplificação dizendo:

O Estado getulista distingue-se do Estado oligárquico não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos. Devemos acentuar pelo menos três dentre eles: 1. A atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2. A atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. O papel central atribuído às Forças Armadas – em especial o Exército – como suporte da criação de uma indústria de base e sobretudo como fator de garantia da ordem interna. Tentando juntar estes elementos em uma síntese, poderíamos dizer que o Estado getulista promoveu o capitalismo nacional, tendo dois suportes: no aparelho de Estado, as Forças Armadas; na sociedade, uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana. (Ibid., p. 327)

As taxas de crescimento anual da indústria permitem entender melhor o processo de industrialização posterior a 1930. Sob essa visão, a indústria brasileira teve um considerável avanço entre 1933 e 1939 recuperando-se rápido da depressão causada pela crise iniciada em

1929 enquanto entre 1939 e 1943 a taxa de crescimento caiu influenciada pela 2ª Guerra Mundial. Mas o fato importante reside no outro lado: avalia-se que os investimentos públicos em infra-estrutura contribuíram para a sustentação do processo de industrialização posterior a 1930.

Entretanto, em contraste ao avanço industrial, a sociedade não se moveu com dinâmica porque, para dizer o mínimo, o integralismo ou centralismo não permitia a pluralidade em geral, o que também é relevante na compreensão da construção da identidade brasileira que será tratada posteriormente. Nesse curso do tempo, a Igreja Católica exerceu um papel imprescindível dando apoio ao governo e levando também a população católica a esse apoio. Outro fato digno de nota é que esse período foi marcado pela redução do fluxo imigratório estrangeiro, o resultado da crise mundial e do dispositivo da Constituição de 1934 que estabelecia cotas para o ingresso de imigrantes, com exceção dos japoneses. Entre 1931 e 1940 registra-se a entrada de japoneses no Brasil em maior número.

Tabela 2.3 – Imigração no Brasil por nacionalidade – quinquênios 1945-1949 e a 1955-1959

Períodos	Alemães	Espanhóis	Italianos	Portugueses	Japoneses	Outros
1945-1949	5.188	4.092	15.312	26.268	12	29.552
1950-1954	12.204	53.357	59.785	123.082	5.447	84.851
1955-1959	4.633	38.819	31.263	96.811	28.819	47.599

Fonte: Brasil: “500 anos de povoamento”, Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. P. 226

O período conhecido como República Nova de 1945 a 1964 começou com a renúncia de Vargas. Avalia-se que a promulgação de nova Constituição em 1946 foi mais democrática do que a anterior especialmente no que diz respeito à restauração de direitos individuais. O que se destaca nesse período é o feito de Juscelino Kubischek que tomou posse em 1956 sucedendo ao segundo governo fracassado por Vargas entre 1950 e 1954. Seu governo foi caracterizado pelo chamado desenvolvimentismo cujo lema era “50 anos em 5” e, de fato, foram alcançados consideráveis avanços técnico-industriais e a construção de Brasília, nova capital do Brasil, foi uma realização simbólica de tal fruto. Se Vargas deu grande impulso à indústria brasileira com base nas políticas nacionalistas, Kubischek abriu a economia para o capital internacional, atraindo indústrias internacionais. O positivismo dominou o país nessa

época e o Brasil foi visto como o *país do futuro*, muito atraente aos olhos de fora que estavam à procura de uma vida melhor num lugar onde pudesse sonhar com o futuro. De fato, depois dos imigrantes japoneses, cuja entrada culminou na década de 1930, a imigração em massa no Brasil foi retomada pelos imigrantes coreanos que vieram em família até o final da década de 1970, dando lugar, nas décadas posteriores, à imigração desse povo ainda em família, mas como menor volume. Seguramente, podemos supor que o quadro marcado por um ar progressivo e esperançoso sob o comando do governo de Kubitschek contribuiu para que o governo da Coreia do Sul escolhesse o Brasil como país-destino da sua primeira emigração internacional oficial. E o influxo imigratório coreano mais destacado nesse período promovido em nome do projeto da emigração assim elaborado na Coreia nos propicia também questionar o então contexto socioeconômico e político da Coreia do Sul que incentivou ou empurrou para a saída uma parte da sua população.

Vale lembrar que esse período coincide com o auge da Guerra Fria. Tanto no Brasil como na Coreia havia grande preocupação pelos conservadores, ou seja, pelos da direita por uma guinada do país para o lado comunista fazendo com que estabelecesse políticas voltadas a conter qualquer sinal comunista ou socialista. O golpe de 1964 organizado pelos militares alarmados com possível perigo de avanço comunista ou socialista no país marcou o início do regime militar no Brasil que vai até 1985. O Brasil de então pode ser caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição aos que eram contra o regime militar. Para começar, foram estabelecidas eleições indiretas além de serem dissolvidos os partidos políticos. E a Constituição de 1967 e o Ato Institucional Número 5 (AI-5) decretado em 1968 seriam dois incidentes importantes desse período que institucionalizaram o regime militar aumentando a repressão militar e policial. Oficializada através desse meio, uma severa política de censura foi colocada em execução: atividades da imprensa, publicação e artística foram censuradas fazendo com que inúmeros atuantes dessas áreas fossem censurados, presos, torturados e exilados do país. Mas na área econômica o país cresceu rapidamente e estruturou uma base de infraestrutura especialmente no período entre 1969 e 1973 e atingiu o chamado Milagre Econômico. Só que esse crescimento teve um custo altíssimo cuja conta deveria ser no futuro porque a demasiada dependência dos empréstimos estrangeiros gerou uma dívida externa elevada para os padrões econômicos do Brasil. Tal situação resultou na insatisfação da população brasileira com o governo fazendo com que na segunda metade da década de 1970 começasse um lento processo de transição rumo à democracia. Não é de se surpreender o fato de que esse período coincide com o fim do milagre econômico. Já nos primeiros anos da década de 1980 foi acelerado o processo de

redemocratização. A Lei da Anistia concede o direito de retorno ao Brasil aos exilados e aprovação da lei pelo governo em 1979 que estabeleceu o pluripartidarismo no país foram os principais passos para frente nesse processo. Logo tornou-se evidente que o governo militar se esgotou finalmente deixando o país em meio à inflação e recessão alta nos últimos anos. E o Movimento das Diretas Já, embora não tivesse resultado na aprovação imediata da eleição direta pela Câmara dos Deputados, abriu caminho para esse fim. Sendo eleito Tancredo Neves como presidente através da eleição indireta, a ditadura militar encerrou e a Constituição de 1988 estabeleceu princípios democráticos no país.

Assim, do ponto de vista quantitativo, pode-se dizer que no Brasil, por meio da diversificação da estrutura populacional foi estabelecida a condição para ser apresentado ao mundo com sua ampla diversidade ao longo da trajetória até agora descrita. No entanto, sobre se tal tendência de diversificação quantitativa da sociedade brasileira chegou a gerar a mesma em termos de qualidade, é necessário aplicar uma reflexão mais crítica.

2.2.2 Rumo à construção da brasilidade

Evidentemente a vinda dos imigrantes dos quatro continentes do mundo – África, Europa, Ásia e América – foi uma condição nuclear para gerar a atual diversidade da sociedade brasileira. Os imigrantes trouxeram consigo seus costumes, religiões e outras heranças para dentro do território brasileiro. Para começar, a culinária brasileira é tão diversificada que até se pode dizer que é possível experimentar a culinária de todos os cantos do mundo no Brasil, especialmente na capital paulista. E embora a língua portuguesa seja a oficial, também não é difícil encontrar alguém, em razão da sua própria origem étnica, que tem conhecimento básico de outros idiomas, principalmente, francês, italiano, japonês e coreano etc. Até a própria língua portuguesa no brasileiro se enriqueceu absorvendo vocabulários de vários idiomas. Além disso, apesar de ainda o catolicismo ser considerado uma religião dominante por ter mais adeptos – mas não necessariamente todos são praticantes da fé católica –, no Brasil se praticam quase todas as religiões, ao menos, existentes na face da terra, e até o sincretismo peculiar que nasceu entre elas veio ganhando espaço. Assim, por enquanto, parece mesmo que a diversidade é uma característica marcante da vida brasileira.

Aqui, há um ponto a ser examinado com olhos detalhistas e críticos: “detalhistas” porque a discussão em torno da temática de diversidade envolve o processo de examinar a conceituação de uma série de palavras dessa linha como diversidade, pluralidade, multiplicidade entre outras; e, “críticos” porque há, certamente, tendência para desviar-se da

verdade amarga de que existe a desigualdade atrás dessa diversidade e propagar só os lados lindos da diversidade não só para os estrangeiros, mas também para seus próprios cidadãos.

Para começar, retomemos bem brevemente a fase da formação básica do contingente imigratório até a década de 1930 que deu origem à imagem do Brasil representada pela sua diversidade. Mas na verdade, apesar de ter havido grande miscigenação já a essa altura, especialmente entre colonos europeus, indígenas e escravos negros, até a aceitação dessa presença em si da diversidade costumava ser recusada pela população branca. Então, seria mais apropriado descrever a situação em relação à presença dos imigrantes estrangeiros no Brasil até a primeira metade do século XX como a existência “passiva” de membros diversificados que não chegava a extrair a plena dinâmica da diversidade ou pluralidade. Muitas vezes, o modo de convivência entre esses membros de origem mais variada não passava da exploração técnica de um pelo outro. E isso nos lembra a explicação do Caio Prado Jr. (1957) sobre a formação do Brasil:

Se vamos à essência de nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde, ouro e diamantes; depois, algodão e, em seguida, café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo [...] que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura bem como as atividades do país. (PRADO-JR, 1957, p. 25-26)

Isto é, estritamente falando, havia “vivência” num território nacional, mas não uma “convivência” efetiva entre diversos componentes do mesmo. Em meio a tal situação de pluralidade dispersa acima descrita, o ar dominante na sociedade brasileira era uma ambiguidade geral, especialmente, no que dizia à “brasilidade” ou “identidade brasileira” que pudesse unir todos os membros em torno de um eixo. Como muitos autores nacionais que trabalham com a temática “identidade” reconhecem, a discussão cerca da “identidade”, principalmente no Brasil, tanto como nos outros países multiétnicos, não leva a uma afirmação segura e absoluta. Pelo menos, a relação entre brasileiros e imigrantes foi marcada, historicamente, por ambiguidades – uma das marcas de vida na sociedade moderna caracterizada pela coexistência entre diferentes configurações de valores (VELHO, 1994, p. 98). Pois, assim como o Brasil é um país construído, a identidade nacional brasileira ou a brasilidade também era algo que devia ser construída. Moore Jr. (1985, p. 657) diz: “A identidade tem fronteiras fluidas e incertas, na medida em que as relações sociais cotidianas são flutuantes e ambíguas.” Como tratamos anteriormente, acompanhando a trajetória do Brasil no decorrer do século XX, as incertezas em relação a tudo permeava a sociedade

brasileira, especialmente até o regime de Vargas. Com isso, pode-se supor que ter definido o Brasil como Estado Laico na Constituição de 1891 talvez tenha funcionado como perda de um eixo que, de qualquer forma, o Governo tinha utilizado como ferramenta para definir uma identidade nacional brasileira. Ao longo do século XX, o discurso público tratava frequentemente do que significava ser brasileiro. Até havia uma época em que o Estado assumia a tarefa de estabelecer e construir a “brasildade” conforme seus critérios. Sob o motor da integração do país, se tomaram várias medidas e os imigrantes eram de grande importância nessa política. Uma das medidas destinadas a integrá-los foi a chamada grande naturalização. Por ela, tornaram-se cidadãos brasileiros os estrangeiros que, estando Brasil em 15 de novembro de 1889, não declarassem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o desejo de conservar a nacionalidade de origem. Porém, essas medidas eram oriundas da preocupação mais com os imigrantes europeus como, por exemplo, alemães, que não eram em sua maioria católicos, e sim protestantes luteranos. A convicção laica refletida nas medidas da Constituição, então, continha o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes alemães (FAUSTO, 2006, p. 251) embora não se possa esquecer que, nas vésperas e durante a segunda guerra mundial, a população de ascendência alemã, junto com a de ascendência japonesa, tornou-se alvo de medidas discriminatórias rigorosas. (SAITO, 1980, p. 137)

O que precisa ser lembrado mais uma vez é que tal política voltada à integração nacional não partiu do pleno reconhecimento nem da pluralidade simples. Em nome do integralismo ou centralismo, não foi permitida a pluralidade em geral. O apoio da Igreja Católica serviu como uma base importante por ela poder levar a massa da população católica a apoiar o governo. Embora também houvesse uma grande preocupação pela educação pelo governo, isso era de natureza estreita: a educação também estava dentro da visão geral centralizadora, tendo como objetivo principal formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada. (FAUSTO, op.cit., p. 332, 337) Se pode dizer, então, que as preocupações e a concordância mais séria entre os políticos e os intelectuais para solucionar o “problema da imigração” também estavam dentro de tal situação “negação à pluralidade”. E quanto ao fluxo imigratório entre 1886 e 1930, Darcy Ribeiro (2006) pondera que esse contingente, mesmo sendo relevante na constituição racial e cultural dessas áreas, não teve maior relevância na fixação das características da população brasileira e da sua cultura. Pois, segundo Ribeiro (Ibid., p. 221-222), nesse período a população nacional já era maciça numericamente e definida do ponto de vista étnico o suficiente para poder iniciar a absorção cultural e racial dos imigrantes desse fluxo sem grandes alterações no conjunto. Talvez o

ponto de vista de Ribeiro detectado em tal observação tenha a ver com a atitude do governo brasileiro nessa época que dava grande importância à resolução do problema da imigração, em geral, para a criação de uma identidade nacional uniforme, uma única etnia brasileira, mas que não ia abraçar as minorias, especialmente em termos de etnia e raça: esses dois conceitos ainda serviam como bases ou critérios essenciais no projeto da construção da identidade nacional ainda que eles pareçam ter perdido sentido a partir do final do século passado pela própria natureza do mundo, hoje representada pelo transnacionalismo e pós-modernismo. E o sujeito da elaboração do conceito da identidade nacional brasileira – seja os políticos propriamente dito, seja cidadãos brasileiros comuns – no final do século XIX e no início do século XX era a população “branca”. E do ponto de vista dela, era algo inaceitável que todos os participantes da população brasileira colorida desfrutassem de posto igualitário dentro da identidade nacional, que ainda estava equívocada e em processo de construção. Não é difícil deduzir que os imigrantes não-europeus eram os que tinham que lutar mais para definir seu lugar dentro da identidade nacional brasileira – mas nunca desenhada de uma maneira específica e segura. Xavier de Oliveira (1942) até alegou que as “raças não-assimiláveis” não deveriam ser aceitas nesta categoria 1930 (OLIVEIRA, 1942 apud LESSER, 1999, p. 213). Na esboço – mas muito potente – da moldura da identidade nacional assim elaborado, a população negra foi classificada como inferior perante a população branca majoritária e, a asiática como japoneses foi classificada como “raça não-assimilável” se não inferior. Na verdade, a ideia de introduzir a imigração japonesa no Brasil já teve grandes reações junto com opiniões favoráveis desde sua concepção. E argumentos de ordem racial predominavam para justificar a oposição contra a imigração japonesa. Por exemplo, Leão (1989) apresenta a versão de Luiz Guimarães, que naquela época se empenhava em negócios no Japão:

[...] Não enxergo a vantagem de introduzir na vitalidade do nosso organismo nacional um elemento completamente disparatado, como seja o sangue mongólico, sem falar na fealdade desta raça – o que também é elemento a considerar – parece-me, Senhor Ministro, que seria de avisada política cortar desde já as asas à ideia que está dia-a-dia tomando vulto sobre a emigração japonesa para o Brasil. (LEÃO, 1989, p. 25 apud FAUSTO, 1999, p. 210)

Dessa maneira, no período entre 1930 e 1945, Era Vargas, a construção da identidade nacional brasileira foi elaborada sob a ótica da população branca e de um projeto estatal voltado à construção da identidade nacional e, a ênfase educacional e curricular foi posta na reconstrução e integração nacional. E no que diz respeito à existência de tal classificação “superior e inferior”, a situação dos tempos que se seguiram também não fogia muito a isso.

Quanto às características da elaboração da identidade nacional brasileira entre os anos 1950 e 1970, acredito que é oportuno adotar a explicação da Marilena Chaui (2000), conforme a qual a sociedade brasileira é apresentada com os seguintes traços:

Ausência de uma burguesia nacional plenamente construída, tal que alguma fração da classe dominante possa oferecer-se como portadora de um projeto hegemônio, não tendo, portanto, condições de se apresentar como classe dirigente; há um *vazio* no alto;

Ausência de uma classe operária madura, autônoma e organizada, preparada para propor um programa político capaz de destruir o da classe dominante fragmentada. Por suas origens imigrantes e camponesas, essa classe tende a desviar-se de sua tarefa histórica, caindo no populismo; há um desvio embaixo;

Presença de uma classe média difícil definição sociológica, mas caracterizada por uma ideologia e uma prática heterônomas, oscilando entre atrelar-se à classe dominante ou ir a reboque da classe operária;

As duas primeiras ausências e a inoperância da classe média criam um vazio político que será preenchido pelo Estado, o qual é, afinal, o único sujeito político e o único agente histórico;

A precária situação das classes torna impossível a qualquer delas produzir uma ideologia, entendida como um sistema coerente de representações e normas com universalidade suficiente para impor-se a toda a sociedade. Por esse motivo, as ideias são importadas e estão sempre fora do lugar. (CHAUÍ, 2000, p. 27-28)

Chauí (Ibid., p. 28) resume esses traços dizendo: “Assim, a identidade do Brasil, construída na perspectiva do atraso ou do subdesenvolvimento, é dada ‘pelo que lhe falta’, pela privação daquelas características que o fariam pleno e completo, isto é, desenvolvido.” A realidade de miscigenação do Brasil era inaceitável porque isso significava ser “inferior” e “fraco” perante ao mundo predominante branco “superior” e foi isso que levou o Estado brasileiro a exercer um projeto da construção da identidade nacional discriminatória e exclusiva. A tendência forte para a declaração como “branca” pela população mestiça nos censos no Brasil - que continuou até depois que tal discriminação foi retirada pelo menos nos espaços públicos – seria uma manifestação gerada pela interiorização do preconceito por parte da classe que era considerada inferior.

Assim, podemos verificar que a diversidade, imagem que o próprio Brasil propaga tão orgulhosamente hoje nem sempre era um valor procurado na história do Brasil. No entanto, apesar do projeto orientado pela classe dominante e embora seja verdade que houve certa submissão a tal política por aqueles que foram excluídos e discriminados, a identidade brasileira não se fixou como os dirigentes do projeto pretendiam. Isso é porque a relação entre a sociedade e seus membros não é unilateral, pelo contrário, sempre há uma interação. Os imigrantes bem como brasileiros de raças “inferiores” eram objetos de tais políticas e

preocupação exercidas pela classe dominante, mas, ao mesmo tempo, eram sujeitos que observavam e atuavam de acordo com seu raciocínio. Eles, como indivíduo-sujeito e como portador de sua memória (VEHLO, 1994, p. 99-105) da terra natal, têm participado do projeto da construção da brasilidade, o que vai ser tratado com mais enfoque nos capítulos seguintes. Como Lesser (1999) observa:

[...] diferentes dos camponeses de Eric Hobsbawm, que “trabalha(va)m o sistema [...] querendo sua mínima desvantagem”, esses imigrantes tanto manipularam quanto modificaram o sistema, tornando-se, rapidamente, parte integrante da nação brasileira moderna, a medida que eles desafiavam as idéias de como essa nação deveria ser imaginada e construída, negando-se a ser definidos em conformidade com o *continuum bipolar – preto/branco*. (LESSER, 1999, p. 119)

Além disso, na realidade, independentemente desse debate em arena política, os imigrantes viveram e lutaram para sustentar sua vida, trazendo as culturas de seus países de origem e como resultado enriquecendo a cultura brasileira. Pois, até a simples presença deles implica em “relacionamento” com a sociedade em que estão e dentro desse relacionamento é impossível que só uma parte influencie a outra sem que essa outra seja também influenciada por uma.

Enfim, a diversidade, que se considera formar uma imagem contraste da homogeneidade da Coreia, não tenha sido elaborado num contexto verdadeiramente internacional assim como a homogeneidade da Coreia vem sendo discutida só a partir do final do século XX, sendo exposta aos olhares dos estrangeiros tanto de fora quanto de dentro do seu território. E o Brasil, entrando na década de 1980, especialmente com a promulgação da Constituição de 1988 com abordagem mais democrática do que as anteriores, parece ter entrado em nova fase em relação a lidar com sua diversidade e à identidade brasileira.

2.2.3 Diversidade ou Desigualdade

Como foi vislumbrado brevemente acima e como também foi reconhecido pelos elaboradores do sistema da Educação do Brasil, “Têm existido preconceitos, relações de discriminação e exclusão social que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania ao longo da nossa história brasileira. (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 2000)” E a sociedade brasileira atual não está isenta de tal afirmação apesar de maior tolerância em relação às décadas anteriores. Embora não haja atitude discriminatória e

exclusivista explícita contra os grupos minoritários nos espaços públicos, ainda na dimensão individual existem tais pensamentos de modo implícito. E isso, com certeza, afeta a qualidade da diversidade da sociedade brasileira. Da mesma maneira que a Coreia do Sul de hoje não se encaixa bem na moldura de homogeneidade propagada até recentemente, logo vê-se que atrás da diversidade no Brasil, existem problemas como o preconceito e a discriminação.

Tal situação de diversidade ou pluralidade em que o Brasil leva muitos intelectuais brasileiros a discutirem sobre diversos *Brasis*, especialmente *Brasis excluídos*. A diversidade tem seu significado como motor saudável de enriquecimento do recurso que o Brasil tem só quando ela floresce livremente e de uma maneira integrante dentro de um Brasil. Entretanto, a realidade da diversidade do país parece mostrar mais muitos *Brasis*, e pior ainda *Brasis excluídos*. Ainda é uma realidade bem clara que esses *Brasis excluídos* continuam ficando em “zona de sombra e ambiguidade” (FISCHMANN, 1994). O Brasil enfrenta, historicamente, problemas que resultam em um cenário de desigualdade, injustiça e exclusão socioeconômica. O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2006 elaborado pela ONU aponta o País como a décima nação mais desigual do mundo e o sexagésimo nono no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)²⁹. Uma das consequências mais sérias dessa realidade é o aumento da violência, alcançando todas as classes sociais.

Aqui se torna necessário distinguir a diversidade da desigualdade, como Fischmann (1994, 1995, 1996, 1998, 1998, 2005, 2010) chama atenção nos seus argumentos em torno da situação da sociedade brasileira em direitos humanos. Um documento publicado pelo Ministério da Educação e de Esportes, “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, tendo Roseli Fischmann como a responsável pela elaboração desse tema transversal – pluralidade cultural – deixou bem clara a existência de tais problemas trazendo-os para a dimensão educacional pública. Como se enfatiza na introdução do documento, é importante fazer a distinção entre diversidade cultural e desigualdade social (MEC, 1997). Apesar da coexistência da ampla diversidade étnica, linguística e religiosa, e assim com vários eixos de referência, no pensamento brasileiro como latino-americano em geral, a reflexão sobre a realidade social foi marcada pelo senso dos contrastes e mesmo dos contrários – apresentados como condições antagônicas em função das quais se ordena a história dos homens e das instituições (HOLANDA, 1936, p. xxii). Dentro dessa disposição antagônica, parecia inevitável que um se coloca no lugar superior e o outro no inferior, fazendo com que sempre tivesse existido discriminação contra a minoria e

²⁹ O IDH avalia o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) per capita e a taxa de alfabetização acima de 15 anos de idade, entre outros indicadores

desigualdade social no Brasil. Com relação da desigualdade existente na sociedade brasileira, diz Chaui (2000):

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como ‘cultura senhorial’, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. [...] Enfim, quando a desigualdade é muito marcada, a relação assume a forma nua da opressão física e/ou psíquica. A divisão social das classes é naturalizada por um conjunto de práticas que ocultam a determinação histórica ou material da exploração, da discriminação e da dominação [...] (CHAUI, 2000, p. 89-90)

Assim, apesar de ser uma grande verdade, o fato de que a diversidade marca a vida social brasileira, o processo complexo dessa diversidade presente na vida brasileira é ignorado e/ou descaracterizado, particularmente em processos da indústria de bens culturais. A escola também, durante muito tempo até hoje, disseminou o preconceito de formas diversas, e manteve silêncio ou minimizou a presença da diversidade (FISCHMANN, 1996; 1998). E o que é mais perigoso é que, como Fischmann (2005) alerta:

A desigualdade é também alimentada por mentalidade presente em canções populares, propagandas, declarações e todas as invisibilizações das leis (já existentes) de proteção, como também constrangimentos. São persistentes risos irônicos e insinuações à nossa passagem, quando tentam invalidar nossa capacidade reflexiva e de ação, sem que nos ofereçam respeito como agentes plenas de autonomia na esfera pública. Mulheres e cores. (FISCHMANN, “Mulheres e cores”, Correio Braziliense, Opinião, 07/03/2005)

É assim que ocorre a “naturalização”, que esvazia a gênese histórica da desigualdade e da diferença, permite a naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência (CHAUI, op.cit., p. 90)

De fato, o Brasil tem sido o maior receptor de migrantes internacionais e a natureza de tal fluxo foi mais diversificada hoje em termos de fim de entrada, tempo de permanência e abrangência geográfica entre outros. Mas também vale lembrar que o Brasil agora está enviando cada vez maior número de seus cidadãos para o Exterior. Como a observação da Organização Internacional da Migração, a emigração de brasileiros para países estrangeiros à

busca de empregos é um fenômeno que se tornou mais aparente na última década, mas a presença de brasileiros nos países vizinhos às suas fronteiras nacionais já podia ser detectada antes. De acordo com estimativas, há cerca de três milhões de brasileiros que vivem no Exterior. O que essa situação convertida implica ao Brasil é a necessidade de repensar a questão de desigualdade. Acredito que saber que há casos em que brasileiros nos países estrangeiros são tratados injustamente, ou melhor, esses próprios brasileiros passaram por tal experiência pode servir como uma oportunidade de refletir sobre a verdade “Eu posso ser outro num país estranho e esse outro era “Eu” no seu país.” Isto é, a noção de *alteridade* se torna algo mais real, não mais apenas filosófica tanto quanto antes.

É como país que envia seu povo para Exterior em nome de “emigrante” e não mais apenas como país receptor de imigrantes até o século passado que o Brasil pode repensar a posição de “estrangeiro” e “imigrante”, a qual tem sido presente ao longo da elaboração da identidade brasileira, mas sempre com ambiguidade. Com respeito a isso, Abdelmalek Sayad (1991) pondera:

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se “estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, “imigrante” é antes de tudo uma condição social. Se todos os imigrantes, no sentido pleno do termo, são necessariamente estrangeiros – e ainda, isto não é certo, é preciso encontrar um acordo sobre esta palavra e sobre seu sentido jurídico. (SAYAD, 1998, p. 243)

Ter em mente essa noção mais conceituada quanto a estrangeiro e imigrante, termos e objetos frequentemente tratados como se fossem um só, contribuirá para entender a experiência dos imigrantes coreanos, especialmente da *Geração 1.5*. Pois, os pertencentes dessa geração tem-se situado numa situação em que precisavam e ainda precisam constantemente lançar perguntas a si mesmos sobre sua identidade e procurar encontrar respostas a elas para definir seu lugar em meio à ambiguidade dada pela travessia da fronteira.

CAPÍTULO 3. A PRESENÇA COREANA NO BRASIL: COM ÊNFASE NOS IMIGRANTES PERMANENTES RADICADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Neste capítulo, visa-se apresentar as principais características dos imigrantes coreanos que vivem em São Paulo como ponto de partida para abordar o tema central deste trabalho, isto é, a experiência da *alteridade* e a identidade construída em meio da “ambiguidade” da *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos no Brasil que lhes foram dadas pela travessia da fronteira nacional quando ainda criança ou adolescente. Para tanto, traçaremos uma breve síntese da presença coreana no Brasil em geral, para depois nos determos sobre o caso dos imigrantes coreanos na cidade de São Paulo, com ênfase sobre o processo migratório, a acomodação dos imigrantes no Brasil, até chegarmos ao cenário atual, que se desenvolve, em grande parte, na cidade de São Paulo.

3.1 Grupos de coreanos no Brasil de naturezas diferentes

O encontro entre o Brasil e a Coreia, dois países que estavam seguindo seus caminhos separadamente deu-se oficialmente em 1963. Foi então que começou a história conjunta de dois povos no território brasileiro, sendo influenciados um pelo outro bem como influenciando um ao outro.

Porém, na verdade, a presença coreana no Brasil, tem uma história de aproximadamente noventa anos, se contarmos desde a chegada dos primeiros coreanos ao Brasil com os imigrantes japoneses. E, a partir disso, fluxos migratórios de diferentes naturezas, seja em tamanho ou em escala, contribuíram para que a presença coreana no Brasil se tornasse cada vez mais conspícua aos olhos de muitos paulistanos especialmente. Quanto aos dados numéricos sobre a população de origem coreana no território brasileiro, existe uma divergência ampla por alguns motivos, sobretudo porque o próprio censo demográfico é um trabalho complexo. As informações necessárias para se governar um país têm sido obtidas através de censos demográficos realizados periodicamente. Em muitos países, a pesquisa é feita a cada dez anos.³⁰ A dificuldade de se realizar um censo demográfico tem aumentado

³⁰ No Brasil, o censo é realizado a cada dez anos. O primeiro censo no Brasil foi realizado em 1872, seguido pelos de 1890, 1900 e 1920 desde que o IBGE foi criado em 1936. O primeiro recenseamento na Coreia foi realizado em outubro de 1925 quando a Coreia ainda estava sob ocupação colonial japonesa. E com a instalação do Departamento de Estatísticas na Agência de Informação do Governo em junho de 1948, o nome foi trocado para Recenseamento Geral da População, que se usa até hoje e o recenseamento na Coreia é realizado cada cinco

significativamente no século XXI: primeiro, à medida que a população cresce o número de pessoas a serem pesquisadas também cresce; segundo, os tipos de informações necessárias acerca desses objetos aumentam; e, por último, o que torna o processo todo mais difícil é a própria natureza da sociedade moderna, caracterizada pela mudança rápida e complexa, ou seja, as informações a serem obtidas são de natureza igualmente complexa, difícil de ser classificada de forma nítida. A frequente travessia de fronteiras nacionais, abordada no capítulo de contextualização, seria um fenômeno que explica isso, e que, além disso, poderia estar diretamente ligada à ambiguidade e divergências dos dados estatísticos sobre migrantes internacionais. Pois, em muitos países, não têm sido realizadas pesquisas estatísticas relacionadas à população migrante.

No caso do Brasil, podemos mencionar as seguintes razões, das quais algumas se encontram comumente em muitos outros países também: seria inviável obter dados numéricos precisos somente sobre a população de origem coreana. Tratar apenas da população coreana no Brasil, que compreende os imigrantes e seus descendentes, objeto em questão neste estudo, já implica muitas complicações. Primeiro, podemos mencionar a questão da própria definição do termo “coreano”, isto é, se seriam incluídos somente os imigrantes e seus descendentes ou se as pessoas de origem coreana que estão residindo em caráter temporário no Brasil também seriam contempladas por esse censo. Mesmo dentre os que imigraram para o Brasil com intenção de instalação definitiva, muitos re-emigraram para outros países, sendo os destinos mais comuns os EUA, o Canadá e até a própria Coreia, entre outros. Segundo, não existe um método preciso para obter o número. O cálculo do número de cidadãos de certa nacionalidade num certo país normalmente é feito com base nos registros de saída (do seu país) e de entrada (nos países estrangeiros). No entanto, esse método tem muitas limitações, principalmente por não poder detalhar tempos de permanência. E o registro civil, do qual muitos países dependem para realizar o censo demográfico, poderia detectar o número de possuidores de visto tanto permante como temporário. Contudo, é amplamente conhecido o fato de que existe vasto número de clandestinos, o que dificulta a realização de pesquisas estatísticas. Ademais, os censos demográficos não especificam a origem da população naturalizada. E, por último, a situação não varia muito por parte da Embaixada e o Consulado Geral da Coreia, órgãos responsáveis pelo recenseamento de coreanos fora da Coreia. Um funcionário do Consulado Geral da Coreia em São Paulo explica, ao reconhecer a falta de dados estatísticos sobre os

anos desde a sua primeira realização em 1925. Decreto presidencial No. 39 de “Regulamentação para Execução do Primeiro Recenseamento da População” em 13 de dezembro de 1948 foi a primeira ordem oficial para política das estatísticas. Fonte – Estatísticas da Coreia. <http://kosis.kr/metadata/main.jsp?surv_id=48&curYear=2005>

imigrantes coreanos e demais cidadãos coreanos que permanecem no Brasil por motivos variados, que tais dados numéricos não têm muito significado, além de ser difícil a sua obtenção devido ao pouco comparecimento dos próprios cidadãos coreanos a tais órgãos para efetuar o registro.

Apesar das limitações em obter informações numéricas exatas sobre a presença coreana no Brasil, relatórios elaborados pelo Ministério de Negócios Estrangeiros e Comércio da Coreia do Sul com levantamento de dados estatísticos referente a coreanos e descendentes coreanos no Exterior nos propicia que possamos ter uma ideia geral do peso ocupado pelo Brasil com relação à presença coreana no mundo e na América do Sul e Central, junto com o número aproximado de coreanos, registrados no sistema de cadastro, como vemos no gráfico abaixo.

Gráfico 3.1 – Distribuição por país da presença coreana na América do Sul e Central
Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros e Comércio

Enfim, embora o surgimento de uma segunda e uma terceira gerações de coreanos, somado à entrada de novos imigrantes e residentes temporários com outros objetivos, tenha contribuído para que o “elemento coreano” se tornasse mais familiar a certos segmentos da sociedade brasileira, a imagem deles não se separa nitidamente da dos coreanos da Coreia.

Isto é, grande parte do que os brasileiros veem e pensam dos imigrantes coreanos, então, coincide com o que os primeiros veem e pensam dos coreanos. E ao longo dessa curta história, essa imagem tem passado por algumas mudanças, ou a essa têm-se agregado imagens diferentes à medida que a presença e a atuação dos coreanos e seus descendentes vêm se diversificando.

Neste sentido, é significativo fazer brevemente uma distinção entre os grupos de coreanos que vieram para o Brasil com objetivos diferentes um do outro, os quais muitas vezes não se tratam com maior especificidade. Os coreanos que se encontram atualmente no Brasil podem ser classificados, grosso modo, em cinco grupos, dependendo do motivo ou objetivo e prazo de estada e da época da vinda. Como se sabe bem, o mais notável em termos de número e tempo de permanência no Brasil são os imigrantes coreanos e seus descendentes de nacionalidade brasileira.

Junto com isso, a presença das empresas privadas bem como órgãos governamentais da Coreia do Sul vem se tornando cada vez mais destacada no Brasil, especialmente em torno das grandes cidades. De acordo com isso, começou a se formar um novo grupo de coreanos composto de funcionários de tais instituições coreanas e seus familiares, que se distingue da comunidade coreana tradicional de imigrantes permanentes.

Estudantes universitários que residem no Brasil a fim de dominar a língua portuguesa também têm consolidado sua presença no país desde que começou o influxo coreano dessa natureza aproximadamente trinta anos atrás. Os estudantes coreanos que hoje se encontram no Brasil são, em sua maioria, graduandos dos departamentos da língua portuguesa das duas maiores universidades de língua estrangeira³¹, que são também as únicas que possuem um departamento de língua portuguesa em toda Coreia do Sul. Nesse caso, o tempo de estada costuma ser de seis meses a um ano em média e essa experiência serve muitas vezes como uma motivação para manter o vínculo com o país de várias formas. O recente aumento notável de número de estudantes universitários coreanos na década de 2000 se deve ao auxílio financeiro do governo coreano ao estudo e pesquisa destinados às áreas de BRICs, o qual começou em 2005. De fato, um programa de bolsa de estudo do governo coreano serviu de

³¹ Uma é a Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros, com dois *campi*, um em Seul, outro em Yong-In, cidade-satélite da capital. E em Busan, capital da província de Gyeongsang do Sul, fica situada a Universidade Busan de Estudos Estrangeiros. A tendência era de que a absoluta maioria dos alunos da Universidade Hanguk de Estudos Estrangeiros optasse por Porto Alegre (Rio Grande do Sul) ou Campinas (São Paulo) no Brasil para fazer o curso de língua portuguesa. Mas, há alguns anos, Curitiba também vem se firmando como um dos destinos preferidos pelos alunos pelos seguintes motivos: primeiro, à medida que Porto Alegre vem abrigando cada vez mais alunos coreanos, que são oriundos da mesma região coreana, num pequeno espaço, eles começaram a procurar um novo ambiente onde tivessem menos chances de encontrar um conterrâneo para, portanto, tirar o máximo proveito do contato tanto com a língua como com a cultura do Brasil.

incentivo para que muitos alunos que fazem o curso de língua portuguesa na Coreia se interessassem pelo intercâmbio no Brasil e um bom número deles foi beneficiado por isso.³² Hoje, esses alunos se encontram mais concentrados nas cidades como Porto Alegre, Curitiba, Minas Gerais entre outras. É comum ver alguns deles voltarem com maior compromisso, seja como funcionário de empresas coreanas, seja para aprofundar seu estudo sobre o Brasil no programa de pós-graduação.

Por sua vez, cada vez maior número de missionários protestantes está sendo enviado para o Brasil da Coreia e dos EUA, cujo escopo de atividades cobre em particular a região do estado de São Paulo e do Amazonas entre outras. Em São Paulo, o ministério deles está voltado ao público de baixa renda que normalmente reside nas regiões menos favorecidas inclusive os bairros onde se concentram favelas. Existe o vínculo de cooperação entre missionários coreanos e igrejas da comunidade coreana e a Associação de missionários coreanos no Brasil, que funciona como um meio mais explícito de tal cooperação, os reunindo mensalmente (*Brazil Korean Missionary Monthly Meeting*) em uma dessas igrejas.

Por fim, outro grupo de coreanos também de natureza bastante distinta dos outros refere-se a estagiários de futebol que vêm ao Brasil. Normalmente são adolescentes entre dez e dezoito anos de idade que são recebidos pelos clubes de futebol das cidades do interior de São Paulo, como São Carlos, entre outras. Esses alunos, cujo objetivo da estada é aprender futebol, são inseridos em um ambiente bastante peculiar e mais diferente dos outros grupos em termos da interação com a comunidade local (brasileira). Como Luciana Romano Morilas (2003) observou no seu trabalho sobre o ensino de português voltado a esse grupo, o alojamento onde eles ficam hospedados é dentro do clube onde treinam futebol e todos os alunos coreanos ficam juntos, assim formando uma outra “pequena Coreia” no Brasil.³³

A comunicação entre esses cinco grupos, ou as cinco fases diferentes de fluxo de coreanos tende a ser algo limitado por possuírem perfis diferentes um do outro e assim atuando em áreas diferentes. Em especial, o pessoal empresarial, cuja permanência no Brasil é

³² Só de 2005 a 2010, foram enviados o total de 118 estudantes para universidades do Brasil em 10 semestres letivos através desse programa de bolsa de estudo de BRICs. As principais universidades onde tem a presença dos estudantes coreanos são Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Paraná, Universidade Estadual de Paraná, Universidade Federal de Minas Gerias, Universidade Estadual de Minas Gerais entre outras.

³³ Luciana Romano Morilas desenvolveu um levantamento de pesquisa a partir do projeto “Ensino de Português para adolescentes coreanos que vem sendo desenvolvido desde 2002 na UFSCar, como parte do programa FALE (Formação e Aperfeiçoamento em Língua Estrangeira) – Linguística Aplicada: português para estrangeiros. O trabalho intitulado “Português para adolescentes coreanos: uma experiência no ensino de português como LE (Portuguese to Korean teenagers: an experience in teaching portuguese as SL)” foi apresentado como comunicação ao Grupo de Estudos Linguísticos XXXII do Estado de São Paulo está disponível em formato de PDF em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci147.htm>>

de duração limitada (variando de um ano a cinco anos, na maioria dos casos), tem uma esfera mais limitada em termos de espaço físico, rede de relações humanas e cultura local, mesmo quando comparado com os outros grupos além do primeiro, e mantém certo distanciamento da comunidade coreana. Isso pode ser visto como uma atitude cautelosa da parte do grupo de assalariados para evitar qualquer eventual conflito com a comunidade – qualquer problema pode implicar seu descrédito perante a sociedade, não somente da comunidade coreana, mas da sociedade brasileira como um todo.

Assim, a presença coreana no Brasil hoje com um quadro bastante diversificado torna difícil um tratamento generalizador especialmente quando se trata da questão da identidade como no nosso estudo porque o grau de sentimento de pertencimento à sociedade brasileira que os componentes desses grupos têm. E quando se leva em consideração a presença razoavelmente forte no Brasil, em termos de quantidade numérica, história e esfera de atividade geográfica e profissional, que resultou em interações de naturezas e graus variados com a sociedade brasileira, fica evidente a relevância de levantar num futuro próximo estudos que se debrucem sobre o estudo de cada um deles, que atuam com objetivos e mentalidades diferentes um do outro.

3.2 Imigrantes permanentes

Este grupo, que é o objeto de estudo deste trabalho, em linhas gerais, na verdade, é melhor compreendido se for subdividido em grupos diferentes. Adotamos, neste trabalho, a divisão em três grupos segundo os motivos da vinda e época da migração, embora o grupo em geral tivesse vindo para o Brasil sem intensão de retorno à sua pátria: primeiro, os imigrantes pré-guerra de origem coreana que vieram com os imigrantes japoneses; segundo, os ex-prisioneiros da Guerra da Coreia; e, por fim, os sul-coreanos³⁴ que vieram com o início das relações diplomáticas Brasil-Coreia tanto pelo Projeto de Emigração do nível nacional quanto após o término da imigração oficial por vias diferentes. Com respeito aos imigrantes coreanos

³⁴ Falar de origem desses dois grupos parece complicado. No caso do primeiro grupo, a partida se deu no Japão e antes da divisão da península coreana e seria essa origem que teria exercido mais influência na socialização dessa população no Brasil. E o segundo grupo tem característica mais complicada: embora tenham sido soldados norte-coreanos e oficialmente comunistas, foi da Coreia do Sul que eles partiram para o Brasil via Índia; e para esses norte-coreanos que optaram pelo não-retorno a seu país, parece não fazer sentido colocá-los na categoria de norte-coreanos. Como a própria decisão de ir para os países neutros já comprova a irrelevância de classificá-los como sendo do sul ou do norte. A título de curiosidade, dos 50 prisioneiros, um era sul-coreano, tendo sido classificado como o soldado norte-coreano por engano. Fonte: PARK, Tae-gyun. 한국전쟁 – 끝나지 않은 전쟁, 끝나야 할 전쟁 (Guerra da Coreia: guerra que ainda não acabou e que tem de acabar), 책과 함께 (Chaekgwahamge). 2005.

no Brasil, tem existido a voz de lamentação por alguns pela falta de centralização de registros, dos quais uma boa parte só está disponível em fontes verbais dos próprios imigrantes. Especialmente hoje a geração dos primeiros imigrantes que abriram a história da imigração coreana para o Brasil está próximo ao falecimento, o que leva componentes da comunidade coreana no Brasil a tomarem iniciativas para resgatar memórias desses imigrantes pioneiros junto com materiais recolhidos nas outras fontes também. Atualmente a “História da imigração coreana no Brasil” está sendo elaborada por três pesquisadores com previsão de publicação em 2011.³⁵

3.2.1 Imigrantes pré-guerra de origem coreana

Nessa fase remota da presença coreana no Brasil, é imprescindível remontar à história da imigração japonesa ao Brasil, pois os primeiros imigrantes coreanos a se estabelecerem no Brasil fizeram-no como “cidadãos japoneses”. Acho que é importante denominar esse grupo de “cidadãos japoneses” de origem coreana em vez de “naturalizados japoneses” como muitas outras fontes referentes a esse grupo o chamam erroneamente ainda que a denominação em si não nos impeça gravemente a acompanhar a passagem desse grupo no Brasil e o peso da sua ocupação na colônia coreana.³⁶

Mesmo sendo poucos numericamente, a origem e perfil desses coreanos parecem bem distintos entre si, exceto pelo fato de que todos eles eram coreanos pela etnia, japoneses pela nacionalidade, e considerados os primeiros coreanos no Brasil. Nos registros disponíveis que fazem referência a eles, existem alguns pontos ambíguos no que diz respeito ao ano em que se deu sua entrada, se eram eles casados ou solteiros e como era a composição étnica das famílias por eles constituídas aqui no Brasil família em termos de etnia entre outros. Choi Keum-joa, na sua dissertação de mestrado defendida em 1991, utilizou os registros do “Relatório do Consulado da República da Coreia do Sul no Brasil” de 1989 e do “Instituto dos

³⁵ O comitê de publicação é composto de três autores: Jeong Ha-won, Ahn Gyeon-ja e Choi Keum-joa.

³⁶ Considera-se mais correto denominar esse grupo como os imigrantes do pré-guerra e não como coreanos naturalizados japoneses. Pois, com plena consciência de que este é um assunto delicado, mas estritamente falando, eles nunca precisaram fazer isso porque eles já se encontravam no estado de cidadãos japoneses sendo que a Coreia então esteve submetida ao jugo colonial japonês (1910-1945), todos os indivíduos nascidos na península, coreanos (*ethnic Koreans*) ou não, eram considerados cidadãos do Império Japonês. Situação semelhante ocorria em Taiwan e Karafuto. Na Coreia e nas demais colônias, o poder político era exercido pelo governo japonês, sob a forma do governo-geral (總督府=총독부) estabelecido após a ocupação militar da península. Entre 1910 e 1945, nunca existiu um Estado nacional coreano. Todas as formalidades cartoriais, como emissão de passaportes, por exemplo, eram feitas pelas autoridades japonesas. Pak Hak-ki, Kim Su-jo, Lee Jung-chang, Vô Mita, Kim Chang-su, imigrantes desse grupo, todos eles eram cidadãos japoneses de direito, e, com a exceção de Kim Su-jo, todos eles preservaram a cidadania japonesa até morrerem.

Problemas dos Emigrantes Coreanos”, segundo os quais:

No Brasil consta que os primeiros coreanos chegaram em 1918, portanto dez anos após a chegada da primeira leva de imigrantes japoneses: eram 4 famílias, naturalizadas japonesas [sic], que vieram em meio às demais. Segundo “Os problemas reais dos imigrantes coreanos na América Latina” do *Anuário sobre a Política da Emigração* (Instituto dos Problemas dos Emigrantes Coreanos, Junho de 1978, p. 18-12), os membros de quatro famílias são Kim Su-jo, Lee Jung-chang, Jang Seung-ho, Kim Chang-su e Kim Dal-su. Além desses, supõe-se que outros coreanos tenham vindo ao Brasil nas mesmas condições, provavelmente como cônjuges de imigrantes japoneses. (CHOI, K., 1991, p. 28, 45)

Os nomes acima mencionados são os mesmos que aparecem na pesquisa de Jeon Gyeong-su (1990); porém, Jeon está dizendo que havia uma só família coreana entre os coreanos que vieram para o Brasil nessa época e a explicação dele sobre cada componente desse grupo é mais detalhada, embora não possa se dizer que esses dados são precisos. Jeon vê que a entrada desse grupo se deu na década de 1920, quando os japoneses imigraram em massa para o Brasil. Depois de serem introduzidos japoneses oriundos da classe menos privilegiada economicamente e da região sul do Japão e de Okinawa, que representam uma porcentagem significativa do total de imigrantes japoneses, o governo japonês formou o novo grupo, chamado “exemplar” de imigrantes, e enviou-o para o Brasil. A imigração japonesa, desde a primeira leva, em 1908, sempre girou em torno do imigrante-família. Dessas famílias japonesas, havia uma família coreana, conhecida como “família de *gunsu*”³⁷ Kim”, composta pelo casal, três filhos e uma filha.³⁸ Dos quatro filhos, o segundo, Kim Chang-su, foi o primeiro presidente da *Gyominhoe* (교민회), a associação de coreanos³⁹ e re-emigrou para os EUA depois, e o terceiro filho era Kim Dal-su. (Ibid., p. 19-20)

Não se conseguiu neste trabalho identificar ao certo os anos da vinda dessas pessoas. No entanto, como esses imigrantes mantinham uma relação muito íntima com os imigrantes japoneses, foi possível encontrar alguns dados que podem dar maior coerência às diferentes fontes e preencher o vácuo entre elas, nomeadamente, os dados disponíveis para consulta no

³⁷ “*gunsu*” é a palavra que significa “governador da menor unidade administrativa (*gun*) da Coreia”. Não se sabe se ele realmente tinha tido tal cargo ou não, embora acreditemos que sim.

³⁸ De acordo com o que ficou registrado pela colônia coreana, a família se instalou nas proximidades de São Paulo e comprou terreno para fazer dele fazenda futuramente. Isso, provavelmente, era a ideia tirada vendo o que a maioria dos imigrantes japoneses então fazia para ganhar a vida no Brasil. Naquela época, muitos imigrantes japoneses, depois de se aperceberem de que o acúmulo rápido de pecúlio e retorno glorioso à terra natal eram difíceis de serem atingidos, optavam pela permanência “a médio prazo” e passavam a adquirir terras para fazer dinheiro mais facilmente. Após a morte de Kim *gunsu*, sua esposa, que era cristã, distribuiu o terreno inteiro para pessoas pobres. (JEON, 1990, p. 20)

³⁹ *Gyominhoi* é o embrião da atual Associação Brasileira dos Coreanos, *haninrooe* (한인회, 韓人會).

Centro dos Estudos Nipo-Brasileiros. Somando essas fontes diferentes, supõe-se que Choi (1991) tratou estes quatro indivíduos – Kim *gunsu*, Kim Su-jo, Lee Jung-chang, Jang Seung-ho – como famílias, considerando o estado civil deles após a entrada no Brasil, isto é, o casamento que se deu com mulheres japonesas ou ocidentais⁴⁰, não o de quando entraram, como Jeon (1990) fez. Neste trabalho, julga-se mais apropriado denominar “imigrantes-família” somente aqueles que vieram com familiares coreanos, enquanto que aqueles que vieram solteiros e se casaram depois com não-coreanos seriam simplesmente “imigrantes solteiros”. Tal distinção, na qual não há intenção alguma de valorizar um ou outro, serve para tornar mais clara e conveniente a compreensão dos estilos de vida diferentes que eles levaram no Brasil, o que deve ter tido íntima relação com a natureza dos casamentos, isto é, exogâmico ou endogâmico.

Enquanto isso, o número de solteiros coreanos que vieram nesse influxo é conhecido como 4, segundo fontes produzidas por pesquisadora Cheon Suk-mi⁴¹ e jornalista Takahashi Hukiharu⁴². Não se sabe o ano exato quando eles vieram para o Brasil e falam que foi no final da década de 1920. Os nomes dessas quatro pessoas são: Kim Su-jo, Jang Seung-ho (“Vô Mita”), Lee Jung-chang e Park Hak-ki.

Dos quatro, Kim Su-jo e Jang Seung-ho são os nomes que ficaram mais conhecidos e lembrados nas colônias japonesa e coreana mesmo depois da morte de ambos, mas por motivos diferentes e associados a recordações diferentes. Kim Su-jo, como outros coreanos que vieram solteiros como nacionais japoneses ao Brasil, se casou com uma mulher japonesa. Ainda que ele tenha sido conhecido na colônia japonesa a ponto de o nome dele sair frequentemente nos jornais da colônia japonesa, a impressão que essa figura deixou em geral na colônia coreana poderia ser resumida em uma palavra: “mistério”. Sua atuação, que deixou uma marca profunda na colônia coreana, pertence antes à fase embrionária do Projeto de Emigração Coreana para o Brasil, o que será tratado detalhadamente posteriormente neste trabalho. Embora seja verdade que ele merece ser registrado como a primeira pessoa a tentar um empreendimento de emigração de maneira profissional, parece-nos que a falta de

⁴⁰ Park Hak-ki, Kim Su-jo e Jang Seung-ho casaram-se com mulheres japonesas. Quanto ao fato de que Kim Chang-su casou-se com uma mulher ocidental, algumas informações referentes a isso foi retirado da reportagem do jornalista Takahashi Yukiharo (高橋幸宏) em fins dos anos 1970 com Lee Jung-chang e Vô Mita. Há rumores nas colônias coreana e japonesa de que Kim Dal-su também tenha se casado com uma mulher ocidental na colônia japonesa e coreana.

⁴¹ Cheon Suk-mi é pesquisadora japonesa de origem coreana que tem se dedicado ao estudo sobre a imigração coreana no Brasil.

⁴² Informação fornecida por Takahashi Hukiharu da colônia japonesa em São Paulo.

honestidade e de “transparência” da parte de sua pessoa⁴³, refletidas na relutância em trabalhar junto com os órgãos responsáveis pelo projeto da Coreia do Sul, deixou uma marca mais profunda.

Jang Seung-ho, por sua vez, é lembrado com muita gratidão por muitos coreanos e é o nome que não deixa de aparecer nas principais comemorações oficiais da “colônia coreana”. Ele, que desembarcou no Brasil no final da década de 1920 (ou em 20 de setembro de 1926, segundo o material “*40 anos da Imigração Coreana no Brasil*”, 2003, p. 21), publicado para comemorar a data, viveu trabalhando para empregadores japoneses e foi esquecendo o idioma coreano. Foi depois de receber os ex-prisioneiros coreanos e posteriormente imigrantes coreanos oficiais que ele passou a retomar o contato com “as coisas da Coreia”, incluindo o idioma. Ele ficou conhecido mais como “Vô Mita” entre os imigrantes coreanos. O nome Mita foi incorporado depois do casamento dele com a Sra. Yuri Mita, cuja família não possuía herdeiros homens. Por conta disso, seus filhos cresceram incorporados à sociedade brasileira e recebendo educação no estilo japonês no âmbito familiar e da colônia japonesa.⁴⁴ A homenagem que o ex-presidente da Associação Brasileira dos Coreanos, Gwon Myeong-ho, dirigiu a ele, que já tinha falecido em 10 de maio de 2000, na comemoração dos “*40 anos da imigração coreana no Brasil*” em 2003, ilustra bem como a colônia coreana se lembra dele:

Entre eles, pode-se destacar o saudoso Jang Seung Ho, vulgarmente conhecido como “Avô Mita”. [...] Ele nasceu na região de Yeongdong, Coreia do Sul, em 23 de março de 1907, como caçula de cinco irmãos de família muito pobre e sofrida. Ele desde cedo abraçou a fé cristã e se mudou para o Japão e lá encontrou seu guru espiritual, Daniel Nishizumi, missionário da igreja metodista. Na ocasião de vinda deste para evangelização dos colonos japoneses do Brasil, ele o acompanhou. Com sua profunda convicção religiosa e amor devoto aos patrícios coreanos, distribuiu muito amor e auxílio aos coreanos, tanto prisioneiros de guerra da

⁴³ Havia muitos boatos a seu respeito. Um deles dizia que Kim Su-jo seria comunista. Segundo esse boato, ele, após a tentativa fracassada de fraude no processo da 1ª imigração coreana para o Brasil, organizou em 1963 uma delegação composta de brasileiros e visitou a Coreia do Norte, dando, depois do Golpe Militar de 1964, motivo ao governo militar do Brasil para prendê-lo em caso de suspeita de esquerdismo. (SHIN & PARK, 1965, p. 171 apud JEON, 1990, p. 22)

⁴⁴ A *imigração coreana no Brasil: uma abordagem antropológica* é o relatório da pesquisa antropológica realizada por Jeon Gyeong-su, antropólogo e professor da Universidade Nacional de Seul, como parte do projeto financiado pela Comissão Nacional da Coreia para a UNESCO, e foi publicado em 1990 pela Universidade Nacional de Seul. Na etapa de preparação, que se estendeu de setembro de 1985 até fevereiro de 1986, ele consultou os materiais sobre o assunto até então escritos e realizou entrevistas com os emigrantes coreanos radicados no Brasil que estavam visitando a Coreia e dos que retornaram para a Coreia, além dos especialistas na região da América do Sul. Após essa fase preparativa para a pesquisa de campo no Brasil, Jeon Gyeong-su esteve na colônia coreana em São Paulo de agosto de 1986 até fevereiro de 1987. Durante sua estada no Brasil como antropólogo, ele levou a cabo sua pesquisa, basicamente alicerçada sobre a observação participativa e a coleta de depoimentos orais. Sua posição como professor, pesquisador e acadêmico de uma das universidades mais prestigiosas da Coreia do Sul é endossada pela Comissão Nacional da Coreia para a UNESCO, órgão que subsidiou a pesquisa.

Coreia como os primeiros imigrantes coreanos, o que levou o governo coreano, durante a gestão do Presidente Park, a reconhecer seu patriotismo e amor aos patrícios. Ainda há muitos que não prestaram ao Avô Mita o devido respeito, seja porque não tinham condições, seja por puro esquecimento. Deixou dois filhos e 7 filhas⁴⁵, entre as quais Emi Mita, que se casou com o coreano (ex-prisioneiro de Guerra da Coreia) Sr. Kim Chang-eon, e faleceu em 10 de maio de 2000, com 93 anos de idade. (Gwon em *40 anos da Imigração Coreana no Brasil*, 2003, p. 22)

Quando consideramos a ausência ou falta geral de informações sobre esses primeiros coreanos, pode-se dizer que a trajetória de Jang Seung-ho acima descrita é bastante detalhada, incluindo dados que cobrem desde o seu nascimento na Coreia, o que mostra o reconhecimento da contribuição dele para a instalação dos primeiros imigrantes coreanos no Brasil.

Fato digno de nota é que a família de Kim *gunsu* e os imigrantes coreanos solteiros passaram a exercer funções diferentes dos demais imigrantes do mesmo período quando começou o novo influxo de imigrantes coreanos. Jeon, valendo-se da observação participativa na “colônia” e através de depoimentos dos que tinham contato com esses grupos, registra que os imigrantes solteiros se ofereceram voluntariamente a receber os ex-prisioneiros da guerra, enquanto que os descendentes dos imigrantes-família se envolveram na sociedade coreana que começou a se organizar com a vinda dos imigrantes-família oficiais a partir de 1963. Os imigrantes solteiros, por sua vez, não chegaram a participar plenamente da micro-sociedade construída pelos imigrantes coreanos. (JEON, 1990, p. 23)

Em suma, existe, de fato, um consenso geral no que diz respeito ao papel importante que eles, ou alguns deles, cumpriram durante o período de acomodação dos ex-prisioneiros da Guerra da Coreia, bem como dos imigrantes-família. Porém, em termos numéricos, esse grupo de coreanos ocupava um lugar pouco significativo e os traços percebidos como “coreanos” nele detectados – a nacionalidade que tinha quando mudou para o Brasil, domínio da língua coreana, preservação das tradições coreanas etc. – também não eram muito fortes e, naturalmente, seus descendentes trilharam antes o caminho da assimilação à sociedade brasileira, bastante distinto do caminho que a maioria dos imigrantes coreanos têm seguido.

⁴⁵ Jeon Gyeong-su registrou em seu relatório que Jang Seung-ho tinha uma filha com sua esposa japonesa (Jeon, 1990, p. 22). Como esta é a única pista que ele nos dá sobre o assunto, é impossível chegar a um consenso sobre o que ele quis dizer com isso exatamente. Porém, somando informações da absoluta maioria das outras fontes, muitas vezes, verbais, disponíveis tanto na colônia coreana como na japonesa, Jang tinha sete filhas e dois filhos no seu único casamento, que se deu com Yuri Mita, japonesa.

3.2.2 Ex-prisioneiros anticomunistas da Guerra da Coreia

Mais adiante, o acontecimento que ensejou a vinda do segundo grupo de coreanos para o Brasil foi a Guerra da Coreia (1950-1953) e o armistício de 27 de julho de 1953. Como foi tratado no capítulo anterior, sérios problemas surgiram com o resultado do fim da guerra, e um deles dizia respeito à repatriação de prisioneiros de guerra entre as partes. Para resolvê-lo, foi criada a Comissão de Supervisão de Nações Unidas, composta por países neutros para supervisionar o cessar-fogo e o cumprimento de acordos. Uma vez dado o direito para decidirem livremente seu destino, 88 prisioneiros, dos quais 74 eram soldados norte-coreanos, 2 sul-coreanos e 12 chineses, optaram por países neutros. Conforme essa decisão, eles partiram do Porto de Incheon em 8 de fevereiro de 1954 rumo à Índia, lá desembarcando em 22 do mesmo mês. A estadia dos ex-prisioneiros em terras indianas duraria dois anos ao todo. Expirado o período de permanência, porém, eles se viram mais uma vez às voltas com a necessidade de escolher seu próximo destino. De acordo com aquilo que ficou estabelecido pela ONU, eles tinham direito de escolher entre os países neutros reconhecidos pela ONU (EUA, Suíça, Argentina, Brasil, México e Índia)⁴⁶. Como imaginamos, os Estados Unidos e a Suíça eram os países preferidos pelos ex-prisioneiros, mas foram somente México, Índia, Argentina e Brasil que se ofereceram para acolher os ex-prisioneiros anticomunistas. Devido ao procedimento demasiadamente demorado para a ida para o México, 2 dos 88 soldados acabaram regressando para a Coreia do Norte, 50 coreanos e 5 chineses optaram pelo Brasil, e outros 16 soldados (13 coreanos) rumaram para a Argentina.

Os 55 ex-prisioneiros que optaram pelo Brasil partiram do aeroporto de New Deli (Índia) em 4 de fevereiro de 1956 e chegaram em 6 de fevereiro ao Rio de Janeiro. É interessante o fato de que eles, depois que a escolha de destino foi feita, fizeram um estudo sobre o Brasil com informações conseguidas na Embaixada do Brasil na Índia e até aprenderam o hino nacional do Brasil. Ao chegar ao aeroporto do Rio de Janeiro, eles responderam aos que estavam lá para recebê-los cantando o hino (JEON, 1990, p. 24), o que mostra a gratidão deles para com o país que os recebeu e a vontade de aprender sobre a nova cultura. E é nesse contexto histórico que cinquenta ex-prisioneiros coreanos constituíram o segundo grupo de coreanos a emigrarem para o Brasil.

Esse grupo, ao chegar ao Rio de Janeiro, foi abrigado na Hospedaria dos Imigrantes

⁴⁶ A Comissão de Supervisão das Nações Neutras (Neutral Nations Supervisory Commission) é composta pela Tchecoslováquia, Polônia (na parte norte), Suíça, Suécia (na parte sul) e Índia. Fonte: <http://www.swissinfo.ch/por/Suicos_na_linha_de_demarcacao_coreana.html?cid=3320660>

da Ilha das Flores. Pela estátua e motivo da sua entrada bastante peculiar, imprensas locais do Brasil, em particular, o jornal “Paulista”⁴⁷, que circulou durante muitos anos na colônia japonesa, tratam do assunto desde antes da chegada dos prisioneiros, assim alimentando a curiosidade de brasileiros.

Quadro 3.1 – Os nomes dos cinquenta coreanos

	Nome		Nome		Nome
1	Kang Hi-dong	18	Moon Myung-cheol	35	Lee Jun-hui
2	Kang Seok-geun	19	Park Han-mo	36	Lee Eung-yong
3	Kang Yeong-bin	20	Park Gyeong-hwan	37	Lee Byeong-chai
4	Kim Chang-eon	21	Park Dal-mok	38	Lee Gyeong-ik
5	Kim Chang-jun	22	Baek Yeong-hun	39	Lee Seung-hyeon
6	Kim Si-bong	23	Seok Tae-hun	40	Lee Jang-geun
7	Kim Neung-ik	24	Son Cheon-gi	41	Lee Bong-yeop
8	Kim Jung-jin	25	Han Hong-ik	42	Lim Jang-yong
9	Kim Heung-bok	26	Hyeon Hak-seon	43	Lim Gwan-taik
10	Kim Nam-su	27	Hwang Sun-seong	44	Lim In-ho
11	Kim Yeong-bok	28	Hwang Deok-rim	45	Oh Hui-seong
12	Kim Gwan-se	29	Jang Seong-gang	46	Oh In-seon
13	Kim Seong-rim	30	Ju Yeong-bok	47	Oh Il-guk
14	Kim Hui-yong	31	Choi Bu-gyeong	48	Yu Hyeong-guk
15	Kim Seo-guk	32	Choi Guk-ju	49	Yu Pil-hong
16	Nam Chang-jin	33	Ahn Ik-deok	50	Yu Won-sik
17	Ra Ho-seop	34	Lee Jun-hyeong		

Fonte: Oh, Eung-seo. **Sonho amazônico** (아마존의 꿈), 2004, p. 106.

Quem ficou mais animado e emocionado, no entanto, foram os conterrâneos que já haviam se instalado no Brasil havia algum tempo, isto é, os coreanos que emigraram solteiros como nacionais japoneses acima descritos. Dizem que Kim Su-jo, que organizou a “*Goryeojin* (Sociedade dos Coreanos)”, improvisadamente com outros coreanos, foi ao aeroporto receber os ex-prisioneiros, falou somente uma frase em coreano: “Também sou coreano”, sendo que o

⁴⁷ *Jornal Paulista* deixou de existir após a fusão com o *Nippaku Mainichi Shimbun*, transformando-se então em *Nikkei Shimbun*.

resto da conversa foi feito em japonês (JEON, 1990, p. 24). A nostalgia e solidão na terra estranha fizeram com que eles se unissem fortemente uns aos outros, oferecendo-se para ajudar-se mutuamente nos momentos mais difíceis. Com o tempo, os ex-prisioneiros também foram se instalando no Brasil graças à ajuda dos conterrâneos. Eles não enfrentaram grande dificuldade em encontrar empregos e assim “ganhar a vida” no Brasil porque eram, antes de tudo, solteiros, o que facilitava a aprendizagem da nova cultura e língua, bem como o acúmulo de bens para a instalação definitiva no Brasil. (OH, 2004, p. 105)

Vale notar que, embora os ex-prisioneiros tenham recebido grande ajuda de outros coreanos, o relacionamento entre essas duas partes não podia se tornar mais estreito, pois existia uma barreira invisível, porém forte, entre eles. Para esses jovens, que foram prisioneiros durante a guerra e que optaram pelos “países neutros”, deixando sua pátria para trás, o conceito de “povo” ou “nação” não podia causar a mesma emoção que os outros coreanos compartilhavam nessa época. O processo de constituição das famílias levado a cabo por eles pode ser um fato que mostre tal vontade de “indiferença”. Todos eles eram solteiros e muitos deles se casaram com moças brasileiras ou imigrantes japonesas. De fato, é possível dizer ter sido difícil encontrar no Brasil moças solteiras coreanas, que poderiam se tornar possíveis companheiras para os ex-prisioneiros, porque ainda não havia sido iniciada a imigração oficial coreana em regime familiar. Com respeito a tal situação e à escolha deles, Oh (Ibid.) nos oferece a seguinte descrição: “Como era um lugar onde não havia coreano, eles ‘não tinham outro jeito’ senão casar com moças brasileiras ou japonesas.” Mas a observação de Jeon diz respeito ao forte desejo desses jovens, que era “esquecer tudo aquilo que passaram em sua pátria”. Segundo esse ponto de vista, foi esse desejo que os levou a se acelerar o processo de integração ou assimilação à sociedade brasileira por meio do mecanismo de “trabalho” e “casamento” (JEON, op.cit., p. 30). Porém, não acredito que seja um julgamento arbitrário da minha parte pensar que eles devem ter lamentado ter de se casar com alguém que não conhecia a cultura da “pátria” deles, a qual eles se recusaram a manter na sua memória. Isso se verifica parcialmente no fato de que alguns deles passaram a se envolver mais intensamente com a cultura coreana e a se casar novamente com mulheres coreanas, anulando o primeiro casamento tão logo chegaram os primeiros imigrantes coreanos oficiais (Ibid., p. 31) Acredita-se que eles vivessem nessa situação de dilema e internamente conflituosa no que diz respeito à sua identidade. Mais um fato simbólico que “oficializou” tal conflito por assim dizer seria o estado legal deles quando entraram no Brasil: eles foram classificados como “apátrida”, o que significava “sem nacionalidade”. “Me sinto como uma folha que saiu do Oceano Pacífico para ficar flutuando sem rumo (OH, op.cit., p. 105).” Nessa frase que muitos

deles diziam, está expresso resumidamente o sentimento de perda e de não-pertencimento a nenhum lugar, que eles devem ter vivido durante o percurso no Brasil. Quanto a isso, Jeon também registrou em seu relatório o mesmo ponto de vista que o de Oh, descrevendo-os como “homens marginais” (JEON, 1990, p. 33). Não causa surpresas o fato de que eles foram se esquecendo da língua coreana no decorrer do tempo.

Em suma, o casamento da maioria dos ex-prisioneiros com não-coreanas e uma série de consequências deste fato que se pode resumir como a assimilação à sociedade brasileira fez com que eles não formassem, grosso modo, algum relacionamento íntimo com os imigrantes coreanos que vieram pelo contrato. Embora seja verdade que foi imprescindível a contribuição deles quando depois os imigrantes coreanos vieram pelo contrato, de certo ponto em diante, eles não mais chegaram a se relacionar uns com outros de modo regular e significativo.

Dentre os poucos ex-prisioneiros que ficaram amplamente conhecidos na colônia coreana através do seu envolvimento ativo com a mesma, pretendo citar aqui a história de Moon Myeong-cheol, que vislumbra o processo da entrada desse grupo no Brasil. Diferente da maioria desse grupo, Moon não era soldado comunista quando foi capturado pela ONU e enviado para o campo de prisioneiros de guerra, localizado em Busan da Coreia do Sul. O testemunho de Moon, publicado no *Diário Guk Min* da Coreia do Sul, na data de 12 de outubro, mostra sua jornada até chegar ao Brasil:

Com a eclosão da Guerra da Coreia, o Exército da Coreia do Norte alistou à força até os jovens ainda adolescentes. [...] Fui escolhido como aspirante-a-oficial por ter concluído o ensino médio, mas ao descobrir que eu era de família cristã, reprovaram-me, o que me fez decidir fugir do exército, logo depois tomando o rumo em direção à Coreia do Sul porque julguei que lá teria mais liberdade de culto do que na Coreia do Norte. [...] Tornei-me prisioneiro das tropas da ONU junto com soldados norte-coreanos e fui enviado para o campo de prisioneiros de guerra de Busan. [...] Em agosto de 1952 em Panmunjeom, a ONU fez com que nós decidíssemos para onde ir [...] “Senhor, que país devo escolher? Se for para a Coreia do Norte, aqueles prisioneiros comunistas que me viram no campo de Busan vão me acusar de reacionário, e na Coreia do Sul, o estigma de prisioneiro anticomunista deve me seguir e torturar até eu morrer.” E finalmente decidi ir para um país do Terceiro Mundo e começar uma nova vida. Tornei-me oficialmente livre em 4 de fevereiro de 1954. [...] Na Índia, junto com meu colega da fé cristã, Kang Hui-dong, ingressei no Seminário de Teologia de Leonard. [...] Em janeiro de 1956, chegou a notícia de que o Brasil decidiu nos acolher. Depois de momentos de angústia e oração, tomei decisão de partir para o Brasil, a qual me deu, finalmente, a paz no coração. [...] Ao desembarcar no aeroporto, a atmosfera completamente diferente da Índia nos deixou meio empolgados e tensos. Além do mais, chegamos justamente durante o período do Carnaval [...]: ficamos consternados ao ver danças selvagens com corpos quase

pelados. [...] (Testemunho de Moon, publicado na Seção de Cultura, *Diário Guk Min*, da Coreia, 12 de outubro de 1998, p. 19, tradução nossa)⁴⁸

Ele atualmente é o pastor veterano da Igreja Missionária Oriental de São Paulo: é, aliás, o único pastor entre os ex-prisioneiros coreanos que vieram junto com ele instalar-se no Brasil.

Passados mais de cinquenta anos desde a chegada deles no Brasil, estima-se que atualmente cerca de vinte deles estão vivos ainda no Brasil, dos quais poucos mantêm contato entre si, trocando notícias pelo menos uma vez por ano. E quanto aos outros dez nomes, dizem que já faz muito tempo que se perdeu o contato com eles. (*Jornal dos Coreanos no Exterior*, 7 de fevereiro de 2006)⁴⁹ Os representantes desta geração estão falecendo um após o outro, o que torna ainda mais preciosos seus depoimentos no afã de resgatar e estabelecer a história da imigração coreana no Brasil.⁵⁰

3.2.3 Imigrantes após o início da relação diplomática entre o Brasil e a Coreia

Após a entrada desses dois grupos, a imigração de caráter oficial teve início em fevereiro de 1963, fato tornado possível graças à promulgação da Lei de Emigração de 9 de março do ano anterior. Na maioria das fontes brasileiras, figura a data 23 de fevereiro⁵¹, e nas coreanas, o dia 12 de fevereiro de 1963. Na verdade, a comemoração varia de ano para ano, sendo que nos últimos anos uma semana inteira tem sido dedicada à organização de diversos eventos visando não somente à participação dos próprios imigrantes, mas também dos brasileiros.

3.2.3.1 O processo da elaboração do Projeto de Emigração Coreana para o Brasil

Neste tópico, examinaremos como se deu início o movimento migratório coreano em massa para o Brasil, focando o processo da elaboração e execução do Projeto da Emigração

⁴⁸ Para ler o artigo na íntegra, ver o anexo 6.

⁴⁹ “Realização do banquete em comemoração 50 anos da permanência no Brasil dos ex-prisioneiros da Guerra da Coreia (반공포로 거주 50주년 초청 만찬 열려)”, artigo publicado no *Jornal dos Coreanos no Exterior* (재외동포신문), de autoria do Cônsul-Geral Gwon Yeong-uk, 7 de fevereiro de 2006. Disponível em: <<http://www.dongponews.net/news/articleView.html?idxno=7557#>>

⁵⁰ Han Guk-jin faleceu recentemente. Estão acontecendo esforços por parte da comunidade coreana para publicação de materiais históricos sobre a imigração coreana em diferentes formatos com o fim de resgatar memórias dos coreanos que vieram em circunstâncias bastante diversas dos demais.

⁵¹ Fonte: Prefeitura de São Paulo <<http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br/interna.php?com=7&lang=1&id=125>>

para o Brasil na Coreia com o fim de fornecer a base da compreensão dos “motivos da vinda” das famílias dos entrevistados para o Brasil, sobre os quais veremos num capítulo posterior.

(1) Como nasceu a ideia do projeto de emigração para o Brasil?

Isso porque a migração – em especial a migração internacional – hoje é uma escolha “ativa”, e não “passiva”. Neste sentido, embora houvesse casos precedentes de migrações para fora do país na Coreia, esta que ocorreu após a Libertação da Coreia era de natureza bastante diversa das outras. Pois, diferente das outras, ela foi realizada sem coerção de terceira pessoa, embora tivessem existido situações que fizeram alguns coreanos a fazer essa opção.

Tal justificativa poderia ser feita também de acordo com padrões de migração observados no estudo sociológico ao explorar o tema de migração nos quais se verificam dois grandes fatores: fator(es) de “expulsão” e fator(es) de “atração”. Se é necessário fazer distinção da sequência em que estes dois fatores operam na decisão de emigrar, seria mais apropriado discorrer sobre os fatores de expulsão primeiro. Pois, na maioria dos casos, o desejo de sair de algum lugar nasce quando esse lugar não é mais satisfatório. Basicamente, o início da emigração coreana em massa para o Brasil tem a ver com o ambiente político que dominava a Coreia nessa época. A época em que houve o maior influxo dos imigrantes coreanos para o Brasil (1963-1974) coincide com o período da ditadura militar na Coreia, que começou oficialmente em 1963 após o Golpe Militar⁵² de 1961 e durou até 1972. De fato, o Golpe Militar causou mais uma vez a insegurança na sociedade coreana e o povo vivia dia após dia sob a ameaça de outra guerra. E, como observamos anteriormente, a Coreia estava dividida ideologicamente em duas linhas de pensamento, uma democrática, outra comunista. Após a Guerra da Coreia, qualquer sinal que remetesse ao comunismo era considerado perigo fatal ao país.

Por outro lado, se o desejo de partida é movido, sobretudo, pela falta, o sonho de uma vida melhor o impulsiona. O espaço brasileiro representava, para estrangeiros de diversas procedências, a saída para uma situação de carência e de fome nos países de origem (CURY, 2000, p. 32). Examinar os motivos da emigração de coreanos para o exterior em dimensão estatal corresponde, em grande parte, à tentativa de se aproximar do assunto a partir de fatores de *expulsão*, já que foi o ambiente político instável do Estado que despertou o desejo de saída

⁵² Golpe Militar vs Revolução Militar. Choi, na sua dissertação de mestrado (1991), usa o termo “revolução”. No entanto, à medida que a democracia na Coreia vem se firmando cada vez mais, hoje há um consenso amplamente compartilhado quanto a se ver o acontecimento como um golpe violento.

do país de muitos coreanos, levando-os, por sua vez, a partir em busca de um novo lugar melhor. Enfim, em nível estatal, o projeto tinha como objetivo os seguintes pontos:

- 1º) o controle da alta densidade demográfica;
- 2º) a resolução do problema do desemprego;
- 3º) a aquisição de moeda estrangeira;
- 4º) promover a cooperação com países não comunistas. (CHOI, 1991, p. 39)

A posição geográfica da Coreia também fez com que a emigração para o Brasil fosse considerada uma opção desafiadora pelos coreanos: ser uma Península não é uma condição favorecedora para saída do país, e, além disso, o Brasil, com o qual o fuso-horário é de doze horas, era um mundo praticamente desconhecido. Antes da abertura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Coreia do Sul em 1959⁵³, e, certamente, do início da emigração coreana para o Brasil, que se deu em 1963, já havia interesse, por parte da Coreia, em conhecer o Brasil. Esse interesse tomou forma na concepção de ideias de promover a emigração para o Brasil e até dando, de fato, algumas iniciativas para se aproximar dessa possibilidade. Podem-se citar, por exemplo, a visita do diretor da YMCA, Hyeon Dong-hwan, ao Brasil em julho de 1947 para avaliar as possibilidades de um movimento migratório Coreia-Brasil. E, em 9 de janeiro de 1949, Kim Dong-seong, vice-presidente do Congresso, e Han Jeong-won, professor de espanhol da Universidade Hankuk de Estudos Estrangeiros, embarcaram para o Brasil para manifestar seu agradecimento pelo governo brasileiro ter reconhecido a República da Coreia do Sul. E, nessa última visita, eles tinham a intenção de conhecer a situação real dos imigrantes de diferentes origens étnicas no Brasil, em especial dos imigrantes japoneses, cujos costumes eram mais próximos dos coreanos, comparados aos ocidentais.

Esses esforços, no entanto, ainda se limitavam ao nível civil porque o então presidente Lee Seung-man era contrário à ideia de emigração em razão das dificuldades econômicas do governo e, por conseguinte, da impossibilidade de dar auxílio para emigrantes.

⁵³ A relação diplomática entre os dois países comemorou o 50º aniversário no ano de 2009 e foram realizados diversos programas culturais tanto no Brasil como na Coreia organizados pelo Ministério de Assuntos Estrangeiros e Comércio e do Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul. Enquanto isso, o estabelecimento das relações diplomáticas com a Coreia do Norte ocorreu em março de 2001. Em 2002, foi concedida autorização para a Coreia do Norte instalar uma representação no Brasil, o que ocorreu em 2005, com a abertura da embaixada coreana, apontando-se o embaixador Park Hyeok no cargo. Com isso, o Brasil se tornou um dos poucos países democráticos a ter uma embaixada na Coreia do Norte: no Continente Americano, o Brasil é único país a tê-lo, junto com Cuba, país socialista. A Embaixada do Brasil na Coreia do Norte foi criada pelo decreto 6.587, de 29 de setembro de 2008, mas só em julho de 2009, de fato, foi instalada e o embaixador Arnaldo Carrilho foi sabatinado em dezembro de 2008 pela Comissão de Relações Exteriores

Junto com esse motivo mais realista e, enfim, legal (que proibia a emigração), as emoções conflitantes em relação à emigração que permeavam a sociedade coreana também impediam os interessados nessa alternativa da vida de levar adiante o processo. Nessa época, sair do país era considerado um ato de traição à pátria devido às dificuldades políticas, em grande parte, causadas pela divisão ideológica, bem como econômicas. Então, para muitos coreanos, o fato de emigrar para outros países significava o egoísmo de quem desconsiderava o sofrimento do seu povo. Os próprios termos para designar esse fenômeno, isto é, a saída definitiva do país, também variavam, dependendo da natureza da saída e de circunstâncias da sociedade, sendo, entre outros, *yumin*, *kimin* e *imin*⁵⁴. O termo mais objetivo e mais usado hoje na Coreia para chamar o fenômeno de emigração é *imin*.

Contudo, essa situação, ou, pelo menos, a oposição do governo, não durou por muito tempo. Em 1960, ocorreram a Revolução Civil e a queda de Lee Seung-man em 1960. Com a posse do novo governo constituído por militares, começaram a vir à tona novamente os interesses em emigração. Mas tal mudança da atitude do governo para com a emigração para o exterior não ocorreu porque a situação econômica do país havia melhorado para poder oferecer auxílio aos interessados em emigrar. O novo governo julgou ser necessário soltar parte da sua população para fora exatamente por causa dos mesmos motivos que tinham deixado o governo anterior hesitarem a decisão. Uma vez sendo retomado o assunto na mesa de discussão do governo, iniciou-se o processo de avaliação de possibilidades de emigração sob a direção do governo coreano.

O acontecimento que merece ser considerado o mais direto e detonador para dar impulso ao processo emigratório oficial para o Brasil seria o encontro do coronel Jeong In-gyu com o então presidente do Brasil Jânio Quadros, que se deu no Torneio de Tiro-ao-Alvo no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1961, logo após o Golpe de 16 de Maio. Ele e outro coronel, Lee Jong-uk, tendo ambos participado do evento liderando a equipe coreana, tiveram oportunidade de discutir a questão de imigração de coreanos para o Brasil com o presidente da Associação dos Veteranos de Guerra do Brasil, e eles levaram essa conversa até ao presidente Jânio Quadros numa visita realizada em 8 de agosto do mesmo ano, obtendo permissão para

⁵⁴ *Kimin* (기민, 棄民) significa gente que foi jogada fora, *yumin* (유민, 流民), gente que flutua sem uma base fora da sua terra natal e *imin* (이민, 移民), gente que muda do local de vivência permanentemente. Até a década de 1970, a visão para com a saída do país com o fim de instalação definitiva num outro país foi predominantemente porque entre os coreanos naquela época costumava olhar emigrantes como traidores ou egoístas que se importavam só com seu próprio bem-estar jogando fora seu país numa situação extremamente difícil econômica e politicamente. Hoje em dia, esse pensamento foi consideravelmente superado e há tendência para considerá-los como parte do povo coreano espalhado no mundo inteiro e um elo que pode contribuir para a aproximação entre a Coreia e os países onde os imigrantes coreanos estão instalados.

introduzir 500 famílias de coreanos a serem trazidas para o Brasil e terras junto ao rio São Francisco (Bahia) e no Mato Grosso para elas se instalarem. Além disso, o coronel também conheceu Kim Su-jo, que já tinha instalado no Brasil, esta personagem de que tratamos anteriormente, na breve descrição do primeiro grupo de coreanos no Brasil. Segundo o depoimento de Kim Su-jo, ele já enviava carta para a Sociedade Cultural Coreia-Brasil perguntando sobre a viabilidade da emigração de seus conterrâneos para o Brasil em caráter definitivo. Então, Jeong In-gyu e Kim Su-jo chegaram a um acordo, segundo o qual cada um iria se responsabilizar pela promoção do processo migratório na Coreia e no Brasil, respectivamente. (OH, 2004, p. 9-10). Apesar da renúncia de Quadros, em 25 de agosto de 1961, isso não interrompeu o processo para concretizar o projeto de emigração devido ao grande interesse das partes envolvidas, candidatos, governos e intermediários.

(2) Estabelecimento da Legislação para a emigração para o Brasil na Coreia

Ao lado de Jeong In-gyu há mais um nome que precisa ser registrado quando se trata da imigração coreana para o Brasil, sobretudo no que se refere a preparar o caminho para a imigração na esfera jurídica: Oh Eung-seo. O encontro entre Jeong e Oh foi o primeiro passo para arranjar a legislação conforme a qual o projeto seria levado a cabo. Jeong In-gyu, retornando para a Coreia, entregou o relatório com suas impressões da visita ao Brasil à Comissão Superior de Reconstrução do País e sondou diversos ministérios que pudessem assumir o projeto, mas os ministérios de Relações Exteriores, da Agricultura e do Interior, aos quais foi dirigida a solicitação, não queriam assumir a tarefa. Depois que o projeto foi examinado pelos ministérios acima mencionados e logo rejeitado, Jeong In-gyu e Lee Jong-uk procuraram o Ministério da Saúde e este convocou Oh Eung-seo, que era funcionário do departamento trabalhista do Ministério da Saúde, para discutir o assunto. A emigração para o exterior, nessa época, era uma área nova na Coreia e não havia nenhuma base para pôr em prática esse projeto, o que fez com que a maioria dos Ministérios não quisessem assumir a responsabilidade.⁵⁵ No entanto, Oh Eung-seo achou a sugestão desafiadora, especialmente porque via aí a possibilidade de diminuir o desemprego no país, assim revigorando a atmosfera do Departamento do Trabalho. Os dois coronéis e o Departamento do Trabalho do

⁵⁵ Neste ponto, é necessário lembrar que existia uma falta de definição do projeto em geral, o que causou muitos problemas logo desde o início da emigração. A razão principal por essa escassez do plano e da divisão de tarefas era o fato de que ainda não havia legislação específica sobre emigração por essa ser pioneira, promovida em nível governamental sob regime independente e democrático. Esse fato resultou em, conforme ia prosseguindo o projeto, mudanças de ministérios aos quais cabia a realização da emigração.

Ministério da Saúde decidiram concretizar tal justificativa do projeto e assim o relatório foi redigido por Oh Eung-seo, o qual foi entregue ao então ministro Jang Deok-sun, do Ministério de Saúde. (OH, 2004, p. 10-11)

Porém, o relatório não recebeu atenção imediata devido à reestruturação do Governo Militar e à re-educação (treinamento) dos funcionários de cargos altos. O próprio Oh Eung-seo também foi transferido para outra função dentro do mesmo ministério, e foi quando ele estava no Japão por essa nova função que ele recebeu a carta do ministro da Saúde, que dizia: “Decidiu-se que as ‘5 Grandes Tarefas’ estabelecidas pelo Governo vão incluir a política de migração internacional, sendo que o Departamento do Trabalho do Ministério da Saúde será responsável pela elaboração da política referente ao assunto. Em razão disso, o Ministério lhe ordena que realize uma pesquisa sobre administrativos de emigração internacional do Japão e retorne à Coreia com dados recolhidos” (Ibid., p. 11, tradução nossa). Logo em 18 de outubro de 1961 foi criado o “Setor de Emigração” dentro do Ministério da Saúde, com dois funcionários ao todo, incluindo-se o chefe de setor, e, na Comissão Superior de Reconstrução do País, substituta do Congresso durante o regime militar, criou-se uma subseção chamada “Escritório de assistência para assuntos de Emigração”, encabeçada pelo coronel e pastor Jeong Dal-bin. E, a partir de janeiro de 1962, quando Oh Eung-seo retornou para a Coreia, a missão do Setor de Emigração ficou sob seu encargo, obedecendo a uma ordem especial do ministro. E o Setor de Emigração foi promovido a “Departamento de Emigração”, passando a pertencer à Secretaria Social do Ministério da Saúde. (Ibid.) Junto com tal iniciativa na parte legislativa no país, o Ministro da Saúde incumbiu o Embaixador Jeong Il-gwon para negociar as tratativas de emigração e a partir deste fato, surgiu na Coreia a possibilidade de emigração. (ABC, 2003, p. 25)

Até então, a ausência de uma legislação geral sobre emigração na Coreia prosseguia e, acima de tudo, a maior urgência era decidir a qual Ministério caberia o assunto.⁵⁶ Perante tal situação, para agilizar o processo burocrático, o relatório passou a ser avaliado diretamente pelo ministro, sem precisar da avaliação da Comissão Superior de Reconstrução do País, que até então intervinha em cada detalhe do andamento. Ao longo desse processo, a legislação, elaborada primeiramente por Oh, examinada pelo Comitê – que era composto de profissionais de diversas áreas – e revista por especialistas em Direito, finalmente foi aprovada pela

⁵⁶ Neste ponto, é necessário apontar que então existia uma falta de definição do projeto em geral, o que causou muitos problemas logo desde o início da emigração. A razão principal para essa escassez do plano e da divisão de tarefas era o fato de que ainda não havia legislação específica sobre emigração – essa era a primeira – promovida em nível governamental sob um regime independente e democrático. Esse fato resultou na mudança constante do ministério responsável pelos assuntos de emigração.

Comissão Superior de Reconstrução do País em 20 de fevereiro de 1962 e promulgada em 9 de março. (OH, 2004, p. 17)

Uma vez que a legislação foi arranjada, agora era a vez de estabelecer um plano específico para conduzir-se a emigração que estivesse em acordo com a lei. Entretanto, o Governo Militar simplesmente não tinha uma política específica de emigração de nível governmental propriamente dito para poder ele mesmo gerenciar toda a execução do projeto em níveis mais detalhados. Segundo a recordação de Oh Eung-seo, o Governo provavelmente estava planejando apenas realizar planos de emigração promovidos por indivíduos ou entidades civis conforme eles surgissem. Apesar de muitas coisas permanecerem indefinidas, o Ministério da Saúde não hesitou em assumir as 7 entidades civis voltadas a assuntos externos, que até então estavam sob o controle do Ministério das Relações Internacionais, e as transformou em uma só, em 1961, dando-lhe o nome “Associação de Emigração Coreana (사단법인 한국이민협회)”. Em seguida, para concretizar a política, foi enviada em 15 de março de 1962 uma comissão da Associação em caráter oficial, para contactar o governo brasileiro, liderada por Han Guk-jin⁵⁷, então vice-ministro da Saúde.

(3) A visita da Delegação Cultural Coreana ao Brasil

Enquanto seguiam-se os esforços do governo da Coreia para encontrar uma saída a esta situação, Jeong In-gyu começou a tratar da emigração para o Brasil no âmbito civil já antes da promulgação da Lei de Emigração na Coreia, sempre de acordo com a política de Imigração do Brasil. (ABC, p. 25; OH, 2004, p. 17) A Delegação Cultural (문화사절단), composta de 14 pessoas, na verdade, pode ser classificada como parte do primeiro grupo de imigrantes de caráter oficial. Pois, a boa parte dos membros desse grupo, que foi formado para visitar o Brasil com a missão de preparar o local antes da primeira leva oficial, acabou se instalando no Brasil.

Antes de haver assinado o acordo bilateral de imigração, Jeong In-gyu já tinha partido, em 5 de janeiro de 1962, para o Brasil com a chamada Delegação Cultural, composta por 14 pessoas, membros da Associação Coreia-Brasil (한백협회).⁵⁸ Tal ato estava de acordo com a política do país-alvo da emigração, o Brasil, que exigia a inscrição do plano de

⁵⁷ Depois que imigrou para o Brasil, Han Guk-jin se dedicou ao ministério pastoral na comunidade coreana em São Paulo desde que fundou a Igreja Eden no Bom Retiro até sua morte, no dia 12 de maio de 2009, aos 88 anos.

⁵⁸ A delegação compunha-se de pessoas das mais diversas procedências, como ex-militares, presbíteros, fabricantes de *whisky*, pianista etc.

imigração para o Brasil da parte dos candidatos (coreanos) como parte da negociação de caráter civil e a entrega tanto de documentações referentes à compra de terrenos como da lista dos candidatos. A missão principal da Delegação era acertar alguns detalhes importantes, como adquirir terras e construir moradias para aqueles que seriam os primeiros imigrantes oficiais, cuja vinda estava prevista para até março de 1963. A Delegação Cultural partiu em 25 de dezembro de 1961, via Estados Unidos, onde obtiveram vistos para entrar no território brasileiro, e chegou ao Brasil em 5 de janeiro de 1962, cerca de dois meses antes da visita da comissão liderada por Han Guk-jin ao Brasil, em 15 de março de 1962. Nessa visita, Jeong In-gyu solicitou ao Governo do Brasil, em nome da Sociedade Cultural Brasil-Coreia [sic], cujo presidente no Brasil era Kim Su-jo, licença para introduzir 116 famílias na região de Capão Bonito, sendo que, dessas 116, foram escolhidas 30 famílias em caráter experimental (OH, 2004, p. 17).

Por sua vez, Han Guk-jin, líder da comissão, durante a estada de aproximadamente um mês, viu que o Brasil não era um paraíso, como se dizia na Coreia, tendo muitos problemas. E ele escreveu em seu relatório: “o governo brasileiro apontou 32 lugares para os emigrantes coreanos ocuparem e se instalarem, mas essas terras necessitam de muita mão-de-obra e são extremamente acidentadas. Além disso, o clima não é apropriado para os coreanos. As terras férteis já estão ocupadas pelos japoneses. Por tudo isso, a emigração coreana para o Brasil deve ser mais difícil do que para o Manchúria.”. (Diário *Dong-A*, 17/ 04/1962, apud CHOI, K., 1991, p. 39).

Nessa altura, isto é, depois que Jeong In-gyu entregou a solicitação ao governo do Brasil, Kim Su-jo começou a agir por sua própria conta, chegando mesmo a recrutar independentemente candidatos à emigração em nome de “Corporação América do Sul (남미공사)”, fazendo com que existissem duas entidades diferentes voltadas ao mesmo fim, sendo a outra a já existente Associação Coreia-Brasil. Independentemente do estado de coisas na Coreia, que estava confuso devido à duplicidade de órgãos de recrutamento, e da divulgação da precariedade dos terrenos comparados no Brasil, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) do Brasil emitiu oficialmente, em 17 de maio de 1962, a permissão da entrada de 116 famílias e o direto à indicação dos candidatos da primeira leva da imigração coreana ao Brasil, de caráter agrícola, para Kim Su-jo, o solicitante de tal permissão e o presidente da Sociedade Brasileira da Cultura Coreana no Brasil. A ele, o Governo da Coreia até tinha dado a nomeação de “cônsul-geral emérito”, de modo que ele pudesse atuar ativamente nesse processo.

Naturalmente, uma situação como essa causou um conflito grave, fazendo com que o Governo da Coreia aprovasse o projeto “parcialmente” enquanto não se resolvessem alguns problemas, incluindo-se aí esse conflito. Além das duas associações anteriormente mencionadas, as entidades de emigração, bem como os candidatos, aumentaram em número depois da promulgação da Lei de Emigração, dando assim base legal às tentativas de emigração. Como nem a Associação Cultural Coreia-Brasil nem a Corporação América do Sul tinha qualificação jurídica como entidade, que a Associação de Emigração Coreana exigia das duas para lhes autorizar recrutamento de candidatos a emigração, as duas associações consentiram em unificar as entidades, com a intervenção da Associação de Emigração Coreana para poder levar adiante o projeto, e assim nasceu uma única entidade, nomeada “Companhia de Desenvolvimento de Coreia-Brasil”, que iria seguir daí em diante a lei comercial, não mais a lei de emigração. (OH, 2004, p. 18-19).

Depois de ter passado por mais um conflito interno do Governo da Coreia, a “solicitação da permissão de Emigração para o Exterior” foi entregue ao Ministro da Saúde, com o “Plano de Emigração para o Brasil” em anexo, em julho de 1962. (Ibid., p. 23) Uma das decisões feitas nessa última etapa do projeto a fim de finalmente enviar os primeiros imigrantes para o Brasil foi a instalação da Embaixada da Coreia no Brasil. Conforme essa decisão, foi instalada no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a Embaixada (ainda em pequeno escritório) da Coreia em 11 de julho de 1962, e Park Dong-jin foi nomeado oficialmente como o primeiro embaixador a partir do dia 28 de agosto.⁵⁹ Para a emissão de visto, por sua vez, o Ministério de Relações Internacionais convidou então cônsul do Brasil para um escritório provisório instalado dentro da Associação de Imigração Coreana em dezembro. Se a promulgação da Lei de Emigração de 9 de março de 1962 na Coreia marca o ponto oficial do projeto de emigração, a instalação da Embaixada da Coreia no Rio de Janeiro teve seu significado como o ponto inicial da “interação” entre os dois governos para tal projeto e, também, do encontro entre duas nações de uma forma mais operante e real, e não mais virtual. E, logo em seguida, ficou decidida finalmente a saída da primeira leva dos emigrantes coreanos, seguida por mais quatro levas nos anos sucessivos. Os pontos principais deste projeto aprovado pelo governo brasileiro eram: permitir a entrada de 100 pessoas de 17 famílias coreanas como a primeira parte de um total de 116 famílias que integram o projeto de colonização agrícola coreana no Brasil, e permitir a alteração de atividade econômica após

⁵⁹ O Brasil instalou a Embaixada na Coreia somente em maio de 1965 e todo o processo burocrático relacionado à emigração para o Brasil durante esse intervalo foi tratado pela Embaixada Brasileira no Japão (Honorato de Moura, embaixador).

quatro anos de trabalho na agricultura. (ABC, 2003, p. 25-26)

Em todo este processo, avalia-se que a atuação de Jeong In-gyu, junto com Han Guk-jin, o pai da imigração coreana no Brasil como é chamado entre imigrantes coreanos no Brasil, foi decisiva para oficializar a emigração coreana, concedendo a ela uma posição legalmente reconhecida tanto na Coreia como no Brasil. Quanto à contribuição dele, existe até agora forte consentimento entre os imigrantes coreanos.

Entrando nos anos 1980, praticamente parou a emigração em massa e começou a emigração em outras formas. Pois, a partir de então, pessoas que optaram pela emigração foram movidas, sobretudo, por motivos individuais. Por isso, os fatores de expulsão que empurraram os que emigraram nos anos 80 e 90 seriam, antes, de ordem pessoal, mais do que nacional: mesmo que alguns desses fatores fossem derivados do ambiente do país em geral, o efeito de tal ambiente, em outras palavras, a maneira como tal ambiente influenciava o desejo de saída do país, foi mais pessoal e limitado.

3.2.3.2 As cinco primeiras levas da imigração coreana para o Brasil que vieram de navio

Tabela 3.1 – As primeiras cinco levas da imigração coreana ao Brasil

	Partida	Chegada	Número de família	Número de pessoas	Embarque	Desembar- que
1ª leva	18 de set. de 1963	10 de nov.	18 10	64 66	Busan	Santos
2ª leva Caso de Vitória	Jan. de 1964 18 de mar. de 1964	5 de mar. de 1964 10 de maio de 1964	31 37	224 256	Busan	Vitória
3ª leva Caso de Causa	18 de ago. de 1964 18 de set. De 1964	15 de out. de 1964 15 de nov. de 1964	38 8	403 45	Busan	Rio de Janeiro
4ª leva	-	1965	120	720	Busan	Rio de Janeiro
5ª leva Imigração Católica	-	10 de jan. de 1966 12 de jun. de 1966	53 13	380 (313) 360 (104)	Busan	Paranaguá Ponta Grossa

Fonte: Oh Eung-seo, Associação Brasileira dos Coreanos

“Foi ao meio-dia do dia 18 de dezembro de 1962 que as primeiras promessas semeadas pelo governo revolucionário enfim frutificaram.”, recorda Oh Eung-seo (2004, p. 28, tradução nossa) em sua autobiografia, que mais se parece com um relatório detalhado de como teria se processado a imigração coreana para o Brasil.

Como podemos ver na tabela 3.1, o primeiro grupo compunha-se de 17 famílias, 92 pessoas e 11 ex-militares a serviço da Companhia de Promoção de Cooperação entre Brasil e Coreia.⁶⁰ Este último grupo de 11 ex-militares, que puderam fazer parte do grupo com vistos de turista de duração de seis meses, ficou conhecido como “Expedição de Observação” ou “Grupo Precursor” nas áreas de agricultura, encarregada de providenciar a vinda das próximas levadas.

(1) A primeira leva

Deixando para trás a grande cerimônia de despedida preparada pelo governo, marcada pela mistura de esperança e tristeza, o navio holandês *Tjitjalengka*⁶¹ deixou o porto de Busan, na Coreia, no dia 18 de dezembro de 1962, e, depois de cinquenta e quatro dias de viagem, chegou ao porto do Rio de Janeiro (10 de fevereiro) e, finalmente, aportou em Santos no dia 12 de fevereiro de 1963.

Os primeiros imigrantes coreanos em caráter oficial para o Brasil, entusiasmados para começar a vida na nova terra, enfrentaram dois problemas. O primeiro era que eles teriam que ir para Miracatu em vez de Capão Bonito, que havia sido preparado como o destino inicial por Kim Su-jo e Jeong In-gyu, mas foi transferido para Miracatu por Kim Su-jo sem aviso prévio.⁶² Este ato fraudulento de Kim Su-jo, movido por interesses pessoais, enganando o grupo dos imigrantes, não se completou graças à intervenção do diretor da INIC, e, assim, não causou nenhum prejuízo financeiro aos imigrantes coreanos. No entanto, quanto ao destino trocado, era impossível aos imigrantes ir para Miracatu sem se deixar tomar pela

⁶⁰ A primeira imigração teve 33 famílias aprovadas, mas só 92 pessoas (de 17 famílias diferentes) receberam os vistos do Consulado Brasileiro localizado no Japão. Dessas famílias, 89 pessoas embarcaram no navio holandês *Tjitjalengka* e as outras três vieram para o Brasil mais tarde em avião, chegando mais cedo do que suas famílias.

⁶¹ Os navios holandeses *Tjitjalengka*, *Tjisandane*, *Ruys*, *Tegelberg* e *Boissevain* faziam o traslado dos imigrantes japoneses desde os anos 50, porque os navios de imigrantes japoneses foram transformados em navios de combate durante a guerra e bombardeados.

⁶² Era Kim Su-Jo quem conduzia os trâmites legais no Brasil para conseguir a aprovação do governo brasileiro. Foi descoberto antes de entregar o dinheiro para a compra da fazenda que ele, com intenção de trazer membro da sua família, modificou o local de recebimento dos imigrantes coreanos e os nomes das pessoas. Para maior detalhe, ver *Um sonho amazônico*, de Oh Eung-Seo. Mas, no último momento, a tentativa de fraude de Kim Su-jo fracassou graças à orientação do diretor de INIC, Otavio Mendes, e ao congelamento do dinheiro guardado na embaixada” (CHOI, K., 1991, p. 53, 55-56).

incerteza e pela insegurança em relação à sua nova vida no Brasil.

Outro problema dizia respeito à posição legal dos 11 ex-militares. Logo após a chegada desse grupo, ocorreu um conflito entre a Expedição de observação e a Embaixada. Os 11 membros da Expedição, sendo portadores de visto de turistas, precisavam regularizar sua documentação para poder trazer suas famílias para o Brasil. Após a solicitação da parte desses 11 militares e uma paralização no funcionamento da Embaixada no Rio de Janeiro devido à discordância de opiniões, o então embaixador Park Dong-jin prometeu resolver o problema. E logo eles tiveram em mãos vistos permanentes em vez dos vistos de turistas, o que significou que eles podiam trazer seus familiares para o Brasil. (CHOI, K., 1991, p. 58)

2ª partida: imigração pelo convite aos familiares

Esse grupo, que Choi classificou como a “segunda leva” na sua dissertação de mestrado, defendida em 1991, deveria ser considerado como complemento à “primeira leva” acima mencionada, considerando-se que foi realizada através do convite dos membros da Expedição de Observação e da Delegação Cultural, que já estava no Brasil desde a visita em janeiro de 1962.

Sendo resolvido o problema de visto acima descrito, Kim Myeong-ik foi designado como representante e enviado para Coreia a fim de preparar a vinda dos familiares dos imigrantes, que lá haviam permanecido. Foram, no total, 68 pessoas, distribuídas em 18 famílias, que finalmente tiveram autorizada sua partida para o Brasil, sendo que, das 18 famílias, 17 (64 pessoas) partiram da Coreia no navio holandês *Ruys*, e 1 família, de 4 pessoas, num avião. O navio partiu do porto de Busan em 18 de setembro de 1963 e chegou ao porto de Santos em 10 de novembro do mesmo ano. (OH, 2004, p. 52)

(2) A segunda leva: O caso de Vitória

Embora este caso aparente esteja separado da primeira leva oficial de imigrantes coreanos, Oh Ung-Seo (Ibid., p. 55-56, 65) assinala que a chamada “segunda leva” deve ser considerada complementar à primeira leva oficial, independente do nome que se lhe queira dar, pois as 68 pessoas trazidas nessa ocasião eram parte de uma quota que previa a introdução de 500 famílias, quota que a Companhia de Desenvolvimento de Coreia-Brasil havia negociado com o governo brasileiro. Mesmo que tenha havido um hiato entre esta e a primeira leva, que teria então sido realizada em duas vezes, as duas primeiras poderão ser

mais facilmente compreendidas como um processo coeso, distinto em relação às demais que seguem.

Haviam muitos coreanos interessados em emigrar nos anos 60, o que os levou a se filiar à Companhia de Promoção de Cooperação Brasil-Coreia. Lee Seong-yong, presidente da Companhia, providenciou a vinda de outros coreanos, comprando a fazenda Ponte Limpa, que serviria de destino à próxima leva com o auxílio da Embaixada coreana e do embaixador Moura (da Embaixada brasileira no Japão). A fazenda Ponte Limpa – e não “Ponta Grossa”, como Choi registrou em sua dissertação de mestrado de 1991 (CHOI, K., 1991, p. 59, 60), provavelmente por engano, ao apresentar o perfil dessa leva – estava localizada a aproximadamente 7 km de Vitória de Espírito Santo.

Devido à demora na saída da terceira leva, diferente do que ocorre com a anterior, registra-se que teria havido desistência da parte de algumas pessoas, transferindo o direito de emigração a outros interessados. Das 68 famílias recrutadas em total, 31 famílias com 224 pessoas partiram primeiro, em janeiro de 1964, desembarcando no porto de Vitória em 5 de março, e outras 37 famílias, com 256 pessoas, partiram do porto de Busan em 18 de março e chegaram a Vitória no dia 10 de maio. Embora os imigrantes tivessem sido bem recebidos, eles decidiram por não se fixar na Fazenda Ponte Limpa, como mandava o projeto, em razão da precariedade do terreno, e partiram pouco a pouco para as cidades do Rio de Janeiro (ABC, 2003, p. 32), Brasília e São Paulo. Na entrevista realizada por Choi (1991), Yu Hak-jin, que pertencia a esse grupo, desabafou:

Quando nós chegamos ao Brasil, verificamos que não existia praticamente nenhuma terra apropriada para o cultivo. Só existiam montanhas de pedras ou pântanos. Para cultivar, precisava-se de muito dinheiro para demolir as pedras, ou drenar os pântanos. Somente duas famílias permaneceram ali até 1966, dedicando-se à agricultura. Nós saímos de lá porque consideramos impossível cultivar a terra com o capital disponível. (CHOI, K., 1991, p. 60)

Naturalmente, esse fato constituía uma transgressão ao que havia sido estabelecido em comum acordo antes da imigração, o que elevou ainda mais a desconfiança das autoridades brasileiras, que foram perdendo cada vez mais o interesse e ânimo pelo próprio projeto de colonização agrícola através da introdução de colonos coreanos.

(3) A terceira leva: o caso da CAUSA

A terceira leva foi a que causou mais conflitos graves entre a Associação de

Emigração e Park Jong-sik, que permaneceu no Brasil como membro da Delegação Cultural e depois negociou a introdução de imigrantes agrícolas, através da CAUSA, companhia teuto-brasileira, com o governo brasileiro. Tal conflito ocorreu porque cada um quis assumir posições de liderança para poder conduzir o plano na Coreia. Além disso, havia ainda o problema da evasão dos locais pré-estabelecidos pelos coreanos que emigraram primeiro, tal como mencionado na descrição da segunda leva. Quando a questão de impossibilidade de instalação nas fazendas gerou discordâncias sérias entre os proprietários e os imigrantes coreanos, levando o caso até os tribunais, a Embaixada da Coreia no Brasil pronunciou seu embaraço e deu o alarme ao governo coreano com respeito à gravidade da situação. O que surpreendia o governo coreano, no entanto, era o fato de que o governo do Brasil permitira o projeto de imigração agrícola proposto pela CAUSA, promovido por Park Jong-sik e Baek Yeong-hun, antes mesmo da solução do impasse. Além do mais, as condições impostas pelo governo brasileiro nesse caso foram as mesmas do caso de Vitória. Com respeito a essa decisão da parte do Brasil, Oh explica que isso foi possível porque o Brasil, apesar de ter declarado que não iria mais aceitar imigrantes coreanos, reconhecia que a validade da quota de 500 famílias ainda não havia sido preenchida. (OH, 2004, p. 68-69)

Finalmente, ao cabo desse processo, a permissão para emigrar foi dada aos candidatos à terceira leva pela Associação de Emigração de acordo com o que previa a Lei de Emigração, e o grupo de 448 pessoas, distribuídas em 46 famílias ao todo, foi formado. A remessa desse grupo realizou-se divida em duas vezes: o primeiro grupo partiu do Porto de Busan, em 18 de agosto de 1964, e chegou ao Porto do Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1964; e a segunda partida dessa leva (8 famílias com 45 pessoas) ocorreu logo depois, em 18 de setembro, chegando em 15 de novembro de 1964 ao Rio

Em contraste com a chegada das levas anteriores, esta não recebeu boas-vindas calorosas, e cada um foi ao encontro de conterrâneos que já tinham vindo antes. Na verdade, os fracassos das levas anteriores nas fazendas já se haviam tornado conhecidos e, tanto no Brasil como na Coreia, os governos não se mostravam tão esperançosos quanto à migração. No entanto, segundo o depoimento do então cônsul Moacir Pereira, o desejo daqueles que estavam decididos a emigrar para o Brasil era tão forte que ele se viu dando vistos para eles da mesma maneira que o Ministério da Saúde lhes concedeu licença para a emigração. Enfim, o dinheiro que eles pagaram para a compra do terreno, na verdade, era “imposto” para a entrada no Brasil. (JEON, 1990, p. 57-59)

(4) A quarta leva: o caso da Bolívia

Este projeto nasceu como uma alternativa ao assim chamado “Caso de Iguape”, projeto fracassado de colonização agrícola numa fazenda nas proximidades de Iguape (São Paulo), concebido pelo Lee Cheol-hui, membro da Delegação Cultural. A ideia era criar uma colônia na cidade de Iguape, que ficava a cerca de 250 km de São Paulo, e para tanto já havia sido firmado o contrato da compra de terreno. Contudo, o caso de Iguape, que começou na mesma época que o caso de Vitória, não prosperou devido ao problema de documentos e de posseiros. Lee Cheol-hui então chegou a elaborar uma saída “meio enganadora”, que consistia em obter vistos de emigração para a Bolívia, mas fixar-se no Brasil, escapando assim dos protestos do governo da Coreia e beneficiando os candidatos à emigração para o Brasil que contavam com esse projeto. Seu plano era, em chegando ao Brasil, local de trânsito, ignorar o visto de trânsito e permanecer no Brasil, criando assim uma oportunidade para se instalar no Brasil. Na segunda metade do andamento do caso da CAUSA, chegou a notícia de que o governo da Bolívia era favorável à imigração coreana. Mas o Ministério da Saúde da Coreia julgou que esse projeto deveria ser realizado pela iniciativa civil, não governamental, devido à anormalidade da via. Assim, foi adotado o modelo de emigração por carta de chamamento, na qual os imigrantes coreanos das levadas anteriores enviariam convites individuais emitidos pelo cônsul boliviano em São Paulo para os interessados em emigrar. De qualquer maneira, essa ideia fluiu sem maiores impedimentos. (JEON, 1990, p. 60-62)

Ao longo de um ano a partir de então, isto é, nos anos de 1964 e 1965, foram recrutadas mais 120 famílias compostas por 720 pessoas. Este caso chegou ao fim em 1965 devido a alguns problemas. Ocorre, porém, que a emigração para o Paraguai e a Argentina, que havia começado junto com a emigração para a Bolívia e que também tinha por fim último a fixação no Brasil, continuou por mais tempo. (OH, 2004, p. 74-82)

Este episódio despertou muita polêmica e suspeitas, nunca provadas, de irregularidade da administração pública por parte do Consulado da Bolívia em São Paulo, além de intermediários de visto particular que pululavam à época. Esta, no entanto, foi a primeira tentativa de emigração sem a participação de colonos agrícolas. (ABC, 2003, p. 33)

(5) A quinta leva

A quinta leva, que ficou conhecida vulgarmente como a “imigração católica”, é considerada a última leva de caráter oficial. Esta se distingue com mais clareza das outras

levas por ser organizada pela Igreja Católica de ambos os países. Apesar de uma tentativa de se realizar uma imigração protestante, concebida pelo diácono Choi Jun-deok, que havia emigrado para o Brasil como membro da Delegação Cultural, com o apoio das Igrejas Protestantes no Brasil, esse plano não chegou a ser concretizado devido à longa distância entre São Paulo e a Fazenda Buriti do estado de Mato Grosso. Em acordo com esse projeto, concebido pela Igreja Católica com vistas à colonização agrícola, a entrada de 150 famílias foi aprovada pelo governo do Brasil. Finalmente, em 10 de janeiro de 1966, 380 pessoas de 53 famílias desembarcaram no porto de Paranaguá (Paraná), e a segunda remessa de imigrantes deste caso foi feita em 12 de junho de 1966, para Ponta Grossa, com 13 famílias. Esta última leva oficial tem seu significado por ser o primeiro caso em que tudo correu como foi planejado, isto é, como introdução de colonos agrícolas, satisfazendo a ambos os governos.

Devemos notar, porém, que, após a entrada no Brasil, ocorreram problemas e conflitos devido, entre outros, à falta de informação e ao desentendimento entre os envolvidos, também não podendo ser negado que a emigração coreana para o Brasil ocupava um lugar importante na Agenda do governo coreano, recebendo muita atenção – seja na forma de críticas e ciúmes, seja na forma de expectativas – da sociedade coreana. Em especial, dentre as cinco levas de emigrantes coreanos de caráter oficial, “a primeira leva foi, entretanto, preparada com muito cuidado. Coube ao governo da Coreia a tarefa de cuidar de todos os detalhes necessários para a partida do grupo. Além de providenciar o transporte dos emigrantes até o local de embarque, organizou ainda uma cerimônia formal no porto de Busan.” (CHOI, K., 1991, p. 50)

Resumindo, a natureza da imigração coreana para o Brasil na etapa pioneira foi essencialmente coletiva, com o objetivo de colonização agrícola no início e, mais tarde, por cartas de chamamento individuais aos familiares e dependentes, por convite a mão-de-obra qualificada e, por fim, dando lugar à entrada de muitos imigrantes clandestinos, os quais serão devidamente estudados no capítulo que segue.

3.2.3.3 Imigrantes posteriores às cinco levas oficiais

Com a quinta leva de 1966, a imigração coreana para o Brasil de caráter oficial e em massa encerrou-se, e alguns imigrantes coreanos que já se haviam instalado no Brasil se interessaram por organizar “atividades de imigração individuais”, colaborando assim com os chamados “*brokers for immigration*” ou “*corretores de imigração*” do Brasil para vender cartas de chamamento individuais para o Brasil aos interessados que estivessem na Coreia. De

fato, isso foi considerado um negócio altamente lucrativo, embora ilegal, fazendo com que muitos imigrantes coreanos se envolvessem em tais negócios pelo menos uma vez, o que resultou num grande número de imigrantes clandestinos⁶³. A propósito, acreditamos que é apropriado seguir, parcialmente, o padrão de Choi Keum-joa (1991, p. 108-109) se nos determos sobre o fato óbvio de que essa leva gerou os primeiros clandestinos coreanos no Brasil. Choi classificou o Caso da Bolívia como um caso de imigração ilegal ao descrever sua vinda para o Brasil: “eles desembarcavam no Brasil como turistas e o visto para a Bolívia era apenas um mero artifício para poderem se fixar no Brasil” (que era a meta final dos coreanos dessa leva). Nessa altura, em que a evasão dos imigrantes coreanos dos locais predestinados segundo os contratos, em grande escala e repetidas vezes, sem o cumprimento do prazo pré-estabelecido, já tinha levado o Brasil a proibir a entrada de coreanos a partir de 1969, a imigração coreana no Brasil estava sendo cada vez mais criticada pelo governo brasileiro.

Mas ainda houve uma época posterior a esse período em que houve a entrada de coreanos por vias legais, sob a forma de “a imigração de mão-de-obra qualificada”, antes do agravamento da situação. No início da década de 1970, impulsionado com a expansão das indústrias, o Brasil passou a admitir engenheiros ou técnicos qualificados de outros países, onde se inclui a Coreia. Por este caminho, entraram aproximadamente 1.300 pessoas de 235 famílias, desde o primeiro desembarque de avião no aeroporto de Congonhas, em 8 de janeiro de 1970. E, entre 1971 e 1972, mais 1.200 pessoas de 210 famílias desembarcaram no Brasil pela mesma via (JEON, 1990, p. 68; ABC, 2003, p. 35).

Porém, a imigração para o Brasil de mão-de-obra qualificada também não pôde prosseguir para além de 1972 devido ao fenômeno, cada vez mais expressivo, da entrada de coreanos no Brasil por vias ilegais. Perante essa situação, o Brasil passou a excluir posteriormente os coreanos do processo seletivo aplicado aos candidatos à emigração para o Brasil. E, em 4 de maio de 1977, o governo coreano também colocou barreiras à emigração para a América Latina a fim de resolver os problemas causados pelos clandestinos, os conflitos entre os coreanos estabelecidos no Brasil e evitar a formação de uma imagem negativa dos coreanos nos países latino-americanos. Contudo, esse fluxo migratório clandestino para o Brasil continuou mesmo depois das proibições pelos dois governos, e embora o número seja bem menor, até hoje existem casos de entrada por meios ilegais, esperando os imigrantes serem beneficiados pelas sucessivas anistias.

⁶³ Diferente dos registros da Associação Brasileira dos Coreanos e das outras fontes que classificam as primeiras cinco imigrações como casos legais ou as tratam simplesmente como imigração em massa sem usar palavras como “legal” ou “ilegal”, Choi aborda o caso da Bolívia como um caso de imigração clandestina. (CHOI, K., 1991, p. 108-109)

Com isso, um número considerável de imigrantes coreanos passou alguns anos no Brasil como clandestinos e um artigo da revista *Veja* publicado em 1986 com o título “O submundo dos coreanos clandestinos”, reflete o quanto era problemática essa situação.⁶⁴ E como medida humana para redimir os imigrantes entrados ilegalmente, o governo brasileiro lhes concedeu anistia em 1969, 1981, 1989 e 1998, segundo a qual foi beneficiado o grande número de imigrantes coreanos ilegais como se vê na tabela.

Tabela 3.2 – Total de imigrantes coreanos beneficiados pela anistia

Ano	1969	1981	1989	1998
Número de beneficiados	4.200 (800 famílias)	4.810 (980 famílias)	2.500 (500 famílias)	Aprox. 2.000

Fonte: ABC, 2003, p. 34-35.

Além disso, com a concessão da anistia de 2009 que beneficiou os que entraram no país até o dia 1 de fevereiro de 2009, estima-se que bom número de imigrantes coreanos poderá ser legalizado mais uma vez.

3.3 A trajetória dos imigrantes coreanos em São Paulo: as origens da *Geração 1.5*

Coreanos passaram a compor a paisagem da cidade de São Paulo, multiplicando restaurantes e confecções. Após os primeiros anos de dificuldades extremas, que não foram muito diversas das que atravessaram em outros países, os imigrantes acabaram por se integrar à sociedade brasileira. Em sua grande maioria ascenderam socialmente, mudando a paisagem sócio-econômica e cultural do Centro-sul do Brasil. (Seyferth⁶⁵)

Foi assim que se descrevia a trajetória dos imigrantes coreanos no Brasil, bastante resumidamente, na maioria dos materiais existentes sobre a imigração coreana no Brasil até recentemente.⁶⁶ Por dentro dessa versão difundida entre brasileiros em língua portuguesa, há

⁶⁴ “O submundo dos clandestinos”, na reportagem “450 anos de cidade”, *Veja São Paulo*, disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/vejasp/450_anos/textos/imigrantes/coreanos.html>, 15 de outubro de 1986.

⁶⁵ Extraído do texto de Giralda Seyferth. Fonte: Site do Ministério das Relações Exteriores. O ano de publicação não divulgado.

⁶⁶ Hoje parece existir mais interesses e esforços para explorar o tema da imigração coreana no Brasil tanto por parte da própria comunidade coreana em São Paulo quanto por parte da sociedade brasileira. Mas apesar do interesse e iniciativa cada vez mais crescente, ainda há certos limites em desenvolver uma exploração maior especialmente pelos brasileiros porque, acima de tudo, boa parte dos materiais referentes à história da imigração

muitos detalhes desse processo migratório e de instalação bem como histórias individuais de imigrantes coreanos, contadas e escritas em língua coreana por eles mesmos..

Como foi esclarecido no quadro metodológico, o presente estudo incluirá na discussão somente os imigrantes que vieram para o Brasil após a imigração oficial, desde 1963, que se realizou em unidade de família. Além de outras razões, a própria existência do grupo denominado *Geração 1.5* é possível somente da imigração-família. Neste tópico, será descrita a trajetória dos coreanos que imigraram para o Brasil entre as décadas de 1960 e 1990, dando destaque às perguntas: como eles têm organizado a vida no Brasil; como é o quadro atual da comunidade coreana em São Paulo. Assim sendo, todas as descrições serão feitas a partir das experiências desse grupo específico, a não ser quando tratarmos de características compartilhadas em comum por todos esses grupos de coreanos e assim for apropriado e necessário tratá-los sem distinguí-los um do outro.

Visam-se, através do panorama da vida dos imigrantes coreanos na cidade de São Paulo até o momento, duas coisas entre outras. O primeiro refere-se de oferecer à sociedade brasileira alguns dados tão objetivos quanto possível das fontes disponíveis em língua coreana, para que os brasileiros possam olhar seus “Outros” de origem coreana a partir de uma série de “fatos” e não somente das imagens difundidas com base em poucos fatos disponíveis em língua portuguesa. Segundo, entender como essa trajetória tem sido traçada pelos imigrantes coreanos, especialmente da primeira geração, de modo que estabeleçam a infra-estrutura do estilo coreano dentro do Brasil bem como a base para preservação da cultura coreana até as futuras gerações. Considera-se importante examinar tal ponto por ele ser subjacente à formação e preservação da identidade coreana dos nossos entrevistados, da *Geração 1.5* que estavam presentes e muitas vezes participando ativamente dessa jornada, como estaremos analisando de modo mais aprofundado mais adiante.

3.3.1 Onde eles se encontram e o que eles fazem?

De fato, diferente da intenção inicial dos dois governos, os imigrantes coreanos não se adaptaram a terra no Brasil, a qual foi considerada imprópria para o cultivo por eles, e logo abandonaram as fazendas à procura de outras possibilidades nas cidades. O projeto inicial, desde a primeira leva de imigrantes, era a colonização agrícola. Era preciso adquirir o terreno e nele fixar domicílio para cultivar a lavoura. Esta é a principal diferença em relação às outras

coreana, ao processo de instalação em São Paulo e assim dos demais dados sobre a comunidade coreana que possam enriquecer a pesquisa do tema está disponível somente em língua coreana.

imigrações étnicas, que serviram para a formação de mão de obra para as fazendas brasileiras. Embora os imigrantes coreanos não tivessem experiência com a agricultura, eles aceitaram a condição por ser a única via de imigração. A fazenda adquirida por Kim Su-jo para este projeto ficava no município de Miracatu (São Paulo), que foi apontada pela Embaixada da Coreia como inapropriada, visto que não havia infraestrutura nem local para moradia e problemas envolvendo posseiros. O governo coreano autorizou a emigração coreana para o Brasil com base somente nos documentos que comprovavam a aquisição da terra, desconhecendo problemas legais de posseiros, e quando foi alertado pela Embaixada, o navio já estava em alto-mar. (ABC, 2003, p. 27-28) Os imigrantes, diante de tal situação, foram obrigados a procurar outras soluções para o problema: comprar ou alugar outro terreno por sua própria conta, ou procurar outros meios para garantir seu sustento. Os imigrantes das levadas seguintes também se depararam, grosso modo, com a mesma situação. Isto é, apesar de os imigrantes se esforçarem por permanecer nas fazendas a que eles haviam sido destinados, dedicando-se à agricultura, havendo mesmo alguns casos bem sucedidos, a maioria rumou para as cidades, como São Paulo e Campinas, por exemplo, deixando as fazendas pouco a pouco.

Foi comentada a dificuldade de se obter números exatos referentes a imigrantes em geral. No Brasil, as principais fontes de dados estatísticos da população brasileira são o IBGE, a Polícia Federal e o DATASUS, do Ministério da Saúde. Atualmente, o IBGE utiliza para fins censitários as seguintes categorias, baseado na cor da pele: branco, índio, preto, pardo e amarelo. Em alguns censos por eles realizados, as categorias mais usadas para se classificar raça/etnia são “portugueses”, “italianos”, “sírio-libaneses”, “japoneses” e “outros”, o que torna difícil ter uma ideia da porcentagem que a massa de imigrantes coreanos representa do total da população brasileira. Enquanto isso, os números apresentados nas estatísticas do DATASUS se referem exclusivamente à quantidade de cadastramentos registrados para um dado município. E o próprio Ministério da Saúde não recomenda o uso das informações por ele fornecidas para quantificação de usuários do SUS de um dado município, sendo um indicativo da cobertura do cadastramento em relação aos índices de população do IBGE. A única forma para se preencher esta lacuna seria, então, consultar os dados disponíveis na Embaixada da Coreia do Sul e na Associação Brasileira dos Coreanos. Em especial, podemos citar a “Agenda Comercial Coreana, publicada bianualmente pelo Escritório da América Latina de Dong-A Ilbo (Diário Dong-A), na qual é possível verificar números de entidades comerciais dirigidas pelos imigrantes e descendentes coreanos em todo o Brasil. No entanto, as seguintes limitações poderiam ser apontadas: só são considerados donos de

estabelecimentos comerciais, os chefes de família, o que significa que os demais membros da família não sejam incluídos no cômputo; e são excluídos da contagem os profissionais que atuam sem vínculo com a comunidade coreana.

Tabela 3.3 – Número de coreanos e de cidadão brasileiro de origem coreana no Brasil

Classificação Região	Coreanos no Brasil				Possuidor da nacionalidade brasileira	Total
	Total	Com visto permanente	Residentes temporários	Estudantes		
Total Brasil	24.185	22.114	1.720	351	24.234	48.419
Consulado	395	345	25	25	153	548
Embaixada	23.790	21.769	1.695	326	24.081	47.871

Obs. – As regiões que estão sob a responsabilidade do Consulado Geral de São Paulo são São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul enquanto à Embaixada de Brasília, cabe as regiões como Brasília, Belém, Belo Horizonte, Recife, Caruaru, Manaus e Vitória.

Fonte: Ministério das Relações Exteriores e do Comércio da República da Coreia, Departamento de Assuntos Ultramarinos.

Enfim, é amplamente divulgado, como vemos na tabela 3.3, que o Brasil abriga aproximadamente 50.000 pessoas de origem coreana legalmente instaladas em todo o país, e esse número já faz do país o segundo maior receptor de coreanos do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, com cerca de 2 milhões pessoas⁶⁷. Esse número normalmente é baseado no dado oferecido pela Embaixada e Consulado da Coreia, com sede em Brasília e em São Paulo respectivamente por meio de um sistema de registro de coreanos e descendentes coreanos no Brasil. Outras fontes preferem o número 80.000, que provavelmente inclui também as pessoas que permanecem no país ilegalmente.⁶⁸ Embora não haja dados exatos, verifica-se uma forte presença coreana nas metrópoles como Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte etc. Dentre elas, a cidade de São Paulo e a região do ABC têm maior concentração

⁶⁷ Os dados aqui citados são o resultado organizado pela Embaixada e Consulado da Coreia do Sul em 2009 a partir das pesquisas realizadas em colaboração com as entidades principais da comunidade coreana no Brasil, como a Associação Brasileira dos Coreanos entre outras.

< <http://www.mofat.go.kr/consul/overseascitizen/policy/index.jsp> >

⁶⁸ A revista Veja menciona o número de 80.000 no artigo sobre a imigração coreana no Brasil, datado de 13 de maio de 1998, e esse mesmo número tem sido usado frequentemente até os dias de hoje, passados onze anos desde então. O artigo está disponível em: <http://veja.abril.com.br/130598/p_054.html>

de imigrantes coreanos.⁶⁹ E, considerando-se que a presente tese é mais qualitativa do que quantitativa, tomaremos esse dado, que mostra a presença proporcional dos imigrantes coreanos, já suficiente para que possamos estudar o posicionamento dos imigrantes coreanos na sociedade brasileira através das instituições de ensino.

Na cidade de São Paulo, os bairros de Higienópolis, Aclimação, Santana, Perdizes, Paraíso e Morumbi são aqueles que concentram maior número de imigrantes coreanos atualmente, ao lado do Bom Retiro. Contudo, seu avanço para essas regiões, consideradas mais nobres em São Paulo, começou somente na segunda metade da década de 1970. Aliás, observa-se que muitos que têm residência nesses bairros ainda mantêm seu negócio – no ramo da moda, na maioria dos casos – no Bom Retiro e no Brás. Além do quê, hoje existe um grande número de imigrantes coreanos que se dedicam a outras atividades profissionais, o que torna desnecessário fixar seu domicílio perto desses bairros, como nos anos 1960 e 1970.

Como foi dito acima, muitos imigrantes coreanos que ficaram por curto tempo nas fazendas como agricultor rumaram para as grandes cidades, das quais a cidade de São Paulo era a mais procurada. Chegando a São Paulo, eles procuraram seus conterrâneos, muitos dos quais estavam estabelecidos nas imediações dos bairros Liberdade e Mooca. A Liberdade já era o “o bairro japonês de São Paulo” nessa época e o fato de que para alguns dos imigrantes coreanos, que falavam japonês, era possível se comunicar com os imigrantes japoneses, conseguindo assim sua cooperação, constituía uma vantagem de se instalar lá. Por sua vez, o bairro da Mooca, que era então habitado por pessoas de renda baixa, foi escolhido à medida que o bairro da Liberdade vinha se tornando demasiadamente povoado a ponto de não poder mais abrigar novos moradores. Foi assim que nasceu a “Vila Coreana”. A Vila Coreana, então principal ponto de concentração de coreanos, ficava entre as ruas Glicério e Conde de Sarzedas⁷⁰. Muitos passaram a viver lá porque dispunham de poucos recursos financeiros para alugar moradia, e também porque lá estariam mais próximos de seus conterrâneos e dos imigrantes japoneses lá instalados, que lhes poderiam oferecer auxílio tanto econômico como emocional. Para muitos deles, que não dominavam o idioma português, essa era uma das únicas opções disponíveis à época. Perante tais dificuldades, compartilhadas por muitos imigrantes coreanos, o substrato cultural dos coreanos, que valorizavam a vida em

⁶⁹ Fonte: “A conjuntura econômica de Foz do Iguaçu: 1990-2004” (*Acifi, a partir de dados coletados no DATA SUS / Delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu*. Disponível em: <<http://h2foz.com.br/modules/noticias/article.php?storyid=3585>>, “A conjuntura econômica de Foz do Iguaçu: 1990-2004” (*Acifi, a partir de dados coletados no DATA SUS / Delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu*)

⁷⁰ As ruas Glicério e Conde de Sarzedas são lugares que, antes da Segunda Guerra, abrigavam um número enorme de japoneses. Todos os japoneses que lá viviam foram expulsos pelo governo brasileiro durante os anos de guerra, razão pela qual muitos se mudaram para o Jabaquara, a Praça da Árvore e o bairro da Saúde, áreas então pouco habitadas e afastadas do grande Centro.

comunidade, sobretudo em momentos difíceis, fez com que eles se unissem e se ajudassem, voluntária e mutuamente, assim diminuindo o impacto cultural. Porém, em termos de integração à sociedade brasileira, pode-se dizer que, em certa medida, essa experiência teve efeito negativo. Porque, pela mesma razão que levou os imigrantes coreanos a arrumar moradias nessa região, havia altos índices de prostituição e muitos cortiços, e, naturalmente, as condições gerais eram bastante precárias. Muitos coreanos associam a esta época péssimas lembranças. Muitos usavam termos pejorativos, como “*nom*” e “*nyeon*”, para se referir aos brasileiros que faziam parte do seu convívio social, o que reflete uma visão negativa sobre esses ambientes (ABC, 2004, p. 36). A esse respeito, outras considerações serão tecidas no capítulo sobre o relacionamento entre coreanos e brasileiros.

3.3.2 Meios de obtenção do sustento

3.3.2.1 Até chegar ao sucesso no ramo de confecção

Aqui, farei uma descrição das atividades econômicas desenvolvidas pelos imigrantes coreanos para obter seu sustento no Brasil, dividindo essa trajetória em fases distintas com o fim de facilitar a compreensão das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

O ano de 1965 é lembrado como um ano turbulento e repleto de experiências, em que os imigrantes que saíram das fazendas e que chegaram ao Brasil via Bolívia precisavam prover seu próprio sustento em São Paulo. A preocupação com a educação dos filhos também era um dos motivos que levava muitos imigrantes coreanos a se instalarem em grandes cidades a todo custo. As principais características das atividades executadas nos primeiros anos de estada no Brasil eram: primeiro, diferente do que ocorria com os imigrantes solteiros, faziam uso da mão-de-obra familiar; segundo, eram atividades que não exigiam grande soma de dinheiro para se começar. Naquela época, os imigrantes coreanos ainda não se dirigiam a áreas específicas. Como ainda não tinham familiaridade com o idioma e a cultura brasileira, muitas vezes eles se dedicavam a atividades comerciais em que pudessem aplicar a experiência adquirida na Coreia, o que era suficiente apenas para garantir a subsistência.

No fim da década de 1960, aqueles que dispunham de mais recursos – alguns tinham dólares trazidos da Coreia, e outros que conseguiram juntar dinheiro depois de chegar ao Brasil – abriram charutarias ou pequenas mercearias em locais onde estavam concentrados imigrantes japoneses. Como exigiam capital, somente famílias que tinham dinheiro podiam apostar em tal investimento. E quem não tinha capital para investir comprava verduras e frutas

nos mercados de madrugada e as vendiam nas ruas.

a) Fase do *bendê*

O termo *bendê* (벤 데) tem origem na palavra “vender” ou “venda”. Para muitos imigrantes coreanos que ainda não estavam acostumados à pronúncia da língua portuguesa, essa palavra soava como *bendê*, que assim permaneceu, significando “venda de produtos de casa em casa”. Hoje a tendência é usar a palavra *bendê* para venda de produtos relacionados à fabricação de roupas, como tecidos, aviamentos etc. Mas antes de o termo adquirir esse sentido, esse tipo de venda de casa em casa incluía quaisquer produtos trazidos da Coreia que se julgava valer a pena vender. Aliás, como foi dito acima, essa foi uma opção mais rentável para a maioria dos imigrantes que dispunham de pouco dinheiro, pois esse trabalho exigia somente a mão-de-obra, sobretudo feminina. Dos produtos comercializados, logo eles perceberam que as roupas eram as que propiciavam os maiores lucros, pois a qualidade das roupas produzidas à época na Coreia era bastante superior e podiam ser vendidas facilmente para pessoas de baixa renda no Brasil. Uma pesquisa estatística feita em agosto de 1967 nos informa que, dos imigrantes coreanos espalhados pelo Brasil que eram aproximadamente 2 mil pessoas de 430 famílias, cerca de 70% estava se dedicando à venda dos produtos de casa em casa ou tinham seu próprio negócio. (PARK, H., 1968, p. 163-169 apud JEON, 1990, p. 227)

b) Fase da costura

Como vimos acima, enquanto o ciclo do *bendê* nasceu e foi crescendo indefinidamente, um novo ciclo surgiu para dar impulso às atividades econômicas dos imigrantes coreanos, que era o ciclo da costura. Esse ciclo começou por volta de 1968, quando a demanda pelos produtos comercializados pelos ambulantes coreanos começou a crescer. À medida que crescia o sucesso com a venda de roupas e como já não havia mais roupas para vender, aqueles que não encontraram outra atividade que lhes garantisse o sustento, começaram a se dedicar à costura. O ramo de confecção no Brasil, então dominado pelos judeus e italianos, ainda não era muito desenvolvido e as roupas fabricadas usando materiais como náilon entre outros chamaram muita atenção dos consumidores brasileiros. Alguns coreanos que viram a possibilidade de sucesso com a fabricação e venda de jaquetas desse material especialmente entre os brasileiros da classe mais humilde puseram em prática

essa ideia e, realmente, deu certo.

E Kim Su-san, Kim Seok-jo e Kim In-bae são frequentemente citados como os pioneiros da confecção. Eles instalaram o maquinário necessário à confecção de roupas em suas próprias casas, com o fim de produzir em pequena escala os produtos comercializados pelos ambulantes. Eles compraram duas ou três máquinas de costura e tecidos e começaram a fabricar roupas simples, as quais eram distribuídas para vendedores ambulantes que, por sua vez, visitavam casas ou lojas de roupas para vendê-las. A rentabilidade desse tipo de atividade cresceu cada vez mais, a ponto de garantir mais do que o mínimo necessário à subsistência se se aproveitasse a mão-de-obra familiar. Assim, os poucos que dispunham de material para abrir confecção foram criando empregos de costura, os quais foram supridos pelos muitos imigrantes coreanos, dando impulso ao crescimento do ramo de confecção pelos imigrantes coreanos.

c) Fase das manufaturas

Estima-se que somente a partir da década de 1970 a dedicação a essa forma de atividade passou a corresponder, efetivamente, àquilo que chamei “fase das manufaturas”. Isso tem a ver com a vinda de coreanos não apenas diretamente da Coreia, mas também do Paraguai e da Argentina, incentivados pelas notícias de sucesso, ou começo de sucesso, dos seus conterrâneos nesse ramo. Somente entre os anos de 1971 e 1972, aproximadamente 2.000 coreanos entraram no Brasil e muitos deles optaram por entrar no Brasil via Paraguai devido à dificuldade da imigração direta para o Brasil naquela época. Os que imigraram para o Brasil nos anos 1970 eram oriundos da zona comercial de Seul e das grandes cidades da Coreia, sendo que muitos já tinham experiência no ramo de confecção das regiões de Namdaemun, Dongdaemun e Pyeonghwa, onde se concentra o maior número de estabelecimentos desse ramo em Seul. Sua aparição na colônia coreana, que estava para destacar-se no ramo de confecção, que acabara de começar, assinala um momento decisivo para a notória predileção daí por diante por muitos imigrantes por este ramo. Com as técnicas de costura e o bom-senso para a moda trazidos da Coreia, que estava ganhando o reconhecimento mundial nessa área, eles podiam tirar grande proveito desses conhecimentos no Brasil, podendo oferecer tecidos e roupas mais diversos e de melhor qualidade. Mas mesmo os comerciantes mais experientes optavam por trabalhar como vendedor de loja em loja por cerca de três anos para adquirir certa familiaridade com o idioma e o costume local necessária para melhor atuar na área, isto é, começar seu próprio negócio.

Ao longo desse processo, muitos imigrantes coreanos passaram a ter condições de estabelecer, mesmo em pequena escala, seu próprio negócio por volta dos anos 1977 e 1978. A característica mais notável da segunda metade da década de 1970 é que imigrantes coreanos, que viviam de *bendê* e costura, conseguiram juntar dinheiro para alugar lojas em seu próprio nome. Muitos membros da comunidade coreana se referem a essa época como “o período em que muitos imigrantes começaram a ‘entrar nas lojas ou prédios’” deixando a forma anterior de atividades econômicas que era mais espontânea e humilde. E os bairros escolhidos para substituir os antigos centros comerciais como Mooca foram Brás e Bom Retiro. Alguns começaram a alugar lojas localizadas na rua José Paulino, até então dominada pelo comércio dos judeus, e expandiram tal fenômeno até a rua Oriente do Brás, zonas comerciais habitadas pelos árabes. Dessa maneira, os imigrantes coreanos “penetraram no ramo até então considerado monopolizado pelos imigrantes judeus e árabes no Brasil. E, dentro da estrutura vertical de divisão de mão-de-obra formada no ramo de confecção, os imigrantes coreanos conseguiram ocupar, com sucesso, camada intermediária, e assim formando a base para tornar esse ramo num étnico” (JEON, 1990, p. 232-233)”. Com o tempo, quase todas as ruas principais dos bairros de Brás e Bom Retiro passaram a ser ocupadas pelo crescente número de lojas de roupas e tecidos dos imigrantes coreanos. E cada um desses bairros, desde os anos 1990, consolida sua imagem conforme sua função: o Brás se fixou como o bairro onde se concentra, sobretudo, o comércio atacadista e de produtos mais baratos, enquanto o Bom Retiro sedia as lojas das confecções coreanas voltadas para a moda feminina mais sofisticada.

Enfim, a segunda metade da década 1970 pode ser considerada como o estágio embrionário do ciclo das manufaturas, ou seja, do desenvolvimento da indústria de confecção pelos imigrantes coreanos em São Paulo. E a estrutura econômica da colônia coreana em São Paulo, que ia se constituindo em torno de duas atividades, uma, a venda de casa em casa, por casais – a esposa assumia a parte de venda enquanto o marido ficava com a parte de locomoção, levando sua mulher até os locais de venda –, e outra, a costura e o bordado em casa (Ibid., p. 229), se tornou mais diversa e dinâmica com esse novo suporte, que administrar suas próprias lojas. Na verdade, esses três ciclos não são categorias nitidamente dissociáveis, pois não ocorre que um tenha nascido depois da decadência de outro e assim por diante: eles nasceram quase que simultaneamente e têm se desenvolvido juntos, completando-se um ao outro. E, graças à maior acessibilidade em termos do custo de investimento, o *bendê* foi a atividade que teve mais praticantes por muito tempo, absorvendo os novos imigrantes que iam chegando ao país mesmo após os anos 1970, fato que se verifica até os dias de hoje. Como foi dito, tais atividades se desenvolveram juntas dentro de um grande ciclo, que pode ser

chamada “ciclo de confecção”, englobando todos essas três fases classificadas neste capítulo.

Foi, no entanto, durante os anos 1980 e 1990 que essa estrutura, ou seja, o conjunto desses três ciclos se consolidou o suficiente para ainda atrair novos imigrantes coreanos e dar apoio para que eles comessem uma nova vida no Brasil. Em meados dos anos 1980, a atividade ainda era considerada relativamente fácil, apesar de muitos não possuírem experiência na área. De fato, os depoimentos dos que migraram nessas décadas mostram que tanto aqueles que vieram para o Brasil visando trabalhar nessa área quanto aqueles que almejavam outras áreas acabaram sendo beneficiados por essa base já lançada pelos “veteranos” no Brasil, sobretudo em São Paulo.

Contudo, o tal sucesso no ramo de confecção foi possível somente graças a sacrifícios que beiravam a desumanidade em termos de horas de trabalho. Na luta pela sobrevivência, muitos chefes de família se lançaram ao ramo da confecção executando todas as tarefas: desenhavam, cortavam, levavam os tecidos para as oficinas, empacotavam e vendiam pessoalmente as peças. Sobretudo até o início dos anos 1980, era considerado natural que mesmo os filhos adolescentes participassem do trabalho para obter a maior produção sob condições de tempo e recurso limitados.

Diferente dos que migraram antes dos anos 1980, os filhos daqueles que se juntaram à colônia nos anos 1980 e 1990 podiam se livrar da responsabilidade de participar das tarefas necessárias à subsistência junto com seus pais. É aí que nasce uma das principais diferenças entre os imigrantes que vieram adolescentes para o Brasil, a *Geração 1.5*, como denominaremos neste trabalho, em décadas diferentes: 1960, 1970, 1980 e 1990. Esse aspecto será retomado em maior profundidade no capítulo específico sobre o assunto.

3.3. 2.2 A diversificação das atividades econômicas

Foi no início dos anos 1970, quando o número de imigrantes coreanos em São Paulo, que era de aproximadamente 4.000, tornou possível a diversificação das atividades econômicas dentro da colônia ou comunidade coreana, que ela passou a ser merecedora, com efeito, do nome colônia ou comunidade.

Jeon divide as profissões exercidas pelos coreanos nos anos de 1970 em dois tipos básicos, a saber: primeiro, as relacionadas ao ramo de confecção; segundo, pequenos comércios de produtos alimentícios e do dia-a-dia voltados aos imigrantes coreanos. À medida que o segundo foi se tornando cada vez mais complexo, o primeiro também entrou na etapa de diversificação. O sucesso alcançado por aqueles imigrantes empregados pelo ramo de

confeção atraiu novos interessados para as regiões do Bom Retiro e Brás, onde haviam se concentrado as lojas. Isso, por sua vez, gerou a necessidade (e a possibilidade) de se abrirem novos estabelecimentos que atendessem aos fregueses coreanos, principalmente. Foi assim que começaram a surgir restaurantes coreanos, salões de beleza, cabeleireiros, confeitarias coreanas, agências de turismo, escritórios de advocacia, locadoras de vídeo, gráficas e outros tipos de estabelecimento a partir do fim da década de 1970, estabelecimentos esses que só fizeram se multiplicar nos anos 1980 e 1990 (Diário Jung-Ang, 중앙일보, 7 de outubro de 1976 apud JEON, 1990). Jeon (Ibid.) resume a importância desse fenômeno da seguinte maneira: “a indústria de confecção de roupas pelos imigrantes coreanos foi formando uma espécie de fronteira étnica e um círculo de imigrantes coreanos só, e assim surgindo na sociedade brasileira como um “*ethnic enterprise*”, fenômeno semelhante ao de que mercado de frutos e verduras nos EUA foi monopolizado por imigrantes coreanos”.

Esse quadro recebe mais uma vez uma mudança quando os filhos adolescentes da primeira geração de imigrantes coreanos, que tinham ingressado nos cursos de nível superior de áreas como Medicina e Direito, entre outras, começaram a ser preparados para entrar no mercado de trabalho brasileiro. Segundo dados estatísticos levantados em 2006 pela Embaixada e pelo Consulado da Coreia no Brasil (aproximadamente 75% dos coreanos no Brasil têm seu próprio negócio e, deles, mais de 80% vivem direta ou indiretamente ligados ao comércio de roupas (confeção e tecidos etc.). Essa porcentagem, mesmo sendo a grande maioria no quadro ocupacional de coreanos em São Paulo (ou no Brasil em geral), indica uma diversificação relativa se comparada com o quadro das décadas anteriores. Por exemplo, na década de 90, esse número correspondia a mais de 90%.

Esse é um fenômeno que acontece normalmente entre imigrantes em geral, à medida que seus descendentes assimilam a língua e a cultura do país receptor, sobretudo através da educação local. Semelhante a imigrantes de outras nacionalidades – árabes, armênios, chineses, judeus, espanhóis, gregos, húngaros, lituanos, bolivianos, uruguaios, africanos e, depois do término da 2ª Guerra Mundial, até japoneses⁷¹ - coreanos têm uma forte tendência de concentrar-se nos centros urbanos. Podemos apresentar várias razões para explicar o fato, destacando-se o desejo de educar seus filhos num ambiente melhor. O fato de que entre após os anos 1960 o índice de matrícula nas escolas e universidades dos descendentes de

⁷¹ Com o término da Segunda Guerra, muitos japoneses foram obrigados a aceitar que dificilmente voltariam à sua pátria e mudaram-se para as cidades na esperança de se tornarem donos de seu próprio negócio e conquistarem a ascensão social através dos filhos. Com exceção do que ocorre no Sul do país, italianos, alemães, poloneses e ucranianos não-raro também vinham se juntar nas grandes cidades de São Paulo, sobretudo os italianos, visto que muitos eram operários em seu país natal.

imigrantes coreanos costuma ser muito alto desde a chegada ao primeiro destino de migração, mostra a responsabilidade que os pais coreanos tinham para com seus filhos. No caso dos imigrantes coreanos que entraram no Brasil após os anos de 60, eles podiam mandar seus filhos menores para as escolas porque a essa altura a infra-estrutura educacional (no sentido moderno de termo) já estava sendo estabelecida no Brasil. Aliás, é preciso lembrar que a absoluta maioria dos imigrantes coreanos jovens estava matriculada em cursos regulares antes de emigrar. Chegando ao Brasil, muitos dos imigrantes procuraram dar aos seus filhos chance de ensino regular e a instalação nas grandes cidades tinha como um dos motivos ter melhores condições de educação dos filhos. Ocorre, porém, que como ainda não tinham recursos financeiros suficientes para que pudessem poupar seus filhos de terem de trabalhar, era inevitável para muitos jovens que chegaram ao Brasil antes dos anos 1980 não poder se dedicar exclusivamente ao estudo, como foi visto antes. Casos houveram em que, mesmo assim, os imigrantes não dispunham de condição material para educar todos os filhos, sendo que muitos foram obrigados a escolher apenas um. Com o sacrifício ou dos pais e dos irmãos, esse escolhido teve de lutar para ser o merecedor de tal oportunidade.

Se a importância dada à educação, mesmo diante das privações a que estavam submetidos, as coisas caminharam desta maneira, pode-se imaginar facilmente que a situação para aqueles que imigraram nas fases posteriores foi muito mais favorável, pois eles podiam desfrutar em grande medida da estrutura econômica da comunidade coreana, que já tinha se tornado mais estável graças ao esforço dos imigrantes coreanos anteriores. Sendo necessário que somente os pais se dedicassem às atividades produtivas para prover o sustento do lar, os filhos podiam dedicar-se em tempo integral ao estudo e sua participação de tais atividades se limitava a ajudar os pais com coisas menos pesadas como ir ao banco ou cuidar do caixa etc.

Porém, há um fato digno de nota neste ponto. De fato, os filhos dos imigrantes da primeira geração vêm se espalhando por áreas cada vez mais diversas, como Medicina, Direito, Administração, Comunicação etc., e realmente têm colhido bons frutos nessas áreas. Porém, o número daqueles que levam sua especialidade até o mercado de trabalho é relativamente pequeno. Há uma forte tendência de que muitos dos possuidores de diplomas universitários voltem para o negócio de seus pais depois de formados ou depois de alguns anos no seu primeiro emprego na área de sua especialidade. A curta história da imigração coreana no Brasil não é uma explicação satisfatória para o pouco número de profissionais especializados trabalhando em suas respectivas áreas e o retorno de muitos para o ramo de confecção. O fato de que essa opção é feita não somente pela *Geração 1.5*, mas também pela segunda geração, pode servir para refutar a ideia de que isso esteja relacionado ao tempo de

permanência no Brasil. Tal tendência se dá, acima de tudo, por motivos econômicos. Como o retorno financeiro é muito maior trabalhando-se no ramo de confecção do que nas empresas – sejam coreanas, sejam brasileiras – ou como médicos e professores, parece existir a tendência para a preferência por carreiras não-profissionais entre os imigrantes coreanos e seus descendentes, o que destoa consideravelmente da tendência dominante na Coreia, onde o reconhecimento pela sociedade é um dos fatores mais importantes para se escolher uma carreira. Este ponto merece ser discutido em maior profundidade, porque está ligado à questão de sua integração à sociedade brasileira – em outras palavras, porque podemos, através desse fenômeno, apreender traços importantes do relacionamento entre imigrantes e brasileiros em ambientes diferentes.

Embora possa parecer lamentável o fato de muitos coreanos e descendentes não ingressarem no mercado de trabalho brasileiro na mesma proporção em que cresce o número de indivíduos com formação profissional, a presença dos imigrantes coreanos certamente se tornou mais visível aos olhos de muitos brasileiros que vivem em São Paulo, fato que também, contribui para o relacionamento comercial entre ambos os países, à medida que suas atividades comerciais se tornam cada vez mais dinâmicas (OLIVEIRA e MASIERO, 2006). Podemos supor, inclusive, que a absorção dessas duas gerações – a *Geração 1.5* e a segunda geração –, mão-de-obra de alta qualidade em termos de habilidade com o idioma e alto nível de instrução, à área de confecção tenha contribuído significativamente para tornar o ramo, antes administrado pela primeira geração, mais sistemático e eficiente. Hoje, o bairro de Bom Retiro, junto com o Brás, é um centro da moda nacional, sendo indicado por fontes nacionais de grife e visitado tanto por varejistas como por atacadistas de todo o Brasil desde que os imigrantes coreanos lá instalados começaram a se destacar no ramo nos anos 70.

3.3.3 Principais eixos de organização social em solo brasileiro

Nos estudos imigratórios, é imprescindível o estudo do processo de instalação e integração do imigrante ao novo âmbito. Examiná-lo com base em algumas unidades ou entidades da comunidade coreana que têm funcionado como eixo da vida social dos imigrantes nos ajudaria a compreender o processo migratório como um todo e a maneira como os imigrantes coreanos vêm lidando com a integração.

Em 47 anos, contados a partir da chegada dos primeiros imigrantes em 1963, os imigrantes coreanos têm se organizado em torno de uma colônia bastante unida, ao menos na cidade de São Paulo. Vê-se que a colônia tem seu centro no bairro do Bom Retiro e seus

arredores, como Brás, e Aclimação. A comunidade coreana se mostra, por vezes, como uma “miniatura” da sociedade coreana – aparentemente, não a de hoje –, na qual vêm se agrupando entidades de diversas naturezas, como associações, escolas de língua coreana e cursos particulares, hospitais (tanto de medicina alopática como alternativa), restaurantes, salões de beleza, lojas de tecidos e roupas, instituições religiosas, karaokês etc. Com praticamente quase todo tipo de serviços sendo oferecidos dentro da colônia, parece possível satisfazer as necessidades básicas da vida cotidiana sem sair da colônia, tendo somente o mínimo de contato com os brasileiros. E isso é verdade, sobretudo, para muitos idosos coreanos da colônia.

3.3.3.1 Familiares

A “família”, para muitos imigrantes coreanos, ainda é uma instituição central, cuja influência sobre o indivíduo na hora de tomar decisões importantes é significativa. Por isso, é preciso muitas vezes abordar vários assuntos relacionados aos imigrantes coreanos no Brasil – casamento e administração de empresas familiares, sobretudo no ramo de confecção de roupas, por exemplo – de um ponto de vista não puramente individual, mas “familiar”. Basicamente, isso se deve, como é amplamente conhecido, ao substrado cultural e social de inspiração confucionista da sociedade coreana, que era mais intenso na época de grande fluxo migratório de coreanos para o Brasil.

A isso, no caso do Brasil, é necessário acrescentar mais uma razão para se explicar por que a família e os parentes têm atuado como eixo principal em torno do qual organiza-se a vida. Tal tendência tem a ver com a própria natureza da imigração coreana para o Brasil, cuja unidade mínima, na absoluta maioria dos casos, era a “família”, e a formação da estrutura de trabalho dos imigrantes no Brasil obedece a esse mesmo padrão. Segue abaixo a descrição de Choi (1991):

No Brasil, os coreanos interessados em trazer seus familiares voltaram a estabelecer relações com as filhas e as irmãs casadas, como é normal no sistema familiar ocidental, estruturando assim uma “cadeia” de parentesco, o que é conhecido como imigração em cadeia. Entre os coreanos, facilmente podem se encontrar grupos de cinco, seis, ou vinte e mais pessoas com relações de parentesco. Eles se mantêm aglutinados. Essa tendência de aglutinação é vista na infra-estrutura do trabalho ao qual eles dedicaram. Como a maioria dos coreanos emigrou em companhia de suas famílias, e aqui chegando se dedicaram, sobretudo, ao ramo de confecções, seus membros tendem a se manter unidos, quer por razões de parentesco, quer por razões profissionais, o que vem garantindo, ainda mais, a unidade grupal.

(CHOI, K., 1991, p. 131)

Assim, quase todos os imigrantes coreanos chegados antes da década de 1980 foram obrigados a viver nessa situação, isto é, numa situação em que até os filhos adolescentes tiveram de participar das atividades produtivas para amealhar dinheiro. Por sua vez, beneficiados pela base relativamente sólida do ramo de confecção, bem como da estrutura geral da colônia coreana em São Paulo, estabelecida com muito suor e esforço, os que vieram nos anos 1980 e 1990 podiam se livrar consideravelmente desse jugo. Muitos deles podiam dar a seus filhos as condições necessárias para dedicar-se plenamente ao estudo, o que pode sugerir a perda de um motivo para se manterem unidos, pelo menos fisicamente. Essa mudança, porém, não significou o afastamento da família, nem, como veremos depois, da igreja ou, assim, da colônia, até muito tempo depois. Era comum ver os filhos voltarem da escola e ajudarem seus pais na loja com coisas simples, e outras atividades além do trabalho eram realizadas com a família, muitas vezes na igreja ou nos passeios nos arredores de São Paulo. Por sua vez, o crescimento de pequenas empresas familiares contribuiu para que a vida continuasse estruturada em torno da família, mas de maneira diferente do que acontecia em anos anteriores.

Um fato relevante, que veio à tona no decorrer da pesquisa, entrevistando-se diversos membros da colônia coreana, é que o convívio íntimo entre familiares não necessariamente significava que houvesse diálogo entre os pais e filhos, nem que aqueles desempenhassem um papel ativo na educação destes. Seria mais correto dizer que a influência da família tem se exercido mais através da própria convivência entre seus membros a partir da natureza inerente à família coreana, do que através da transmissão de valores específicos de maneira verbalizada e sistemática. Pois, para os coreanos, a família é o símbolo da preservação da etnia e da identidade do grupo, ou o espaço onde são abrigados, preservados e herdados os símbolos do grupo, dentre os quais a língua, a culinária e o casamento endogâmico, entre outros. Com o hiato entre a primeira geração e as seguintes crescendo cada vez mais, ao passo que as novas gerações vão se abasileirando, o ensino da língua coreana é uma das coisas que muitos imigrantes querem perpetuar até o último momento, lamentando que a comunicação em coreano entre pais e filhos esteja cada vez mais precária. No caso dos primeiros imigrantes japoneses, que pretendiam voltar à terra de origem um dia, quando tivessem acumulado pecúlio suficiente, o ensino de língua japonesa era essencial para esse futuro hipotético, fazendo com que a educação na escola dentro da colônia japonesa fosse ministrada, sobretudo, em língua japonesa. Mas também precisa ser registrado que a

interferência do idioma português era inevitável, já que mesmo muitas escolas japonesas tinham em cumprimento às leis brasileiras, pelo menos, um professor de português. Diferente da imigração japonesa, por outro lado, os imigrantes coreanos vieram para o Brasil sem intenção de retorno para a Coreia, mas nem por isso ensinar a língua coreana teve menor importância se comparado com o caso japonês. A existência de 26 escolas particulares de coreano⁷² nas regiões do Bom Retiro e Brás, e de aulas de coreano sendo ministradas pelas igrejas protestantes coreanas aos sábados, provam o valor que os pais atribuem à língua como símbolo da identidade coreana.

Junto com isso, na vida cotidiana, o que teria sido melhor preservado, com menos relutância da parte de jovens e adolescentes, seria a alimentação. Mesmo nas famílias em que se fazem refeições à brasileira para os filhos, é, aos mais idosos, sempre servida comida coreana. E até entre os jovens e adolescentes que declaram se identificar mais com a cultura brasileira é comum ter preferência à alimentação coreana ou, pelo menos, incluir as duas no dia-a-dia.

Continuando, outro aspecto considerado difícil de ser modificado seria o pensamento e atitude dos imigrantes coreanos para com o casamento. Na Coreia, o casamento é mais do que uma simples relação de contrato envolvendo duas pessoas: é um acontecimento que envolve duas famílias, inclusive no que diz respeito à reputação e ao orgulho dos ancestrais. Já se foi dito que muitos coreanos, antes da chegada dos imigrantes coreanos oficiais em 1963, se casaram com descendentes de japonesas ou brasileiras. Mas, com a chegada da primeira leva, o desejo de formar família com uma conterrânea foi despertado novamente em alguns ex-prisioneiros, levando quatro deles a casarem-se com quatro moças vindas na primeira leva (JEON, 1990).

Assim, a família ainda é considerada “uma fortaleza”, não simplesmente como a unidade elementar da sociedade, mas como um espaço em que os imigrantes coreanos desejam manter os valores tradicionais, e, consciente ou inconscientemente, os filhos são educados de acordo com esses valores, assunto que posteriormente será tratado com mais detalhes neste trabalho.

3.3.3.2 Igrejas Protestantes

Hoje na comunidade coreana em São Paulo existem 42 igrejas protestantes, 1 igreja

⁷² Para consultar detalhes das escolas, ver a “Tabela 3.6 – Escolas de língua coreana em São Paulo” mais adiante neste capítulo.

católica, 1 templo da Testemunha de Jeová e 1 templo budista segundo a Agenda Comercial dos Coreanos no Brasil. Em particular, a atuação das igrejas cristãs considera-se ter sido imprescindível ao longo processo de instalação dos imigrantes coreanos pelo seu desempenho que preenchia muitos vazios nesse processo. Ainda que mereça um tratamento detalhado de cada religião para a comunidade coreana em São Paulo, parece-me apropriado aqui examinar prioritariamente os aspectos da atuação das igrejas protestantes levando em consideração o peso delas em termos do contexto e a dominância.

De fato, a participação dos imigrantes coreanos em atividades das igrejas protestantes é bastante significativa. Já na primeira leva da imigração oficial, mais da metade dos membros era praticante dessa religião, tanto mais que no Projeto de Emigração foi incluído um artigo que ditava a obrigatoriedade de cada leva ser acompanhada por um pastor protestante, prevendo o sofrimento, tanto físico quanto emocional, dos imigrantes pioneiros numa terra estranha. Oh Eung-seo, então diretor-substituto do Departamento de Mulheres e Crianças do Ministério da Saúde da Coreia à época da primeira leva, afirmou: “não há dúvida de que mais que a metade da primeira imigração era de indivíduos protestantes.” (OH, 2004, p. 263-264)

Na ausência de outros órgãos com os quais pudessem contar em momentos de dificuldade, não seria exagero dizer que a comunidade foi estruturada em torno das igrejas protestantes. Choi resumiu bem as razões pelas quais as igrejas se tornaram o centro das atividades da comunidade desde o início da imigração coreana no Brasil: primeiro, a comunidade coreana no Brasil foi formada, em sua maioria, por elementos provenientes da Coreia do Norte, mas que, antes de chegarem ao Brasil, residiram na Coreia do Sul, devido à Guerra da Coreia – consequentemente, já havia certa dispersão dos coreanos, o que diminuía os laços de parentesco ou de procedência de uma mesma região; segundo, a maioria dos imigrantes coreanos era constituída por protestantes – aqueles que não professavam tal credo acabavam se convertendo, para não se sentir isolados da comunidade; terceiro, as igrejas ofereciam para todos os novos membros que surgissem a infra-estrutura necessária para se estabelecer dentro da sociedade brasileira, o que incluía desde alimentação e moradia até a independência econômica – isto ocorreu devido à ânsia das igrejas por novos membros, buscando maior integração entre eles; quarto, nas igrejas, os coreanos tinham a oportunidade de se comunicar sem se preocupar com a barreira da língua; e, por fim, nenhuma outra instituição fora criada para auxiliar os imigrantes oficialmente até depois de muito tempo. Diante de uma sociedade estranha, sobretudo para os recém-chegados, o único lugar onde se podia ter tranquilidade psicológica eram as igrejas. Elas funcionavam como um verdadeiro

esconderijo (CHOI, K., 1991, p. 158), sobretudo quando ocorriam situações indesejáveis ou qualquer tipo de problema pessoal.

Além disso, desde cedo as igrejas funcionaram como importantes centros de ensino da língua coreana para os descendentes, bem como se transformaram em redes de encontros, em razão do fato de muitos de seus membros serem coreanos.

A começar pela Igreja Presbiteriana Coreana Unida (*Yeonhap*), que foi estabelecida em 1965, em 1973 existiam 7 igrejas coreanas protestantes na cidade de São Paulo e 29 em 1989. Hoje esse número chega a mais de 50. Elas mantêm uma rede unificada na Associação das Igrejas Coreanas Evangélicas no Brasil⁷³ e na Associação das Igrejas Presbiterianas Coreanas.

Hoje, a comunidade coreana apresenta maior diversidade e as igrejas também realizam cultos em português para a segunda e terceira geração de imigrantes coreanos, as quais costumam estar mais familiarizadas com a língua portuguesa do que com a coreana, e é publicado um jornal cristão em coreano pelo Centro Cultural Missionário dos Cristãos Coreanos para ajudar as igrejas coreanas a se aproximarem uma da outra através de um meio impresso e manter, assim, os cristãos informados sobre notícias não somente das igrejas coreanas do Brasil, mas também dos Estados Unidos e da Coreia. Além das notícias das igrejas coreanas dos três países, é comum trazer notícias dos sucessos profissionais alcançados por seus conterrâneos de lá, procurando, assim, animar os imigrantes. Na comunidade coreana de São Paulo, é bastante frequente convidar os pastores coreanos das grandes igrejas dos EUA e da Coreia, bem como leigos que se destacaram em suas áreas, e organizar palestras e outros tipos de evento. Pode-se citar como um dos meios mais representantes usados para esse fim o *Nammi Christian Weekly*, a edição semanal, distribuída gratuitamente para membros das igrejas coreanas bem como demais pertencentes à comunidade coreana em São Paulo.

Realmente, são inegáveis as contribuições positivas das igrejas protestantes para a harmonia da comunidade coreana e para a transmissão tanto dos valores cristãos e de valores morais quanto do básico do idioma coreano. No entanto, ao mesmo tempo em que existe esforços para união dos imigrantes coreanos no Brasil, parece também existir sérias discordâncias e conflitos entre elas e, assim, preocupações entre as igrejas coreanas em torno desses conflitos, que poderiam se resumir em três a grosso modo. Primeiro, a diversificação

⁷³ A Associação das Igrejas Coreanas Evangélicas no Brasil foi criada em 10 de dezembro de 1973, quando existiam apenas sete igrejas coreanas protestantes na cidade de São Paulo, visando à maior cooperação entre elas. (CHOI, K., 1991, p. 170)

da comunidade coreana em São Paulo propiciou o surgimento espontâneo de outros órgãos de naturezas variadas, o que significa que se tornou possível conseguir auxílios práticos e amizade através de outras fontes além da igreja. Concomitantemente, conforme as gerações jovens vão adquirindo maior destreza na língua portuguesa, mais opções se abrem perante eles em muitas áreas da vida no Brasil. Embora nem por isso as igrejas tenham deixado de exercer aqueles papéis acima resumidos, tornou-se óbvia a diminuição no número de seus adeptos, sobretudo jovens e adolescentes em franco processo de estabilização no Brasil.

O segundo diz respeito ao vínculo que as igrejas coreanas mantêm com a Coreia e os EUA. Basicamente, estima-se que esse vínculo serviu como um mecanismo que ajudava a comunidade coreana, em especial, as igrejas coreanas pioneiras no Brasil a se organizarem de maneira mais eficiente. Junto com isso, também pode-se entender nisso o desejo e esforço da comunidade coreana para não perder os vínculos mais profundos com sua pátria. No entanto, quanto ao fato de que muitas igrejas coreanas são até hoje administradas pelo sistema segundo o qual existe uma igreja-sede na Coreia ou nos EUA e de lá são enviados pastores para os templos locais do Brasil, existem vozes que criticam o sistema por mostrar tendência para certa dependência das igrejas-sedes. Se a falta de ministros teologicamente bem treinados no local é a explicação dada pelos defensores de tal sistema, o contra-argumento é que os ministros enviados da Coreia não possuem suficiente conhecimento do local.

A terceira, por fim, poderia ser resumida no termo “politização”, fenômeno que já começou a surgir desde cedo abrangendo vários problemas. Um deles é a disputa entre as igrejas para atrair o maior número possível de adeptos. Uma das cenas mais marcantes nas quais essa disputa se manifestava mais frequentemente seria a do aeroporto: as igrejas procuram marcar presença tanto no desembarque do imigrante no aeroporto quanto junto aos clandestinos, não se recusando a auxiliá-los (CHOI, K., 1991, p. 171).

Outro problema é da dimensão interna de cada igreja: há uma forte tendência ao controle das igrejas pelos presbíteros, a ponto de não respeitar a autoridade dos pastores como líderes da fé. Alguns casos de conflito mais graves de tal natureza levaram as igrejas a serem divididas. E ser presbítero ou diácono da igreja muitas vezes é considerado como ocupar algum cargo alto ou ganhar um título. Apesar de esses cargos existirem para servir à igreja, na realidade, muitos com esse título esperam o respeito dos demais fiéis e o poder de decisão sobre assuntos importantes da igreja. Sobre essa realidade, Oh tece uma crítica em seu livro: “à medida que ia crescendo o número dos crentes que eram cumprimentados na rua sendo chamados pelos títulos, como ‘Sr. Pastor’, ‘Sr. Presbítero’ ou ‘Sr. Diácono’, foi se fortalecendo a tendência para o desvalorizamento da fé verdadeira. Talvez seja isso o que

melhor define a igreja dos imigrantes.” (OH, 2004, p. 139) Não parece pouco o número de imigrantes coreanos que apontam uma característica dos coreanos como a principal razão por trás disso: se individualmente os coreanos podem ser considerados fortes, em grupo já não se pode dizer a mesma coisa, destacando a dificuldade de entendimento observada entre os fiéis. Esse detalhe não pode ser generalizado como um fato, porém pode ser um exemplo de uma face torta e irônica do comunitarismo, baseado na unidade familiar, misturado ao individualismo na Coreia, o que foi tratado em maior profundidade no capítulo anterior.

3.3.3.3 Entidades civis da comunidade coreana

Foi entre o final da década de 1960 e o começo da década de 1970 que começaram a surgir os primeiros grupos mais formais e sistemáticos na comunidade coreana no Brasil. A proliferação das confecções administradas por imigrantes coreanos em concentração de cerca de 2.000 coreanos em São Paulo, juntando-se a outros 2.000 coreanos já estabelecidos lá entre 1971 e 1972, caracterizam o nascimento da colônia ou comunidade coreana.

Dentre inúmeras associações e entidades com diferentes fins e naturezas existentes na comunidade coreana, vale apresentar algumas que são consideradas por exercer papéis importantes para a preservação da cultura coreana entre imigrantes e descendentes coreanos por meio de realização de vários programas e atividades, atingindo um escopo maior de público da comunidade coreana. Tendo a educação das gerações novas como uma das maiores preocupações, essas organizações como um todo estão, de fato, implementando e praticando projetos voltados à educação, especialmente coreana, direta e indiretamente.

a) Associação Brasileira dos Coreanos

A congregação coreana mais abrangente atualmente seria a Associação Brasileira dos Coreanos (ABC)⁷⁴, uma organização cuja característica mais importante, que a distingue das outras, é sua representabilidade. Até a ABC chegar à sua forma atual, a comunidade coreana passou por momentos bastante conflituosos, que chegaram mesmo a dividir a comunidade. Foi em 1962, o ano seguinte da chegada da Delegação Cultural ao Brasil em 1961, que foi criada uma entidade por seus membros, em união com os ex-prisioneiros que já residiam no Brasil, convidando Kim Chang-su a assumir a presidência (JEON, 1990, p. 333). Logo, com a

⁷⁴ O homepage da ABC: <<http://www.haninbrasil.com.br/>>

instalação da Embaixada da Coreia no Rio de Janeiro e com a chegada da primeira leva de imigrantes coreanos, a entidade foi transformada em uma associação, o que contou com o apoio da própria Embaixada, a qual visava, com isso, a facilitar a sua comunicação com os coreanos que residiam no Brasil à época. A propósito, como a maior parte dos coreanos residia em São Paulo, a sede da Associação passou a operar na capital paulista, por sugestão da Embaixada.⁷⁵ Mas, nos primeiros anos, quando ainda não chegava a se formar uma colônia coreana, não havia muitas atividades organizadas pelo grupo além das pequenas comemorações dos feriados nacionais da Coreia, como o Dia da Independência (15 de agosto), o primeiro dia do calendário lunar etc.

Essa entidade, ou seja, o embrião da associação coreana entra em uma nova fase com a chegada de imigrantes coreanos vindos da Bolívia e de clandestinos do Paraguai em grandes quantidades entre 1964 e 1966. A partir de então, o problema do estado legal de muitos imigrantes ilegais no Brasil passou a ser um dos assuntos mais graves e urgentes a ser resolvido, o que deu lugar a conflitos crescentes entre possuidores de visto permanente brasileiro e não-possuidores. Devido a tal situação, tornou-se impossível, desde então, à associação exercer sua função abrangendo toda a população de origem coreana efetivamente. Oh, como outros muitos que testemunharam os acontecimentos dessa época, relata que as movimentações na comunidade coreana no Brasil começaram, desde o início, partindo de duas posições que pareciam incompatíveis. Havia, de um lado, os que vieram para o Brasil com permissão oficial para imigração, e de outro, os que vieram por via ilegal e tentavam conseguir o visto permanente. Devido a diferenças de estado legal como essa, a comunidade, já pequena, passou a ser dividida em dois grupos: o inovador (신파, 新派) e o conservador (구파, 舊派), sendo que este criou a Associação Cultural (문화협회), e aquele, a Associação Brasileira dos Coreanos (교민회)⁷⁶ (OH, 2004, p. 251-263) Os não-possuidores de visto

⁷⁵ Atualmente, a sede da ABC situa-se na rua dos Parecis, 107, bairro do Cambuci, desde a aquisição do edifício em 16 de maio de 1979.

⁷⁶ A divisão entre as duas partes se oficializa e concretiza quando não-portadores de visto permanente começaram a organizar movimentos para a legalização de seu estado no Brasil. Eles, como iniciativa, elegeram Kim Hong-gi na 6ª eleição para presidente da associação e, a partir de então, a associação passou a ser administrada por eles, dando início ao conflito entre esses novos membros da associação e os antigos. O motivo central desse conflito estava no fato de que os membros antigos não concordaram com a nova presidência, que procurou resolver a situação de muitos permanentes ilegais coreanos de maneira aparentemente ilegal e peremptória – isto é, a associação comandada pelo novo presidente instalou um “Comitê de Promoção para Aquisição de Visto Permanente” dentro da associação e visitou departamentos do Governo do Brasil fazendo petições de legalização da permanência de coreanos ilegalmente instalados. Os membros da presidência anterior criticando a nova presidência apontando que a associação, que uma entidade de utilidade pública ter colocado tal projeto ilegal em prática publicamente não era um comportamento desejável. Embora essa crítica se sustentasse, a nova presidência contou com muito mais membros porque naquela época muitos coreanos viviam ilegalmente no país e conseguir visto permanente era para eles uma questão fundamental. Em meio a esse conflito, os

permanente se juntaram à Associação Brasileira dos Coreanos, que defendia sua posição apontando que o problema de visto devia ser tratado como um assunto do povo coreano, dando o maior apoio possível a eles, ao mesmo tempo que os imigrantes legais aderiam à resolução do assunto por vias legais. À medida que foi crescendo a população de origem coreana, os desentendimentos também aumentaram, causando sérios conflitos e a divisão interna, a qual chegou a ser divulgada externamente tanto pela imprensa brasileira como pela coreana.

Finalmente, em 11 de janeiro de 1977, os representantes das duas partes fizeram as pazes e chegaram a um acordo para fundir as duas associações em uma reunião mediada por membros da Embaixada da Coreia. Naquela ocasião, foi tomada a decisão da reorganizar completamente a associação, a começar pela mudança de nome, uma reforma do estatuto e a eleição de um novo presidente: o nome antigo *Gyominhoe* (교민회) foi substituído por *Haninhoe* (한인회), Associação Brasileira dos Coreanos. Estima-se que, em todo esse processo, a atuação de Ko Gwang-sun foi decisiva, sendo uma peça fundamental para a unificação, e tal esforço foi reconhecido com uma placa comemorativa em 1977.

A Associação Brasileira dos Coreanos, que se reorganizou ao longo do processo acima descrito, tem como intuito amparar os imigrantes e assegurar sua integração junto ao povo brasileiro. Teoricamente, todos os imigrantes coreanos no Brasil fazem parte da Associação. De acordo com o diretor administrativo da ABC, os principais objetivos da Associação podem ser resumidos da seguinte maneira:

- Elaborar um sistema eficiente para lidar com assuntos administrativos da comunidade coreana;
- Organizar atividades culturais voltadas à unificação da comunidade;
- Zelar pelo respeito aos direitos dos imigrantes coreanos no Brasil lhes fornecendo informações sobre a legislação brasileira que digam respeito à sua situação legal;
- Promover projetos que visem apoiar a educação dos jovens e adolescentes, como construção de bibliotecas, centro cultural etc.;
- Organizar atividades culturais voltadas para os brasileiros a fim de difundir maior conhecimento da cultura coreana e contribuir para que

componentes da associação da antiga presidência chegam a estabelecer a Associação Cultural e registrá-la como entidade corporativa para poder operar legalmente. E, nesse processo, a Embaixada ficou ao lado da Associação Cultural, que defendeu a resolução do problema por meios legais conforme a lei brasileira. (OH, 2004, p. 252, 254)

prevaleça a harmonia entre os dois povos. (Conforme entrevista realizada com o diretor administrativo ABC em 2009, tradução nossa)

A ligação entre a Associação, a Embaixada e o Consulado da Coreia tem sido algo forte desde a formação da primeira agremiação de coreanos em 1962, embora tenham existido conflitos delicados e tal relação venha se tornando de natureza mais limitada e cautelosa com o passar do tempo. Parece que, no início da história da imigração coreana no Brasil, existia uma identificação mais forte entre os imigrantes e componentes da Embaixada, representante do Governo da Coreia. Em outras palavras, o senso comum que tinham, todos eles compartilhando a mesma origem étnica, cultural e linguística reunia ambas as partes emocionalmente. Isto é, como os imigrantes nos primeiros anos continuaram a se identificar como coreanos mesmo depois de terem deixado seu país, o alto grau de envolvimento da Embaixada nos assuntos da comunidade sempre foi considerado natural. Não nos causa estranheza o fato de que muitos imigrantes alimentavam grande expectativa em relação ao apoio, tanto prático como emocional, que a Embaixada deveria oferecer-lhes durante a sua instalação no Brasil. No entanto, nota-se que o laço entre os dois não se encontra tão sólido como antes à medida que vêm nascendo novas gerações e a consciência étnica vem se diluindo entre elas. É inegável o fato de que ainda existem expectativas um para com outro, isto é, entre imigrantes coreanos e componentes dos órgãos governamentais enviados ao Brasil, sobretudo porque, depois de 47 anos de instalação no Brasil, a primeira geração continua atuando ativamente e naturalmente a segunda geração, seus filhos nascidos no Brasil, está ainda sob a sua influência direta. Mas, tendo a questão da identidade tornado-se mais complexa, hoje, a relação entre os órgãos representantes do governo coreano e a comunidade coreana vem sendo reavaliada.

De acordo com a Agenda Comercial dos Coreanos no Brasil da edição 2010, atualmente, há associações de coreanos em 11 cidades – São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Vitória, Belém, Porto Alegre, Brusque (Santa Catarina), Foz do Iguaçu e Ribeirão Preto – onde está concentrada a maior parte dos imigrantes coreanos. A administração de cada uma é feita de forma autônoma, havendo colaboração entre as associações quando necessário (por exemplo, na organização de eventos culturais, levantamento de censo demográfico da população coreana no Brasil, embora no segundo caso haja limitações em obter o número exato etc.).

b) Instituições educacionais

Além da Associação Brasileira dos Coreanos que tem em fornecer a infra-estrutura educacional na comunidade coreana como um dos seus objetivos, existem também associações e instituições educacionais propriamente ditas. Seria a Associação Brasileira da Educação Coreana (ABEC, 한브교육협회) a que funciona com maior autoridade dando orientações às demais instituições de cunho religioso, público e privado voltadas à educação. Sendo criada em maio de 1992, a ABEC tem como principais objetivos:

- Realizar a educação regular e especial tanto para os membros da associação quanto para o público geral;
- Apresentar a língua e cultura coreana à sociedade brasileira e estimular o intercâmbio entre a Coreia e o Brasil;
- E cumprir o papel de intermediador na integração dos imigrantes coreanos e seus descendentes na sociedade brasileira.

A concretização de tal visão da ABEC pode ser vista, entre outras, na participação da administração da Escola Coreana do Brasil e do Colégio Polilogos que funcionam num mesmo prédio, localizado na Rua Solon, no Bom Retiro, pelo currículo coreano e currículo brasileiro respectivamente conforme a lei de educação dos respectivos países. Apesar da ligação forte entre duas escolas tanto física quanto administrativa, mantém-se uma autonomia do alto nível de cada uma tendo duas diretorias diferentes: a diretoria da Escola Coreana do Brasil é composta de funcionários e professores de origem coreana – imigrantes e descendentes coreanos e funcionários enviados da MEC da Coreia – enquanto a do Polilogos é composta de brasileiros.

Quadro 3.2 – Processo da inauguração da Associação Brasileira da Educação Coreana, Escola Coreana e Colégio Polilogos

Data	Acontecimentos
7 de maio de 1983	Inauguração da Escola Coreana de São Paulo no endereço Rua Correia dos Santos, 179 – Bom Retiro – São Paulo – SP
Outubro de 1988	Implementação do projeto do estabelecimento da escola coreana regular
Maio de 1992	Criação da Associação Brasileira da Educação Coreana
Abril de 1995	Compra do terreno atual da Escola Coreana do Brasil e do Colégio Polilogos no endereço Rua Solón, 1018, Bom Retiro)
Abril de 1996	Inauguração da Escola Coreana do Brasil (Rua Solon 1018, Bom Retiro, São Paulo-SP)
2 de maio de 1998	Autorização da Escola Coreana do Brasil como instituição coreana regular do ensino fundamental pelo MEC da Coreia do Sul e Abertura do Currículo Coreano da Escola Coreana do Brasil
Fevereiro de 1999	Autorização da escola como instituição regular brasileira do ensino fundamental (até o 4º ano) pelo MEC do Brasil dando início ao Colégio Polilogos
Março de 1999	Autorização do ensino infantil e ensino fundamental completo Abertura oficial do Currículo Brasileiro para o ensino fundamental regular de Polilogos
Outubro de 2001	Autorização do MEC do Brasil para o ensino médio
30 de junho de 2010	Escola Coreana de São Paulo -> Escola Coreana do Brasil

Fonte: Homepage da Associação Brasileira da Educação Coreana, da Escola Coreana do Brasil e do Colégio Polilogos. (Tradução nossa) Disponível em:

<http://colegiopolilogos.com.br/bbs/view.php?id=_test_&page=1&sn1=&divpage=1&sn=off&ss=on&sc=on&select_arrange=headnum&desc=asc&no=4>

Como se vê na tabela acima, a Escola Coreana do Brasil tem reconhecimento do MEC da Coreia somente no ensino fundamental enquanto o Colégio Polilogos abrange o ensino fundamental e médio completo fazendo com que no segundo se concentre maior número de alunos. Por o currículo coreano não ter o reconhecimento da MEC do Brasil, os alunos que frequentam o currículo coreano cumprem o currículo brasileiro no período da

manhã, seja no Polilogos seja em outras escolas brasileiras. Segundo os materiais publicados pelo MEC da Coreia sobre a realidade da educação coreana no Exterior, voltada aos imigrantes descendentes coreanos e cidadãos coreanos fora da Coreia, a situação da administração de escolas coreanas varia de país para país. Na China e alguns países da Ásia do Sudeste, escolas coreanas têm condição suficiente para funcionar só com o currículo coreano tendo reconhecimento do país local do currículo completo fazendo com que alunos não sejam obrigados a frequentar escolas locais. Com respeito à administração da Escola Coreana do Brasil, a professora-diretora Choi Seon-gyu explica:

A situação no Brasil é diferente e assim a comunidade coreana aqui tem demandas diferentes à educação da nossa escola. A tendência é de que os imigrantes coreanos no Brasil têm grande interesse no currículo da educação local e consideram importante a integração à sociedade brasileira, o que os torna priorizarem o currículo brasileiro. Na nossa escola, é raro ver aluno, filho de funcionários coreanos que residem no Brasil temporariamente e a maioria são descendentes dos imigrantes coreanos, isto é, brasileiros. [...] Com certeza, o objetivo da existência da nossa escola é realizar a educação coreana e penso isso importante para a preservação da cultura coreana entre gerações novas. Porém, ao mesmo tempo em que isso, acredito que nossa escola deve dar importância à realidade da sociedade local e ajudar a integração dos nossos alunos a ela. Contudo, você não pode concluir que nossa escola apenas exerce um papel complementar e ocupar um lugar secundário em comparação com o currículo brasileiro. O que posso dizer agora quanto à nossa política é que o tempo para a educação da língua bem como a cultura coreana está suficientemente estabelecido seguindo o currículo coreano e, mas procuramos evitar a repetição de disciplinas cursadas no currículo brasileiro, o que pode dar muita pressão aos alunos. (Tradução nossa)

Na verdade, durante aproximadamente 10 anos de funcionamento, a Escola Coreana do Brasil era mais fiel ao currículo coreano sem muita flexibilidade. Mas, como se vê no depoimento acima, a diretoria e a associação dos pais dos alunos julgaram que a falta de consideração da situação do país local e insistência do currículo coreano podem diminuir a eficiência da educação. Foi assim que a Escola realizou uma modificação inovadora à administração do currículo a partir do segundo semestre letivo de 2009, na qual eliminou algumas disciplinas repetitivas como matemática e ciência, que os alunos já cursam no currículo brasileiro e colocou-se nesse lugar atividades extra-curriculares como música, arte, balé, *Taekwondo* (태권도) etc. que podem transmitir a cultura coreana por meio da participação ativa dos alunos. Das cinco aulas totais no período da tarde, isto é, do currículo coreano, as últimas duas aulas são realizadas com essas atividades diariamente, sendo que a participação dessas duas aulas é facultativa. Antes da mudança, apenas duas vezes por semana

eram distribuídas para aulas extra-curriculares. Estima-se que uma decisão como essa foi possível por causa do reconhecimento de um ponto da diretoria, como a diretora Choi Seongyu fala concluindo sua explicação: “Nossos alunos são ‘brasileiros’. Eles aprendem coreano como uma segunda língua, não como língua materna. Coreano é a língua materna dos pais deles, e não deles. (Tradução nossa)” Dessa forma, a educação da cultura coreana voltada à segunda, à terceira geração – e às futuras gerações a nascerem – da Escola Coreana bem como da Associação Brasileira da Educação Coreana procura realizar uma educação viável levando em plena consideração a necessidade da integração à sociedade local dos seus alunos. E tal posição parece nem sempre conseguir formar uma sincronia com o Governo da Coreia que fornece o apoio financeiro e administrativo à Escola Coreana e que deseja a realização da educação coreana de forma mais fiel ao currículo coreano, o que não cabe ao escopo da nossa discussão.

Não se pode discutir a contribuição da Escola Coreana para a educação da maioria dos nossos entrevistados que imigraram para o Brasil entre 1960 e 1990 por a escola ter sido fundada em 1998. Como vimos, são descendentes dos imigrantes coreanos que são beneficiados pela Escola na aprendizagem da cultura coreana.

Por sua vez, a presença de escolas de coreano de cunho privado e religioso nos bairros onde tem maior frequência dos imigrantes e descendentes coreanos como Bom Retiro e Brás também é forte. Das 22 escolas de coreano em todo o Brasil, as 16 existem na cidade de São Paulo segundo os dados fornecidos pelo Centro da Educação Coreana em São Paulo. A maioria delas é administrada pelas igrejas protestante e católica da comunidade coreana ou pelas pré-escolas coreanas, normalmente tendo aula aos sábados. E o Centro da Educação Coreana em São Paulo⁷⁷, órgão pertencente ao Ministério da Educação da Coreia, incumbido de auxiliar a educação coreana aos coreanos e descendentes coreanos no Exterior, fornece às instituições educacionais da comunidade coreana materiais didáticos bem como apoio financeiro parcial e organiza atividades incentivadoras à educação coreana, reunindo nelas tanto educadores quanto educandos.

⁷⁷ O Homepage do Centro da Educação Coreana em São Paulo está disponível em língua coreana, auxiliado em língua portuguesa em: < <http://www.keisp.org/main/main.php> >

Quadro 3.3 – Escolas de língua coreana em São Paulo

Nº	Nome da escola	Administração	Número de professores	Número de alunos
1	Daegeon 대건 한글학교	Igreja Católica	20	230
2	Daehan 대한교회 한글학교	Igreja	6	42
3	Duri Seodang 두리서당 한글학교	Privada	4	38
4	Filadélfia 빌라델비아 한글학교	Igreja	6	52
5	Baeuri 배우리 한글학교	Privada	10	123
6	Bom Retiro 봉혜씨로 한글학교	Igreja	-	-
7	Brasil 브라질 한글학교	Associação Brasileira da Educação Coreana	23	208
8	Sarang 사랑유치원 한글학교	Privada	6	36
9	Seongyo 선교 한글학교	Igreja	13	62
10	San-am 산암 한글학교	Igreja	5	39
11	Saesomang Yeongjae 새소망 영재학교	Igreja	11	75
12	Sunbogeum 순복음교회 한글학교	Igreja	21	124
13	Itempool 아이템풀 한글학교	Privada	9	72
14	Ihwa 이화 한글학교	Privada	5	43
15	Heman 헤만 토요한글학교	Privada	3	38
16	Escola de Língua Coreana no Brasil 한브언어학당	Centro de Educação Coreana em São Paulo (Voltado ao público brasileiro)	-	
Total	16	-	142	1192

Relatório sobre as Escolas de Língua Coreana no Brasil, 2009.

Fonte: Centro da Educação Coreana em São Paulo (CEC/SP).

Escolas de coreano começaram a aumentar seu número principalmente a partir da década de 1980 à medida que foi nascendo a segunda geração e também para atender aqueles que imigraram quando ainda muito novos. Hoje as escolas coreanas estão, teoricamente, abertas às demandas dos alunos brasileiros, embora o número deles nessas escolas ainda não seja, na realidade, muito significativo. O *networking* entre as escolas de coreano é feito por meio da Associação de Escolas de Coreano.

Como veremos no capítulo de análise, a maioria dos entrevistados do presente estudo não tinha grande necessidade de contar com escolas de coreano por já possuir alto nível do conhecimento da cultura coreana ou poder adquirí-lo na convivência, no seio familiar e comunitário. Entretanto, as mesmas passam a ocupar um lugar importante no projeto dos nossos entrevistados com respeito à educação da língua e cultura coreana aos filhos.

Além das associações e instituições tratadas neste tópico, podemos ver ainda outros órgãos que atuam com objetivos específicos diferentes, bem como objeto-alvo diferente, como a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Coreia, Comitê Regional do Brasil, Associação Brasileira dos Universitários Coreanos (ABUC), *Korea Women's International Network* (KOWIN) do Brasil, *Network of Korean Future Leaders* do Brasil e Comitê de Publicação da Cronologia da Imigração Coreana no Brasil etc. Junto com essas organizações de natureza mais pública, grupos e reuniões para esporte, lazer e confraternização servem como rede social dos membros da comunidade coreana.

3.3.3.4 Mídia

Em cooperação com as entidades acima apresentadas, a mídia desempenha um papel de aglutinador dos membros da comunidade nos espaços impressos e virtuais. Ela mantém e, até certo ponto, reforça o sentimento de nacionalismo entre seus membros: a identidade comum solidifica os laços de comunidade. Os meios de comunicação servem para mantê-los informados sobre os importantes acontecimentos de sua pátria, bem como sobre os internacionais e os do próprio Brasil, contribuindo para a manutenção da colônia como tal, bloqueando, parcialmente, a tendência natural de absorção da minoria pela maioria. No entanto, o grau dessa função da mídia vem sendo modificado à medida que a atuação dos imigrantes e seus descendentes vêm se ampliando na sociedade brasileira. Diferentemente de imigrantes que chegaram antes, os coreanos vindos após os anos de 1980 e 1990 foram beneficiados pelo sistema de comunicação desde o início.

Os meios de comunicação na comunidade coreana em São Paulo podem ser

classificados, grosso modo, da seguinte forma: as versões editadas no Brasil dos principais jornais diários da Coreia para assinantes; periódicos comerciais que são distribuídos gratuitamente nos pontos públicos onde se reúne maior número de coreanos como restaurantes e igrejas, lojas coreanas, além dos órgãos públicos; e por fim os *websites* administrados pelos imigrantes coreanos onde se tem acesso tanto às notícias da comunidade coreana, da sociedade brasileira e da Coreia quanto às informações práticas do dia-a-dia.

a) Jornais diários para assinantes:

Existem quatro jornais coreanos produzidos na comunidade coreana do Brasil, cujos nomes são idênticos aos três dos principais jornais publicados na Coreia, mas que são editados e impressos em São Paulo. Sem que tenham algum vínculo significativo e relação de patrocínio ou sede/filial entre esses jornais da comunidade coreana e seus homônimos da Coreia, acredita-se que foram adotados os nomes iguais com intenção de dar certa autoridade e intimidade a eles.

Os jornais tratam de diversos temas em suas seções (cotidiano, cultura, economia, política, mundo etc.). Eles servem como fonte, junto com os periódicos tanto impressos como eletrônicos distribuídos na comunidade coreana, de notícias do Brasil bem como da Coreia. Além disso, notícias sobre cantores e atores coreanos atraem muitos jovens de origem coreana e não é difícil vê-los escutando música popular coreana em seus MP3. Os jornais oferecem também informações sobre telenovelas, que são acompanhadas não somente pela geração mais velha, mas também pelos jovens através do empréstimo em locadoras coreanas que alugam DVDs de filmes e telenovelas coreanas, localizadas nos bairros onde há maior concentração de imigrantes coreanos, como Bom Retiro e Aclimação. Os jornais assinados são os seguintes:

- *Josun Ilbo* (조선일보, Diário Joseon)
- *Nammi Dong-A Ilbo* (남미 동아일보, Diário Nammi Dong-A)
- *Jung-Ang Ilbo* (중앙일보, Diário Jung-Ang)
- *Hanguk Ilbo* (한국일보, Diário Hankuk)

b) Periódicos comerciais

Na comunidade coreana, além dos jornais acima citados, são distribuídos gratuitamente periódicos de pouco volume. Contêm notícias do Brasil em língua coreana, dicas úteis para o dia-a-dia e muitos anúncios comerciais, servindo para alguns imigrantes coreanos, que têm dificuldade de ler em português, acompanharem os acontecimentos e os rumos da sociedade brasileira. Existem, nessa categoria, os seguintes periódicos:

- *News Brazil* (Notícia Brasil)
- *News Nammiro* (Notícia Nammiro)
- *Nammi Dong-A* (Dong-A da América do Sul)
- *Joun Atchim* (좋은아침, Bom Dia)
- *Jornal de São Paulo*

c) Websites

Aqui coloco dois sites da internet administrados pela comunidade coreana, onde é possível ter-se acesso às notícias tanto do Brasil como da Coreia, à seção de fotos dos eventos da comunidade, como o *Dia da Cultura Coreana* (evento anual), a comunidades virtuais, às informações turísticas e à seção de venda/compra/troca etc. A língua usada é o coreano. Nos sites, são divulgados praticamente todos os eventos da comunidade, com a programação de cada mês para garantir maior participação dos imigrantes coreanos. Os dois sites que estão em atuação, são os seguintes:

- Koreanet <<http://www.koreanet.com.br/>>
- Namiro.com <<http://www.nammiro.com/>>
- Hanaro.com <<http://www.hanaro.com.br/comm/blank.php>>

Dessa forma, a infra-estrutura coreana tem sido estabelecida em São Paulo em torno da região do Bom Retiro e assim formando a comunidade coreana a ponto de torná-la merecedora de tal nome e nela os imigrantes coreanos, especialmente posteriores podiam manter suas tradições desfrutando em grande medida dessa infra-estrutura já estabelecida ao longo da sua jornada de instalação no Brasil.

Essa base tem servido como uma fortaleza para os imigrantes coreanos, em particular da primeira geração fazendo com que os contatos com os brasileiros tenham sido limitados ao mínimo indispensável. E de fato, não era raro ouvir boatos e críticas entre os brasileiros sobre

a natureza altamente fechada da comunidade coreana em São Paulo e um ambiente não muito higiênico do bairro de Bom Retiro.

Com o crescimento da comunidade coreana em São Paulo e cada vez maior esforço para integração dos imigrantes e descendentes coreanos à sociedade brasileira, essa imagem parece estar mudando pouco a pouco. Especialmente, a recente designação do bairro de Bom Retiro como polo cultural coreano considera-se um acontecimento simbólico que reconhece tal mudança ao mesmo tempo em que estimula a futura transformação do bairro nesse sentido. Segundo o decreto da Câmara Municipal de São Paulo, anunciado em maio de 2009, se darão outras providências para concretizar essa decisão em níveis mais detalhados com base nos seguintes artigos:

Art. 1º - Fica instituído o Bairro do Bom Retiro como polo cultural das tradições coreanas, que o caracteriza como Bairro Coreano em São Paulo, com o objetivo de ampliar a integração desses imigrantes com a sociedade paulistana.

Art. 2º - Como parte integrante do roteiro turístico da Cidade de São Paulo, o bairro do Bom Retiro será lembrado também como polo cultural das tradições coreanas.

Art. 3º - As despesas decorrentes com a execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 4º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (Projeto de Lei PL283/09, aprovado em maio de 2009 pelo Município de São Paulo)

Assim, o quadro da comunidade coreana, cuja formação foi iniciada pela primeira geração dos imigrantes coreanos, vem sendo atualizado, preocupando-se mais com a integração à sociedade brasileira, pela participação cada vez mais ativa da mesma a partir da *Geração 1.5*, beneficiada pela educação brasileira. E pode-se dizer que a mentalidade dessa geração com respeito à preservação da cultura coreana, vislumbrada nos depoimentos dos entrevistados deste estudo, como veremos mais adiante, será decisiva no futuro da comunidade coreana que paulatinamente dependerá das gerações que nasceram e nascerão no Brasil tendo nacionalidade brasileira.

PARTE II

A Parte II, composta por cinco capítulos, destina-se à análise dos dados obtidos por meio da realização de entrevistas com 26 indivíduos, pertencentes à *Geração 1.5*, escolhidos conforme o critério estabelecido nesta tese, à luz das reflexões conceituais e da contextualização das sociedades coreana e brasileira, bem como da história da imigração coreana no Brasil, trabalhadas na Parte I.

No capítulo 4, “Origens e motivos da vinda”, procura-se acompanhar as origens geográficas, econômicas, religiosas etc. das famílias dos entrevistados enquanto estavam na Coreia, e quais motivos empurraram-nas do seu país natal rumo ao Brasil. Trata-se de um movimento importante de ser estudado, na medida em que aponta para o começo da trajetória da vida deles como portadores da identidade da *Geração 1.5*.

O capítulo 5 explora quais significados os entrevistados atribuem hoje aos papéis educacionais exercidos pelas quatro instituições ou ambientes que vivenciaram – a família, a escola, única relacionada diretamente ao sistema brasileiro, a religião e a comunidade coreana –, consideradas mais influentes no processo de sua instalação no Brasil; e às influências quanto à formação da sua visão do Eu e do Brasil, principalmente até a conclusão do ensino superior.

No capítulo 6, por sua vez, o foco é dirigido aos aspectos dos relacionamentos com os brasileiros tecidos pelos entrevistados ao longo da jornada no Brasil nos âmbitos da amizade e da profissão. É de grande relevância examinar esse ponto quando nos lembrarmos que, nas relações com os Outros, experiencia-se a *alteridade*. É a partir dessa experiência que um indivíduo torna-se capaz de fazer a objetivação tanto de si quanto dos seus Outros de forma menos preconceituosa, sendo constantemente expostos a essas interações.

No capítulo 7, examinam-se os aspectos das memórias que os entrevistados têm a respeito da Coreia, o que os torna portadores de uma identidade coreana. Também serão focados seus projetos de vida, à luz da reflexão de Velho (1994) sobre identidade do indivíduo da sociedade contemporânea, complexa e heterogênea, que assim vive com múltiplas referências. Nossa atenção é dada ao fato de que essas memórias sofrem constantes mudanças, e de que o projeto de vida elaborado usando como material as memórias, também é constantemente reelaborado. Assim, procura-se entender por quais mudanças significativas têm passado as memórias da Coreia, e quais são diferenças principais entre projetos de vida elaborados pelos pais dos entrevistados, e pelos próprios entrevistados, portadores de porções diferentes da memória da Coreia uns dos outros, especialmente relevantes à educação dos filhos.

O capítulo 8 explora de um modo mais direto os olhares dos entrevistados para consigo e para com o Brasil no decorrer de tempo. Divide-o, grosso modo, em três fases – antes da imigração, nos primeiros momentos depois da imigração, e após certo grau de adaptação ao Brasil até hoje. O capítulo traz a mudança dessas visões, iluminando o processo em que os entrevistados vão procurando modos para equilibrar e reconciliar as visões diferentes de si e do Brasil, representado pelos brasileiros, que primeiro lhes pareciam incompatíveis.

É importante lembrar que os conteúdos trazidos nos depoimentos dos entrevistados com respeito aos tópicos-eixo da análise nesta tese estabelecidos são mais o que eles “entenderam” ou “interpretaram” do que “fatos” objetivos possíveis a respeito desses assuntos, ou a versão contada pela “maioria” das pessoas. Dessa perspectiva, nossa intenção é descobrir, nos relatos dos entrevistados, o modo como vivem “entre dois mundos”, ou melhor, que os “carregam dentro de si”, como eles interpretam seu passado, como vivem o presente e, finalmente, com que grau e explicitude levam a visão formada desse processo à elaboração do projeto para o futuro.

CAPÍTULO 4. ORIGEM E MOTIVOS DA VINDA AO BRASIL

Este capítulo é dedicado à exploração da origem dos 26 entrevistados selecionados para esta tese e do “porquê”, bem como do “para quê” da vinda da sua família para o Brasil. Traz a história dos entrevistados quando ainda estavam na Coreia do Sul, a qual, guardada como *memória*, constitui o que se considera um dos requisitos para serem a *Geração 1.5*.

No sentido mais amplo, todos os cinco grupos de coreanos presentes no Brasil anteriormente classificados nesta tese, isto é, imigrantes permanentes, funcionários de órgãos governamentais e empresas privadas coreanas e seus familiares, estudantes da graduação e da pós-graduação, missionários protestantes e estagiários de futebol, poderiam se enquadrar no binômio “Eu/Nós” perante os brasileiros, que seriam seus Outros, considerando-se que todos trazem memórias formadas na Coreia. No entanto, cada um desses grupos veio para o Brasil com objetivos diferentes e em épocas diferentes, o que exige tratamentos distintos para se estudar seus valores e atitudes, bem como seus projetos em um mundo novo.

Além disso, o objetivo deste capítulo é fornecer o contexto em que vive a *Geração 1.5* – o objeto-alvo deste estudo – para depois disso entender como ele foi influenciado de maneiras tão variadas quanto profundas. É imprescindível, nesse sentido, tratar com maior importância os imigrantes coreanos como um todo, incluindo-se aí a primeira geração, que corresponde à “geração parental” do nosso objeto-alvo de estudo, e que foi responsável por tomar a decisão de sair da Coreia e vir para o Brasil.

Optamos por não incluir, no conjunto dos objetos de estudo, dos imigrantes coreanos do pré-guerra e dos ex-prisioneiros da Guerra que já se haviam instalado no Brasil antes da imigração coreana de caráter oficial. Isso porque, antes de tudo, esses dois grupos eram constituídos sobretudo por “solteiros”. Embora tenham se instalado definitivamente no novo destino, e o dividido com seus conterrâneos, isto é, os imigrantes coreanos oficiais, podemos deduzir que, deles, podem existir só a primeira e a segunda geração. Pode ser questionada, apesar dessa distinção inegável, a influência que eles poderiam exercido sobre os imigrantes oficiais.

Contudo, a influência que essa variável pode exercer – e certamente exerceu – sobre o resultado, isto é, sobre o quadro atual dos imigrantes oficiais, e assim, seus descendentes, pode ser considerada mínima porque, como foi mencionado anteriormente, a mistura entre esses dois grupos e com os imigrantes posteriores aconteceu de maneira bastante limitada devido às diferenças que havia entre os motivos da vinda, a visão para com a nova vida no Brasil e o preconceito que tinham uns dos outros.

Pelos motivos acima apresentados, nesta tese será descrita a trajetória dos coreanos que imigraram para o Brasil entre as décadas de 1960 e 1990, a partir dos depoimentos dos entrevistados, dando destaque às perguntas: Quem eram eles? Como “descobriram” o Brasil?

4.1 Quem eram eles: as origens da *Geração 1.5*

É a partir da visão da *Geração 1.5* a respeito da sociedade brasileira que estudaremos o encontro de duas culturas diferentes: a brasileira e a coreana. Assim sendo, todas as descrições serão feitas a partir das experiências dos 26 entrevistados, pertencentes à *Geração 1.5*, a não ser quando tratarmos de características compartilhadas em comum por todos os grupos de coreanos, o que torna necessário tratá-los sem distinção. Portanto, tomamos como referência o ponto de vista da primeira geração dos imigrantes coreanos, uma vez que eles formaram seu próprio pensamento e atitude perante o povo brasileiro e a cultura brasileira, fator que diretamente atinge o nosso objeto de estudo, a *Geração 1.5*. Então, as respostas como um todo às perguntas lançadas no item anterior servirão como pista imprescindível para análise dos principais valores que ela tem em relação a seu posicionamento no Brasil e relacionamento com os brasileiros.

Colocamos como título deste subcapítulo “Quem ‘eram’ eles?” com o verbo “ser” no passado. Isso porque hoje no Brasil os imigrantes coreanos não são mais quem eram em seu país de origem. Como veremos mais adiante, no percurso de adaptação e instalação na nova terra, eles vieram a assumir pensamentos e atitudes diferentes dos que se esperaria deles se tivessem permanecido na Coreia, e dos que provavelmente os coreanos na Coreia têm hoje. Também há outro ponto a ser levado em consideração: olhando para a divisão dos imigrantes em questão em grupos diferentes, tal como proposta acima, podemos ver que se trata de pessoas oriundas de regiões diferentes, com profissões diferentes, que vieram para o Brasil em fases diferentes da história.

No entanto, com o passar do tempo a divisão entre esses grupos se tornou fraca, uma vez que a comunidade era pequena e a formação de relações pessoais e a ajuda mútua entre eles eram essenciais para a sua sobrevivência. O enfraquecimento de tal divisão entre grupos diferentes se deve também ao fato de que eles dispunham de poucos recursos, tanto materiais quanto culturais e linguísticos, o que lhes dava, no início, poucas opções de trabalho, sem poder contar com a esperança de encontrar empregos semelhantes aos que tinham na Coreia. O processo de concentração dos imigrantes coreanos de São Paulo num ramo profissional

específico se acentuou especialmente a partir da década de 1970 até a de 1990, quando o ramo de confecção de roupas, no qual os coreanos se engendraram, cresceu significativamente.

Hoje, tal tendência para a concentração no ramo de confecção de roupas femininas parece estar dando lugar a outra fase: conforme os filhos da primeira geração de imigrantes coreanos, tanto a *Geração 1.5* como a segunda geração, vêm adquirindo maior habilidade em falar a língua portuguesa, e quanto mais tem acesso à formação acadêmica em áreas mais diversas, maior tem sido a diversificação do perfil dos imigrantes coreanos no Brasil. Enfim, essa mudança profissional, bem como a de pensamentos e de hábitos que ocorreram ao longo do processo de instalação no Brasil, que veremos nos capítulos posteriores, em particular, nos capítulos 6, 7 e 8, também serve, junto com a primeira, para fazer distinção entre “quem eram” e “quem são” eles.

Para que se tenha uma compreensão mais clara das pessoas da *Geração 1.5*, aqui apresentamos alguns casos dos nossos entrevistados, focando em quais ambientes geográficos, econômicos, religiosos etc. foram criados na Coreia. Como foi estabelecido no critério para definir a *Geração 1.5* na parte metodológica desta tese, a faixa etária dos entrevistados quando imigraram para o Brasil, vai de seis a dezoito anos, como mostra a tabela 4.1. Na tabela foi apontada a idade dos entrevistados quando se deu a imigração para o Brasil, e não a de quando deixaram a Coreia. Ainda que uma idade coincida com a outra na maioria dos entrevistados, uma vez que saindo da Coreia vieram direto para o Brasil, verificaram-se alguns casos em que entrevistados moraram mais de um ano em outro país, como o Paraguai ou o Canadá antes de vir para o Brasil com o fim de instalação definitiva.

Tabela 4.1 – Idade com que imigrou para o Brasil

Faixa etária	06 – 10	11 – 15	16 – 18	Total
Número	10	12	04	26

Lembre-mos que os relatos a serem trazidos, em particular sobre a origem e motivos da imigração, dependem da memória dos entrevistados, e da sua interpretação, as quais nem sempre são baseadas na conversa direta e aberta sobre o assunto com seus pais, a primeira geração, que decidiram a imigração.

Primeiramente, quanto às origens – geográfica, educacional, profissional e de religião –, os entrevistados foram pedidos para dar informações referidas até dos seus pais uma vez

que foram estes (os pais) que conceberam a ideia de sair da Coreia, depois tomando iniciativa para isso. Também se pediu aos entrevistados que descrevessem mais detalhadamente a rotina em casa, na escola e em outros ambientes onde a família frequentava, a qual ajudou a ter uma ideia mais clara de como era o status social e a atmosfera dominante na família.

O mapa 4.1 mostra a divisão administrativa da Coreia do Sul de hoje. Como vemos no mapa, a Coreia do sul tem uma cidade especial (*Teukbyeolsi*), Seul, a capital seis cidades metropolitanas (*Gwangyeoksi*), oito províncias (*Do*) e uma província autônoma especial (*Teukbyeoljachi-do*), que é a ilha de Jeju.

Mapa 4.1 – Subdivisões administrativas da República da Coreia
 Mapa elaborado por Kim Sun-myung

Como a tabela 4.2 mostra, o local de saída dos entrevistados na Coreia não se dispersou muito. Na tabela, não se distinguiu do Sul e do Norte, colocando as províncias por dois motivos: primeiro, alguns dos entrevistados não souberam dar nomes específicos de cidade de origem dos seus pais, assim conseguindo responder apenas o nome da província geral sem distinguir entre o Sul e o Norte; segundo, consideramos que, na nossa pesquisa, é

suficiente saber até a categoria de província, e não necessariamente de cidade. Dos 26 entrevistados, 19 moraram em Seul até antes de saída da Coreia; 2 em Incheon; 2 em Busan; 1 em Yeosu; 1 em Pohang; e 1 em Jinhae. Destacamos, contudo, que a cidade natal não necessariamente coincidiu com a cidade onde cada entrevistado cresceu e morou mais tempo, embora na maioria dos casos abordados aqui não tenha tido mudança de cidade natal para a outra.

Tabela 4.2 – Cidade de origem dos entrevistados e de seus pais

	Origem do pai	Origem da mãe	Cidade natal do entrevistado	Cidade habitada na Coreia
Seul	11	10	18	19
Incheon	1	2	1	2
Gyeonggi-do (Suwon, Paju)	1	2	1	-
Daejeon	1	1	1	-
Chungcheong-do	-	1	-	-
Jeolla-do (Yeosu, Jeonju)	2	1	-	1
Daegu	-	1	1	-
Busan	4	3	2	2
Gyeongsang-do (Jinhae, Pohang)	1	2	2	2
Coreia do Norte	2	2	-	-
China	2	1	-	-
Total				26

Com respeito ao vínculo religioso na Coreia, foi contada a religião que a maioria dos membros da família, inclusive o/a próprio/-a entrevistado/-a, praticava contanto que os entrevistados responderam que até antes da imigração seguiam a decisão dos seus pais.⁷⁸

Tabela 4.3 – Vínculo religioso da família dos entrevistados na Coreia

Religião	Protestante	Católica	Budista	Sem Religião	Total
Número	17	4	1	4	26

Como se vê na tabela 4.3, independentemente da época de saída da Coreia, a absoluta maioria dos entrevistados era oriunda da família cristã, dos quais 17 eram da protestante enquanto 4 eram da católica. Apenas uma entrevistada respondeu que sua família era budista, mas não praticante e outros quatro cresceram na família que não praticava nenhuma fé religiosa.

Por sua vez, a situação financeira que a família dos entrevistados estava passando na Coreia variava de caso para caso. No entanto, todos os entrevistados estavam matriculados em órgãos educacionais regulares antes de imigrar para o Brasil. Embora um bom número dos casos abordados aqui tenha passado dificuldade financeira, seja pela crise geral do país, seja pela dificuldade da sua família mesmo, isso não era motivo para interromper o estudo dos filhos.

Em seguida, veremos uma descrição mais detalhada dos ambientes onde os entrevistados cresceram e as circunstâncias em que se encontravam logo antes da saída da Coreia no decorrer da apresentação de cada caso logo que se segue abaixo.

Primeiro, tomemos como exemplo o caso de Im Hye-suk, casada, médica, chegou ao Brasil em 1964, na leva conhecida como “Caso de Vitória”, com doze anos de idade. Ela nasceu e cursou até a terceira série do ensino primário na cidade de Suwon, da Província de Gyeonggi-do, que fica a uma hora e meia de viagem via rodovia de Seul; e depois a família mudou para Seul, a capital da Coreia do Sul, onde morou até se deu a emigração para o Brasil. Sobre a base da família, relata:

⁷⁸ Depois da imigração para o Brasil, observa-se que a escolha do vínculo religioso dos entrevistados começa a ser feita normalmente pela sua própria decisão, assim sendo que os membros da família nem sempre compartilham a mesma fé religiosa.

Meu pai tinha próprio negócio dele e minha mãe era dona de casa. Toda a família do meu pai é oriunda da cidade de Suwon e meu pai já tinha formação universitária na Coreia. Enquanto isso, Minha mãe, é formada do 1º grau do ensino fundamental o que era comum naquela época. Embora fosse rica a família, apenas o irmão dela, por ser homem, estudou em Shanhai, China. Minha mãe foi excluída de tal chance porque acreditavam que mulheres não podiam estudar. Acho que é isso que levou minha mãe a ter tanto entusiasmo para educar os filhos. (Tradução nossa)

A entrevistada lembra que a vida era tranquila economicamente, e que todos os seis irmãos, incluindo ela mesma, frequentavam normalmente a escola na Coreia. Segundo ela, ela teve que largar a escola quando passaram apenas alguns dias depois que ingressou na escola ginasial. Pois, desde o dia em que o pai dela comentou a ideia de emigrar para o Brasil pela primeira vez, mas sem detalhes, levou de 3 a 4 anos se preparando para emigrar e só então foi finalizado o processo.

A conversão para o protestantismo ocorreu só depois que ela se casou. Ela responde:

Minha família? Frequentava um templo budista na Coreia, você sabe. É que minha avó era budista. E não é que a família toda ia lá. Só minha avó. Eu só lembro que eu comia comidas de lá quando minha avó me levava. Era gostosa a comida do templo budista, haha.” (Tradução nossa)

Kim Ae-yeong, casada, ex-dentista, também embarcou rumo ao Brasil no mesmo ano que a Im, em 1966 quando ela estava com dezessete anos. Diferente dos irmãos dela, que nasceram na China depois que seus pais e parentes tinham mudado morar nela por alguma razão que ela não lembra, ela foi a única que nasceu na Coreia, em Seul, onde ela morava antes da emigração. Kim contou um pedaço da história sobre a vida de sua família na China, contada pela sua mãe:

Minha família e meus parentes estavam instalados na China e desceram para a Coreia com a Libertação do país. [...] Me disseram que viviam lá na rua Sotop de atual Shenyang da China, que então chamado de Bongtchon e meu pai era tipo vereador de hoje daquela região. Sendo líder da comunidade, ele escrevia cartas por pessoas porque a maioria dos habitantes de lá eram camponeses que não possuíam a instrução. Então meu pai fazia serviços e resolvia as coisas, e a minha casa até virou uma igreja onde tínhamos missa com as pessoas. Era uma comunidade pequena mesmo, né? Um padre vinha à minha casa para liderar a missa e, depois, você sabe, nós comíamos juntos. Era uma festa sempre em casa. [...] Não sei exatamente quando meus pais foram para a China. Tudo que sei da vida na China é o que ouvi da minha mãe e dos meus parentes. Todos meus irmãos menos eu nasceram lá. (Tradução nossa)

Depois que a família, juntamente com outros parentes, retornou para a Coreia do Sul, segundo Kim, a situação econômica não era tão favorável como antes. Mas nem por isso a mãe dela desistiu de dar educação regular de qualidade para os filhos. Kim continua:

Todos os parentes meus viviam muito bem na China como proprietários de terras. Mas você sabe, nem todos os ex-proprietários podiam continuar no ramo de agricultura na Coreia. E como não podiam desfrutar dos bens como na China, a maioria dos meus primos se formaram, no máximo, no colégio. Minha mãe, mesmo sem o marido, mandou todos seus filhos à universidade. [...] Morávamos no bairro de Samsung. Minha mãe sustentava a família dedicando-se ao ramo comercial. Minha irmã mais velha era formada do departamento da língua e literatura inglesa da Universidade Sook Myung e ela foi a única da família que estudou português antes de vir para o Brasil. Minha mãe não largou o trabalho até o último dia na Coreia. Ela mesma não teve chance de estudar e procurou ensinar seus filhos mesmo nas situações extremamente difíceis... (Tradução nossa)

“Eu era católica desde na barriga da minha mãe.”, Kim disse, retomando a base religiosa da família. A mãe dela, católica desde quando era solteira, fez toda a família ser batizada ainda antes de sair da Coreia, e essa base facilitou a aquisição da notícia, que se deu na igreja católica onde a família frequentava, sobre o caso de emigração católica de 1964.

Kang Eun-won, casada, médica, 55 anos, partiu da Coreia em 1967 chegando ao Brasil no mesmo ano, aos doze anos de idade. O perfil de seu avô estava ligado ao status sócio-econômico da família na qual ela foi criada. Segue o depoimento de Kang:

Já na década de 1900 meu avô materno estudou nos EUA, o que era muito raro naquela época. O primeiro presidente da República da Coreia... Quem era mesmo? Ah, Lee Seung-man. Meu avô tinha mais ou menos a mesma idade que ele. Ele fez o curso da Literatura Inglesa na Universidade de Chicago nos EUA e depois fez a teologia também lá na mesma universidade. Depois que ficou dez anos nos EUA, ele retornou para a Coreia. Então ele assumiu o cargo de diretor de YMCA, e ele era o vice-presidente do primeiro Comitê da legislação do governo da Coreia. [...] Meu avô materno era pastor evangélico e o meu tio também, uh... mais tarde meu irmão mais velho, que então estava fazendo o MBA na Universidade de Vancouver, também fez a teologia numa universidade de diplomacia. (Tradução nossa)

Logo em seguida, Kang descreve o bairro e a casa onde morava em Seul, dos quais ela se lembra muito bem até hoje. Vejamos:

A gente morava no bairro de Heukseok de Seul, abaixo da zona Gangnam. Sabe onde é? Você olha para baixo, da varanda da casa, enxerga a Universidade Joong-ang. Foi lá que a gente morava. Eu nasci lá e vivi lá até logo antes de imigrar para cá. Meu pai tinha uma empresa siderúrgica e de

fabricação de navios em Incheon. Naquela época ainda não tinha uma estrutura hierárquica bem sistematizada em empresas, então, como ele era sócio, acho que o cargo dele era diretor executivo. [...] Minha mãe era dona de casa na maioria de tempo. Mas como ela se especializou em piano, era professora de piano também. (Tradução nossa)

A partir da escolha da escola pelos pais da Kang, mais uma vez é possível deduzir que ela é oriunda da família que dava importância à educação. No meio da conversa, ela tentou se lembrar da escola ginásial onde tinha acabado de ingressar:

Naquela época, eu me ingressei na escola em que a filha do então presidente Park Jung-hee frequentava. Era Seong Shim. *(Quando ela começou a falar essa memória, uma amiga que estava presente no lugar da entrevista, também imigrante coreana, ajudou a ela lembrar e as duas recordaram juntas a fama dessa escola)* A filha do então Primeiro ministro Jeong Il-gwon também estudava naquela escola, você lembra? *(Outra amiga pergunta se ela era da mesma série que elas)* Não, elas já estudavam no colegial e eu acabava de entrar no primeiro ano do ginásial. Sabe, naquela época, as pessoas chamavam aquela escola de **escola aristocrática**. A propósito, o que era mais engraçado é que o uniforme era trazido do Japão (e não fabricavam ela na Coreia). Era engraçado a esse ponto. O uniforme era da cor de vinho escuro e até os sapatos eram. E o boné era preto. Disseram que a Coreia ainda não possuía a tecnologia de fabricar esse boné. (Tradução nossa, grifo nosso)

O pedaço da memória de Kang sobre a escola onde frequentava, que ela descreveu como “aristocrática”, faz nos perceber que os pais dela se importavam com o nível da escola para os filhos, embora o mesmo não necessariamente diga que a família dela pertencia à classe aristocrática. Também é possível deduzir que a então Coreia do Sul ainda dependia de tecnologias dos países estrangeiros.

Vejamos outro caso que imigrou na mesma década que as Kim e Kang. Baek Gyeong-tae, casado, comerciante, 57 anos, conseguiu se lembrar logo até do mês da partida e da chegada ao Brasil. Junto com os pais e mais quatro irmãos, ele partiu da Coreia em novembro de 1965 quando ele tinha doze anos e chegou ao Brasil em janeiro de 1966. Foi uma viagem de navio que levou cerca de cinquenta dias. Ao ser perguntado sobre a base familiar, ele respondeu com a voz muito calma, começando por: “Nasci numa tenda que nem tinha número (endereço). Era uma tenda muito simples.”, o que me fez imaginar que ele vivia bem pobre. Mas logo deu para ver que a família dele pertencia à classe média na Coreia. Segue o depoimento dele:

Somos cinco irmãos, e sou o terceiro. Quanto ao meu pai tanto à minha mãe subiram para o Norte na Guerra da Coreia, e depois desceram para o Sul. Aí

parece que meu pai mexeu com muitas coisas e... hum... depois ele trabalhou no ramo de construção. Minha mãe era dona de casa. Pelo que saiba, meu pai fez até o colegial. [...] Como eu era criança, não sei muito bem, mas como lembro que a gente vivia sem passar necessidade... E naquela época, quem não tinha dinheiro não podia sair da Coreia para viver no Exterior. Não sei muito mais que isso. (Tradução nossa)

Oriundo da família católica desde a geração dos pais, Baek também cresceu como católico desde a Coreia, mantendo sua religião até hoje. Diferente das outras entrevistadas que imigraram para o Brasil na década de 1960, ele nasceu e cresceu em Busan, a maior cidade portuária da Coreia do Sul, e a capital da Província de Gyeongsang do Sul.

Por sua vez, entrando na década de 1970, o transporte de viagem até o Brasil, feito até então de navio, foi substituído pelo avião. Por exemplo, a família de Gwon Hye-ok, outra entrevistada, também desfrutou dessa conveniência vindo para o Brasil em 1970 via aérea. Gwon viveu treze anos só em Seul, e a família de Gwon não tinha religião na Coreia:

Meu pai era farmacêutico e minha mãe trabalhava junto com ele. A farmácia ficava na Rua Jong Ro, e permanecia aberta 24 horas. O que eu me lembro daquela época é que me parecia que o negócio estava andando bem. Como não era muito longe depois da guerra da Coreia, acredito que muitos passavam dificuldade. Mas meus pais me disseram que minha família já estava na fase bem estável quando nasci. Éramos cinco. Meus pais trabalharam vinte e quatro horas e dormiam na farmácia e eu e meus irmãos morávamos com minha avó na casa perto da farmácia. (Tradução nossa)

Hoje Gwon tem 53 anos de idade e vive no Brasil faz quarenta anos. Como na Coreia, ela não praticava nenhuma religião no Brasil, mesmo depois que casou, mas recentemente se converteu ao protestantismo com seu marido. Seus filhos já tinham frequentado uma igreja presbiteriana da colônia, e hoje a família toda é protestante.

Park Dong-min, 54 anos, casado, advogado e protestante chegou ao Brasil em 1971. Estudou até o primeiro ano no colegial na Coreia antes de vir para o Brasil. Nasceu em uma cidade chamada de Jinhae da Província de Gyeongsang do Sul e, ele não se lembra exatamente quando saiu de lá, mas quando ele estudava na escola primária, a família já estava morando em Seul. Deu para notar, ao longo da entrevista e das outras conversas que tive com ele em outras oportunidades, que ele tem muito interesse na sua origem e muito orgulho, especialmente, da sua avó paterna, como pode ser observado no trecho que se segue:

Minha avó paterna estudou na Escola ou Academia Yewha de Pyongyang, estabelecida por um missionário americano que tinha vindo à Coreia no início dos anos de 1900 ou 1910. Ela é dois anos mais veterana que a mártir

patriota Yu Gwan-sun. Naquela época tão remota, ela era elite de Pyongyang. Ela, que nasceu em 1895, já falava inglês e tocava piano. E inglês, até falava melhor que eu. É que ela já recebeu a influência ocidental e a religião dela era cristianismo. Então com a influência da minha avó, eu também frequentava a igreja (protestante) desde criança. [...] Meu pai era técnico e membro em siderurgia e membro da comissão de diretores de uma empresa siderúrgica da Coreia. Ele sabia falar cinco idiomas. Coreano, inglês, chinês, japonês e alemão... (Tradução nossa)

Por sua vez, Noh Jeong-nan, casada, comerciante, 48 anos, veio para o Brasil, também de avião, em 1972 aos 10 anos de idade, acompanhada pelos pais e mais quatro irmãs. Na Coreia, ela nasceu em Seul, mas desde bebê, morou em uma cidade chamada Incheon, cidade portuária da Província de Gyeonggi. Na entrevista, ela começou falando primeiro em coreano, mas logo começou a falar em português, perguntando-me: “Ah, posso falar em português?” – com certa empolgação por poder contar sua história:

[...] E como eu morava em Incheon, eu ia muito pra Seul. Porque a gente morava... A cidade natal é Seul, né, que meu pai veio para Incheon. Mais ou menos uma hora ou uma hora e meia de viagem do Seul. Então a gente ia muito pra Seul. Eu lembro muito assim, que a gente pegava ônibus, entendeu? Eu lembro também que a gente visitava meus avós de trem.

Ao ser pedida para contar um pouco como vivia na Coreia, ela continua:

Meu pai era médico e tinha consultório lá. Uh, cirurgião, clínica geral. Ah, a gente vivia bem. [...] Naquela época de setenta e setenta e pouco, tinha muita instabilidade. Era instável. Tinha pobreza também e muita coisa, né? Não era meu caso. E meu pai, na verdade, na guerra ele se formou no Japão, Tóquio, em Kyoto, aliás, acho que foi em Osaka. Ah, morava em Kyoto e fez colegial lá, depois ele fez a medicina em Osaka. Formou-se lá. Desde catorze anos de idade. Por causa da Guerra, né, os pais que tinham um pouco mais de poder aquisitivo alto mandava seus filhos pra estudar fora. E nessa época ele foi pra o Japão. Aí depois ele foi pra a guerra como oficial da marinha, ele já era médico e ele ficou um tempo nos EUA, em Boston. Fez especialização lá como cirurgião plástico. A mamãe trabalhava como dona de casa.

Tanto na Coreia quanto no Brasil, a família de Noh não praticava religião. A conversão ao protestantismo se deu só depois que ela se casou.

Kim Jin-mo, casado, empresário, nascido em 1960 imigrou para o Brasil em 20 de janeiro de 1972. Como a maioria dos entrevistados, ele também nasceu e cresceu em Seul, mas tanto a família do pai como a da mãe são oriundas da Coreia do Norte:

Nasci em Seul. A parte do meu pai é oriunda de Siniŭju da Província do Pyeongan do Norte (Pyeonganbuk-do) e a parte da minha mãe, de Shinchon da Província de Hwanghae do Sul (Hwanhaenam-do). A família do meu pai tinha o próprio negócio e meu avô materno era o presidente de uma escola primária e pastor. Foi na geração dos meus pais que entramos plenamente no ramo comercial. (Tradução nossa)

Quanto à situação financeira da família daquela época, ele relata: “[...] Lembro que a Coreia daquela época era muito pobre em geral. (Minha família) Viveu bem sem passar grande dificuldade e lembro também que meu pai contratava um bom número de funcionários na empresa dele... eles viveram muito duro. (Tradução nossa)”

Jo Hwa-ran, casada, nasceu em 1959 em Seul e imigrou para o Brasil em 1973. Fez odontologia na universidade e está trabalhando como dentista em São Paulo. Chegou aqui com 14 anos de idade, quando estudava no segundo ano do ginásio na Coreia. Toda a família morava em Seul antes de vir para cá, e a mãe e os familiares de Jo nasceram lá. Só o pai dela nasceu e cresceu bom tempo na Coreia do Norte. Quando perguntada sobre de qual cidade seu pai era, ela respondeu que não se lembrava. Sobre a vida na Coreia, logo começa a falar sem hesitar:

Cresci em um ambiente favorável. Não tenho nenhuma lembrança ruim porque cresci sem sentir falta das coisas. Meu pai? Pelo que lembro, ele tinha uma fábrica de peruca e minha mãe era dona de casa. Como eu ainda era criança, não entendia muita coisa do status social, essas coisas. Só sei que cresci em riqueza. Digo isso porque eu só estudava e não precisava fazer outras coisas. (Tradução nossa)

Na Coreia, nem a família, nem ela tinha algum vínculo religioso, e depois que imigrou para o Brasil ela frequentava uma igreja protestante da colônia coreana, por um curto período de tempo, na mocidade. Hoje ela não pratica nenhuma religião, assim como sua família (marido e os filhos).

Shim Jeong-mi, nascida em 1963, veio em 1973, agora é professora universitária. Ela, que tinha 10 anos de idade quando imigrou para o Brasil, conseguiu lembrar e contar mais detalhes sobre sua família com respeito à origem até dos bisavós, sobre onde morava etc., embora ela mesma tivesse dito que sua memória não era exata o suficiente. Shim, antes de continuar o relato, diz mais uma vez: “É um ato perigoso contar com minha memória, viu? Esqueço de coisas com muita facilidade (Tradução nossa)”. Ela começa a contar:

Meu pai é da Coreia do Norte. Ele desceu para o Sul e ficou em Jinhae, eu nem sei bem onde é Jinhae. Enfim, depois que ele desceu para o Sul, serviu (como militar profissional) no Corpo de Fuzileiros Navais. Tinha um campo

de treinamento para recrutas do exército lá. De qualquer forma, ele ficou em Jinhae e depois foi para Pohang. A família do meu pai foi quase a primeira a ter se convertido em protestantismo e é protestante desde o meu bisavô. Então, meu pai, mudando para Pohang, foi para a maior igreja da cidade, Igreja Bukbu. É que ele sempre gostava da música e lá ele, sendo militar, serviu como maestro do coro. E um dos fundadores da Igreja Bukbu era meu avô materno. Minha mãe era membro do coro. Aí eles se apaixonaram por um a outra e se casaram. Então, minha mãe é de Pohang e meu pai, da Coreia do Norte. [...] Meu pai nasceu em 1930 e quando ele desceu para o Sul tinha vinte e poucos anos de idade, nos anos 1950. Então, ele deve ter tido vinte anos quando ocorreu a Guerra da Coreia, certo? Como ele estava na Coreia do Norte quando estourou a Guerra, é certo que ele saiu de lá com vinte e poucos anos de idade. (Tradução nossa)

Mas a família de Shim não continuou em Pohang. O local de saída na Coreia logo antes da imigração foi Seul, como aconteceu com muitos dos entrevistados. Ela, apesar do aviso repetitivo sobre sua falha na memória, conseguiu detalhar como aconteceu a mudança:

Eu nasci em Pohang, e quando eu estava perto da hora para ingressar na escola primária, nós todos fomos para Seul. Meu pai permanecia no Exército até então... Acho que fomos para Seul ao mesmo tempo que ele se aposentou do militar. Por que fomos... Provavelmente tinha dois tios, quer dizer, dois irmãos mais novos do meu pai, a diferença de idade com meu pai é grande... Peraí, deixe eu começar de novo... ao mesmo tempo que meu pai deixou o Exército, viemos para Seul, e como naquela época o Corpo de Fuzileiros Navais tinha influência e meu pai estava para ser promovido a coronel, o que não aconteceu não sei por que, então o Exército arrumou um emprego na Imprensa do Jornal OO para meu pai. Ele ficou nesse cargo e saiu com plano de começar seu próprio negócio. Minha mãe era dona de casa. (Tradução nossa)

Na década de 1970, quando o militar era considerado parte da elite da então sociedade coreana, a profissão do pai forneceu uma base social bastante segura para a família de Shim. Segundo o depoimento dela, não havia por quê se sentir insegura, pelo menos socialmente, porque o Exército inclusive conseguiu um emprego para o pai dela quando ele quis deixar o serviço que fazia. Ela diz a este respeito que: “Se a gente tivesse permanecido na Coreia do Sul, acredito que não teria tido problema em arranjar emprego. (Tradução nossa)” Mas ela recorda daquele tempo que, como o pai de Shim, sendo o primeiro filho, teve que cuidar dos dois irmãos mais novos depois que o avô (de Shim) faleceu, a situação econômica não estava muito estável.

Por sua vez, Hwang In-pyo, nascido em 1960, veio para o Brasil em 1976 com 16 anos de idade. Ele fez Letras em língua portuguesa e depois a teologia em um seminário brasileiro e hoje ele é pastor titular de uma igreja presbiteriana fora da colônia coreana. Com

respeito à situação econômica da família de Hwang na Coreia, pode ser observado no fragmento que se segue:

Como eu digo... a classe média? Certo. A sociedade coreana em geral era pobre naquela época, você sabe. Então, posso dizer que a minha família era da classe média. Meu pai trabalhava no Banco Agrícola e minha mãe era dona de casa. Meus pais mandaram todos os filhos para escola e meus irmãos mais velhos já tinham concluído até a educação universitária e já estavam trabalhando. Quem ainda não trabalhava era... Acho que só eu e segundo irmão mais velho. (Tradução nossa)

Como vimos no relato acima, a família de Hwang desfrutava de certo status social, mas só até antes do falecimento do pai dele. Embora todos os irmãos dele não tenham interrompido o estudo por causa disso, houve o declínio claro do nível financeiro da família após o falecimento do pai, segundo Hwang recorda. Ao ser perguntado onde nasceu e cresceu, Hwang continua:

Minha cidade natal? É Seul, e minha família é da cidade de Jeonju, que pertence à Província de Jeolla do Norte. Éramos todos protestantes já na Coreia, logo antes de deixar a Coreia. Antes disso, minha família era budista, depois... eh... pelo que eu saiba, entre quando estava me formando da escola ginásial e quando entrei no colegial, foi então que minha mãe começou a frequentar a igreja. Eu não ia ainda.

Ele já acrescenta sobre a religião que a família praticava na Coreia e a conversão da sua mãe de budista para protestante, também, após a morte do seu marido (o pai de Hwang), o que a fez depender do consolo de uma religião mais presente, segundo a descrição de Hwang.

Também temos o caso de Lee Jae-rin, nascida em 1969, imigrou em 1976 para o Brasil. Quanto à cidade natal dos pais, só respondeu que são oriundos da Coreia do Norte. No caso dela, também a vinda foi feita via o Paraguai, onde ficou um mês por conta da dificuldade da entrada no Brasil via legal. O pai dela trabalhou no ramo editorial na Coreia. Vinda com sete anos de idade, ela fala português do nível nativo, enquanto fala coreano menos naturalmente, embora o entenda razoavelmente bem. Na entrevista usaram-se as duas línguas.

Enquanto isso, Ha Jeong-a, que atualmente tem uma loja e fábrica de roupas no bairro do Bom Retiro, nasceu em 1969 em Seul, e veio para o Brasil em dezembro de 1985. Viveu em Incheon antes de deixar a Coreia, onde ficou até o fim do último semestre do colegial, aos 16 anos de idade. Sobre a origem e a vida na Coreia, ela respondeu bem brevemente: “Meu pai tinha um laboratório fotográfico, e lá minha mãe trabalhava junto com

ele. A gente tinha o nível econômico ‘normal’ (Tradução nossa)”. Nasceu já na família cristã protestante, e até hoje pratica a religião sem ruptura mesmo depois do casamento.

Por sua vez, Oh Min-chan, também lojista no ramo de confecção no Brás, nasceu em Incheon e cresceu em Seul. Os pais dele são de Busan, da Província de Gyeongsang do Sul. No caso dele, a imigração para o Brasil se deu em 1986, quando tinha 11 anos. A lembrança dele em relação à situação econômica da família na Coreia pode ser resumida como “conforto geral”. Logo ele começa a contar sua história:

Meus pais sempre trabalharam no ramo comercial... Quando criança, não me sentia..., mas depois que me casei e nasceram meus filhos, quer dizer, tendo minha própria família, passei a me interessar por minha raiz. É que meu bisavô era um dos 33 líderes religiosos que elaboraram o Documento da Proclamação da Independência Coreana de 1919. Meu pai tinha orgulho de si por ser descendente do patriota. (Tradução nossa)

Ao ser perguntado sobre a origem protestante, ele conta detalhadamente:

A parte da minha mãe não tinha base cristã. Minha avó materna só começou a ir à igreja católica no Brasil, e continua até hoje, depois que voltou para a Coreia. Na Coreia, então, minha mãe cresceu numa família com tradição confucionista, e até antes de se casar com meu pai não praticava nenhuma religião. (Tradução nossa)

Hoje, Oh Min-chan é pai de três filhos pequenos, e frequenta uma igreja presbiteriana com toda a família. A tradição presbiteriana da família dele teve o início no tempo dos seus avós:

Frequentei a igreja desde a Coreia. Venho de uma família cristã há três gerações. Então sou a quarta, e meus filhos a quinta geração, né? Meu avô estudou em Pyongyang, na Escola de Teologia de Soongsil, e ao mesmo tempo era presbítero da Igreja Presbiteriana Yeongnak. A propósito, a meu ver, meu pai era tipo mutante da família. Ele passou sua infância ao redor da Guerra da Coreia, então estudou pela sua própria conta porque os meus avós não podiam dar apoio a ele. E ele tem muito orgulho de ter estudado e erguido a família com suas mãos. [...] Não me lembro dos detalhes... Eu e meu irmão mais velho estudávamos em escolas particulares. Naquela época, nem todo mundo tinha condição de ir à escola particular. Minha mãe levava a gente à escola e buscava. (*E ele acrescenta com um riso brincalhão*) Nos anos de 80, marcas como *Prospects* e *Nike* eram populares, você sabe? Eu e meu irmão só andávamos de tênis de *Adidas*, *Nike* e *Puma*, e de couro até. São essas coisas o que lembro... (Tradução nossa)

Percebemos que as marcas de sapatos que Oh usava, consideradas caras na época, e a carona que sua mãe dava, também uma coisa não muito comum na época, é o que o faz

lembrar que sua família era financeiramente abastecida. Logo em seguida, Oh, que conseguiu contar mais coisas sobre sua origem, fala do seu pai com um tom de leve lamentação:

Lembro que tinha o primeiro concurso público para seleção de agente imobiliário licenciado naquela época, e meu pai passou no concurso. Até hoje ele tem o certificado. Acho que ele pode trabalhar na Coreia como corretor de imóveis até hoje. Só que meu pai não fez muito sucesso em negócios que ele começava. (Tradução nossa)

Pelo que Oh lembra sobre seu pai, ele era uma pessoa inteligente, independente, competente, mas não um pai presente no dia-a-dia, o que fez Oh e o irmão dele crescerem sob o cuidado da mãe na absoluta maioria do tempo embora não tenham passado necessidade.

Por sua vez, Jeong Se-bin, publicitária de 30 anos de idade, solteira, católica desde a Coreia, imigrou para o Brasil quando ainda era muito nova, aos sete anos, junto com os pais. Tanto o pai como a mãe têm origem em Seul, e ela também nasceu e cresceu em Seul até sair da Coreia em 1987. Ela era razoavelmente fluente em coreano, mas quando foi dada a opção de usar a língua com a qual se sentisse mais à vontade, preferiu falar em português. Com respeito à vida na Coreia, ela responde bem nitidamente:

Isso é minha interpretação, né? O que eu acho. Nunca conversei profundamente sobre isso com os meus pais. Mas, a leitura que faço, nós tínhamos razoavelmente confortável, classe média, classe média alta, meu pai era funcionário público, investigador de polícia. Funcionário público na Coreia, você tem certo status e prestígio social. Minha mãe era dona de casa, ela não trabalhava. Sempre estudei em escolas particulares. Então era tudo tranquilo.

Embora Jeong não se lembre dos detalhes da circunstância em que a família se encontrava assim como ela deixou claro, a profissão do pai e escolas particulares onde Jeong estudava fazem com que suponhamos que tivesse sido garantido o certo nível financeiro e social à família dela.

Outro jovem Lee Pyeong-an, 31 anos, solteiro, protestante, veio ao Brasil em 1987. Ele, que viveu na Coreia até oito anos de idade, também entendeu bem e falou razoavelmente bem a língua coreana. No caso dele, a entrevista foi realizada em duas línguas, português e coreano, embora tenha sido possível notar que ele foi muito mais fluente quando se expressou em português. Observou-se que a troca de idioma aconteceu, provavelmente inconscientemente, conforme a entrevistadora (a autora desta tese) foi mudando de idioma

casualmente. Ele fez o curso de direito na faculdade no Brasil, e hoje atua nessa área. Sobre origem da família, ele responde bem curto:

Meu pai é de Busan e minha mãe, de Seul. Quando casados, eles já moravam em Seul e meus irmãos e eu nascemos e crescemos em Seul. Meu avô era presbítero, e então sou cristão desde que nasci. E meu pai trabalhava com uma loja de roupa quando a gente morava na Coreia também.

No caso de Lee, o trecho de acima foi a única informação que deu a respeito da origem da sua família, principalmente porque ele na maioria das perguntas preferiu dar respostas sem acrescentar muitas descrições detalhadas e também, segundo ele, não sabe de muitas coisas a esse respeito.

Jeong Nam-eun, casada, 40 anos, também veio para o Brasil em 1987, tendo sido sua saída de Seul, onde ela viveu 17 anos. Ela estava no último semestre do colegial preparando o vestibular quando teve que abandonar tudo por causa da decisão tomada pela mãe, de imigrar para o Brasil. Jeong não tinha muita certeza de onde os seus pais nasceram, conforme pode ser observado no seguinte trecho da entrevista:

Cidade natal? Seul. Minha mãe é da Província de Gyeongsang. Era Daegu a cidade? Acho que é. E meu pai... onde era mesmo? Era a China? Meu bisavô era primeiro cristão da nossa família. Ele era um dos primeiros católicos da Coreia e desde então mantemos a mesma fé. Isso é da parte do meu pai. Da parte da minha mãe, acredito que começou da minha avó materna. (Tradução nossa)

Segundo ela, a família não passava por dificuldades financeiras antes da emigração, a ponto de marcar sua memória. Quanto ao idioma usado na entrevista, como é natural para quem imigrou no final da adolescência, ela foi muito mais fluente em coreano, ainda que entendesse o português sem problemas, e falasse a língua com fluidez suficiente para trabalhar com seu negócio, no ramo de gráfica, onde a absoluta maioria dos clientes é brasileira.

Por sua vez, Kim Tae-eun nasceu em 1982, veio para o Brasil em 1988 quando a Coreia do Sul sediou as Olimpíadas de Seul. Ela não se lembrou exatamente de onde nasceu: “Me parece que a gente viveu em Seul... e Paju também... não sei dizer onde eu nasci, mas com certeza uma das duas, ou Seul, ou Paju.”

Na Coreia, ela cresceu numa família em que o pai trabalhava no ramo comercial, e a mãe era dona de casa. A situação financeira antes de deixar a Coreia não era tão favorável, de acordo com o que ela lembra. Hoje, a família de Kim frequenta uma igreja presbiteriana da

colônia coreana em São Paulo, mas isso começou só no Brasil. Ela diz: “Na Coreia, toda a família era budista, menos a minha mãe e eu. Só minha mãe ia à igreja desde pequena. E por causa dela eu também comecei a ir à igreja desde quando eu estava na barriga da minha mãe.”

Vejamos agora os casos dos entrevistados que imigraram para o Brasil na década de 1990. Gwak Tae-gyeong, solteiro, 25 anos, veio em 1991 para o Brasil. Hoje ele é estudante universitário e trabalha no escritório de uma empresa coreana. Fluente em três idiomas – coreano, português e inglês, esse último por ter morado algum tempo nos EUA e estudado numa escola americana depois que voltou ao Brasil –, ele respondeu às perguntas em português. Sobre a origem da sua família, ele conseguiu dar mais detalhes nos quais também foi possível compreender o contexto histórico dos tempos vividos até por seus avós:

Da parte do pai, sei que o avô de quatro gerações anteriores se instalou na ilha de Ulleung depois que foi evangelizado, e construiu a primeira igreja naquela ilha que permanece até os dias de hoje. Somente depois da geração do meu pai, toda família saiu da ilha e foi morar na capital, Seul, onde nasci. Sei que meu avô foi um dos membros a proteger a ilha de Dokdo para não ela ser invadida pelos japoneses durante a época da descolonização coreana dos japoneses. Sua foto é visível junto aos membros da esquadrilha no Museu da Ilha de Ulleungdo. A avó, que era duma família de budistas fervorosos, se tornou uma mulher de tremenda fé e batalhadora para criar os seis filhos sem a presença do meu avô, que foi bastante ausente. Da parte da mãe, sei que o avô era duma família muito rica na época que enviou ele para Tóquio pra se formar em direito, uma raridade para aquela época. E encontrou com a minha avó, que também tinha vindo da Coreia pra estudar obstetrícia no Japão, e era, ao mesmo tempo, professora de escola e costureira. Eles tiveram dois filhos, o meu tio e a tia que estão vivos até os dias de hoje, e voltaram pra Coreia após o fim da Guerra do Pacífico. Eles moravam em Seul, mas teve de refugiar pra Busan, cidade portuária no extremo sul da Coreia por conta da invasão dos norte coreanos durante a Guerra da Coreia. Lá, eles tiveram a minha mãe como caçula.

Foi interessante que o entrevistado, que nasceu e cresceu em Seul, sendo seu pai de Seul e a mãe de Busan, quando falou coreano, utilizou a norma padrão, com exceção com algumas palavras, especialmente exclamações, que foram expressas em dialeto de Busan.

No caso de Han O-jun, nascido em 1976 em Seul, veio em 1994 ao Brasil. Tanto o pai como a mãe têm o nível bastante elevado de instrução, realizada na Coreia: o pai se formou da faculdade de comércio, e a mãe concluiu o ensino médio. A família dele desfrutava da vida da classe média até pouco antes da saída do país, como pode ser confirmado no trecho que se segue da entrevista:

Meu pai é de Seul e minha mãe, de Incheon. Meu avô serviu o país como funcionário público, sendo policial. Meu pai trabalhou na Coreia em

diversos ramos. Trabalhou com uma fábrica de palito, e se dedicou bom tempo no ramo de distribuição de produtos congelados, como peixe e carne. E depois ele trabalhou de cinco a seis anos na Companhia de cigarros.

Foi quando ele tinha 18 anos que veio morar no Brasil com a família. Mas, antes disso, foi para o Paraguai, em 1987, onde viveu sete anos até seu pai decidir vir para o Brasil. No Paraguai, os pais de Han abriram um restaurante local, e também trabalharam com outras coisas no ramo comercial.

Cabe aqui ressaltar que não é difícil encontrar imigrantes coreanos que entraram no Brasil via o Paraguai devido à dificuldade de imigrar diretamente para o Brasil legalmente naquela época. Há, ainda, pessoas que já planejaram ir para o Paraguai, não apenas para tomá-lo como passagem por alguns dias, mas com plano de morar lá alguns anos até disponibilizar-se de condição para conseguir um modo legal de viver no Brasil. A família de Han optou por essa segunda maneira.

Por sua vez, Kim Su-jin, advogada, solteira, nascida em 1981, veio em 1995 ao Brasil com os pais e um irmão mais novo:

Ambos os meus pais nasceram em Seul. E ouvi que a parte do pai tem origem na Província de Jeolla, e a parte da mãe, na Província de Chungcheong. Como meu pai era militar profissional, minha família mudava de cidade para cidade. Acho que isso aconteceu umas 20 vezes. No Exército, ele subiu até o cargo de tenente coronel. Minha mãe se dedicava ao apoio do meu pai, e cuidava da gente depois que casou.

Tendo o pai militar, sua família tinha uma condição financeira estável, sem passar necessidade. Devido às muitas mudanças de cidade, ela viveu a maior tempo em Seul, na casa de uma tia materna. A família era católica desde a Coreia, onde ela recebeu o batismo infantil. Segundo ela, ela é quem mais pratica a religião, com mais envolvimento. Ela trabalha em uma firma de advocacia brasileira, e o português dela estima-se ser de nível bastante avançado. Apesar de ser fluente em ambos os idiomas, ela fez questão de responder em coreano, o que é uma “política” dela – como ela mesma falou –, segundo a qual ela insiste falar em coreano com quem entende a língua.

Jang Yeon-hui, solteira, também advogada, 27 anos, veio ao Brasil no fim de 1996 com 13 anos de idade. A família toda é oriunda de Seul, onde ela nasceu. Vejamos o trecho que se segue:

Minha mãe era dona de casa. Fez o curso da educação de arte e trabalhou com uma escolinha de arte por algum tempo. Meu pai trabalhava numa

empresa de tecido, e depois abriu sua própria firma. Hoje meus pais administram uma pré-escola no Bom Retiro e no Brás. É que minha mãe já tinha adquirido na Coreia o certificado para educação infantil.

A família já frequentava a igreja protestante quando ela nasceu, e continua com a mesma religião até hoje. Estima-se que ela também possui o nível equilibrado de duas línguas como no caso de Kim Su-jin e, na entrevista, respondeu em coreano com uma linguagem muito sofisticada e natural.

Por último, Ko Su-hyeon, solteira, 25 anos, é estudante universitária. Faz o curso de moda e também trabalha como gerente de uma loja de roupa no bairro de Brás. Como o caso de Han O-jun, a família de Ko Su-hyeon também morou no Paraguai de 1994 a 1997, antes de vir para o Brasil. Ela mesma é oriunda de Seul, e respondeu que a mãe era da Província de Geyongsang, e quanto ao pai ela não soube dizer. O pai dela tinha uma fábrica de sofá na Coreia, e a mãe ajudava na fábrica, no setor de costura. Ko, que no Brasil frequenta a uma igreja presbiteriana, fala que a prática da fé cristã começou quando ela ia com sua mãe a uma igreja pentecostal na Coreia, enquanto o pai ainda não tinha nenhuma religião. Com a conversão do pai ao protestantismo no Paraguai, agora a família toda é protestante.

4.2 Motivos da emigração/imigração da Coreia para o Brasil

Como os coreanos descobriram o Brasil? Sobre como isso aconteceu inicialmente no nível estatal, isto é, o processo da concepção à realização do projeto da emigração coreana para o Brasil já foi tratado anteriormente nesta tese. Contudo, outros aspectos, principalmente o processo da decisão da emigração no nível de cada família ainda não foram abordados, tais como: Quais motivos específicos levaram muitos coreanos a sonharem com a saída da Coreia? O que o Brasil representava para eles a ponto de levá-los a tomar decisão de rumar para lá?

O que motiva alguém a procurar descobrir algo é a percepção da falta de alguma coisa, semelhantemente ao que o ditado “a necessidade é a mãe da invenção” diz. Mas a percepção da falta não é a única condição que leve alguém a deixar sua base e partir para descobrir algo que possa substituir essa sua base. Ainda que venha a descobrir algo novo, não é fácil realmente tomar a decisão de substituir o velho pelo descoberto. Então, é necessário que tal percepção da falta seja duradoura e forte o suficiente para esse alguém não acabar se instalando na situação que se encontra. E o descoberto, no caso, a nova base da vida, precisa parecer algo que valha a pena arriscar a base da vida até então: arriscar, sim, sem dúvida, pois

aqui se trata de mudar de fundamento da vida, não somente geográfico mas também da cultura, economia, rede pessoal e muitas outras dimensões da vida, atravessando a fronteira nacional.

A explicação geral para a saída dos coreanos rumo ao Brasil nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990, período em que o movimento migratório foi bastante significativo, a ponto de ser registrado como um “fenômeno” que marcou tanto a sociedade coreana quanto a brasileira será tratada no que se segue. Há muitos fatores, especialmente de expulsão, que, nas entrevistas, foram citados como sendo responsáveis pelo grande número de emigrações da Coreia do Sul naquela época, tais como: a “instabilidade geral” do país, especificada como a confrontação da Coreia do Norte e a Coreia do Sul; a atmosfera anticomunista, especialmente até a década de 1970; a ditadura militar e o ambiente opressivo da sociedade coreana; e a dificuldade financeira da família a partir da década de 1980.

Em contrapartida, no que se refere aos fatores de atração que o Brasil tinha aos olhos dos coreanos, fala-se, antes de tudo, do crescimento econômico do país naquela época, o que parecia garantir-lhes um futuro promissor. Embora ambos os países estivessem sob a tutela da burocracia estatal, o que permitia a presença de poderosos esquemas de fomento implantados pelos respectivos Estados, o Brasil era mais industrializado e economicamente mais desenvolvido naquela época.

O período que registrou o maior número de coreanos no Brasil coincide também com a época em que o Brasil viveu o “milagre econômico”, entre 1968 e 1973 (CANUTO, 1994). Tal sucesso econômico incentivou os coreanos a incluírem o Brasil na lista dos países preferidos como destino de migração, junto com os Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros.

Outro fato importante aqui é que, apesar da situação geral do país, marcada pela pobreza daquela época, os que podiam contar com a possibilidade de emigração internacional eram, em geral, oriundos da classe média alta, com alto nível de instrução. Embora para eles a emigração não tivesse sido uma tentativa para sair da miséria, é natural eles se dirigirem para locais onde havia uma base econômica mais sólida para recomeçar a vida.

Além dessas bases econômicas e politicamente mais sólidas, houve mais um fator que incentivou os candidatos a virem para o Brasil: a instalação bem sucedida dos imigrantes japoneses no país, fato que ficou conhecido após a visita do coronel Jeong In-gyu⁷⁹ ao Brasil, antes da aprovação do projeto de emigração pelo governo coreano. O povo japonês

⁷⁹ Para ver o papel exercido por Jeong In-gyu no processo da imigração coreana para o Brasil, ver o subcapítulo 3.2.3 desta tese.

compartilhava com o coreano uma semelhança significativa em termos de cultura, apesar de muitas outras diferenças e da hostilidade mútua. Enquanto o sonho em produzir uma riqueza no Brasil era algo muito vago, o sucesso da imigração japonesa era um fato.

No sucesso que os imigrantes japoneses alcançaram na terra brasileira, sobretudo na área agrícola, para a qual os coreanos estavam indo, via-se uma esperança concreta de que eles (os coreanos) também se instalariam bem aqui. Resumindo, muitos dos emigrantes coreanos pensaram: “Se eles conseguiram, nós também conseguiremos.”

O último fator que acreditamos ser relevante para ter havido esse movimento emigratório para o Brasil refere-se à tolerância “relativamente” maior do Brasil, o que era atraente em particular para aqueles que tinham descido da Coreia do Norte para o Sul. O Brasil era conhecido no mundo como um país com menos intolerância para com os grupos minoritários raciais e étnicos, se comparado com o Canadá, os Estados Unidos ou a Austrália, países frequentemente avaliados pelos coreanos como destino de emigração junto com o Brasil.

4.2.1 Por que deixaram a Coreia?: fatores de expulsão por década (1960-1990)

Ter em mente os argumentos apontados do item anterior ajuda a entender o fluxo imigratório dos coreanos para o Brasil na segunda metade do século XX, ou melhor, da década de 1960 à de 1990, escopo coberto nesta tese. Porém, essas explicações são muito generalizantes e também limitadas, uma vez que se aplicam somente aos coreanos que imigraram nos anos de 1960 e 1970. Apesar de ser curto o período de tempo entre as quatro décadas em questão neste trabalho, a Coreia do Sul viveu transição muito rápida após a Libertação em 1948 e a Guerra da Coreia de 1950 a 1952. Assim, cada década representou características diferentes uma da outra em termos do nível econômico e da atmosfera política do país entre outros.

Certamente os imigrantes coreanos que embarcaram no Brasil no período dos anos 1960 a 1990 têm diversos motivos para terem saído de seu país de origem, bem como por ter escolhido o Brasil como destino. As entrevistas realizadas com pessoas que imigraram para o Brasil nessas décadas possibilitaram captar os motivos da imigração mais variados e detalhados do que as versões encontradas nas fontes escritas sobre a imigração coreana que circulam na comunidade coreana. Acreditamos que será possível detectar, nas diferentes histórias contadas pelos entrevistados, valores e atitudes que coreanos comumente procuravam independentemente do tempo.

4.2.1.1 Década de 1960

O processo da elaboração do Projeto de Emigração Coreana para o Brasil apresentado no Capítulo 3 mostra que a “descoberta do Brasil” foi feita primeiro pela iniciativa civil, fazendo com que a emigração se tornasse um assunto importante da agenda do governo coreano. Nesse ínterim, formou-se na sociedade coreana uma atmosfera em que a emigração surgia como uma saída possível para a realidade insatisfatória do momento, despertando em muitas pessoas o interesse, mesmo antes de ser promulgada a Lei de Emigração⁸⁰, em sair do país. O papel da imprensa coreana foi de grande importância para o amadurecimento do projeto de emigração para o Brasil, graças à divulgação tanto do próprio projeto, como da situação de terrenos comprados no Brasil. Assim, percebe-se que a contribuição dos jornais impressos foi decisiva.

Como falamos anteriormente, no decorrer da pesquisa, realizada tanto através da documentação já existente referente à imigração coreana para o Brasil, quanto das entrevistas com membros da “colônia coreana”, foi possível descobrir que muitos foram movidos mais por fatores de expulsão do que por fatores de atração associados ao Brasil, sobretudo quando tratamos dos imigrantes das décadas de 1960 e 1970, momento no qual a atmosfera predominante na sociedade coreana era a de insegurança geral.

Em razão disso, o caminho escolhido para chegar a respostas mais exatas quanto a esse fenômeno migratório em massa seria perguntar primeiro: “O que os fez sair da Coreia?”, pois naquela época tanto a Coreia como o Brasil estavam sob regimes autoritários, apoiados na hegemonia militar. Nesse sentido, alguém pode questionar que o Brasil podia não ter parecido tão atraente aos olhos daqueles que estavam pensando em sair do país.

É aqui que surge a questão da repercussão que teve a Guerra da Coreia, que perdurou até muito tempo depois, estando profundamente gravada na memória do povo coreano até os dias atuais. Após a guerra, e com o país devastado, a ideia de emigração soava estranha e mesmo antipatriótica, sobretudo porque havia muitos coreanos que retornavam à Coreia para ajudar na reconstrução do país, e não o contrário. Mas, durante o período da 2ª República, instaurada em 1960, o sentimento de insegurança permeou a sociedade mais intensamente do que antes, provavelmente tendo isso sido agravado pela Guerra do Vietnã e pelo confronto com a Coreia do Norte, gerando uma instabilidade sócio-política e uma precariedade econômica do país daquela época.

⁸⁰ Cf. Ver o Capítulo 3 desta tese para conferir o detalhe da Lei de Emigração.

Os relatos dos entrevistados fazem nos presumir que, devido à situação que a Coreia estava passando por conta da Guerra do Vietnã, somada à possibilidade da ocorrência de outra guerra eventual com a Coreia do Norte, os pais que tinham filhos jovens viviam com uma preocupação mais específica: o alistamento de seu filho ao exército durante a guerra. Eles, que já haviam passado por uma guerra e traziam fresco na memória o que isso significava, tendo filhos maiores de idade, apressaram-se em sair rapidamente da Coreia.

É interessante que, dos quatro entrevistados que vieram para o Brasil nos anos de 1960, todos tinham na família irmãos nessa faixa etária. A decisão da saída da Coreia foi feita por seus pais, movidos pelo medo de perder seus filhos na guerra. No caso de Kim Ae-yeong, por exemplo, vê-se que a memória da Guerra da Coreia, na qual sua mãe já tinha perdido familiares, observa-se uma maior angústia causada pelo medo de uma nova guerra. Kim conta:

Minha mãe, com a Guerra da Coreia, perdeu o marido, um irmão e dois filhos. Dizem que foram sequestrados. Havia, naquela época, estava a ponto de estourar a Guerra da Vietnã. Aí minha pensou em si: “E a guerra fosse acontecer de novo e mais dois filhos fossem alistados...” É que um dos meus irmãos mais velhos tinha 21 anos, exatamente da faixa etária para alistamento. Minha mãe pensou que não sobreviveria se isso acontecesse, e aí decidiu a emigração. [...] Como era difícil emigrar para países como os EUA... sabe, eles nem aceitavam estrangeiros facilmente. Nosso caso é a emigração católica, então minha mãe ficou sabendo do caso através da igreja. Ao saber a notícia, minha mãe pensou: “É essa a chance!”, e segurou essa chance com toda a força. [...] (Tradução nossa)

Apresentamos, no que se segue, o exemplo da família de Im Hye-suk. Segundo Im, a família dela não perdeu familiares na Guerra da Coreia, mas a experiência do pai dela, que escapou da morte por pouco na guerra, funcionou fortemente para que ele avaliasse seriamente a possibilidade da emigração para o Brasil. Segue o depoimento de Im:

Meu pai decidiu a emigração por causa da guerra. É que ele era militar durante a Guerra da Coreia. Ele foi baleado e escapou a morte por pouco. Sendo único filho da família, ele não se sentiu seguro em relação à ideia de criar seus filhos em um país dividido em dois. Nessa altura, o Brasil surgiu como o primeiro país que se abriu para receber imigrantes coreanos, e assim meu pai decidiu sair da Coreia deixando para trás o perigo de outra guerra possível. [...] Nem me diga, eu tinha apenas 12 anos e, se seus pais dizem para emigrar, você vai com eles. Acho que levou quase quatro anos a partir do momento em que ele declarou tal decisão até quando a gente realmente saiu da Coreia. (Tradução nossa)

Enquanto isso, a história de Baek Gyeong-tae, embora não tenha a parte da experiência triste na Guerra da Coreia como nos exemplos acima apresentados, não foge muito a esse motivo, como é possível ver no trecho abaixo:

Meus pais... não sei se eles fizeram bem decidindo imigrar para o Brasil... Por que viemos para cá? Bem, não fui eu quem decidiu isso. Apenas segui meus pais. Pelo que ouvi mais ou menos, **a primeira razão era a Guerra do Vietnã**. Acho que àquela altura meus irmãos mais velhos receberam mandato para alistamento no Exército. O serviço militar na Coreia é obrigatório, e naquela época não tinha como escapar como hoje. **Depois, a perspectiva da economia da Coreia. O terceiro era a relação insegura com a Coreia do Norte**. Meus pais mencionaram esses três motivos e acredito que o mais decisivo de tudo era a Guerra do Vietnã. Por isso que eles se apressaram em preparar a saída. Então, posso dizer que, como estávamos numa situação como essa, a decisão de emigração foi “a melhor escolha”. (Tradução nossa, grifo nosso)

No relato acima, percebemos que Baek foi claramente comunicado pelos seus pais com respeito da razão da decisão da emigração para o Brasil embora ele não tivesse participado diretamente da tomada dessa decisão.

De modo semelhante, Kang Eun-won, ao ser indagada sobre o motivo da saída, logo fala dos seus irmãos e da guerra:

Tive dois irmãos mais velhos e o segundo estava perto da formação do colegial. A gente veio ao Brasil em 1967, né? Naquela época o Vietnã estava passando um conflito armado e, se você for alistado no Exército à força, você não sabe quanto tempo você vai ficar lá na guerra. Era uma situação muito perigosa mesmo. E meu irmão, como todos os filhos, era um filho precioso para o meu pai, então, meu pai pensou primeiro em mandar meu irmão para os EUA logo depois da formação, mas não deu. É que, então, adolescentes dessa idade não podiam sair do país sozinho. Então, **não tinha outro jeito senão a emigração para o Brasil**. (Tradução nossa, grifo nosso)

E o pai dela, que insistia em não ir para o Brasil, permanecendo na Coreia sozinho mesmo depois que a família partiu, acabou mudando de ideia depois da eclosão Guerra dos Seis dias, de 1967. Ele pensou consigo: “Assim não vai dar. Desse jeito, minha família vai ficar separada para sempre. (Tradução nossa)” Pensando no que vai acontecer caso a Coreia do Norte invadissem a Coreia do Sul, ele se apressou para se juntar à família em São Paulo logo depois do término da guerra.

Como se verificam nos depoimentos das quatro pessoas acima em comum, a maior razão pela qual eles tiveram que sair a tudo o custo era, se empregar a expressão de Kang, “para salvar o filho” porque acharam que “seria melhor emigrar para outro país do que deixar

seu filho morrer na guerra” e isso por si só era o motivo suficiente para tal decisão. Assim sendo, a emigração para outro país foi considerada para todos os quatro entrevistados dessa época como a “melhor escolha” ou a “única escolha” que tiveram. É importante notar aqui que naquela época eram pessoas da classe mais privilegiada que podiam sonhar com a emigração, mas também que, frente à ameaça da guerra, não havia no processo da tomada de decisão o espaço para entrar esse privilégio como motivo para ficar no país.

4.2.1.2 Década de 1970

Na parte introdutória deste capítulo, foi dito que a Coreia do Sul após a Libertação de 1948 viveu momentos bastante turbulentos com, entre outros, a erupção da guerra da Coreia. Na década de 1970, a sociedade sul-coreana estava inserida num clima desenvolvimentista. O que caracteriza melhor resumidamente a década de 1970 é o *Movimento Saemaeul*, que teve início nesse período, visando ao desenvolvimento equilibrado do país, inicialmente com foco nas regiões rurais e que, posteriormente, expandiu-se pelo país inteiro. Esse movimento, em contrapartida, deu início a uma dissipação de uma atmosfera mais esperançosa no país com sinais do desenvolvimento econômico,

Seria oportuno relembrar a classificação dos grupos de imigrantes coreanos no Brasil da década de 1970, no que se refere aos motivos da sua vinda, o que foi feito no Capítulo 3 tratando das características da presença coreana no Brasil. Os imigrantes coreanos nos anos de 1970 podem ser divididos em três grupos, dependendo de motivos e processos da sua vinda para o Brasil. O primeiro é formado por militares que desertaram da Coreia do Norte. Ainda que o medo de recrutamento ao Exército em possível eclosão de guerra tenha se tornado mais distante nessa época, o país estava vivendo o topo da era anticomunista. Na Coreia do Sul, caracterizada pelo anticomunismo, eles foram impedidos de serem promovidos a general ou almirante, e tinham que se contentar com o cargo de coronel por serem oriundos da Coreia do Norte. Era o grupo que não podia ter expectativa de ascensão social e uma vida melhor na sociedade sul-coreana. Isso se aplica também aos não-militares oriundos da Coreia do Norte, uma vez que existiam olhares suspeitos e até hostis para com eles, fazendo com que se sentissem “estrangeiros” dentro da própria Coreia.

O segundo grupo é formado por aqueles que tinham experiência no exterior. A outra característica da sociedade coreana nos anos de 1960 e 1970 era o envio de enfermeiras e mineiros coreanos para a ex-Alemanha Ocidental, uma troca com o empréstimo que o governo da Alemanha concedeu ao governo sul-coreano. Incluindo as pessoas que estiveram

na Alemanha, os que tiveram oportunidades de conhecer outras culturas estrangeiras tendiam a sonhar com a vida em outros países mesmo depois que voltaram para a Coreia.

O terceiro e último grupo é formado por pessoas que pegaram os assim chamados *imin baram* (이민 바람), que se traduz como “ventos da emigração”. O porquê desse nome “ventos da emigração” está no fato de que, no caso deles, não havia nenhum motivo específico para planejar a emigração: não tinham nenhuma urgência que empurrasse eles para fora do país, nem tinham uma imagem ou conhecimento concreto do Brasil que puxasse eles para o Brasil. Como já foi tratado anteriormente nesta tese, o caminho legal para a emigração coreana oficial para o Brasil, que se abriu em nome do Projeto de Emigração ao Brasil da Coreia nos anos de 1960, fechou sua porta entre 1973 e 1975. Com isso, os pretendentes à emigração nessa ocasião que tinham se preparado sua saída por um período de um a três anos passaram a planejar a emigração por outra via.

Mesmo com o plano inicial fracassado, eles não podiam descartar a ideia de viver fora da Coreia. Além deles, havia muitas pessoas nessa época que passaram a querer emigrar para outros países, seguindo essa tendência à emigração. Para dizer o mínimo, única coisa certa para eles era que não estavam contentes com a situação em que se encontravam, e eles procuraram encontrar uma saída dessa realidade na onda emigratória que estava plena na sociedade.

Com certeza, nem todos os casos dos imigrantes coreanos no Brasil se encaixam nitidamente nessa classificação. E, na verdade, poder-se-á ver abaixo, nos depoimentos dos entrevistados para este trabalho, que os motivos acima classificados militaram em combinação em alguns casos, e que os detalhes variaram de caso para caso.

De fato, dentre os que vieram para o Brasil nos anos de 1960 e 1970, existe um número significativo de pessoas oriundas da Coreia do Norte, mesmo que a saída tenha se dado na Coreia do Sul, para onde desertaram durante e após a Guerra da Coreia. No entanto, não se poderá concluir precipitadamente que todos os imigrantes coreanos com origem norte-coreana que eram militares na Coreia do Sul decidiram a emigração por causa do motivo acima citado, isto é, pelo fracasso em ascensão de cargo.

Dos oito entrevistados que vieram para o Brasil na década de 1970, só uma pessoa tinha pai que era militar na Coreia, o que também torna impossível tal generalização. Trata-se do caso do pai de Shim Jeong-mi, que desertou para a Coreia do Sul aos vinte e poucos anos de idade. Ele continuou como militar profissional no Corpo de Fuzileiros Navais, do qual ele se aposentou mais cedo do que o tempo devido. Sobre a razão de sua saída do Exército, a

informante disse que não sabia mais nada. O que ela lembra é que o pai dela estava para ser promovido ao cargo mais alto, e ele saiu pouco antes de isso acontecer.

Como a entrevista é com a geração dos filhos da primeira geração, que viveu isso, é inevitável haver limite para obter mais detalhes sobre como era viver na Coreia do Sul, sendo oriundo da Coreia do Norte. O que se pode imaginar cautelosamente é que, para muitas pessoas de origem norte-coreana, ganhar a vida na Coreia do Sul não deve ter sido fácil, além de não se sentir plenamente parte da sociedade.

Por exemplo, Shim Jeong-mi, conta sua opinião sobre como os pais passaram a considerar a emigração:

Como pessoas que desceram da Coreia do Norte, imagino que minha família também tinha dificuldade financeira. É que logo depois que veio para a Coreia do Sul, meu avô faleceu ainda muito jovem. Meu pai era o primeiro filho, e tinha mais quatro irmãos para cuidar. Como faltavam recursos para sustentar a família, ele até foi à Guerra do Vietnã voluntariamente. Porque davam dinheiro. Enfim, ele deve ter pensado em vir para o Brasil porque a vida na Coreia não era fácil, não é? (Tradução nossa)

Como no caso de Shim, os pais da Lee Jae-rin também são da Coreia do Norte, mas ela não mencionou muito sobre essa parte de origem dos seus pais, o que torna impossível imaginar como tal perfil afetou a vida dessa família na Coreia do Sul, e se isso influenciou de alguma maneira a decisão da emigração. A única coisa que podemos saber é o fato de que a vida não estava fácil, provavelmente financeiramente, e que um parente no Brasil interviu na decisão. Ela conta: “É que a irmã do meu pai morava no Brasil naquela época. Quando eu era criança, ela visitou a Coreia. Acho que foi nessa visita que minha tia convidou meu pai para vir ao Brasil em vez de sofrer na Coreia.”

Por sua vez, vê-se que a família da Noh Jeong-nan tinha uma base sólida na Coreia do Sul. Em vez de falar de dificuldade ou insatisfação específica na Coreia, ela diz, com ar bastante alegre, sobre o “sonho” do seu pai:

Aí depois ele foi pra guerra como oficial da marinha, ele já era médico e ele ficou um tempo nos EUA, em Boston. Fez especialização lá como cirurgião plástico. Era casado já, sim. Eu não tinha nascido ainda. E o papai, como ele morou no exterior, o sonho dele era que os filhos estudassem no exterior também. Entendeu? Então tinha esse tipo de coisa também, além da instabilidade política do país, mas meu pai tinha sonho, né, de... criar os filhos fora da Coreia.

Como ela mesma mencionou, havia a instabilidade política na sociedade coreana, mas essa não chegava a afetar a família de Noh de maneira direta, a ponto de instigar sua “fuga”. Se não olhasse esse lado político do país, a vida lá era tranquila e, segundo o que a Noh demonstrou ao longo da recordação dos tempos na Coreia durante a entrevista, a vida parecia satisfatória, pelo menos para ela, ainda criança. À pergunta se ela sentia insegura por algum motivo, ela responde imediatamente:

Não, eu não senti nada. Não senti nem um pouco. A gente viajava muito. Passeava bastante. Uma vez por semana a gente ia jantar fora, no restaurante estrangeiro, entendeu? Então, eu não me lembro da instabilidade política, essas coisas não. Não me lembro de nada.

Ainda que seja muito natural que ela, sendo ainda muito nova, não tivesse sentido a insegurança política, acredito que a riqueza material e o conforto geral dos quais ela desfrutava contribuíram para ela poder “só lembrar que era bom”.

Por sua vez, a família de Park Dong-min também decidiu a emigração para o Brasil sem ter ninguém conhecido contemporâneo que já estivesse morando no Brasil. O que Park conclui a respeito do porquê seu pai ter passado a virar os olhos para fora da Coreia nos faz pensar que o pai dele não estava contente com a vida que levava lá, apesar do status social. Segundo Park, o pai dele, já num cargo alto na sua empresa, e com reconhecimento profissional e conforto da vida, julgou que não havia mais para onde subir, e assim não tinha mais esperança em seu país. Em outras palavras, ele tinha uma expectativa maior, ou seja, ambição para com sua vida.

Nesse ínterim, ele ouviu pessoas falando que o Brasil era legal, e tomou a decisão de sair da Coreia. Só que, no caso dele, a vinda ao Brasil foi feita legalmente, porque o Brasil, mesmo após o término do contrato de imigração com a Coreia, aceitou mão de obra estrangeira qualificada, incluindo a coreana. Ele explica:

[...] não é isso, não. Naquela época, o Brasil era conhecido como “país do futuro” e, nos anos de 1970, estava promovendo o plano de desenvolvimento econômico com vasto investimento e dívida externa. Meu pai foi à Embaixada do Brasil na Coreia e se apresentou ao cônsul dizendo que ele era técnico e falava coreano, inglês, chinês, japonês e alemão. E disse que ele queria emigrar para o Brasil, e perguntou ao cônsul se iria emitir o visto. Então, o cônsul deu resposta positiva na hora, e a gente veio. Porque o talento do meu pai foi reconhecido. (Tradução nossa)

A partir do depoimento de Park podemos entender que a decisão do pai dele de emigrar para o Brasil foi feita de modo bastante voluntário e ativo. Diferente dos outros casos, é possível supor também que o pai de Park estava certo de uma vida melhor no Brasil, inclusive tinha uma visão mais concreta a esse respeito, segundo o que Park relata.

Vejamos outro caso que emigrou na mesma década. “Ventos da emigração”. Hwang In-pyo explica sobre como e por que a família passou a vir morar no Brasil com essa expressão. Ele, que veio ao Brasil com 16 anos de idade, se lembra mais claramente da situação quando a família estava considerando a emigração. O que ele se lembra daquela época, e os motivos da vinda por ele somados ao longo das recordações e reflexões sobre sua história no decorrer do tempo são os seguintes:

Então, no caso da minha família, a gente não era da Coreia do Norte e nem sonhava com viver no Exterior... claro, meu cunhado mais velho tinha ido para a ex-Alemanha Ocidental para trabalhar como mineiro. Na verdade, ele não tinha nada a ver com esse ramo. De qualquer forma, de lá, ele foi para o Brasil. Não sei exatamente por qual via isso aconteceu, mas ele veio pra cá na onda da imigração agrícola. E quando ele estava visitando a Coreia depois de algum tempo, conheceu minha irmã mais velha e casou com ela. Minha irmã também já tinha ido uma vez à França, quando trabalhava numa empresa, para participar do treinamento dos funcionários. Quer dizer, esses dois já conheciam outro mundo antes de imigrar para o Brasil, e queriam viver no Exterior. É o caso deles, não meu. Só que minha irmã nos convidou. Acho que ela disse para minha mãe também vir para cá se possível. Aí minha mãe pensou sobre a proposta e decidiu. [...] Ela pensou: “Bom, vamos. Vamos recomeçar numa terra vasta. Então, eu diria que a gente pegou ventos de emigração daquela época. (Tradução nossa)

Não é somente no caso de Hwang em que familiares, parentes ou amigos já instalados no Brasil exerceram algum papel em conceber a ideia da emigração, bem como em tomar tal decisão final. Acerca de como isso aconteceu, Jo Hwa-ran lembra-se do seguinte:

Foi quando eu estava no 2º ano do ginásio que minha família saiu da Coreia, e fui avisada sobre a ideia de emigração para o Brasil quando estava ainda no 1º grau do ensino fundamental. Pelo que sei, meu pai decidiu a emigração seguindo os casos dos amigos dele que tinham ido para a Argentina e o Brasil. Não é que havia motivos específicos que levassem ele a não gostar da Coreia. Os amigos do meu pai elogiavam a vida na América Latina e, certamente, havia ventos da emigração na Coreia daquela época. Meu pai, desde início, não tinha intenção de reemigração para outros países. Já veio para cá para se instalar definitivamente. (Tradução nossa)

No caso de Gwon Hye-ok, a família ainda não tinha algum conhecido no Brasil antes de deixar a Coreia, embora a ideia da emigração tivesse sido avaliada junto com a família da

irmã do pai, que acabou emigrando direto para os EUA. A entrevistada, que declarou não saber bem por que os seus pais tomaram a decisão de emigrar, responde: “Não sei se meus pais tinham algum motivo específico para sair da Coreia. Não sei que ventos atingiram meu pai e meu tio, mas eles avaliaram juntos esse plano.”

Como vimos acima, aqui foram trazidos os depoimentos das sete pessoas que vieram para o Brasil a respeito dos motivos da vinda da sua família. A maioria dos entrevistados, apesar de que respondeu que não tinha questionado seriamente o por quê da decisão de deixar a Coreia por ainda serem crianças ou adolescentes na época, conseguiu lembrar da então situação da família. A partir disso, foi possível ter uma ideia mais clara sobre os motivos específicos que levaram muitos imigrantes coreanos dessa época a emigrarem para o Brasil.

Também vimos que os motivos da vinda dos entrevistados para o Brasil nessa época são mais variados, o que torna difícil uma generalização para um motivo só, diferentemente do que aconteceu com relação à década anterior. Apenas dois entrevistados disseram que a decisão da vinda foi incentivada pela presença de seus parentes ou familiares no Brasil. No entanto, isso começa a funcionar como um fator de atração bastante forte para mais imigrantes coreanos entrando na década de 1980, à medida que a colônia foi crescendo, do que se tratará em seguida.

4.2.1.3 Década de 1980

A partir da década de 1980, os imigrantes coreanos que rumaram para o Brasil fizeram-no num contexto diferente do anterior, especialmente em termos de economia nacional. Foi nessa época que surgiu a expressão “Milagre do Rio Han”, devido ao destacado desenvolvimento econômico ocorrido num curto espaço de tempo. Além disso, a realização dos Jogos Olímpicos de 1988 em Seul era um acontecimento simbólico do alcance da meta econômica estabelecida pelo Estado, e da entrada da Coreia do Sul no palco internacional. Por sua vez, enquanto o desenvolvimento econômico da Coreia estava sendo acelerado, no Brasil estavam surgindo sérios problemas, tais como inflação e pressão da dívida externa. Tudo isso fazia com que a insatisfação do povo pelo governo crescesse a partir do final da década de 1970.

Se a Coreia tinha uma economia mais sólida que antes, e o Brasil não, então, o que fez os imigrantes coreanos dessa época saírem da Coreia rumo ao Brasil? Como foi visto acima, nas décadas anteriores, os motivos da saída da Coreia giravam em torno dos fatores da dimensão nacional. Enquanto isso, vê-se que nas décadas posteriores a sociedade coreana se

distanciou um pouco mais da situação de urgência política e econômica. Com isso, o assunto da emigração foi tratado mais por motivos mais pessoais e variados, e também por pessoas de classe social mais variada. Isto é, somando os depoimentos dos entrevistados, quanto a fatores que os levaram a pensar em sair da Coreia, as respostas não se resumiram a um só motivo. Por sua vez, quando perguntados por que optaram pelo Brasil, e não outro país, a maioria deles falaram sobre “parentes” que tinham imigrado para o Brasil mais cedo que eles.

Como motivos do descontentamento com a situação da Coreia, a “dificuldade financeira” foi mencionada por alguns entrevistados que vieram nesse período. A família de Lee Pyeong-an, por exemplo, veio para o Brasil no final da década de 1980 via Paraguai, onde teve que ficar um a dois meses. Eles também saíram da Coreia à procura de uma situação mais favorável para ganhar a vida. Lee diz:

A economia da Coreia não estava sólida quando a gente saiu. Sei que meu pai veio um ano antes de chamar o resto da família... Eu não sei o motivo exato. Sei que estava passando dificuldade financeira, e como o Brasil era país do futuro... meus parentes vieram antes, e ele também gostou da ideia, daí ele veio antes e chamou o resto.

Como se vê acima, um país chamado “Brasil” ainda não tinha uma imagem específica além de ser um “país do futuro”. Além disso, o fato de o Brasil ser o país “onde moram seus parentes” serviu como uma razão “segura” para os pais de Lee tomarem decisão de ir para lá.

O caso de Kim Tae-eun também é semelhante a isso:

Eu vim para o Brasil com meus pais em 1988, com 6 anos de idade. No início, não me lembro bem de quantos anos mais cedo, enfim. Meus avós maternos, duas tias e um tio vieram primeiro, e se instalaram aqui em São Paulo. Foi quando eu tinha 6 anos e minha irmã 3 anos, que minha família também veio para cá. [...] Uh... depois que meus avós vieram para cá, meus pais viram que a vida estava dura financeiramente, e aí minha mãe pediu para meus avós: “Por favor, me leva para aí?” E meus avós convidaram a gente, e foi assim que se deu a nossa vinda. Meu pai também... ele trabalhava como *freelancer*, mas ele não viu algum motivo especial para permanecer na Coreia. [...] Eu disse que meus avós vieram primeiro, né? No caso deles, um amigo do meu avô dizia que o Brasil era legal, e perguntava se não gostaria de vir também. Ele também disse que ia ajudar meu avô se viesse. Meu avô topou, e o amigo dele mandou o convite. Como meus avós já estavam instalados aqui, tudo foi mais tranquilo quando meus pais vieram.

Enquanto isso, a dificuldade financeira não era o que tinha trazido a família de Oh Min-chan para o Brasil. Acerca do motivo da emigração, Oh respondeu resumidamente: “O

que eu acho é que ele pegava aqueles ventos de emigração”. Segundo ele, o pai dele, que trabalhava com seu próprio negócio, viajava bastante para o exterior, e logo antes da emigração, ficou dois a três anos no exterior com pretexto de “aprender o mundo e a vida”, conforme Oh. Foi um pouco depois que o pai dele manifestou sua vontade de emigrar. É interessante ver que a ideia concebida pelo pai de Oh gerou uma forte discordância dos parentes, e até de sua esposa. Mesmo que naquela época parentes vivessem mais ligados uns aos outros, participando das decisões importantes, o caso de Oh estima-se ter sido excepcional, comparando com os casos dos outros entrevistados. A explicação de Oh acerca do feito patriota do bisavô durante o regime japonês e a então atmosfera na família explicam essa discordância:

Agora que sou adulto, vejo que a decisão não foi fácil. Para meu pai, especialmente. Porque ele era da família patriota, e meus avós e tios eram contra. Como falei, meu bisavô participou da redação e declaração do Documento da Independência, né? Parece que era meu avô que discordou mais intensamente. (Tradução nossa)

Ele mesmo não especificou a relação entre o fato de ser descendente de uma figura, como seu bisavô, e não poder emigrar para outro país. Mas pode-se supor que para a família dele a ideia de sair do país foi considerada como “abandonar” sua pátria. Logo ele fala da mãe, que também discordou com seu marido:

Minha mãe também não gostou da ideia. Ela já tinha capacidade econômica na Coreia. Se fosse viver no Brasil, tudo devia ser estranho, não é? Coisas novas, gente diferente... ia ter que começar tudo de novo. Ela estava contente com a vida na Coreia, quer dizer, materialmente, nada nos faltava. (Tradução nossa)

Retornando ao motivo da vinda, Oh complementa, com sua outra opinião que chama a atenção:

Pessoas que emigraram para outros países nos anos de 70 e 80... muitas delas devem ter deixado a Coreia por causa da dificuldade financeira. Meu caso é diferente como falei. Ora... os pais costumam a dizer que imigraram pra cá por causa dos filhos, mas acho que muitos deles tomaram tal decisão para si mesmo, porque quis fugir da realidade em que estava na Coreia. Uma vez eu e meu pai falamos sobre isso. [...] Meu pai dizia que era pra nós, eu e meu irmão, mas isso é uma **mentira**. Meu pai mesmo falou isso. [...] A base para a emigração era o pretexto dos filhos, mas meu pai admitiu que decidiu isso ‘profundamente para eles, 100%’. Era para fugir da crise econômica da Coreia e da realidade que cercava eles. (Tradução nossa)

A questão de “educação dos filhos”, no caso de Oh, não entrou no processo de avaliação da ideia de emigração ao Brasil, pelo menos pelo que Oh entendeu. Parece que ele ter a certeza disso, isto é, a prioridade na decisão de emigração em si foi o próprio pai e não os outros membros da família, hoje não causa algum sentimento de remorso muito forte já que antes de tudo, como Oh fala, ele, sendo adulto e pai de três filhos, entende melhor seu pai.

Por sua vez, no caso de Jeong Nam-eun, a educação foi a maior razão pela qual a mãe pensou que não seria mais possível continuar vivendo na Coreia:

Meu tio materno estava vivendo aqui. E parece que minha mãe pensava de vez em quando em ir para o Brasil também. Mas não muito sério. Na verdade, ela estava esquecendo da ideia fazia muito tempo até eu e meus irmãos ficarem adolescentes. Sabe, minha mãe, vendo todos seus filhos, perto da idade para ir a faculdade, achou que não seria fácil sustentar a família e educar seus filhos na Coreia. E aí retomou a ideia de ir viver no Exterior. Foi a minha mãe que decidiu. Pelo que ouvi, minha mãe pediu para meu tio, já instalado no Brasil, mandar o convite e depois disso o processo foi muito rápido. Um dia minha mãe disse que a gente ia deixar a Coreia finalmente. Era logo antes do vestibular, para o qual eu estava me preparando. No dia da partida, saí no meio da última prova preparativa para o vestibular. (Tradução nossa)

O fato de que a família de Jeong estava numa situação economicamente difícil por si só não explica suficientemente por que a mãe dela decidiu sair da Coreia, considerando-se que eles tinham condições de comer e se vestir razoavelmente bem, bem como de mandar todos seus filhos adolescentes para a escola. Mas quando ela começou a planejar como enviar os filhos à universidade, essa situação financeira se tornou um problema sério, o que a levou a pensar em emigrar, e pedir ajuda do seu irmão em São Paulo.

No caso de Ha Jeong-a, a educação dos filhos não era um assunto prioritário na decisão de emigração, mas ela foi considerada quando os pais dela tiveram que escolher entre os EUA e o Brasil:

Fiquei sabendo da notícia de repente. Agora eu sei, né? Minha mãe e meu pai estavam com dúvida se ia para os EUA ou para o Brasil. E minha tia materna já tinha vindo pra cá uns dez a quinze anos mais cedo que nós. Aí a gente tinha a opção de vir aqui pelo convite de parentes. Mas também havia outra opção. Um pastor conhecido do meu pai tinha chamado meu pai para emigrar para os EUA. Então acho que meu pai pensou em, primeiro, passar pelo Brasil, e depois ir para os EUA. [...] Parece que a emigração pelo convite ao Brasil foi mais fácil... Aí, tenho dois tios maternos, o segundo tio partiu dois anos mais cedo que minha família, e depois a gente veio também. Enfim, foi muito repentina essa decisão pra mim. Acho que foi três meses antes da partida que meus pais me avisaram e estava no primeiro ano do colegial. (Tradução nossa)

Segundo Ha, os pais dela estavam mais inclinados à ideia de instalar definitivamente nos EUA depois de permanecer curto tempo no Brasil até abrir a porta da emigração para os EUA como muitos outros que imigraram para o Brasil naquela época. Embora muitos coreanos tenham preferido ir para os EUA especialmente pensando na questão de educação dos filhos, estima-se que a realidade, que envolve uma série de problemas como o de visto e custo de instalação entre outros, fez com que muitos fizessem uma negociação consigo mesmo. Assim, muitos acabavam ficando no Brasil ou deixavam o cumprimento de tal plano inicial para depois de um bom tempo.

Por sua vez, Jeong Se-bin, moça com ar bastante energético, muito mais fluente em português, começa a falar sua história, semelhante às dos outros no que diz a parentes que já residiam em São Paulo:

Na parte da minha mãe, minha avó e meu avô e os tios já tinham imigrado para o Brasil nos anos de 1970. Só a minha família estava permanecendo na Coreia, e em 1987 tomou a decisão. Acredito que a decisão foi mais fácil porque meus parentes da parte da minha mãe já estavam instalados aqui. Então, viemos eu, meus pais e minha irmã mais nova direto para São Paulo.

No entanto, com respeito a como os seus pais começaram a sonhar com uma vida num outro país, Jeong conta uma história bastante diferente da versão da maioria dos entrevistados que imigraram na mesma época:

Meu pai era funcionário público, investigador de polícia. Funcionário público na Coreia, você tem certo status e prestígio social. Minha mãe era dona de casa, ela não trabalhava. Sempre estudei em escolas particulares. Então era tudo tranquilo. Mas o que eu imagino é que naquele período, mesmo hoje, o que você tem dentro da configuração social na Coreia é um cenário muito estável, né? Uma economia muito estável. Então não existem grandes possibilidades, grandes projeções de ascensão social, subir num extrato social superior, então tem de ficar na classe média, e de repente com facilidade passa a ser classe média alta. Acho que muito em função de economia estável. Se você é da classe média, você vai morrer na classe média com probabilidade maior. E eu imagino que naquela época meus pais tinham trinta e tantos anos ainda com as ambições e sonhos muito perversos, muito em evolução. Então acho que muito mais uma aposta, eles estavam jogando, apostando com o sonho de uma possibilidade de uma vida melhor, de algo, sonho de conquistar as coisas em patrimônio. Acho que muito por mais ambições que eles vieram pra cá, motivados pela minha família, minha avó e meus tios já residiam aqui.

Jeong, que diz não se lembrar de muita coisa sobre a situação de quando se deu a imigração para o Brasil, interpreta o motivo de tal decisão dos seus pais de um modo bastante

positivo. Ela falou que não chegou a conversar detalhadamente acerca dessa época, assim tendo que começar cada frase com expressões “acho que”, “imagino que”, “deve ter sido que”, ou outras dessa natureza, assim como aconteceu com muitos outros entrevistados, por não saber exatamente a versão dos pais. Porém, Jeong deu uma impressão de que estava bastante convicta da sua interpretação dos motivos da vinda, a qual era consideravelmente mais detalhada e prolongada do que a dos outros entrevistados.

Somando-se a isso, diferentemente do que aconteceu até as décadas de 1960, os motivos pela decisão da saída do país contados pelos entrevistados que imigraram nos anos 1980 não parecem girar em torno de um único motivo forte e urgente, além de serem mais variados quando comparado aos da década de 1970.

4.2.1.4 Década de 1990

Parece que a situação em que os 6 entrevistados que vieram ao Brasil nos anos de 1990 se encontravam não foge muito ao caso dos entrevistados que vieram nos anos de 1980.

Para que se tenha uma ideia mais clara disso, primeiro tomemos como exemplo o caso de Ko Su-hyeon. Ko não deu detalhe da situação quando a emigração foi decidida, provavelmente por não ter conversado profundamente sobre o assunto com seus pais, como ela informou logo no início da entrevista. Mas poucas coisas do que ela lembra encaixam nas duas condições acima mencionadas. Primeiro, a situação financeira da família estava ruim como ela brevemente falou: “... porque a fábrica de sofá do meu pai não estava indo bem” e, segundo, uma tia materna que tinha ido morar no Paraguai havia alguns anos surgiu como uma possível resposta a esse problema. Ao ouvir que a família de Ko estava passando dificuldade financeira, ela sugeriu a emigração para o Paraguai:

A irmã mais velha da minha mãe já estava morando no Paraguai, e ela sugeriu à minha mãe. Então a gente foi primeiro para o Paraguai, e a intenção inicial era se instalar lá. Mas meus pais julgaram que a economia estava melhor no Brasil, e decidiram a reemigração para o Brasil.

Vejamos outra história parecida com essa, contada por Han O-jun, que viveu também no Paraguai sete anos antes do Brasil:

Acredito que o motivo mais decisivo, como era na maioria dos emigrantes coreanos daquela época, estava na dificuldade financeira. Como eu era criança, vim apenas segurando a mão dos meus pais. O que fiquei sabendo, mais tarde, quando cresci, é que meus pais, como a situação financeira não

estava boa, e o negócio não ia bem, procuraram o terceiro caminho. Fiquei sabendo sobre a emigração um mês antes da saída... Minha família foi primeiro para o Paraguai, em 1987, e viveu lá 7 anos. Foi em 1994 que a gente foi para o Brasil. Meu pai já planejava esse caminho porque então era difícil vir diretamente para o Brasil e conseguir o visto permanente. Naquela época, a maioria dos emigrantes coreanos optou por entrar no Paraguai visando o Brasil como o destino de instalação definitiva. [...] Como é que meu pai pensou em emigrar? Meu pai conhecia uma pessoa na Coreia que tinha um amigo ou sei lá uma pessoa que já tinha emigrado para o Paraguai. Essa pessoa disse para meu pai que no Paraguai a situação financeira iria melhorar. (Tradução nossa)

Enquanto a família dele permaneceu legalmente no Paraguai como portadores de visto permanente, o pai dele viajava frequentemente para o Brasil para resolver o problema de visto. Nessa trajetória, o pai dele adquiriu o visto permanente, tendo sido o primeiro beneficiado pela anistia e, em seguida, chamou o resto da família para o Brasil.

Por sua vez, a família de Jang Yeon-hui, por sua vez, provavelmente não passava pela grande dificuldade financeira e não tinha nenhum parente no Brasil como os outros. Ainda na Coreia, um amigo do tio de Jang que vivia um bom tempo no Brasil falou que daria muito lucro se abrisse o negócio de tecido em grande escala no Brasil. A ideia soou convincente ao pai de Jang, e ele decidiu a emigração. Mas quando a família de Jang chegou no Brasil, acabou descobrindo que o tal amigo do tio de Jang já tinha sumido com tudo o que a família dela tinha enviado da Coreia no container e, a ideia de abrir o negócio nunca chegou a ser concretizada. Contudo, o pai de Jang ainda não tinha intenção de fixação definitiva no Brasil por causa da educação dos filhos. Jang conta a situação daquela época bem detalhadamente:

[...] a propósito, por causa do problema da educação, é que como o Brasil não deu a meus pais muita certeza em relação a isso, eles iam nos (eu e meu irmão) deixar no Canadá primeiro, e vir para o Brasil só eles. Então, a gente ficou um ano no Canadá, em 1995. Depois, meus pais sugeriram ir conhecer o Brasil a família toda, e aí a gente veio. Depois que ficou algum tempo, meus pais acharam que aqui também daria para dar boa educação para nós. E disseram para nós que estudássemos aqui porque também seria bom a família toda ficar junta. (Tradução nossa)

Dessa maneira, a família acabou se instalando no Brasil, e vive até hoje em São Paulo, não mais pensando em reemigração para outro país.

Enquanto isso, Kim Su-jin, cujo pai era militar profissional na Coreia, se lembra de uma vida “tranquila e bastante satisfatória” antes de vir para o Brasil. Era a mãe dela que queria emigrar pensando no futuro dos filhos:

Na verdade, ele que era militar profissional, não pensava em imigrar para o Brasil. Foi a minha mãe que convenceu meu pai. Minha mãe, como esposa, apoiou meu pai por mais de vinte anos, né? E criando os filhos. Ela, à medida que eu e meu irmão fomos crescendo, quis nos mandar para estudar no exterior alguns anos depois, e dar melhores oportunidades de estudar mais. Mas com o salário de militar não daria para fazer tudo isso. E ela ouvia falar que o Brasil era um país de oportunidades, e como meu tio, irmão mais velho do meu pai, tinha vindo aqui mais cedo com sua família, aí ela pensou: “Lá a gente vai ter uma vida mais estável financeiramente e condição de mandar as crianças estudar nos EUA. Ela pensou em nós, eu e meu irmão, e persuadiu meu pai. Isto é, ela pensou no futuro. Para seus filhos. E quando minha mãe finalmente conseguiu fazer meu pai mudar de opinião, ela entrou em contato com meu tio e arranhou oportunidade pra vir aqui. (Tradução nossa)

A família de Kim veio diretamente para o Brasil, São Paulo, mas com plano ainda em esboço de ficar cerca de cinco anos até Kim terminar o ensino médio no Brasil, e mandá-la primeiro para os EUA, e depois o irmão dela também. Mas nem ela nem o irmão foram estudar em outro país depois que imigraram para cá, e a família toda vive em São Paulo até hoje. Além do mais, a família de Jang Yeon-hui deu motivo para outro parente seu também se juntar a eles em São Paulo. A família da prima de Jang – a filha do outro tio – também veio morar no Brasil dois anos atrás. Segundo ela, o fato de sua família estar aqui contribuiu para a prima dela tomar tal decisão.

Enquanto isso, Gwak Tae-gyeong conta uma história bastante distinta das outras. Como foi apresentado anteriormente nesta tese, na parte referente às origens dos entrevistados, o pai dele era pastor, e a mãe enfermeira na Coreia. O caso dele é parecido com o caso dos outros entrevistados, no sentido de que tinha uma tia que morava no Brasil, mas é diferente da maioria dos casos nesta tese tratados no que diz respeito ao objetivo da imigração ao Brasil:

O motivo principal da vinda ao Brasil foi a decisão dos meus pais a servirem como missionários no Brasil. Ficaram sabendo o Brasil através de uma tia que havia casado com o meu tio cuja família foi imigrante no Brasil. Ela nos apresentou a respeito deste país e acabou convencendo meus pais a escolherem este país. Por que meus pais escolheram São Paulo? Porque era o centro econômico-social do Brasil com maior número de habitantes. Local ideal pra estabelecer uma base.

Ainda que o pai fosse pastor, e a mãe cristã fervorosa – hoje ela também faz a teologia –, sua vinda se deu visando à missão evangélica. Assim, não houve mudança de área de atuação, o que era o caso para absoluta maioria dos entrevistados.

Em síntese, como podemos descobrir acompanhando as histórias dos entrevistados que vieram para o Brasil nos momentos diferentes um do outro, os motivos da vinda também

variaram. Na primeira década da história da emigração coreana para o Brasil, estima-se que os fatores de expulsão, aliás, *um* fator de expulsão, que era: “o perigo da guerra”, foi predominante na decisão pela emigração. O que nos permite a chegar a tal conclusão é a não interrupção do fluxo migratório para o Brasil, mesmo depois que foi revelado logo após a chegada da primeira leva de imigrantes o fato de que a realidade do Brasil, em especial, dos terrenos nas fazendas escolhidas por contrato, não era como se imaginava que fossem.

Mesmo recebendo essas notícias de fracasso em instalarem-se nas fazendas, muitos não mudaram sua decisão. Segundo Choi Keum-joa (1991, p. 61), “apesar de todas as ponderações, o Ministério da Saúde concedeu licença para a emigração”. Isso nos permite acreditar que o que era mais importante para eles era “sair” do país, apesar de tudo, principalmente para não perder seu familiar. Mais uma vez verifica-se que a seguinte conclusão de Choi (1991) na sua tese sobre os motivos da emigração coreana nessa época encaixa bem nos casos de imigrantes coreanos dessa época:

Podemos concluir que, por um lado, todas as medidas tomadas para concretizar o movimento emigratório coreano como imigração agrícola serviram, na realidade, de pretexto para possibilitar a fuga de centenas deles, que estavam esgotados com a instabilidade sócio-política e econômica vigente na Península desde o término da Segunda Guerra Mundial. [...]” (CHOI, K., 1991, p. 62)

Por sua vez, a partir da década de 1970, os motivos da vinda variam mais em relação à década anterior. Como a insegurança política ainda permeava a sociedade coreana na década de 1970, isso ainda serviu como principal razão pela saída por alguns imigrantes coreanos, em particular oriundos da Coreia do Norte, estigmatizados pela sociedade sul-coreana. Pode-se imaginar, mas não afirmar, que tal instabilidade política afetou, consciente ou inconscientemente, os outros motivos do descontentamento com a então Coreia apontados pelos entrevistados que vieram nessa mesma época. Provavelmente essa situação tenha deixado eles pensarem que os problemas enfrentados na Coreia poderiam ser melhor e mais facilmente resolvidos num outro país.

Por enquanto, o que pode ser dito ao certo, a partir dos depoimentos dos entrevistados, é que o fenômeno de “ventos da emigração” levou muita gente a querer sair do seu ninho à procura de algo melhor do que pudesse ser conquistado. Alguns contaram com essa possibilidade mais empurrados pela sua insatisfação, enquanto outros foram movidos mais pelo sonho e expectativa maior, apesar da relativa situação estável geral. O que se encontra em comum na maioria dos casos de imigração abordados aqui é que os motivos da saída se

tornaram algo da dimensão mais familiar e pessoal, conforme a sociedade coreana foi saindo paulatinamente da situação de urgência nacional e ameaçadora para seu povo em geral.

4.2.2 O que o Brasil representava para imigrantes coreanos?

Se as situações da Coreia acima apresentadas impulsionaram muitos coreanos para deixar o país, quais teriam sido o que o Brasil especificamente representava aos que o escolheram em vez de outros países? Como vimos no Capítulo 2 fazendo uma contextualização das sociedades coreana e brasileira, uma série de mudança sócio-política bem como econômica ocorreu no Brasil ao longo das quatro décadas tratadas nesta tese, o que significa que a representação do Brasil aos pretendentes coreanos para a imigração ao Brasil também foi mudando. Na fase inicial, quando a imigração coreana ainda era agrícola, estima-se que as pessoas tinham esperança de se tornarem donas de um vasto terreno ainda não explorado. Contudo, a realidade depois que chegaram ao Brasil tivesse sido bem diferente do que sonhavam, fazendo com que a absoluta maioria dos imigrantes coreanos agrícolas saísse da fazenda rumo às cidades.

Entrando na década de 1970, surge outro fator no Brasil que passa a exercer um papel importante em atrair imigrantes coreanos, interagindo com os fatores acima tratados que os expulsava da Coreia. Como já vimos no processo de instalação dos imigrantes coreanos no Brasil, na década de 1970 já se verificava o sucesso deles no ramo de confecção em São Paulo, e a “colônia coreana” também se ia estruturando paulatinamente.

Assim, alguém que tivesse familiares e parentes que já haviam imigrado para o Brasil, muitas vezes era incentivado a avaliar a possibilidade de começar nova vida no Brasil, como uma saída da realidade insatisfatória na Coreia. À medida que a colônia coreana que girava em torno das atividades no ramo de confecção foi crescendo e se consolidando, isso virou certa base com a qual novos pretendentes à imigração para o Brasil pudessem contar, mesmo não conhecendo ninguém aqui.

Deste modo, o Brasil daquela época, representado pela colônia coreana para os interessados na emigração, exercia forte atração sobre muitos coreanos, não somente da Coreia, mas também a ponto de os coreanos que estavam instalados no Paraguai e na Argentina tomarem a decisão de reemigrar para o Brasil, com a esperança de poder contar com a ajuda dos conterrâneos.

Como se vê nos depoimentos dos entrevistados, apesar de haver no Brasil alguns fatores que incentivaram a vinda dos imigrantes coreanos, a “descoberta do Brasil” pelos

coreanos, nas quatro décadas em geral abordadas neste trabalho, ainda não passava de algo superficial. O sonho com a vida no Brasil muitas vezes era vago por ser ele ainda um mundo desconhecido, estritamente falando.

Como na Coreia ainda não se dispunha de fontes por meio das quais pudessem obter informações sobre o Brasil, como o idioma, costumes, o clima, o povo etc., os interessados em emigrar, especialmente na década de 1960, só tinham oportunidade de aprender a língua na própria viagem de navio, o que também não aconteceu em todas as levas daquela época.

Quanto à década de 1970, alguns entrevistados imigrados dessa fase mencionaram a existência de um material de aprendizagem de português na Coreia que ajudou a aprender português básico. O pai de Noh Jeong-nan, por exemplo, podia ensinar seus filhos com esse material. Noh diz:

Portanto, quanto ao meu pai... foi um mês antes que a gente ficou sabendo que realmente ia partir em tal dia para o Brasil, e ele começou a ensinar. Ele comprou um livro e ele começou a ensinar a contar de 1 a 10, falar “obrigado”, sabe, essas palavras básicas. Meu pai começou a ensinar a gente. Só os números.

E na década de 1990, a situação nesse sentido melhora bastante, principalmente com a abertura do Centro Cultural Português em Seul, em novembro de 1991. Kim Su-jin é o caso beneficiada por ela onde podia aprender português por seis meses.

No entanto, quanto às outras informações do Brasil menos o idioma, vê-se que muitos imigrantes, independentemente de ano de vinda, tinham pouca ideia do país no geral. A maioria dos entrevistados dependia quase que exclusivamente daquilo que seus parentes já instalados no Brasil contavam em cartas ou em visitas à Coreia, que eram muito raras naquela época. Mesmo em relação à língua, independentemente da disponibilidade de fontes de aprendizagem, muitos dos entrevistados disseram que não tinham fôlego para preparar a vinda para o Brasil pela falta de tempo e compostura.

Examinar brevemente o peso de outros países candidatos como destino da emigração no processo de tomada de decisão parece nos ajudar a entender como muitos imigrantes coreanos olhavam para o Brasil. Muitos vieram ao Brasil com intenção de instalação definitiva no Brasil. Mas não é difícil ver também que nem todos os casos da emigração para o Brasil tinham ideia da fixação definitiva. Muitos que conceberam a ideia da saída da Coreia pensaram, no primeiro momento, os EUA entre outros. No entanto, como a porta de imigração nos EUA era extremamente estreita, tinham que se desistir da ideia ou procurar outro caminho para chegar lá.

Foi o Brasil que abriu a porta para estrangeiros, fazendo com que os pretendentes à emigração optasse por embarcar primeiro rumo ao Brasil. De fato, um bom número dos imigrantes coreanos instalados aqui tinha intenção de reemigrar para países como os EUA e o Canadá entre outros. O pai de Im Hye-suk também era o caso, só que a ideia não chegou a pôr-se em prática devido à oposição da família, especialmente da própria Im. Diz ela:

[...] Então, o país estava muito instável em vários sentidos, e meu pai quis sair dessa insegurança. Na verdade ele ia para os EUA, mas a porta para lá não se abriu, e em vez disso, se abriu a porta oficial de emigração para o Brasil. Mas mesmo depois que viemos para cá, estudamos inglês. Claro, para ir para os EUA. **Mas fui eu que se levantou contra essa ideia.** Levou três anos aprendendo o idioma deste país. Eu já tinha concluído até a 6ª série na Coreia e nessa altura eu já estava atrasada. Sabe, tinha que aprender desde a, b, c, d... Eu já estava atrasada três ou quatro anos aprendendo português aqui, e só depois me ingressei na escola. Me adaptei aqui com dificuldade e, se fosse mudar de novo para os EUA, teria que passar tudo isso de novo e sofrer alguns anos, não é? [...] Meu pai ia mesmo reemigrar para os EUA, e a intenção dele era mandar primeiro minha irmã mais velha para Washington. Mas ela acabou se casando aqui e **eu discordei com ele, foi assim que ele se desistiu da ideia.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Embora Im tivesse ido adaptando pouco a pouco à língua e à cultura brasileira, esse processo não foi tão fácil. Além disso, a pressão de que ela gastou muito tempo aprendendo a língua portuguesa sem poder ingressar direto na série certa para a idade dela também foi grande. Esses dois motivos entre outros fizeram com que Im insistisse em não reemigrar para os EUA, apoiada pelo fato de que a irmã já estava casada no Brasil.

A família da Gwon Hye-ok também escolheu o Brasil com a intenção de reemigração para outro país. No caso dela, o plano de emigração para o Brasil foi avaliado junto com a família da tia (irmã do pai) e, essa emigrou para os EUA na altura que a família de Gwon imigrou para o Brasil. O pai da Gwon planejou viver dez anos no Brasil primeiro e ir para os EUA com toda a família. Gwon se lembra:

[...] A propósito, eles na verdade queriam ir para os EUA, mas acho que naquela época foi difícil obter o visto dos EUA, aí eles pensaram em ir para o Brasil primeiro e aqui preparar para a ida para os EUA. Foi minha família que saiu da Coreia primeiro. Só que depois que viemos para cá, reemigrar para os EUA não foi tão fácil como pensavam. É que aqui também era legal. Assim vivemos dez anos aqui. Logo depois que minha família veio para cá, a família da minha tia emigrou diretamente para os EUA. Mas meu pai ainda não descartava o sonho de ir para os EUA. A essa altura, minha irmã mais velha casou-se aqui; a segunda irmã mais velha foi estudar para o Canadá onde acabou casando. E o resto da família incluindo eu finalmente reemigrou daí a dez anos para os EUA como meu pai queria tanto. (Tradução nossa)

Mas a história não acabou por aí, tanto que a entrevista foi possível porque Gwon ainda vive no Brasil. Ela, depois que emigrou para os EUA quando colegial, voltou a São Paulo para passar férias da faculdade. Acabou se casando aqui, e hoje a família dela – família nova que ela mesma estabeleceu através do casamento –, e a família da irmã mais velha continuam vivendo em São Paulo. Além destes dois casos, tinha mais entrevistados cujos pais alguma vez tinham incluído os EUA em possível destino da emigração, seja antes da saída da Coreia, seja depois da vinda para o Brasil, o que acabou não acontecendo por poder levar uma vida mais satisfatória que pensava ou por outros motivos.

Dessa maneira, além do plano de iniciar a vida no Brasil, mais especificamente em São Paulo, no ramo de confecção com ajuda de seus parentes, a decisão de emigrar para o Brasil foi tomada com um esboço bastante geral. Talvez isso tenha a ver com a própria natureza da nação brasileira, um país relativamente novo, o Brasil no plural, isto é, vários Brasis.

O Brasil, por ser uma nação nova e composta de membros de origens diversas, parece permitir empregar a palavra “descobrir ou ser descoberto” de fora, o que tem atraído um grande número de estrangeiros para o Brasil. Tanto que o Brasil foi nomeado, em algumas entrevistas, como “país do futuro” e “país de oportunidade”, o que fez muitos imigrantes coreanos terem esperança de explorar vida melhor nesse país mesmo que ainda não tinham o conteúdo específico dessa imagem.

Pensou-se que existiriam inúmeras possibilidades, e uma grande flexibilidade que podem ser aproveitadas de diversas maneiras pelo imigrante, seja para se instalar definitivamente, seja para permanecer por pouco tempo. De fato, os que se juntam a esse movimento migratório para o Brasil após os anos 1990 muitas vezes vêm com a expectativa de poder encontrar ou descobrir novos espaços, os quais poderiam abrir novas oportunidades e, assim, melhorar de vida, coisa que não seria possível na Coreia. Para finalizar, acreditamos que a presença crescente das empresas coreanas no Brasil também pode ser compreendida como um esforço para descobrir novos mercados.

4.2.3 Implicações da questão da educação para a decisão da emigração/imigração

Vemos que a educação é um dos assuntos mais mencionados quando se trata de coreanos. De fato, o entusiasmo dos pais coreanos pela educação dos filhos é frequentemente falado. E tal noção faz nos questionar se a questão da educação dos filhos afetou a decisão da

emigração para outro país e caso sim, com que grau isso foi considerado no processo de tomada de decisão.

Acredito que algumas passagens das entrevistas aqui trazidas já mostraram quais motivos movimentaram os imigrantes coreanos para o Brasil. E neles estavam incluídos o “perigo da guerra”, a “dificuldade financeira”, o “sonho com uma vida mais desafiadora”, e o “desejo de uma condição melhor para a educação dos filhos” etc., entre outros. É digno de nota que nem sempre a questão da educação dos filhos foi tratada pelos pais quando foi tomada a decisão da emigração, e mesmo quando foi tratada, muitas vezes não era considerada prioritária. No caso dos imigrantes coreanos que vieram nos anos de 1960, entendemos que não havia espaço para a questão da educação ser levantada, tanto que, dos 4 entrevistados, todos responderam que a saída da Coreia se deu a fim de salvar membro-homem da família de outra guerra. Isto é, para os casos dos entrevistados que vieram ao Brasil nessa época, a emigração era mais uma “fuga” do perigo que se sentia na pele do que uma opção movida pelo espírito assim chamado “desafiador”.

É a partir da década de 1970 que se pode traçar o peso da educação nos motivos da emigração, que varia de caso a caso. Ao longo das entrevistas, foi possível descobrir que a educação dos filhos não era motivo decisivo na decisão da emigração para o Brasil em alguns casos. Embora seja verdade que os imigrantes coreanos da primeira geração tenham investido muito na educação dos seus filhos depois que vieram ao Brasil, muitas vezes o motivo da saída da Coreia não era a fuga da situação precária da educação na Coreia naquela época, nem a procura de melhores oportunidades da educação no Brasil. Era mais para resolver o problema da dificuldade financeira da família nos outros ambientes.

Com respeito a isso, Han O-jun expressou cuidadosamente sua opinião:

Acredito que meus pais, sendo pais, consideraram o lado educacional dos filhos em novo país. Não conversamos muito sobre isso. Provavelmente a dificuldade de sustentar a família na Coreia era tão grande que resolver esse problema estava na posição prioritária à educação em tomar a decisão da emigração. (Tradução nossa)

Pode-se imaginar que essa seria a situação dos outros entrevistados que disseram que o motivo principal era a dificuldade financeira que a família estava passando na Coreia, mas que não mencionou algum detalhe sobre a questão da educação.

Enquanto isso, havia entrevistados que manifestaram sua opinião mais clara com respeito de se a educação era importante para seus pais quando decidiram a emigração. Gwon Hye-ok respondeu, dando leve risada: “Me parece que não. Foi a ambição do meu pai. Para

ele mesmo. É que meu pai sempre faz o que ele quer. É a personalidade dele. (Tradução nossa)” Ela termina sua resposta dizendo que ela mesma não conseguiria emigrar para outro país, mais ainda se pensasse no sofrimento dos filhos. Oh Min-chan esteve mais certo, como já vimos na passagem da entrevista com ele colocada anteriormente. Para ele, o que o seu pai tinha dito que era “para (a educação d)os filhos” ter saído da Coreia é “pura mentira” e “um pretexto para ele viver no Exterior”.

Por sua vez, embora a educação não tivesse sido considerada em primeiro lugar quando se deu a emigração, podemos ver que essa questão ocupou um lugar importante especialmente quando tiveram que escolher um dentre alguns países candidatos de destino. Retomando o caso de Ha Jeong-a:

[...] Pois bem... na verdade meus pais, originalmente, iam optar pelos EUA por causa da educação de nós. Mas minha tia já vivia aqui naquela época... acho que o caminho se abriu mais facilmente para o Brasil. E pensaram em ficar aqui um pouco e depois ir para os EUA. (Tradução nossa)

E o caso de Jang Yeon-hui também é parecido com o dos outros. A emigração em si já estava decidida, mas como já vimos, os pais dela inicialmente se dirigiram ao Canadá com o plano de ficar lá por um ano com os filhos e deixá-los lá permanecerem porque ainda não tinham nenhuma ideia da educação no Brasil enquanto que conheciam o ambiente educacional no Canadá. Só que quando a família foi conhecer o Brasil, depois de um ano de permanência no Canadá, os pais de Jang Yeon-hui mudaram de ideia. Viram que a situação do Brasil em relação à educação não era ruim e, pensando que a família toda viver junta, decidiram fixar-se no Brasil.

Por sua vez, a vinda da família de Noh Jeong-nan é o caso em que a educação foi considerada prioritariamente desde início em decidir a emigração, como pode-se ver no que ela disse: “mas meu pai tinha sonho, né, de... criar os filhos fora da Coreia”. Jeong Nam-eun também apontou dificuldade financeira que passava logo antes da saída da Coreia. Mas essa dificuldade, a mãe dela sentiu quando começou a planejar a educação superior de todos seus três filhos. Ela decidiu a emigração porque pensou, segundo Jeong, que “na Coreia seria extremamente difícil enviar os três filhos a universidade”.

O depoimento de Kim Su-jin mostra que ela viveu bem na Coreia porque o pai dela era militar e estava garantida uma vida, não luxuosa, mas razoavelmente estável. Mas, mais uma vez, a mãe de Kim, que quis dar melhor ambiente e oportunidades de educação para seus filhos, questionou a então situação econômica da família e sugeriu a emigração para outro

país. Esse outro país que a mãe dela pensou primeiramente era os EUA, como nos outros casos. Mas provavelmente a ida direta para os EUA não se considerou tão viável por não ter uma base com a qual pudesse contar no processo de instalação. E como o tio das crianças já morava no Brasil, e o país era conhecido como “o país de oportunidades”, ela planejou vir primeiro para o Brasil e conseguir a estabilidade material o suficiente para enviar seus filhos para os EUA. Como nas histórias dos outros entrevistados deste trabalho, essa ideia não foi praticada. Nem Kim Su-jin, nem seu irmão saíram do Brasil para estudar em algum outro país, e ela concluiu até o ensino superior em São Paulo, encontrando seu emprego também nesta cidade.

Assim, podemos perceber que a questão da educação para os imigrantes coreanos no Brasil funcionou em graus e contextos diferentes uns dos outros, no que diz aos motivos da emigração. Nesse processo, com exceção da década de 1960, o ano da vinda ao Brasil ou da saída da Coreia não teve muita influência na variação do peso da educação dos filhos. Isso, com certeza, não serve para afirmar que a educação não ocupa um lugar importante para os imigrantes coreanos.

Como veremos nos capítulos que seguem, depois da imigração para o Brasil, mandar seus filhos à escola, apesar da dificuldade financeira, era uma coisa imprescindível para os pais dos entrevistados na maioria dos casos. Outra razão pela qual não se pode fazer tal afirmação, isto é, a de que a educação não ocupou um lugar importante na avaliação do projeto da emigração pela geração dos pais dos entrevistados, embora a maioria dos depoimentos aqui trazidos dê essa impressão, reside no fato de que a entrevista foi feita com os filhos, *Geração 1.5*, que não participaram da decisão da emigração.

Uma das coisas que foi possível perceber ao longo das entrevistas é que não se pode evitar o limite em obter uma resposta exata e profunda quando a pergunta se trata de “origem” e “motivos” da vinda. Como foi bem esclarecido na definição do próprio termo *Geração 1.5*, uma das condições ou características em comum dessa geração é a não participação efetiva do processo de tomada de decisão da imigração. Por esta razão, é necessário que se leve em consideração o fato de que os motivos da vinda fornecidos pelos entrevistados provavelmente são pedaços dos verdadeiros motivos dos pais deles e sua própria interpretação baseada neles ou hipótese. É pela mesma razão que é difícil ter ideia de o quanto a dimensão política da Coreia funcionou como motivos da saída antes da democratização do país.

Como se vê nos depoimentos aqui trazidos, com exceção dos entrevistados que imigraram nos anos de 1960, os motivos da vinda que os entrevistados sabiam responder com maior certeza estavam ligados à dificuldade financeira, por essa ser algo que se sente mais na

pele, mesmo para crianças. Enquanto isso, a parte relacionada à instabilidade política não apareceu muito nos depoimentos como fatores diretamente ligados à saída da Coreia. Isso, com certeza, não é porque a sociedade coreana nas décadas sucessivas, isto é, nos anos de 1970, 1980 e 1990, estivesse estável politicamente. Pelo contrário. Embora a atmosfera anticomunista tenha sido aliviada no decorrer do tempo, ainda havia outra tarefa, a democratização do país, que não foi cumprida até o início dos anos de 1990.

Oh Min-chan, que imigrou em 1986 com 11 anos de idade se lembra de um “curso” ou “treinamento” do qual participou com a mãe:

A gente parou tudo para se preparar a saída. Acho que foi por volta do dia 20 de novembro. Eu também deixei de ir a escola. Naquela época, para fazer o passaporte, você tinha que ir a um órgão e assistir a o tal orientação ou instrução de cortesia. Por exemplo, lá ensina como você deve agir ou reagir caso encontrasse um norte-coreano no Exterior. É que como meu nome também estava no passaporte da minha mãe, fui lá com ela assistir a instrução. Eu me lembro disso até hoje. Isso durou umas quatro semanas. Acho que, naquela época na Coreia do Sul, ainda permeava a tensão com a Coreia do Norte e por isso que fez aquele tipo de orientação ao povo. Ou mesmo sem contar a relação com a Coreia do Norte, isso mostra o patriotismo da Coreia do Sul... (Tradução nossa)

Ele, que viveu desfrutando da vida confortável na Coreia e ainda novo, não declarou que alguma vez se sentiu inseguro com relação à situação do país daquela época. Mas essa parte da memória dele mostra simbolicamente que o povo da sociedade coreana ainda não vivia a plena liberdade que hoje a Constituição garante.

Enfim, é inevitável que as respostas dos entrevistados sobre sua origem e motivos da vinda sejam parciais devido ao fato de que elas foram conseguidas via indireta. E a precisão da versão deles quanto aos motivos da vinda, naturalmente, dependerá de com que frequência e profundidade têm acontecido conversas com seus pais. Contudo, acredito que essas respostas, baseadas nas observações feitas a partir dos olhos dos filhos, têm um significado importante. Elas são o início da contínua interpretação pela *Geração 1.5* do outro mundo, o Brasil, que têm que abraçar para elaborar seu próprio projeto da vida no Brasil.

CAPÍTULO 5. PAPEL DO DOS QUATRO AMBIENTES PRINCIPAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Neste capítulo, examinaremos os papéis exercidos pelas instituições escolhidas nesta tese no processo de socialização dos entrevistados desde o momento em que chegaram ao Brasil até a formação do ensino superior, principalmente. Escolhemos os quatro principais ambientes nos quais eles circulavam e continuam circulando – a família, a escola, a religião e a comunidade. A escolha desses ambientes se deu levando em consideração o fato de que eles surgem mais frequentemente como unidades mais influentes tanto nas entrevistas realizadas nesta pesquisa quanto ao longo da observação da comunidade coreana em São Paulo.

Para quem vive a crescente complexidade do mundo contemporâneo e, nesta tese, para os entrevistados que vivem essa complexidade sendo imigrantes coreanos num país onde convivem com pessoas de origens mais variadas, a questão da identidade não é um assunto tão simples. A respeito da relação entre o sujeito e múltiplas referências em termos de valor, costume, etc. na socialização do indivíduo, Stuart Hall (2006) coloca:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele; ela habitava” (HALL, 2006, p. 11).

Mead (1934), que também enfatiza essa interação entre o indivíduo e a sociedade, descreve a importância essencial da sociedade na emergência do *self*, composto tanto por *Eu*-sujeito, quanto por *Me*-objeto, apontando que:

A sociedade humana não poderia existir sem *minds* e *selves* já que todos os seus aspectos mais característicos pressupõem a posse do *minds* e *selves* de seus membros individuais; mas seus membros individuais não poderiam possuir *minds* e *selves* **se estes não tivessem surgido dentro ou emergido do processo social humano** em seus estágios mais baixos de desenvolvimento. (MEAD, 1934, p. 226, grifo nosso)

Como vemos no trecho acima, é imprescindível alguém estar inserido no processo social onde ocorre, não simplesmente vivência nele, mas uma convivência com outros membros para que esse alguém ganhe *mind* e *self*, ou seja, para que se torne um ser social

capaz de “compartilhar” com outros membros uma série de significados importantes da sociedade (GEERTZ, 2008) à que pertence.

Semelhantemente, Velho (1987) pondera a esse respeito que o indivíduo é percebido como tendo uma “dimensão fabricada culturalmente”, que é acrescentada ao agente empírico ou unidade biológica.

No contexto da imigração, as instituições sociais significantes ou unidades encompassadoras escolhidas neste trabalho exercem duas funções distintas: um é a transformação de seus membros em valor básico da sociedade, aqui, brasileira e o outro é a transmissão da *memória* da Coreia. A vivência e convivência nesses ambientes, isto é, aprender a viver esse duplo pertencimento cultural, é exatamente o que torna os entrevistados a *Geração 1.5*, a geração “entre” a primeira e a segunda geração dos imigrantes coreanos. É indispensável acompanhar esse processo de socialização dos entrevistados especialmente no que concerne à formação de uma espécie de “sistema de filtração” ou “lente” de interpretação da realidade e à relação entre projetos individuais e os círculos sociais em que o agente se inclui ou participa (Op.cit., p. 26).

5.1 Papel da família

Dentre outras organizações sociais, a família pode ser considerada a unidade mais fundamental da socialização do indivíduo, principalmente no que se refere à reprodução e à manutenção da espécie. Nela, são executadas as necessidades mais básicas do indivíduo. Tanto na Coreia como em países ocidentais a família representa uma unidade básica, na qual acontece primeiramente a aprendizagem e a socialização do indivíduo. Coreanos têm uma forte ligação ao vínculo sanguíneo. O assim chamado “familismo” é frequentemente apontado como um traço que caracteriza comportamentos sociais de coreanos.

Há mais de meio século começou o processo de dissolução do sistema de família ampliada (consanguínea) na Coreia, processo este que ocorreu simultaneamente à transição da sociedade coreana da agrícola à industrial. Na década de 1970, começa a industrialização e a urbanização do país, juntamente com as migrações domésticas, em especial rumo às grandes cidades. Esse é um movimento que vai caracterizar as décadas seguintes, fazendo com que a difusão da família nuclear se tornasse acelerada. Nessa mudança, as funções exercidas pela família sofreram certas alterações, mais nitidamente nas décadas de 1980 e 1990, quando muitas famílias passaram a exercer papéis mais funcionais do que emocionais, se comparados aos papéis exercidos em tempos anteriores.

Juntamente com o contexto acima apontado, relativo às mudanças ocorridas no sistema familiar no período em que ocorreu a imigração coreana, também é preciso levar em consideração, na análise que faremos a seguir, o contexto de imigração coreana em São Paulo, que proporcionou inevitáveis alterações ou limitações dos papéis das famílias de origem coreana.

Neste capítulo faremos uma análise do papel exercido pela família na formação dos imigrantes coreanos entrevistados, que tomamos como objeto na presente tese. O foco aqui será feito a partir de três aspectos: primeiro, a preservação dos costumes coreanos; segundo, a aprendizagem da verticalidade em se relacionar com pessoas; e terceiro, o amadurecimento precoce.

5.1.1 Preservação da cultura coreana

No contexto particular de imigração, um dos papéis mais básicos exercidos pela família seria a preservação dos costumes do país de origem. Mesmo levando-se em consideração o fato de que muitos imigrantes coreanos, frente à necessidade de conseguir uma estabilidade financeira no Brasil, não tenham se preocupado em preservar e transmitir os costumes e valores coreanos de maneira sistemática, sob o nome da educação, não se pode negar o papel que desempenharam nesse sentido. A simples convivência duradoura no seio familiar já permite, pelo menos, o mínimo grau da aquisição do gosto relativo à comida, à cultura, e à língua coreana.

Primeiro, os hábitos alimentares são preservados com naturalidade dentro do seio familiar. Mesmo nos anos pioneiros da imigração no Brasil, quando não havia mercearias de produtos coreanos, a comida foi feita quase sempre ao estilo coreano, com certa adaptação, como nos narra Im Hye-suk:

[...] a comida era sempre coreana, lógico! Naquela época já havia uma empregada doméstica que fazia algumas comidas brasileiras também, mas eu nem sabia usar garfo e faca. Ela preparava molho à bolonhesa para macarrão, mas eu comia o molho com arroz e *kimchi*⁸¹. (Tradução nossa)

Em função da falta de tempo disponível para caprichar nas necessidades básicas,

⁸¹ *Kimchi*⁸¹ (김치) é um prato tradicional coreano, composto por vegetais misturados com pó de pimenta vermelha, sopa de arroz, alho, cebolinha e outras especiarias, e depois fermentados. Pode ser preparado com vários tipos de vegetais, tais como acelga, nabo, rabanete, pepino etc. Para mais detalhes sobre algumas comidas coreanas que surgem ao longo da tese, ver o Glossário desta tese.

aprender a fazer comida realmente brasileira só ocorreu algum tempo depois da imigração, mas mesmo nesse caso, sempre foi dada prioridade à na comida coreana.

De modo semelhante, Lee Jae-rin, recorda a fase de instalação no Brasil, quando sua família fez algumas mudanças de moradia e atividades econômicas:

[...] Nessa época a gente começou a aprender a comer comida brasileira. Foi quando eu tinha mais ou menos dez anos de idade. Sim, meus pais também. Bife e feijão, essas coisas. E a gente comeu sempre o arroz coreano, *kimchi*. Até hoje a gente come o arroz coreano. Outros pratos acompanhantes podem ser brasileiros. Mas o arroz é coreano. Minha mãe mesma fazia *kimchi*.

Nos trechos acima apresentados, arroz (coreano, ou seja, japonês) e *kimchi* são comentados em comum para descrever a composição do cardápio do dia-a-dia. Os relatos dos outros entrevistados não fogem muito a isso. Alguns deles recordam que a presença dos avós, especialmente da avó na família, foi decisiva para preservar os costumes coreanos, começando pela comida.

A esse respeito, Kim Jin-mo fala: “É lógico que você segue o estilo da comida do que seus pais fazem. Especialmente, como minha avó só faz a comida coreana, essa influência é realmente grande. O principal no cardápio na minha casa sempre era coreano. (Tradução nossa)”

Lee Pyeong-an, que também morava com sua avó, fala, sorrindo, que a única comida brasileira que ela sabia fazer era “macarrão”.

Ao descreverem o estilo da alimentação da família desde a imigração ao Brasil, alguns narram os nomes dos pratos mais preferidos até hoje. A este respeito, Gwak Tae-gyeong descreve: “Por sermos coreanos, a preferência está para pratos coreanos. Pratos prediletos da família são *doenjangjjige* (된장찌게 – misoshiro coreano), *miyeokguk* (미역국 – sopa de alga), *bulgogi* (불고기 – churrasco coreano).”

Percebemos, então, que todos os entrevistados responderam que têm mantido os hábitos alimentares coreanos, “principalmente”, “quase sempre”, “predominantemente”, “100%”, “só” – como eles mesmos dizem. Especialmente entre os entrevistados ainda solteiros, essa tendência é mais forte por ainda morarem com seus pais (a primeira geração dos imigrantes coreanos), que têm maior gosto na comida coreana, e também por não ainda precisarem cozinhar para filhos, estes provavelmente que terão maior grau de adaptação à cultura brasileira, inclusive à alimentação.

Por sua vez, pode-se dizer que a língua é uma herança que se distingue dos outros costumes que são obtidos naturalmente. Isso porque há necessidade de um plano mais elaborado quando pretende “ensinar” essa língua aos filhos. Mas é preciso lembrar que, em muitos casos de imigrantes, a língua do país de origem é preservada por meio da exposição contínua a ela, que continua sendo “falada” pelas famílias, que acabam tendo papel fundamental na aprendizagem da língua do país de origem.

De fato, enquanto os entrevistados manifestaram a preferência unânime pela comida coreana, influenciados pelos hábitos alimentares da família que têm sido transmitidos com mais naturalidade em suas famílias, observa-se relativa divergência quanto à dominação da língua coreana, dependendo da idade com a qual se deu a imigração.

A maioria dos entrevistados mostrou o alto nível de dominação da língua coreana, o que contribuiu para realizarem a entrevista em coreano sem problemas, embora alguns tivessem tido dificuldades em empregar e entender alguns vocábulos. Mesmo nos casos em que a entrevista foi realizada em português, foi possível a mistura parcial de duas línguas, na medida em que eles “entenderam” o coreano, embora não soubessem falar a língua fluentemente. Assim, percebe-se que para a maioria dos entrevistados que já foi alfabetizada na Coreia, o que foi preciso na verdade foi preservar e aperfeiçoar a habilidade com o coreano. Essa preservação e/ou aperfeiçoamento foram feitos, em grande parte, por meio da conversa com os membros da família como foi dito acima e, com seus conterrâneos no ambiente comunitário coreano.

Por exemplo, ao ser perguntada sobre a proporção de coreano e de português falados durante a conversa com os membros da família, Im Hye-suk responde que foi “só em coreano” no início. Diz ela: “No início só conversava em coreano com os irmãos e com os pais, mas depois que aprendi o português, comecei a misturar as duas línguas para me comunicar com meus irmãos... (Tradução nossa)”

É interessante verificar que a absoluta maioria dos entrevistados, incluindo Im, que imigraram nas décadas de 1960 e 1970, tem mais afinidade com a língua coreana, embora hoje já tenha o nível razoavelmente alto de fluência em língua portuguesa. Assim, muitos deles atuam em áreas profissionais onde seu relacionamento ocorre com os brasileiros.

Os casos de Ju Yeong-chai e Choi Seung-gyu, que vieram ao Brasil nos anos de 1980 com menos de dez anos de idade, são semelhantes no sentido de que conversam em coreano com seus pais, mas já com as irmãs, conversam mais em português, misturando “um pouco de coreano”.

Essa diferença do nível da dominação de coreano, e assim, de português, deve-se a

vários fatores, mas estima-se que o mais destacado na preservação da língua no ambiente familiar seja, mais uma vez, a presença dos avós dentro da família. Im Hye-suk completa seu relato, acima colocado, falando de sua avó:

[...] Como os meus pais saíam para trabalhar, era minha avó quem ficava em casa. Como ela não entendia português, eu e meus irmãos fomos forçados a falar em coreano em casa. O meu irmão não sabe ler, mas sabe falar em coreano e, entre nós, misturamos as duas línguas. (Tradução nossa)

Semelhantemente, Gwak Tae-gyeong também fala que a aprendizagem de coreano se deu em casa, especialmente com o “esforço da avó”.

Na impossibilidade de receber dos pais maior atenção e orientação o tempo todo, quem veio ao Brasil junto com os avós desfrutava do cuidado deles: desde a comida até a língua, o papel exercido pelos avós é significativo para muitos imigrantes coreanos.

No caso dos entrevistados que foram liberados da responsabilidade de ajudar seus pais no trabalho, o tempo que ficavam com eles diminuiu. Quando esse tempo não foi preenchido pela presença dos avós a habilidade com a língua coreana não avançou muito. Esforços para manter o contato com o coreano que vão para além da convivência com os membros da família, tanto por parte dos pais como dos próprios entrevistados, variam de caso para caso, o que trataremos no capítulo sobre o projeto dos pais.

Conforme o que relatam os entrevistados, usar coreano na conversa com seus pais é mais que natural, é o “respeito” a eles. É esse um dos motivos que faz com que alguns entrevistados com muito mais habilidade com o português do que com o coreano, ainda fazem questão de falar em sua língua de origem, como é o caso de Choi Seung-gyu. Outros entrevistados, que falam ter assistido TV junto com a família, relatam que até a escolha de programas da TV tinha que ser feita respeitando seus pais. Isso porque eles não entendiam quase nada de português – já nesse caso havia, claro, pequenas reclamações da parte dos entrevistados por terem tido que fazer concessões quando crianças.

Enfim, tais meios de preservação da língua coreana como um todo já se tornaram muito difíceis de serem mantidos nas famílias compostas pela *Geração 1.5*, e pela segunda geração. Antes de tudo, a própria *Geração 1.5* tem um bom domínio do português, fazendo com que não haja mais necessidade de insistir no uso do coreano na conversa com seus filhos, a segunda geração.

5.1.2 Aprendizagem da verticalidade no relacionamento

O que torna a *Geração 1.5* merecedora de tal denominação seria a coreanidade e a brasilidade integrada por eles. Como vimos, a família é onde se adquirem os costumes coreanos que definem tal coreanidade. Mas parece haver outro traço da coreanidade da *Geração 1.5* adquirida nesse ambiente que a aproxima mais da primeira geração, distinguindo-a da segunda geração, qual seja: a verticalidade detectada na maneira de pensar e agir daqueles que se consideram pertencentes a essa geração.

Para o pastor Park Jee-bum, que tem se dedicado ao ministério voltado à *Geração 1.5* e à segunda geração de imigrantes coreanos, tendo a sede no Centro Cultural QUM⁸², localizado no bairro de Bom Retiro, a “verticalidade” e a “horizontalidade”, características bem representantes da sociedade coreana e da brasileira, respectivamente, são o eixo que auxiliam a compreender a tendência das características das duas gerações. Segundo ele, a proporção dessas duas características pode servir como um critério para distinguir a *Geração 1.5* da segunda geração. Teoricamente, a segunda geração, que vive mais envolvida na sociedade brasileira, tem tendência a desfrutar mais da relação horizontal com as pessoas do que a *Geração 1.5*.

Podemos entender a manifestação dessas duas características examinando os aspectos do “relacionamento” e dos “valores” procurados pelo indivíduo. Como se sabe bem, a verticalidade no relacionamento social é um traço representativo do sistema hierárquico, e numa sociedade vertical os valores mais procurados são “obediência” e “respeito” aos superiores, em termos de posição, de idade e de sexo. Estima-se que a ênfase dada a estas “virtudes” passou a ser reforçada, e até modificada, na sociedade coreana, com a influência do confucionismo, distinguindo a verticalidade da sociedade coreana da das outras sociedades.

De fato, as palavras usadas pelos entrevistados em suas recordações dos momentos compartilhados com a família parecem não fugir muito disso. De acordo com os relatos dos entrevistados, a concretização de tal verticalidade ocorreu na atmosfera do relacionamento hierárquico da família. Embora nem sempre seja expressa com a palavra “obediência”, os relatos nos permitem presumir a autoridade dos pais, especialmente do pai, com relação aos demais membros da família, por ordem de idade.

Para que tenhamos uma ideia mais clara da atmosfera acima descrita, tomemos alguns casos como exemplo. Primeiro, Park Dong-min recorda o tratamento especial que seu

⁸² O QUM iniciou seu ministério no endereço atual, Rua Lubavitch 79, Bom Retiro, São Paulo desde 2004.

pai dava ao primeiro filho, o irmão mais velho de Park:

O pai sempre tem preferência pelo filho mais velho, e só quer saber dele. O mais velho sempre tem privilégios. [...] Diálogo entre eu e meu pai era raro... ele dizia que o mais velho precisava ser bem sucedido para que os mais novos também fossem. Parecia que o segundo e o terceiro filho existiam somente para beneficiar o primeiro. Meu pai carregava a ideologia da época da Guerra, mas, na realidade, **ele não conseguiu transmitir completamente a nós.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Ele fala que não se identificava com esse estilo coreano que seu pai tinha porque ele já estava adaptado ao estilo de vida do Brasil, o que dificultou mais ainda o diálogo entre ele e seu pai. Por respeito, ele não repreendia esse lado do pai abertamente, ou seja, não tomou uma atitude rebelde, mas isso não significa que tenha aceitado. Só o fato de ele não aceitar já era suficiente, segundo ele, para o pai considerá-lo um filho problemático naquela época.

Kim Jin-mo também conta que não houve muita conversa com os pais, mas diferentemente de Park Dong-min, ele dá um grande valor e significado à vivência dentro da família:

Não tive diálogos profundos com os meus pais. Eles eram muito tradicionais. Eu e meus amigos dividíamos as nossas angústias e problemas entre nós mesmos. Apesar disso, sinto que o diálogo não é tudo... **Só o fato de conviver com meus pais e ser vigiado por eles, muitas vezes, servia de consolo.** (Tradução nossa, grifo nosso)

No caso de Kim, hoje pai dos três filhos adolescentes, o fato de que ele não está passando mais tempo com seus filhos por causa do trabalho faz com que ele recordasse sua adolescência com gratidão e sentimento de culpa por não estar fazendo o mesmo agora. Pois, embora a vida de então realmente não tivesse sido fácil, sempre estar com a família de perto servia de um grande “consolo”.

Enquanto isso, é preciso notar que a maioria dos entrevistados distingue “ter relacionamento íntimo ou afetuoso”, de ser “amigos” de seus pais. Gwak Tae-gyeong fala da mudança de relacionamento com os pais: “Quando mais novo, era um relacionamento muito formal e frio, e nada íntimo. Só quando passamos por dificuldades quando meu pai ficou doente nós começamos a relacionar mais profundo.”

Ao ser perguntado se ele e os pais eram amigos, ele responde, “Sim e não porque nós conversamos bastante de forma amigável nos dias de hoje, mas na cultura coreana dificilmente se faz seus pais um amigo.”

Da mesma maneira, Shim Jeong-mi questiona o significado de ser íntimo e tenta descrever como é o relacionamento com os seus pais:

Pois é... esse conceito de intimidade... não sou muito íntima da minha mãe. Com meu pai, já houve tempos em que fomos mais próximos. Não sei se é um problema da minha família, ou se a geração deles era assim, mas a nossa família não tem o costume de compartilhar problemas pessoais de cada um... apenas assuntos cotidianos. (Tradução nossa)

No caso de Kim Su-jin, cujo pai era militar na Coreia, ela relata que ele sempre tinha o ar “patriota” na casa. O discurso que o pai dela fazia nas reuniões com os visitantes sempre tinha comentários incentivadores aos conterrâneos para honrar a pátria por meio de uma instalação bem sucedida no Brasil. Entendemos que, no caso de Kim Su-jin, nasceu naturalmente a consciência da nação coreana, ou a consciência de sua nacionalidade coreana de modo mais explícito pela vivência no seio familiar. Quanto à ordem hierárquica dentro da família, ela conta sobre sua relação com o irmão mais novo: não tinha um relacionamento íntimo com ele, mas ele sempre “respeitava” e “obedecia” a ela. É interessante ver que, diferente do caso de Park Dong-min, essa atmosfera foi aceita positivamente tanto no processo de crescimento de Kim, quanto para o que ela é hoje:

A minha mãe me ouvia muito... ela ouvia todos os meus desabafos... ela era meu **refúgio**... Já com o meu pai, eu tratava de assuntos sérios como casamento, futuro, etc. Quando eu tiver uma família, quero ser como eles, pois são bons modelos. Facilita para mim, porque não preciso começar do zero. É só copiá-los e acrescentar mais alguns detalhes. Penso que eles cumpriram bem seus papéis de pais. (Tradução nossa, grifo nosso)

Para Kim, a mãe era seu “refúgio”, para quem sempre podia contar qualquer assunto sem hesitar; e na relação com a mãe, Kim podia relaxar mais, enquanto com o pai não tinha esse fôlego, mas podia contar com ele quando se trata de decisões importantes como estudo e profissão. Assim, para Kim, ter uma família na qual os membros têm exercido seu papel de modo apropriado, “cada um em seu lugar”, teve maior contribuição para se adaptar à vida no Brasil sem passar por grandes riscos.

Por sua vez, Ko Su-hyeon fala que o pai era “ausente”, e prossegue dizendo:

Ele sempre ficou no lugar do papai que sustenta a família, e não como amigo ou companheiro da família. Pensando agora, acho que era porque ele se sentia culpado de não ter dado muito certo nos negócios depois da imigração, então ele ficou com muita obsessão no trabalho e negócios. Meu pai tinha uns pensamentos muito quadrados e fechados. Tipo, vivia falando que não

gostava namorar depois dos 22 anos, e detestava que eu respondesse das coisas que ele falava.

Nota-se que o “lugar do pai” escolhido ou mantido por seu pai não foi interpretado como sendo algo desejável por Ko Su-hyeon. Além do “lugar”, o “estilo” “quadrado” e “fechado” que ele tinha de se relacionar com os filhos também não era algo que deixasse Ko ter afinidade com ele: pelo contrário, ela fala que, quando era mais nova, guardava rancor.

Enquanto Kim Su-jin foca mais no respeito recebido por seu irmão mais novo, influenciado pela atmosfera da família, Ko Su-hyeon fala das responsabilidades cobradas pelo pai: como ela era a filha mais velha, deveria ser uma irmã que desse bom exemplo para o irmão. Essa era uma das responsabilidades impostas para dela.

Dessa maneira, nas descrições feitas pelos entrevistados sobre as atmosferas da família foi possível ter uma ideia das posições de cada membro da família, e do modo de relacionamento entre eles. Enquanto isso, há relatos que vislumbram o devido comportamento das mulheres, especialmente quando se trata de jovens solteiras. Por exemplo, Kim Ae-yeong, que imigrou na década de 1960, fala da “sanção” colocada por sua mãe quando ela e sua irmã eram moças:

Meus irmãos eram vendedores de frutas, mesmo não sabendo falar nada em português. Mas minha mãe sempre falava que as meninas não podiam frequentar tais ambientes porque isso atrapalharia o futuro casamento da minha irmã mais velha. (Tradução nossa)

O depoimento de Kim reflete até certo grau a sociedade coreana da época quando ela saiu da Coreia. A sociedade coreana, antes de se sofrer as mudanças significativas pela urbanização e modernização, quando o lugar e o papel da mulher e do homem estavam nitidamente definidos, era constituída da seguinte maneira: considerava-se normalmente que o lugar da mulher era em casa, sob a instrução dos pais, antes de casar e, depois de casar, cuidando da família; enquanto do homem esperava-se o papel de sustentar a família sozinha.

Mas especialmente com a influência dos missionários evangélicos, nasceu a consciência de garantir oportunidades igualitárias de educação também para mulheres já no início do século XX. De fato, como vimos, todas as entrevistadas que imigraram nas décadas de 1960 e 1970 foram instruídas para cursar o ensino superior pelos pais, sem discriminação nenhuma por serem filhas. Mas o depoimento de Kim Ae-yeong nos faz presumir que ainda não havia grandes alterações essenciais quanto ao comportamento das mulheres.

Observa-se que os entrevistados como um todo respeitaram a autoridade dos pais de

maneiras diferentes, embora nem sempre tivessem concordado com o pensamento e o estilo de vida deles. No entanto, alguns relatam que era inevitável passar pelo “choque cultural” na família, à medida que foram se adaptando à cultura brasileira, como no caso de Noh Jeong-nan:

No começo, por causa da língua, em casa... **porque as filhas vão ficando mais brasileiras. Vão se adaptando mais à cultura brasileira. E os pais, nem tanto.** Então, às vezes quando a gente falava com eles, eles ficavam ofendidos. Por exemplo, falo assim: “mãe, não mãe, você tá louca?” Estar ‘louca’ no Brasil, a gente não tá chamando que ela tá doente, entendeu? Mas ela traduzia isso... E quando respondia assim... quando não respondia direito, falava... sabe, aquele gesto “ah não sei”, sabe, tipo assim. **Então tinha choque cultural nesse sentido. Mesmo eu sendo coreano como a mamãe e o papai, a gente veio na mesma época, a gente tinha choque cultural em casa.** E também, minha mãe e meu pai gostavam de assistir novelas brasileiras, e papai falava bem português já porque estudou. E minha mãe não muito. [...] E às vezes a gente assistia junto, e ela perguntava. E eu respondia e ela não entendia, e ela ficava irritada. Porque a gente respondia de qualquer jeito. Nossa, tinha choque, sim. **Choque começou. E quando a gente começou a falar bem português, já começou a ficar mais abasileirada, aí começou a ter choque com meus pais...** Até então, não. Quando o nível era mais ou menos igual, não. Quando os filhos começam a crescer, vão absorvendo mais cultura brasileira, aí eles tiveram... (Grifo nosso)

É interessante observar o modo como certos gestos e linguagem abasileirados das filhas foram interpretados pelos pais, nesse relato, pela mãe de Noh Jeong-nan. Ainda que os pais dela tivessem feito um esforço relativamente maior para acompanhar a sociedade brasileira aprendendo a língua, a absorção da cultura local não ocorreu com a mesma velocidade que para as filhas. Noh Jeong-nan e Park Dong-min foram os únicos que relataram esse tipo de desentendimento, mas segundo eles, a situação não chegou a ser gravemente conflituosa. Estima-se que isso se deva ao respeito que eles tinham pelos pais e, também, pode pelo fato de entenderem melhor a cultura coreana da geração dos seus pais pelo convívio íntimo com eles, o que não se espera muito da segunda geração.

Ao longo dos relatos dos entrevistados vimos os aspectos da atmosfera dominante da família, os quais vislumbram a verticalidade do relacionamento, influenciados pelas características conservadoras do confucionismo. Foi possível perceber que, como Kim Hyung-mi (1996, p. 15) pontuou brevemente na sua dissertação, na família coreana, era difícil ou impossível que pai e filho serem amigos e tratem-se como iguais, especialmente no período em que se deu a imigração coreana para o Brasil.

É importante compreender esse aspecto do relacionamento de natureza vertical,

porque a autoridade do pai não se restringe à família. O respeito aos mais velhos, aos seus superiores hierárquicos, etc., manifesta-se nos vários domínios da vida social, como na família, na escola, na empresa, etc. Assim, agir de modo apropriado em seus devidos lugares e nas relações variadas com as pessoas, conforme o padrão coreano, ainda é uma preocupação constante para a *Geração 1.5*, mesmo que desfrutem de uma relação mais horizontal, adquirida fora da esfera considerada coreana.

5.1.3 Amadurecimento precoce

Como veremos mais adiante, ao imigrarem para o Brasil, todos os entrevistados continuaram o estudo em instituições de ensino regular, completando o ensino superior.⁸³

Porém, os depoimentos deles mostram que o apoio à oportunidade de ter ensino regular nem sempre foi dado tão facilmente, principalmente nos anos pioneiros da imigração coreana: muitos da *Geração 1.5* tiveram que participar do sustento da família nos períodos do dia em que não estavam na escola, em sua infância e adolescência. Mesmo os entrevistados que podiam dedicar-se quase exclusivamente aos estudos, independentemente das épocas de vinda para o Brasil, acompanharam a luta de seus pais no penoso processo de instalação, tendo que dividir as tarefas, as quais teriam sido assumidas normalmente pelos pais se tivessem permanecido na Coreia. Estima-se que, ao longo dessa jornada, os entrevistados passaram a constituir certos traços, tais como o senso de independência, de responsabilidade, o amadurecimento precoce, que são apontados como características marcantes da *Geração 1.5*.

Vemos que a participação dos entrevistados no trabalho foi exigida com maior frequência e intensidade nas décadas de 1960 e 1970. Recorremos aqui ao caso de Im Hye-suk, que fala que, naquela época, toda a família trabalhava junta:

(Chegando em São Paulo) A família inteira trabalhou bordando roupas infantis. [...] Tinha que economizar tudo. Quando meu pai chegou da Coreia, mudamos para Campinas, e lá abrimos uma mercearia, e vendíamos frutas e legumes. Eu ia para escola de manhã, e à tarde ajudava na mercearia. Trabalhava até nos finais de semana. Não sabia o que era passear, mesmo na adolescência. [...] era difícil. Na Coreia, independentemente de ter dinheiro ou não, só precisava estudar... mas aqui, **aos 12 anos de idade parecia que eu já tinha amadurecido**. (Tradução nossa, grifo nosso)

⁸³ Não é o caso dos entrevistados da nossa pesquisa, mas os depoimentos de alguns entrevistados fazem nos presumir que até os anos de 1970 muitos que vieram para o Brasil perto da maioridade não tiveram chance de continuar o estudo no Brasil em função da dificuldade financeira, apesar da importância da educação dada pelos coreanos.

Além da falta de mão de obra na família, o fato de Im ser nova para aprender rápido a língua fez com que fosse necessário ajudar os pais ativamente nos trabalhos em que tinham que lidar com brasileiros, o que a fez amadurecer mais cedo.

Por sua vez, a história de Hwang In-pyo reflete um repertório típico de muitos imigrantes dos anos de 1970, cuja família trabalhava com oficina da roupa, onde era preciso que praticamente todos os membros da família se revezassem visando a uma maior produtividade (CHOI, K., 1991, p. 103). Diz Hwang: “Era como se tivéssemos uma oficina de costura, mas eram todos da nossa própria família [...] éramos seis irmãos, mais a minha mãe... uh... até quando entrei na universidade continuei a trabalhar nisso. (Tradução nossa)”

Jeong Nam-eun, que estava fazendo o curso de composição musical, teve que suspender seu estudo quando o congelamento foi decretado pelo Plano Collor, como medida de estabilização da inflação: “A situação ficou difícil, e tive que parar de estudar, porque não dava para pagar as mensalidades [...] e só tinha eu para ajudar a minha mãe. (Tradução nossa)”

No caso de Kim Tae-eun, a suspensão do estudo ocorreu mais cedo, quando estava no colégio, no final de 1990, devido a muitas dificuldades que a família estava passando. Como demorou mais tempo para a situação financeira da família se estabilizar, ela, sendo a primeira filha, ficou com a responsabilidade não só de ajudar os pais na loja, mas também de cuidar das suas irmãs mais novas, desde doze anos de idade.

O papel que eles exerciam como tradutor no trabalho dos pais também é considerado como um critério para serem classificados como *Geração 1.5*. Diz Jeong: “Eu e a minha irmã éramos quem mais ajudava. A minha idade facilitava aprender português, e por isso sobrava para mim a função de tradutora. (Tradução nossa)”

Hwang In-pyo também conta que a natureza de sua ajuda na família mudou quando ele entrou na faculdade:

Quando entrei na faculdade, as coisas mudaram um pouco. Continuei a trabalhar com a minha família, mas também fazia uns “bicos”, dando aula particular. Como trabalhávamos no comércio, sempre apareciam uns problemas que era preciso saber português, e então, eu tinha que ajudar a resolver. (Tradução nossa)

De fato, praticamente todos os entrevistados relataram ter a experiência de trabalho como tradutores da família em função do não domínio da língua portuguesa dos seus pais. Essa experiência contribuiu para que muitos deles pudessem atender à crescente demanda de tradutores e intérpretes, à medida que o intercâmbio entre a Coreia e o Brasil foi aumentando.

Enquanto isso, quem trabalhava como vendedor, ou em qualquer outro ramo que não precisava da mão de obra dos membros adolescentes da família, podia liberar seus filhos de tal obrigação. E, com a estabilização do ramo beneficiada pelos esforços dos precedentes conterrâneos, a tendência geral para os que imigraram para o Brasil nas décadas de 1980 e 1990 era poderem livrar-se um pouco do penoso processo de instalação, assim podendo garantir aos seus filhos dedicação maior aos estudos.

No entanto, nem por isso o senso de independência e de responsabilidade deixa de ser característicos do pensamento e da atitude deles. Primeiramente, segundo os relatos dos entrevistados que se encontravam nessa situação, eles ainda precisavam ajudar seus pais em seus trabalhos. Por exemplo, nas lojas de roupa, sua ajuda continuava a existir, mesmo que fosse mais leve em termos da frequência e da natureza: normalmente ficavam no caixa atendendo clientes, mais como intérpretes, ou tiravam as costuras e embalavam as roupas.

No caso de Gwak Tae-gyeong, por exemplo, cujos pais eram missionários presbiterianos, ele ajudava os seus pais todos os finais de semana, e durante as férias.

Além disso, os entrevistados dessa categoria, como um todo, falam que o maior dever era, com certeza, estudar com afinco, além de cuidar dos irmãos mais novos e ajudar seus pais com as tarefas da casa. Normalmente eles mesmos já eram bem cientes do seu papel, sem haver a necessidade de cobrança por parte dos pais.

A este respeito, Lee Jae-rin fala que ela não precisava ajudar seus pais na loja de roupa que ficava em Brás, mas cuidar do seu irmão mais novo e limpar a casa eram sua responsabilidade. No caso de Noh Jeong-nan, como vimos antes, a situação financeira da família era mais estável, e a tarefa esperada dela e das irmãs foi mais dentro da casa:

Não tinha ninguém. Não tinha babá e nada. É assim. Quando o papai e a mamãe saiam, a gente estava na escola. Eu sei que... a gente tinha todas as tarefas divididas. Uma lavava louças, outra lavava roupa, outra lavava quintal, cada uma tinha uma tarefa. Era uma casa pequena, né? Tinha sala, cozinha, um banheiro e três quartos. [...] E a gente, como a criança, já vem madura, como imigrante, papai e mamãe não têm muito tempo junto com os filhos, então acho que os filhos naturalmente são responsáveis.

Ela recorda que essa situação, que a família enfrentou no Brasil, era algo muito diferente do que vivenciavam na Coreia, onde contava com a ajuda de mordomias e vários empregados.

Mesmo os entrevistados que “só estudavam mesmo” relatam que “não tinha nada de moleza e luxo” no estudo e no gasto de dinheiro. Para Kim Su-jin, o hábito de economizar

dinheiro foi criado nos primeiros anos da imigração. Segundo ela, havia certa “pressão” para economizarem naquela época:

Recebia muita pressão para economizar dinheiro, por causa da situação de imigrantes em que vivíamos. Não que não tivéssemos dinheiro, mas tinha uma mentalidade de que era necessário economizar [...] só tive empregada doméstica quando era universitária. (Tradução nossa)

Vimos nos relatos alguns traços que nos permitem presumir uma das características mais distintivas da segunda geração: serem responsáveis e bem disciplinados, ou bem controlados, resultando num grande senso de independência. É importante notar que essa experiência em que “tinham que amadurecer mais cedo” pela circunstância, não por sua vontade, foi e é interpretada de formas diferentes pelos entrevistados.

Ko Su-hyeon conta a história de sua família, que também não tinha uma vida muito estável. Primeiramente, não se instalaram em apenas um lugar depois de sua saída da Coreia: foram para o Paraguai, onde moraram três anos, depois vieram para o Brasil, onde, de São Paulo, mudaram para Curitiba. No caso dela, tornou-se independente em uma circunstância bastante diferente da dos outros:

Os meus pais e meu irmão foram para o Brasil no início do ano 1997. E eu continuei vivendo no Paraguai, separada dos meus pais durante seis meses [...] (Depois de algumas tentativas não muito bem sucedidas em São Paulo) Meu pai conseguiu pegar uma loja de roupa lá em Curitiba, e até então minha mãe tomou a conta da loja. No início, ela vinha todo final de semana passar aqui em São Paulo, mas depois as coisas começaram a estabilizar lá em Curitiba. Aí meu irmão mais novo foi morar com a minha mãe, e eu fiquei aqui em São Paulo com o meu pai. Mas, conforme o tempo foi passando, meu pai começou a sentir falta da minha mãe, e começou a frequentar mais Curitiba e ficar mais tempo. Isso acabou fazendo ele se estabilizar lá com a minha mãe e meu irmão.

A partida do pai fez com que ela viesse a ficar “sozinha aqui em São Paulo”, como ela lembra, mas é interessante vê-la falar isso sem mostrar nenhuma amargura, pelo contrário, mostrando um sorriso satisfatório. Ela prossegue dizendo:

Começando daí, fui aprendendo a ficar mais sozinha e virar mais independente, pois tinha vezes em que ficava meses sem ver a minha família. [...] Depois, a minha família reemigrou para o México. Essas coisas de repetição de imigração me cansavam, e me deixava muito confusa, mas com o tempo passando sentia que tava tendo uma experiência muito valorosa, que raramente da minha idade poderia ter. **Comecei a ficar bem mais independente e aprender a sobreviver sozinha durante esses cinco anos separada com meus pais.** (Grifo nosso)

Ao ser perguntada se não culpava seus pais por a terem deixado passar por diversas necessidades, ou por terem a deixado sentir-se sozinha, responde bem determinada: “Eu nunca os culpei ou culparei, pois isso que fez ter eu de hoje, independente e forte.” Ela fala que muitas pessoas já perguntaram isso para ela, e foi assim que ela respondeu “sempre”.

Jeong Nam-eun, que teve que suspender seu estudo temporariamente para ajudar sua mãe, também valoriza muito o sacrifício da mãe:

Minha mãe sofreu demais... meu pai não ajudava muito... Ela era uma mulher muito forte, mas as circunstâncias tornaram-na ainda mais forte. Ainda na Coreia, ela se tornou viúva muito cedo, tendo que criar três filhos sozinha. [...] E eu tive que ajudá-la desde cedo, me tornando uma **criança – adulta**. Recebi muita influência do estilo batalhadora da minha mãe. Não seria natural isso? (Tradução nossa, grifo nosso)

Enquanto isso, Jeong não atribuiu de modo explícito certa gratidão ao sofrimento que passou na adolescência, assim como Ko fez. Porém, percebemos que esse sofrimento não é encarado com remorso, o que torna em certa medida natural o fato de ela ter se tornado uma “criança-adulta”.

Enquanto isso, Jeong não atribuiu de modo explícito, assim como Ko, certa gratidão ao sofrimento que passou na adolescência, percebemos que nem é encarado com um remorso forte o fato de que ela teve que se tornar uma “criança-adulta”.

Por outro lado, podemos notar nos relatos a ser apresentados a seguir que alguns recordam os momentos difíceis no processo de instalação no Brasil com mais lamentação por terem carregado tanto peso em seus ombros. Esse é o caso, em particular, daqueles que tiveram que dividir com mais intensidade e por período mais duradouro a responsabilidade de sustentar a família.

A influência da família, para Hwang In-pyo, também não foge muito a isso: forneceu a circunstância para ele tornar-se mais independente e maduro, como nos casos dos outros entrevistados. Mas o que o difere dos outros é a percepção aguda de que “a família não pode proteger ele”, e que “então ele mesmo tem que criar esse ‘casulo (meio de proteção)’”.

Semelhantemente ao relato de Hwang, ao ser pedido para contar sobre qual o significado da família para ela, Shim Jeong-mi fala:

O significado de família para mim estava sempre vinculado a **muitos limites**... era difícil... família significa ter muitos limites... como algo que prendem os meus pés... fui a **chefe** de família por muito tempo, e isso limitou muito a minha vida. Penso que estaria agora num cargo mais alto ou

numa situação melhor, caso eu tivesse tido mais tempo para investir em mim e na minha carreira. (Tradução nossa, grifo nosso)

E na memória dela, os próprios pais viviam com limitações, e isso lhe causa sentimentos como tristeza, pena e lamentação. Além disso, o papel de “chefe” que ela assumia depois de ter entrado na faculdade, é lembrado como um peso e uma condição que lhe colocava “muitos limites”.

O que podemos entender nos relatos aqui descritos é que os entrevistados precisavam amadurecer mais cedo frente à circunstância que mudou significativamente depois que saíram da Coreia, onde desfrutavam mais de direitos como filhos, do que de deveres.

Como vimos, as lembranças do momento “duro”, ou pelo menos “não luxuoso” que viveram, são trazidas por cada entrevistado de modo diferente. Contudo, observa-se que a maioria que saiu daquele momento em que não pôde ser apenas uma criança ou adolescente dependente dos pais, valoriza o espírito independente que aprendeu exatamente por meio desses momentos. E de fato, muitos se lembram dessa época com sorriso e certa nostalgia, dizendo, como Kim Jin-mo:

[...] Era um momento realmente difícil mesmo. A casa era tão pequena que a família toda vivia sempre grudada, trabalhando junta, comendo junta, dormindo junta e, afinal, a gente passava muito tempo junta. Não tinha luxo, mas era o momento mais afetuosos e feliz da minha vida. (Tradução nossa)

E o que chama nossa atenção nas falas daqueles que compartilham o pensamento de Kim é que tanto os que passaram muito tempo com a família, mesmo não tendo um diálogo profundo, quanto os que não desfrutaram de tal momento, atribuem o significado de “união” à família. Eles viveram essa união no passado, e querem fazer o mesmo com a família de hoje. Sentir falta dessa união faz com que não queiram que sua família de hoje passe por isso de novo.

Em conclusão a este tópico, podemos perceber que o contexto de imigração fez com que, primeiramente, a família assumisse papéis de preservação da cultura coreana, tais como a comida, a língua e de uma série de outros valores da sociedade vertical e confucionista. Junto a isso, nesse contexto referente à fase inicial da imigração, muitos entrevistados tiveram motivos fortes para se tornarem mais independentes.

Os relatos dos entrevistados nos lembram da afirmação de Rousseau (1973) de que a educação verdadeira está mais em praticar do que em dar lições. Os relatos dos entrevistados mostram que o que influenciou mais a formação do seu caráter, hábitos alimentares e de

linguagem, valores da vida, modo de comportamento em diversas esferas fora da casa etc. foi a própria vivência e a convivência dentro da família.

Na situação em que os pais não podiam dar a máxima atenção aos filhos em função da urgência de conseguir instalar-se, especialmente financeiramente, em São Paulo, nem todos os valores considerados importantes pelos pais chegaram a ser transmitidos aos filhos de forma “verbalizada” sob o nome de “projeto” (VELHO, 1987; 1994), uma educação dada mais explicitamente pelos pais.

No entanto, muitos dos entrevistados relatam que o que seus pais “viveram” era tão intenso que isso foi gravado em sua memória. Certamente a família serviu para os entrevistados se identificarem como coreanos e consolidarem essa identificação e, observa-se que, dentro dessa unidade, o peso da cultura brasileira naturalmente praticada por todos os membros da família era minucioso. Podemos entender que por meio dessa vivência no seio familiar plenamente coreano, a “memória” da Coreia da primeira geração foi transmitida aos entrevistados, a qual foi classificada como a segunda fase da memória da Coreia.

Uma série de normas e padrões estabelecidos conforme essa memória dos pais, e transmitidos aos entrevistados na família, influencia seu processo de individualização (Ibid.), expondo-se com maior grau e amplitude à cultura brasileira.

Pode-se dizer que esses padrões estabelecidos ao longo da vivência no seio familiar funcionam como uma espécie de “freio” aos entrevistados nas outras esferas da vida “brasileira”. Como Velho aponta, “quando vai de encontro às fronteiras simbólicas de determinado universo cultural – ou as ultrapassa – ter-se-á então, provavelmente, uma situação de desvio com acusações e, em certos casos, estigmatização (BECKER, 1966 e VELHO, 1971 apud VELHO, 1987).

5.2 Papel de instituições regulares brasileiras de ensino

Estima-se que, para os entrevistados, a *Geração 1.5* de imigrantes coreanos, a escola foi um “campo com os seus Outros”, brasileiros onde (MEAD, 1934, p. xis) os entrevistados podiam observar diferentes aspectos da diversidade do Brasil, além de terem sido observados por seus Outros.

Dentro do círculo escolar também acontecem contatos com a cultura brasileira e com brasileiros, mas de maneira muito limitada em termos de extensão, densidade e profundidade do relacionamento. Destaca-se, aí, a importância do ambiente escolar na complementação desse relacionamento limitado com o mundo brasileiro, a partir do qual começa a surgir o

hiato entre a primeira geração e a *Geração 1.5* – hiato na dimensão do entendimento e acompanhamento da cultura local pelos sujeitos advindos dessas duas gerações. Isso porque, como foi tratado acima, a primeira geração foi quase sempre excluída da chance de estar na escola, continua no círculo de trabalho e lazer estreito que gira em torno do Bom Retiro, Brás e outros lugares frequentados por seus conterrâneos no decorrer de tempo; enquanto a geração seguinte vai expandindo seu alcance quanto ao entendimento e à habilidade com a cultura brasileira, graças à sua entrada na escola.

5.2.1 Aprendizagem da língua portuguesa, como propiciador da relação com brasileiros

Se, na primeira geração e na *Geração 1.5*, a unidade da família assumiu o papel de preservar a língua coreana junto com outros costumes do dia a dia, uma das contribuições mais evidentes dadas pela escola seria a aquisição da habilidade com a língua portuguesa, por parte da *Geração 1.5*. Para essa geração, mais do que para segunda geração, a escola era praticamente o único lugar onde podiam ter o contato, com efeito, com o Brasil. Esse contato era cada vez intensificado à medida que os imigrantes coreanos iam dominando a língua, por meio da qual passavam a se apresentar nesse mundo, e se relacionar com os brasileiros até concluir sua formação no ensino superior.

Vê-se que, dependendo da época de saída da Coreia, e da condição da família até a fase de instalação no Brasil, varia, mas não muito, o grau e a forma de pré-aprendizagem de português dos entrevistados, seja na Coreia, seja no Brasil antes de entrar na escola. Quem já havia aprendido o básico de português na Coreia ou na viagem de navio para o Brasil, eram 3 dos 26 entrevistados.

No entanto, independentemente dessa diferença, os relatos dos entrevistados mostram que a habilidade com a língua portuguesa, em especial quando se refere a um nível mais sofisticado, foi adquirida por meio da vivência na escola, onde aconteceram os estudos das disciplinas – das aulas às lições de casa – e a convivência com professores e colegas.

Vindo ao Brasil quando ainda nova, Shim Jeong-mi recorda que não tinha muita dificuldade em aprender a língua:

Em relação à língua, eu vim quando era criança, então aprendi a língua rápido só pelo fato de ter entrado na escola. Se vier ainda com 10 anos dá para aprender rápido. Nunca fui marginalizada ou me aconteceu algo do tipo por causa da língua. Sabe por quê? Porque vim logo que entrei no 4º ano. Eu não sabia falar nada em português, e por isso os meus pais me colocaram no 1º ano do Ensino Fundamental I. (Tradução nossa)

Podemos ver, no caso de Kim Jin-mo, que uma das expectativas para com a escola por parte dos pais dele era que o filho aprendesse a língua, tanto o colocaram para recomeçar os estudos desde o 1º aos doze anos de idade:

Comecei desde o primeiro ano. Com 12 anos voltei a fazer treino de traçados. Meu pai dizia: “Se quiser aprender a língua, é preciso fazer desde o começo.” Depois de dois anos fui para uma escola particular. Para o Externato Santo Antônio. Estudei lá até me formar na 4ª série (atual 5º ano), e na 5ª série fui estudar na escola pública. (Tradução nossa)

Do mesmo modo, a maioria dos entrevistados fala que “aprender a língua era só na escola”, conversando. Não havia condição para que fizesse aulas de reforço. Estima-se que esse tenha sido um dos motivos⁸⁴ pelos quais muitos dos entrevistados foram persuadidos ou mandados pelos pais para prepararem-se aprendendo português por um período de seis meses a um ano, antes de ingressar na escola, ou mesmo para entrarem na escola, repetindo alguns anos de estudo considerados necessários para sua inserção na nova língua.

Quem tem essa experiência recorda que não era muito fácil aceitar o fato por alguns motivos. Um dos mais comentados era o “orgulho ferido”, como é possível perceber no caso de Jang Yeon-hui:

Depois de um ano, quando tudo foi regularizado, fui transferida para o Internato. Mas lá só tinha até o 4º ano, sendo que eu deveria entrar no 6º ano. Então eu tive que me matricular no 4º ano, **o que feriu bastante o meu orgulho**. Mas também eu tinha que aprender a falar, pois não poderia ter aulas particulares. (Tradução nossa, grifo nosso)

Para Kim Jin-mo, o mais difícil com relação a isso era a diferença de idade com seus colegas, e a dificuldade de ter um “diálogo” realmente merecedor desse nome:

⁸⁴ Quanto ao ingresso na escola, era muito comum, especialmente entre os imigrantes coreanos pioneiros, atrasar-se um ano ou mais e repetir algumas séries, que já foram concluídas na Coreia, o que se deu voluntária ou involuntariamente. Nos casos involuntários, normalmente era porque não reconhecia na escola a escolaridade já cumprida na escola, ou pela falta de informação, muitos acreditavam que tinha que fazer assim. E muitas vezes a precária condição financeira na fase de adaptação não permitia o ingresso imediato na escola. No caso dos imigrantes posteriores, já tinham mais informações desde a Coreia, podendo trazer o boletim para transferência e entrar na série certa. Por outro lado, tal decisão foi feita voluntariamente por parte dos pais – não dos entrevistados – para seus filhos poderem aprender a língua portuguesa desde o básico e melhor acompanhar o estudo, como foi explicado no corpo acima. Por este motivo, muitos dos imigrantes coreanos contaram com o ensino supletivo – naquela época, se chamava de Madureza – para adiantar o estudo e pular as séries na escola. Alguns dos entrevistados falaram que, como o exame ocorreu só cada seis meses, eles mesmos ou os irmãos deles até viajavam para outra cidade para poder prestar o exame em períodos diferentes. Uma entrevistada fala que a irmã dela viajava para interior de São Paulo, Recife e Brasília para fazer prova para outra série, o que era o caso dos muitos imigrantes coreanos.

E desde então, quando amadureci, é que comecei a aprender a língua. Até antes disso não tive muitas oportunidades de aprender a língua. Porque até aquele momento eu tinha amigos com três a quatro anos de diferença. Além das dificuldades da língua no sentido técnico, **não havia diálogo** (com alguém da minha idade que pudesse me entender), então não tive oportunidades de aprender a língua, pois só assistia as aulas e voltava para casa. (Tradução nossa, grifo nosso)

No caso de Kim Su-jin, a participação era mais ativa, mas o esforço dela nem sempre foi recebido de maneira positiva pelos colegas, que nem sempre eram pacientes com ela, conforme aponta em seu relato:

No primeiro ano não entendia nada do português, e por isso tirava a paciência dos meus amigos. Perguntava: “O que o professor falou?” Minha amiga até ficou irritada porque perguntava toda hora. Uma amiga coreana. Era a mesma coisa com amigos brasileiros. Eu puxava conversa para poder aprender. Era difícil. Por causa dessa barreira na língua tive dificuldades de fazer amizades. (Tradução nossa)

Nos relatos acima citados vemos que surgem mais lembranças de constrangimento, vergonha e solidão em relação aos primeiros momentos na escola.

Porém, a partir dos depoimentos dos outros entrevistados, a serem apresentados a seguir, podemos ver que o processo de aprendizagem da língua varia de caso para caso, dependendo da idade de quando ingressou na escola, o caráter dos entrevistados, e a reação dos colegas e dos professores, entre outros.

Diferente dos casos acima apresentados, observa-se que o fato de viver cercada só de brasileiros enquanto estava na escola, contribuiu significativamente para Noh Jeong-nan aprender “direito” português, a ponto de ela ter orgulho de ter uma gramática que considera perfeita:

[...] Mas era uma escola, lá só tinha brasileiros. Eu lembro que eu não falava nada, mas eu muitas vezes tinha ajuda dos professores e tudo. Isso eu lembro muito bem. Sabe, e os brasileiros são muito gentis e abertos, né? Então foi muito fácil aprender português para mim.

Para Choi Seung-gyu, que tinha apenas oito anos de idade quando imigrou e entrou na escola, esse processo foi muito tranquilo e até divertido. Além disso, como ele mesmo diz, era um menino muito “pentelho”, o que facilitou sua adaptação no Brasil:

Eu gostava de brincar com todo mundo. Até os professores gostavam das minhas brincadeiras. Por isso me relacionava bem com colegas de escola.

No primeiro ano do ginásio falava tudo errado, mas os meus amigos me corrigiam. Sentia vergonha na hora, mas é com os erros que a gente aprende.

Dessa maneira, os entrevistados foram aprendendo a língua mais na prática, sem ter nenhum conhecimento gramatical anterior. Estima-se que essa condição fez com que muitos deles precisassem desenvolver certas estratégias para poder acompanhar o estudo, que exige um nível mais sofisticado da compreensão da língua.

A estratégia mais básica adotada por muitos era “Chutar” ou “depender de palpito”, como Baek Gyeong-tae relata:

No começo era difícil e angustiante. Quando estava no ginásio, era ter que aprender ouvindo uma língua desconhecida. Naquela época, não tinha dicionário português/coreano, mas tinha que usar o português/inglês desse jeito... **Tinha muitas coisas que dependíamos de palpito...** (Tradução nossa, grifo nosso)

É interessante notar que muitos tinham um bom rendimento escolar, apesar da dificuldade com a língua como vimos acima. De acordo com os depoimentos deles, a estratégia era “decorar tudo”, mesmo não entendendo quase nada, e estudar muito mesmo. Outros fatores que os ajudaram a alcançar um bom desempenho escolar eram o reconhecimento de tal esforço pelos professores, e o conhecimento prévio das disciplinas, que já tinham por haverem repetido algumas séries, já concluídas na Coreia.

Para Kim Jin-mo, que não se misturava muito com os colegas brasileiros por causa da dificuldade com a língua, o “amor” e a “atenção” especial que recebeu dos professores, especialmente para aprender português, são o que lembra até hoje:

Na minha memória, lembro-me que recebi muito amor da minha professora. Lembro-me que eu era mestre em matemática, e por isso ficava estudando português com ela. Ela dava exercícios de matemática enquanto ensinava português para mim. [...] Até no Ensino Médio... O Bandeirantes era difícil, e eu tinha dificuldades em tirar nota em português. Mas os professores foram muito benevolentes. Porque éramos esforçados. Eles eram afetivos, super cuidadosos e atenciosos conosco. (Tradução nossa)

Algo semelhante aconteceu com Shim Jeong-mi, que conta que a relação com os professores era sempre agradável, porque eles, entendendo a dificuldade dela como estrangeira, sempre a apoiavam e valorizaram seu esforço. Além disso, algumas disciplinas que não exigiam muito conhecimento da língua em si, por exemplo, a matemática, eram muito fáceis para ela, o que contribuiu para ela manter melhores lugares nas provas e exames.

Por sua vez, Kang Eun-won explica isso com seu hábito de estudar, criado desde seu período de vivência na Coreia:

Então, na Coreia conseguia fazer de tudo... Mas em geral, quando entrei no colegial eu memorizava tudo. Criei a capacidade de falar durante 40 minutos sem parar... Eu apenas memorizava. Passava a madrugada acordada memorizando, e quando falava na frente, as pessoas perguntavam como eu conseguia falar tão bem assim. (*risos*) (Tradução nossa)

A situação também era semelhante para Jeong Nam-eun. Ela fala que “no início nem entendia seu nome quando os professores e colegas a chamavam”, o que fez ela se dedicar mais aos estudos até entrar na faculdade.

Embora para alguns o processo de aprendizagem do português, bem como o estudo das disciplinas tenha sido mais tranquilo, observa-se que, nos primeiros anos, a maioria se concentrou mais no estudo da língua no período em que ainda não tinha segurança com seu português, o que fazia com que não pudesse fazer um intercâmbio ativo com seus colegas, isto é, um diálogo duradouro. Além disso, até antes de entrar na faculdade, uma das maiores preocupações para os entrevistados era recuperar as séries repetidas o mais rápido possível, para não ficarem atrasados, e ingressarem na faculdade com a idade certa.

Um bom número de entrevistados recorda que, tendo limite na comunicação com seus colegas, passavam a ter mais tempo “solitário” para observar e refletir sobre o significado da imigração e a vida para o Brasil nos primeiros anos da imigração.

No entanto, observa-se que os entrevistados passaram a se expressar melhor com seus colegas e, assim, a se introduzir mais ativamente na relação com eles, à medida que foram dominando mais a língua. Junto a isso, soma-se o esforço por parte dos colegas que já não eram tão novos, para entender português “não nativo” de seus colegas coreanos. Isso tudo somado contribuiu para haver um diálogo melhor entre eles.

Também podemos ver que, para muitos dos entrevistados, a época da faculdade foi o período em que se deu um maior avanço com relação à língua portuguesa, motivado tanto pelo estudo mais pesado em sua especialidade propriamente dita, quanto pelo relacionamento mais intenso com os colegas. É interessante observar que, nos casos de alguns entrevistados, até o colégio não tinham uma percepção muito concreta do seu nível de português, porque até então estudando muito era possível ter um resultado realmente bom na escola. Além disso, a maioria não tinha problemas em entender o português, embora não tivesse chegado a se expressar na língua no mesmo nível em que a compreendia.

No caso de Kang Eun-won, como andava mais com amigos coreanos quando era mais nova, não sabia que estava falando errado. Pelo contrário, nessa turma exclusivamente coreana, ela era quem misturava mais coreano e português, o que a fez acreditar que falava excepcionalmente bem a língua. Porém, quando viu outra realidade no primeiro ano da faculdade, aí “caiu a ficha” do seu nível de português, e de um longo caminho que teria que seguir para acompanhar os estudos:

Nas áreas biológicas é preciso falar bastante. E por isso que no primeiro ano foi muito difícil. Eu não era fluente porque eu vivia estudando, mas não praticava a conversação. E entrando na faculdade parecia que de repente o nível subia. Em questão do vocabulário cotidiano eu conseguia me virar bem, mas ter que conversar com pessoas na frente do público... não dava para resolver com vocabulários cotidianos. Nessas ocasiões eu via os problemas disso. De verdade, naquela época (*risos*), era uma piada. Trocava o feminino e o masculino. Quando falava, os meus amigos ficavam rindo, (*risos*) era uma piada. Tenho muitos episódios assim. Só abrindo a boca davam gargalhadas, porque tem palavras que terminam em “o” mas são femininas e outras que terminam em “a” mas são masculinas. Não era “A” mapa, e sim o mapa. E isso... Era muito engraçado. Na época da faculdade. (Tradução nossa)

Hoje, ela recorda aquela época como uma lembrança agradável e engraçada, o que é possível provavelmente porque esteja mais segura com relação a seu português, que nunca parou de usar e aperfeiçoar, trabalhando num ambiente profissional que exige isso.

Vejamos o relato de Baek Gyeong-tae, que teve a experiência semelhante à de Kang Eun-won:

Eu tinha entrado na faculdade, mas era difícil. Já estava na hora de estar falando bem a língua. Então decidi que precisava estudar, procurando cada palavra no dicionário, sem deixar passar de qualquer jeito. E fiz assim. A época que falava bem o português foi no início dos anos 80. Agora não falo muito bem. Já esqueci tudo. (Tradução nossa)

Assim, podemos ver que a aprendizagem da língua portuguesa se deu em fases diferentes, e em níveis diferentes. Como se vê no caso de Baek, para alguns que passaram a não ter tanto contato com os brasileiros depois da formação, o tempo na escola e na faculdade era quando tinham o nível mais alto de português em suas vidas.

O mais importante que se aplica aos entrevistados como um todo seria o fato de que a aprendizagem da língua portuguesa era como adquirir uma chave que abrisse a porta para a diversidade do Brasil, possibilitando a entrada nessa diversidade. Ou seja, acredito que é possível entender que os imigrantes começaram a poder expressar-se livremente por meio da

língua, ou da palavra, e isso tornou possível aos entrevistados se posicionarem “entre” os constituintes dessa diversidade, sem se desligar deles. Isto é, a simples observação e compreensão do mundo e dos seus outros, propiciada pela aprendizagem da língua, já permite a conexão de si com o mundo em que vive.

5.2.2 Experiência da diversidade do Brasil

Com respeito ao que há de exclusivo em funções exercidas pela escola na formação dos alunos imigrantes, gostaria de ressaltar a oportunidade de experienciar a sociedade brasileira de modo mais equilibrado, e o estímulo à criação de um imaginário a respeito do que seja o Brasil.

Tratamos anteriormente dos contrastes, pelo menos no sentido quantitativo ou superficial, observados, pelo menos, à primeira vista, na sociedade coreana e na brasileira, os quais parecem resumir-se em homogeneidade e diversidade respectivamente. Note-se que mesmo depois que foi da transição de uma sociedade para a outra, por meio da imigração, a diversidade do Brasil não chega a ser vivenciada efetivamente por muitos imigrantes coreanos, tendo em vista que vivem mais no círculo da comunidade coreana e dos ramos de atividade econômica hoje amplamente considerados como domínio dos imigrantes coreanos – como é o caso da confecção.

Isso acontece, em especial, com os imigrantes da primeira geração, que normalmente não chegaram a usufruir de uma chance de conhecer a sociedade brasileira de maneira sistemática e equilibrada, por meio de vínculos com instituições brasileiras, tais como a escola. Sendo assim, a diversidade do Brasil não passa de algo abstrato, difícil de ser experienciado.

Diferente da primeira geração, à *Geração 1.5*, que vem ao Brasil quando criança ou adolescente, já é dada, teoricamente, a oportunidade de ter um vínculo com o país, cuja duração varia dependendo da idade com a qual ocorreu a imigração. A entrada na escola amplia o círculo de “relações” e de “conhecimento” do Brasil, particularmente no caso de nossos entrevistados, que são imigrantes, e que aprenderam sobre o Brasil e sua diversidade em língua brasileira.

Ao ser perguntado, se há alguma influência significativa que o ambiente escolar exerceu na formação do pensamento, Choi Seong-gyu responde, “Sim, claro. Com a convivência de várias pessoas diferentes: cor, raça, cultura, povos, você acaba vendo, ouvindo e conhecendo muitas coisas novas que influenciam diretamente ou indiretamente você.”

Nessa cena cultural em que estão inseridos, os alunos imigrantes coreanos passam a conhecer um perfil diferente daquele que estavam acostumados a ver e vivenciar no Bom Retiro ou Brás, onde seus pais têm negócio. Essa nova percepção é possível graças ao contato com seus colegas, que advém, sobretudo, de diferentes classes sociais. E esse relacionamento estabelecido na escola, isto é, com colegas brasileiros, os leva para além da cerca da escola, fazendo com que conheçam o mundo em que vivem seus colegas.

Park Dong-min recorda especificamente da época da faculdade em que desfrutava de uma relação íntima com seus colegas, aliás, “amigos”, provenientes de famílias de elite:

Todos os amigos eram de famílias da elite. A nossa faculdade Mauá de engenharia também tinha um nível elevado. Era uma faculdade que tinha muitos judeus. As mensalidades eram tão altas que não era qualquer um que podia entrar lá, não, e engraçado que muitos desses amigos sonhavam em fugir de casa e ir para bem longe depois que se formassem. E todos os dias encontrávamos para ouvir bossa nova... E eu entrava nesse mesmo clima, apesar de não saber tocar violão, pelo menos batucava na caixa de fósforos... (Tradução nossa)

Notamos, no depoimento de Park, que nessa relação ele podia compartilhar com seus amigos pensamentos de certo ceticismo e o gosto pela música difundida pela Bossa Nova, que era um refúgio da atmosfera insegura do país, dominado pela ditadura militar, na época. É interessante a experiência dele, pois, além de ser um caso bastante diferente dos outros entrevistados, provavelmente teria sido difícil viver essa mistura – a situação política instável e a música popular brasileira que surgiu nessa época – se não fosse pela faculdade e a relação com seus amigos.

Por sua vez, Kim Jin-mo conta sobre as visitas que fazia às casas de seus amigos, o que o fez conhecer a realidade de famílias da classe média e média alta, muito diferente da circunstância vivenciada por sua família:

Quando estava no colegial, fiz amizades com bons amigos brasileiros, e ia à casa deles, e **tinham uma família invejável**. E pensava comigo mesma, “ah, quando casar e cuidar dos filhos... quero ser uma família assim...”. E pensando nessas coisas **ficava com muita inveja**. Ia estudar e fazer lição de casa. A casa do meu amigo tinha bastante estabilidade, pois era uma família de classe média, e viviam bem. **Tinha inveja** da casa limpa e bem arrumada, com o quarto separado do quarto de estudos. (Tradução nossa, grifo nosso)

Observa-se que esta é a experiência de ter sentido “inveja”, ou admiração comparando-se com seus colegas brasileiros da classe média que surge mais frequentemente

nos depoimentos dos entrevistados, na qual faziam comparações não somente com a sua família, mas também com o pedaço do Brasil que conheciam até então. A imagem do Brasil que antes tinham, a partir de uma das facetas menos privilegiadas geográfico e socialmente, e assim também preconceituosa, é remodelada a partir do momento em que passam a conhecer outra faceta, mais privilegiada.

Os entrevistados começam, assim, a compartilhar a cultura popular brasileira com seus colegas, a qual era difícil de ser vivida em seu seio familiar. Com certeza, o grau de envolvimento na escola por parte dos alunos vai afetar o grau da sua experiência na escola e, enfim, o grau da influência a eles exercida pela escola em sua formação pessoal.

Enquanto isso, o que chama nossa atenção é o fato de os depoimentos que descrevem, primeiramente, como foi recebido o fato de serem “diferentes” – em termos de fisionomia e língua – por seus colegas, bem como pelos professores, em meio à diversidade, apontada por muitos dos entrevistados como sendo a maior lição aprendida na escola. Ressalta-se ainda o modo como os entrevistados reagiram diante dessa diversidade.

A maioria lembra não ter sentido um ar hostil, ou um tratamento preconceituoso por parte de sua turma em geral, embora tenha destacado a ocorrência de pequenas brincadeiras com relação à diferença entre eles e os brasileiros, mas que, segundo eles, não tinham a intenção de humilhá-los.

No caso de Ko Su-hyeon, o fato de ela ser diferente foi recebido com curiosidade por parte dos colegas, e tranquilamente aceito por parte dos professores:

Nessa escola, eu e meu irmão éramos únicos orientais. Não tinha mais ninguém. Então, tinha colegas que achavam **estranho** e, ao contrário, tinha colegas que achavam **interessante**. Lá, acabei fazendo muitas amizades boas. As amigas me ajudaram bastante a me adaptar na escola e falar português. [...] E os professores também foram super legais. **Não me tratavam diferente dos outros, e sim como uma simples aluna da escola.** (Grifo nosso)

De fato, essa é a versão mais comum entre os entrevistados. Entretanto, parece que a diversidade dos integrantes – alunos e docentes – da escola, em termos de etnia, raça, religião etc., não necessariamente significava a tolerância e o tratamento igualitário para com a minoria. Na memória de Oh Min-chan, o tempo na escola, até antes de entrar na faculdade, só lhe deixou sofrimento, e com uma imagem muito negativa dos brasileiros:

Nessa época tinham muitos alunos coreanos na escola. Entre 30 a 40 alunos. Teve vezes que tive desvantagens. Os funcionários nos tratavam de qualquer

jeito. Os professores também... lembro que o professor de inglês falou: “o que os coreanos vão aprender o inglês se nem sabem falar direito o português”. Querendo ou não, desde pequeno sofria muita pressão, e por isso quando estava na 6.^a série, tive até gastrite. Naquela época, nem tinha hospital. Qualquer coisa que comesse passava mal e perdia todas as forças. Sempre comprava remédio para má digestão e comia pouco. Quando era mais novo, até era fofinho, mas depois emagreci, e já não tinha mais força de vontade. Era mais fácil colar o dedo na boca e vomitar. Sofri mais de seis meses assim, e minha vida continuou. [...] e desde então passei a ser tímido. (Tradução nossa)

Jang Yeon-hui, que na maioria do tempo tinha bom relacionamento com os brasileiros, recorda alguns episódios, os quais não parecem colaborar para consolidar a imagem do Brasil quanto à aceitação das diferenças, por meio da tolerância:

Eu tinha amizades com os colegas da escola, mas era mais próxima com os amigos do prédio. O que não era tão legal era que na escola Paulo Tarso só tinha brasileiros. No início, não tinha conversa, e eu não gostava. Sou suspeita para falar isso, mas nós somos bons em matemática. Saíamos-nos melhor que os professores. Por isso o professor não gostava muito da gente. Fomos **meio que excluídos dos colegas de sala**, e nas aulas de Educação Física **nos maltratavam**. Quase não tinha coreanos. Eles até ficavam espantados conosco. (Tradução nossa, grifo nosso)

Contando essa história, ela compara a “exclusão” pelos colegas a *wangtta*, ou seja, *bullying*, que está acontecendo muito entre adolescentes na Coreia de hoje quando alguém é considerado “diferente” da maioria e frágil, incapaz de se defender de maus tratos dessa maioria. Logo ela conta outro episódio em que, por ter uma fisionomia diferente da dos outros, foi atacado de modo mais explícito por seus colegas com palavras pejorativas:

No Paulo de Tarso as crianças comentavam “Que cheiro!”, “Ela é meio estranha”, e teve um dia, na minha inocência, eu pensei comigo: “Será que realmente eu estou fedendo?” E fui para casa e tomei banho várias vezes. A minha mãe me explicou que não era bem isso... (Tradução nossa)

Nas outras escolas, ela não sofreu mais esse tipo de tratamento explicitamente discriminatório, embora o fato de ser diferente, ainda que fosse recebida com curiosidade, ou até certa estranheza por brasileiros, de uma forma ou de outra.

Quando olhamos as experiências vivenciadas por alguns dos entrevistados, nas quais é percebido que o ato de fazer graça com alguém visivelmente diferente da maioria, ou até de dirigir o desprezo a esse Outro, parece que a diversidade frequentemente apontada como a imagem representante do Brasil nem sempre foi acompanhada pela tolerância, no sentido

elaborado mais conscientemente no âmbito escolar. Isso porque, “o ser tolerante refere-se à exigência de dar e receber respeito por posições assumidas em termos, fisionômicos para começar, e filosóficos, políticos, ideológicos e religiosos que não redundem em qualquer prejuízo ao Outro que não partilha das mesmas posições” (FISCHMANN, 2002, p. 19).

Apesar de ser verdade, a maioria dos entrevistados responde quase com unanimidade que uma das maiores contribuições da escola foi o contato com a diversidade cultural. Também se pode ver que nem sempre houve uma orientação bem elaborada sobre como lidar com essa diversidade. Pela vivência e convivência na escola, aprende-se que “os brasileiros aceitam diferentes povos e culturas com uma mente aberta”, como Ju Yeong-chai relata. Mas, quando chega a um ponto mais delicado, a fronteira surge com mais clareza.

Pode-se ver também que essa fronteira é colocada primeiramente por parte dos entrevistados, que, sendo minoria, se colocam mais na posição de observador (GOFFMAN, 1988).

Por exemplo, Ha Jeong-a fala que “não foi excluída pelos colegas porque os brasileiros são receptivos e gente ‘boa’”. Contudo, admite que foi ela quem não conseguia aproximar-se deles ativamente. Isso basicamente foi por causa da dificuldade de comunicação, mas o motivo mais decisivo pelo qual ela “se fechou” nesse ambiente estava no “choque cultural” que levou logo que entrou na escola. Ela não especifica o conteúdo desse choque, mas fala que, ao enfrentar pessoas diferentes, estilos de vida diferentes, assim, tudo era tão diferente da sua cultura. Isso a deixou mais tímida.

Como podemos verificar no caso de Oh Min-chan acima descrito, algumas experiências marcantes, nas quais sofreu desprezo e tratamento discriminatório, que podem levar o indivíduo a colocar essa fronteira entre ele e o outro, colocando-se numa relação antagônica implícita e explicitamente, embora não seja o caso da maioria.

Uma vez percebida a diversidade cultural existente no Brasil em termos de raça, etnia, cultura etc., por meio da vivência na escola, essa diversidade foi experienciada e interpretada de maneira diferente pelos entrevistados, que sofreram impactos diferentes a partir dela, o que fez com que desenvolvessem reflexões sobre a realidade do país a partir dessas experiências.

No caso de Gwak Tae-gyeong, a escola serviu como propiciador da percepção da “disparidade entre os constituintes da diversidade do Brasil”. Ele, que frequentou escolas tanto públicas quanto particulares, fala: “[...] E aprendi especialmente a realidade da condição extrema entre uma escola particular e pública. A Realidade.”

Logo, Gwak complementa a realidade que ele viu no Brasil comparando com os EUA e a Coreia, onde também já morou por um tempo considerável:

A escola não somente me fez ver que o Brasil era um país diferente dos EUA, onde não há uma clara discriminação racial, mas que era possível conviver com os outros brasileiros de forma quase igual. Porém, me fez, ver ao mesmo tempo, que, diferente da Coreia, havia uma clara distinção do status econômico. E isso me fez ficar muito curioso e confuso com a minha identidade nacional, pois não sabia por exato onde me pertencia.

Especialmente entre os entrevistados mais jovens, que desfrutaram do privilégio de estudar em escolas particulares, como no caso de Gwak Tae-gyeong, há depoimentos parecidos sobre tal disparidade. Por exemplo, Ju Yeong-chai recorda que “na escola tinha brasileiros, japoneses, chineses, coreanos... quase não tinha negros.”

Por outro lado, é interessante perceber que alguns dos entrevistados se aproximam do assunto da diversidade do Brasil a partir dos aspectos de currículos da escola. Comparada à diversidade cultural que o país já tem, a composição curricular da escola parece meio monótona para Kim Tae-eun e Jang Yeon-hui. Kim relata que:

Na verdade, eu acho que faltam muitas atividades extracurriculares. Na Coreia tem mais essas atividades. Aqui não. E na pré-escola também, já tinha aula de música. Aqui não. [...] Acho que pra melhorar a educação do Brasil tem que colocar coisas mais extracurriculares, atividade que envolve mais crianças, por exemplo, a aula da música também. [...] Na verdade, eu acho que falta muito atividades extracurriculares. Na Coreia tem mais dessas coisas. Aqui não. Desde as escolas primárias já tinha aula de música. Aqui não. [...] Acho que pra melhorar a educação do Brasil tem que colocar coisas mais extracurriculares, atividade que envolve mais crianças, por exemplo, a aula da música também.

Jang lamenta o mesmo ponto:

Acho que através das aulas não se ensinam nada sobre a diversidade do Brasil nem como aulas sobre a cultura brasileira. Também as aulas de artes e Ed. Física são precárias. Na Coreia há muitas disciplinas como música, artes que envolvem o lado subjetivo e aqui não tem. Nas escolas que frequentei não tinha aulas de música e nem de artes. A imagem da escola é bem massante. Há somente disciplinas intelectuais. (Tradução nossa)

Observa-se, nos depoimentos de Kim e Jang, que o fato de a diversidade do país não chegar a ser articulada de modo sistemático na escola, sob a plena consciência da característica que o país possui, é recebido com certa lamentação.

De modo geral, o que podemos entender a partir dos depoimentos aqui trazidos, que giram em torno da experiência – não necessariamente da aprendizagem dada pelo ensino da escola propriamente dita – da diversidade da sociedade brasileira, é que a escola contribuiu

para que os entrevistados pudessem conhecer essa diversidade como algo mais real do que antes de entrar na escola.

Assim, como este capítulo foi iniciado pela enfatização do significado dos quatro ambientes aqui abordados como espaços, e não somente como sujeitos de educação propriamente dita, o significado simbólico da escola como espaço também é importante. E a simples presença nesse espaço, e a observação do conteúdo e do contexto nele dados propiciam tal aprendizagem aos alunos imigrantes coreanos.

O que queremos ressaltar especificamente quanto ao poder da escola – seja como espaço, seja como sujeito da educação – de possibilitar aos imigrantes coreanos imaginar o Brasil como algo maior, ainda não experienciado por eles. A escola não é uma miniatura que bem condensadamente mostra a realidade do Brasil.

Apenas os filhos de famílias privilegiadas são capazes de pagar a mensalidade, e não precisam mandar seus filhos ganhar dinheiro na rua. Então, estritamente falando, seria mais correto dizer que, na escola, os imigrantes coreanos conheceram um Brasil representado pela classe média e alta, da qual era excluída a realidade de outro país, composto por pessoas de renda muito baixa.

Porém, apesar da provável parcialidade da composição de alunos das escolas nas quais os entrevistados estudaram, em termos de nível econômico, cultural e intelectual, acreditamos que não possa ser menosprezado o fato de que, por meio da experiência na escola acima descrita, nasce a “percepção” de que existe, no Brasil, uma pluralidade e diversidade maiores do que poderiam ter imaginado se não tivessem tido a chance de frequentar a escola. Isto é, embora tenham a noção de que o que experienciaram pessoalmente na escola não representa o Brasil como um todo, a diversidade do país torna-se algo mais real, como já foi dito, e mais “imaginável”. É importante essa observação porque a ampliação da visão do Brasil que se dá nesse ambiente afeta diretamente o processo de elaboração do projeto de vida no país. “

5.2.3 Comparação das duas culturas: verticalidade de Nós e horizontalidade dos Outros

Como vimos anteriormente, os alunos imigrantes coreanos que se introduzem nesse quadro de diversidade aprendida direta e indiretamente na escola, enfrentam a necessidade de se posicionar de maneira mais elaborada, tanto diante de si mesmos, quanto em relação aos outros. Ao passo que essa diversidade vai sendo experienciada de modo geral pelos entrevistados, como vimos acima, ocorre no interior dos entrevistados o processo de

comparação do conteúdo de tal diversidade com a cultura coreana, o que provoca o estranhamento das duas culturas (pelos entrevistados), de modo mais específico. Resumindo, o começo desse processo se dá no interior dos entrevistados a partir da experiência de um “estranhamento dos seus outros, brasileiros”, de uma “alienação da e si mesmo, ou da cultura coreana” e, ao longo da dialética contínua destes dois olhares interiores nasce uma noção cada vez mais clara da “alteridade entre Eu e Outro”.

Com certeza, a escola não é o único lugar que concede essa experiência de diversidade ao sujeito. Mas a escola tem um papel importante, uma vez que se espera que nela esse processo ocorra de maneira mais regular e reflexiva. O que normalmente acontece no primeiro momento de contato entre pessoas de diferentes culturas parece ser o estranhamento entre elas, com relação àquilo que as diferencia. No caso da imigração coreana, percebemos que o estranhamento já começou no momento em que a primeira geração pisou em solo brasileiro, ainda que a princípio esse estranhamento tenha ocorrido de modo superficial. Esse estranhamento ocorre quando o que se vê à sua volta, na sociedade brasileira, ainda não é familiar, por ser diferente da sua, que ainda era apenas coreana, fazendo com que tivessem, por conseguinte, um olhar para as coisas a partir de um padrão coreano.

Um dos aspectos, por exemplo, que foram, ou ainda são, considerados estranhos ou diferentes pelos entrevistados está no modo de relacionamento entre professores e alunos, e de tratamento de um aluno para com o outro. Isso porque, no âmbito familiar, que lhes serve de referência, eles aprenderam a respeitar uma ordem hierárquica das relações, e estavam acostumados a pensar e viver de acordo tal ordem. Até hoje, consideram “normal” comportar-se conforme essa ordem nas relações com pessoas de origem coreana, especialmente da geração dos seus pais e avós.

A este respeito, Oh Min-chan conta alguns aspectos da atmosfera da escola e da relação entre estudantes e professores, que ele achou muito diferentes das da Coreia, inclusive considerando-as de “chocantes”:

[...] Nas escolas boas os professores têm autoridade. Mas em geral, é muito diferente da Coreia. Já vi um colega de sala batendo no professor durante a aula. Depois esse aluno foi expulso. Ter conversas paralelas durante as aulas é básico. Tem muitas vezes que é uma bagunça. (Tradução nossa)

Ele não generaliza essa “falta de autoridade do professores” a todas as escolas do Brasil, pelo contrário, conta um pouco sobre ambiente mais decente da escola onde sua filha

estuda, e também leva em consideração a mudança em termos da qualidade da educação no Brasil entre a sua época e hoje.

Além disso, alguns dos entrevistados recordam que a relação horizontal e livre entre seus colegas e professores foi recebida como algo muito diferente, e alguns comportamentos – por exemplo, chamar o professor pelo nome, e não de “senhor professor” – dos colegas com relação aos professores chegava a surpreendê-los.

Especialmente no caso dos entrevistados de faixa etária mais alta, foi possível observar a manifestação de um respeito notável ao falarem dos professores da época da escola, usando conjugações gramaticais diferenciadas de verbos, apropriadas aos sujeitos considerados superiores hierarquicamente, conforme o pensamento coreano.

Como Kim Hyung-mi (1996, p. 17) já havia tratado a respeito desse aspecto, de que tal “interiorização de normas que realçam a figura do mais velho, vivida no seio familiar através da decisiva socialização primária” é refletida no processo de mapeamento da sua posição em relação aos, em particular, professores. Conforme essa ordem hierárquica confucionista, o professor é a figura a quem se deve dirigir o respeito e a obediência, não só pela maior idade, mas também pelo conhecimento e sabedoria por ele adquiridos. O ditado “Não se pode pisar nem na sombra do seu mestre.”, amplamente sabido entre coreanos, mostra bem isso, embora a valorização da carreira esteja em certa decadência na sociedade coreana contemporânea.

Por outro lado, a comparação dos aspectos do relacionamento nas duas culturas também é feita a partir de outro ponto de vista, como no caso de Im Hye-suk:

Claro, claro, na escola os professores me ouviam e respeitavam a minha opinião, e mesmo que não concordassem, não menosprezavam. Eles respeitavam, respondiam e escutavam. Neste aspecto, penso que há uma grande abertura. E outra coisa, na Coreia eles levam muito em conta se você se formou ou não na faculdade de Seul. As pessoas aqui podem ter preferência em relação aos alunos que se formam na USP, mas não é tão exagerado como na Coreia. (Tradução nossa)

É interessante ela comentar sobre a categorização extrema das universidades, na ordem hierárquica, e o tratamento discriminatório aos formados das universidades consideradas “inferiores”, um fenômeno eminente na atual sociedade coreana. De fato, a estigmatização dos indivíduos, feita conforme essa classificação, os persegue durante muito tempo, mesmo depois de sua formatura. Em muitas esferas da vida essa discriminação é

percebida, seja de forma explícita, seja de forma implícita. Como veremos mais adiante, esse lado é frequentemente comentado nas entrevistas, em que são comparadas as duas sociedades.

Percebemos, a partir dos relatos dos entrevistados, que o destaque à tendência de discriminação conforme o nível de instrução tende a ser mais forte conforme eles passaram a ter mais contato, direto ou indireto, com a sociedade coreana de hoje.

Na verdade, a horizontalidade da sociedade brasileira que os entrevistados experienciaram na escola, ressaltada ao compararem à característica (que parece) oposta da sociedade coreana acima comentada, seria apenas um dos muitos aspectos que se destaca ao longo do estranhamento das duas culturas. Se esta observação, ou seja, o olhar de estranhamento, é algo que ocorre por parte dos entrevistados, ele também ocorre por parte dos brasileiros com quem os entrevistados se confrontam. Tem-se, no momento em que se coloca esse olhar de si para fora, uma passagem da percepção de que “Eles são diferente de nós” para a percepção de que “Nós (coreanos) somos diferentes deles (brasileiros)”. Se a primeira afirmação é obtida por meio da observação, a outra é percebida pelos comentários e pelo modo de tratamento dos colegas e professores. Em outras palavras, no âmbito escolar, é possível ter certo *feedback* com respeito a “Como eu vejo os outros?”, e “Como os outros me vêem?”. E o grau desse *feedback* depende do grau de comunicação com seus outros, ou seja, do relacionamento que estabelece com eles. O conteúdo desse comentário, e o tratamento dado a ele pode ser tanto um elogio ou admiração, como, pelo contrário, algo hostil.

Enfim, a escola, nesse sentido, é basicamente onde se dá esse relacionamento com os outros, propiciando um contato com a *alteridade*. Na escola, portanto, os alunos imigrantes coreanos vivem a interiorização dos olhares dos brasileiros, que são seus Outros. Trata-se de parte do processo de “completação de *self*, composto tanto de ‘eu’ quanto de ‘me’ (MEAD, 1934)”.

Esse processo constitui-se à medida que os imigrantes vão ganhando um “*self* que inclui dentro de si os pontos de vista ou valores de outros (Ibid., p. xxxii)”, ganhando-se, com isso, uma experiência de “*alteridade*”. Acerca de como tal *alteridade* é experienciada pelos entrevistados, examinaremos em um capítulo posterior os aspectos do relacionamento que estabelecem com brasileiros em diversas esferas onde ocorre a comunicação com eles.

Vimos aqui os papéis exercidos pela escola na socialização dos imigrantes coreanos da *Geração 1.5* a partir dos três aspectos, que foram considerados, neste trabalho, centrais em analisar como essa geração constrói a visão tanto de si quanto do Brasil, e como elabora o projeto da vida no Brasil. Como foi apontado no início deste tópico, a socialização da *Geração 1.5* no ambiente da escola e a sua aproximação da cultura brasileira constituem a

fase que gera certo “hiato” na sua relação com os seus pais, a primeira geração. A visão que essa geração tem de si e do Brasil não é igual àquela que seus pais tinham, e que ainda mantêm. Da mesma maneira, os projetos elaborados por essas duas gerações são diferentes um do outro.

A experiência na escola em si já produz uma diferença significativa, mesmo que, após a formação, tal experiência não tenha continuidade, de modo a ser ampliada e amadurecida por meio de outro vínculo com as agências e instituições brasileiras no âmbito profissional. Na realidade, é impossível ter experiência direta com todos os grupos e estilos de vida existentes no Brasil. No entanto, a aprendizagem sobre a existência de tal diversidade, e a própria aceção da noção dos Outros gera uma diferença intrínseca, comparada ao caso em que há uma ausência de tal experiência.

O significado da escola tem para a *Geração 1.5* é que imaginar um Brasil maior a partir da diversidade e do estranhamento experienciados no mundo da escola se tornou mais possível e provável do que para a geração dos seus pais, permitindo terem mais opções para elaborar seu projeto de vida.

Poder-se-ia dizer que o “olhar distanciado” é a lição essencial que os entrevistados ganham na escola, sendo estrangeiros no Brasil. E, nesse processo, a aprendizagem da língua portuguesa exerce um papel essencial no sentido de que, primeiramente, ela torna possível existir a relação com os brasileiros; e, em segundo lugar, ela permite aos entrevistados tornarem-se capazes de interpretar seus outros por meio da língua deste (português), e não de si mesmos.

Parece oportuno registrar aqui a reflexão de Rousseau (2004, p. 307), na qual o autor fala que nossos sentimentos físicos são mais limitados do que parece ter sido no passado; mas é pela memória que nos fazem perceber a sua continuidade no presente, e pela imaginação, que os estende pelo futuro. Então a imaginação incentivada na escola amplia o horizonte do Brasil pelos entrevistados sobre o futuro. Acredito que a memória dessa convivência na escola, que se armazena na mente dos entrevistados, apoiada pela função organizadora e reforçadora da “língua”, estimula a força da imaginação do futuro relacionamento com os brasileiros.

5.3 Papel da religião

Pode-se ver que, na história da imigração coreana para o Brasil, descrita em livros que tratam a respeito, e contada por indivíduos pertencentes à comunidade coreana em São Paulo foi estruturada, em grande parte, em torno de instituições religiosas cristãs, cuja

absoluta maioria era igrejas protestantes. Hoje, em São Paulo, existe um templo budista, uma igreja católica, quarenta e duas igrejas protestantes, um templo de Testemunha de Jeová⁸⁵. Todos inicialmente fundados para servir aos crentes coreanos.

Tabela 5.1 – Crença religiosa antes e depois da imigração⁸⁶

Religião	Protestante	Católica	Budista	Sem Religião	Total
Na Coreia	17	4	1	4	26
No Brasil	18	4	0	4	26

Como podemos ver na tabela 5.1, da página seguinte, dos 26 entrevistados para a composição do *corpus* desta tese, 18 declararam ser protestantes, 4 declararam ser católicos, e 4, ateus. Levando em consideração que aproximadamente 69 % dos entrevistados são protestantes, entendemos ser relevante desenvolver uma análise a respeito do papel das igrejas cristãs para os entrevistados.

A concentração de coreanos no cristianismo pode causar curiosidade para muitos brasileiros que estão acostumados a pensar que a Ásia, especialmente, o Oriente Extremo, é de cultura budista e/ou confucionista. De fato, o crescimento e a difusão eminente do cristianismo na Coreia constituem um fenômeno que marcou o século XX do país, convertendo significativamente a cena religiosa do país, a qual era, até então, predominantemente marcada pelo budismo, xamanismo e confucionismo.

Embora seja inegável a expansão eminente do cristianismo, especialmente do protestantismo na segunda metade do século XX na Coreia, também não se pode negligenciar o fato de que boa parte da população coreana ainda permaneça vinculada a outras religiões tradicionais, ou sem religião. Além disso, observa-se que, apesar de o número dos adeptos à fé cristã ser maior do que os não cristãos desde a saída dos imigrantes coreanos de seu país de origem, no caso de alguns dos entrevistados a conversão à atual religião ocorreu depois da imigração para o Brasil.

Quando olhamos o quadro de atuação dessas instituições religiosas na comunidade coreana, notamos que os papéis exercidos por elas tendem a ser modificados, respondendo às

⁸⁵ Estes dados foram extraídos da edição 2010/2011 da Agenda Comercial Coreana, publicada bi-anualmente pelo Escritório de Dong-A Ilbo (Diário Dong-A) da América Latina.

⁸⁶ Esta tabela foi elaborada com base na religião que a família seguia antes e depois da imigração para o Brasil. Foi observado em que, na maioria dos casos, a religião do(-a) próprio(-a) entrevistado(-a) coincidiu-se com a religião da família, embora não na sua totalidade.

necessidades de seus adeptos. Trata-se de imigrantes coreanos e seus descendentes, na absoluta maioria: alguns são mais devotos, enquanto outros estão enfraquecidos.

Por conseguinte, a razão da presença notável das de igrejas cristãs terá de ser investigada e examinada no contexto de imigração. Neste tópico, examinaremos as influências exercidas no ambiente religioso, especialmente para os entrevistados, pertencentes à *Geração 1.5*, a qual deve ter tido interesses, preocupações e necessidades diferentes dos da primeira geração, em função das faixas etárias diferentes e dos círculos sociais diferentes uma da outra, focando os seguintes três papéis: primeiro, centro comunitário coreano que reforça a identidade coreana; segundo, orientação da vida no Brasil por meio da visão englobalizadora e bíblica; e terceiro, proporcionador de experiências de liderança e incentivo à aprendizagem de conhecimentos artísticos.

5.3.1 Centro comunitário coreano que reforça a identidade coreana

Em uma situação peculiar, como é o caso da imigração, as igrejas, tanto protestantes como católicas, têm sido mais do que um lugar para o ensinamento bíblico, isto é, um centro comunitário coreano. Aqui seus membros têm conseguido apoios práticos e emocionais no processo de adaptação à vida no Brasil. O fato em si de a igreja sendo uma reunião dos conterrâneos num país estranho, quando ainda não há uma intimidade com seus Outros, brasileiros, basta para explicar o papel desempenhado pela igreja como reforçadora da identidade coreana.

Estima-se que, do mesmo modo que a família passou a assumir o papel de preservar a tradição coreana no contexto de imigração; a igreja passou a contribuir significativamente para completar essa função de forma mais sistematizada, e em escala maior. Contudo, para os entrevistados que vieram ao Brasil nos anos de 1960, quando ainda não havia igreja cristã coreana, a frequência à igreja só ocorreu na década posterior.

Im Hye-suk e Kim Ae-yeong tinham o vínculo com a igreja católica enquanto eram estudantes universitárias, mas ambas falam que não chegavam a ser “devotas” dessa fé. Foi apenas após o casamento que começaram a praticar a fé cristã – uma protestante e outra católica – com maior participação da igreja que frequentam.

Por sua vez, Baek Gyeong-tae veio a morar em São Paulo em meados da década de 1970, saindo de uma fazenda em Londrina, onde sua família ficou um bom tempo. Trata-se de um momento em que a presença da igreja era forte em sua vida, quando era jovem:

Desde quando estava na Coreia tinha uma vida religiosa... Fui fervoroso até antes de entrar na faculdade. Era ao ponto de pensar que já tinha juntado todo o meu crédito. Nem precisava ir mais. E com o passar do tempo não fui mais. Não sei se é exagero falar assim, mas a igreja no contexto brasileiro, especialmente aos imigrantes coreanos, **é um lugar onde você encontra com as pessoas**. Pois no início da imigração não podíamos sair para algum lugar porque ninguém tinha uma situação financeira abastada, e se fosse, íamos para um lugar perto, **então a igreja é o nosso lugar de encontro**. De certa forma, **a igreja também tem a função de proteção**, uma vez que saímos do país e sofremos as pressões do dia a dia por não falar a língua... **A igreja exerce um papel muito importante. Aquelas pessoas que não tinham uma vida religiosa, passam a ter vindo para cá.** [...] É claro que nós (minha família) éramos católicos fervorosos desde muito tempo atrás. (Tradução nossa, grifo nosso)

A igreja na fase de instalação em São Paulo é descrito por Baek, além do templo onde praticava sua fé com fervor, como lugar onde dava aos imigrantes coreanos o “encontro” com seus conterrâneos e “proteção”.

Park Dong-min também atribui semelhante significado à igreja. Independente de ser cristão ou não, a igreja era considerada como lugar onde podia conseguir ajudas práticas – além de informações úteis, até conseguir fiador para alugar a moradia e espaço para comércio etc. – e encontrar seus conterrâneos regularmente. Especialmente nas décadas de 1960 e 1970, no caso de muitos imigrantes coreanos, a rede de relações sociais “confiáveis” se estabeleceu na igreja.

Além de afirmar a ajuda das igrejas como os outros entrevistados, Hwang In-pyo fala que, a própria existência e do crescimento da igreja foram possíveis pelo influxo notável de imigrantes coreanos para São Paulo na segunda metade do século XX.

É claro. A igreja ajudou. Mesmo hoje, quando vamos ao Bom Retiro, vemos muito que a igreja ainda cumpre esta função. Porque... o... a associação dos coreanos ainda não tinha uma função especial e a igreja... além de conduzir as pessoas na fé, auxilia a família imigrante a encontrar moradia, arranjar trabalho, ou seja, questões básicas para que eles se estabeleçam aqui. Até a matrícula dos filhos. Assim era no início das igrejas. Os imigrantes coreanos iam até a igreja e assim formava-se uma igreja. A igreja tinha essa função. Para além da vida de fé até a estabilidade dos imigrantes. (Tradução nossa)

Dessa maneira, os entrevistados, que são imigrantes pioneiros, contam mais sobre o significado que a igreja teve para a sua família como um todo, do que sobre alguma influência específica que eles mesmos receberam dela, sendo crianças ou adolescentes naquela época. Poder-se-ia dizer que tal tendência reflete a situação dos primeiros anos da imigração coreana,

quando os entrevistados não conseguiam tempo para participar das programações extras da igreja, além do culto aos domingos, com exceção de alguns entrevistados.

Enquanto isso, outros que vieram ao Brasil nas décadas posteriores, quando a situação da colônia coreana estava relativamente estabilizada, recordam que “quase moravam na igreja”.

Por exemplo, Shim Jeong-mi, que hoje não frequenta mais a igreja, reconhece que o convívio na igreja, onde “comia e dormia”, era um grande “consolo” para ela até os seus quinze anos de idade.

No caso de Jang Yeon-hui, a família toda praticava a fé desde a Coreia, mas ela explica porque precisava dirigir-se a uma igreja com maior urgência assim que chegou a São Paulo:

Não disse que o amigo do meu tio sumiu com os nossos containers e tudo? Aí, nossa família procurou uma igreja. [...] Quase que morávamos na igreja. Íamos ao culto de quarta-feira, de sexta-feira e à reunião de oração de madrugada. E quando a creche ficava do lado da igreja, por estar do lado, íamos mais ainda. (Tradução nossa)

Enquanto isso, alguns entrevistados falam que se tornaram cristãos após a vinda ao Brasil, e podemos ver também que, mesmo no caso dos que já frequentavam a igreja desde a Coreia, começaram a praticar mesmo a fé depois da imigração. A respeito disso, Kim Su-jin fala de uma “vitalidade” notável das igrejas dentro da comunidade coreana:

Comecei a praticar mesmo a minha vida de fé depois da imigração. Porque as comunidades ecléticas são bem ativas... A freira e o padre da igreja católica orientaram e deram muito suporte ao meu pai logo que ele veio foi para a igreja católica, e hoje toda a nossa família vai. (Tradução nossa)

Kim Jin-mo responde com maior detalhamento sobre quantos significados tinha e tem a igreja para sua vida:

Ao meu redor havia muitos jovens que **se encontravam na mesma situação que eu**. Onde toda a família trabalhava como na costura, condizendo com a vida que era posta... E por isso, **todos os finais de semana à noite passávamos *full time* na igreja**. Mantendo a vida de fé foi possível **preservar a língua coreana**. Penso que a cultura coreana foi muito **preservada**. Ir para a igreja logo após a imigração é uma etapa que todos devem passar. Pois não temos um destino certo. Logo que a minha família chegou aqui, fomos para igreja e nos adaptamos bem. Até as pessoas que não tinham nenhuma religião passavam pela igreja para ter certa “introdução” da sociedade. Ela (a igreja) é um ponto de contato que não se

pode ignorar. Quando meu pai veio para cá conseguiu contatos por meio de um presbítero conhecido, recebeu indicação de escolas, e assim as relações foram se entrelaçando, e o papel que exercia (na igreja) era grande. Durante a semana, quando tinha tempo livre após a escola, era certo que íamos para a igreja. Os amigos da vizinhança eram os amigos da igreja. (Tradução nossa, grifo nosso)

De fato, as funções representativas exercidas pela igreja estão colocadas bem resumidamente no depoimento de Kim Jin-mo, as quais fizeram com que até os que não eram cristãos na Coreia procurassem a igreja logo que chegaram ao Brasil, esperando ajudas práticas.

Especialmente para a *Geração 1.5*, estima-se que este ambiente serviu como um lugar onde reforçam sua identidade como coreana. Nesse sentido, os três papéis da igreja apontados por Kim no trecho acima apresentado chamam nossa atenção: primeiro, trata-se de um lugar onde se podia reunir com seus “semelhantes”; e segundo, ver “toda a família reunida”; terceiro, representando, assim, a maior contribuinte para a “preservação da cultura coreana”.

Podemos perceber que, para Kim Jin-mo, “meus semelhantes” referiam-se aos adolescentes e jovens que estavam passando por uma circunstância semelhante à dele, ou seja: imigraram para o Brasil na mesma época, a família trabalhava com oficina de confecção de pequeno porte, e eles mesmos tinham que trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Para Ha Jeong-a, até antes de entrar na faculdade, os amigos com quem podiam contar e desabafar eram só os da igreja:

Eu migrei nos anos 80, e o fato de estar no Ensino Médio, preferia andar mais com os amigos da igreja do que os amigos da escola, pois me sentia melhor. Havia muitos amigos que tinham imigrado de forma parecida comigo. No meu caso, por exemplo, fora a igreja não havia outras oportunidades de conhecer pessoas novas antes do casamento. No meu caso, pelo menos frequentava uma igreja grande, o Yonhap, e por isso tinha mais amigos, mas os amigos que frequentavam igrejas pequenas, acho que não tiveram muitas oportunidades de conhecer outras pessoas. (Tradução nossa)

Ela termina falando que “a igreja para ela é a comunidade coreana em si”. Assim, a partir do seu relato e do de outros entrevistados cristãos, podemos presumir que a igreja servia como um lugar de acesso a um maior círculo de relações com pessoas para muitos imigrantes coreanos. Embora eles tenham se esforçado para se inserir em relações com os brasileiros, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, podemos ver que a identificação com os amigos

da igreja ocorreu mais naturalmente entre os entrevistados por compartilharem situações peculiares.

Para os entrevistados, o Nós, no sentido mais estreito, são esses “semelhantes”, pertencentes à *Geração 1.5*. Além disso, mesmo tendo amigos e colegas coreanos na escola e no trabalho, relacionamentos estabelecidos num ambiente como a igreja, em que se compartilham assuntos mais delicados e íntimos, pautados em uma mesma base cultural e linguística, parecem ter sido mais significativos. Para aqueles que tinham e têm relações quase exclusivamente com brasileiros no estudo e trabalho, o papel da igreja fica mais evidenciado.

Para Jeong Se-bin e Kim Su-jin, por exemplo, cujo círculo de relações girava mais em torno de brasileiros, tanto na escola como no trabalho, a igreja católica que frequentavam era onde tinham encontros com coreanos da sua idade, até ela se envolver ativamente nas atividades comunitárias.

Im Hye-suk, que passou a frequentar uma igreja presbiteriana após o casamento, fala que significado a igreja tem para ela:

A igreja, dentre muitas razões, é pela solidão. Apesar de trabalhar no hospital onde só tem brasileiros, aos finais de semana vou a uma igreja coreana. Querendo ou não, a nossa vida de imigrantes é um peso e tem uma tensão maior do que a vida na Coreia. Mesmo que esteja aqui há muito tempo. Por quê? Porque estamos num país estrangeiro. Mesmo que eu me naturalize e more aqui por muito tempo, nunca serei 100% uma pessoa daqui. (Tradução nossa)

Quanto à preservação da cultura coreana, pode-se dizer que, nas igrejas, dá-se continuidade a esse processo, assumida basicamente no seio familiar de maneira mais organizada, ampliada, reforçada e optativa – optativa porque embora, enquanto os entrevistados estando sob o cuidado dos pais por serem crianças ou adolescentes, as diretrizes dos pais afetem significativamente a essa decisão, afinal frequentar a igreja é uma decisão que cada entrevistado toma pela sua própria conta.

Enquanto isso, a língua coreana seria o meio mais explícito, por meio da qual imigrantes podiam verificar a identidade coreana. De fato, os entrevistados que se declararam cristãos afirmam que o nível do seu coreano que hoje têm foi possível graças à convivência nesse ambiente, junto com a prática do tal na família. Naquela época, a pregação da palavra, o estudo bíblico, a comunhão em pequenos grupos, os eventos culturais nos dias comemorativos da Coreia, foram realizados quase exclusivamente em coreano.

Kim Su-jin, que fez questão de responder em coreano, fala que sua igreja (católica) é composta só de imigrantes coreanos e seus descendentes, e as programações são realizadas hoje tanto em língua coreana quanto portuguesa.

Enquanto isso, Lee Pyeong-an mostrou menos habilidade com a língua coreana, respondendo à entrevista em português. Contudo, ainda prefere cultuar em coreano porque, segundo ele:

Eu cultuo em coreano. Não tinha a pretensão de estudar o coreano, mas como o pastor titular pregava a palavra... Também porque não tinha culto em português, mas a nossa igreja está pensando em introduzir. Estou mais acostumado a cultuar em coreano. Não sinto tanta necessidade do português porque entendo tudo em coreano.

Segundo Kim e Lee, a mensagem chega mais “na pele” em coreano do que em português, apesar de não terem nenhum problema em entender o português. É interessante observar que a maioria prefere coreano quando tem duas opções de língua, no que se refere a assuntos religiosos. Já com amigos, usam tanto o coreano como o português, mas com os maiores da geração dos seus pais e avós, não há outra opção senão o coreano.

Deste modo, todos os entrevistados que frequentam a igreja responderam que a participação nas atividades da igreja ocorreu usando a língua coreana até pouco tempo atrás, apesar de poderem contar com outra opção, na medida em que suas igrejas foram criando cultos e outras programações em português, para servir a segunda geração, cuja habilidade com a língua coreana já é pouca.

A mudança para o culto em português em alguns casos ocorreu em função da necessidade de servir como professor ou líder de pequenos grupos da igreja, especialmente das turmas de crianças e adolescentes da segunda geração. Para alguns entrevistados, que vieram para o Brasil ainda muito novos, a escola de coreano que a igreja administrava também era de grande ajuda.

Choi Seung-gyu, com quem a entrevista foi realizada em português, fala que ia à escola da língua coreana quando criança. Além da língua, os entrevistados falam que na igreja são aprendidos outros costumes coreanos por meio da participação em programações regulares, bem como em comemorações das datas especiais, como feriados nacionais da Coreia.

A reunião dos membros da família na igreja também foi um dos pontos comentados por muitos dos entrevistados, como uma das funções propiciadas pela igreja. Observa-se que, numa situação em que muitas famílias não tinham condição para usufruir de programações

especiais de lazer, a igreja era onde a família toda, e até os parentes, reuniam-se e compartilhavam outros assuntos, além do sustento da vida.

O convívio com as gerações dos pais e até merece ser iluminado, no que concerne à aprendizagem dos valores enfatizados na ordem hierárquica, os quais os entrevistados também aprenderam na família. A igreja é um espaço onde é possível ter a presença de até as três a quatro gerações juntas, o que é muito difícil em outros ambientes na comunidade coreana.

Shin Jung-hyeon (1986)⁸⁷, ex-professor do Departamento de Português da Hankuk Universidade de Estudos Estrangeiros, em Seul da Coreia, também apontou isso como “um poder importante da igreja coreana de reunir periodicamente pessoas de classes e grupos mais variados em termos de gênero, faixa etária, sócio economia etc. num espaço em torno da mesma fé” (SHIN, J., 1986, p. 28).

Choi Seung-gyu descreve a atmosfera de sua igreja como “de paz e de tranquilidade”, mas complementa falando: “Hierárquico, sim. Por ser uma igreja tradicional. Porém abertos para uma nova geração. Respeito o jeito de falar e agir dos ancestrais. Mas também não concordo com tudo e a todos.”

Assim como para Choi, para os outros entrevistados, cuja maioria não vivia com seus avós, essa convivência na igreja, mesmo sendo semanal, foi o que contribuiu para aprender certos valores da vida e modos de comportamento e relacionamento coreanos. Por exemplo, por meio da experiência de encontrar-se com as gerações mais velhas num contexto coreano maior que a família, passaram a ter noção do seu lugar em relação aos mais velhos e mais novos. Estima-se que o relacionamento hierárquico baseado em idade e cargo, e moral e ética, de natureza confucionista – junto com morais bíblicos a serem tratados abaixo – foi interiorizado de maneira mais sistemática e pública na igreja do que na família.

Por outro lado, no entanto, essa atmosfera hierárquica e tradicional nem sempre é recebida com total aprovação. Choi Seung-gyu, falando do ar hierárquico da igreja, representado pela presença forte das gerações mais velhas, aponta que ela ainda é um lugar “muito tradicional para aceitar os brasileiros”, o que faz com que ele vá à igreja brasileira. Embora, os entrevistados identifiquem-se com a cultura coreana, incluindo o tratamento aos superiores em termos de idade e de posição com respeito e o comportamento adequado, a falta de flexibilidade e o abuso dessa relação pelos superiores são os mais criticados por alguns dos entrevistados.

⁸⁷ Shin Jung-hyeon permaneceu em São Paulo dedicando ao seu mestrado pela UNICAMP e a discussão referida foi colocada no artigo publicada no volume 1 da Revista Cultura Tropical em 1986.

Shim Jeong-mi conta sobre um dos motivos pelos quais se afastou da igreja, onde passava muito tempo, a ponto de comer e dormir lá nos primeiros anos da imigração:

[...] mas quando estava no Ensino Fundamental eu entrei aqui (na igreja) e comecei a frequentar a escola dominical. Na escola dominical tinha crianças nascidas no ano de 62 e não em 63. Abaixo de mim, tinha uma nascida em 64. Era só eu nascida no ano de 63. Mas na formatura, todos os meus amigos deveriam passar para o departamento dos adolescentes (Ensino Fundamental II), e só eu estava para ficar. Os professores resolveram me formar também, pois não poderiam me deixar sozinha. No departamento dos adolescentes tinham muitos nascidos no ano de 61. Eu era do ano de 63 só no documento, porque muitos me viam apenas como alguém do 3º ano do Ensino Fundamental I. Os adolescentes (*oppa, eonni*) do ano de 61 me desprezaram bastante. E falavam “o bebê subiu, e acha que faz parte dos adolescentes”, em outras palavras me fizeram de *wangtta* (sofri *bullying*). E esse foi um dos fatores. É claro que não foi somente isso (o motivo de ter se afastado da igreja). (Tradução nossa, grifo nosso)

Entende-se que a palavra “*wangtta*”, comentada uma vez no depoimento de uma entrevistada no outro tópico sobre as memórias da Coreia, reflete a atmosfera da igreja que ela frequentava, determinada pela ordem hierárquica, mesmo entre os adolescentes, e a estigmatização pela “maioria” em termos de idade contra a “minoría”.

Vemos na experiência de Shim Jeong-mi que a violência lhe foi infligida duplamente, por ter sido tratada como inferior, por ser mais nova; e ter sido excluída, isto é, por terem praticado *wangtta* contra ela por ela ser “diferente” deles. De fato, esses dois aspectos são exatamente o que vem sendo problematizado e criticado na sociedade coreana. A obsessão à ordem hierárquica sem consideração dos outros fatores e circunstâncias parece fazer com que as pessoas acreditem que os objetos – sejam pessoas, sejam coisas – devem se colocados numa classificação vertical, como sendo superiores ou inferiores, e não simplesmente diferentes uns dos outros.

Embora o caso de Shim seja um pequeno glimpse de tal aspecto da sociedade, acreditamos que é importante entender, à luz de um pensamento mais reflexivo, mais sobre o ato totalitário da nossa sociedade. Celso Lafer (2003), alicerçado pela reflexão de Hannah Arendt, afirma que:

A obsessão com a unanimidade em torno da verdade oficial exige o terror que, pelo emprego da coerção e pela atuação da polícia secreta, obtém a conformidade dos comportamentos. A hipertrofia da coerção e da polícia secreta leva, na dinâmica do totalitarismo, a uma atitude de suspeita, que impregna toda sociedade e dá margem ao aparecimento do conceito de inimigo objetivo. O “inimigo objetivo” é aquele grupo que, independentemente de sua conduta, pode, a critério da liderança totalitária,

eventualmente discordar da verdade oficial e, por isso, deve ser discriminado, isolado, punido e eliminado. (LAFER, 2003, p. 44, grifo do autor)

Como voltaremos a tratar desse assunto ao longo deste trabalho, mais a diante deteremos nossas atenções mais especificamente à estrutura hierárquica e ao pensamento vertical da sociedade coreana, que têm gerado resultados tanto positivos quanto negativos.

O fenômeno de *wangtta* seria uma das manifestações extremas do pensamento hierárquico, constituindo-se como a ausência de um pensamento “laico” que seja capaz de olhar seus diferentes, ou seus Outros em vários termos, dentro da relação horizontal.

É verdade que a preservação da tradição coreana dentro das igrejas e da comunidade coreana como um todo tem sido reconhecida como uma contribuição importante para a identidade coreana dos imigrantes coreanos e, especialmente, dos seus descendentes. Assim, usando o termo de Peter Berger (1985), por meio da reunião regular dos seus membros, que compartilham mesmo costume e cultura, que é coreana, a interpretação do mundo baseado nos pensamentos coreanos foi apoiada e reforçada. No entanto, alguns aspectos de tal “tradição” erroneamente interpretados pelos sujeitos que a praticam têm sido alvo da crítica pelos próprios componentes da comunidade.

5.3.2 Orientação da vida no Brasil por meio da visão englobalizadora bíblica

A igreja tem exercido sua influência como formuladora e reforçadora da coreanidade acima descrita, que é uma unicidade ou particularidade que os entrevistados têm como imigrantes na sociedade brasileira. Assim, como uma “comunhão dos cristãos”, contribuiu para que eles tivessem uma noção de si dentro da grande categoria, que é o ser humano e encontrarem o significado de estar no Brasil por meio das morais e éticas bíblicas, transmitidas de diversas formas.

Não é baixa a proporção dos entrevistados que relatam ter passado, em sua adolescência, por conflitos interiores em relação ao porquê da imigração, de sua posição ambígua aqui, e de como viver neste país.

Jeong Nam-eun recorda o tempo quando estava “meio perdida” e ocorreu o “ponto de virada de sua vida no Brasil”, após uma experiência especial:

Vindo ao Brasil o impacto foi grande. A vida de imigrante é meio vasta tendo que acompanhar os estudos, e se conseguisse passar um dava um alívio, mas sabe quando é vasto. O que devo fazer daqui para frente... No ano de 86, encontrei-me com o meu pastor atual... quando estava na

faculdade... Naquela época, ele ensinava os jovens como evangelista de forma muito forte e convincente, e nos impactou de forma muito boa. [...] **Para mim, que estava numa fase bem difícil e perdida, foi uma bênção conhecer o pastor e ouvir essa mensagem, pois era a fase em que confundíamos a identidade.** Na época em que me formei no colegial e entrei na faculdade [...] Foi quando o meu pastor levava lá em cima para fazer missões. Fizemos viagens visionárias para Recife e entre outros, semelhantes a viagens de exploração. **Foi a primeira vez que visitava outro estado aqui.** Depois disso, fui durante cinco anos consecutivos. Fui para a África. **O pastor é fervoroso, e por isso mostrou às pessoas meio perdidas, como a mim, que país era o Brasil.** [...] Lá ele nos mostrou missionários americanos da JOCUM (Jovens Com Um Propósito) que entravam nas casas pobres e cuidavam das crianças, construíam casas para os deficientes físicos no meio do depósito de lixo. **E foi aí que levei um choque.** Vi que deveria agradecer na minha situação. **Foi quando meus olhos foram se abrindo e compreendi que a razão de estar no Brasil era porque Deus tinha um propósito, e, a partir daí, comecei a ter esperança no meu coração...** Será que posso dizer que começou a brotar um amor por este país? Antes, eu realmente não gostava do Brasil, e pensava que era um país atrasado, mas aos poucos isso foi mudando. Foi muito beneficiada por ter encontrado um líder e poder enxergar coisas que antes não era possível. Desde então, comecei a mudar. Foi **o ponto de virada da minha vida.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Há mais entrevistados que contam experiência parecida com essa. Segundo os depoimentos deles, entender a visão bíblica, e incorporar-se a ela, foram fatores que ajudaram muito a se tranquilizarem, depositando “a fé em Deus” de que nada acontece por acaso, e que deve haver contribuições a dar para os outros. Estima-se que tal mudança de ponto de vista, de olhar e de interpretar o que acontece em suas vidas tenha contribuído para que vivessem “com pé no chão”, brasileiro, o que se tornou sua “realidade”, uma vez que saíram da Coreia, agora apenas uma memória.

Vejamos a história de Oh Min-chan, que era um adolescente rebelde segundo ele. Para ele, a palavra da Bíblia, a experiência religiosa nos retiros, e o convívio na igreja sempre o ajudaram a voltar ao “caminho certo”:

Primeiramente, eu frequentava a igreja para ver os meus amigos, mas o ouvir a Palavra (pregação ou sermão) não me causava constrangimento. Hoje, com mais idade, percebo que todas essas coisas ficaram comigo. Lembro do que vivenciei na igreja, dos sermões que ouvia. **Arrepentia-me durante os acampamentos, e essas coisas.** [...] Há muita influência sim. **Me influenciou de tal forma que novamente voltei para o caminho certo.** Lembro-me que, mesmo estando perdido, quando era jovem, sempre tive no meu coração de que deveria guardar o domingo. Então, mesmo não participando dos cultos, eu sempre ia à igreja. Sabe aquele mal estar se não for? (Tradução nossa, grifo nosso)

Hoje, sendo chefe da sua própria família, Oh tem um envolvimento ativo nas atividades da igreja, onde convive tanto com imigrantes e descendentes coreanos, quanto com brasileiros. A convivência com os membros brasileiros, seus “irmãos em Deus”, como Oh expressa, fez com que seu preconceito, que tinha quando adolescente, mudasse consideravelmente. Segundo ele, ele começou a repensar sobre o ódio que tinha contra colegas brasileiros no geral no ginásio e até no colegial só olhando para alguns da turma que o zoavam. Depois, conforme foi conhecendo colegas brasileiros “legais” na faculdade e posteriormente por meio do encontro com a igreja que frequenta hoje, ele passou a “reconhecer” que ele tinha preconceito sobre brasileiros e o Brasil e a procurar olhar para os mesmos de ângulos equilibrados segundo a visão bíblica.

Notamos que o momento em que se deu a fase de amadurecimento da fé cristã varia de caso para caso. Enquanto a maioria dos entrevistados cristãos dependia da função da igreja como centro comunitário coreano desde o início da imigração no Brasil, um bom número, incluindo Oh Min-chan, fala que levou tempo até realmente ter a fé.

Ko Su-hyeon relata ter servido a igreja desde criança, participando de várias atividades, mas com uma fé “morna”:

Até antes de conhecer a igreja que frequento hoje, eu tinha uma fé **morna**, parecia que frequentar a igreja era tipo um costume que já havia fazendo há muito tempo. Enquanto isso se repetia, conheci a minha igreja de hoje. Lá conheci o meu Deus... Que sentia realmente ele estar comigo e que era meu Deus... (Grifo nosso)

Por sua vez, Han O-jun não tinha lembranças muito marcantes da igreja até seis anos atrás, quando realmente começou a viver a “vida cristã”:

A primeira vez que fui à igreja foi quando estava no 3º ano do Ensino Fundamental I, junto com o meu amigo. Naquela época, eu ia e vinha sem compromisso, mas comecei uma verdadeira vida de fé seis anos atrás. Então faz seis anos que creio verdadeiramente em Jesus. No Paraguai, também eu frequentava a igreja sem compromisso algum. [...] A igreja é uma das comunidades que está no topo. E nela está embutida a função da formação da identidade e valores. Dentre as comunidades, a igreja é a mais importante. (Tradução nossa)

Vindo aos dezessete anos de idade do Paraguai para o Brasil, Han diz ter esforçado-se bastante para se misturar com os brasileiros, apesar de seu caráter tímido, mas admite hoje que “ele” colocava uma linha entre ele e seus amigos brasileiros. Contudo, conforme sua fé foi amadurecendo, com o tempo, ele sentiu-se mais livre com relação a isso. Ele relata, sobre

a igreja, que: “Ela me deu mais flexibilidade. Muito dos meus preconceitos em relação aos brasileiros foram quebrados. O pressuposto do meu conhecimento e experiências está baseados numa cosmovisão bíblica.”

No caso de Noh Jeong-nan, a vida como cristã começou só depois que casou e, como ocorreu com muitos outros entrevistados, a igreja tornou-se uma “família”, composta por membros tanto brasileiros como coreanos, todos “irmãos”:

(A igreja) pra mim particularmente foi muito importante. Como meus pais não deixaram a gente participar de alguma igreja, porque éramos meninas, não é porque é igreja, não é isso. Não deixava. Só ia com alguém conhecido. [...] Todas as filhas eram muito tímidas. Nunca participou da igreja, nunca fez alguma coisa em grupo, entendeu, com os amigos. Faltou muito isso, E aqui na igreja me ajudou muito, na vida espiritual, lógico, e **comunhão nessa igreja ajudou muito. Eu acho que nossa igreja é a segunda família. Eu considero nossa igreja segunda família. Mais do que meus parentes.** (Grifo nosso)

Assim como Noh enfatiza, a comunhão com os membros da igreja, tanto brasileiros quanto imigrantes coreanos, ocupa um lugar prioritário na agenda dela. Segundo ela, apesar de que ela e sua família de sangue já tinha mantido relação e convívio mais frequente e íntimo com brasileiros do que seus conterrâneos, Noh ainda não chegava a ter tanto afeto pelo povo brasileiro como hoje tem.

Deste modo, podemos perceber que os princípios bíblicos que tratam do ser humano como um todo, de modo igualitário, independentemente da raça, etnia ou classe social, contribuíram para que os imigrantes coreanos não se posicionassem dentro de um sistema de dicotomia em relação aos brasileiros. Para eles, a visão cristã prevalecia, com relação à visão coreana e à visão brasileira: a primeira propicia a reconciliação das outras duas visões, que parecem incompatíveis uma com a outra.

Por meio da visão cristã, passam a reconhecer as diferenças que evidentemente existem entre duas culturas, mas em vez de se concentrarem nas diferenças, optam por olhar pontos em comum entre ambas, de modo a fazer parte de uma mesma comunidade, que é a humanidade como um todo. Ou seja, tentam compreender os pontos que se consideram fora do padrão da sua cultura como “diferentes”, e não como “errados” ou “inferiores”, concebendo-os numa relação “horizontal”.

Poderíamos entender essa mudança à luz da palavra de Buber (1974), para quem: “na relação com Deus, a exclusividade absoluta e a inclusividade absoluta se identificam. Aquele

que entra na relação absoluta não se preocupa com nada mais isolado, nem com coisas ou entes, nem com a terra ou com o céu, pois tudo está incluído na relação.”

De fato, os depoimentos dos entrevistados tornam possível concluir que tal modo de aproximação, interpretação da realidade e das relações com os brasileiros, ajudou significativamente os imigrantes coreanos a conviverem, ou, pelo menos, “procurarem” conviver com eles de modo mais harmonioso, estando “prontos” para isso nas relações a vir com seus Outros.

Com respeito ao papel da igreja como um todo, que se distingue das outras instituições sociais, Hwang In-pyo responde:

Eu penso assim. Se a família é a unidade básica e a escola é uma instituição que desenvolve todo o potencial do indivíduo, então a igreja é quem delimita as fronteiras dessa pessoa. Ela ensina os valores da vida, a moral e a ética, mostrando o limite da “*boundary*”. É isso que penso. (Tradução nossa, ênfase do entrevistado)

Ele acrescenta que as igrejas da colônia coreana também exercem esse papel, mas a natureza “tradicional”, ou melhor, “fechada” de muitas delas está sendo destacada mais do que sua função essencial, impedindo a identidade coreana de ser construída de modo a não excluir seus Outros.

Para Shim Jeong-mi, que não frequenta mais a igreja, esta é um lugar muito problemático pelos motivos como abaixo:

A igreja é um poço de problemas. Porque é difícil por ela existir, mas também porque não pode deixar de existir. Essa identidade... Problemas e questões religiosas acabam se misturando. Mas a igreja hoje em dia não está mais ou menos assim? Não sei muito bem porque hoje não frequento mais a igreja... Mais do que papéis religiosos, a contribuição na identidade é maior, não é mesmo? É maior... Mesmo no aspecto religioso, a ética é mais forte do que a religião. Ela ensina às crianças a ética e moral, e a identidade. Pois nas escolas brasileiras não enfatizam a ética e moral. **Creio que é uma instituição necessária.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Parece que Shim encara a igreja com uma atitude cética, mas reconhece a função da igreja como educadora da moral e da ética, não necessariamente bíblicas e da língua coreana, e fala que pretende enviar seus filhos a uma igreja para aprenderem sobre isso.

Então, o que podemos entender a partir dos depoimentos é que a igreja, além de reforçar a coesão do grupo dos imigrantes coreanos e sua identidade como centro comunitário coreano, como vimos primeiramente, tem servido também para “manter a realidade do mundo

socialmente construído”, no caso, “da sociedade brasileira” onde os imigrantes coreanos existem nas suas vidas cotidianas (BERGER, 1985).

Assim, o ensino essencial da fé cristã fez com que os entrevistados, que não viam vínculo algum consistente que ligasse sua memória da Coreia e a vida no Brasil, pudessem preencher essa ruptura por meio do significado descoberto na fé, e reconhecessem o Brasil como sua realidade.

5.3.3 Propiciação de experiências de liderança e incentivo às atividades extracurriculares

Outro aspecto interessante em relação às funções da igreja refere-se à propiciação de experiências da liderança e de aprendizagem de conhecimentos artísticos, especialmente da música. Isso se dá geralmente pela participação da equipe de louvor, da equipe de instrumentos musicais (banda), do coral, da equipe de coreografia, das atividades e viagens missionárias, dos pequenos grupos divididos conforme a faixa etária. E, de fato, muitos dos artistas de origem coreana, como pianistas, músicos clássicos etc. que se destacam muito, foram gerados nesse ambiente eclesialístico.

Kim Jin-mo confirma esse papel da igreja, não sem o menor sinal de hesitação:

Eu era professor de escola dominical, professor na escola de língua coreana, e já fiz de tudo. Também sou membro do coral. E essas coisas me ensinam muito. Os coreanos que participam do coral acabam adquirindo maior conhecimento musical... fazem bem. A vocalista coreana da nossa também aprendeu tudo aqui na igreja. Eles são profissionais. Todos. Ju Jang-ho, Lee Jang-don... Servindo à igreja, tocando piano foram desenvolvendo e se tornaram profissionais. Pode se dizer que 99% da cultura dos coreanos foi formada na igreja. Você pode ver que a igreja foi responsável por toda a cultura da sociedade, como a língua coreana, a noite da apresentação literária? (Tradução nossa)

Mesmo que não cheguem a esse nível profissional, descrito por Kim no trecho acima citado, o que é o caso da maioria, os entrevistados dizem que, na igreja, aprenderam conhecimentos básicos sobre a música, sobre tocar instrumentos musicais, como piano, primeiramente, violão, e até bateria. A participação em tais atividades, que começam desde criança, torna-se mais ativa na adolescência e juventude, até antes de completarem trinta anos de idade, normalmente.

A partir do momento em que completam a maioridade, os membros jovens passam a assumir um papel como líder desses grupos, dos quais antes participavam mais como alunos. Além das atividades artísticas como essas, membros universitários e jovens como um todo,

tanto da *Geração 1.5* quanto da segunda geração, servem como professores de turmas de crianças e de adolescentes, bem como da escola dominical.

Jang Yeon-hui conta uma série de responsabilidades que sua família tem assumido na igreja:

Nós servimos bastante. Meu pai e minha mãe participam do coral da igreja, eu também toco piano. Eu sirvo como professora da escola dominical dos pré-adolescentes e adolescentes e meus pais também são responsáveis do departamento educacional. Na nossa igreja não tem escola de coreano. (Tradução nossa)

Observa-se que, entre as entrevistadas jovens com menos de trinta anos de idade, a experiência como pianista acompanhadora é uma das mais comuns, o que é o caso de Ko Su-hyeon também. Além de tocar piano, ela fala que atuou como assistente de professora do grupo infantil aos domingos.

No caso de Han O-jun, também foi na igreja que teve a chance, além de ser líder do grupo de estudantes colegiais, de concretizar seu interesse pela música. Ele conta que hoje toca baixo na banda da igreja.

Acerca da função da igreja, Kim Tae-eun conta sobre sua participação ativa da igreja, especialmente como “líder” dos pequenos grupos:

Em seguida, fazia apresentação de dança quando estava no grupo de missões. Mais tarde, também fui líder de louvor. Servi durante cinco anos no departamento infantil. Depois, a minha liderança estava muito forte e parecia que estava muito orgulhosa... Por isso, depois de servir seis anos fui para o departamento dos adolescentes. (Tradução nossa)

É importante notar a experiência como líder proporcionada na igreja aos entrevistados. Pois, é comumente apontado como problemas que muitos da *Geração 1.5* passam, o fato de não encontrarem o sentido da sua existência. Sentem-se incompletos tanto como coreanos, quanto como brasileiros, o que os faz pensar que não vão conseguir liderar nenhuma situação. Esse não é o problema de todos que podem ser classificados como essa geração, mas também é inegável que ele exista.

Neste sentido, poder-se-ia dizer que o envolvimento ativo nas atividades da igreja, contribuiu para elevarem a auto-estima. De fato, muitas vezes espera-se dos membros jovens, especialmente da *Geração 1.5* que tenham conhecimento de ambas as culturas – coreana e brasileira –, que assumam papéis como “intermediadores” ou “reconciliadores” entre a primeira e a segunda geração. Podemos entender, a partir disso, que a igreja é um dos lugares

onde a identidade como um ser “entre” dos imigrantes coreanos da *Geração 1.5* pode ser concebida de modo saudável e valorizado, por meio da participação nessas atividades.

Neste tópico, examinamos as funções cumpridas pela igreja, focando os três aspectos apontados iniciando esta parte. Percebemos que, para muitos imigrantes coreanos, as igrejas protestante e católica funcionaram, e ainda funcionam, como uma comunidade real, de escala maior, não imaginada, em que realmente acontecem encontros e comunicações entre seus membros, seus semelhantes, quase todos de origem coreana. Para eles, a participação na vida comunitária coreana acontece por meio da sua participação na igreja.

O importante a notar aqui é que, nesse ambiente, foram preenchidos os vazios deixados pelas escolas e pela família, como Kang Sam (1993, p. 102) também observou em sua dissertação de mestrado, intitulada *Socialização de jovens imigrantes coreanos*. A igreja propiciou chances de aprendizagem de conhecimentos artísticos, bem como morais e éticos, os quais não são esperados das escolas, conforme pode ser percebido nos depoimentos dos entrevistados. Vimos, ainda, que a igreja complementou a insuficiência da orientação pela família com respeito aos costumes e modos de relacionamento conforme padrão coreano.

Junto com isso, também foi possível observar que o vínculo com a igreja, ambiente predominantemente “coreano”, contribuiu para os entrevistados não se deixarem ser absorvidos na sociedade brasileira, sem que tivessem outra referência, que é a cultura da sua raiz, coreana, para elaborar o seu projeto da vida no Brasil.

Quanto a essas duas funções exercidas pelas igrejas da colônia coreana, pode haver o questionamento no que concerne à integração de seus membros na sociedade brasileira. Kang Sam (1993) tratou deste aspecto, dizendo:

[...] (as igrejas) por um lado, ajudam os imigrantes a se integrarem melhor à sociedade brasileira; porém, por outro lado, tornam-se barreiras ao seu ingresso no grupo maior por serem centro de concentração, ou segregação, coreana. (KANG, S., 1993, p. 107)

Essa observação tem razão, e realmente as igrejas da comunidade coreana são criticadas por serem grupos fechados a brasileiros, embora isso não tenha sido intencional, mas por motivos realistas – as barreiras de língua e a diferença cultural, entre outros.

Ainda que tenham ocorrido mudanças das muitas igrejas visando a certa atualização do ministério, incluindo a abertura ao público brasileiro, o ponto apontado por Kang não parece ter sofrido mudanças significativas. Alguns entrevistados falaram que, mesmo sendo

sua igreja, ainda predominantemente coreana, cresceu o número de membros brasileiros, mas houve mais entrevistados que falaram que ainda sentem dificuldade e constrangimento de levar seus amigos brasileiros para sua igreja, por ela ainda ser muito “tradicional”. Discutir essa tendência geral das igrejas coreanas na dimensão ministerial, por ser um assunto delicado, não será tratado neste trabalho.

Porém, o que pode se dizer em relação a esses aspectos – centro comunitário coreano que reforça a identidade coreana e proporcionador de experiências de liderança e incentivo à aprendizagem de conhecimentos artísticos – aqui tratados, que, a princípio, podem parecer contraditórios, com base nos relatos dos entrevistados complementam um ao outro, quando se faz um projeto reflexivamente elaborado.

Estima-se que quem tem maior segurança sobre sua identidade coreana, por meio da convivência com seus conterrâneos, sentiu-se mais seguro também em aceitar a cultura brasileira, conseguindo reconciliar esses dois fatores existentes dentro de si, segundo a visão englobalizadora de Tu eterno (BUBER, 1974). Acerca disso, faremos um exame mais detido adiante, nos capítulos sobre memória, projeto e visão de si e do Brasil.

5.4 Papel da comunidade coreana

Percebendo que os entrevistados têm mantido vínculo significativo com as quatro categorias ou unidades encompassadoras (VELHO, 1987), no caso, família, escola, igreja e comunidade coreana, pode-se dizer que elas, como um todo, têm exercido papéis de comunidade para eles. Aqui, veremos especificamente o significado da comunidade coreana em São Paulo, a partir de relatos dos entrevistados. Foi tomada como foco à medida que comunidade étnica, no contexto da imigração num país estrangeiro, serve um papel imprescindível na construção da identidade dos indivíduos imigrantes e seus descendentes.

De um lado, a comunidade étnica, dentro de uma categoria maior, o Estado, pode ser considerada um obstáculo à assimilação de seus membros na sociedade local. Em especial, nas sociedades complexas do mundo contemporâneo, a fragmentação da identidade vem sendo discutida frequentemente, e a comunidade étnica parece compor um eixo significativo para tal discussão, em especial em torno da questão da crise de identidade dos indivíduos imigrantes e seus descendentes.

Por outro lado, a comunidade étnica contribui para que os seus membros, especialmente recém-chegados, possam se adaptar melhor à sociedade local, dando-lhes

auxílios necessários – tanto práticos quanto emocionais. Além disso, não se pode menosprezar a contribuição cultural de comunidades étnicas à sociedade à qual pertence.

Neste capítulo, buscaremos entender como os entrevistados têm se sentido na comunidade coreana, como têm olhado ela, como têm aproveitado o pertencimento a esse círculo e, finalmente, que significado atribuem a ela, o que se encontra “em processo” e apto à mudança.

5.4.1 Rede de ajuda mútua no processo de instalação

Estima-se que o papel mais explícito da comunidade coreana seja a ajuda no processo de instalação no Brasil. Contudo, na década de 1960, quando ainda não havia uma comunidade bem estruturada dos imigrantes coreanos, foram os ex-prisioneiros da guerra mundial, já instalados mais tempo no Brasil que ajudaram os imigrantes pioneiros dessa época.

Im Hye-suk fala da ajuda que um deles deu para sua família:

Nossa família veio na cidade sem nenhum plano, naquele momento, um ex-prisioneiro coreano casado com uma japonesa, veio e nos ajudou primeiro. Nós pagamos o aluguel de um ano inteiro para arrumar uma casa, pois não tínhamos um fiador. Naquele tempo, todos os imigrantes viviam juntos naquele bairro vindo daqui e dali. Foi o prisioneiro anticomunista que nos ajudou a conseguir uma casa, não tinha outra pessoa que poderia nos ajudar, pois ninguém sabia falar uma palavra em português e cada um teria que resolver sozinho. (Tradução nossa)

Observa-se que, com os seus conterrâneos, a presença em si serviu como grande consolo, e a ajuda era de caráter mais emocional do que prático, sendo também de caráter mútua – e não unilateral –, já que todo mundo era ainda pobre.

Por exemplo, Im Hye-suk conta o quanto eram generosos os coreanos naquela época, diferente de hoje: “Mas aquelas pessoas eram muito generosas, nos mercadinhos coreanos você não consegue vender tomate muito manuseado pelos clientes, mas aqueles tomates vermelhos manuseados eram compartilhados aos coreanos.”

Na situação em que todos os imigrantes estavam preparando a base da vida no Brasil, as ajudas práticas, como, por exemplo, arranjar empregos, vieram dos imigrantes chineses e japoneses, com quem dizem ter mais afinidade tanto física quanto emocional. Im continua falando:

A gente vivia de costura, recebia bordado dos chineses para fazer, e toda a família trabalhava. E quando tinha bordado eles davam para os orientais. E, além disso, como minha mãe e meu pai falavam japonês, a relação com os japoneses ajudou muito a gente viver. (Tradução nossa)

Especialmente o contato com imigrantes japoneses foi mais íntimo, em função da relativa facilidade de comunicação com eles, porque muitos dos imigrantes daquela época – a primeira geração – tinham certo nível de conhecimento da língua japonesa.

De fato, um bom número de imigrantes coreanos pioneiros fixou sua moradia onde os imigrantes japoneses estavam concentrados, como, por exemplo, na Liberdade. Então, através da rede prolongada até a colônia japonesa, os coreanos que acabaram de chegar à cidade conseguiram seus primeiros empregos em negócios dos imigrantes japoneses também.

Kim Ae-yeong, saindo de uma fazenda do Paranaguá em 1967, também foi trabalhar numa fábrica de um imigrante japonês, assim como seus irmãos arranjaram emprego numa fábrica de impressão, também de japonês. E quando a mãe dela finalmente deixou a fazenda, a família toda foi morar na Rua Baixa da Glicerde. O depoimento de Kim Ae-yeong mostra que os imigrantes coreanos daquela época desfrutaram da boa vontade dos imigrantes chineses também:

Depois de trabalhar numa confecção, eu fui trabalhar numa fábrica de lápis de um imigrante coreano. Eu desenhei um lápis e pincel, após o trabalho, eu ia com muitos coreanos no Centrinho Chinês para as classes de português para aprender. Ali era tipo uma Associação dos Chineses. (Tradução nossa)

Como podemos ver no relato de Kim, a partir da década de 1970, começaram a surgir pequenos empreendedores, no ramo de confecção de roupas, entre os imigrantes coreanos, gerando empregos para seus conterrâneos. Nessa época, recém-chagados ao Brasil ainda podiam contar com a bondade de seus conterrâneos instalados em São Paulo havia mais tempo. Além disso, nessa fase os que vieram mais cedo começaram a conseguir certa estabilidade na vida no Brasil, assim podendo oferecer apoios mais práticos e variados.

O crescimento do ramo de confecção entre os coreanos em São Paulo serviu como um fator que incentivou a vinda de muitos coreanos para o Brasil. Foi o momento que a estrutura da colônia começou a ser moldada, dando início ao fenômeno de sua concentração nos bairros de Brás e Bom Retiro. Essa tentativa bem sucedida tornou possível que novos imigrantes coreanos arranjassem trabalhos dentro da própria colônia coreana. É muito comum até hoje que os recém-chegados comecem a trabalhar como vendedor de tecidos e roupas com ajuda das lojistas e empreendedores coreanos.

Como podemos imaginar, os assuntos mais urgentes depois de emprego para os recém-chegados seriam a moradia e a escola para filhos, e eles podiam contar com a ajuda dos coreanos já instalados em São Paulo. Boa parte dos entrevistados que vieram nessa época dizem que ficaram algum tempo na casa de família coreana até arranjar onde morar. Jeong-nan recorda o dia em que sua família chegou e como foi o convívio com os coreanos naquela época:

Acolheu-nos em São Paulo. Sim, tinha uns contatos no Brasil. Então sei que tinha uma família que morava lá na Liberdade, e ela nos acolheu. Acho que a gente ficou uma semana nessa casa. E logo a gente arrumou uma casa na Aclimação. [...] Tinha os coreanos que vieram assim em 71, um ano mais adiantado que a gente. [...] E de fim de semana, algum feriado, eu sei que a gente viajava com os coreanos. (Tradução nossa)

Do mesmo modo, a família de Oh Min-chan foi acolhida por um conterrâneo, que era colega da faculdade do pai dele na Coreia:

Quando nossa família desembarcou na rodoviária, tinha um senhor coreano lá nos esperando. Lembro que ficamos na casa dele alguns dias. Canindé foi o primeiro bairro que eu vivi, ali tem o estádio de futebol da Portuguesa, nossa família ficou devendo 1 mês, ali atrás tinha uma fábrica. Não era uma casa mas nos ajeitamos na fábrica e dormimos lá, era uma estada temporária... havia um senhor velho lá... meu pai disse que fazia junto com eles protestos, manifestações na Coreia. E assim, nessa estadia temporária comprávamos as necessidades básicas...

Assim, numa terra estranha, longe de seu país, qualquer memória em comum que lembrasse a Coreia servia como um forte vínculo entre imigrantes coreanos dos anos pioneiros no Brasil, fazendo com que pudessem depositar uma confiança quase incondicional.

Park Dong-min também valoriza esse lado da colônia coreana na sua fase inicial, embora essa confiança e ajuda que sua família ganhou de um conterrâneo não tivessem tido um resultado agradável:

Mas então... aquele senhor que queria vender o mercadinho logo pensou em fugir para os EUA. Mas nós não tínhamos nenhum centavo e devagarinho íamos pagando, pois ele nos deu confiança e agradecemos, mesmo não tendo pago tudo ele nos deu as chaves do mercadinho.

Foi com essa confiança que muitos imigrantes coreanos podiam alugar o apartamento ou casa e abrir seu próprio negócio, sendo que seus conterrâneos foram praticamente os únicos que se ofereceram para ser fiador.

Em se tratando de “confiança”, vale ressaltar o papel do chamado “*gye* (계)”. Na comunidade coreana, como uma única rede social de confiança para os imigrantes naquela época, foi praticado o *gye*, um sistema de uma espécie de fundo privado tradicional popular entre os coreanos, cujos membros juntam periodicamente uma quantidade modesta de dinheiro e se revezam para receber uma quota de montante fixo. De fato, o *gye* e reuniões periódicas em torno do *gye* exerceram papéis importantes, não somente como um sistema de crédito informal, substituto do “banco”, mas também como “fortalecedor da adesão dos imigrantes coreanos à comunidade”. Im Hye-suk explica o quanto era importante o *gye* para eles:

Sim, tinha o *gye*, para os coreanos o *gye* era muito importante, mesmo não tendo dinheiro, com o dinheiro inicial do *gye* conseguimos começar um negócio. Agora não tem mais *gye*, mas antigamente isso foi um sistema muito importante. Aquele sobe e desce do dólar e quebrando o *gye*, foi difícil manter, por isso, devido a muitas quebraadeiras, o *gye* desapareceu. Até os anos 80, 90 os *gyes* sempre existiam, todo aquele montante de dinheiro que surgia, o *gye* tinha função de banco e também para reunir os amigos. E juntando aquele importante dinheiro do *gye*, era muito importante para aquele que não tinha dinheiro, podia iniciar seu negócio com força. Sendo assim, uma vez por mês, reunia toda família, na Coreia do Sul somente as mulheres reuniam, mas aqui toda a família ia para comer, à noite, no jantar, era assim no passado... (Tradução nossa)

Outros entrevistados também se lembram das reuniões para o *gye*, das quais suas famílias participavam, onde desabafavam um com outro sobre as dificuldades da vida como imigrante, e comiam juntos. Quanto à importância do *gye* no início da imigração coreana no Brasil, está bem descrita nas teses de Choi Keum-joa (1990) e de Kim Hyung-mi (1996), elaboradas sobre a população coreana no Brasil, com temas diferentes. Como Kim (Ibid., p. 24) enfatiza, “a garantia para o seu perfeito funcionamento advém da confiança mútua entre os envolvidos.”.

Porém, essa “confiança mútua” na comunidade coreana passou a ser não mais tão esperada. As décadas de 1970 e 1980 são consideradas a primeira fase de transição da comunidade coreana para São Paulo em vários termos. Parece que, ao passo que a comunidade foi crescendo, e assim atraindo mais influxo de coreanos, surgiram mais pessoas que aproveitavam esse interesse dos seus conterrâneos, querendo levar lucro com atos fraudulentos. Jang Yeon-hui recorda, hoje podendo dar até risada, essa experiência amarga daquela época:

O amigo do meu tio disse que fazer um negócio de tecidos seria muito promissor. Pelo fato dele morar aqui há muito tempo, disse-nos que poderia fazer um grande negócio. E foi assim que pensamos em migrar. [...] Mas o amigo do meu tio (*rindo*) sumiu, levando uma quantia significativa de dinheiro e alguns containers. Na verdade, no início esse amigo do meu tio tinha chamado para que juntos abrissem um negócio, mas acabou caloteando. (*risos*). É uma história obscura. (Tradução nossa)

Deste modo, os depoimentos dos entrevistados que imigraram posteriormente, acerca do papel da comunidade na fase inicial da imigração, tendem a ser mais diversificados, e nem sempre agradáveis. Mesmo quando descrevem boas lembranças das ajudas que vieram dos conterrâneos, observa-se que o escopo dessas lembranças não abrange a comunidade coreana como um todo.

Se os relatos acima focaram mais nas ajudas, ou nas perdas que a família como um todo teve, a ajuda mais significativa da comunidade para os entrevistados, no processo de adaptação ao Brasil, teria sido relacionado aos assuntos da escola e estudo em geral. Antes de tudo, para os pais dos entrevistados, procurar a escola para seus filhos foi uma das tarefas a ser resolvidas com prioridade, sendo que as primeiras escolas, na maioria das vezes, foram escolhidas de acordo com indicações dadas por seus antecedentes. Nem sempre era o caso, mas geralmente seguiram escolas que mais coreanos escolheram, o que não quer dizer que eles preferiram escolas onde tinham mais coreanos, mas sim que respeitaram opiniões dos seus conterrâneos para não arriscar em relação à qualidade da escola. Podemos verificar nos depoimentos dos entrevistados que, enquanto sua permanência no Brasil não era regularizada, o leque de opções era menor, sendo que tinham que ir às escolas que não exigiam o visto permanente do Brasil, indicadas por seus conterrâneos.

A partir da segunda escola que frequentaram, a pesquisa e a decisão já foram feitas pelos próprios entrevistados, à medida que foram conseguindo mais informações e habilidade com a língua portuguesa. Nesse processo, quem deu essas informações foram outros adolescentes e jovens coreanos que já estavam frequentando escolas brasileiras. Eles ajudaram também com dicas úteis relacionadas ao estudo, matérias, assuntos administrativos da escola etc.

Já a partir da década de 1980, receber aulas particulares de português daqueles com mais tempo de instalação em São Paulo também foi uma das ajudas que contribuiram para os imigrantes ainda adolescentes a se adaptarem à vida na escola. Lee Pyeong-an diz, por exemplo: “Eu recebia explicações de um irmão que mora no mesmo prédio, o irmão do prédio

que veio antes, somente quando eu recebia explicações para aprender português eu o encontrava.”

Depois que entrou na faculdade, ele mesmo dava aulas particulares das disciplinas gerais da escola para os recém-chegados. De fato, pode-se ver que hoje muitos estudantes universitários e jovens coreanos com bom tempo de instalação no Brasil dão aulas particulares não somente da língua portuguesa, mas também das disciplinas gerais da escola. Geralmente, são aqueles em fase de adaptação à vida no Brasil que necessitam desse tipo de aula complementar, e é interessante observar nisso o papel desempenhado por pertencentes à *Geração 1.5*, que têm habilidade com os dois idiomas, português e coreano.

Por sua vez, Oh Min-chan, que veio ao Brasil na década de 1980, também conta sua experiência, em que “era inevitável pedir ‘favor’ dos veteranos da imigração”, embora, no caso dele, isso não tivesse sido uma experiência tão agradável por causa da atitude deles de “se acharem”:

Quando eu precisava comprar livros da escola, eu pedia um favor aos alunos que já estavam um ou dois anos na escola. **Era uma sensação muito ruim**, quando começava um novo semestre tinha que comprar livros, mas devido à falta de comunicação eu tinha que ir comprar em algum lugar, mas eu não entendia. Na escola, vendia uniforme, meia e caderno, somente isso, e quando eu precisava comprar livros, pedia favor, e mesmo sendo jovem eu me sentia muito mal. Pois eles **se achavam** (zombavam) porque sabiam falar bem e já estavam a um a dois anos a mais que eu. Eles **se achavam** por que eu não sabia falar na escola e mesmo sendo coreanos eles **se achavam**. (Tradução nossa, grifo nosso)

O que chama nossa atenção no depoimento dele é ele chamar aqueles imigrantes da sua idade naquela época de “coreanos” com certa ênfase na palavra, sem nenhuma identificação “carinhosa” com eles. Pode ser que o caso dele seja excepcional, considerando que outros entrevistados não contaram uma lembrança seriamente negativa nesse sentido. Mas os depoimentos sobre outros aspectos da comunidade coreana em São Paulo fazem-nos presumir que, naquela época, ela já não era um “ninho” meramente solidário, composto de “nós” coreanos, como discutiremos mais profundamente na parte posterior deste tópico.

Por sua vez, o que Park Dong-min aponta com relação à comunidade coreana em São Paulo hoje, são as atitudes ingratas dos jovens imigrantes coreanos. Segundo ele, sem ajuda incondicional dos “veteranos” da imigração coreana, muitos não teriam começado a vida em São Paulo. Ele fala que a ajuda foi dada incondicionalmente, apenas “pelo amor do seu povo”, o que parece ser esquecido, conforme as lamentações das gerações mais velhas, por muitos imigrantes coreanos jovens hoje:

[...] Havia idosos e militares, senhores imigrantes. Com essas pessoas que têm duas casas podia dar garantias para uma casa a centenas de pessoas. Eu agradeço a essas pessoas, se eles não tivessem feito isso muitas pessoas não poderiam ter começado suas vidas. Mesmo aquelas pessoas sabendo do risco da garantia incondicional e eu “fugindo” do pagamento eles concederam. Havia um militar que morreu, Sr. Ko Gwang-sun, presidente da Associação Comercial Brasil-Coreia que está vivo, com 90 anos, com amor puro e ético ele ajudou muitas pessoas. Tinha o vovô Mita um coreano do período colonial da Coreia que foi levado para os EUA e se tornou um homem adotado. Mas ele sabia que ele era coreano, a imigração japonesa ocorreu em 1930, mas a coreana foi na década de 60, e ele foi um desses que desembarcou em Santos. Ele se relacionava com os coreanos, com dignidade e realmente com muito esforço, para amar aquelas pessoas de forma incondicional. No entanto, os jovens de hoje, que cresceram na Coreia não sabem sobre isso... mas porque eles não sabem por que podem viver bem aqui. (Tradução nossa)

De um modo geral, o que os entrevistados contam a respeito do papel da comunidade coreana no seu processo de instalação coincide com os dados disponíveis nas fontes escritas e verbais sobre a imigração coreana. Como vimos, mesmo reconhecendo uma contribuição significativa dos seus conterrâneos nessa fase, os entrevistados nem sempre têm boas lembranças da comunidade coreana. Podemos ver, nas lembranças dos entrevistados, “veteranos” da imigração ao Brasil, um vínculo entre um e outro como “nós” mais forte, isto é, uma comunhão mais sólida entre os imigrantes coreanos, a qual servia como grande consolo quando essa comunhão ainda nem merecia ser chamada de “comunidade”.

No entanto, a tendência à individualização, ou seja, a tendência ao egoísmo na comunidade com o passar de tempo, agregada por outras características degenerativas da comunidade coreana, parece afastar muitos imigrantes coreanos dela fazendo com que haja o mínimo envolvimento nela.

5.4.2 Aspectos da participação da vida comunitária e o sentimento de pertencimento a ela

Quando comparado ao significado que hoje os entrevistados atribuem à comunidade coreana, seu significado no processo de instalação parece ter sido maior por ter havido, naquele período, “necessidades” urgentes. Estima-se que hoje, tendo uma vida mais tranquila econômica, profissional e socialmente, a participação da vida comunitária coreana dos entrevistados não ocorra com, o que reflita o sentimento de pertencimento a ela, que é algo não muito sólido.

Se incluirmos as atividades pessoais mais básicas e simples na vida comunitária, isto é, se entendermos os contatos com pessoas e coisas coreanas nos espaços coreanos como

“participação da vida comunitária”, poderíamos interpretar que o envolvimento na colônia coreana pelos entrevistados não é tão baixo.

Essa participação mais passiva ou limitada manifesta-se das seguintes formas, entre outras: primeiro, frequentar comércios com produtos e serviços coreanos, como mercearia, supermercado, padaria, papelaria, restaurante, locadora de DVDs, salão de beleza, clínicas, *karaoke* etc., principalmente no Bom Retiro; segundo, administrar os próprios negócios com produtos e serviços voltados aos clientes coreanos no Bom Retiro, ou lojas de roupa nos bairros de Bom Retiro e Brás; e por último, participar de reuniões de fraternidades com fins diferentes.

O que Ju Yeong-chai, uma jovem de vinte e nove anos de idade, e Baek Gyeong-tae, com cinquenta e sete anos, descrevem sobre como se dão seu o “uso” desse espaço, e como ocorre o intercâmbio com as pessoas da comunidade representa bem o quadro atual da participação da vida comunitária dos entrevistados jovens e os com mais idade respectivamente. Ju diz:

Sim, sempre faço cabelo nos salões coreanos, meus pais e eu quase todas as semanas jantamos num restaurante coreano e fazemos compras em mercearias coreanas. E também de vez em quando meus amigos, normalmente coreanos, e eu vamos ao *karaoke* depois de um barzinho.
(Tradução nossa)

Nesse sentido, pode-se dizer que o bairro de Bom Retiro é o espaço simbólico onde ocorre esse tipo de participação mais condensada da comunidade coreana. Dessa maneira, a maioria, sem uma motivação especial, tende a usufruir de comércios coreanos para lazer, e de rede de amizade estabelecidas na comunidade coreana.

Baek Gyeong-tae fala que participa somente de uma fraternidade dos imigrantes coreanos que vieram ao Brasil na mesma época, e das atividades de esporte:

Na comunidade coreana existem várias instituições com objetivos diferentes, mas não participo de nenhuma especificamente. Aos finais de semana, pratico esportes com algumas pessoas. Quando jovem, jogava futebol, antes do casamento. Após o casamento, jogo tênis e, aos 40 anos, golfe, e me reúno entre amigos que imigraram juntos... A meu ver muitos trabalham envolvidas nessas associações para ter alta fama, mas isso não é meu estilo...
(Tradução nossa)

Como Baek, no caso dos entrevistados com mais tempo de imigração no Brasil, a participação de fraternidades de várias naturezas parece bastante comum.

Por exemplo, Gwon Hye-ok, dona de casa, reúne-se com mulheres da sua faixa etária semanalmente, no Bom Retiro, para aprender as músicas populares coreanas, as antigas e contemporâneas, além de comerem juntas, muitas vezes em restaurantes coreanos.

No caso de Kang Eun-won, a frequência no Bom Retiro ocorre primeiramente por causa do trabalho, em uma clínica onde atende clientes principalmente coreanos. Mas, sendo médica, também de um hospital universitário, tem maior contato com os brasileiros, começou a frequentar a aula de pintura onde, além da aula, tem intercâmbio pessoal com os coreanos.

Por sua vez, estima-se que a participação em alguma fraternidade não seja o que acontece com a maioria dos entrevistados mais jovens, incluindo Ju Yeong-chai. Muitos deles também reconhecem que basicamente não têm interesse especial no que acontece na comunidade coreana, e na participação de alguma organização. Mas também eles comumente apontam a falta ou ausência de uma organização destinada ao público coreano jovem como eles, o que também os desanima. Tendo consenso geral em torno disso, os motivos detalhados para seu não envolvimento maior da vida comunitária propriamente dita variam de caso a caso.

Ha Jeong-a, por exemplo, acha que a divulgação sobre eventos e atividades na comunidade não está suficiente:

Bem, a história da imigração é curta, ainda faltam muitas atividades, mas seria bom se tivesse mais de modo mais organizado. Vendo os jornais coreanos, vendo os acontecimentos dentro da comunidade coreana, dá pra acompanhar o que é que está havendo lá, mas ainda faltam eventos dignos que podemos participar... Ainda não tem. Não houve um evento cultural há pouco tempo ali? Desse nível?... Mas vendo a colônia japonesa, eles têm muitos eventos culturais. E no meu caso, a comunidade é a igreja. (Tradução nossa)

No caso de Ha, a escassez da organização de atividades mais variadas que possam interessar as pessoas da idade dela é sentida mais claramente ao comparar a comunidade coreana com a japonesa, a qual tem uma história mais longa da imigração no Brasil. Porém, ao mesmo tempo em que isso, ela reconhece que ela mesma não chegava se interessar por assuntos da comunidade de modo ativo porque, em cima de tudo, a igreja já servia de comunidade coreana para ela.

Lee Pyeong-an, um jovem com trinta anos de idade, fala que seu envolvimento mais ativa nos assuntos da comunidade coreana começou recentemente, depois que começou a trabalhar como juiz. Ele aponta a ausência de programações voltadas aos jovens da sua idade:

Não participo do trabalho comunitário... mas hoje em dia os alunos coreanos me pedem para fazer palestras. Palestra para tirar dúvidas. Agora eu comecei a participar mais das atividades da comunidade. A ABUC pede isso, ainda no Brasil, na nossa idade (jovens), desde alunos do ginásio (até a faculdade) não tem muitos eventos. Idosos e estudantes tem bastantes eventos, mas para jovens não há muitos eventos.

Ao ser perguntado se participava da ABUC (Associação Brasileira dos Universitários Coreanos), ele responde que, na verdade, não gostava desse tipo de atividade, e só jogava futebol com amigos da comunidade, que era quase única diversão conjunta dos jovens coreanos. Essa pena que ele tinha quando era mais novo o motiva para se envolver mais com as programações organizadas dessa natureza.

O caso de Jang Yeon-hui também não foge muito a isso:

Hum... Não tenho uma participação especial nos eventos da comunidade coreana. O que fiz uma vez foi participar da orquestra. Depois que aprendi um pouco de violino junto com meu irmão mais novo, participamos por algum tempo da orquestra. [...] Ah, era uma orquestra coreana. (Tradução nossa)

Hoje, uma das razões pela não participação é a divulgação dos eventos não eficiente, como Jang fala no trecho abaixo:

O fato de o meu pai dirigir uma escola coreana, às vezes vem avisos da Associação das escolas coreanas e é por isso que ficamos sabendo de algo. Nós ficamos sabendo um pouco mais por esse motivo, mas os meus amigos quase não sabem a respeito. Se frequentemente não recebo pedidos para tradução, muitas vezes não fico sabendo de nada. (Tradução nossa)

Dessa maneira, a maioria dos outros entrevistados que responderam que não participam da vida comunitária, concorda que “conhece muito pouco para dar alguma opinião”, mas também que gostaria que houvesse diversificação e “melhor divulgação” para aproximar mais os jovens como eles.

Enquanto isso, diferente dos que atribuíram à falta da divulgação como razão por que não participam nas atividades da comunidade coreana, Han O-jun responde de modo muito simples, mas bastante convicto que ele não se envolve porque simplesmente não tem interesse, e não porque a divulgação não seja eficiente.

O que podemos entender nos depoimentos da maioria dos entrevistados jovens, é que eles não se sentem uma parte integrante da comunidade coreana, e têm dificuldade de

encontrar algum evento que visasse “exatamente pessoas como eles” como o “público alvo” específico. Isto é, a identificação com a comunidade “em nível consciente” é fraca.

Como o perfil da população de origem coreana no Brasil se diversificou na medida em que a comunidade cresceu significativamente, organizar atividades que despertassem o interesse de toda essa população ao mesmo tempo parece ser um trabalho difícil na realidade, e isso é natural.

É importante notar, em relação a isso, que a comunidade coreana não parece exercer um papel de englobar os seus componentes coreanos em nome de um “Nós”. As características e heranças “dadas” em comum, por terem memórias da Coreia semelhantes, parecem insuficientes para formar um vínculo forte entre eles. No nível cognitivo, e não simplesmente emocional, representado pelo sentimento de pertencimento à “comunidade coreana em si”, não se tem algo que seja compartilhado entre todos os entrevistados.

Mas isso não deveria ser entendido como um enfraquecimento da identidade deles como coreanos, pois, como veremos mais adiante, é o contrário disso. Por enquanto, retomando nosso foco aqui, cabe buscar entender a “vida comunitária” como uma participação consciente e ativa das atividades organizadas pelas associações coreanas da colônia. Seria, então, difícil ter uma resposta positiva quanto a isso, como os próprios depoimentos dos entrevistados mostram.

Neste ponto, podemos questionar a falta de uma atitude mais ativa dos entrevistados, lembrando que os homens surgem como indivíduos somente na sociedade onde ocorre o processo social, mas também são os indivíduos, sujeitos de pensamento e ação, que formulam e reformulam a sociedade à qual pertencem (MEAD, 1934). Em outras palavras, os indivíduos são influenciados pela sociedade, mas a relação não é unilateral.

A respeito disso, Kim Su-jin, que fala que também não se envolvia muito na comunidade, pois só estudava. Aponta a falta de preocupação por assuntos públicos, o que é comum, segundo ela, entre muitos imigrantes coreanos e seus descendentes. Ela fala: “Parece que todo mundo gosta de se reunir para festas e diversão, mas quando chama as pessoas para se juntarem às atividades voluntárias – que destinassem não apenas a comunidade coreana, mas também a sociedade brasileira como um todo –, vem pouca gente (Tradução nossa)”.

De fato, a maioria dos entrevistados concorda com o fato de que muitos dos imigrantes coreanos esforçam-se para alcançar seu objetivo individual, e têm pouco interesse num objetivo comum, que melhorasse a realidade da comunidade coreana, tanto interior como exteriormente.

Podemos verificar também que, independentemente da realidade da comunidade coreana hoje, eles têm uma expectativa comum para com a “comunidade”, especialmente no que se refere à comunidade étnica em países estrangeiros, como Park Dong-min diz:

Bem, na comunidade vivem pessoas semelhantes com objetivos semelhantes. Caso contrário, não tem como não quebrar. Se continuar assim (com objetivos semelhantes), muita coisa bonita acontece. Se trabalhar com afinidade, ajuda a construir sociedades saudáveis... (Tradução nossa)

Nesse sentido, as imagens da comunidade coreana para os entrevistados, na maioria das vezes negativas e longe das expectativas acima descritas, parecem explicar bem o porquê de não quererem entrar “fundo” na vida comunitária.

Choi Seung-gyu é um desses casos. Ele fala com um tom determinado que não tem simpatia pelos imigrantes coreanos pelo motivo que vemos abaixo:

Vou lá ao Bom Retiro dificilmente. Vou de vez em quando para restaurantes coreanos. Já participei das atividades promovidas na colônia, e não tenho interesse em participar. Não posso negar, a minha raiz é coreana. Mas não concordo com pensamentos maliciosos de alguns coreanos com seus próprios conterrâneos.

Ao longo da entrevista, chamaram a atenção os depoimentos dele tanto sobre os imigrantes coreanos, quanto sobre os coreanos da Coreia – como vimos no capítulo sobre as memórias da Coreia. Ele deixa claro que tem imagens predominantemente negativas a respeito dos coreanos – não da cultura coreana em si, embora reconheça que isso pode ser um preconceito seu.

No caso de Kim Tae-eun, a participação das organizações na comunidade é notavelmente ativa, tanto como liderança, quanto como membro, mas observa-se que ela pessoalmente tem lembranças amargas com os imigrantes coreanos:

Entre os coreanos há muita fofoca, parece que é a mesma coisa em qualquer país... Se possível, queria me afastar um pouco deles. Devido a uma fraude que meus pais levaram dos conterrâneos, penso que seria melhor se a gente morasse longe da comunidade. Parece haver uma má percepção maior do que boa percepção entre os coreanos, não se aproximando. Para mim, as pessoas que maltratam, naturalmente... Não é que fico brava, mas eu perco as forças perto deles. Parece que aquela pessoa está sugando minha força deixando-me com dor de cabeça... É natural, inconscientemente, isso aparece fisicamente. (Tradução nossa)

E a comunidade coreana que ela sente e vê aparece em seu depoimento como algo muito diferente do sentido original da comunidade em geral:

Comunidade é uma reunião entre pessoas de um mesmo país. Na Coreia do Sul também há uma comunidade de brasileiros. Comunidade não seriam pessoas que dividem a mesma cultura, que se entendem entre si, que se ajudam, que saíram de seus países e confiam entre si? Originalmente, eu acho que são pessoas que se ajudam entre si... (Tradução nossa)

Apesar dessa lembrança desagradável e a decepção com seus conterrâneos, ou melhor, exatamente por causa do reconhecimento dos pontos fracos da comunidade coreana que ela vê, ela diz se esforçar mais para contribuir para a melhoria da imagem da comunidade.

Realmente, não é difícil ver e ouvir imagens ou aspectos da comunidade coreana atual que acabam afastando muitos imigrantes coreanos dos próprios conterrâneos, a ponto de os fazerem ter um tipo de fobia, no caso, “(imigrante) coreano fobia”, o que é mais comum entre os imigrantes e descendentes coreanos com mais afinidade com a cultura brasileira.

Oh Min-chan não chega a ter um pensamento tão extremo, mas também critica o aspecto de as pessoas se unirem fortemente em torno de seus familiares:

As pessoas fazem negócios de modo inteligente, e eles se unem só em torno de familiares. Há muito pouca cooperação da comunidade coreana geral. Somente quando acontece um problema, ao invés de todos se unirem quando necessário, eles ficam relutantes. Mesmo agora eu vendo isso e crescendo na comunidade coreana... Eu não participava ativamente, mesmo tendo eventos, Ah, tem isso eu pensava, mas não participava ou dava apoio materialmente. (Tradução nossa)

No que Oh aponta, podemos entender a tendência do “familiarismo”, que vem sendo criticado na própria sociedade coreana como sendo algo estreito e exclusivo (KANG, J., 2006) – exclusivo não somente para os não coreanos, mas também para os próprios coreanos.

Tal tendência faz questionar o mito de uma única “comunidade do povo coreano”, a qual tinha sido pregada em discursos retóricos dos políticos, tanto no interior do país, como no exterior. Realmente, muitos dos entrevistados caracterizam a comunidade coreana em São Paulo como uma “diáspora, onde existem demais órgãos e associações de diversas naturezas”.

Existe, assim, uma forte tendência à politização dentro da colônia coreana, em vez da cooperação mútua dos primeiros anos da imigração coreana no Brasil, o que é ridículo e triste para muitos dos entrevistados.

De acordo com as opiniões dos entrevistados, os coreanos aqui são “todos excelentes individualmente”, mas não conseguem trabalhar “juntos” porque todo mundo quer ser “cabeça” e “presidente”, seja em negócios, seja em associações. A competição e a inveja foram palavras empregadas para descrever essas tendências.

Ko Su-hyeon comenta muita “fofoca” que circula num mundo pequeno:

Eu sou coreana, mas às vezes me irrita com a colônia coreana. Pois há muita **fofoca** e falsidade entre si (raça coreana)... E essas coisas acontecem dentro da igreja também. Pessoas que dizem ter um cargo maior (tipo presbítero, mordomos etc), eles na sociedade parecem ser piores que um diabo... são totalmente diferentes quando estão dentro e fora da igreja. Parece que quando chega segunda-feira eles esquecem o que sentiram através da palavra de Deus. Aos poucos que fui crescendo, fui enxergando mais concreto essas coisas... Isso começou a me afetar na vida religiosa. Fiquei sem frequentar a igreja durante dois anos. [...] (Grifo nosso)

Em seguida, para melhor expressar o que ela pensa, compara a comunidade coreana à diáspora judaica, que mostra uma união solidária:

Em minha opinião, não acho que está bem agrupada... Vejo muitas coisas erradas que fazem entre si... tipo, por exemplo, os judeus quando têm uma família judaica que chegaram recentemente em Brasil, e exemplo abriram uma lavanderia, toda colônia judaica se junta pra utilizar mais essa lavanderia para poder fazer essa família se estabilizar e se levantar aqui em Brasil... agora, a colônia coreana, acho totalmente ao contrário... quando um tem uma ideia de abrir ou fazer algo, o outro já tem inveja e maldades com a pessoa. É claro que não são todos os coreanos que são assim... mas garanto que a maioria seria assim. E quando eu vejo e enxergo essas coisas, me desgosto da colônia coreana.

É interessante notar que Ko não se separa completamente da comunidade coreana – pois, como ela sempre deixou claro, nunca negou sua identidade coreana ao criticar certos aspectos, mas, ao mesmo tempo, mostra uma atitude mais objetiva, chamando seus conterrâneos mais de “coreanos”.

Essa atitude, ou olhar distanciador dos próprios coreanos, também é vista no caso de Jo Hwa-ran, que lamenta essa realidade, comentando sobre a segregação econômica recente da comunidade:

Às vezes, estoura um grande problema. (*Suspiro*) **Sendo coreana também**, penso “não precisavam agir daquele jeito, poderia agir tomando um pouco mais de cuidado para não ofender”. Eu não sei, mas mesmo quando tem muita gente eu prefiro meu cantinho. Eu gostaria que os coreanos fizessem igual, mesmo abrindo loja, em silêncio... **Os coreanos** têm um pouco de

luxo. Seria bom se não se exibissem que são endinheirados aos empregados. **Os coreanos** individualmente são excelentes e inteligentes. Mas quando vemos a vida **deles**, por cada um ter um “gênio forte”, não conseguem transparecer. Não está vendo que hoje há muita disparidade entre ricos e pobres, mesmo dentro da comunidade coreana? No meu tempo, eram todos parecidos, mas quando começaram ir bem com negócios, aí surgiram muitas diferenças. Não sei se você sentiu também. Aí muitos conflitos... (Tradução nossa, grifo nosso)

O que ela muito cuidadosamente aponta sobre alguns comportamentos desagradáveis de alguns coreanos não parece algo que saia de um sentimento hostil contra seus conterrâneos e sem identificação com eles. Ao contrário, ela tem a consciência de ser coreana e isso a deixa angustiada em relação ao assunto ao falar sua opinião sobre “os coreanos” ou “eles”.

Shim Jeong-mi explica mais detalhadamente sobre a disparidade entre pobres e ricos dentro da comunidade coreana:

[...] Mas a comunidade, passando os anos 80, anos 90 foram muito afetados economicamente. Por isso, aí foi separado entre os que conseguiram sobreviver, e os que não conseguiram. Então, surgiu um monte de pessoas pobres. Antigamente, não tinha condições de ter funcionários coreanos. Agora por ser dividido... a partir de anos 80, surgiu a hierarquia econômica. Dentro dessa pequena comunidade. A classe social foi formada, ao mesmo tempo a imagem da Coreia do Sul ia subir. No meio turbulento a vida da *Geração 1.5*. Acho que a *Geração 1.5* passou por muitas mudanças. (Tradução nossa)

Acreditamos que esses aspectos frequentemente criticados refletem certa “decomposição ou enfraquecimento da noção de Nós” como membros da mesma origem étnica, coreana, entre muitos imigrantes coreanos. Uma das grandes preocupações de alguns entrevistados, com relação à tendência acima descrita, é que a concentração da energia e recursos somente no acúmulo de riqueza, sem um esforço constante e sistematizado para transmitir “nossa herança cultural”, especialmente para futuras gerações coreanas, pode fazer sumir esse vínculo no futuro próximo.

Jeong Se-bin, uma jovem preocupada com isso, fala sua opinião de modo bem claro:

A comunidade coreana aqui no Brasil, ela tem, ocupa um nível social de elite. Todos os coreanos que eu conheço, a grande maioria, é da classe média ou classe média-alta e alta. Eles ganham muito dinheiro, têm poder aquisitivo significativo, bem representativo, mas o nível aquisitivo, nível econômico é exatamente desproporcional ao nível cultural, intelectual e educacional. Quer dizer, você tá andando de carro importado, comprando apartamento em bairros nobres, em zonas de elite, **mas assim não sei se você está realmente preocupado com a educação, a formação cultural, intelectual dos seus filhos e de toda outra geração que vai ficar, né?**

Você tem lojas que faturam um dinheiro muito bom no Bom Retiro, você tem confeccionista, lojista... **mas como é que a gente mora nesse país há mais de 40 anos? Até hoje não existe um centro cultural coreano. Quer dizer, isso não faz sentido pra mim.** Que nem os bolivianos que acabaram de chegar, nem têm muito recurso. É uma história. Não sei quantos mil exatamente, mas tem muitos coreanos que convivem aqui na cidade de São Paulo. **Têm poder aquisitivo, mas não tem preocupação em deixar herança cultural para as futuras gerações. Isso, acho que é um pecado. É um crime praticamente.** (Grifo nosso)

Com relação à responsabilidade da comunidade coreana de deixar um legado cultural para as futuras gerações, Jeong mantém uma posição bastante determinada a ponto de achar a situação atual da comunidade — como um “pecado” e “crime”, embora o mesmo não necessariamente seja uma opinião compartilhada pela maioria dos componentes da comunidade.

Deste modo, vimos que o envolvimento na comunidade dos entrevistados acontece mais pela necessidade e/ou na dimensão mais pessoal e superficial. Podemos verificar, acompanhando os depoimentos aqui trazidos, que, embora sua identidade como coreano seja sólida, os olhares para com a comunidade coreana, da qual os entrevistados fazem parte de uma forma e outra, não são muito afetuosos.

Nos relatos de muitos deles, em que criticam e, ao mesmo tempo, lamentam a realidade da comunidade coreana, enxergamos dois sentimentos entrelaçados: “amor e ódio” ou “simpatia e dó”. Enquanto isso, no caso de alguns, destaca-se mais a “indiferença” mesmo. Pelo menos, nesse sentido, a contribuição da comunidade coreana para consolidar a noção de Nós como coreanos não parece muito significativa segundo os depoimentos dos entrevistados.

5.4.3 Comunidade coreana e Nós: objetivação de Nós para Outros

Pode-se dizer que, nos olhares dirigidos para a comunidade coreana acima descritos, há uma atitude de distanciamento dela e, assim, certo nível de objetivação (MEAD, 1934). No entanto, essa objetivação ainda não chega a ser algo suficientemente equilibrado, no sentido de que esse processo ocorreu mais dentro da relação Eu e Nós — um Nós não muito solidário. Isto é, ainda pode haver pensamentos preconceituosos para com a comunidade coreana, como os próprios entrevistados reconheceram, e acreditamos que isso possa ser complementado introduzindo-se efetivamente os olhares dos seus Outros em tais críticas.

Estima-se que o “olhar distanciado” (LÉVI-STRAUSS, 1983) para com a sua própria comunidade seja visto com mais clareza quando os entrevistados falam da imagem da

comunidade coreana difundida na sociedade brasileira, e da posição dela dentro de uma categoria maior, ou comunidade maior, que é a nação brasileira.

Quanto à imagem dos imigrantes coreanos difundida no Brasil, a maioria responde que as reportagens da TV transmitem imagens e fatos exagerados e parciais, ignorando muitos fatores envolvidos de modo entrelaçado. Contudo, também admite que, de fato, existem aspectos da comunidade coreana merecedores de serem criticados, pois contribuem para gerar tais imagens negativas. Entre outros, são mais comentados a tendência de alguns coreanos a se exibirem e se acharem, e a falta de gesto para a integração na sociedade brasileira.

Jeong Nam-eun expressa sua opinião cautelosamente sobre um lado frequentemente apontado de alguns coreanos, o qual os torna alvo de assaltos, criando uma desarmonia:

Eu acho que **os coreanos** são assim. Tem que fingir ser rico. Mostrar que tem mais do que realmente tem, é um blefe. Por isso virou alvo dos ladrões. Francamente, eu tenho este pensamento. Como as confecções coreanas têm muita produção, o giro de dinheiro é grande. E os mesmos não percebem que são exagerados. Precisava saber dosar. Na verdade, os verdadeiros ricos seriam os chineses, os coreanos em conteúdo... Dizem que os verdadeiros coreanos ricos vivem sem mostrar que são ricos. Pois diz o ditado que “Carroça vazia faz mais barulho”. (Tradução nossa, grifo nosso)

Kang Eun-won também aponta esse lado, mas com um tom mais decisivo e crítico:

O grande problema da sociedade coreana seriam os novos ricos. O problema não estaria em vir da Coreia sem saber nada de português, por ganhar um pouco de dinheiro e ter funcionários brasileiros e achar que a vida é isso? Tem pessoas que chamam os brasileiros de *wonjumin* (nativo, aborígene). [...] Além disso, está escrito na entrada do lugar onde jogo golf, que não aceita a entrada dos coreanos. Por ficar gritando. Por não ser cavalheiros, não são recebidos. E outra coisa, é estranho não querer implantar a mentalidade do pensamento empreendedor. Então, em vez de não fazer comércio e só ganhar o meu dinheiro, mas um coreano criar aqui uma empresa como a Samsung, e esta empresa empregar muitas pessoas, e voltar em benefício para a sociedade brasileira, porque não poderia fazer isso isso que eu questiono. (Tradução nossa)

Como percebemos no trecho acima citado, Kang manifesta sua crítica de modo mais radical com relação ao comportamento “não educado” de alguns imigrantes coreanos, especialmente no que diz a relação com brasileiros e a contribuição da comunidade coreana para a sociedade brasileira como um todo.

Por sua vez, Lee Pyeong-an valoriza o esforço da comunidade coreana para divulgar a cultura coreana, tanto por dentro quanto por fora, diferentemente da maioria dos entrevistados, que foca os pontos que os deixam preocupados. Acerca da contribuição que a

comunidade pode dar à sociedade brasileira, concorda parcialmente com a opinião de Kang, isto é, com a geração de empregos:

Pela profissão, eu não poderia ajudar especificamente a comunidade coreana, mais a sociedade brasileira como um todo. Coreanos têm muito disso. Tirar vantagem, esperar que o outro ajude. Mas isso não é bom. O que eu posso fazer é compartilhar minha experiência nos eventos como palestra, tirar dúvida, informação, dica.

Entendemos nos relatos que, ao serem introduzidos os brasileiros na discussão, a objetivação, não somente dos brasileiros, seus Outros, mas também do Nós, coreanos, fica mais evidenciada. Para eles, são as atitudes de alguns imigrantes coreanos, como se exibir, ter perspectiva estreita e de curto prazo com relação a expandir o negócio, e querer aproveitar o sucesso destacado do seu conterrâneo de modo pessoal, torna o “nós coreanos” que tem impedido sua integração na sociedade brasileira.

Vale citar a observação da Im Yun-jung, professora e coordenadora do Grupo de Estudos Coreanos da Universidade de São Paulo, sobre a posição dessa comunidade em São Paulo, vista aos olhos dos brasileiros, no pensamento dela. Vejamos abaixo como ela pensa:

Uma das coisas que fez os coreanos não se socializarem foi a igreja, e outro fator seria que conseguiam ganhar bem o dinheiro. Se não conseguissem ganhar dinheiro, seja o que for, iriam tentar entrar numa empresa brasileira, nem que seja ganhando um salário de R\$ 1.500,00 por mês, e tentaria viver uma vida no padrão, como os brasileiros. Mas por ganhar bem o dinheiro, não sofreu o processo de se abrasileirar. Vivemos completamente isolados dessa realidade. Como a imagem da Coreia está em alta, a comunidade coreana também pegaram a onda. **Mas sinto que a imagem da Coreia está boa, mas a imagem da comunidade coreana não está junto, mas está caindo. A visão dos brasileiros. Sinto pouco a pouco que a visão da Coreia e da comunidade está ficando diferente.** Acho que tem que superar isso. Senão, acho que a chance de a comunidade ficar com imagem ruim é bem alta...[...] Não quer dizer que as pessoas daqui são ruins, mas que estão sendo diferenciados. Isso é isso, e aquilo é aquilo. Tenho sensação que isso está se firmando. Difícil de dizer dando algum exemplo específico. Tá saindo muitas reportagens sobre a Coreia ultimamente. E quando é sobre a Coreia sempre mostra somente sobre a Coreia lá, não mostra nenhum lado que tenha ligação com a comunidade aqui, mas só mostra como se fosse lá naquele país somente. E sempre que a comunidade aparece na mídia é alguma notícia negativa. Ou sobre assassinato ou roubo. **Acho que a imagem da Coreia e a comunidade são diferentes.** (Tradução nossa, grifo nosso)

No pensamento de Im, apesar de que a melhoria da imagem da Coreia contribuiu para aumentar o interesse de brasileiros na cultura coreana bem como a procura por pessoas

da comunidade coreana que os ajudassem a conhecerem-na melhor, os brasileiros distinguem a Coreia da comunidade coreana.

Assim, muitos dos entrevistados parecem preocupar-se em trazer “melhorias” da imagem da comunidade coreana, ou em “desfazer a imagem dos coreanos de que são somente donos de lojas”, e muitas outras imagens negativas.

Jeong Se-bin conta fervorosamente como é a imagem dos coreanos aos brasileiros, a qual ela sabe porque foi, e continua sendo, comunicada diretamente por seus colegas brasileiros do trabalho:

Porque eu trabalho nesse prédio, nessa agência de publicidade, e existem 400 funcionários aqui. Desses 400 funcionários, eu sou única coreana. E as pessoas nem me chamam pelo meu nome. Ah, vai lá falar com a coreana. O que acontece? Eu, como coreana, as pessoas ficam encantadas. Antes, nunca conheceram um coreano, e você é única coreana. E pergunto: “O que você acha dos coreanos?” A imagem que eles têm são aqueles caras que ficam no Bom Retiro escravizando bolivianos, no porão eles mandam costurar as roupas, eles vendem roupa no Bom Retiro, comem carne de cachorro, eles falam alto, gritam, e comidas fedem, não pode abrir geladeira de coreano porque tem cheiro horrível, então esse tipo de coisa.

Algumas são imagens baseadas nas informações erradas, Jeong fala, mas não pretende negar todas elas. Ao invés disso, ela questiona por que a imagem da comunidade coreana em São Paulo não pode ser projetada através das coisas “bacanas”, e até “sensacionais” da cultura da Coreia. Diz ela:

Tudo bem. Isso faz parte. Sim, **a gente** come carne de cachorro, sim existem alguns coreanos. Mas assim, existem coreanos, existe parte da Coreia que é muito legal, que é fascinante, muito mais desenvolvida que a própria cultura brasileira, e isso ninguém sabe. A culinária coreana, a gastronomia coreana poderia ser uma grande ferramenta de marketing pra gente elevar essa imagem. Restaurantes no Bom Retiro não tem restaurantes que adaptou seus pratos ao paladar ocidental. Em qualquer lugar no mundo você vai a qualquer restaurante coreano, você tem *bibimbap*, *bulgogi*, que foi adequado ao paladar dos ocidentais. Mas você não tem restaurantes coreanos fora do Bom Retiro. São casas isoladas. Você tem diretores coreanos fantásticos de cinema... quer dizer, **por que é que a imagem da Coreia no Brasil não é projetada através dessas coisas interessantes, bacanas que pode ser através da gastronomia, culinária, arte, cultura.** Você tem artistas coreanos fantásticos e sensacionais, que vem, expõe aqui no Bienal São Paulo. (Grifo nosso)

Precisamos dar atenção aqui ao fato de que ela se concentra nos meios da “cultura coreana”, não necessariamente da “comunidade coreana em São Paulo” exclusivamente. A cultura coreana “inerente”, que pode ser aplicado como um padrão da identidade da Coreia, e

não de uma diáspora coreana específica no exterior, como Tak (2000) argumentou, poderia ser um elo que une os imigrantes coreanos espalhados no mundo.

Para Jeong, é realmente lamentável que os coreanos não tomem conhecimento disso, e que ninguém se preocupe em divulgar isso. Entendemos, no relato dela, que o esforço para divulgar as heranças coreanas para a sociedade brasileira não visam apenas a projetar uma imagem positiva da comunidade coreana. No sentido em que essa é uma tarefa a ser feita com a cooperação dos próprios imigrantes coreanos, esse processo em si pode propiciar a “união” dos componentes da comunidade coreana, cuja falta também foi criticada frequentemente pelos entrevistados. Ela prossegue, para terminar, dizendo: “E também uma pré-disposição de **a gente** se integrar com a população brasileira, com a sociedade brasileira local, né? (Tradução nossa, grifo nosso)”

Além do próprio conteúdo do depoimento, o que chama nossa atenção é o fato de ela empregar a palavra “a gente” e “nós” como sujeitos dessa tarefa, ao enfatizar a necessidade de fazer um esforço conjunto, posicionando-se como uma parte desse “nós”, da comunidade coreana. É interessante notar isso quando nos lembramos que os entrevistados, incluindo ela, falavam mais dos “coreanos” ao fazerem críticas dos aspectos atuais da comunidade coreana.

Dessa maneira, parece que a maioria dos entrevistados concorda que muitos aspectos da comunidade coreana ainda não a conduzem de modo satisfatório rumo à convivência harmoniosa com os brasileiros.

Nesse sentido, para Kim Jin-mo, a recente instituição do bairro de Bom Retiro como polo cultural das tradições coreanas em São Paulo, não é vista como uma boa ideia:

Nós precisamos entrar na sociedade brasileira ciente da nossa identidade, mas não **precisamos** torná-la saliente e criar. Claro que **nós precisamos** possuir **o que temos** que possuir, e **precisamos** preservar **o que temos** que preservar, mas não **precisamos** fazer isso desse jeito. Meu pensamento é que temos mais a perder do que ganhar. Não **precisamos** pendurar até a placa. Pois não é porque **entramos** naturalmente na sociedade brasileira que nos **perdemos**, mas nesse momento **temos** que firmar a nossa identidade. (Tradução nossa, grifo nosso)

É interessante, na definição de Kim, o destaque dado ao fato de que cada comunidade tenha sua própria cor, única e diferenciada das outras. No entanto, ao mesmo tempo, ter o “meu” ou o “nosso” é essencial para formar a harmonia com outras comunidades dentro da sociedade, da maior categoria. Estima-se que tal preocupação venha da percepção de que o ato de “institucionalizar” desse jeito a unicidade da cultura coreana pode acabar por tornar essa comunidade mais “solta” da sociedade brasileira.

Oh Min-chan, por sua vez, tem uma opinião cética, ou duvidosa, por um motivo diferente: está-se apenas no processo e já havia tentativas parecidas como essa. Mas, observa-se que, mesmo com um tom suspeito, ele quer que dê certo desta vez: “Como um coreano, se formasse como *China Town* em Nova Iorque ou Liberdade aqui... Seria bom se através disso pudesse divulgar bem os coreanos... (Tradução nossa)”

Na opinião dele, a comunidade coreana em São Paulo não está exercendo seu papel. Ele fala que se realmente pretendem garantir a segurança dos imigrantes coreanos, é necessário que a comunidade contribua com a sociedade brasileira, recusando a atitude de querer primeiro receber a ajuda dela.

Quanto à contribuição da comunidade coreana, tanto para seus próprios componentes, quanto para a sociedade brasileira, Gwon Hye-ok fala que é muito “ambíguo” o significado de discutir esse assunto. Mas a sugestão dela sobre a contribuição que a comunidade coreana pode dar no futuro não parece tão ambígua:

Se ver pessoas com profissões certas, são pessoas que querem fazer muitas coisas. Por eu ser muito caseira (de família), sei que não me disporia a fazer tantas coisas a frente. Tem muitos planos de assistência social de fundar um hospital para ajudar. O novo presidente da Associação Brasileira dos Coreanos também é um médico, e vejo que o que a sociedade mais está precisando no momento seria hospital, saúde, educação. Mas isso, **nós... precisamos** começar a criar de pouco a pouco para realmente acontecer. Outras coisas são política por isso não sei direito. Onde tem carência, coisas boas precisamos fazer... (Tradução nossa, grifo nosso)

Podemos verificar, em seu depoimento, que Gwon também se coloca como constituinte do “nós”, da comunidade coreana em São Paulo, assumindo seu papel ao empregar a necessidade de esforço em prol da integração à sociedade brasileira.

De modo semelhante, Gwak Tae-gyeong, um jovem universitário e funcionário de uma empresa coreana, também emprega o verbo “contribuir”, em primeira pessoa do plural, ao expressar sua opinião de que a participação na sociedade brasileira, de forma mais diversificada e profunda por parte dos imigrantes coreanos e seus descendentes, em si, é uma contribuição, que precisa ser feita conscientemente, reconhecendo-se como uma plena parte dela. Diz ele:

Acredito que **devemos** chegar a um nível onde **contribuiremos** tanto largamente e a profundo. “Largamente”, digo no sentido no qual a comunidade coreana deve atingir de forma diversificada maior número possível de setores das áreas da sociedade brasileira (educação, economia, política, saúde, entre outros). E “a profundo” seria tornar-se os melhores, os

mais influentes e reconhecidos em cada um dos respectivos setores e áreas que representam. Desta forma, **contribuiremos** na transformação e desenvolvimento deste país. (Grifo nosso)

Para Gwak, que também vivia maior tempo da sua infância e adolescência em companhia de brasileiros, um senso bastante nítido de “responsabilidade” de contribuição à sociedade brasileira torna ele se sentir como um membro da comunidade coreana. Isto é, essa responsabilidade não é algo que possa ou deva ser cumprida individualmente, mas que deve ser compartilhada pelos membros da comunidade como um todo.

Enquanto os outros concentram-se mais na necessidade de a comunidade coreana abrir-se para a sociedade brasileira, a fim de que os brasileiros, seus outros, possam conhecê-la melhor, Jang Yeon-hui também reconhece esses pontos, e a mudança que está acontecendo nessa direção, mas aponta aguçadamente que o que mais falta é uma atitude mais humilde e essencial, por parte da comunidade coreana, para conhecer seus outros, atitude essa que deve preceder qualquer outra ação:

Parece-me que agora a população coreana está penetrando na sociedade brasileira. Porque até agora a maioria das pessoas vinha para o Brasil para ganhar dinheiro. Sem nenhuma afeição e apego. Então os coreanos não querem fazer nada juntos com os brasileiros, e morando aqui me parece que a sociedade de migração fica meio distante no vácuo. Comunidades? São pessoas parecidas, com ambientes de crescimentos parecidos que se juntam para suprir as necessidades uma das outras. Penso que as outras comunidades diferentes não são erradas, mas são apenas diferentes e devemos reconhecer essa diferença e respeitar para que haja crescimento de ambas as partes. É preciso o esforço para querer conhecer **o outro**. Na percepção da comunidade coreana, o Brasil abre as portas para a sociedade, visando apenas as suas necessidades. Isso é inevitável, pois há angústias e porque muitas vezes **somos** enganados. E por isso há um esforço para se misturar mais com os brasileiros. Não pelo desejo de conhecer. Ele aceita aqueles que se aproximam, mas também não abre as portas mostrando-se com uma postura ativa. (Tradução nossa, grifo nosso)

Entende-se a partir dos depoimentos de muitos entrevistados que a comunidade coreana, depois da fase de instalação em São Paulo, não contribuiu de modo positivo para que os entrevistados possam se orgulhar de fazer parte dela, segundo muitos dos entrevistados apontaram. Ao descreverem o quadro atual de sua participação da vida comunitária, muitas vezes citaram seus conterrâneos como simplesmente os “coreanos” ou os “imigrantes coreanos”, afastando-se um pouco deles.

O que se pode deduzir a partir dos depoimentos dos entrevistados, é que a comunidade coreana em São Paulo estava longe de servir para fortalecer o sentimento de pertencimento dos imigrantes coreanos ao Brasil.

É natural que os entrevistados, que cresceram vendo esses lados “feios” não tenham muito afeto à colônia coreana, e reduzindo sua vontade de participação ativa nela. Com o tempo, as unidades mais seguras e confiáveis passaram a ser a família e a igreja, no caso dos entrevistados cristãos, e não comunidade coreana. Em outras palavras, é difícil afirmar que os imigrantes e descendentes coreanos aqui em São Paulo não se sintam plenamente “nós” um com outro, só por terem a mesma raiz.

Porém, o ponto mais importante a notar está nos depoimentos acerca da imagem da comunidade coreana no Brasil. Neles, aparecem constantemente, e de modo entrelaçado, as preocupações em preservar a cultura coreana, em divulgá-la à sociedade brasileira, em misturar-se mais com os brasileiros e em contribuir com a sociedade brasileira como um todo. As noções tanto de “nós” quanto de “outros” surgem mais explicitamente nessa fase.

Quanto à preservação da cultura coreana, foi apontada a inflexibilidade na convivência com as demais nacionalidades, e também a falta de esforço consciente e constante para compartilhar a herança cultural coreana com as futuras gerações da própria comunidade coreana.

Também se entende aqui que o fato de os imigrantes coreanos e seus descendentes terem a noção comum de Nós, como pessoas com mesma raiz, coreana, não é considerado como sinônimo de um ato de excluir seus outros. Pelo contrário, como Gwak Tae-gyeong resume bem, “somente preservando bem e conhecendo aprofundo a sua própria raiz e história, será possível conviver e compartilhar com os outros.” Nesse sentido, a conscientização reiterada de forma criativa (MEAD, 1934) seria o papel a ser assumido pela comunidade coreana a fim de contribuir na construção da identidade dos coreanos vindouros através de um projeto coletivamente elaborado com base na memória coletiva (VELHO, 1987; 1994) pelos membros da comunidade coreana.

Isto é diferente do que foi questionado a respeito do decreto que recente designou o bairro de Bom Retiro como Polo Cultural das Tradições Coreanas, por causa de uma possível desarmonia com a sociedade brasileira. Desta vez, seria necessário que houvesse iniciativas organizadas de modo mais sistematizado, e até institucionalizado, visando ao desenvolvimento desse projeto, pois é tendo essa referência organizada que os indivíduos pertencentes à comunidade coreana poderão articular seu projeto individual, do qual outras múltiplas referências participam de modo complexo e conflituoso.

CAPÍTULO 6. TECENDO RELACIONAMENTOS COM BRASILEIROS

O capítulo anterior permitiu-nos vislumbrar a atmosfera dos quatro ambientes principais, com os quais os entrevistados tinham um vínculo mais duradouro. Pelo tempo e regularidade de frequência a esses ambientes, é possível supor que eles tenham influenciado de modo significativo em aspectos, tais como amplitude, profundidade, limitações etc., dos relacionamentos tecidos pelos entrevistados nesta tese. Aqui, pretende-se aproximar da questão de relacionamento tecido pelos entrevistados, focando seu sentido como sendo um encontro, um diálogo, um ato de tomar a iniciativa ou realizar uma participação efetiva no grupo ou na rede em que se engendra, tal como Martin Buber (1974) e Hannah Arendt (2007) o entenderam.

Buber (1974) aponta que toda vida atual é um encontro. Nas reflexões dele:

[...] O presente, não no sentido de instante pontual que não designa senão término, constituído em pensamento, no tempo “expirado” ou a aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença, na mente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura. [...] (BUBER, 1974, p. 60)

Desse modo, a inserção do sujeito em algum lugar, ou no processo social, possibilita o encontro com outros sujeitos presentes no mesmo espaço.

É necessário que haja “discurso e ação” (ARENDT, 2007, p. 188-259) dos sujeitos para que esse encontro seja um diálogo, algo interativo, e não uma coexistência meramente física. Também é preciso lembrar que, de acordo com as formas tradicionais de pensamento das sociedades asiáticas, a existência do indivíduo não tem significado antes de ele ser moldado por meio da harmonia com outras pessoas.

Então, é nesse sentido que se visa olhar os aspectos dos relacionamentos dos entrevistados com os brasileiros, seja em esferas pessoais, seja em esferas profissionais. É de grande importância examinar esse ponto quando lembrarmos que, nas relações com os brasileiros, os entrevistados experienciaram a *alteridade*, e é a partir dessa experiência se tornam capazes de olhar a si mesmo a partir dos olhos dos brasileiros, isto é, de fazer a objetivação tanto de si quanto dos Outros, de forma menos preconceituosa. Esse processo pode ocorrer com os entrevistados pelo fato de serem continuamente expostos às relações com os brasileiros, como veremos em seguida.

6.1 No âmbito de amizade

Como se pode imaginar, foi na escola, na faculdade e nos bairros onde moravam que os entrevistados fizeram mais amizade com os brasileiros. Há ainda casos nos quais, depois de terem sua própria carreira constituída, colegas do trabalho se tornam amigos. Nestes tipos de relações de amizade, tecidas nos ambientes citados aqui, cada um se envolve na relação com mais curiosidade, boa vontade, abertura, menos preconceito, enfim, sem calcular os prós e os contras. Então, pode-se dizer que, a princípio, trata-se de um círculo que propicia para os entrevistados as chances de usufruir da riqueza dos “encontros” – e não simples experiência. Assim, a “relação interativa” com seus Outros, no caso, os brasileiros, tratando-os como um Tu e não como um Isso (BUBER, 1974).

Nesta parte da tese examinaremos alguns aspectos dos relacionamentos dos entrevistados com os brasileiros, a partir de dois focos: 1) como as oportunidades de interação são aproveitadas pelos entrevistados; e 2) quais são as limitações dessas relações.

Como veremos a seguir, os relatos em relação a essas questões variam de caso a caso, dependendo de vários fatores internos e externos, tais como a personalidade, as emoções, a época da vinda para o Brasil, a dominância da língua (coreana ou portuguesa), o ambiente vivenciado, a instrução da família, as relações com seus conterrâneos, a identificação com a cultura coreana, a carreira escolhida, e a “resposta” dos seus Outros, entre outros.

6.1.1 Apresentando-se um a outro: encontro com brasileiros como Tu

A partir de uma análise preliminar das entrevistas foi possível notar que, entre os entrevistados, há certas semelhanças, bem como diferenças em relação a como tem sido a natureza de sua amizade com brasileiros. Ainda na fase de adaptação ao Brasil, ou até o momento da formação da faculdade, o que o contexto de imigração representou para os entrevistados como um todo era a ausência, ou pouco número de coreanos ao seu redor, que pudessem se tornar seus amigos, especialmente no caso dos entrevistados das décadas de 1960 e 1970.

Isso logo lhes trouxe a percepção da sua fraqueza em termos de conhecimento da língua e da cultura brasileiras. Diante de tal condição, duas opções ficaram, a princípio, disponíveis: 1) misturar-se com colegas brasileiros; ou 2) isolar-se deles. Ao descreverem como se comportavam quando eram poucos os coreanos, ou quando era “o único da turma” – seja na escola, seja no bairro – e como os amigos brasileiros os tratavam, muitos dos

entrevistados dizem que exatamente nesse momento sua relação com brasileiros tornou-se mais ampla e/ou profunda.

Para que se tenha uma noção disso, tomamos como exemplo a entrevistada Im Hye-suk, que é uma dos imigrantes coreanos pioneiros. Ela relata:

Mesmo não sabendo falar o idioma, eu brincava muito com as crianças daqui. No bairro, havia japoneses e havia provavelmente três ou quatro famílias coreanas também. Mas a minha família não teve muito contato com essas famílias coreanas. [...] Enfim, eu brincava com essas crianças japonesas assim que chegamos aqui.

Quanto à relação com os amigos da república onde morava enquanto cursava medicina, também fala que desfrutou de uma amizade muito rica com eles:

Durante a faculdade eu tinha um bom relacionamento com meus colegas da república. Nós cozinávamos e comíamos as refeições juntos. Ainda hoje mantemos contato. Então tenho colegas que estudei junto durante oito anos, alguns seis anos, e com outros fiz residência juntos, usávamos mesmo quarto. Fiz amizade com eles. Sabe, seja coreano, seja brasileiro, os sentimentos são iguais. (Tradução nossa)

Com um tom bastante convicto, Im recorda o tempo com os colegas brasileiros enfatizando a convivência “íntima” com eles na qual não havia distinção de uma etnia da outra, ou a discriminação.

Semelhantemente ao caso de Im Hye-suk, ao ser perguntada sobre os amigos brasileiros, Kim Ae-yeong, que veio ao Brasil na mesma época em que Im, conta especialmente das lembranças com seus amigos da universidade. Com um sorriso no rosto ao longo do relato, ela diz que: “Houve a diferença cultural entre nós, claro. Sofri também por causa da língua. Mas meus amigos brasileiros foram muito simpáticos. Somos amigos até hoje. (Tradução nossa)”

Por sua vez, no caso de Noh Jeong-nan, que imigrou um pouco mais tarde que Im Hye-suk e Kim Ae-yeong, a primeira amizade com brasileiros ocorreu com os vizinhos. Ela procura traçar a memória da sua infância, e começa a falar depois de alguns segundos com uma exclamação de alegria:

... ah sim, vizinhos!!!! A gente teve muita influência dos vizinhos! Nossa casa era uma casa geminada, grudada. E a gente morava no baixo e no andar de cima era uma família brasileira, tinha senhores, vô, não tinha criança. E o vizinho do lado esquerdo também não tinha criança. E minha mãe era muito simpática, né? Então minha mãe, fazendo gestos e tudo, ela fez muita

amizade no bairro. Com açougue, com sapateiro, com bar da frente e com meus vizinhos. Então todos eles convidavam a gente para comer. Era aniversário de alguma família do outro lado. Era vizinho, né? Vizinho ao lado da minha casa.

No caso dela essa amizade com os vizinhos era algo que foi compartilhada por toda sua família. Ela termina falando: “Como fazia pouco tempo que a gente vinha aqui, eles viraram nossos amigos mais próximos do que os nossos conterrâneos. Eram vizinhos brasileiros. Tinha coreanos no bairro. Mas a gente se encontrava no fim de semana só. (Tradução nossa)”

Por sua vez, Shim Jeong-mi e Ha Jeong-a dizem que naturalmente andaram mais com amigos coreanos até no início porque era fácil encontrar um ao seu redor, seja na escola, seja no bairro. Estima-se que isso se deva ao fato de que, além do crescimento do número dos imigrantes coreanos no Brasil, boa parte deles já se encontrava mais concentrada na cidade de São Paulo do que anteriormente. Mas entrando na faculdade, ambas passaram muito mais tempo com colegas brasileiros, mesmo fora das aulas. No caso de Shim Jeong-mi, essa mudança parece mais extrema como vemos no trecho abaixo:

Passei momentos muito agradáveis com os amigos brasileiros. Aproveitei para desabafar e assim como frequentei a casa dos meus amigos, também eles frequentaram minha casa. No início, tive amigos coreanos, mas depois que parei de ir à igreja... eu não encontrei mais com eles. [...] E depois fiz amizades com os brasileiros. Desde o colégio até a faculdade tive os amigos brasileiros. Eu não tinha nenhum amigo coreano próximo naquela época. Tinha um ou dois coreanos no colégio e na faculdade, mas a gente não era tão próxima. (Tradução nossa)

Para Shim Jeong-mi os melhores amigos são brasileiros até hoje, e é mais com eles que se sente à vontade para compartilhar muitos assuntos de sua vida. Começou a se perder uma relação íntima com os conterrâneos, ao passo que Shim foi se afastando da igreja. O relato dela permite-nos perceber um dos papéis desempenhados pelas igrejas da colônia coreana, sobre os quais já examinamos em um capítulo anterior. Sendo um dos lugares que reunia um bom número de imigrantes coreanos, as igrejas têm influenciado o círculo de relações entre eles.

Enquanto isso, Ha Jeong-a também frequenta uma igreja da colônia desde que veio ao Brasil. Ela lembra que naquela época a maioria dos seus amigos era coreana, com quem fez amizade tanto na igreja como na escola. Além disso, como tinha muitos imigrantes

coreanos que vieram na mesma época que ela, possibilitando um convívio com eles, ela andava naturalmente com os amigos contrerrâneos até o colegial.

Ao ser perguntada sobre em que círculo se deu amizade com brasileiros, Ha recorda do tempo da faculdade: “Uh, então, tinha os amigos que sempre andavam comigo na época da faculdade. Agora contato com eles... Na minha turma, tinha dois japoneses, um brasileiro e eu, assim éramos quatro. Nós andávamos sempre juntas. (Tradução nossa)” Ela acrescenta, para terminar, que, dentre eles, a relação com uma delas era mais profunda e íntima porque se entendiam melhor, por essa amiga ser de origem japonesa. Também percebemos a partir do relato de Noh que ela faz a distinção entre brasileiros e japoneses ao falar da composição da turma, seja consciente ou inconscientemente.

Ao longo das entrevistas foi possível notar que boa parte dos entrevistados, ao se referir aos brasileiros como um todo, faz essa distinção entre os orientais e os não orientais. Noh Jeong-nan, por exemplo, diz ter feito sua primeira amizade com brasileiros, seus vizinhos. Falam também dos amigos da escola, especialmente os chineses:

Aí, quando eu fiz quinze anos, a gente fez amizade... eh... fui fazer ginásio. Era... Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Fica na rua São Joaquim. Era um prédio novo. Tem até hoje. E a gente ia a pé. Então todas as cinco estudaram. Lá tinha muitos orientais. Japoneses, chineses, e poucos coreanos. A gente fez muita amizade com chineses. Eles já tavam muito tempo no Brasil. Eles falavam muito bem português. Mas eles, sendo orientais, nos acolhiam. E a gente também. Como a gente é oriental, automaticamente a gente ia também. Era muito legal. A gente fez uma amizade muito grande.

Mas Noh Joeng-nan entende que esses “japoneses”, como ela mesma chamava, não são japoneses, mas sim brasileiros, apesar de serem descendentes de japoneses. Ela se identificava mais com os chineses porque eles eram “imigrantes” como ela, diferentemente dos brasileiros de origem japonesa. Vejamos:

Tinha japoneses também na escola. Mas era mais chinês. **Porque japoneses não eram imigrantes.** Então não entendiam um do outro. **Porque os japoneses já eram nascidos no Brasil e os chineses não.** Eles vieram pequenos. Antes de mim. **Porém, são imigrantes. Igual a mim, né? Então era mesma situação. Então a gente tinha muita afinidade.** Como a gente morava na mesma rua, convidava a gente e brincava na pracinha juntos. A gente ia andar de bicicleta na pracinha. Eu sei que, eram três irmãos. Eles falavam um pouco melhor português que a gente. E depois através deles, no fim de semana tinha festa de aniversário deles, e papai e mamãe deixava a gente sair com essa família. A gente ia e conheci outras famílias chinesas. E até hoje a gente mantém amizade. Continua. A gente encontra até hoje. A gente ia mais na casa deles do que eles na minha casa. (Grifo nosso)

Segundo Noh, o acolhimento veio dos colegas brasileiros como um todo, mas ela reconhece que tinha mais afinidade com “imigrantes”, especialmente “orientais”, “iguais” a ela. Embora ela não tenha feito propositalmente essa distinção geral entre os brasileiros de origens mais variadas desde “antes” de relacionar com eles, a inclinação ocorreu “automaticamente”, como ela fala.

Percebemos, a partir dos relatos coletados, haver uma maior presença daqueles que parecem ter tido uma maior afinidade com orientais ou asiáticos devido à semelhança em termos de fisionomia e, em alguns casos, da situação como imigrante. No entanto, embora esse ponto seja relevante, o que mais nos interessa neste tópico é como os entrevistados se relacionaram com os membros da sociedade brasileira como um todo já instalados no Brasil – estes que podem ser tanto brasileiros não orientais quanto imigrantes orientais. Tomando esse ponto como foco, temos por objetivo vislumbrar o esforço feito pelos entrevistados para a participação da sociedade brasileira em seu círculo de amizade.

Por sua vez, Gwak Tae-gyeong, que veio ao Brasil na última década de imigração coreana em número significativo, fala que não havia muitos coreanos por perto, fazendo com que ele estabelecesse mais amizade com brasileiros como um todo:

No início tive um pouco de dificuldade, mas acabei aprendendo de forma rápida por ser novo e vivia numa pressão intensa porque ninguém falava coreano na escola. Como não tinha coreano, e mesmo que tinha, fiz amizade facilmente com os brasileiros por serem **receptivos e fácil de fazer amizade**. Fiz amizades com vários tipos de raça e etnia, pois tinha amigos brasileiros de descendência italiana, chinesa, japonesa, de Bahia e entre outros. **Cara do Brasil**. (Grifo nosso)

Esse lado “receptivo”, “aberto”, “alegre” do povo brasileiro, o qual Gwak expressou como “cara do Brasil”, foi comentado por muitos outros entrevistados, independentemente do grau da sua participação nas relações pessoais com brasileiros. Mesmo quando alguns dos entrevistados não tomavam iniciativa de se aproximar, tal característica dos amigos brasileiros contribuiu para se iniciarem as relações significantes entre eles. Como se sabe bem, limitações implicadas pela falta de habilidade com certa língua não se restringe somente à dimensão técnica. Isso pode deixar pessoas encolhidas emocionalmente em relação a tudo, podendo realmente diminuir o escopo e o grau de atuação. Como Hannah Arendt (2007, p. 189) elucidou, “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original”. E obviamente essa capacidade de se comunicar com os

outros era o que faltava aos muitos entrevistados até certo momento, impedindo-os de entrar mais ativamente na relação com brasileiros.

Porém, ainda que isso fosse verdade para todos os entrevistados, com exceção de alguns que vieram ao Brasil ainda muito pequenos, podendo se adaptar sem passar por tal dificuldade, nota-se que essa falta de habilidade com a língua por si só não determinou o modo e grau de convivência dos entrevistados com os brasileiros. Os depoimentos mostram que isso depende também da personalidade de cada entrevistado que estava entrando em um novo mundo, e da abertura e disposição dos amigos brasileiros que o estava recebendo.

Estima-se que os entrevistados que conviviam muito com os brasileiros foram mais ativos e dispostos a receber ajuda de seus amigos brasileiros, e isso atraiu a simpatia deles. Isto é, apesar da falha técnica no uso da língua, ou melhor, exatamente por causa disso, esses entrevistados se inseriram nas relações com brasileiros “com ação e palavra”.

Para Han O-jun, por exemplo, que veio com dezessete anos de idade, era mais difícil aprender a língua e absorver a cultura local, mas ele tomou a decisão de se misturar mais com amigos brasileiros e aprender com eles. Vejamos o relato de Han a este respeito:

Com quem eu encontrava mais fora da escola? Amigos da escola. Porque tive que aprender português mais rápido possível. Eu os procurei primeiro. Como vim aqui já crescido, ficava mais tímido e sentia mais dificuldade de se misturar. No entanto, como eu precisava (me adaptar aqui), a vontade de tomar ação era maior. Quer dizer, do que o medo. (Tradução nossa)

Han fala que teve mais amigos brasileiros na faculdade e continua se relacionando com eles de modo ativo até hoje, não porque ele se sente mais à vontade com eles, mas mais graças ao esforço “consciente” dele, que acredita ser necessário se integrar à sociedade onde vive hoje, o “presente” dele.

Jeong Nam-eun, por outro lado, não era tão ativa quanto Han O-jun. Também tinha dezessete anos de idade quando veio para o Brasil, e isso a deixou mais tímida para aprender uma nova cultura. Mas “graças a Deus” ela teve uma amiga brasileira, que considera um “anjo”, já no seu primeiro dia no colégio Mackenzie:

Não tinha nenhum oriental no colégio. No primeiro dia no colégio, fui a minha sala, né? Imagina, não entendia nada e me senti perdida. A atmosfera nada familiar. Aí uma garota bonita e simpática sorriu para mim e acenou para que eu sentasse perto dela. Aí ela descobriu que eu não falava nada de português. Ela começou a me explicar as coisas e me levava junto com ela qualquer lugar que ela fosse. Eu virei a melhor amiga dela. E ela, minha salvadora... [...] Minha prima falou pra mim que encontrei uma amiga que

era **angelical**. Depois soube que ela era uma presbiteriana. Ela se importava comigo, ajudava nos estudos. Era minha **protetora**. Ela era minha **procuradora** perante aos professores, minha **guia**. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vemos acima, foram empregadas várias palavras por Jeong, tais como “anjo”, “melhor amiga”, “salvadora”, “protetora”, “guia”, “procuradora”, descrevendo sua amiga brasileira que ofereceu uma ajuda decisiva para Jeong Nam-eun terminar o colégio bem sucedidamente. O que chama nossa atenção na ajuda dessa amiga vem da parte final do relato:

Redação era a mais difícil pra mim. [...] como eu não sabia nem as tarefas de casa. Ela anotava e avisava à minha prima sobre as provas também. A redação era um problema. A professora era rígida. Pedia ajuda e ela nem me ajudava. Então esta amiga pensou e ela foi muito esperta porque ela fez redação para mim, imitando o meu português. Acho que aí que a professora pensou que eu estava esforçando bastante. Ele começou a dar nota (alta) vendo meu esforço. Foi assim que fui aprovada na matéria da redação. Com a ajuda daquela amiga, sem passar pelo DP (dependência), passei em tudo. (Tradução nossa)

Entendemos, no que a amiga da Jeong Nam-eun fez, que ela não simplesmente dirigiu a palavra “Tu” primeiro para Jeong. Toda essa ajuda mostra que ela entendia bem a dificuldade de Jeong, recém-chegada ao Brasil. Mas a partir do fato de que ela fez a redação para Jeong, tendo o cuidado de escrever como uma falante não nativa, podemos presumir com mais certeza que a amiga de Jeong “se colocou no lugar do seu Outro”, ou seja, seu Tu, que era Jeong, uma imigrante coreana. Nisso, podemos entender que a compreensão da situação de Jeong pela amiga dela ocorreu no lugar da *alteridade*.

Enquanto isso, Jang Yeon-hui conta que uma ajuda semelhante à que Jeong teve veio dos amigos que moravam no mesmo condomínio:

Eu aprendi o português com a galera do prédio em que eu morava. Eu brincava todos os dias com eles, e eles me davam 100 palavras por dia para eu decorar. Eu perguntava “O que é isto?”, “O que é aquilo?”. Assim, quando eu tinha dúvida, eu perguntava e eles me explicavam. Fazia natação com eles também, e assim que nos tornamos amigos. Eles eram um pouco mais velhos que eu, e não frequentavam a minha escola. (Tradução nossa)

Ela acrescenta que podia se sentir mais à vontade e acolhida por seus amigos da vizinhança porque eles eram mais receptivos, diferente de alguns colegas da primeira escola onde ela estudou, que não dirigiam a ela palavras simpáticas.

Para Kim Su-jin, dois amigos brasileiros deram ajudas mais decisivas para ela adaptar-se à vida no Brasil. Até hoje eles são grandes amigos. Um era veterano do colégio, que a ajudou muito na fase inicial de adaptação, tanto com a língua, quanto com a fé religiosa que os dois compartilhavam. O outro, que era o amigo da mesma turma do colégio, e que nunca perdia o primeiro lugar nas provas na escola inteira, até fazia “plantão” por ela sempre que ela precisava. Ela fala que não tinha muitos amigos em geral, sejam eles coreanos ou brasileiros, mas os poucos que tinha se tornaram os melhores amigos.

Por sua vez, na história de Ko Su-hyeon, uma coisa chama nossa atenção, por não ter relato semelhante de outros entrevistados. Ela, que sempre se dividia entre amigas da igreja, amigas do colégio e amigas que conhecia no bairro, fala da relação especial com suas amigas brasileiras:

[...] Às vezes tem coisas que fico meio restrita de falar para as amigas coreanas. Então, essas coisas eu ia conversar com as amigas brasileiras... pois elas não tinham contato nenhum com a colônia coreana, então eu ficava mais tranquila de contar os segredos ou dos meus problemas com elas.

Diferente dos outros entrevistados, Ko expressou relativamente maior preocupação com a privacidade dentro do círculo de relações com seus conterrâneos. Apesar de que hoje, que ela não está mais ativamente envolvida no curso que fazia – ela diz ter trancado a matrícula por algum tempo –, se relaciona mais com amigos da comunidade coreana, o que foi dito no relato acima apresentado não mudou muito. Isto é, com respeito a certos assuntos ela só consegue compartilhar com amigos brasileiros.

Alguns dos depoimentos apresentados neste capítulo fazem com que percebamos certa preocupação e crítica sobre a não-integração à sociedade brasileira, e curiosidade demasiada na vida dos outros (dentro da comunidade coreana) entre outros. Junto a isso, ao longo da pesquisa e vivência em São Paulo, foi possível ouvir as opiniões negativas dos próprios imigrantes coreanos e seus descendentes sobre a colônia coreana, por ser pequena demais. Eles criticam especialmente as fofocas, os boatos, que às vezes chegam a tal ponto que não há como manter segredos. Até as relações com amigos coreanos podem ter certas limitações por eles fazerem parte da colônia.

É interessante pensar este ponto, pois pertencendo a essa pequena sociedade (coreana) em São Paulo, eles compartilham a mesma situação peculiar com os amigos coreanos, além dos mesmos conflitos e angústias, o que consolida sua relação, como veremos posteriormente. Por outro lado, exatamente esse mesmo fato, isto é, fazer parte da

comunidade coreana, pode impor limitações em desabafar “tudo” aos amigos conterrâneos, como aconteceu com Ko Su-hyeon.

Enquanto isso, os mesmos relatos examinados neste capítulo permitem-nos descobrir que as relações com amigos brasileiros foram bastante agradáveis. A propósito, não se pode deixar de ter a curiosidade de saber se não houve, ou melhor, se os entrevistados não sentiram, em algum momento, olhares e atitudes preconceituosos por parte dos brasileiros, antes e mesmo depois de fazer amizade com eles. Ao ser perguntado se tinha uma experiência assim, Park Dong-min diz: “(Meus amigos brasileiros) Falaram, sim, coisas... mas era ‘brincadeira’.” Para ajudar a compreensão dessa brincadeira, Park prossegue dizendo:

Ah, ouvi muitas brincadeirinhas a meu respeito. Como eles não sabiam distinguir, fui chamado de japonês ou chinês. Meu nome era *shingshing ramen*, sabe, miojo pra eles. **Não me importei muito com essas brincadeiras, e somente dava risadas e ficava por isso mesmo. Eu não recebia isso com algo ofensivo.** Se eu sou *shingshing*, eu fazia alguma brincadeira em troca. Isso não tornava um sentimento de rancor, mas simplesmente eram momentos de brincadeira entre nós. Nunca fui discriminado. Eu nunca fiquei pra trás em nenhuma situação... Eu me destacava em termos de liderança e nos estudos. Em épocas de provas, eu sempre tinha um lugar reservado na sala de aula pra mim por causa de que meus amigos precisavam colar da minha prova. Já que a relação era assim, nunca me senti inferior. [...] **Como eu era um estudante, sendo coreano, incomum, ou até “estranho”, meus colegas dirigiam a mim com apelidos pejorativos, entretanto, não eram com intenção de humilhar.** Eram apenas brincadeiras entre colegas. **No fundo não havia discriminação racial.** Quando eu falava português errado, eles me corrigiam falando “não é assim que se fala”. A gente tinha essa intimidade. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como se vê acima, Park não interpretou os comentários dos colegas como sendo maldade ou humilhação, o que era possível porque ele tinha autoestima alta, tal como ele mesmo relatou. Ele não se sentiu “inferior” aos colegas brasileiros por ser diferente deles, que eram a “maioria” em termos de aparência enquanto ele, nesse sentido, era a minoria. Quando ouvia dos amigos brasileiros apelidos palhaçados, Park em vez de ficar refletindo sobre isso até se achar a vítima de tratamento discriminatório de colegas, o que ocorreu com outro entrevistado desta pesquisa (a esse respeito, veremos mais adiante ainda neste capítulo.)

Semelhantemente, Noh Jeong-nan também conta que nenhuma vez foi discriminada por ser coreana, apesar de ter sido chamada de japonesa de vez em quando:

Mas era uma escola... só tinha brasileiros. Eu lembro que não falava nada, mas eu tinha ajuda dos professores e tudo. Isso eu lembro muito bem. E os brasileiros em si, eles são muito gentis, né? Então foi muito fácil aprender

português. Não tive dificuldade de discriminação (*com uma voz determinada*). Eu sei que me chamavam japonesa, mas não era muito forte. Era brincadeira. Isso não me afetou assim... ter problemas assim... complexo, né? Não tive esse problema. Nunca tive problema nenhum.

Da mesma maneira que Park Dong-min, Noh responde que não chegava a sofrer a discriminação. Entendemos no depoimento acima colocado que saber ou acreditar que o povo brasileiro em geral era “bondoso” contribuiu para ela não interpretar brincadeiras dos colegas brasileiros como algum ato hostil.

Deste modo, muitos entrevistados falam que ter fisionomia diferente da maioria e, mais ainda, ser coreano, muitas vezes foi aceito como novidade por brasileiros com quem se relacionavam. Muitos manifestavam sua curiosidade, cada um do seu jeito: alguns faziam perguntas sobre a Coreia mostrando grande interesse em conhecer a cultura porque achavam exótica, outros dirigiam brincadeiras malvadas ou chamavam os entrevistados de japonês ou japonesa. Mesmo quando se sentiram humilhados ao ouvir palavras pejorativas, isso não foi interpretado como discriminação racial porque principalmente ainda eram novos. Contudo, quanto ao serem chamados de japonês, alguns dizem que não se sentiram humilhados por um ato “discriminatório”, mas ficaram “ofendidos” e até humilhados por outro motivo. A esse respeito, Kang Eun-won explica:

Eu não gostava que meus amigos me perguntassem se eu era chinesa. E quando perguntava se era japonesa, eu odiava isso. Sempre deixei bem claro que sou coreana. Sempre. Se alguém perguntasse se sou japonesa ou chinesa, eu dizia: “Não, sou coreana.” enfatizando. (Tradução nossa)

Semelhantemente, para Im Hye-suk, que tem um círculo de amizade composto predominantemente de brasileiros desde que imigrou até hoje, ser chamada de japonesa era um insulto. Ela acrescenta que não só ela, mas muitos dos seus amigos coreanos que vieram na época de 1960 e 1970 realmente não gostavam de ser confundidos com japoneses, fazendo questão de corrigir seus amigos brasileiros.

Como vimos, enquanto uns se abriam mais aos amigos brasileiros apesar, ou exatamente por causa de suas dificuldades por serem estrangeiros, outros mostram outra trajetória: viviam isolados, sem serem notados. Kim Jin-mo lamenta um pouco por não ter se misturado mais com brasileiros quando ainda jovem. Reconhecendo que o tempo nas escolas e faculdade era uma preciosa oportunidade para ele fazer amizade com brasileiros de modo igualitário, ele diz:

Eu permanecia praticamente dentro da colônia, durante a semana e mesmo finais de semana, na igreja. Como a minha escola era peculiar, não havia nenhum coreano. Eu tinha um amigo na outra série e classe, era uma boa oportunidade de aprender a falar, mas eu vivi isolado completamente... talvez fosse a diferença da idade com meus colegas... (Tradução nossa)

Semelhantemente, Jo Hwa-ran e Gwon Hye-ok comentam sua timidez e a inclinação aos amigos coreanos. Ao falarem da relação com brasileiros, dizem que era restrita ao ambiente escolar, onde tinham mais contato com brasileiros, mesmo estando há aproximadamente quarenta anos no Brasil. Hoje ainda seu círculo de relações gira mais em torno dos imigrantes, coreanos com os quais se identificam mais.

Assim, vê-se que os entrevistados acima relatam não ter encontrado dificuldades sérias por parte dos brasileiros, quando procurados com pedidos de ajuda ou para constituir amizade com eles. Mesmo aqueles que não se misturaram ativamente com brasileiros não atribuem o motivo disso aos brasileiros: foi a sua timidez, medo, e o peso da vida, os quais tiveram que dividir com a família desde novos.

Na maioria das vezes, o ato de dirigir a palavra “Tu” veio primeiro dos amigos brasileiros ou quase ao mesmo tempo por ambas as partes. Mesmo quando esse ato foi feito primeiro por parte dos entrevistados, não chegava a ser tão ativo. Muitas vezes foi o lado receptivo do povo brasileiro que ajudou a os entrevistados a tomarem iniciativa, proferindo a palavra “Tu” aos brasileiros, tendo uma resposta de volta (BUBER, 1974).

Desta vez, tomemos um exemplo bastante diferente dos relatos da maioria dos entrevistados em se tratando de modo como encarava brasileiros e relacionava com eles na sua adolescência. A partir do depoimento de Oh Min-chan, percebemos que ele era mais agressivo e defensivo, colocando-se em um sistema antagônico “nós e eles”. Para Oh Min-chan, o “nós” referia-se aos adolescentes coreanos, *Geração 1.5*, assim como o “eles” referia-se aos brasileiros, o grupo majoritário. Vejamos isso na própria palavra de Oh:

Eu só andava com amigos coreanos. Eu... sempre pensava que tinha que ser forte, ou melhor, ser visto forte pelos outros... por isso, enquanto eu não percebia, me tornei cada vez mais defensivo. Se algum brasileiro brincava, eu sempre senti que precisava controlar a situação... Acho que os brasileiros tinham medo de mim. Só podia desabafar com amigos coreanos. Aqueles amigos “contra” e rebeldes. No colégio, os novatos (coreanos) me procuravam. Quando lhes aconteceu algo ruim. Aí eu e meus amigos íamos lá e resolvíamos. (Tradução nossa)

Oh fala que, na época do colégio, quando fazia pouco tempo que havia chegado ao Brasil, os brasileiros não tinham um sentimento agradável para com os imigrantes coreanos.

Não se sabe aqui se realmente os brasileiros sentiam isso com relação aos imigrantes coreanos ou não. O importante é que ele pensou assim e, segundo ele, isso foi se acumulando consciente e inconscientemente, fazendo com que ele reagisse agressivamente, sem motivo específico, contra os amigos brasileiros da escola.

Enquanto ele recordava a época do colégio, não chamou brasileiros de amigos, enquanto falava dos “amigos coreanos”. Mas ao explicar essa situação sobre a qual tem refletido no decorrer do tempo, ele, pela primeira vez chama os brasileiros de “amigos”, com quem não chegou a desfrutar dessa relação de amizade.

Oh, que hoje tem um círculo maior de relações com os brasileiros, reconhece que “naquela época não fazia nenhum esforço para conhecer ‘eles’, e vivia preso ao preconceito”. Segundo ele, esse preconceito foi desafiado pela primeira vez quando entrou na faculdade onde conheceu colegas brasileiros “descendentes”, “tolerantes”, “simpáticos” e “cavalheiros”. E desde que frequenta uma igreja presbiteriana, cujos membros são compostos tanto por imigrantes e descendentes coreanos, quanto por brasileiros, seu modo de encarar os brasileiros amadureceu consideravelmente. Foi à medida que foi se apresentando aos brasileiros, pouco a pouco, através do “discurso (ou palavra) e da ação” (ARENDT, 2007) que foi conhecendo cada vez mais outro lado deles, o qual antes ele recusava a enxergar.

6.1.2 Limitações ou fronteiras

Vimos anteriormente alguns casos em que os entrevistados não se inseriram ativamente no mundo de brasileiros desde o início diante de algumas limitações, principalmente colocadas pelas barreiras da língua e a emocional. No entanto, os entrevistados, em geral, dizem que não se sentiram discriminados pelos amigos brasileiros por serem coreanos – ou asiáticos – ou por não falarem bem português. Muito pelo contrário: quando se abriram aos brasileiros, sentiram-se aceitos.

Aqui, a partir dos relatos dos entrevistados que tiveram maior participação nas relações com brasileiros, e assim, interação com eles, examinaremos dois pontos entre outros: primeiro, com que amplitude e profundidade essa relação Eu-Tu com os brasileiros foi ou ainda é desfrutada pelos entrevistados enquanto essa relação ocorre na forma de um encontro ainda atual; segundo, quais mudanças ocorreram nessa relação, à medida que as circunstâncias foram mudando com o tempo e como a transformação da relação Eu-Tu para uma relação Eu-Isso (BUBER, 1974) é interpretada pelos entrevistados.

É interessante notar nos depoimentos dos entrevistados certo “desequilíbrio de abertura mútua” no relacionamento com os amigos brasileiros, especialmente da infância e da adolescência. Nota-se que uma das barreiras vem da percepção, por parte dos entrevistados, da disparidade do nível sócio-cultural entre sua família e a de seus amigos brasileiros. Observa-se que tal percepção gerava um sentimento de inferioridade, vergonha e constrangimento para alguns entrevistados por serem diferentes dos amigos brasileiros em termos de etnia e raça, mas isso não implicava numa barreira entre eles enquanto mantinham relações superficiais com eles. É na medida em que a relação entra em outra fase que ocorre esse constrangimento.

Por exemplo, Im Hye-suk diz que sempre tinha amigos brasileiros, e lembra-se do constrangimento que sentia quando criança:

Se meus amigos me convidavam pra casa? Claro. Eu fui convidada e ia, sim. Só que, no início da imigração, como nós levávamos uma vida humilde, não me senti à vontade para convidar eles pra minha casa. Agora não. Por exemplo, quando eu era criança, uma amiga veio na feira onde minha família trabalhava. Sabe o que fiz? Eu me escondi. Acho que era orgulho meu. (Tradução nossa)

Semelhantemente, Kim Ae-yeong também sentiu essa dificuldade ao pensar em abrir suas intimidades para seus amigos brasileiros, com quem se davam bem no tempo de graduação:

Na faculdade que era na outra cidade, eu morava junto com os colegas. Eu era de uma cultura diferente. Os colegas brasileiros usavam perfumes, desodorantes, tomavam banho todos os dias. Como os alunos do curso de odonto em geral são de uma classe social melhor, eu sentia certo complexo pela minha família ser mais pobre. Eles me convidavam em suas casas, mas eu não podia fazer isso. Pensei comigo: “Existe uma diferença cultural, eu sou imigrante e eles são os nativos daqui”. Estas dificuldades permaneciam no meu interior. (Tradução nossa)

A noção da diferença entre ele e seus amigos brasileiros não era considerada como um “problema” enquanto a relação permanecia no estágio em que os entrevistados se apresentavam a eles em espaços pontuais, referentes aos assuntos selecionados, seja consciente ou inconscientemente. Porém, chamar seus amigos para dentro dos espaços onde sua rotina como imigrante coreano os deixaria expostos já não era considerado natural. Convidar, por exemplo, os novos amigos para sua casa não era algo que todos os entrevistados conseguiam ou costumavam a fazer.

Por sua vez, na história de Jeong Se-bin, uma coisa chama nossa atenção, por não ter relato semelhante de outros entrevistados. Isso, no caso de Im Hye-suk e Kim Ae-yeong, foi por causa da noção da diferença do nível econômico, social e cultural da sua família com relação às famílias dos amigos, e do sentimento de inferioridade. Jeong Se-bin, que diz não ter gostado de ser coreana, confessa com maior detalhamento:

[...] Então, quando era criança tava no mesmo primário, no mesmo ginásio, na escola tem muita lição de casa, tem muita tarefa pra fazer em grupo, trabalho em grupo. Esses trabalhos em grupo, você faz na casa de um coleguinha do grupo, normalmente na casa de um alguém do grupo. Podia ser na casa de todo mundo menos na minha. Porque morria de vergonha não porque minha casa era feia ou pobre, mas asism, pra chamar meus amiguinhos pra ir pra minha casa, primeiro que já era longe. Como estudei em escolas elitistas que ficam aqui na zona sul, Vila Mariana, no Paraíso, as crianças que estudam nessas escolas normalmente moram aqui em Moema, Ibirapuera, Paraíso. Ninguém mora no outro lado do centro da cidade, zona norte que é Bom Retiro. Então já era longe. Então ninguém queria ir até lá. Segundo, chegar lá onde você tem que tirar seus sapatos pra entrar. Isso já é estranho. Ah, sua casa tem cheiro estranho, cheiro diferente. Por que? Porque tem *kimchi*, *gochujang*, *doinjang*, essas coisas que... tinham crianças que achavam muito interessante, mas muita gente não entendia. Acho que era esquisito. Isso era muito constrangedor pra mim. [...] Às vezes tinha que fazer trabalho de recorte colagem. A professora pedia para recortar do jornal e da revista. Na minha casa nunca tinha revista e jornal brasileiros. Meus pais nunca assinaram uma Veja, uma Folha de São Paulo. Porque eles não entendem, não liam aquilo, enquanto que na casa dos meus colegas todo mundo tinha pilha de revistas.

A experiência de Jeong ter sentido vergonha de mostrar a cultura coreana ou sua casa com estilo e atmosfera bem coreanos, ou de não ter em sua casa as coisas do estilo brasileiro que seus colegas tinham naturalmente sendo brasileiro, parece confirmar o sentimento que tem se compartilhado entre muitos imigrantes coreanos em uma situação como essa. Kim Hyung Mi (1996) registrou sua observação em relação a isso tratando “dos coreanos e seus outros”, na sua dissertação, na qual aponta que: “A classe média brasileira, conformada por outro padrão estético, culinário etc. em certo sentido deixa pouco à vontade os coreanos para expor a sua cultura” (Op. cit., 1996, p. 121).

Contudo, apesar do fato de muitos coreanos sentirem ainda hoje esse constrangimento parece que isso não é algo compartilhado por todos os entrevistados. Há aqueles que, apesar de terem percebido essa diferença entre sua família e a dos seus amigos brasileiros, não ficaram tímidos nem para convidá-los para ir sua casa, nem para serem convidados.

Outros ainda relatam ter sentido esse desequilíbrio, como no caso de Hui Jin, mas o motivo para não poder convidar seus amigos para casa é outro: era mais pelo fato de precisarem ajudar os pais depois da escola; e mesmo que não precisassem trabalhar, seus pais não podiam atendê-los porque trabalhavam fora. Alguns dizem inclusive que ficavam preocupados porque os pais não falavam bem português, o que não os deixaria bem como seus amigos, não se sentiriam à vontade caso convidassem os amigos para vir à sua casa.

Diferente dos outros entrevistados, Choi Seung-gyu era único que convidou os amigos dele para a igreja da colônia coreana, mas não foi muito bem sucedido, uma vez que, como ele diz: “Já levei (meus amigos). Mas eles não gostaram porque não entenderam nada. Sentiram como um peixe fora d’água.”. Nesse caso, a limitação veio realmente em função da dificuldade de os amigos de Choi Seung-gyu se adaptarem à atmosfera predominantemente coreana da igreja, e não por causa da dificuldade imaginária antes de tentar.

Uma coisa que se pode dizer comumente é que houve desequilíbrio nas relações com os amigos brasileiros, no sentido de que os entrevistados não dispunham de condição, por motivos dos mais diversos, de se envolver ativamente na relação com os amigos brasileiros assim como estes se envolviam na relação.

Mesmo dentre os entrevistados que relatam ter passado por esse desequilíbrio no relacionamento, os motivos para muitos dos entrevistados não terem se revelado mais para os brasileiros são variados. Porém, parece que a maioria dentre eles concorda que, chegando a algum ponto ou momento, se sentem mais inclinados aos amigos coreanos. A razão disso pode ser atribuída à falta de habilidade com a língua, no caso dos entrevistados que imigraram ao final da adolescência, e que realmente tiveram dificuldade de se expressar.

Mas os relatos mostram que a questão não é só a dimensão técnica. Mesmo tendo o nível suficientemente alto ou nativo de português, e levando estilos da vida mais abasileirados, muitos dizem sentir-se mais apegados aos amigos coreanos no decorrer do tempo.

Por exemplo, Kim Tae-eun, que sempre teve facilidade em fazer amigos brasileiros, e que até tinha mais amigos brasileiros na faculdade, fala que “os amigos mais íntimos sempre eram os coreanos”.

Ju Yeong-chai também diz, sem hesitar, que sempre achava amigos coreanos mais compreensivos das “situações dela”, e que se dá melhor com eles.

Até Jeong Se-bin, que por muito tempo negava seu lado coreano, e que disfrutava do “gozo da convivência” (ARENDT, 2007) só com os brasileiros, teve que enfrentar dura percepção de que seu esforço para se abasileirar tinha limite. Diz ela:

Então o que eu pensava era se eu renegar esse lado coreano, e quanto mais abasileirada eu for, é melhor. Eu me sentia uma pessoa mais desenvolvida, mais acostumada com as coisas daqui, adaptada se eu agir como brasileira. Então por isso que eu propositamente evitava falar coreano, propositamente evitava me comportar como coreana, comecei a tentar me abasileirar mais, me tropicalizar mais. **É óbvio que existem momentos em que uh... essa familiaridade, essa intimidade eu não conseguia ter com meus amigos brasileiros. Porque existem algumas coisas que não dá pra enganar seu sangue, né?** Então o prazer de assistir um vídeo coreano, o prazer de comer *shinramyeon*, *losgui*,⁸⁸ essas coisas se não fosse amigo coreano não souber [...] Então isso também era um motivo para que os coreanos aqui em São Paulo, eles ficassem mais próximos. **Porque só outro amigo coreano vai entender todo esse constrangimento, esse conflito cultural que passa dentro de mim,** essa vergonha de ter que levar minha mãe à escola, minha mãe não falava português, não fala até hoje. **Então esse tipo de coisa que um brasileiro nunca ia entender.** (Grifo nosso)

No caso de Jeong, tanto quanto seu esforço “consciente” e contínuo para negar seu lado coreano e se abasileirar, era nítida a consciência da sua inclinação às coisas coreanas bem com ao desejo de desabafar isso com seus conterrâneos.

Analisando a inclinação deles aos amigos coreanos no relacionamento, Kang Sam (1993, p. 81) confirma em seu estudo sobre a socialização de jovens imigrantes coreanos, que o nível cognitivo diferencia-se do emocional, o qual é mais difícil de ser compartilhado com quem não faz parte do mesmo mundo. De fato, essa inclinação aos seus conterrâneos muitas vezes ocorre naturalmente no decorrer de tempo, mesmo até contrariando a política “propositamente” estabelecida por indivíduos imigrantes de dar prioridade à relação com brasileiros bem como à exploração da cultura local (brasileira), em vez se acomodar no círculo de comunidade étnica, no caso, coreana.

Frequentemente “assuntos delicados”, os quais boa parte dos entrevistados desta pesquisa diz ter sentido dificuldade de compartilhar com os amigos brasileiros, são - aqueles que se acredita que somente os seus “semelhantes” podem entender. Isto é, os maiores problemas para os entrevistados são aqueles que surgem por “viverem no Brasil como coreanos, especialmente, como a *Geração 1.5*”.

Embora de fato haja alguns casos nos quais os imigrantes conseguiram desabafar sobre esses assuntos com os amigos brasileiros, o mais comum parece ser um sentimento de falta de segurança para com os amigos brasileiros, tendo em vista que pensam que estes não iriam entender os problemas passados por um imigrante, o que se confirmou em muitos casos.

⁸⁸ *Shinramyeon* é o nome de um miojo da marca coreana que se encontra nas mercearias e supermercados coreanos na colônia coreana junto com outros produtos coreanos importados. E *losgui* é o jeito adaptado ao coreano para se referir a *roast beef*.

Vimos anteriormente que Han O-jun esforçava-se muito para se integrar à sociedade brasileira, tomando iniciativas para estabelecer relações com os brasileiros. No entanto, apesar disso, não são os brasileiros que surgem na mente primeiro quando ele tem preocupações. Diz ele:

Os amigos que eu procuro quando surge problema, não são brasileiros. Apesar de que éramos tão próximos. Talvez seja algo do inconsciente, pode ser que eu tenha um preconceito sobre isso: “Eles não entendem a nossa cultura, não adianta eu comentar isso.” Acho que eu colocava um limite. Pode ser que seja limite da língua... A minha limitação de português. Sentia que o interlocutor entenderia os meus problemas se eu os expressasse em coreano, mas não em português ou espanhol... Pode ser uma dificuldade pessoal. (Tradução nossa)

De maneira semelhante, Gwak Tae-gyeong fala da realidade “lamentável” em que ele acaba procurando amigos conterrâneos querer ou sem querer. Vejamos o relato dele:

[...] uma coisa que senti pessoalmente foi de que nos momentos mais importantes muitos dos amigos não foram solidários. Na hora de brincar e zoar juntos havia muitos amigos, mas na hora de dificuldades ou brigas parecia que ninguém se importava. Isso foi um dos motivos a desfazer muitas amizades também. [...] Até eu voltar para os EUA (15 anos de idade), a maioria dos meus amigos era brasileira, e raramente tinha amigos coreanos. Mas hoje em dia tenho amigos tanto brasileiros quanto coreanos, mas os melhores são os coreanos da *Geração 1.5*. Na igreja e faculdade a maioria dos amigos é brasileira, com quem nos encontramos quase todo dia tirando o tempo durante as férias. Mas não são os mais próximos.

Esses relatos mostram que quando chegam a certos momentos ou assuntos referentes às duas culturas, diferentes uma da outra, a fronteira entre Nós e Eles se torna mais perceptível. Enquanto os entrevistados desfrutavam de uma relação com os amigos brasileiros em forma de um encontro atual, estes eram “Tu”, outros mais íntimos. No entanto, no momento de perceber a diferença entre as duas culturas, ambos encaram um hiato entre eles, o que os distancia de um do outro, assim se tornando outros distantes, isto é, “Eles” um para o outro.

Assim, observa-se certas fronteiras na relação entre os entrevistados e os amigos brasileiros deles. As diferentes trajetórias de vida percorridas por eles no passado, e as *memórias* diferentes vêm à tona na medida em que há tentativas para dar mais um passo adiante em sua relação.

Acredito que o momento em que se dá essa percepção pode ser considerado como uma fase transitória, em que começa a objetivação dos seus Outros. Isso acontece quando o

sujeito sai das cenas em que ocorriam os encontros, em uma forma “recíproca e dialógica” (BUBER, 1974), cada um chamando o outro de Tu, sem julgamento um do outro.

Ao sair dessa cena, dispersam-se e seguem caminhos diferentes. As trajetórias distintas que começam especialmente a partir da formação do primário, ginásial, colegial e, especialmente, da faculdade, mais uma vez têm sido um fator que dificulta a continuação da amizade com os brasileiros, enquanto há cada vez mais identificação com sua cultura originária – coreana – à medida que vão “envelhecendo”.

Por exemplo, Gwak Tae-gyeong, ainda jovem, com 25 anos de idade, fala: “Muitos acabei perdendo afinidade ao longo do tempo. Estranhamente, cada vez que nós envelhecíamos parecia que a cultura ou costumes que antes não fazia nenhum problema, causavam afritos e desafetos.”

Kim Tae-eun, por sua vez, atribui o motivo o distanciamento, que acabou acontecendo naturalmente, às “vidas diferentes” que cada um leva hoje. Vejamos o relato dela abaixo:

[...] Especialmente, como os brasileiros têm estilo de vida diferente do meu, além da distância física, isso me impediu de continuar tendo um relacionamento próximo. Quando eu me formei, a maioria da turma foi para assessoria de imprensa. Parece que ficou meio difícil hoje nós encontrarmos para tomar café e jantar, apesar de eu ter ido a todos os casamentos deles... cada um na sua área... (Tradução nossa)

Da mesma maneira, outros entrevistados, com exceção de alguns, relatam experiências semelhantes à de Kim Tae-eun. O enfraquecimento do elo com os amigos brasileiros com o tempo, com quem os entrevistados formavam turma bastante unida, lembramos da reflexão de Buber (1974, p. 63) sobre a “inevitabilidade da transição de cada Tu a um Isso em nosso mundo”.

Com certeza, os entrevistados podiam revelar, no encontro, a sua *pessoa* para os amigos brasileiros deles, e assim conhecendo a *pessoa* que eles são não tratando um ao outro como um Isso antes de ter a relação Eu-Tu. Porém, Buber (Ibid.) diz que a relação Eu-Isso, uma vez que tem a experiência e a memória da relação Eu-Tu, não é um mal. Muito pelo contrário, é um estágio inevitável e necessário para o Eu se tornar um indivíduo como sujeito, que é capaz de elaborar seu projeto de vida.

Podemos entender o porquê disso à luz das reflexões de Mead e Buber: a aplicação “criativa” da *alteridade* (MEAD, 1934), cuja aprendizagem se deu na relação com meus Tus enquanto o encontro durava na forma atual, é possível somente depois de passar pelo processo

de objetivação desses Outros. Isto é, somente saindo da relação atual com os Tus, deixando-os no passado ou na memória, torna-se possível ordenar esses Outros em segunda pessoa como os Eles.

Outro ponto a lembrar é que, embora aquela relação com os amigos brasileiros fique no passado, a experiência dessa relação em si torna mais prováveis outras relações com brasileiros no futuro. Retomo aqui o que Buber (1974) propõe a respeito disso:

Sem dúvida, o Tu da relação desvaneceu-se muitas vezes sem, com isso, ter-se tornado o Isso de um Eu, um objeto de uma percepção ou experiência sem ligação como será doravante, mas ele se tornou, de algum modo, um Isso em si, por hora inobservável aguardando o ressurgimento de um evento de relação.” (BUBER, 1974, p. 71)

Essa transição não é algo que acontece e se encerra uma única vez, mas são “processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (Ibid., p. 63). Assim como, a partir do encontro com seus outros, que eram distantes antes de se relacionar e dialogar com eles – ou seja, até então um Isso – permitiu que se tornassem amigos – um Tu –, e depois esse laço foi se afrouxando.

O relacionamento íntimo com os brasileiros, quer seja no passado, quer seja hoje, também faz com que os entrevistados tenham consciência do fato de que os brasileiros não são apenas “Outros virtuais” ou “Outros predominantemente como Eles”, como os eram para muitos da primeira geração.

Mesmo com a diminuição da frequência de encontro entre coreanos e brasileiros, aqueles sabem que podem retomar as relações que se afrouxaram quando surgir uma nova oportunidade. Não esqueçamos ainda que os imigrantes de que vimos tratando também se inserem continuamente em novas relações com brasileiros no presente.

Para que se tenha uma ideia mais clara disso, tomamos como exemplo o caso de Ko Su-hyeon. Ela frequenta uma igreja cujos membros são uma mistura de coreanos e brasileiros, e diz: “Eu me dou super bem com todo mundo. Tanto com brasileiros tanto com coreanos.” Semelhantemente, Im Hye-suk, que agora desfruta das novas relações amigáveis com os brasileiros, fala, com um ar de nostalgia: “O país é enorme, e todo mundo mora muito longe de um do outro, cada um em seu lugar, né? Mas todos eles (meus amigos brasileiros) estão vivos na minha memória”.

Poderíamos, então, entender o significado de todas essas relações, de modo sumário, como sendo o “propiciador da experiência de *alteridade*”, e essa experiência rica permanece na “memória da relação” com os brasileiros como Im Hye-suk bem expressou.

Essa memória, por sua vez, serve como matéria na construção da visão do Eu e do Brasil pelos entrevistados, bem como na elaboração do projeto, junto com a memória da Coreia, que passa por um processo contínuo de reformulação ou reconstrução.

Pode-se dizer que o vínculo emocional estabelecido com os brasileiros através das relações no círculo de amizade contribui para os entrevistados darem continuidade à relação com os brasileiros no âmbito profissional, com atitudes mais abertas, percebendo outros lados dos brasileiros, o que veremos mais adiante.

6.2 No âmbito profissional

Como podemos imaginar, a inserção no círculo de relações profissionais com os brasileiros ocorre quando os entrevistados já adquirem certo nível de português e familiaridade com a cultura brasileira, o que já diminui a timidez dos entrevistados que se possa ter devido à dificuldade de comunicação no sentido técnico.

Enquanto as esferas em que se estabelecem as relações de amizade com os brasileiros não variam muito, as relações no meio profissional parecem envolver esferas e aspectos mais divergentes em geral. Isto permite perceber que a complexidade se torna mais eminente na medida em que se diversificam as áreas de atuação, perfis de brasileiros com quem se relacionam, modo e densidade do relacionamento com eles.

A partir da tabela 6.1, da página seguinte, que mostra em quais áreas os entrevistados atuam hoje, é possível ter uma ideia geral de tal diversificação. Embora não haja dados estatísticos que mostrem o quadro de ocupação na primeira geração, não é difícil supor com base nas informações dadas no capítulo 3 sobre meios de sustentação de vida na fase inicial da imigração coreana que a primeira geração raramente chegava a trabalhar nas áreas citadas na tabela 6.1.

Confecção de roupas femininas ainda é um ramo preferido por muitos imigrantes coreanos e seus descendentes e, dos nossos entrevistados, os 7 se dedicam ao ramo, seja em tempo integral ou parcial. Por sua vez, muitos dos imigrantes coreanos prestam vestibular nas áreas como medicina, odontologia e direito, embora haja casos de não continuação na área depois da formação. Até recentemente entre mesmo aqueles que não descartaram sua área de especialização, a tendência era abrir clínicas dentro da comunidade coreana. Porém, hoje está crescendo o número dos que penetram no mercado de trabalho onde trabalham com e atendem brasileiros.

Por exemplo, as 2 entrevistadas desta pesquisa, que são médicas, trabalham num

hospital universitário, além de atender clientes numa outra clínica da comunidade coreana em tempos determinados. E dos 4 que se dedicam à área de direito, 1 trabalha numa empresa brasileira de advocacia que tem aproximadamente 100 funcionários; 1 está se preparando para se tornar promotora; e 1 já começou a trabalhar como juiz. Junto a isso, há áreas em que ainda não há participação ativa de imigrantes coreanos ou seus descendentes, por exemplo, publicidade e jornalismo.

Tabela 6.1 – Áreas de atuação profissional dos entrevistados

Áreas	Nº	Especificação
Confecção	7	Empresário, lojista, gerente
Negócios	3	Mídia, importação de produtos
Medicina	2	Médico no hospital universitário
Odontologia	1	Serviço voltado à comunidade coreana
Direito	4	Advogado ou juiz: 1 no serviço voltado à comunidade coreana, 3, à sociedade brasileira geral
Educação	1	Professor universitário, pesquisador
Publicidade	1	Empresa brasileira
Jornalismo	1	Empresa de comunicação autônoma, repórter etc.
Engenharia	1	Empresa brasileira
Funcionário Assalariado	2	Assalariado de empresa coreana
Funcionário público	1	Funcionário público da Coreia do Sul
Religioso	1	Pastor da igreja protestante. Ministério voltado ao público tanto coreano quanto brasileiro
Dona de casa	1	-
Total	26	-

Assim, o escopo e o grau de comunicação com brasileiros ampliado e elevado com a expansão profissional acima vislumbrados, o modo de interpretação desse relacionamento e,

enfim, o grau da inclusão de tal relacionamento assim interpretado influenciam a elaboração do projeto de vida. Tal mudança se torna mais óbvia quando comparada ao quadro de relacionamentos com os brasileiros da geração dos pais dos entrevistados, cuja absoluta maioria se instalou no ramo de confecção, variando segmentos específicos - de fabricação de roupas e tecidos, venda, aviamentos etc.

6.2.1 Relacionamento relativamente limitado com os brasileiros em certos ramos

Embora a diversificação de áreas de atuação profissional na *Geração 1.5* tenha contribuído para ampliar o círculo de relações com os brasileiros, há certos ramos que atendem a demandas predominantemente dos imigrantes coreanos, como diversos comércios, empresas de advocacia, clínicas médicas, etc. localizados nas regiões onde há maior concentração de imigrantes coreanos.

O caso de Jo Hwa-ran, que tem um consultório odontológico no bairro da Aclimação, é um exemplo disso: “Nós, por exemplo, somos dentistas. Os clientes coreanos são de 90% a 100%. Mesmo depois de formada tenho atendido coreanos, e por isso é raro o convívio com brasileiros. (Tradução nossa)”

Park Dong-min, que hoje tem um escritório de advocacia no bairro do Bom Retiro, também atende praticamente só os imigrantes coreanos e seus descendentes. Contudo, ele também atua como intérprete profissional do português para o coreano, como ocorre com um bom número de pessoas da *Geração 1.5*. E isso faz com que ele não deixe de manter a relação com os brasileiros.

Por outro lado, é notável a participação ativa da *Geração 1.5* no ramo de confecção. De fato, ainda há uma tendência muito forte de participação dos imigrantes coreanos em atividades do ramo apesar da diversificação de áreas onde imigrantes coreanos e seus descendentes atuam. Esse ramo precisa ser entendido distintamente das profissões da primeira categoria, acima tratada. No que concerne aos aspectos de relacionamentos no trabalho, quando comparado ao primeiro caso, pode-se afirmar que quem se dedica ao ramo de confecção tem maior chance de ter contato com os brasileiros, funcionários e clientes.

Quando o ramo ainda estava dominado pela primeira geração, o que foi frequentemente criticado era, como se pode imaginar, a estreiteza ou a parcialidade de suas relações com os brasileiros. Considera-se que isso tenha gerado nessa geração uma visão estreita não somente do Brasil, como também de si mesmos. Para a primeira geração parece-nos que a principal barreira era a falta de conhecimento da língua e da cultura brasileiras, que

representaram um limite para a ampliação e sofisticação do ramo, bem como para o entendimento um com outro.

No entanto, é preciso notar que a participação efetiva da *Geração 1.5* na administração de lojas de roupas (principalmente femininas), estabelecidas por seus pais, mudou bastante o perfil, a escala e a imagem do ramo. Primeiramente, a habilidade dessa geração com português já é um fator que torna a comunicação mais completa no sentido técnico. Além disso, ela apresenta uma melhor compreensão da cultura brasileira e dos brasileiros, o que contribui para a comunicação com eles fluir de modo mais eficiente e agradável qualitativamente.

No caso de Kim Jin-mo, empresário de uma marca de roupas femininas, hoje com várias franquias em São Paulo, responsável pelo gerenciamento das lojas, bem como da fábrica, a relação com os funcionários tende a ser mais intensa. Ele conta brevemente sobre isso, recordando como seus pais os tratavam quando estavam no comando da empresa:

Parecia que os meus pais tratavam os funcionários de forma rude, mas não era isso. Sei que pela dificuldade na língua expressavam-se dessa maneira. Sei como minha mãe e meu pai os tratavam. E isso me pareceu muito bom e hoje, também tento fazer da mesma forma e tenho mantido um bom relacionamento com os meus funcionários. (Tradução nossa)

Segundo Kim, ao se relacionar com seus funcionários brasileiros no trabalho, a atenção que ele dá às necessidades deles, além dos assuntos diretamente ligados ao trabalho, ajuda a entenderem-se melhor, tornando a relação mais tranquila e respeitosa.

Os entrevistados que trabalham nesse ramo, especialmente com comércio de roupas, falam que a relação tanto com os clientes quanto com os empregados, que ocupam de 70 a 100% do círculo de relações no âmbito profissional, é tranquila, embora não tenha intercâmbio com eles fora do âmbito de trabalho.

Segundo Ko Su-hyeon, gerente de uma confecção, ela faz amizade com clientes e funcionários, mas não é “nada profundo”, pois os considera apenas como colegas de trabalho. Da mesma maneira, Ju Yeong-chai também resume o relacionamento dela com os empregados a “relacionamento meramente empregador/empregado”.

O fato em si de que o relacionamento profissional não chegue a ser estendido até fora do trabalho não é aqui considerado como um problema. Caso essa fosse a única esfera onde se dá a relação com os brasileiros pela parte dos imigrantes coreanos, isso poderia ser problematizado no sentido de restringir a visão a respeito do Brasil. Entende-se que, até certo ponto, isso foi uma das razões pela crítica à concentração em um ramo só pela primeira

geração dos imigrantes.

No entanto, como vimos antes, os entrevistados, *Geração 1.5*, que frequentaram o ensino regular (fundamental a superior) no Brasil, diferente de seus pais, já tiveram chances de ter relações com brasileiros de perfis diferentes – classe social, nível de instrução etc. – em ambientes mais amigáveis que os de trabalho. Estima-se que essa experiência da relação, mesmo não tendo sido mantida até hoje, contribui para que eles não se prenderem a ideias generalizadoras sobre o brasileiro.

Ha Jeong-a, que também trabalha com a fabricação e venda de roupas femininas no Bom Retiro, entende sua relação com os empregados brasileiros como uma das relações com brasileiros estabelecidas em várias outras esferas: “Posso dizer que depois que me casei, e trabalhando, o âmbito dos meus relacionamentos se alargou mais. E as áreas de atuação também expandiram por causa dos filhos. [...] (Tradução nossa)”

Depois de dar uma pausa, Ha conclui dizendo:

Percebo que o tempo de migração influencia muito, pois quanto mais tempo, é possível compreender melhor a cultura, adaptar-se e com isso entender melhor os brasileiros, o que eles querem dizer, e para chegar nessa etapa é preciso conviver. (Tradução nossa)

Para ela, a participação em relações com os brasileiros em ambientes diferentes a ajuda a entendê-los, incluindo os funcionários da firma dela, a partir do ponto de vista deles. Estima-se que o modo amadurecido que ela tem de interpretar suas relações após a imigração é o resultado de sua participação nas relações, acompanhada pela observação sobre os brasileiros e a cultura brasileira e pela reflexão contínua sobre sua posição no país.

A “observação”, que é um ato de distanciamento consciente das relações no presente, enquanto ainda se está envolvido nelas, colocando as pessoas envolvidas nessas relações no lugar de objeto (BUBER, 1974; MEAD, 1934), é comentada por Ko Su-hyeon também: “Quando eu começo a observar mais a fundo os brasileiros, eles são bem simples... parecem ter uma vida mais simples do que a vida que eu levo. E o custo de vida mais barato.”

Entendemos nos relatos dos entrevistados que o relacionamento entre as duas partes tem a forma de “encontro”, isto é, nele há “reciprocidade”, que foi assinalada por Buber (Ibid.) como fazendo parte da natureza da relação Eu-Tu. Nesse encontro, um dirige a palavra Tu ao outro, enquanto eles estão no mesmo espaço físico, isto é, no trabalho. A observação que cada um faz sobre o seu outro muitas vezes não chega a ser compartilhada abertamente.

Isso poderia ser entendido parcialmente a partir de um aspecto da relação

empregador coreano – empregado brasileiro – não só no ramo de confecção, mas também nos outros ramos onde o relacionamento dos imigrantes coreanos com os brasileiros se dá dessa forma. Trata-se da tendência para que essa relação seja interpretada de modo mais limitado e crítico por ambas as partes, o que se torna mais notável quando comparada com os aspectos da relação entre os imigrantes coreanos e os brasileiros nas demais áreas profissionais.

Observa-se que, nas outras áreas que exigem mão de obra intelectualmente mais qualificada, nas quais a participação da *Geração 1.5* e da segunda geração dos imigrantes coreanos ainda é recente, a relação horizontal com seus superiores brasileiros é interpretada como um mérito e incentivo por parte dos entrevistados, e os valores procurados por estes – por exemplo, respeito aos superiores, diligência etc. – também podem ser vistos pelos brasileiros como pontos positivos, como se verá mais adiante.

Enquanto isso, nos ramos onde os imigrantes coreanos encontram-se na posição de empregador e os brasileiros na posição de empregado, a expectativa de um para com outro pode não bater: enquanto empregadores coreanos esperam dos seus funcionários brasileiros mais agilidade e mais dedicação ao trabalho, estes podem esperar daqueles um ritmo de trabalho menos apertado. Ju Yeong-chai, que gerencia a loja dos seus pais, diz:

Tenho vezes que fico sem paciência e angustiada com meus funcionários, mas estou aprendendo e conhecendo-os melhor. Tento resolver através do diálogo. Quando vejo por esse lado que não é bom... mas esforço para tratá-los como pessoas que têm personalidades. Até que haja compreensão um com o outro.

Com certeza, como se lida com essa não-coincidência entre expectativas das duas partes, depende do grau tanto de comunicação entre elas quanto de observação e reflexão sobre essa observação. Trata-se de um esforço necessário para se entender o outro.

Neste sentido, no caso de Oh Min-chan, que também fala que não tem um intercâmbio significativo com os empregados ou clientes da loja, pode-se captar o esforço para levar a relação para fora do trabalho: “Quero criar esse laço daqui para frente. Recentemente convidei algumas vezes meus empregados, outros brasileiros que conheço e os clientes aos eventos da igreja. Então é assim que estou tentando.”

Para ele, a igreja, onde os membros são compostos tanto de jovens imigrantes coreanos quanto de brasileiros, é um lugar importante para auxiliar a estender a relação Eu-Tu com os conhecidos brasileiros, o que não acontece com muitos imigrantes coreanos que frequentam a igreja da colônia coreana.

Em suma, no sentido quantitativo, aqueles que trabalham no ramo de confecção têm

mais relacionamento com os brasileiros do que com os coreanos que atuam em outros meios profissionais. Adotar um olhar generalizador ao tratar o ramo de confecção, como se os que trabalham no ramo como um todo levassem um relacionamento altamente estreito com brasileiros, parece ser bastante equivocado principalmente quando levamos em consideração os três fatos seguintes: 1) o próprio ramo se tornou mais sofisticado, abrangendo maior população brasileira com perfis mais diversificados; 2) a comunicação entre duas partes se tornou menos errônea no sentido técnico, bem como emocional; e 3) os imigrantes coreanos da geração mais nova tinham e têm outros vínculos através dos quais se relacionam com os brasileiros, diferentemente da geração dos seus pais, o que os ajuda a se posicionar de maneira mais equilibrada no Brasil. Além disso, mesmo nos casos em que o círculo de relações com brasileiros se tornou mais estreito depois da formação do ensino, a memória da relação contribui para eles não imaginarem o Brasil simplesmente com o que vêem dele atualmente.

6.2.2 Propiciador de reflexão mais equilibrada sobre si e seu Outros, brasileiros

O que é preciso notar com respeito à diversificação das áreas de atuação profissional entre a *Geração 1.5* de imigrantes coreanos é o fato de que essa diversificação propicia-lhes uma chance de refletir de modo mais equilibrado tanto sobre sua cultura originária, quanto sobre a cultura brasileira.

Isso ocorre, primeiramente, por meio da observação da cultura profissional brasileira, feita a partir da observação das áreas em que atuam – e das quais eles, originários da cultura coreana, desfrutam também – e da comparação das duas culturas.

Embora esse ponto tenha sido tratado brevemente anteriormente nesta tese, vimos que nas relações acima descritas existe certo limite em aprofundar o processo de observação e de comunicação por ambas as partes. Isto é, o grau de reciprocidade da relação não é considerado muito alto.

Enquanto isso, os entrevistados com profissões que abrangem outros perfis da população brasileira contam as histórias que mostram maior reciprocidade e mais especificidade no diálogo com seus colegas brasileiros. Empregando a tese de Mead (1934), observa-se que nesse ambiente evidencia-se mais o processo de “realização do *self* na situação social na qual ele surge”.

Mead argumentou que o *self* surge essencialmente como um *me* junto com a organização da comunidade à qual ele pertence, e essa organização é expressa conforme a dotação particular do indivíduo, bem como com sua circunstância social particular (MEAD,

1934, p. 200).

Quando examinamos os aspectos das relações dos entrevistados com os colegas nos ambientes profissionais específicos a serem tratados aqui, entendemos que os entrevistados passam a experienciar o surgimento da consciência mais clara de *me*, tanto como membros da comunidade coreana, quanto como membros da instituição onde trabalham, que é outra comunidade significativa para eles.

No caso de Im Hye-suk, médica de um hospital universitário, o que mais a impressiona no convívio com os profissionais desse meio – médicos, enfermeiros, funcionários administrativos, etc. – é a horizontalidade do relacionamento, não somente na relação entre colegas, mas também na relação com os superiores, conforme ela relata:

A integração ocorre entre os brasileiros. Entre eles. Os brasileiros sabem respeitar a opinião uns dos outros. Mesmo que não tenha a mesma opinião, eles escutam tudo, mas não dizem que está errado. Não é que está errada, mas simplesmente “diferente”. É isso que eles pensam. É claro que aqui também existe a hierarquia, mas mesmo sendo chefe também são colegas de trabalho. Há um respeito mútuo sem ultrapassar o limite um do outro. Nesse sentido é muito bom. Diferente de na Coreia, as pessoas que estão “lá no topo” não desprezam os que estão “lá embaixo”. Isso não é tão grave aqui. É claro que aqui também existe, mas não chega a deixar a pessoa sem saída, tendo sempre que agradar aquela pessoa. No hospital, também se tem alguém de fora que é bom na medicina, eles não forçam nenhuma posição dizendo que “ah, ele é meu inimigo”. (Tradução nossa, ênfase da entrevistada)

O relacionamento horizontal, que já havia sido experienciado na escola, e que nem sempre causou admiração nos entrevistados, parece impressioná-los de modo diferente no meio profissional. Estima-se que isso seja porque, sendo todo mundo adulto e profissional da área, tratar as pessoas, inclusive os superiores de cargo, de modo horizontal, não é entendido como falta de respeito aos superiores: diferentemente disso, a relação alunos-professores na escola, foi comentada anteriormente por alguns entrevistados como um ponto negativo por ser horizontal “demais”.

Choi Seung-gyu, que trabalha na área de engenharia, depois que se formou como Engenheiro elétrico, fala da sua convivência com os colegas, compostos tanto de ocidentais quanto de orientais:

(No meu trabalho) Tem descendentes de espanhol, russo, japonês e coreano. O relacionamento é bem amigável. Tem gente que é brincalhão, outros são mais sérios, começando por mim. Tem uns que falam mais e outros que falam menos. É bem diversificado.

Quanto à atmosfera da empresa, ele a expressa com uma palavra: “descontração”. E logo complementa, dizendo: “Quando falamos em trabalho, levamos muito a sério, pois cada um tem comprometimento com as suas responsabilidades. Na hora de *Happy Hour* é uma diversão à parte.”

Para ele, a relação com seu chefe também não é exceção da descrição que fez acerca da atmosfera do trabalho: ele dá sua opinião abertamente para seu chefe, e este o ouve com respeito, em uma posição horizontal, e nem por isso a autoridade deste deixa de ser respeitada.

Entendemos que as observações de Im Hye-suk e Choi Seung-gyu sobre as características do relacionamento no seu trabalho – em torno da horizontalidade – estão colocando como contrapartida a verticalidade da cultura coreana de trabalho, embora Choi não tenha comentado isso explicitamente.

Enquanto Im Hye-suk e Choi Seung-gyu focam mais na cultura brasileira em comparação com a coreana, Kim Ae-yeong dá mais peso a alguns clientes coreanos que ela teve quando ainda trabalhava como dentista nos anos de 1980, o qual ela não podia entender:

Depois que me formei abri um consultório no Brás. Num centro comercial. [...] E por isso, logo no primeiro dia vieram muitos clientes. Havia brasileiros e coreanos. No início não tinha a intenção de focar num público. Mas quando tinha o consultório lá, muitas vezes não entendia a postura dos coreanos. Não tem a parte da recepção no consultório? Nós atendemos com a porta fechada, mas os coreanos entravam no meio da consulta ainda quando um dos meus pacientes estava deitado na cadeira. Queriam furar fila na consulta. Enquanto os brasileiros ficavam sentados lá fora eles queriam furar a fila. E quando pedia que esperassem lá fora eles ficavam bravos. Eles não tinham respeito. Eu não consigo entender esse tipo de atitude. Isso me incomoda. No Brás, é um centro comercial cheio de comerciantes coreanos. [...] E não dava para continuar assim. Eu pedia: “Aguarde um momento”. E eles ficavam bravos e diziam que não voltavam mais. Mas não jeito. Porque não podia atender os coreanos só por eles serem coreanos e deixar que os brasileiros esperassem pela consulta marcada. (Tradução nossa)

A atitude desses clientes coreanos é considerada como falta de formalidade e de senso comum, isto é, de não saber distinguir entre assuntos públicos e privados. Esse lado, de acordo com a explicação de Choi Sang-jin (2000, p. 42-75), é um dos efeitos negativos de *jeong*, que pode ser traduzido como afeição ou ligação emocional, a qual é frequentemente apontada e estudada como uma das características mais representativas dos coreanos.

Há várias condições em que se forma essa afetividade entre as pessoas, as quais podem ser classificadas como: compartilhamento da alegria e do sofrimento; experiência de entender e ser entendido pelo outro; tolerância mútua; proximidade pessoal e desnecessidade

de fazer cerimônia; coabitação histórica e cultural que promove e fortalece o sentimento de “nós”. (Ibid.)

Estas quatro condições parecem difíceis de serem classificadas nitidamente. Contudo, no contexto da imigração a primeira e a quarta condições parecem ter funcionado de maneira mais forte para alguns imigrantes coreanos, que passaram a depender mais da *jeong*: os imigrantes coreanos, além de compartilhar uma mesma história nacional e cultural, compartilham também o sofrimento e a esperança no penoso processo de instalação no Brasil.

Apesar de a *jeong* ter funções positivas nas relações entre as pessoas, por ser a manifestação de um lado emocional e humano, também há uma questão a pensar a respeito disso: até que ponto a *jeong* pode exercer papéis positivos, ou seja, qual a fronteira da esfera e dos assuntos com os quais se deve agir de acordo com a *jeong* ou a razão?

Uma pesquisa levantada por Choi Sang-jin (2000) ao longo do seu estudo feito na década de 1990 sobre a psicologia dos coreanos mostra que os próprios coreanos estão cientes da função negativa de *jeong* de atrapalhar julgamento lógico racional. Para Kim Ae-yeong, o ato de alguns clientes coreanos terem pedido um tratamento privilegiado “no ambiente público” foi algo incompreensível.⁸⁹

Lee Pyeong-an, que tem formação e atuação profissional em direito, comenta um lado das relações entre muitos coreanos donos de lojas de roupa, e empregados brasileiros com postura mais neutra:

Há uma grande diferença na forma dos donos coreanos e dos donos brasileiros tratarem seus empregados, pois a cultura é diferente. Não exatamente os meus pais, mas os coreanos... enquanto a legislação do trabalho favorece mais o trabalhador, os coreanos se preocupam mais com a produtividade e querem fazer tudo rápido, do jeito coreano. Por isso é que surgem conflitos.

Pode-se dizer que, no caso dele, além do convívio com os brasileiros no trabalho, o conhecimento de sua área de especialidade propiciou a chance de refletir sobre a relação entre os donos coreanos e os empregados brasileiros, a qual já tem visto há muito tempo a partir do outro ângulo, graças ao fato de que seus pais trabalham com a loja de roupas.

Assim, os relatos acima apresentados mostram que uma série de processo, que envolve a comparação entre as duas culturas, a objetivação da cultura originária dos imigrantes e o equilíbrio dessas duas culturas, ocorre mais por meio de “observação” da parte

⁸⁹ Por outro lado, esse *jeong*, quando aplicado apropriadamente, – o critério para isso em níveis mais detalhados depende do bom senso da pessoa – pode servir como um fator que consolida a relação com as pessoas, como vimos no caso de Kim Jin-mo, que foi colocado anteriormente.

dos entrevistados sem que haja ainda alguma iniciativa para envolver brasileiros nesse processo mais ativamente. Ao longo desse processo, a consciência do *self* como um *me*, cuja matéria são as memórias da Coreia formuladas em fases diferentes, torna-se clara e objetivada na comparação constante com a cultura brasileira que o entrevistado vivencia no trabalho.

Por sua vez, esse processo também se dá de modo mais interativo, envolvendo os colegas brasileiros. Nos relatos a serem trazidos agora, observa-se que a consciência do *me* fica mais concreta e até modificada por meio das observações sobre a cultura coreana, feitas pelos colegas brasileiros, as quais são abertamente comunicadas. Além disso, poderemos ver nesses relatos que a reação do *self* como *eu* (dos entrevistados) também se torna mais ativa. Isto é, os entrevistados não param na observação e reflexão sobre as diferenças entre duas culturas, feita tanto por si mesmos quanto pelos colegas, mas se apresentam mais ativamente aos colegas brasileiros, explicando sua raiz coreana, como *eu*, ou seja, como sujeitos.

Para entender melhor este ponto, tomemos alguns casos como exemplo. Kang Eun-won, médica, que trabalha cercada de médicos brasileiros, conta sua história:

Então, eu estou lá (no hospital universitário) já algum tempo, e por isso todos os meus melhores amigos são estrangeiros. São brasileiros. Mas eles dizem que eu não sou coreana. Não sei. Não sei se é porque me adaptei bem no meio da sociedade coreana. De forma alguma me sinto estrangeira. Eles falam que não me vêem como estrangeira porque estou muito bem adaptada, e sentem que eu compartilho do mesmo sentimento que eles. Mas quando eu falo que sou coreana, porque lá tem muitos japoneses, então eu falo mais sobre os japoneses e a inimizade entre a Coreia e Japão. Eles não entendem e por isso explico melhor sobre a história da colonização japonesa, e por serem médicos eles vão lá e estudam para ver se é mesmo verdadeiro o que falei. (Tradução nossa)

Entende-se que, para os colegas brasileiros dela, a presença de uma coreana, que não parece uma coreana típica, e com quem é possível compartilhar sentimentos iguais aos deles, e a relação com ela em um ambiente profissional e intelectualmente maduro são um motivo que abre uma janela de diálogo com seus outros, os imigrantes coreanos.

Ela, estando nesse ambiente, esclarece a seus colegas a diferença entre japoneses, chineses e coreanos – normalmente é nessa ordem que muitos brasileiros colocam na tentativa de acertar a origem de pessoas com fisionomia asiática – de maneira mais racional e com expectativa de ser entendida racionalmente por eles também.

Han O-jun, que trabalha no consulado da Coreia do Sul em São Paulo, responde que o relacionamento com os brasileiros no trabalho não chega a ser tão íntimo a ponto de convidá-los para sua casa. Em vez disso, ele desfruta de um ambiente de trabalho bastante

diferenciado dos outros, no sentido que os funcionários – compostos de imigrantes coreanos, coreanos enviados da Coreia e brasileiros – como um todo precisam fazer um esforço profissional para entender a cultura de cada parte, bem como fazer os outros entenderem sua cultura:

Saio com amigos brasileiros e coreanos. Geralmente, quando saio com os colegas de trabalho, vamos para um *Happy Hour*, mas não os convido para minha casa. Convido mais os amigos da igreja. No *Happy Hour* saio tanto com brasileiros como imigrantes da *Geração 1.5*, e tenho que falar as duas línguas, mas me enturmo com eles. Tem horas que falo em português, outra hora em coreano. É um ambiente de trabalho especial. É um ambiente que exige maior integração da cultura coreana, e por isso me esforço para entendê-la. Isso acontece não só por causa do trabalho, mas além da remuneração não ser baixa, não é algo tão difícil de se fazer. No começo, eles estranhavam quando íamos ao restaurante coreano, mas hoje perguntam primeiro se não vamos comer *bulgogi*, *kimchi*. Para nós é um prazer. (Tradução nossa)

De maneira semelhante, Jeong Se-bin também fala com um tom empolgado sobre sua experiência em compartilhar a cultura coreana no trabalho, onde ela é única asiática:

Eles são muito receptivos. Acho que tem uma coisa também, é do povo brasileiro, povo culturalmente amigável, amoroso, muito aberto. E eles me acham exótica. Sou praticamente uma atração turística nessa agência. Porque as pessoas me ouvem falando no telefone em coreano, eles acham sensacional, pedem para eu repetir. Aquelas coisas a vida inteira você crescendo no Brasil tem algumas coisas como coreana no Brasil todo mundo já passou. Ah, perguntas como: “Você veio da Coreia do Sul? Ou Coreia do Norte?” Coisas básicas. Você tem que dizer toda vez não. Coreia do Norte, ninguém entra, ninguém sai. Eu estar aqui só posso ser da Coreia do Sul. Coisas como “como é seu nome em coreano, como diz isso em coreano”. Eles querem saber, escreve meu nome em coreano. Esse tipo de coisa muito comum. A vida interia você vai ouvir isso dos brasileiros. Mas eles têm muito interesse, muita curiosidade, eles acham diferente... eles perguntam como é a língua, pedem para eu levar para restaurante coreano... eles respeitam muito, né, porque brasileiro tem essa coisa muito calorosa [...]

O que é interessante no relato de Jeong é notar como interpreta sua coreanidade hoje, a qual é comunicada direta e abertamente por seus colegas de trabalho. Esse tipo de percepção da entrevistada é diferente da que experimentada na época da faculdade, quando negava a sua origem coreana, como vimos no item anterior acerca de relacionamento de amizade.⁹⁰ Quando ela ainda cursava publicidade na faculdade, área que exige uma rica referência

⁹⁰ O depoimento sobre o motivo decisivo de tal mudança em relação a sua identidade coreana – que se deu enquanto fazia mestrado em um país que nem era o Brasil nem a Coreia – será colocado mais adiante nos capítulos sobre a Visão do Eu e Meu projeto.

cultural e criatividade, o fato de ser coreana foi considerado um obstáculo por ela. Jeong Se-bin recorda:

Eu optei por fazer curso em propaganda, em Marketing, Publicidade. Pra você ser um bom publicitário, você tem que ter muita referência, repertório, muita referência cultural mesmo, de música, de filme, de novela, de celebridades. E na minha casa eu cresci ouvindo músicas populares coreanas da época dos meus pais. [...] Eu não ouvi Caetano Veloso. Eu não ouvi Maria Rita, Marisa Monte, Gal Costa, coisas que pros meus amigos brasileiros eram muito básicas, né? Você falar de Roberto Carlos no Brasil é como falar de Jo Yong-Pil⁹¹ na Coreia. Toda população sabe, e aquilo faz parte da sua formação cultural. Eu não tive isso. Eu tive que correr atrás das coisas quando eu ouvi que essa música é importante. Porque Caetano Veloso, Chico Buarque, todo esse pessoal fez parte de um momento histórico cultural no Brasil, do Tropical nos anos sessenta durante o regime militar. Nada disso eu tinha referência. Eu ficava pra trás.

Mas hoje, entende que o fato de que Jeong tem uma base cultural diferente da maioria funciona como um fator enriquecedor dessa “referência e repertório cultural” que desperta o interesse dos colegas, não só em termos pessoais, mas também profissionais:

Tá no outro lado do planeta a Coreia e o Brasil, né? São 24 horas de voo. Então é muito distante. As grandes diferenças e muitas peculiaridades da cultura despertam maior interesse... e eles acham muito curioso. Nesse sentido, os amigos aqui do Brasil são mais abertos, se interessam pelas outras culturas e tentam entendê-las... O estudo sobre a cultura atual da Coreia também foi iniciada porque achei que seria interessante compartilhar essas informações com meus amigos.

A área onde Jeong trabalha é um ambiente que ressalta mais o lado afetivo, aberto, comunicativo e caloroso da cultura brasileira, o que já favorece um relacionamento amigável com os colegas brasileiros. Mas esse fato enriquece mesmo até o relacionamento profissional, propiciando a chance de apresentar a cultura coreana aos brasileiros em nível mais elevado.

No caso dela, a concepção de seu *me* antes de ser comunicado a seus Outros continha o lado autodiscriminatório, como vimos nos relatos anteriormente colocados. À medida que ela foi descobrindo o *me* visto por seus Outros sobre a cultura coreana, a visão do Eu dela passou a ser mais equilibrada.

Os relatos dos entrevistados aqui colocados lembram mais uma vez a reflexão de Hannah Arendt (2007), que propõe que:

⁹¹ Jo Yong-pil, nascido em 1950, é cantor coreano mais destacado no século 20. Até hoje, ele é considerado a figura mais influente ao longo da história da música popular coreana.

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. (ARENDT, 2007, p. 192)

Estima-se que, através das experiências interativas com os brasileiros no âmbito profissional de diversas áreas, torna-se possível olhar a cultura brasileira e os brasileiros a partir de ângulos diferentes, bem como olhar a cultura coreana de modo neutro. Esse processo de *feedback* ou diálogo das imagens e características de duas culturas entre os entrevistados e brasileiros ocorre de maneira diferente e em graus: alguns mais observam as duas culturas e levam essa observação para sua reflexão, enquanto outros se comunicam mais com os colegas brasileiros, fazendo esse diálogo mais explicitamente. O importante é que o relacionamento no meio profissional possa ser estabelecido, pelo menos teoricamente, a partir de uma atitude intelectualmente mais madura, ou seja, com “discurso e ação” de nível mais maduro, aberta para conhecer melhor a cultura dos outros.

6.2.3 Experiência de outro Brasil

Os entrevistados contam uma relação com os brasileiros que nem sempre chega a ultrapassar os entornos do trabalho, mas que é harmoniosa e propiciadora de mais conhecimento de um sobre o outro.

Por outro lado, outros relatam ter experienciado, no mundo profissional onde ainda são a minoria e estão expostos a uma competição mais dura com os brasileiros, uma barreira colocada entre eles e a sociedade brasileira, mais difícil de ultrapassar. Diferente das relações pessoais, como acontece com a amizade com os brasileiros, o lado profissional não é mais aquele de encarar os brasileiros como “gente boa”, “ritmo folgado de trabalho”, “povo aberto e receptivo” e “o país onde não há discriminação para com grupos minoritários”, especialmente quando se trata de concorrência.

Não é a um constrangimento que alguns coreanos sentem ao expor sua cultura aos brasileiros da classe média, o que Kim Hyung Mi (1996, p. 121) se refere, mas sim a uma espécie de base social (SODRÉ, 1999) para aceitação dos indivíduos do grupo minoritário de qualquer natureza (aqui, trata-se mais especificamente da raça e da etnia).

As histórias dos entrevistados coreanos, ou melhor, “orientais”, a serem colocadas a seguir não se encontram em um extremo no sistema bipolar branco-negro das sociedades do primeiro mundo. Porém, na sociedade brasileira “esteticamente regida por um paradigma

branco” (Ibid., p. 234) parece óbvia a percepção da estigmatização tida pelos entrevistados ao longo da luta por uma inserção no mundo socialmente elitizado, pelo menos no primeiro momento. De fato, muitos entrevistados falam que tem que ser “extraordinariamente profissionais e bem qualificados” para serem reconhecidos pelos brasileiros

Jeong Nam-eun, que desfrutou da ajuda incondicional de uma amiga brasileira no colégio, fala dos “brasileiros muito diferentes dos brasileiros que antes conhecia”:

A nossa empresa comercializa produtos aos brasileiros no Brasil inteiro... lidamos com profissionais. Trabalhamos com publicidade, e é ela é um ramo limitado, pois direcionamos às pessoas envolvidas em negócios. **No início foi extremamente difícil porque todos os brasileiros aparentam ser bons e simpáticos, mas quando queremos alcançar o mercado parece que tudo se fecha e é muito difícil.** Mais do que pensamos, os brasileiros são bem conservadores, mais do que pensamos. Quando eles pensam que algo é certo, não mudam de opinião facilmente. Para que essa cultura conservadora mude é preciso de muito tempo. É isso que sinto. Na Coreia a moda vem muito rápida e há mudanças. Já no Brasil, ainda se usa a mesma coisa que foi usada na época da migração. Será que são estereótipos? É muito forte aqui. Não conseguem mudar algo que estão acostumados. O que dificultou foi a aceitação de um novo fornecedor que não fosse o que estavam acostumados. **Mas uma coisa que aprendi: é que eles são abertos, imagina uma mulher coreana que não é fluente na língua procurar as pessoas, fazer ligações e pedir que ensine, que ajude.** Quando eu falo que quero ensinar algo eles não ajudam, mas quando falo que quero aprender e peço a ajuda deles, eles atendem. E aos poucos estou aprendendo como lidar com os brasileiros. (Tradução nossa, grifo nosso)

Esses brasileiros, que são clientes da empresa dela, são praticamente “outros brasileiros” da outra categoria dos brasileiros em geral. A espontaneidade, a imagem dominante dos brasileiros – representada até então por amigos, balconistas, empregados de lojas de roupas que vê no Bom Retiro, babá, empregada da sua casa, membros da igreja – que conheciam antes não era a primeira cara que os clientes brasileiros de Jeong mostraram, pelo menos, em negócios.

Era uma área onde é exigido o alto grau de profissionalismo e credibilidade a ponto de fazê-los mudarem do gosto, ao qual têm se aderido por muito tempo. E o fato de ela ser uma “oriental” funcionou como um fator não muito favorável na fase inicial da relação. Só depois que ela “conquistou” a boa vontade deles com atitude “humilde”, pôde enxergar de novo o lado receptivo dos brasileiros. Vejamos como Jeong explica isso no trecho abaixo:

[...] E quando comecei a entender mais as coisas, os clientes começaram a tornar meus amigos. Eles me ajudaram bastante. Entrei no mercado sem saber de muita coisa, mas há muita gente de boa vontade que quer ajudar. E

foi assim que conheci mais sobre os brasileiros. Aprendi muito em relação à sociedade brasileira, diferente da imagem que eu tinha antes, penetrando nela mais a fundo. (Tradução nossa)

Ao ser pedido para contar como foi a reação e o tratamento dos líderes da Associação Brasileira de uma denominação protestante tradicional, Hwang In-pyo começa a falar com uma postura mais determinada: “Com certeza, muitas vezes (fui discriminado)”. O motivo do olhar discriminatório: porque ele é “oriental”. E foi só depois que ele foi reconhecido com sua competência que ele foi aceito como colega deles. Diz ele:

(Ao ser perguntado se já sofreu discriminação alguma vez) Muitas vezes. Em primeiro lugar, recebi (discriminação) porque sou oriental. Por ser oriental. Mas sabe quando eles reconhecem o oriental como brasileiro? É fácil. **Quando ele mostra a sua competência. A partir desse momento essa pessoa se torna um brasileiro e ganha reconhecimento e confiança.** Não deve ser o conhecimento “meia boca”... Na minha vida também percebi isso. No seminário. Estudando no seminário as pessoas me tratavam como oriental... e desde então adquiri experiência sendo reconhecido e hoje, em especial, sou palestrante na minha denominação. Ser palestrante na denominação é muito difícil. Imagina quantos veteranos, quanta política e estudiosos existe. Há seminários na Assembleia Geral da denominação e Cultos de avivamento para educadores. E eles escolhem os palestrantes. [...] E sou requisitado pelos pastores... Então eu percebo, “Ah, estou sendo reconhecido.” (Tradução nossa, grifo nosso)

Da mesma maneira, para Gwon Hye-ok, “competição” é o que diferencia o setor do trabalho dos outros setores da vida. Segundo ela, até a época da faculdade era possível se misturar bem com os brasileiros, mas ao se inserir no mundo profissional, especialmente, de elite, já se sente diferente. Diz ela: “Mas há competição na carreira profissional. Querendo ou não, existe a discriminação. E, sem dúvida você é reconhecido se for rico, estudou mais ou faz algo melhor que o outro. É o que meu próprio marido (médico) sente como eu também.”

As experiências de Hwang In-pyo, Jeong Nam-eun e Gwon Hye-ok mostram que em áreas conservadoras é exigido muito mais esforço e constância para um indivíduo oriental ser reconhecido e aceito como iguais aos outros ingredientes brasileiros desse grupo.

No entanto, percebemos dos relatos dos entrevistados que nem todos eles acreditam que ser coreano é um atributo que confirma o defeito ou a anormalidade em todas as situações na sociedade brasileira. Sendo coreano, o sujeito pode até ser visto como “sensacional” ou uma “novidade” em outros ambientes – sejam pessoais, sejam públicos, inclusive profissionais – onde se destaca mais o lado humano, como se viu nos relatos dos outros entrevistados.

É mais correto, então, dizer que ser estigmatizado e/ou estigmatizar é o que surge, na

realidade, em relações. Goffman (1988, p.13) coloca a necessidade de estabelecimento e uso de uma linguagem de relações, e não de atributos para entender o termo estigma: segundo ele, o estigma é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo”.

Por exemplo, foi numa situação ou relação específica que Hwang In-pyo enfrentou de modo mais intensivo o preconceito de brasileiros: nas relações com líderes das igrejas presbiterianas do Brasil, e não em qualquer outra situação com brasileiros, o fato de Hwang In-pyo ser um oriental ou um asiático foi “desacreditado” até ele provar sua competência como líder, de modo semelhante que Jeong teve que mostrar a constância e a competência para estabelecer um relacionamento duradouro com clientes brasileiros.

Há outros casos semelhantes aos apresentados acima, mas que dizem ainda não ter conseguido ultrapassar a barreira de relacionamento no mundo profissional. Para que tenhamos uma ideia mais clara, vejamos o caso de Kim Jin-mo, empresário e proprietário de uma marca de roupas femininas. O preconceito é vivenciado por Kim também. São frequentes as histórias em que os imigrantes coreanos tiveram que se livrar do estigma decorrente de denúncias na mídia de exploração de mão de obra ilegal boliviana e coreana em suas oficinas de costura (FREITAS, 2003, p. 8). Mas Kim fala de outro estigma ou preconceito em outra dimensão. Enquanto os outros entrevistados que trabalham no ramo de confecção focam mais as relações com seus empregados e clientes brasileiros, Kim Jin-mo, aponta outra limitação que vem ao tentar penetrar no mercado de alta moda:

A moda liderada pelos imigrantes coreanos, não integrada à do Brasil, é isso é a situação em que estamos hoje. O pessoal da alta moda não quer nos reconhecer pelas características que temos, sendo que não dá para igualar ao nível de “baixa” categoria. Assim, queremos subir cada vez mais, mas o pessoal da elite nos barra... não se tem uma harmonia ou integração. Ficamos sedimentados pelo *fashion* do Brás e Bom Retiro. Eles nos subcontratam para colocar o nome deles nas etiquetas mas também não querem reconhecer nossa contribuição publicamente. Quem recebe convite no *São Paulo Fashion Week*? Não tem. Não há oportunidades para encontrar com eles. Eles gerenciam entre eles. É fechado. O *high fashion* para a Sociedade elitizada. (Tradução nossa)

Por mais que venha sendo reconhecida a contribuição de pequenos e médios empresários coreanos na indústria textil para desenvolvimento econômico do Brasil, cujo maior símbolo é a revitalização do Bom Retiro, a barreira enfrentada ao tentar competir abertamente com as marcas brasileiras consideradas mais sofisticadas ainda é bem presente.

Está fora do alcance do nosso trabalho discutir qual o motivo dessa barreira, uma vez que não chegou a ocorrer uma conversa explícita a respeito disso. O motivo, da parte dos

componentes do mercado de alta moda, pode ser, como se fala frequentemente, porque não é moda o que eles (os imigrantes coreanos) fazem e, sim, cópia do que se vê no exterior (KIM, Y., 2009, p. 34).

No entanto, o que é mais relevante em relação a essa separação, pelo menos na nossa discussão, parece ser certo preconceito generalizador, não para com a qualidade dos produtos, mas para com os sujeitos desses produtos, os imigrantes coreanos. Leve-se, aqui, em consideração o fato de que as marcas brasileiras terceirizam a fabricação das roupas para os empresários coreanos. Isto é, há relações entre empresários coreanos e brasileiros do mercado de moda, porém não existe um relacionamento no sentido refletido por Buber (1974), que permita um diálogo aberto e horizontal, no caso, nos espaços como desfiles de moda que reúnem os líderes de moda do país, para começar.

Os relatos dos entrevistados como um todo nos permitem confirmar a observação de Goffman (1988) de que os membros da minoria têm facilidade para se posicionar como observadores da situação. Ao longo dos relatos, cujos detalhes variam de um para outro, descobrimos a existência de esferas onde as fronteiras entre Eu e Outro são mais nítidas e difíceis de atravessar, fazendo com que os entrevistados se sintam excluídos dos brasileiros. Esses Outros ainda são os Eles, a quem ainda não chegou a ser dirigida a palavra Tu.

Neste capítulo, vimos os vários aspectos que abarcam os relacionamentos dos entrevistados com os brasileiros, tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito profissional. Além dos aspectos aqui tratados, foi possível descobrir outras implicações que mostram a complexidade de viver como portador de múltiplas referências culturais e memórias já formadas, bem como memórias sendo formadas continuamente ao longo do processo social.

Sendo assim, a partir dos aspectos aqui examinados, podemos perceber que os entrevistados têm se relacionado com os brasileiros em áreas, posições, e por motivos diferentes. Isso faz com que o modo de se relacionar com eles também seja diferente. O que se pode dizer comumente abrangendo essas relações é que, na *Geração 1.5*, os olhares dos imigrantes coreanos para com os brasileiros são dirigidos a partir de múltiplos ângulos, o que se torna destacado quando comparado à primeira geração.

É notável que os brasileiros da classe média, que eram mais “Outros virtuais” para muitos da primeira geração, se nos transformaram “Outros reais” para a *Geração 1.5*, através dessas relações e, assim, de sua participação da “atualidade”.

Ao mesmo tempo, estima-se que o Eu ou o *self* dos entrevistados torna-se atual por meio de sua participação na “atualidade”. E, por conseguinte, graus ou intensidades da participação das relações, ou da “atualidade”, influenciam o quanto é atual o Eu dos

entrevistados. (BUBER, 1974, p. 93)

Vimos, também, nos relatos, um bom número dos entrevistados que sentem uma inclinação emocional maior por seus semelhantes, isto é, por membros da *Geração 1.5*, especialmente quando se trata dos assuntos delicados. Estima-se que essa tendência seja algo “natural”, “instintivo” e “automático”, como alguns deles falaram.

Porém, o que chama mais atenção nos relatos acima apresentados é a percepção dos entrevistados de que existem valores universais compartilhados com os brasileiros, e que sua particularidade como coreana não é algo que impeça a convivência com os brasileiros.

Para terminar, ressaltamos que a relação é sempre recíproca, como foi enfatizado ao longo da análise. Enfocamos, neste trabalho, a interpretação da relação com os brasileiros pela *Geração 1.5*. Acredito que essa relação tenha propiciado a chance de refletir sobre seus Outros, imigrantes coreanos; sobre sua relação com eles; e, enfim, sobre seu Eu nessa relação.

CAPÍTULO 7. MEMÓRIA E PROJETO

Neste capítulo, falaremos os aspectos destacados à(s) memória(s) da Coreia que os entrevistados têm carregado, e sua relevância na elaboração de seu projeto da vida. São as memórias tanto da Coreia quanto do Brasil que participam desse processo contínuo de elaborar e reelaborar o projeto de vida no Brasil, uma vez que os entrevistados tornaram-se membros integrantes da sociedade brasileira a partir de sua imigração para o Brasil, mas com a vivência continuada no ambiente coreano – como família, comunidade e igreja coreanas – mesmo depois da imigração.

Em termo de tempo de permanência, que já passou no Brasil e que vai passar nele nos próximos anos, o Brasil obviamente é “a realidade deles” desde que imigraram para o Brasil saindo da Coreia, a qual era sua realidade até então. Essa realidade do Brasil que os entrevistados enfrentam é que a sociedade brasileira é composta de um povo que carrega diferentes memórias de sua origem étnica. Dentre elas, encontram-se as memórias da Coreia, que os imigrantes coreanos, carregam em si. São elas que tornam sua identidade, bem como seu projeto, únicos, com seus traços coreanos, mesmo compartilhando alguns traços em comum com outros membros, da sociedade brasileira, portadores de memórias diferentes da coreana, que tornam tanto imigrantes coreanos quanto demais membros como um todo se identificaram com a cultura brasileira.

Como veremos, a *memória* é seletiva e subjetiva, embora o indivíduo nem sempre faça essa seleção com intencionalidade explícita. Enquanto isso, o *projeto* considera-se ser seletivo, com certeza, mas está mais no domínio da *intersubjetividade* do que da subjetividade. A fim de que o indivíduo possa elaborar um projeto, seria necessário ter a definição e a interpretação do que ele tem passado, sendo que essa definição e interpretação poderiam ser chamadas de memória subjetiva – subjetiva, pois esse processo ocorre no interior do indivíduo – sobre uma situação ou do fato objetivo. Partindo desse processo, o *projeto* tem que ser articulado a partir de uma consciência a respeito do presente, em que o indivíduo interage com vários outros. Com respeito a isso, diz Allan G. Johnson (1997):

Definição da situação é o que indivíduos usam para extrair algum sentido dos STATUS e PAPÉIS envolvidos em uma situação, de modo que possam saber o que deles se espera e o que devem esperar dos outros. Eles precisam saber, por exemplo, se estão em um banco, em uma sauna, em um cinema ou em um mercado; e também, em sentido social, exatamente com quem estão interagindo e para que fim. Um dos problemas mais interessantes neste particular é que definir a situação não constitui uma simples questão de

identificar fatos objetivos, bem visíveis a quem quiser examiná-los. (JOHNSON, 1997, p. 66)

Se podemos entender a *memória* como uma série das definições das situações passadas, ela, além de ser subjetiva, é aberta à negociação e à modificação, conforme a necessidade até de o *projeto* ser elaborado e reelaborado. Em outras palavras, a memória e o *projeto* estão em uma relação circular, na qual um influencia o outro continuamente. Tendo em vista essa relação entre a memória e o projeto, examinaremos os casos dos entrevistados.

7.1 Memórias da Coreia

A relevância da *memória* na elaboração do *projeto* da vida já foi discutida detalhadamente, com base na reflexão antropológica de Gilberto Velho (1987; 1994), entre outros. O importante a lembrar em relação à memória é que ela não pode ser entendida como algum dado objetivo que descreva os fatos históricos da vida de alguém com precisão. Assim como a história é uma interpretação dos acontecimentos por parte do historiador, a memória do indivíduo também é uma versão interpretada do que ele viu, ouviu e viveu, por meio de certo sistema de filtração, o qual não é fixo.

No caso dos imigrantes coreanos no Brasil, especialmente da *Geração 1.5*, considera-se que a memória da Coreia sofre certas alterações, passando por diferentes fases, na medida em que ocorre com maior frequência a travessia de fronteiras – não só nacionais, mas também de diversas esferas da vida. Essas fases diferentes poderiam ser divididas, grosso modo, em três: primeiro, a fase até antes da saída da Coreia; segundo, depois da imigração para o Brasil onde o contato com a cultura coreana ocorre no seio comunitário coreano e por meio da mídia coreana; e por último, reencontro com a Coreia contemporânea depois de muito tempo como “emigrante” para o Brasil.

[...] Tinha uma multidão no porto de Busan para se despedir dos familiares e parentes que estavam indo para o Brasil. Muita gente ficou embaixo o barco segurando fitas coloridas e gritando com choro os nomes dos que estavam no barco. Sabe, aquela fita comprida e com diversas cores. Os emigrantes, que já subiram no barco, lançam aquelas fitas para baixo, então eles seguram um fim da fita e os parentes, outro fim. Aí o barco parte e, à medida que ele vai se afastando do porto, a fita vai se soltando até finalmente ser cortada. Muita gente chorou. Tanto quem estava partindo como quem estava sendo deixado... (Relato de Kim Ae-yeong, tradução nossa)

A passagem do texto acima é um pedaço da memória da cena da partida da Coreia,

aliás, a última cena antes da imigração, contada por uma entrevistada que imigrou para o Brasil nos anos de 1960.

Quais seriam as memórias da Coreia que ficaram registradas por detrás dessa última cena, e que ficaram guardadas até hoje pelos imigrantes coreanos? Explorar esse traço tem grande relevância no que diz à importância da existência de diferentes visões de mundo e estilos de vida dos imigrantes coreanos, especialmente em uma sociedade caracterizada pela complexidade e heterogeneidade, como a brasileira.

Boa parte da população brasileira, oriunda de diversos cantos do mundo, tem uma ampla “multiplicidade de referências” em termos de etnia e raça, cultura, religião, que trabalham na construção da sua identidade individual.

A respeito disso, Gilberto Velho (1994), a partir da sua observação e reflexão sobre as sociedades complexas, estabelece relações entre *memória* e *projeto*. Uma vez deslocados da sua pátria e plantados no Brasil, a *Geração 1.5* de imigrantes coreanos foi influenciada pela Coreia de maneira limitada e complexa no processo da construção da sua identidade. O que ganha força nesse processo seria a memória, formada ainda na Coreia, preservada por meio da convivência com seus conterrâneos – é ela que ocupa maior peso nas memórias da Coreia dessa geração –, e por fim, a memória reconstruída por meio do contato com a cultura coreana contemporânea, transmitida na mídia, e formada depois da visita à Coreia, feita após muitos anos da instalação no Brasil.

7.1.1 Memória até antes da imigração

Antes de avançar qualquer discussão acerca da memória da Coreia pela *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos, é preciso nos lembrar, mais uma vez, que os entrevistados, objeto-alvo deste trabalho, ainda eram novos quando se deu sua saída, tanto que a participação deles do processo de tomada de decisão da emigração foi nula.

Então não se pode esperar uma memória baseada em uma noção e percepção concreta do contexto econômico, político e social da Coreia. De fato, a memória da Coreia na época da saída contada por entrevistados costuma a ser meio vaga ou muito geral, e mesmo quando conseguem dar detalhes, os conteúdos giram normalmente em torno da vida do dia a dia nos espaços como os bairros onde moravam, casa, escola, e outros lugares onde frequentavam.

Im Hye-suk, cuja família era financeiramente bem instalada quando a Coreia estava passando pela fase econômica e política difícil depois da guerra, diz que não lembra que

alguma vez sentir-se insegura por causa da situação do país. Diz ela: “(Na Coreia do Sul) Frequentei a escola até o sexto ano do primário, e de noite tinha aulas particulares. **Não tenho lembranças de passeio na Coreia, mas apenas de estudo.** (Tradução nossa, grifo nosso)”

Noh Jeong-nan, agora com meia idade, também conta a vida na Coreia antes da imigração, com um sorriso cheio no rosto, provavelmente por poder trazer boas lembranças da infância, que não foram afetadas pela atmosfera do país naquela época não muito favorável:

Sim... eu me lembro da Coreia, sim. Meu pai era muito familiar. Era um pai bem exemplar. Meus pais. E... eu me lembro dos amigos da escola, eu me lembro da casa, lembro dos funcionários que meu pai tinha no consultório dele, dos tios. E assim, eu lembro assim, quando eu ia escola... eu ia à escola e voltava com os amigos... sala de aula, por exemplo, eu lembro. Mas assim, não lembro agora, muito tempo, não me lembro dos rostos dos amigos, mas eu lembro bem. [...] *(ao ser perguntada se alguma vez sentiu a atmosfera escura e pesada da então Coreia)* Não, eu não senti nada. Não senti nem um pouco. A gente viajava muito. Passeava bastante. Uma vez por semana a gente ia jantar fora, no restaurante estrangeiro, entendeu? Então eu não me lembro da instabilidade política essas coisas não. Não me lembro de nada. [...] **Só lembro que era bom.** (Grifo nosso)

Assim, para Noh, as lembranças dos amigos, dos arredores da casa e da escola e do tempo que passava com a família com certo “luxo” às vezes, que muitos não podiam ter naquela época, são dominantes com relação à memória da Coreia na sua infância.

Estima-se que, nos casos de Im Hye-suk e Noh Jeong-nan, além da idade, o *status-social* da família consideravelmente privilegiado fizeram com que elas não ficassem expostas a tal atmosfera de insegurança política e econômica do país. Mas, embora haja diferenças em detalhes, a influência da situação financeira da família não se considera muito significativa na percepção da realidade que o país estava passando. Ainda estando sob o cuidado dos pais, mesmo os entrevistados que não viviam economicamente bem dizem ter sido feliz, o que é o caso de Shim Jeong-mi:

Então, antigamente era apenas uma criança, e como as pessoas diziam que éramos pobres, éramos pobres, mas crescemos sem saber direito. Pensando agora, entendo que realmente aos poucos tivemos momentos difíceis. Naquela época todos tinham uma vida difícil e mais ainda os que vieram do Norte, pois não tinham base. [...] Um ano antes de imigramos, lembro que passamos um ano em um quarto, bem pequeno, onde só deu para dormir. Era quando eu estava na terceira série. **Com certeza era uma casa bem precária comparada à casa anterior em que vivíamos.** Um quarto pequeno com cozinha precária. **Mas, não cresci pensando que eu era pobre. Só tenho memórias felizes de do meu primário.** E memórias na igreja onde passava muito tempo. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como se vê no relato de Shim, não era apenas a pobreza do país que não se sentia na pele: mesmo com relação à situação da sua própria família, ela passou a percebê-la como “pobre” só depois que ela cresceu o suficiente para refletir sobre a história da imigração da sua família.

Por sua vez, quem deixou a Coreia com menos de dez anos de idade teve mais dificuldade de contar algo específico, o que torna difícil falar da sua memória da Coreia como algo bom ou ruim. Choi Seung-gyu fala: “Não lembro quase nada da Coreia. [...] Meu caso também não foge muito a isso. Eu lembro muito pouco do tempo na escola na Coreia. Acho que era escola primária Jangyook? Morei lá no Busan... Eu lembro muito pouco. Lembro que gostava do piquenique da escola.”

Semelhantemente, Jeong Se-bin lembram muito pouco da Coreia antes de deixá-la:

A Coreia que eu lembro é **uma lembrança muito vaga**. Porque só passei a minha infância na Coreia até sete anos. Então eu lembro que cheguei ao curso do primeiro semestre da primeira série do primeiro grau. É muito pouca coisa. [...] Mas não tenho lembranças muito nítidas. **Sempre é uma lembrança meio esfumada como se tivesse sido um sonho**, né? (Grifo nosso)

Assim, só vivendo sete anos na Coreia, a lembrança com relação a ela é expressa por Jeong como “vaga”, “esfumada” e algo que até parece como “sonho”.

Deste modo, muitos dos entrevistados começam seu relato falando que não se lembram de muita coisa e, de fato, um bom número deles não consegue falar quase nada ou dá uma pausa para poder responder. Porém, mesmo em meio a essa limitação, foi possível detectar alguns traços marcantes da sociedade coreana dos momentos diferentes a partir das impressões que os entrevistados tinham da Coreia enquanto viviam lá. Além disso, alguns, especialmente aqueles que ficaram lá até por volta dos quinze anos de idade, mostraram maior grau de acompanhamento dos principais acontecimentos que marcaram a história da Coreia até antes da saída.

O que é lembrado comumente entre os que imigraram na década de 1960 é a pobreza extrema geral do país a ponto de isso ser considerado normal naquela época, como Baek Gyeong-tae:

Eu mesmo assim, como havia tanta gente pobre, eu pensava “o país é pobre”. Mas como nossa família partiu para outro país para morar, não sei... acaba se acostumando assim mesmo e acaba achando assim mesmo... e então, também tinha tanta gente faminta por aí... Naquela época tinha muito apoio

do exterior e como é que é mesmo? Ah, na escola davam pão de milho e caldo de arroz... (Tradução nossa)

Ser pobre para Baek, então ainda criança que nem tinha uma noção nítida de ser pobre ou rico bem como da miséria que não teria passado se não fosse pobre, era algo “comum” porque ao seu redor não havia tanta gente muito rica para comparar com sua situação.

Novamente, a “pobreza” era a primeira coisa que Kim Ae-yeong lembrou ao ser perguntada o que se lembrava sobre a Coreia antes de deixá-la. E a ideia da imigração para o Brasil foi recebida por ela como uma boa notícia por um motivo simples, diz ela: “Quando a gente estava na Coreia, comida então era uma coisa séria, e trabalhava para comer. O resto era tudo gasto na escola. Aí, então fiquei contente só de pensar que iria comer à vontade no Brasil. (Tradução nossa)”

Logo em seguida, Kim, que diz não ter se preocupado a sério naquela época com a situação da Coreia por ser ainda nova, traz sua memória sobre a atmosfera política turbulenta do país, marcada pelo movimento 19 de abril de 1960 em prol da democratização da Coreia, e do medo do comunismo que permeava o país:

Isso mesmo. Passei pela insurreição de 19 de abril (4.19). Era momento de muita mudança. Tinha medo do Comunismo e havia movimento, meio forçado, chamado “*Saemaeul* (Vila Nova)”. Nesta época eu era pequena, mas pensei: “Será que eles estavam fazendo grupo, algo parecido ao do comunista?” Não podia passear por aí fora à vontade. Tinha o toque de recolher e depois disso não podia sair. Tinha greve e golpe de estado... (Tradução nossa)

Além de Kim, outros entrevistados que saíram da Coreia na década de 1970 lembraram-se do ar mais progressivo e desenvolvimentista concretizado pelo *Movimento Saemaeul* e pela ambiciosa meta de exportação dos produtos domésticos estabelecida pelo governo. Mas ainda era cedo para se esperar um resultado que chegasse ao todo país atingindo todas as regiões e toda a população.

Na memória deles, a Coreia ainda era um país pobre. No entanto, é interessante ver que, nos relatos deles, o foco é dirigido mais à tensão política do país que era visível e perceptível, do que à pobreza do país. Park Dong-min conta sobre sua participação de protestos levantados por estudantes colegiais até estudantes ginásiais:

Naquela época, a vida era meio confusa, e a sociedade era meio perigosa, pois havia várias manifestações. Quando estava na 3º série do ginásio,

tinha um acordo com o governo japonês, coisa do Presidente Park Jung-hee. Era o Tratado sobre a Relação Diplomática Coreia-Japão⁹². Mas, para o povo, era ato de traição e por isso havia muitas manifestações. Eu frequentava o Colégio Dong Sung (ginásio e colegial) e era representante da classe da 3ª série do ginásio. O presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Dong Sung mandou todo mundo sair pra participar da “manifestação contra o governo”, e nós saímos. Nossa escola estava no bairro de Hyehwa, próximo à Faculdade da Física da Universidade da Coreia, era um lugar de tradição de manifestação de universitários. Quando íamos sair do portão, havia muitos policiais enfileirados e os veteranos falaram para fugir de lá, porque nós éramos muito pequenos. Nossa escola era da fundação católica e naquela época o Cardeal Kim Su-han era o padre da escola e nós fugimos por trás da igreja... (Tradução nossa, grifo nosso)

Vemos no relato de Park acima citado que a participação dele dos protestos e outras atividades da mesma natureza era realmente ativa, especialmente quando pensamos na idade dele. Segundo ele, o motivo não era porque “ele conhecia e entendia bem a sociedade coreana”. Mas, naquela época, foi considerado “natural” ter interesse nesse tipo de assunto e participar dele. Ele prossegue dizendo sobre a última cena da Coreia antes de embarcar rumo ao Brasil:

Enfim, a cena que me marcou antes de deixar a Coreia... havia tanques, militares com arma, estudantes fugindo e se escondendo da vigilância deles... Eu também me escondia em meio à fuga dos policiais. Lembro isso. Mesmo no dia da partida para o Brasil, vi um desfile de tanques e metralhadoras no caminho até o aeroporto de Gimpo... (Tradução nossa)

A respeito disso, Hwang In-pyo, que tem maior entendimento da sociedade da Coreia por interesse pessoal e profissional, fala do que ele lembra com uma descrição detalhada das circunstâncias do país nos anos de 1970, além do que simplesmente via e sentia:

Imigramos em março de 1976, e nosso país tinha o tal de programa de exportação de 100 milhões de dólares. Naquela época era da geração 386, né? Era uma geração meio sofrida... Porque a Coreia ficou melhor na década de 80, depois da Olimpíada de 88, e no ano de 76 era época de ditadura militar, e depois tinha sistema político perpétuo Yussin, e nessa época qualquer coisa era o motivo de denunciar por crime de ideologia. Foi uma

⁹² As relações diplomáticas entre a Coreia e o Japão se iniciaram em 22 de junho de 1965 com o “Tratado sobre a Relação Diplomática Coreia-Japão. A negociação começou em 1951 e levou catorze anos até dois países assinarem ao acordo. Na fase final da negociação, foram levantados protestos contra o tratado pela Oposição e os estudantes. Quando o governo anunciou a normalização da relação diplomática entre dois países em março de 1964, protestos se expandiram para todo país em grande escala, das quais a participação dos grupos estudantis foi intensa. O então presidente Park Jung-hee declarou estado de emergência, emitindo a ordem de fechamento de todas as escolas e universidades. Apesar da oposição impetuosa dos estudantes e dos partidos de Oposição, o governo finalmente assinou o tratado. Quando o Era o final da década de 1960. No relato acima, Park Dong-min está se referindo aos protestos ocorridos no final da década de 1960 quando ainda o tratado causava forte reação da população.

época difícil e bárbara. Nesta época, tinha tal de planificação de colégios famosos, era propaganda do governo, mas não havia confiança, pois as escolas famosas não queriam isso, tudo igual... não queria perder sua fama e prestígio, né? Com esse programa, houve maior confusão e perda de confiança. E também era época de ditadura militar... barra era pesada... (Tradução nossa)

Podemos entender que a descrição e a compreensão sobre a então sociedade coreana bastante detalhada e profunda do que a dos outros se deve, entre outros, à idade que Hwang tinha quando emigrou e a seu interesse profissional por ambas as sociedades, coreana e brasileira, sendo pastor de uma igreja onde o convívio dos membros pertencentes de ambas as culturas.

Já a partir da década de 1980, a pobreza geral não ocupa mais a lembrança da Coreia pelos entrevistados, ainda que a família tivesse passado por dificuldades financeiras, sendo esse um dos principais motivos da emigração, como vimos no capítulo sobre motivos da vinda.

De fato, a economia da Coreia melhorou significativamente, e o ritmo de desenvolvimento estava cada vez mais acelerado, especialmente quando estava se preparando para sediar as Olimpíadas de 1988. Mas esse aspecto foi interpretado de modos diferentes pelos entrevistados que viveram esse momento. Jeong Se-bin, que fala resumidamente da sua memória da Coreia da época da emigração como uma memória vaga, adiciona uma impressão não muito concreta, mas desta vez, mais inclinada para o lado negativo:

É uma Coreia completamente diferente, muito distante do que ela é hoje. Porque isso foi antes das Olimpíadas de 88, então as Olimpíadas de 88 pra mim tem significado muito forte. É o marco para a globalização, quando ela se abriu para as culturas ocidentais, assimilar mais ao que passava no Ocidente. Minha memória que tenho é de algo tanto quanto **subdesenvolvido... uh... não era uma Coreia tecnológica.** (Grifo nosso)

Jeong Nam-eun, por sua vez, começa por descrever a paisagem ao redor do colégio onde estudava, especialmente o caminho do colégio até a estação de metrô, do qual ela diz ter gostado tanto, porque “no outono, caíam as folhas de boldo e de ginkgo biloba e cobriam todo o caminho (Tradução nossa)”. Mas, logo em seguida, ela fala de uma universidade que ficava perto desse metrô e de outra paisagem dos seus arredores, a qual é longe da primeira:

(*Tentando lembrar*) Era a Universidade Dong-guk? Não lembro bem o nome do metrô... Quando ia pegar o metrô... sabe, essa universidade estava aí e vi muitas vezes manifestações estudantis. Naquela época. Era a década de 80, né? Aí, gás lacrimogêneo que se acumula no chão de metrô, e que era muito

forte. Fazia arder os olhos e era uma barra pesada. Nunca vou esquecer... Foi tanto e ainda lembro. Havia muitas manifestações, era o ambiente da época... (Tradução nossa)

Os depoimentos de Jeong Nam-eun e de mais outros, permitem-nos saber que no país ainda havia opressões pelo governo às mobilizações em prol da democratização, e até as políticas anticomunistas. Porém, tal situação foi entendida por Jeong como sintomas de uma fase transitória até que se chegasse à democratização do país:

Mas, então, naquela época, em minha memória, não sei, talvez ginásio? Achando que a guerra havia começado teve vez que tocaram a sirene e até houve vezes que teve evacuação de emergência, por causa disso na escola tínhamos até treinamento de defesa [...] Até aquela época o ambiente social, hum... como chama esse tipo de ambiente? **Ambiente de liberdade?** Situação bem rígida, pois mesmo no colegial tínhamos que na hora do almoço sair todos para fazer a ginástica nacional e os universitários faziam manifestações... por isso, na época, sabe né, **transição, a sociedade avançando...** nessa época os presidentes... enfim, mais do que conforto mental, **fase de transição**, lembro bem que não era uma sociedade que transmitia segurança e calma. Se nasceu nos anos 70, com o passar do tempo, primário, ginásio, colegial, essas coisas passaram também. Presidente Park Jung-hee com esse ambiente, **a sociedade em um ambiente de democratização ascendente...** (Tradução nossa, grifo nosso)

Enquanto isso, nos relatos dos entrevistados que viveram os anos de 1990 da Coreia, não surgiram mais comentários sobre a pobreza e insegurança do país. Em vez disso, Gwak Tae-gyeong fala da sua impressão que teve da então Coreia, que estava mudando seu visual:

A Coreia que lembro na época antes de sair era muito diferente dos dias de hoje. Local onde morava passava por fase de desenvolvimento onde havia grande número de obras de infra-estrutura. Havia muita construção de prédio acontecendo ao redor da minha casa e parecia que surgia um novo vizinho a cada semana.

De fato, dando continuidade à iniciativa do governo coreano em prol do desenvolvimento do país das décadas anteriores, que até a década de 1980 foi acompanhada pela opressão dos cidadãos, na Coreia o ritmo de desenvolvimento econômico do país foi acelerando cada vez mais, até a crise de FMI do fim da década de 1990.

Diferente dos outros entrevistados, que descrevem algumas cenas perto da sua casa, escola e dos lugares mais frequentado, ou a impressão da sociedade coreana em termos de economia e política, Ko Su-hyeon e Ju Yeong-chai falam das suas lembranças mais pessoais, que nos permitem ter breve ideia da culinária e da cultura popular da Coreia de então. É

interessante o relato de Ko Su-hyeon, que comenta o lado culinário, especificamente, um dos lanches mais preferidos pelos coreanos até hoje:

Na verdade, não tenho muitas lembranças a dizer da Coreia... Só lembro que quando ia à feira, adorava comer *tteokppokki* e *odeng*⁹³ pois era muito gostoso... O gosto, lembro até hoje... Acho que esse gosto de *tteokppokki* e *odeng* da Coreia, ninguém consegue fazer o igual.

Por sua vez, Ju Yeong-chai primeiramente fala dos lugares onde morava e frequentava, e logo fala de outro lanche que gostava e um grupo coreano músico da época: “[...] A minha mãe me comprava hambúrguer, caro para a época, no caminho de volta. Brincava no quintal da casa de casinha. Adorava *So-Bang-Cha*⁹⁴. Possuía até a calça igual à deles, moda da época, e imitava a dança deles.”

Como vimos, a maioria dos entrevistados que vieram para o Brasil nos anos de 1980 e 1990 não fazem comentários acerca da impressão da sociedade coreana em geral, sendo que Ko Su-hyeon e Ju Yeong-chai foram as únicas que comentaram de as lembranças da cultura popular coreana da época.

Assim, é possível ter breve resenha de como a Coreia está guardada nas memórias dos entrevistados. Contudo, gostaria de lembrar que as impressões acima descritas não são algo contado por todos os entrevistados, sendo que a maioria lembrava apenas do ar da família e das esferas de atividades mais limitadas, e não da sociedade coreana em geral. A faixa etária média dos entrevistados torna difícil pensar que suas memórias estejam baseadas em compreensão plena da situação do país, com exceção de alguns.

A memória não é um registro dos fatos objetivos: seria mais correto vê-la como uma combinação de alguns pedaços dos fatos com elementos “emocionais (VELHO, 1987)”, a qual se modifica no decorrer de tempo. E a memória dessa natureza que tem relevância na nossa discussão, como as matérias do projeto da vida desses indivíduos.

7.1.2 Memória imaginária formulada na vivência na comunidade coreana

Como falamos, a memória não é algo fixo: ela não permanece no estado de quando ela foi registrado na mente dos indivíduos pela primeira vez, a não ser que se corte a relação

⁹³ *Tteokppokki* (떡볶이) e *odeng* (오뎅) são lanches mais populares na Coreia, feito com base em arroz ou farinha de milho com pasta de pimenta vermelha e outro, com peixe, respectivamente. Ver o glossário para ver mais detalhes.

⁹⁴ *So-Bang-Cha* é um grupo coreano de três músicos que estreou no final da década de 1980, fazendo muito sucesso na década posterior na Coreia. A palavra significa carro de bombeiro.

ou o contato com o objeto dessa memória.

No caso aqui analisado, esse objeto é a Coreia, e sua presença na vida dos imigrantes coreanos no Brasil. Ela continua a existir, não como quando ainda viviam na Coreia, mas de outras formas.

No contexto da imigração, a *Geração 1.5* aprende a Coreia a partir da memória dos seus conterrâneos da primeira geração na cerca de família, igreja e, enfim, na colônia coreana. É importante o papel desses ambientes na formação da identidade cultural desses indivíduos, porque “a memória socialmente relevante é a das unidades encompassadoras” (VELHO, 1994).

De fato, vemos que a memória da Coreia que realmente forma a base da identidade cultura deles é adquirida a partir dos costumes e educação praticados nesses ambientes. Como Velho (Ibid., p. 99) observa, isso é um traço de uma sociedade tradicional, em que o indivíduo é englobado pelo clã, linhagem, tribo etc. E essa observação poderia ser aplicada à imigração coreana, também considerando a natureza de colônias étnicas nos países estrangeiros e a característica da sociedade coreana que se une fortemente ao redor da família e do parentesco.

No entanto, o que se pretende discutir neste tópico não é sobre os papéis específicos desempenhados por essas unidades na formação da identidade cultural coreana dos entrevistados, e assim sua influência na formação da visão de si e do Brasil, enfim, do projeto da vida. Esse ponto será tratado em outro capítulo, posterior, sobre os papéis dos quatro ambientes.

Aqui, o propósito principal é de examinar como era a Coreia na memória dos entrevistados, enquanto não há outro meio disponível que possibilite o contato direto com a Coreia atual. Então, a princípio, a Coreia é representada para a *Geração 1.5* como um país preservado, naturalmente, do dia a dia vivenciado pela primeira geração.

É comum ouvir entre os próprios imigrantes coreanos em São Paulo que, após a imigração, a cultura coreana pára no estado de quando se deu a saída da Coreia – o que poderia ser aplicado a colônias de imigrantes de outras etnias. De fato, Gwon Hye-ok expressa o traço coreano que ela tem, como algo que foi adquirido da cultura coreana que atravessou a fronteira brasileira na década de 1970 e “parou” no estado de então. Diz ela, sem hesitar, mas sem especificar se isso é bom ou ruim: “Após a imigração a cultura coreana parou no estilo dos anos 70 porque toda a energia estava voltada a aprender português”. E ela retoma esse assunto ao contar como seus pais a orientavam:

Mas, quando vivíamos naquela época, a cultura estagnou. Mais coreano do que quando vivíamos na Coreia. Tornou-se conservadora. O pai do meu filho veio também quando pequeno, mas deve ser raro pessoas que hoje na Coreia que pensam da mesma forma. A Coreia é bastante moderna, mas vendo as pessoas que vieram com o colegial estudado eram mais exagerados. (Tradução nossa)

Vê-se que tal paralisação acontece em função de duas situações em que os imigrantes coreanos se encontram: primeiro, já que estão fisicamente distantes da Coreia, há um limite em fazer atualização da cultura coreana, acompanhando a mudança que acontece na Coreia; segundo, vêem a necessidade de aprender a língua e a cultura local com maior urgência.

E essa Coreia é vista pelos entrevistados a partir de ângulos diferentes e, assim, é interpretada de maneiras diferentes. Vimos anteriormente que a memória da Coreia dos entrevistados até antes da imigração se constitui mais da imagem ou da impressão geral de algumas cenas dos lugares onde viviam, frequentavam ou simplesmente observavam.

Enquanto isso, eles passam a incluir nessa memória diversos elementos como características dos (imigrantes) coreanos, costumes, estilos de vida, culinária e mais outros traços culturais coreanos. No caso de Shim Jeong-mi, embora ela não se lembre de muita coisa da Coreia antes de imigrar, é interessante ver que sua terra natal, em sua memória, era cafona e antiga e, Coreia do Brasil foi tratado como a própria Coreia fazendo com que ela tentasse não se identificar com nenhuma delas por muito tempo:

[...] mas como vim aqui depois de terminar o terceiro grau da escola primária, sobre a Coreia que eu podia ter naquela época trouxe só as coisas antigas. Só tinha livros antigos. Hoje mudou muito. Mas eu cresci naquela época a cultura brasileira era mais grandiosa. Eu era assim, Mas por outro lado, a nostalgia da Coreia sempre existiu. Abstrata, bastante abstrata. (Tradução nossa)

De modo semelhante, Jeong Se-bin expressa essa cultura coreana que ficou na colônia coreana como algo “vintage” ou “retrô”:

Mas também uma linguagem que não combina com a minha idade. [...] É que como a única chance de aprender e usar coreano quando eu cresci era só com meus avós e meus pais, não atualizei meu coreano. Então é um coreano não muito moderno e sofisticado, é um coreano que minha avó e meu avô falavam nos anos de 70, 80 e é esse coreano que tenho usado. [...] Esse tipo de herança na própria linguagem, eu acho que a gente tem. A linguagem que ficou aqui, algo vintage, algo retrô, mas mesmo nos valores de códigos e de conduta social.

Por sua vez, Park Dong-min diz a atmosfera da sua família, especialmente em torno

do seu pai, que é comumente considerada o traço dos valores confucionistas:

Meu pai sempre gostava do primeiro filho... Porque o estilo coreano que meu pai tem... como digo... a lição da nossa família... a ideologia... é a ideologia confucionista. Servir os maiores e servir o irmão mais velho. Queria saber do seu irmão mais velho. O seu irmão mais velho tem que dar certo para vocês também darem certo. (Tradução nossa)

Mas para Park, esses valores que seu pai enfatizava, como lealdade ao país, e servir aos irmãos mais velhos, etc. não foram plenamente comunicada para ele. Diz que não os aceitou porque “eram diferentes do estilo dele”. O estilo de Park, segundo ele, era “não comer nada da comida coreana, e só insistir a comida brasileira”. Tal rejeição da cultura coreana na juventude foi praticada conscientemente, e a imagem da Coreia formada a partir do que ele via e ouvia na colônia coreana, contribuiu para ele solidificar essa memória negativa da Coreia, a qual foi sendo apagada e distanciada por um bom tempo.

Por outro lado, é interessante ver também que a cultura coreana da colônia foi interpretada de modo positivo por Kim Jin-mo, que diz:

Através do contato com a língua coreana, cultura, essas coisas (a identidade coreana) foram mantidas naturalmente. Porque o meu é bom. A etnia coreana, povo e cultura, a língua coreana, tudo isso, têm sido guardados dentro da colônia. Então acredito que a colônia tem que receber alta valorização. (Tradução nossa)

De modo semelhante, Choi Seung-gyu, que declara não ter muito envolvimento na vida comunitária coreana por “não concordar com pensamentos maliciosos dos seus próprios conterrâneos” também mostra seu apreço pelos valores tradicionais da Coreia, dizendo: “Tenho imagem dos coreanos como educados, sempre respeitando os mais velhos. Esforçados e muito estudiosos e nunca deixar de fazer os seus deveres para amanhã. Tudo tem que ser *‘ppalli-ppalli* (em português, ‘rápido rápido’)”

Tanto Kim Jin-mo quanto Choi Seung-gyu apontaram as características defeituosas dos muitos imigrantes coreanos, que são principais motivos de certo distanciamento da colônia coreana. No entanto, o outro a ser notado nos relatos deles é que nem Kim, nem Choi consideram esses defeitos dos seus conterrâneos como as características da cultura coreana, isto é, a identidade dos indivíduos coreanos e a identidade da Coreia são concebidas separadamente (TAK, 2000).

Entendemos, nos relatos dos entrevistados, que essas características observadas por eles ao longo da vivência na colônia coreana muitas vezes são consideradas como as

representantes da Coreia. Não é que eles pensem que a Coreia contemporânea é igual à colônia coreana no Brasil, mas enquanto não há outro meio de contato com a Coreia de hoje, a única “imaginável” para eles é aquela que a colônia coreana representa.

Um traço que mostra resumidamente como é a Coreia na memória dos muitos imigrantes é a própria palavra *corebão e corebona*, que se refere, na linguagem dos componentes da colônia coreana no Brasil, àqueles coreanos que imigraram recentemente, assim sendo menos influenciados pelo estilo da vida dos brasileiros.

Até aqueles que vivem há muito tempo no Brasil, incluindo a segunda geração, podem ser *corebões e corebonas*, caso são considerados menos influenciados pela cultura local. Então, nessa fase, ser coreano é sinônimo de ser conservador, ou seja, *corebão e corebona*. E, como vimos também, os entrevistados nem sempre se identificam com tais características: alguns valorizam esse lado e vivem conscientemente de acordo com esses valores, alguns valorizam também, mas pessoalmente não vivem conforme esses padrões de vida porque não batem com eles, e outros dizem que não se encaixam nesse modelo, mas admitem que tenham esses traços interiorizados. Assim, a paralisação ou não-atualização da cultura coreana, ao passo que a Coreia vai se transformando, não é entendida de forma uniforme pelos pertencentes da colônia coreana. E tal comparação da colônia coreana e a Coreia de hoje se torna possível apenas passando pela outra fase em que ocorre o contato – de várias formas – com esta, o que será tratado logo a seguir.

A própria palavra “paralisação” tem um sentido pejorativo, e já impõe uma inclinação a pensar tal tendência como algo a ser criticado tanto pelos imigrantes coreanos quanto pelos coreanos que vêm da Coreia. Poder-se-ia dizer, sem correr grande risco, que o pensamento e a atitude dos imigrantes coreanos consideram-se mais conservadores comparados aos coreanos na Coreia, que têm acompanhado as transformações rápidas da sociedade coreana, absorvendo influências estrangeiras. Porém, ser conservador em si não é um defeito e, em certa medida, isso é considerado um mérito, especialmente quando comparado a cultura cada vez mais “leve” da Coreia.

Então, não se pode fazer um julgamento sobre a tendência dominante na característica coreana que os imigrantes coreanos têm, pois, a Coreia contemporânea não é um padrão em definir uma identidade coreana legítima, especialmente dos imigrantes coreanos e o que tem significado é a interpretação por eles.

Como Tak (2000) sublinhou, ao se preocupar em definir a identidade da Coreia, as propriedades do passado que existem no presente não são apenas uma relíquia. Desse modo, seria um equívoco generalizar essas heranças preservadas até hoje pelos imigrantes coreanos

no Brasil em si como algo “atrasado” ou “fechado”.

Junto a isso, se a aceitação dessas heranças por eles ocorre voluntariamente (TAK, 2000), elas podem constituir a identidade deles não sendo motivo de sentimento de inferioridade aos coreanos da Coreia. Contudo, até antes de ocorrer o contato com a Coreia atual, a Coreia vivida na colônia coreana no Brasil com a projeção da memória da primeira geração dos imigrantes coreanos representa a Coreia em geral.

Independentemente de se o conteúdo dessa memória é positivo ou negativo, a visão e a imagem da Coreia formada somente nessas duas fases tendem a não ter equilíbrio, sendo discriminatória e autodiscriminatória. E isso nos lembra a ponderação de Rousseau (2004, p. 126) de que “se não têm verdadeiras ideias, não têm verdadeira memória”.

7.1.3 Memória reformulada por meio de re-encontros com a Coreia

Vimos, nos relatos dos entrevistados acima, que as características das duas culturas nem sempre foram tratadas separadamente de forma nítida por eles: alguns já eram cientes da diferença entre as duas enquanto outros não faziam essa distinção. O que se observa comumente em ambos os casos é que entrando na fase da reconstrução da memória da Coreia, tal distinção em si torna-se mais nítida à medida que eles passam a ter a noção das diferenças específicas das duas culturas.

E os aspectos da visão da cultura coreana pelos entrevistados passam a sofrer modificações quando ocorre a atualização do conhecimento da Coreia de hoje, o que acontece, principalmente, por duas vias: uma refere-se à visita pessoal à Coreia; e outra, à utilização dos meios como DVDs, canal da televisão da Coreia no Brasil e a internet, entre outros. No caso dos imigrantes até dos anos de 1970, o laço com a pátria tinha se tornado enfraquecido por muito tempo, na impossibilidade de acompanhar as mudanças da sociedade coreana em “tempo real”. A única maneira de conseguir não perder isso era visitando a Coreia, o que era ainda mais difícil do que hoje. Im Hye-suk conta como a impossibilidade ou dificuldade de manter contato com a Coreia:

[...] não tinha vídeos coreanos. Deixe-me ver, acho que só depois que me casei, só entrando nos anos 80, assisti programas coreanos. Na década de 60 nunca tive chance de conhecer a cultura coreana. Nem podíamos ir à Coreia. Nem tínhamos dinheiro para isso. Naquela época, a passagem aérea era muito mais cara que hoje. Três mil dólares. Hoje se quiser, você vai sem grande dificuldade, né? Na minha época levava dez anos ou vinte anos para voltar a rever a Coreia. (Tradução nossa)

Mas, entrando nos anos de 1980 e 1990, começaram a surgir locadoras de vídeos e DVDs de filmes e programas da televisão coreanos, e hoje até é possível assistí-los no canal da televisão coreano. E mesmo para aqueles que não tinham o hábito de assistir a esse tipo de material no seu processo de crescimento porque não tinham acesso, isso se tornou uma das programações de lazer. Essa experiência, mesmo sendo via indireta, propicia uma chance de redescobrir a Coreia que não têm acompanhado por muito tempo, o que é o caso de Jo Hwaran. Diz ela:

Depois que imigrei pra cá, enquanto eu crescia, não tive chance de conhecer a cultura coreana popular. Hoje gosto de assistir novelas. No computador. Recentemente assisto “*Boseokbibimbap*”, “*Jejung-won*”. Gosto também de documentários como “*Ingan Geukjang*” e “*Eumsik Gihaeng*”. (Tradução nossa)

E logo ela acrescenta, com um tom alegre e empolgado: “Assisto esses programas, pensando comigo: ‘Da próxima vez que for a Coreia, vou lá.’, ou, ‘Nossa, existem lugares como assim!’ (Tradução nossa)”.

Há mais casos que relatam que nos dias de folga ou no tempo livre a família reúne e assiste junto às novelas coreanas, e falam da sua coleção de DVDs e CDs coreanos. E esse contato com a cultura popular da Coreia atual parece preencher significativamente o hiato entre a colônia coreana e o próprio país que existia na memória dos muitos entrevistados.

Os depoimentos dos entrevistados permitem presumir que a chance de acompanhar a Coreia de hoje é recebida com certo prazer e alegria para muitos deles, as quais saciam a curiosidade sobre o que acontece na Coreia. O importante a notar é que a memória da Coreia que antes tinham é atualizada e reconstruída, com a adição de informações em geral assim obtidas.

Por outro lado, outros entrevistados que imigraram nas décadas de 1980 e 1990 não passaram pela fase da ruptura assim como os imigrantes anteriores passaram, porque podiam dar continuidade ao acompanhamento das novidades da Coreia depois que chegaram ao Brasil. Embora, no sentido em que deslocaram da Coreia fisicamente, seja inevitável que esse acompanhamento seja algo limitado para eles também, o hiato entre as memórias formadas nas fases diferentes aqui classificadas não parece tão grande.

De fato, nos depoimentos dos entrevistados que vieram nas décadas posteriores não foram empregadas palavras que descrevessem alguma emoção e prazer significativos, ao assistem programas da TV da Coreia, filmes coreanos e diversos gêneros da cultura popular contemporânea coreana. Estima-se que isso se deve ao fato de que o acesso à mídia da Coreia

seja considerado por eles algo muito natural e normal, enquanto isso era recebido com uma novidade e matador de sede da Coreia para os imigrantes anteriores.

Deste modo, o impacto pode ser diferente, mas, a princípio, a função exercida é igual: matéria para a atualização da memória da Coreia. O que é notável com relação ao uso desses meios entre esses entrevistados mais jovens é o papel educativo exercido pelas novelas coreanas, especialmente, na preservação ou aprendizagem da língua coreana, e a linguagem coreana atual, incluindo as gírias.

Independentemente das épocas em que imigraram para o Brasil, o que se encontra comumente entre os entrevistados que usufruem desses meios é que, quando se trata do conteúdo específico desses programas, as opiniões variam, e até ganham imagens negativas dos coreanos e da cultura coreana da Coreia. Jo Hwa-ran lamenta um lado da sociedade coreana, a qual ela notou assistindo novelas:

Você sabe *wangtta* (*bullying*), né? Na Coreia existe isso. Quando você assiste novelas coreanas, crianças excluídas da turma... e também estudantes com deficiência física, mesmo passando olhando mais uma vez apontando, fofocando, mas isso não existe por aqui. Não de propósito, mas nasceu assim, já incorporado no corpo, se comparado. O que eu quero dizer é que, pessoas daqui parecem mais tolerantes e acho que respeitam bem o próximo. Não xingam ou falam mal por ser diferente, mas há cooperação. Como eu frequentei a escola, não sou capaz de comparar com situações de quando não tivesse frequentado, mas pelo menos, por causa das cenas que vejo na TV... vemos que a escola na Coreia em comparação é de dar pena. [...] Eu também lembro. Na escola faziam pesquisa de patrimônio da família de alunos. (Tradução nossa)

Além de outros comportamentos negativos que não toleram a diferença entre os componentes de certo grupo, ou da sociedade em geral na Coreia, a pesquisa do nível econômico de alunos que era feita anualmente no começo do novo ano na escola “em público” (na frente de todo mundo) é apontada por Jo como algo que constrangia muitos colegas, tornando-os alvo de brincadeira ou humilhação dos outros.

Por sua vez, Choi Seung-gyu, ao ser perguntado se houve alguma mudança na maneira de olhar tanto para a Coreia quanto para os coreanos de lá depois de assistir os programas da TV coreana, fala uma imagem predominantemente negativa:

Os coreanos da Coreia só têm interesse na beleza exterior, são muitos fanáticos em cuidar da aparência, pois têm muita rejeição consigo mesmo. E o povo dá muito mais valor para bens materiais. Por exemplo, que tipo de carro a pessoa anda, vestimenta, lugar onde frequenta. São todos enganados pela própria ganância. **Sei que não são todos. Mas**

essas pessoas são a maioria. (Grifo nosso)

Mesmo sendo consciente de possível preconceito no seu pensamento tão radical sobre coreanos da Coreia e parcialmente admitindo isso, Choi enfatiza que, sente muito, mas “só esse tipo de coreano que vi ao meu redor e na mídia”.

De fato, essas fontes contribuem para que a memória da Coreia se torne atualizada até certo ponto. Mas é preciso lembrar que a frequência do acesso possa não ser muito significativa a ponto de mudar drasticamente a memória da Coreia anteriormente portada pelos entrevistados. Outro ponto a ser lembrado é o fato de que o contato com esses meios apenas permite a experiência indireta da Coreia e, no caso de novelas, o conteúdo pode estar exagerado ou “fictício”, como Kim Hyung Mi (1996) defende na sua dissertação de mestrado sobre a influência das novelas coreanas na colônia coreana no Brasil.

As observações e imagens da Coreia, formuladas por meio desses meios são reconstruídos – complementadas, modificadas ou reforçadas – na medida em que passam a usufruir de outro canal pelo qual acontece tal atualização do conhecimento da Coreia pelos imigrantes coreanos.

Outra possibilidade é a visita pessoal à Coreia depois da imigração. Ela ocorre com motivos e momentos diferentes, e com tempo de permanência diferente também. Alguns vão simplesmente para passear e rever seus parentes e amigos ficando por curto tempo, por exemplo, uma semana ou um mês. Enquanto isso, outros, especialmente, estudantes vão como participante de programas de intercâmbios promovidos por órgãos governamentais da Coreia durante as férias, com o fim de aprender a cultura coreana tradicional, bem como a língua coreana. Além disso, há aqueles que visitam a Coreia a trabalho e por outros motivos.

Seja qual for motivo da visita, o que é importante é que muitos descobrem lados “novos” da Coreia, completamente “diferentes daquilo que vivenciaram antes da imigração, bem como da imagem que tinha até antes da visita da Coreia” depois de muito tempo. Essas caras novas da Coreia que não conheciam antes os surpreendem ou assustam por motivos diferentes, sendo que o grau ou a intensidade da reação varia entre os entrevistados.

Vejamos como Baek Gyeong-tae conta sobre sua primeira visita à Coreia depois de quase vinte anos da imigração e o tratamento “discriminatório” que recebeu dos coreanos da Coreia:

A primeira viagem para a Coreia, depois que vim pra cá foi no final dos anos 80. Imagina, depois de tanto tempo. Fiquei comovido. Fiquei uns quinze dias lá. **Quando estava voltando pra o Brasil, pensei que não voltaria mais lá.**

É que fui discriminado. [...] Uma vez tive curiosidade e peguei um ônibus. É lógico que não sabia a tarifa, aí perguntei ao motorista. E ele me olhou de cima a baixo e nem respondeu. Não foi só ele. Fui comprar cigarro, e perguntei quanto era, e aconteceu a mesma coisa. Perguntei como chegava a certo lugar, e o cara foi muito esnobe e respondeu com gesto de queixo. Mas você até sente agradecido, pelo menos, ele respondeu, né? Outra pessoa até me disse: “Aí, que azarado, por que você pergunta isso pra mim?” **E como eram sujas e antipáticas as pessoas.** [...] Isso foi em Seul. Naquela visita não fui a Busan, minha cidade natal. (Tradução nossa, grifo nosso)

A decepção e a ofensa eram tão grandes que Baek decidiu não ir mais à Coreia. E, segundo ele, isso não aconteceu só com ele. Naquela época, muitos que foram lá visitar voltaram ao Brasil só com a imagem “seriamente negativa” da Coreia. A experiência de Noh Jeong-nan, que visitou a Coreia quando era recém-casada, é parecida com o caso de Baek Gyeong-tae. Quando foi perguntada se não tinha achado as pessoas rudes, ela não nega: “Quando eu era recém-casada, quando eu fui, eu senti muito, muito isso. Eram antipáticos.”

De fato, foram enfatizadas por mais entrevistados que visitaram a Coreia nessa época a experiência desagradável e a não identificação com os coreanos de lá. Só que, a partir da década de 1990, muitos dos entrevistados que visitaram a Coreia – não todos – relataram uma imagem muito diferente dos anos anteriores, incluindo aqueles que tinham decidido não voltar mais.

Kim Jin-mo, que viajava mais vezes para Coreia a trabalho, mesmo depois daquela primeira visita, foi passear novamente no final dos anos de 1990. E, dessa vez, viu que houve muitas mudanças nesse espaço de tempo, especialmente o povo lhe pareceu ser muito simpático e bem-humorado. A imagem da Coreia melhorou significativamente, e isso influenciou para que ele considerasse a sério morar na Coreia na terceira idade: ele diz que está inclinada a essa ideia “setenta por cento”.

Noh Jeong-nan, cuja visita mais recente se deu cinco anos atrás, também fala que a Coreia “melhorou muito” já na segunda visita: “Mas agora da segunda vez, não foi assim. Foi muito gentil. Por isso que meu marido gostou. Ele ficou muito à vontade lá. Então já teve outra imagem. Melhorou muito a Coreia. Em relação a turistas, né?”

Tal surpresa que leva a visitar a Coreia nos anos a partir da década de 1990 não é exceção para os imigrantes posteriores, que acompanharam a mudança da Coreia até mais recentemente. Estima-se que isso reflita a velocidade da mudança do perfil do país cada vez mais acelerada, principalmente pela tecnologia.

Gwak Tae-gyeong, universitário e funcionário da sede de uma empresa coreana, já visitou várias vezes a Coreia e, cada vez que visitava, ela o “surpreendia” especialmente pela

“velocidade da mudança”. Como já vimos, a Coreia na memória dele até antes da primeira visita depois da imigração estava passando por uma fase transitória, tendo muitas obras, e ainda não chegava a dar resultados visíveis. Cito, na íntegra, o depoimento dele sobre essa mudança da cena:

Como exemplo, na primeira visita que fiz pra Coreia após a imigração (sete anos), vi o meu bairro totalmente modificado visualmente, com altos prédios comerciais e residenciais. A cidade tinha ficado muito mais limpa, e havia muito mais carro na rua do que antes. As pessoas se vestiam diferente e até sua forma de falar parecia que havia mudado. Os meninos e meninas da minha idade estavam na febre dos cantores pop coreanos que mal começou a adaptar suas músicas aos gêneros internacionais (*dance, hip-hop, rock*). E cada vez que visitava a Coreia, a cidade estava modificado tanto visualmente com novos prédios e instalações de um bairro como parque, hospital, bombeiro e outros. Especialmente depois de ano 2000 pude acompanhar de perto o desenvolvimento tecnológico que a Coreia estava tendo como foi o caso da internet. **Com tudo isso, a influência que toda essa mudança veloz me deu foi que a Coreia era incansável em se desenvolver. Deu pra sentir na pele que no fim do outro lado do planeta onde era a minha origem, se apressavam em desenvolver a todo vapor enquanto no país onde morava parecia tudo a mesma coisa e permanecia estável.** (Grifo nosso)

O depoimento de Gwak Tae-gyeong, bastante detalhado, envolve muitos aspectos das mudanças pelas quais a Coreia tem passado: o visual moderno das cidades, o modo de vestir das pessoas, o jeito mais educado de se comportar das pessoas bem como de tratar os estrangeiros, as músicas populares dos outros países. Tudo isso pode se resumir como o resultado do desenvolvimento econômico e sofisticação do estilo da vida geral.

Uma mudança como essa da Coreia foi recebida por Gwak com grande admiração, mas não totalmente. Ele valoriza o zelo e esforço do povo coreano derramado para alcançar a meta sistematicamente estabelecida, tanto no nível nacional, quanto no nível individual. Contudo, ao refletir a qualidade da vida comparando à que ele leva no Brasil, ele termina seu depoimento sobre a impressão da Coreia dizendo: “O que mais me lembro desses tempos era de que os coreanos pareciam cães raivosos que queriam todas as coisas depressa e, enquanto isso, os brasileiros são muito mansos e deixam a vida levarem eles.”

Jang Yeon-hui, por sua vez, que vive no Brasil aproximadamente há quinze anos, ainda mantém contato com amigos da escola onde estudava na Coreia – logo depois que imigrou trocava cartas pelo correio, e hoje por e-mail. Nas visitas que fez à Coreia recentemente, teve reencontro com eles, e a imagem da Coreia que ela viu nos seus amigos não foge muito ao que Gwak Tae-gyeong falou:

O que é que senti vendo eles? São diligentes, fazem seu melhor possível em tudo, trabalham quando os outros descansam e realizam um desenvolvimento rápido. E quando fazem alguma coisa, fazem pra valer. **Mas, por outro lado, isso pode ser desvantagem. É que não aproveitam a vida.** (Tradução nossa)

Han O-jun, também conta sua impressão geral da Coreia na visita em 2005, começando pelo “ritmo de mudança rápido demais a ponto de não respirar direito”, e pelo desenvolvimento extraordinário. Logo acrescenta uma observação que fez nessa visita:

Bebem (bebidas alcoólicas) demais. A cultura de bebidas alcoólicas está exagerada. Essas coisas, né? Isso, não achei legal. Quer dizer, beber demais. Senti isso na Coreia, e aqui também vejo que os coreanos têm essa tendência. Também bebi, sim. Sabe, aquela atmosfera que pressiona você... (Tradução nossa)

Na verdade, segundo ele, a visita à Coreia em 2005 não era a primeira ocasião em que achou a cultura de bebida de coreanos meio exagerada: ele vem sentido isso há algum tempo nas relações com os coreanos que permanecem temporariamente no Brasil por vários motivos como, por exemplo, funcionários das empresas coreanas.

Dessa maneira, o que é comentado pela primeira vez por muitos entrevistados com relação à impressão da Coreia resume-se ao desenvolvimento econômico muito rápido, ou rápido “demais”. Até certo ponto, eles manifestam o respeito ao povo coreano e o orgulho de terem sua raiz nesse país, e os valores que o povo coreano de hoje procuram, na essência, são o que os entrevistados dizem apreciar também. O diferente é o peso que cada um dá a esses valores. Os entrevistados, que vieram para o Brasil na faixa etária escolar, e que têm passado pela “psicologização da sociedade brasileira” (VELHO, 1994), não olham a Coreia puramente como um membro que faz plena parte dessa nação. Isto é, é a partir dos olhos dos “Outros para os coreanos” que (os entrevistados) olham para a Coreia.

O relato de Jang Yeon-hui é um desses casos. Ela comenta a atitude mais aberta dos coreanos de hoje, especialmente para os estrangeiros, que se destaca mais quando comparado aos imigrantes coreanos mais idosos aqui. Ela recorda um episódio que passou, dando uma leve risada:

Sabe, o que era engraçado quando fui a Coreia (*riso*), fui pegar ônibus, e não sabia onde é que era o ponto. Aí fiquei meio perdida, e acho que fiz bobagem. Mas eu falo coreano, né? Então, o motorista me olhou estranho, e disse: “Ué, o que tá fazendo, menina?” “tá brincando?” E muito diferente do

que fez pra mim, ele foi muito simpático para uma *eonni*⁹⁵ que estava comigo. É que ela não falava bem coreano. Aí vendo isso, senti mais claramente que os coreanos da Coreia são mais gentis para estrangeiros. (Tradução nossa)

Essa atitude dos coreanos para com os “estrangeiros”, que Jang Yeon-hui achou simpática, mostra uma mudança significativa quando comparada aos anos até 1980, como vimos nos depoimentos de alguns entrevistados acima.

O que chama mais atenção no relato dela é seu “olhar objetivante” lançado à Coreia – as pessoas, as coisas, fenômenos que se encontram dentro dessa fronteira. Como foi refletido no quadro teórico adotando as teses de Mead (1934) e Buber (1974), é o não-pertencimento total a esse grupo e, assim, certo distanciamento dele que torna possível fazer tal comparação e organização dos traços observados interiormente.

No depoimento de Jeong Se-bin, é captada com mais especificidade tal objetivação. Ela, que diz que seu pensamento e atitude não se encaixam muito nos dos mais idosos da colônia coreana, comenta a tendência “conservadora” predominante entre os imigrantes coreanos em São Paulo, e conta sua visita à Coreia, a qual propiciou chance de refletir sobre essas duas sociedades:

[...] Então, da onde que vem esse tipo de valores, esse tipo de preconceito, discriminação. Isso com certeza não é valor coreano de hoje. É um valor coreano dos anos 80, mas que aqui ainda é muito conservador. Então questões delicadas como drogas, sexo, bebida alcoólica, cigarro. São questões que não são tratadas abertamente. Todo mundo tem um pouco de... repudia um pouco, trata... um assunto meio velado. Isso, eu acho muito interessante. São valores muito conservadores. Aqui na comunidade coreana do Brasil, e os coreanos daqui são mais conservadores do que coreanos de lá da própria Coreia. Isso eu acho muito fantástico.

É interessante o depoimento dela. O conteúdo em si não tem tanta novidade, e outros entrevistados comentaram esses lados, mesmo sendo de modo menos específico. Contudo, no caso de Jeong, o emprego das palavras como “preconceito” e “discriminação” nos permitem pensar que ela não aceita o lado conservador da colônia coreana como algum valor, pelo menos, no sentido em que os que fogem ao padrão da colônia são estigmatizados (GOFFMAN, 1988).

O que chama nossa atenção é que essa característica, que a tinha distanciado da colônia psicologicamente, parece dar outro sentimento e outro significado para ela depois de conhecer a Coreia de hoje. Hoje, ela pensa ser algo muito “interessante” e “fantástico” o fato

⁹⁵ Literalmente a palavra significa a irmã mais velha.

de que os valores da colônia coreana e da Coreia não sejam iguais, o que é uma mudança depois da visita à Coreia, onde “ela se deparou com uma Coreia que é completamente diferente, que não era familiar assim pra ela”. Ela confessa que a Coreia que estava na sua memória na verdade é “uma Coreia imaginária”. Ela diz que:

É uma Coreia que não existe nem aqui e nem lá. Mas eu acho que há muitos que pensam assim, não deve ser só da minha lembrança que existe essa Coreia dos anos 80, né? Alguns fenômenos sociais, antropológicos, eu vejo que acontecem aqui na comunidade coreana de São Paulo do Brasil, por exemplo. Coisas como mesma língua, coreano que a gente fala, né? Quando eu vou pra Coreia, eu começo a falar em coreano, e eles estranham, eles percebem que obviamente, naturalmente eu não sou de lá, que sou estrangeira, alguém que é fora de lá. Mas também uma linguagem que não combina com a minha idade.

Assim, a comparação das duas culturas é logo seguida pela colocação de si no lugar de outro para os coreanos da Coreia. O olhar de estranhar, ou pelo menos, de diferenciar, lançado por eles (para os entrevistados) é interiorizado pelos imigrantes coreanos que visitam a Coreia de vez em quando. O que se entende aqui é que a atualização do seu conhecimento da Coreia propicia o *estranhamento*, o qual os entrevistados tinham com relação aos brasileiros enquanto viviam no Brasil – como veremos nos próximos capítulos –, acontece em meio à sociedade coreana contemporânea.

Kim Jin-mo, também um dos que teve mesma sensação em essência, fala que “sente cada vez que vai à Coreia que a colônia coreana aqui é mais conservadora do que a Coreia”. Enquanto isso, Jeong Se-bin compara as duas sociedades em um tom mais objetivo. Ele ressalva como essas impressões gerais descritas acima o deixaram sentir-se “alienado”:

Fui à Coreia em 88 como minha lua-de-mel, pela primeira vez depois da imigração. Naquela visita, me senti um num país estrangeiro. [...] Eu acreditava que falava bem coreano, e que tinha guardado as coisas da Coreia tudo como estavam. Mas não porque não sei falar coreano, sabe, meu pensamento é aquele dos anos 70. A Coreia muda tão rápido. Ouvindo meu coreano, as pessoas me acharam estrangeiro [...] (Tradução nossa)

Do mesmo modo, Jeong Se-bin, que enfatiza a sua memória “imaginária” da Coreia até antes de voltar a visitar o país. Ela também tinha resumido isso a uma memória “abstrata”. Contudo, ela passou por um “fenômeno estranho” em que “a memória da Coreia até então era tão abstrata que, quando foi lá, sempre tinha nostalgia do Brasil”.

Outro fato interessante é que esse re-descobrimento da Coreia acontece também por meio da experiência da terceira cultura, que nem é a brasileira nem a coreana, o que não é o

caso de todos. Também não foi tratado aqui, mas há casos em que o contato com cultura coreana da Coreia atual se dá por meio do contato com estudantes ou funcionários das empresas coreanas. Pode-se dizer que, passando pelos contatos com a Coreia por diversas vias como um todo, o conhecimento da Coreia se torna mais “concreto”, no sentido quantitativo. Ao longo dos depoimentos aqui trazidos, foi possível captar vários aspectos das memórias da Coreia que têm sido constantemente expostas à paralisação, atualização, modificação e enfim, reconstrução.

De fato, boa parte – não todos – dos imigrantes coreanos no Brasil sofre essas mudanças em três fases, grosso modo, em que se dá contato com a Coreia, embora essas três fases novamente se dividam em diversos estágios detalhados. Em todos esses casos, ocorre o *estranhamento* da sociedade coreana, da colônia coreana e de si mesmos, enquanto o primeiro *estranhamento* pelos entrevistados foi dirigido ao Brasil a partir do momento em que pisaram nele.

Então, basicamente esse estranhamento duplo pelos entrevistados gera dois resultados: primeiro, a distinção entre os imigrantes coreanos e os coreanos da Coreia se torna mais evidente na concepção dos entrevistados; segundo, o sentimento do pertencimento à Coreia contemporânea enfraquece – isso tem que ser entendido separadamente da sua identidade coreana, a qual a maioria dos entrevistados declara ter evidentemente como veremos mais adiante – enquanto o sentimento do pertencimento da sociedade brasileira fica fortalecido. Nasce, assim, entre os entrevistados, ou fica distinta, a percepção da existência de três categorias ou três grupos em que se envolvem, que são a sociedade brasileira, a colônia coreana e a sociedade coreana da Coreia, o que não será aprofundado neste tópico.

Porém, o grau de impacto e de influência ao próximo passo da vida de tal percepção varia caso a caso na medida em que as formas e intensidade dos contatos com a Coreia em si são diferentes uma da outra, e que o modo de lidar com essas mudanças também varia entre os entrevistados.

Por exemplo, no caso em que o contato com a Coreia se deu via indireta ou limitada através da mídia da Coreia ou do contato com os coreanos da Coreia no Brasil, não se pode dizer que o relacionamento entre entrevistados e a Coreia tenha acontecido na forma Eu-Tu que Buber (1974) fala. Assistir os programas da TV da Coreia é uma “experiência” da Coreia, um relacionamento unidirecional, é uma relação do tipo Eu-Isso com a Coreia.

Ainda que se tenha tornado notável a presença dos funcionários das empresas coreanas e dos estudantes entre outros a população, isso em si não garante um “encontro” ou “relação dialética”. Como Buber (Ibid.) alertou, a relação Eu-Isso em si não é um mal, mas

para quem teve contato com a Coreia de maneira limitada em que a relação Eu-Isso procedeu à relação Eu-Tu, isso pode afetar de modo desequilibrado a memória da Coreia.

Embora se possa dizer seguramente que esses contatos e encontros com a Coreia como um todo servem como certo ímpeto para repensar seu modo de olhar sua raiz para muitos, se isso é uma “chance” ou não depende de como eles digerem tal percepção e aplicam-na depois da volta para o Brasil.

Assim, a complexidade das situações que os entrevistados vivem – já em uma sociedade brasileira representada por sua complexidade – em que continuamente atravessam inúmeras fronteiras de vários domínios físicos, mental e emocionalmente – distingue o lado mental e emocional a partir do meu entendimento de que o lado mental trabalha mais de modo mais racional e objetivante e, o lado emocional, de modo não sistematizado – torna, por sua vez, complexo o processo de organizar as memórias de modo coerente.

“A *memória* é fragmentada”, como Velho (1994, p. 103) observa, prosseguindo: “o sentido da identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados”. Enfim, é aqui que surge a necessidade de estabelecer relações entre *memórias* e *projetos* e de elaborar, com efeito, seus próprios *projetos*. A palavra “construção” contém em si a necessidade de um *projeto* e essas *memórias* fragmentadas cruas podem servir efetivamente como fontes ou referências de identidade somente depois de passar pelo processo de elaboração do *projeto*, o que será tratado posteriormente.

7. 2 Projeto

Se a observação é um passo preparativo para descobrirmos problemas, pode-se dizer que a interpretação é o processo em que vamos respondendo às perguntas criadas (estabelecidas) ao longo da observação. Nos capítulos anteriores, vimos a trajetória pela qual os entrevistados têm trilhado, a partir dos momentos passados na Coreia e guardados na memória. Como já elucidamos repetidas vezes, a reflexão de Velho aponta para a relevância da elaboração de projetos numa sociedade complexa. Trazemos aqui, mais uma vez, a palavra do autor (VELHO, 1987, p. 85): “[...] em função dessas relevâncias, os indivíduos desse grupo social armam suas estratégias de vida, fazem opções, estabelecem projetos.”

O fato de estarmos tratando de “projeto” quase no fim da ordem estabelecida neste trabalho não quer dizer que ele foi feito por último nessa trajetória pela qual os entrevistados e seus pais têm caminhado. Para eles, assim como para qualquer um de nós, elaborar projeto de vida no solo brasileiro tem sido um processo contínuo, aberto a pequenas e grandes

modificações. A explicitude de tais projetos, e o grau da consciência dos mesmos pelos entrevistados e pais deles, e/ou outros aspectos dos projetos, nem sempre parecem ter sido fortes e clara o suficiente, aos olhos dos entrevistados, a ponto de chamar aqueles planos de “projetos”. Veremos, aqui, como projetos que se preocupam com a vida no Brasil têm sido continuamente elaborados e reelaborados, desde antes da imigração para o Brasil e como as memórias, também expostas a mudanças contínuas, têm trabalhado nesse processo.

7.2.1 Projeto dos pais, a primeira geração

Lembrando mais uma vez, como o nosso objeto-alvo é a *Geração 1.5*, há um limite em descobrir quais foram o verdadeiro objetivo e projeto da vida no Brasil concebido pela primeira geração – os pais dos entrevistados –, assim como a origem na Coreia e os motivos da vinda. O que é trazido aqui com relação ao projeto dos pais é o que os entrevistados, sendo filhos, entenderam, interpretaram, lembram, e acreditam ter influenciado direta e/ou indiretamente, parcial ou integralmente seu modo de olhar a si mesmo e ao Brasil.

Podemos entender que, por parte dos pais dos entrevistados, a primeira geração, que encabeçou a imigração para o Brasil, já tinha um grande projeto de vida. E depois de passar a fazer parte da nação brasileira, no sentido físico, para dizer o mínimo, estima-se que o projeto tenha sido mais voltado à instalação financeira, mais rápida possível, que lhes daria a segurança geral.

Ao longo das entrevistas, observa-se que, para a geração dos pais dos entrevistados, o *campo de possibilidades* (VELHO, 1994), ou seja, a lista de opções era algo muito estreito para elaborar o projeto da vida no Brasil, começando por como ganhar dinheiro, e como estabelecer relações pessoais e profissionais com os brasileiros.

A propósito, é preciso notar que os esforços dessa geração, ou o projeto elaborado, voltado para estabelecer uma base econômica sólida, não era de natureza individualista. Não se pode fazer uma generalização ou simplificação excessiva, porém, certamente há uma tendência forte de que isso era em grande parte “arar a terra” para dar uma “base” sólida em cima da qual seus filhos poderiam estabelecer sua vida, garantindo a oportunidade de educação da melhor qualidade a todo o custo.

Tendo em mente esse lado, será examinado o projeto dos pais dos entrevistados com foco em três aspectos: instalação no Brasil; apoio geral à educação dos filhos; e orientação para o posicionamento dos filhos na sociedade brasileira.

7.2.1.1 Instalação no Brasil

Como foi dito anteriormente, o que fez muitos coreanos deixarem a Coreia nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 era a ausência da segurança ou da estabilidade, quer política, quer econômica. Estima-se que aqueles que têm a memória da guerra, que repercutiu nas décadas posteriores na sociedade coreana, tanto exteriormente quanto interiormente, sentiam-se mais apressados para acumular bens materiais, que lhes dariam conforto (KANG, J., 2006, p. 149).

Os imigrantes coreanos pioneiros, chegando ao Brasil, tinham procurado estabelecer uma base sólida, econômica, sendo esse o objetivo a ser alcançado mais rápido possível. Nesse processo, as áreas em que atuavam na Coreia muitas vezes foram deixadas de lado, e a maioria passou a buscar trabalho no ramo comercial. Alguns profissionais, como médicos, farmacêuticos, engenheiros técnicos etc. até conseguiam continuar na mesma área, mas a tendência geral era para converter-se a outro ramo, começando pelos trabalhos que rendiam mais em curto prazo e com pouco investimento e, também, que não exigiam um nível sofisticado de português.

Para que tenhamos uma ideia mais clara dessa fase inicial da vida como imigrante, vejamos alguns exemplos dos entrevistados. A família de Baek Gyeong-tae veio ao Brasil em uma das primeiras levas oficiais da imigração, e seu pai teve que abandonar seu currículo construído no ramo de construção para se inserir no comércio agrícola:

Fomos para Londrina trabalhar na plantação, e chegamos a criar aves também. Ficamos lá uns três anos. As condições eram precárias. Não havia nem eletricidade. Só três ou quatro anos depois que instalamos lá podíamos usar eletricidade. Todos os membros da família cooperavam. [...] Não tinha o propósito de trabalhar nisso para sempre, mas mudar de ramo, na prática, não era nada fácil... Ficamos por mais de um ano sem comunicação com as pessoas fora da fazenda por dificuldades na língua portuguesa, e também porque na região Sul do país não havia quase orientais. (Tradução nossa)

Ele fala que a família continuou na fazenda aproximadamente dez anos, até toda a família vir se instalar em São Paulo.

A família de Kang Eun-won já veio direto para São Paulo, e o pai dela, que possuía uma empresa siderúrgica na Coreia, também tinha que sustentar a família com algo que não tinha nada a ver com isso, no caso, como proprietário de alguns apartamentos que alugava.

Desse modo, outros entrevistados também falam uma história semelhante às de Baek e Kang e, de fato, podemos verificar a partir das fontes sobre a imigração coreana no Brasil

que muitos imigrantes coreanos acabaram rumando para as grandes cidades, mais cedo ou mais tarde. E vindo para cidades, uma das poucas opções disponíveis, especialmente para esses imigrantes pioneiros, era abrir um posto de venda de frutas e verduras nas ruas ou, se tiver mais recursos, uma mercearia, como o caso de Im Hye-suk.

Com respeito a essa trajetória geral dos imigrantes coreanos, já vimos no capítulo 3: alguns começaram a vender as coisas que tinham trazido da Coreia, não sob um esquema elaborado a longo prazo, mas porque precisava vender o que fosse dar dinheiro. Kim Ae-yeong, cuja família ficou aproximadamente três anos em uma fazenda de Paranaguá antes de vir para São Paulo. Recorda aquela época:

Minha mãe foi a última que saiu de lá. Aqui em São Paulo ela costurava roupas no início, mas de tanto ficar olhando e costurando roupas, depois ela não enxergou bem. Aí ela saiu para ruas vender as coisas que tinha trazido da Coreia. Vendia roupas, alga e até relógios de pulso. Ela ia vender aos bairros onde tinha japoneses e rendia muito. (Tradução nossa)

E na venda de tais produtos, voltada aos brasileiros com baixa renda, a roupa teve maior sucesso que esperava. Foi assim que se deu a concepção de um projeto mais concreto da primeira geração dos imigrantes coreanos: passaram a ter a ideia de eles mesmos fabricarem a roupa e vendê-la. Puseram em prática essa ideia com sucesso, e logo cada vez mais coreanos apostaram nesse caminho.

O crescimento do ramo das confecções de roupas femininas, que assim começou a contribuir para que os imigrantes posteriores, desde a Coreia, também pudessem desenhar um plano mais concreto para o novo começo no Brasil: trabalhar como vendedor de roupa ou tecido, visitando casa a casa, e loja em loja – *bendê*, assim pronunciado pelos imigrantes coreanos –, ou trabalhar em uma oficina de costura de pequeno porte.

O retrato dos pais na memória da maioria dos entrevistados quase sempre é associado a uma luta incessante para viver bem no Brasil. O repertório de história mais comum entre os pais é o seguinte: assim que pisam em São Paulo, são abrigados na casa de algum conterrâneo; ajudam o negócio dessa pessoa até conseguirem um emprego; logo começam a trabalhar como vendedores de roupas com ajuda dos conterrâneos; depois de uns cinco anos, conseguem uma soma de dinheiro suficiente para poder abrir uma loja; chegando esse momento, finalmente podem respirar um pouco. No final da segunda fase, ou na terceira fase dessa trajetória, conseguem alugar ou até comprar um apartamento só para sua família. E se o negócio prosperar mais, planejam a mudança da residência para bairros mais nobres como, por exemplo, a Aclimação.

No caso do pai de Park Dong-min, o currículo como engenheiro siderúrgico na Coreia foi reconhecido no Brasil, assim, pode trabalhar em uma empresa siderúrgica em São Paulo desde o ano de 1973. Segundo a memória de Park, depois de uns quatro anos, o pai dele mudou para outra empresa siderúrgica, trabalhando lá até antes de abrir sua própria oficina metalúrgica:

Era a melhor empresa siderúrgica do Brasil. Lá ele conseguiu juntar uma soma de dinheiro e comprou uma pequena fábrica junto com os quatro amigos dele. Acho que foi em 77. Era uma fábrica que um coreano administrava. Meu pai até ficou com dívida comprando aquela fábrica, e fez todo o revezamento da fábrica, das máquinas e tudo por seis meses. [...] A produção da fábrica estava indo bem, quando um dia um fiscal de impostos apareceu e descobrimos que a empresa, a qual adquirimos investindo todo o dinheiro que tinha, havia uma dívida maior do que o valor da própria empresa... saí de mãos vazias... (Tradução nossa)

A opção que a família de Park tinha depois dessa tentativa fracassada estava no ramo de confecção, no caso, colocar botões nas roupas. De fato, outros entrevistados contam experiências parecidas com essa, incluindo a parte em que fala de fraudes que levavam dos próprios conterrâneos. Alguns planejavam desde a Coreia um esquema mais concreto sobre o negócio em São Paulo, mas nem conseguiram começar. No caso de Jang Yeon-hui, quando a família chegou a São Paulo, a pessoa que ajudava nesse processo já tinha sumido e, dessa maneira, muitos acabaram mudando de plano.

O caso de Noh Jeong-nan é uma exceção em alguns sentidos. O pai dela, que era médico na Coreia, conseguiu fazer a revalidação do diploma como médico na USP, em Pinheiros, o que demorou aproximadamente quatro anos. Só que, para o pai dela, ganhar dinheiro não era o objetivo principal:

Só que meu pai, ele era muito bonzinho, era aquele médico antigo, sabe. Por exemplo, se vai alguém lá, torto, precisando de alguma coisa, ele fazia tudo de graça. E as cinco filhas meninas, criar não é fácil na vida de imigração. Roupas, tudo tem que comprar, sabe? Eu sei que minha mãe sofria um pouquinho. Porque meu pai, ele, primeiro lugar era paciente dele, né? Ele não queria saber trazer dinheiro pra casa, entendeu? **Ele era aquele médico realmente tudo, sabe, não visava lucro. Era para cuidar do paciente,** entendeu? Então, lembro. Por que é que as filhas não queriam ser médico. Porque a gente achava que todo médico era assim. Tinha que se doar, fazer tudo de graça. Ele dizia: **“Não quero ser médico assim.”** Ele nunca ia ficar rico. E outra pessoa que tinha confecção tinha um monte de comércio e ganhava dinheiro, né? E papai como médico, não era. (Grifo nosso)

Fazendo assim, ele nunca ganhou um “dinheirão”, como ela expressa, mas ganhava o suficiente para passear. Ela fala que sua mãe administrava bem o dinheiro que o pai ganhava no consultório, e se não fosse ela, não teriam mantido esse nível. Outra coisa notável no modo de viver de seu pai foi o esforço para aprender o português:

Meus pais nunca pensaram em ir a outros países. Quando ele chegou ao Brasil, ele gostou, ele já estudou porque ele já quis ficar. Então acho que a primeira coisa que passou, acho que ele achou que tem que falar a língua... Eu sei que meu pai comprava bastante livro, e o interessante é que meu pai comprava bastante gibi (*muito animada*), revistas em quadrinhos. E ele lia muito também. Ele aprendeu muito português com historinha de Tio Patinhas. E a gente tinha muitas revistas, muitas.

O fato de o pai de Noh não tinha a intenção de reemigrar para outro país não é algo que se distingue dos outros casos, já que a maioria das famílias dos entrevistados não pensou em deixar o Brasil depois que imigrou. Mas foi mais comum ver que muitos deles acabavam aprendendo português só no dia a dia, sem conseguir separar o tempo dedicado ao estudo da língua. Por sua vez, dos entrevistados que vieram ao Brasil nas décadas de 1980 e 1990, todos, com exceção dos três – Kim Su-jin, Gwak Tae-gyeong e Jang Yeon-hui –, responderam que seus pais logo começaram a trabalhar no ramo de confecção, seguindo a trajetória semelhante acima descrita.

Kim Su-jin, do mesmo modo que Noh Jeong-nan, fala que seus pais frequentavam um bom tempo as aulas de português em um instituto localizado no bairro do Ipiranga. O caso de Gwak Tae-gyeong também se distingue dos demais, no sentido de que seus pais já vieram ao Brasil com um objetivo bem definido, de “servir o Brasil como missionário”, dando continuidade à sua profissão na Coreia – o pai era pastor e a mãe, enfermeira. Em razão disso, os dois se envolveram ativamente na sociedade brasileira, priorizando a aprendizagem da língua também.

Levando em consideração as trajetórias variadas, como vimos ao longo dos relatos, não se poderia fazer uma generalização quanto ao esforço para se integrar à sociedade, inclusive de aprender a língua portuguesa. O que se pode dizer, por enquanto, é que a tendência dominante na primeira geração era de se manter em seu círculo, tanto de atividades econômicas, quanto de relações sociais. À medida que foi crescendo o ramo das confecções do mesmo modo que a concentração de imigrantes coreanos aumentou em algumas regiões de São Paulo, como o Bom Retiro e o Brás, cresceu a demanda pelos demais comércios que fossem atendê-los.

A tentativa bem sucedida nesse ramo fez com que muitos coreanos da primeira geração planejassem sua vida dentro de um círculo limitado – Bom Retiro em termos espaciais e a comunidade coreana em termos de relações sociais. Assim, o círculo de movimentação dos pais dos entrevistados limitava-se a casa, ao trabalho, à igreja e, de vez em quando, a cidades vizinhas de São Paulo, como Santos, Mogi das Cruzes, Guarujá, entre outras, aonde iam passar fim de semana, um pequeno luxo depois de tanto trabalho. A visão do Brasil que a primeira geração tem, muitas vezes foi formada dentro desse pequeno pedaço de um país com vasto território e diversidade cultural.

7.2.1.2 Apoio geral à educação dos filhos

No capítulo acerca de motivos da vinda, vimos que a educação dos filhos nem sempre era motivo prioritário para a saída da Coreia, nem para a escolha do Brasil como destino. Mas os depoimentos dos entrevistados nos permitem descobrir que nem por isso os imigrantes coreanos deixaram de dar valor à educação, uma vez vindos para o Brasil. Aliás, o projeto de “instalação” no Brasil priorizado, como vimos acima, embora eles não tivessem se disposto à condição de ampliar seus círculos de relações. Tinham como “o primeiro objetivo a educação dos filhos” (OH, 2004, p. 300). De fato, uma das razões por que muitos imigrantes coreanos vieram se instalar em cidades grandes era para ter melhor condição para educação dos filhos no sentido geral, inclusive a infra-estrutura educacional. Mesmo com dificuldades financeiras, procurar escola para seus filhos era uma das tarefas a ser resolvidas com maior urgência.

Kim Jin-mo, que frequentava uma escola pública no início, fala o quanto seu pai se sacrificou para não desencorajar a vontade de estudar do seu filho:

Após frequentar um ano na escola pública, eu reclamei ao meu pai: “pai, aqui não é lugar para estudar... quero ir para uma escola particular.”... Então ele me perguntou quanto custava, e se eu realmente gostaria de mudar. Respondi que sim, e informei-lhe o valor, que agora não me lembro exatamente, mas me recordo que não era barato. Então ele me disse: “Vá!” E assim, frequentei escola particular desde o segundo ano do ginásio. (Tradução nossa)

Por sua vez, Jeong Nam-eun conta sobre uma briga que teve entre a mãe e o tio dela ao decidir a escola dos filhos:

Meu tio queria que estudássemos numa escola pública porque não tinha dinheiro, mas minha mãe dizia: “Eu imigrei para que meus filhos pudessem terminar seus estudos até a universidade, e não para ganhar dinheiro. Vim para o Brasil porque não tinha condições de educá-los na Coreia, e por isso não posso abrir mão de educá-los aqui.” (Tradução nossa)

Algo semelhante aconteceu com Gwak Tae-gyeong, cuja família tinha ido morar algum tempo nos EUA depois que imigrou para o Brasil. Ele fala que seus pais “sempre deram seu melhor para colocar ele nas melhores escolas tanto no Brasil como nos EUA e na Coreia.” Diz ele:

[...] O que eles mais apoiaram era a grande luta que eles fizeram pra nos prover a melhor educação que eles poderiam nos prover. Como agradeço a eles por me terem dado a oportunidade de aprender e manusear as três línguas.

Dessa maneira, todos os entrevistados desfrutaram da condição de poder cursar até o ensino superior, ainda que nesse processo tivesse variado o grau de sua participação na aquisição dos recursos necessários para o estudo, dependendo da então situação financeira da família. O que se observa em comum entre os casos dos entrevistados, que passaram pelas situações diferentes nesse sentido, é que seus pais empregaram uma boa parte dos recursos da família em educação.

Quanto ao grau de acompanhamento dos pais no estudo dos entrevistados, podemos ver que isso varia de caso para caso. Oh Min-chan fala que, embora seus pais tivessem feito tudo que podiam para oferecer melhores condições para estudar, no sentido quantitativo e técnico, era inevitável que a participação deles no ensino dos filhos fosse limitada. Confessa que ele mesmo não respondia a esse esforço. Vejamos:

[...] de certa forma, acho que eles não conseguiram intervir na educação dos filhos. **Eles bem que tentaram**, pagando um professor particular na época do colegial, mas eu mesmo, na verdade, **não estava nem um pouco interessado em estudar**. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vemos no relato de Oh, apesar de que os pais dele não pouparam apoio, em especial, material para ele estudar com melhores condições, ele não respondeu a esse esforço dos pais, pois não estava “interessado” em estudar. Quando vemos os depoimentos dos outros entrevistados, o caso dele pode ser considerado um pouco excepcional, no que concerne ao modo de corresponder às tentativas limitadas dos pais para dar apoio a seu estudo.

Mesmo dentre dos entrevistados que relatam que esse processo era mais “tranquilo”, os detalhes com relação tanto à participação dos pais e aos conteúdos da orientação quanto à sua cooperação nem sempre são coincidentes. No entanto, parece possível descobrir um ponto em comum sobre o estilo da orientação dos pais dos entrevistados e a maneira de aceitar isso da parte dos entrevistados. Quanto aos pais, podemos ver que eles tinham a rigidez quanto ao esforço dos filhos, ou seja, importavam-se mais com o processo de estudo, e não apenas com o resultado. Junto a isso, eles (os pais) davam aos seus filhos (entrevistados) a “autonomia em escolher áreas de interesse”. Por sua vez, os entrevistados em geral correspondiam a essa expectativa dos pais embora tivessem tido pequenas reclamações sobre o modo de orientação dos seus pais dependendo de caso. Isso se deu, ou em razão da circunstância da família anteriormente descrita, isto é, em função de dar uma instrução detalhada tanto em conteúdos quanto em métodos; ou de acordo com a política bem estabelecida da parte dos pais, ou por estes dois motivos.

Vejamos como Im Hye-suk fala a esse respeito:

Meu pai sempre dizia que o soldado tem que morrer carregando a arma e o estudante tem que morrer estudando [...] mas ele nunca dava bronca para estudar. Nós sempre fomos bons alunos porque nossa função era estudar e isso era único caminho de a gente sobreviver aqui no Brasil. Diferentemente da geração de hoje, que tem recursos para viajar, passear, etc. (Tradução nossa)

Por sua vez, a mãe de Kang Eun-won tinha uma política mais rigorosa quanto à educação:

[...] a segunda coisa que aprendemos é a educação. Minha mãe era rigorosa quanto à formação dos seus filhos até a universidade. Não importava se não pudesse deixar heranças, mas obrigatoriamente teria que dar educação. Porém, ela não controlava as notas, porque então, eu já tinha 12 anos e estava crescida. (Tradução nossa)

Ela fala que sua mãe tinha uma visão em longo prazo, e por isso podia investir na educação dos filhos, orientando-os para se tornarem especialistas em alguma área. É interessante ela ter se considerado já “crescida e madura” aos doze anos de idade, o que reflete a então circunstância que contribuiu para muitos entrevistados amadurecerem mais cedo, com senso da realidade. De fato, graças à própria vivência da realidade, naquela época, “dura”, mas da qual os entrevistados foram protegidos pelos pais, que trabalharam duro, o projeto “verbalizado” dos pais com relação à educação normalmente foi recebido pelos filhos,

os entrevistados do nosso trabalho, sem reclamação e, muito pelo contrário, com gratidão pelo sacrifício.

A história de Shim Jeong-mi também é parecida, no sentido de que os pais dela não a incentivaram a simplesmente ganhar dinheiro:

[...] Pois, acho que eles sempre me ensinaram excessivamente a ser reto e honesto, mesmo que seja pobre. Bem, as outras famílias devem ter ensinado mais a importância de enriquecer, não é mesmo? Mas os meus pais, pelo contrário, diziam para não aprender tais coisas. (Tradução nossa)

Enquanto isso, alguns entrevistados contam sobre maior grau de acompanhamento dos pais em seus estudos. O pai de Noh Jeong-nan nunca teve a intenção de virar “rico”, como vimos no relato dela no outro capítulo. Desta vez, Noh fala dos seus pais, que eram muito “rígidos” quando se tratava dos hábitos de estudo, isto é, do “esforço” dos filhos:

Meus pais eram muito rígidos... Meus pais nunca foram pessoas que cobrassem muito. Você tem que tirar nota dez. Isso nunca foi. Meus pais nunca foram de dar bronca por causa da nota, isso não. Mas eles cobravam... e a gente, como a criança, já vem madura, como imigrante... Mamãe e papai faziam questão de que nos estudássemos direitinho. Por isso que ele colocou a gente na primeira série. Eu achava um absurdo papai ter colocado na primeira série, né? Era demais, mas hoje eu dou valor a isso. Porque tenho português perfeito, tenho gramática perfeita.

Choi Seung-gyu também fala que sua mãe hoje é sua melhor amiga, mas até a adolescência, era uma mãe “bem rigorosa”. Ele lembra que, uma vez, não podia dormir antes de decorar os nomes dos meses.

Por sua vez, Kim Su-jin recorda que o interesse de seu pai na educação era realmente “excepcional”:

Sempre estudava até as duas da madrugada. Meu pai não me deixava dormir antes desse horário... Quando eu estava decidindo se podia ir direto para a 8ª série, as pessoas diziam que eu sofreria e repetiria porque achavam que minha capacidade não ia acompanhar o estudo. **Mas, ele sempre me encorajava, dizendo que eu conseguiria. Ele falou para aquelas pessoas: “Ela tem que ir direto para a 8ª série. Isso é o orgulho dela. Ela pode.”** Aí entrei na escola como 8ª série. Estudei muito, e fui a 2ª aluna no final do ano. Foi o presente para a confiança que meu pai me depositou. [...] **Num certo dia, antes de ir para o colegial, ele sentou comigo e mandou traçar um planejamento para daqui a cinco anos. Ele me colocou 3 objetivos, dizendo que o primeiro seria ingressar no colegial, e depois seria me tornar a primeira aluna da classe e o último seria ingressar na universidade USP. Na época, eu não entendia, mas no final, eu realizei todos eles. [...] Pensando**

hoje, meu pai ocupou 80% quanto ao estudo. (Tradução nossa, grifo nosso)

Diferente das pessoas ao redor que se preocupavam mais com o possível fracasso de Kim caso ela fosse direto para a 8ª série, o pai dela se preocupou mais com o “orgulho” dela, que poderia ficar ferido. A partir disso, a orientação do pai de Kim sempre a acompanhou de modo bem organizado, incentivador, e até ambicioso demais a ponto de ela “não entender” tal confiança do seu pai. Hoje, contemplando o passado, ela confirma que o papel do pai era decisivo para ela não ter medo de desafiar.

Quando vemos os relatos dos entrevistados, a ênfase dada pelos pais à educação parece um pouco longe dos aspectos da educação na Coreia contemporânea, onde um grande número dos alunos depende das aulas e instituições privadas do ensino, fora do horário regular de aulas, e há cobrança maior dos pais.

No contexto de imigração, muitos pais não se dispunham a acompanhar cada detalhe do estudo dos filhos, especialmente nos casos dos entrevistados que vieram ao Brasil quando tinham que começar do zero, em função da ausência de uma rede sólida dos conterrâneos. Contudo, nem por isso os entrevistados negligenciaram o estudo, e muitos deles falam que os pais não precisavam dar bronca ou cobrar pelo rendimento escolar dos filhos.

No caso dos entrevistados que receberam mais atenção dos seus pais ao estudo e à vida escolar, “cobrar pela nota” não era uma medida escolhida pelos pais em dar orientações aos filhos. Em vez disso, a maioria dos entrevistados recorda que ouviam mais dos seus pais expressões como “com afinco”, “esforçar”, “fazer seu melhor”, e “ser diligente”.

Ao examinar o papel da família na socialização dos entrevistados, vimos, introduzindo a argumentação do pastor Park Jee-bum do Centro Cultural QUM, algumas características do relacionamento na sociedade com estrutura vertical. E estima-se que essas características foram interiorizadas pelos entrevistados, distinguindo a *Geração 1.5* da segunda geração dos imigrantes coreanos.

Park aponta que, se a verticalidade tem como características a “obediência”, o “respeito” aos superiores na ordem hierárquica pela idade, pela posição, e em outros aspectos, são as características no relacionamento, o “afinco”, a “diligência”, “alcançar o objetivo” os “valores” enfatizados como modo de viver em uma sociedade vertical.

O que não pode ser confundido é que a autoridade dos pais, nos casos dos entrevistados, não era de natureza de “impor” a opinião deles aos seus filhos com relação às escolhas importantes, por exemplo, de área de especialidade na faculdade e de profissão, entre outros. Como foi vislumbrado nos relatos acima apresentados, a rigidez e a disciplina dos pais

estava em educar seus filhos, mas, quanto ao conteúdo do que estudariam, na maioria das vezes lhes foi dada “autonomia”. Veremos, a seguir, mais detalhadamente como os entrevistados desfrutaram dessa autonomia.

Noh Jeong-nan, cujos pais dificilmente cediam às filhas quando o assunto se tratava da disciplina nos estudos, conta sobre a liberdade de escolha que seu pai sempre dava às filhas, independentemente da sua própria preferência:

[...] Ah, sim, meu pai puxava muito pro música, sabe? Gostava muito, então, o sonho dele era cada filha tocar um instrumento, né? E ele sempre, quando conversava, falava “Eu acho que você tem um dom para ser advogada, você tem um dom para ser médico. Na verdade, ele queria que todas as filhas fossem médicas, entendeu? Por ele, ele queria que todas fossem. Só que meu pai, ele era muito bonzinho, era aquele médico antigo, sabe... [...] **Ele deu autonomia.** Sempre deu autonomia para estudar, escolher. Sempre deu. **Eles nunca foram assim... de tipo impor a vontade deles**, “você tem que ser isso e aquilo”, isso não. (Grifo nosso)

Assim, de um modo geral, nenhum dos entrevistados foi pressionado a “obedecer” aos pais ao fazer escolhas e ao tomar decisões importantes, que exerceriam influências diretas na integração dos filhos à sociedade brasileira e à própria vida. Muito pelo contrário, todos os entrevistados relatam que os pais sempre permitiram fazer cursos do interesse (dos entrevistados), sempre apoiando as escolhas pessoais. Na verdade, os relatos mostram que, muitas vezes, não havia uma opinião expressa explicitamente pelos pais, à qual deveriam obedecer. Para os pais de Jang Yeon-hui, a preocupação era sua filha respeitar “demais” a opinião dos pais:

Meus pais tomavam muito cuidado ao opinar sobre minha escolha profissional. Nunca impuseram a vontade deles, mas, pelo contrário, perguntavam minha opinião e a razão das minhas escolhas. Um dia desses, me disseram nunca ter dito as opiniões deles por medo de me influenciar e me fazer abrir mão dos meus próprios desejos. Ele me deixava livre para escolher, mas enfatizavam para que pensássemos muito bem antes de decidir. (Tradução nossa)

Observa-se que, diferente da linha de educação vista no depoimento acima, na Coreia, os pais de Jang adotavam uma política consideravelmente rigorosa e disciplinar com ela, ainda muito nova naquela época:

Na Coreia, até a 3ª série da escola primária, eu quase sempre estudava com a minha mãe. Ela sempre verificava minhas lições de casa e, se eu errasse um pouco, tive que refazer as coisas que errei. Ela também checava meu diário

todos os dias. No período de provas, era básico estudar até as três ou quatro horas de madrugada. Desde a escola primária. Eu ia fazer aula de piano e pintura também, e minha mãe me buscava para eu não cabular aulas... Mas quando começou a 5ª série, ela parou de dar essas orientações de vez. Lembro que ela falou pra mim, “Agora você é crescida. Você tem que saber cuidar das coisas, do estudo pela sua própria conta. Agora ela é mais amiga. (Tradução nossa)

Ela fala, com um tom de confiança e gratidão, de seus pais. Graças a essa disciplina que a mãe impunha em sua infância, ela sempre pode ter “autodisciplina”, e não se tornar dependente dos pais. Podemos entender também que, por parte dos pais, essa orientação rígida na infância da sua filha contribuiu para eles poderem depositar sua confiança nela e, assim, dar-lhe autonomia.

No depoimento de Kim Su-jin, que descreveu seu pai como sempre “presente” no estudo, opinando bastante, observa-se que tinha fronteiras que ele não ultrapassava ao dar sua opinião. E o interessante é a “autonomia” que ele queria que sua filha tivesse como “mulher independente”:

Ainda bem que houve sincronia entre o meu pai e eu. Ele não quer que eu case e tenha filhos. Sempre enfatizou para que eu não casasse cedo e advertia para que tomasse muito cuidado para encontrar um bom marido, porque ele dizia que posso perder em um segundo, tudo aquilo que estudei e adquiri, ao encontrar um homem errado. (Tradução nossa, grifo nosso)

Notamos, nas outras entrevistas também, uma linha seguida pelos pais, semelhante à do pai de Kim, com relação à carreira das “filhas”. Assim, muitas das entrevistadas foram orientadas a ter própria carreira, e participar da vida social ativamente. Estima-se que tal projeto dos pais referente à educação das filhas não reflete aqueles valores comumente considerados confucionistas.

Os relatos nos fazem supor que há algumas explicações para isso. No caso das entrevistadas, cujas mães tinham que se tornar de repente fortes no contexto da imigração, especialmente na ausência do marido que faleceu cedo, teria sido natural dar todo o apoio para suas filhas estarem bem qualificadas intelectual e profissionalmente, para não sofrerem como elas.

Ao longo dos depoimentos, foi possível ver alguns valores importantes cobrados da parte dos pais dos entrevistados, junto com a autonomia dada a eles. No outro capítulo, sobre o papel da família, vimos que a atitude dos entrevistados para com as características de natureza vertical no relacionamento na família variava mais de caso para o caso, tornando

difícil simplificar esses aspectos como sendo méritos ou não. Enquanto isso, os valores, que também são apontados como os enfatizados em uma sociedade predominantemente vertical, isto é, “esforço”, “diligência”, “estabelecer e alcançar objetivo” etc. parecem ser descritos pelos entrevistados mais como méritos.

7.2.1.3 Orientação para o posicionamento dos filhos na sociedade brasileira

Vimos acima, que muitos entrevistados da primeira geração se sentiam mais responsáveis em relação a dar aos filhos oportunidades de concluir o ensino superior e apoios necessários para isso. Contudo, estima-se que boa parte deles enfrentou dificuldades em dar-lhes instruções “práticas” sobre como quem viver no Brasil, tendo memórias da Coreia – as quais variam dependendo da idade de quando se deu a saída da Coreia – e estando agora no Brasil, onde vão se fazer memórias com “ingredientes brasileiros”, isto é, sobre o posicionamento na sociedade brasileira.

Porém, poder-se-ia dizer que o projeto mais concreto voltado para a socialização dos filhos no Brasil tem sido feito, em grande parte, garantindo-lhes o acesso ao ensino regular, no qual estabeleceriam a rede de relações com os brasileiros, além de obter conhecimentos sobre a sociedade brasileira.

Notamos, nos relatos da maioria dos entrevistados, que, ao escolherem escola para seus logo que chegaram ao Brasil, os pais deram preferência a escolas onde não havia muitos coreanos, visando a aprendizagem da cultura e língua brasileira de modo mais eficiente e intenso. Embora logo no início da vinda ao Brasil tivesse procurado escola mais escolhida por seus conterrâneos, isso era a fim de garantir o nível da escola no sentido mínimo. Entendemos que a disciplina rígida ou exigência pelo esforço mesmo não sendo muito rigorosa, para dizer o mínimo, acima tratadas eram o método do qual eles dependiam mais com relação ao posicionamento dos seus filhos como parte integrante da sociedade brasileira.

Noh Jeong-nan recorda a política dos seus pais, da qual ela não gostava naquela época:

O papai fazia questão de que os filhos falassem bem corretamente português. Eu acho que primeiramente como a gente continua vivendo no Brasil, meus pais nunca pensaram em ir a outros países. Quando ele chegou ao Brasil, ele gostou, ele já estudou porque ele já quis ficar. Então acho que a primeira coisa que passou, acho que ele achou que tem que falar a língua. A partir disso que você consegue estudar, entrar numa faculdade, trabalha fora, né?

Além do estudo na escola, muitos dos entrevistados foram incentivados, como meio de aprender a língua mais rápido, para assistir canais de TV mais brasileira, e até ler jornais do Brasil diariamente a porção determinada pelos pais mesmo que não entenda. Vejamos o depoimento de Jang Yeon-hui:

Nos primeiros anos, assisti muito TV por incentivo dos meus pais, que diziam que eu deveria ler jornais, mesmo que não entendesse nada. Eles me obrigavam a escrever diário em português, mesmo que as palavras estivessem erradas e sem sentido.

Dessa maneira, quanto à orientação para adaptação dos filhos ao Brasil, a intervenção dos pais era mais voltada à dimensão técnica. Entretanto, havia limitações em dar aconselhamentos práticos que exigiam maior conhecimento da cultura e do sistema educacional brasileiro.

Enquanto isso, com relação à preservação da identidade coreana, a maioria dos entrevistados responde que isso se deu mais na convivência, na “prática” dos costumes coreanos dentro da família do que com a “palavra”, o que foi apontado anteriormente como um dos papéis exercidos pela família. A propósito, parece que, ao mesmo tempo em que tal preservação feita naturalmente, tinha mais esforços conscientes e sistematizados da parte dos pais para seus filhos não perderem a identidade coreana.

Mais uma vez, o meio mais objetivo e explícito que possibilitava a preservação da identidade coreana seria a língua. Como vimos antes, a maioria dos entrevistados já foi alfabetizada em coreano na Coreia, então o esforço era mais voltado para não se esquecer de coreano. De fato, há casos em que a importância de não se esquecer da língua coreana foi comunicada pelos pais de modo verbalizado bastante enfatizado e planejado desde na Coreia, comparando com outros entrevistados.

Podemos ver que os livros, não simplesmente escritos em coreano, mas com conteúdo que desse conhecimento geral sobre a Coreia, especialmente a história e a literatura, foram os meios mais optados pelos muitos pais. O caso de Kang Eun-won se destaca mais pelo grande volume de livros: “Meu pai, trouxe da Coreia, aproximadamente 1.000 livros, que eu ainda guardo na minha casa. A minha mãe me fez ler todos eles, e assim pude aprender sozinha sobre a história, dinastias, literatura e etc. (Tradução nossa)”

No caso dela, além dos conhecimentos históricos sobre a Coreia, o poema serviu como um veículo que transportava a mentalidade tradicional do povo coreano, marcada pelos acontecimentos históricos do último momento da *Dinastia Joseon*, até a invasão japonesa, o

que foi transmitido do pai dela, que tinha um gosto refinado por poemas: “Adoro poesias! Devo isso ao meu pai que obrigava a decorar as poesias de Kim So-wol (김소월, 1902-1934)⁹⁶ desde os meus sete anos de idade... Acho que decorei por volta de 100 poesias. (Tradução nossa)”

Semelhantemente, Kim Jin-mo recorda o “grande presente do pai” daquela época:

O maior presente que recebi dos meus pais foi quase meia tonelada de livros que eles me forneceram naquela época tão difícil. Foi um fato muito marcante para mim... nos finais de semana, aperfeiçoava a língua coreana conversando com os meus amigos... é bom preservar o que é nosso, seja língua, seja a cultura. (Tradução nossa, grifo nosso)

Assim, outros também contam sobre os livros em coreano que seus pais trouxeram quando a família deixou a Coreia, ou que pediram para mandarem para cá depois que imigraram. Pode-se dizer que isso mostra o peso que eles colocaram na língua coreana, bem como no conhecimento da Coreia, portado nesses livros.

Parece que esses esforços da parte dos pais dos entrevistados normalmente não foram feitos sob o nome de “orientação para a integração à sociedade brasileira”. Em vez disso, o que eles pensaram era “ser fiel à realidade em que está e não negando a sua raiz” era a melhor maneira de se posicionar na sociedade brasileira. O caso do pai de Kim Su-jin é um exemplo que expressou essa ideia mais explicitamente. Vejamos:

O que o meu pai desejava não era vencer no Brasil excluindo os coreanos. Em relação a isso, meu mentor tinha a mesma opinião. Ele me incentivou a defender minha tese com assuntos que tivessem vínculos com a Coreia, e me dizia que se eu quisesse desenvolver o meu potencial, ao invés de me tornar funcionária pública, deveria ingressar numa empresa privada para ter contato com empresas estrangeiras e, ao mesmo tempo, obter conhecimentos sobre a cultura coreana e as leis brasileiras para contribuir nessas áreas. Enfatizava que eu deveria contribuir não somente na sociedade brasileira, mas na coreana também. **Meu pai dizia que eu não podia ignorar a Coreia e que eu não deveria ter somente amigos brasileiros, mas que se quisesse ser alguém extraordinário, deveria ter a capacidade de transitar entre as duas sociedades e contribuir para ambas [...] ser patriota para com as duas nações como a Geração 1.5.** (Tradução nossa, grifo nosso)

⁹⁶ Kim So-wol é um poeta coreano amplamente conhecido na Coreia do Sul, especialmente por peça monumental da poesia lírica, “진달래 (*Jindallae*, Azaleia)”. Deixou, durante sua curta vida de 32 anos, muitos outros poemas, amados por muitos coreanos até hoje, como “금잔디 (*Geumjandi*, Grama dourada)”, “엄마야 누나야 (*Eommaya nunaya*, Querida mãe e irmã)”, “산유화 (*Sanyuhwa*, Flores da montanha)” entre outros.

Assim, o pai de Kim, ao mesmo tempo em que dava a Kim uma orientação bastante explícita para que ela se adaptasse bem à vida no Brasil, não deixou de enfatizar a contribuição que ela deveria dar, não somente à sociedade brasileira, mas também à Coreia. E a contribuição tanto à Coreia quanto ao Brasil, no pensamento dele, era o que ela pode dar tirando máximo proveito da pessoa que ela é sendo a *Geração 1.5*.

Por outro lado, diferente do que foi presumido no início da pesquisa, e do que muitos brasileiros acreditam, parece que as opiniões dos pais dos entrevistados sobre o casamento dos filhos eram mais variadas.

Normalmente, a preferência pelo casamento endogâmico é vista entre os imigrantes coreanos, e tal prática nem sempre foi instruída sob uma política explícita dos pais. Pelo que se entende nos depoimentos dos entrevistados, isso era algo que nem precisava discutir, pois os próprios entrevistados achavam isso natural. Vejamos como Kim Jin-mo fala sobre isso:

A identidade. Isso não é algo que alguém ensina com palavras. É a vida. É que conclui até 5ª série da escola primária na Coreia. Eu já... tipo, **havia um tipo de fronteira que eu mesmo coloquei**. Naquela época, casar com brasileira não dava certo muitas vezes. **Aí naturalmente eu pensava que o casamento seria com coreana**. (Tradução nossa, grifo nosso)

Isso não era exceção para Ha Jeong-a também:

Aahhahahah!... nem precisava falar sobre isso! Porque no meu caso, vim para o Brasil depois que terminei o colegial, então eu tinha a mesma mentalidade dos meus pais... eu nunca sequer havia pensado em casar com um brasileiro... (Tradução nossa)

Dessa maneira, mesmo que não tivesse sido verbalizado, tanto por parte dos pais quanto por parte dos filhos, havia certo consentimento tácito de que o casamento seria com coreano(-a).

Enquanto isso, há casos em que os entrevistados sentiam a objeção dos membros da família, seja pela proibição expressa verbalmente, seja pela atmosfera da família. Por exemplo, a mãe de Kim Ae-yeong até a deixava namorar um jovem brasileiro, mas quando ela achou que o relacionamento iria se tornar mais sério, ela deu um “jeito”:

Namorei um brasileiro quando tive um consultório no Brás. Em casa, ninguém proibia, mas também não eram a favor. Meu namorado tinha muito medo de vir em casa. Resolvi terminar quando meus irmãos me convenceram de que não daria certo. **Acho que foi por isso que minha mãe**

me mandou mudar de consultório, para que ele não pudesse mais me procurar. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vemos no relato de Kim, o “jeito” que a mãe dela pensou para impedir esse encontro de Kim com o então namorado dela era “mandar ela mudar de consultório para outro bairro”, que era distante de Brás. Mas, ela só passou a pensar nessa possibilidade depois de muito tempo e não relata algum outro comentário que insinue algum remorso com relação ao fato de que terminou com o então namorado por ele ser brasileiro.

No caso de Gwon Hye-ok, os pais não intervinham nos cuidados com as filhas e nas tarefas com elas, mas duas coisas eles não cederam, com relação às filhas: uma era falar português direito, e a outra “o casamento somente com coreano”.

Há casos em que os pais eram mais liberais em relação a esse assunto. Shim Jeong-mi fala que o pai dele deve ter deixado ela se casar com um brasileiro.

É interessante ver o caso de Kang Eun-won, cuja mãe também era contra a ideia de sua filha se casar com alguém não-coreano, mas isso mudou drasticamente à medida que ela foi conhecendo mais brasileiros:

Naquela época, todos os coreanos eram racistas. Por isso, achavam que era melhor casar entre os coreanos. Como eles não entendiam português, desejavam que seus filhos falassem em coreano. [...] Como eu estudei medicina, minha mãe achava que era melhor casar com um brasileiro da classe média que tivesse escolaridade do que um coreano sem estudo... pois naqueles tempos, muitos não estudaram para poder trabalhar e ganhar dinheiro. (Tradução nossa)

Quando ela estava se formando da faculdade da medicina, a mãe opinou mais fortemente incentivando para Kang se casar com colega brasileiro do curso ou um médico. Mas, dessa vez, foi ela que não gostou da ideia:

Ahahah! Não é que eu não gostasse dele... eu gostava muito, sim! Mas é que eu queria que fosse alguém que entendesse minha cultura, com quem pudesse compartilhar meus hábitos alimentares e etc. Alguém que soubesse distinguir o sabor de *kimchi*... e que, quando choro lendo poemas, entendesse entender essa emoção. (Tradução nossa)

Como podemos ver no que Kang fala, a preferência por alguém de origem coreana como futuro cônjuge parece ter motivos mais emocionais e práticos do que ideológicos, tanto por parte dos entrevistados quanto dos pais deles. É por isso que é mais apropriado dizer de sua “preferência”.

De fato, o número de entrevistados que responderam que estão abertos à possibilidade de namorar e casar com brasileiro ou brasileira. Choi Seung-gyu fala: “Minha mãe tem preferência que seja coreana. Também concordo com eles. Mas de vez em quando brinco que vou casar com uma brasileira. O que não é nada ruim.”

Considera-se natural o fato de que os pais dos entrevistados tinham dificuldade ou limite em tentar contar com essa opção, isto é, casamento dos seus filhos com um(-a) brasileiro(-a), pois eles tiveram menos chance de experienciar de modo mais íntimo e duradouro seus Outros, isto é, brasileiros, do que seus filhos, a qual possibilitasse descobrir um denominador comum com eles.

Os depoimentos dos entrevistados aqui trazidos mostram que a decisão de alguns assuntos importantes, especialmente, o casamento, não é de uma dimensão puramente “individual”. Como veremos mais adiante, ao examinar o projeto da vida dos próprios entrevistados, eles vivem uma reconciliação ou negociação contínua entre *indivíduo*, sujeito da sua própria vida, e *pessoa*, como um ser social (DAMATTA, 1997), no caso, pertencente à comunidade ou *rede de significados* (GEERTZ, 2008) estabelecidos pelo padrão coreano.

Retomando a questão de “denominador comum”, o que chama nossa atenção nas entrevistas é a visão cristã e sua influência no modo de pensar nos seus Outros. Gwak Tae-gyeong conta como seus pais mudaram de opinião:

Acredito que até a minha avó falecera, meus pais acompanhavam o mesmo pensamento dela de que deveria me casar com uma coreana por ser o primogênito da família como meu pai. Mas meus pais têm me dito e confirmado que como eles vieram para o Brasil para servir este país e pertencer a ela, estava tudo bem em casar com uma brasileira desde que fosse a vontade de Deus. **Desde que seja uma moça cristã e de família cristã, eles dão OK.** (Grifo nosso)

Vemos aqui dois aspectos importantes há pouco tratados quanto ao casamento: um é o grande respeito à opinião da família, especialmente dos pais, e o outro é a visão cristã mais globalizante. No caso de Gwak, os pais dele em si já manifestavam ao seu filho uma noção mais inclusiva de “Nós” sendo cristãos desde o momento em que vieram ao Brasil, porém, fez uma negociação consigo pela qual optou por dar mais liberdade aos filhos só depois que a avó faleceu, assim não negligenciando o respeito ao mais

Na verdade, observa-se que, no caso dos entrevistados que cresceram na família cristã – tanto católica quanto protestante – a influência da fé cristã não se restringe somente ao assunto de casamento, pelo contrário, o ensino de valores cristãos era um projeto mais

essencial, com respeito ao posicionamento dos seus filhos na sociedade brasileira. A educação que seus pais davam – a educação das morais e éticas, educação com respeito à identidade coreana, orientação sobre a adaptação ao Brasil baseada etc. – estava baseada, em grande parte, na fé cristã. E a disciplina e a rigidez do método dos pais foram aplicadas à questão da fé também.

Para Ko Su-hyeon, o hábito que seu pai criou até o final da adolescência foi decisivo, não só para ela não se desviar do caminho, mas também para ter a habilidade com a língua coreana:

E ele sempre nos obrigou a escrever um versículo da Bíblia e diário todos os dias. Se um dia a gente esquecia-se de escrever agente apanhava uma vez nas palmas das mãos. Isso continuou até aos meus dezoito anos. Pensando agora, isso ajudou bastante e influenciou bem para a gente não se esquecer de escrever e falar o coreano. Principalmente o meu irmão que nem tinha chegado a andar na escola antes de agente sair da coreia. Hoje em dia ele escreve entende direitinho o coreano. Quando eu era mais nova guardava rancor disso, de apanhar e levar muitas responsabilidades nas minhas costas. Mas conforme que fui crescendo percebi que isso era amor do meu pai e isso que fez agente não desandar na adolescência. Se não fossem esses ensinamentos do meu pai, não sei por onde eu poderia ter andado na minha adolescência.

Enquanto isso, Kim Jin-mo fala que, quanto a “como viver na sociedade brasileira”, o pai dele não podia dar dicas práticas, em vez disso, fala da fé cristã transmitida de seu pai:

Quanto a como me posicionar na sociedade, era minha parte planejar isso. Porque sou eu quem enxerga e entende melhor o Brasil. Porque eu tinha um meio, que era a língua portuguesa. Como a atmosfera da minha família já era cristã, acho que não precisa separar fora e dentro da igreja. [...] Meus pais viveram como cristãos e foi isso o maior plano deles com relação à educação das morais aos filhos. **O valor mais importante que aprendi da vida que meus pais viveram é ‘compartilhar o que tenho com os outros’. Com os meus vizinhos. Sem distinguir entre os coreanos e brasileiros.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Embora os pais de Kim não tivessem dado uma orientação específica sobre como aprender a língua portuguesa, como se posicionar na sociedade brasileira e como se relacionar com brasileiros, um ensinamento essencial, baseado na Bíblia, orientou Kim para não fazer discriminação entre coreanos e não coreanos. Ele acrescenta que isso é o princípio em ele viver no Brasil como imigrante coreano.

Kang Eun-won fala com muita convicção que a influência mais decisiva da mãe com relação a quem ela é hoje é a “fé” cristã: “Minha mãe sempre nos ensinava que somente com a fé podemos viver. Que assim é possível superar qualquer dificuldade.”

Do mesmo modo, na memória de Kim Ae-yeong, a mãe era uma católica que praticava sua fé:

Minha mãe sempre era católica de verdade e depende só de Deus. Ela tornou viúva aos 29 anos de idade, mas não casou de novo. Mesmo quando as pessoas diziam para separar os filhos e dar para os outros, ela acreditou em Deus e trouxe todos nós para o Brasil e me mandou à faculdade... [...] Cresci vendo minha mãe sempre orando de manhã e de noite. E aos domingos ela ia a Aparecida do Norte e nunca faltou a igreja aos domingos. Depois que eu e meus irmãos casamos, ela ligava pra nós todas as manhãs e dizia pra irmos à missa. E eu não gostava disso. Pensando hoje, me parece que ela fez isso para cumprir seu dever como a mãe. (Tradução nossa)

Não é uniforme o modo como a atitude dos pais foi recebida pelos entrevistados, mas os depoimentos permitem nos presumir que, por parte dos pais que tinham religião cristã, educar seus filhos na fé era uma das poucas políticas estabelecidas e executadas explicitamente na então circunstância não favorecedora de maior participação da educação dos seus filhos.

Assim, a questão do posicionamento dos filhos na sociedade brasileira não foi articulada de maneira detalhada. Como já vimos, em alguns casos a autonomia foi dada em função de dar maior atenção aos filhos, em outros, pelo respeito aos seus filhos como um “indivíduo” autônomo. Mas também não se pode negligenciar o fato de que, na colônia coreana, havia vozes angustiantes e críticas a respeito da situação em que a maioria dos imigrantes coreanos se encontrava. Vejamos como Won Hyeon-guk (1988), um imigrante coreano pioneiro, colocou sua preocupação na sua autobiografia:

[...] maior parte dos imigrantes coreanos vive sobrecarregada tentando fundar a base econômica e negligencia a responsabilidade de instruir moralmente as suas crianças, deixando isso na mão de babás brasileiras. E quando os vejo falando “decidi a imigração para os meus filhos”, o que na verdade, é uma tentativa de enganar a si mesmos, não posso deixar de me preocupar com como vai ser o futuro da geração dos nossos filhos. (WON, 1988, p. 323)

De fato, um dos problemas frequentemente apontados pelos componentes da própria comunidade coreana em São Paulo é a ausência geral de um projeto bem pensado e elaborado para uma instalação realmente bem sucedida na sociedade brasileira, que não negligenciasse nem a integração à sociedade, nem a preservação da sua identidade coreana.

Diferente de tais opiniões, talvez mais objetivas, foi possível, ao longo das entrevistas, notar que a maioria dos entrevistados recorda a época quando ainda estava sob a

proteção dos pais com certa nostalgia e agradecimento. É interessante isso porque a circunstância em que estavam não era nada luxuosa, muito pelo contrário, como as críticas mostram acima colocadas, eles tiveram que carregar muitas responsabilidades, ou pelo menos, não podiam contar com mais atenção dos pais.

Poder-se-ia dizer que isso se deve, principalmente, ao fato de que hoje, tendo uma vida razoavelmente bem instalada e, muitos com sua própria família, eles passaram a entender e valorizar mais o esforço dos seus pais. Isso pode ser também o limite intrínseco a todas essas interpretações dos entrevistados e assim, minhas dos projetos dos pais dos entrevistados. Citando o Velho (1987, p. 129), “A ‘realidade’ (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada”.

Cientes disso, poderíamos resumir em dois o projeto dos pais dos entrevistados: a decisão da imigração para o Brasil, e a oportunidade da educação que de aos filhos. Primeiramente, a travessia da fronteira nacional foi o projeto mais significativo de todos, porque foi isso que tornou imprescindível a elaboração de um projeto mais relevante à realidade brasileira e não mais só à coreana. E o segundo, dando maior apoio possível aos seus filhos quanto à educação, visavam a dar um *campo de possibilidades* mais amplo na elaboração desse projeto.

Entende-se, dos relatos dos entrevistados, que para a geração dos pais dos entrevistados, houve estranhamento dos seus Outros, mas não houve fôlego para interpretação desses Outros, passo necessário para dar mais um passo para frente, isto é, elaborar um projeto para si mesmo nesse sentido. Diante de tal limite, alguns deram apoio mais financeiro e outros torceram e incentivaram mais expressamente para que seus filhos pudessem planejar seu futuro com um leque maior de opções que abrangem a sociedade brasileira efetivamente, e não somente disponíveis na comunidade coreana.

7.2.2 Meu projeto, da *Geração 1.5*

Vimos que após a imigração os entrevistados têm tido o escopo de relacionamento e de atividade significativamente maior do que seus pais a partir da base fundada por estes e, dependendo, pelos próprios entrevistados também. O que esta diferença simboliza é de grande importância no que concerne à diferença da dimensão do projeto elaborado pelos entrevistados. Embora ainda haja críticas por muitos dos próprios imigrantes coreanos de que a *Geração 1.5* também não está conseguindo penetrar efetivamente no mundo profissional, onde há maior competição com os brasileiros, não se pode negar que o projeto dessa geração

envolve a sociedade brasileira com maior grau e amplitude. Adotando a hipótese de Velho (1987):

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular. Por sua vez, a essa consciência da individualidade – fabricada dentro de uma experiência cultural específica – corresponderá uma maior elaboração de um *projeto*. (VELHO, 1987, p. 34)

Acreditamos que exatamente essa trajetória pela qual os entrevistados têm passado, expondo a “múltiplas experiências, contraditórias e eventualmente fragmentadas”, faz com que lhes fosse exigido maior esforço não só para dar significado a essa trajetória, mas para dar continuidade nessa trajetória através de algum tipo de consistência entre as experiências e memórias soltas (VELHO, 1994, p. 102).

Nesse sentido, o que veremos agora é uma trajetória ou jornada no Brasil, a qual os entrevistados têm seguido a partir de uma condição, imigrantes coreanos em São Paulo, já dada pelo “projeto dos seus pais”, mas não se tornando simplesmente subjacentes a essa condição.

Essa condição não basta para explicar o ser, ou seja, a visão do Eu, dos entrevistados, a *Geração 1.5*, porque, para usarmos as palavras de Theodor W. Adorno (1994, p. 41), “trata-se de, porém, de um consciente que rejeita tudo que é consequência, todo o conhecimento do próprio condicionamento, e aceita incondicionalmente o que está dado”, embora, com isso, ele tenha pretendido ressaltar o sentido da educação especialmente contra o ato totalitário da humanidade contra a humanidade.

7.2.2.1 Desenvolvimento educacional e profissional de si

Iniciando este tópico, vale retomar o princípio que o pai de Im Hye-suk, uma entrevistada do nosso trabalho, sempre enfatizava aos filhos enquanto ainda eram estudantes: “O soldado tem que morrer carregando a arma e o estudante tem que morrer estudando”. Parece que com relação a essa medida dos pais – quase a única que seus pais impunham em função da limitação de fazer maior intervenção no estudo dos filhos – a maioria dos entrevistados tinha o mesmo pensamento. Nessa circunstância, prioritariamente, a meta a ser alcançada para os entrevistados era aprender a língua portuguesa e ser fiel ao seu primeiro dever como estudante.

Kim Ae-yeong, que veio ao Brasil já com dezessete anos de idade, fala que no início não ia estudar vindo ao Brasil, mas logo ela pensou e falou para sua mãe: “Mãe, se eu continuar assim em casa, o que serei da minha vida? Acho que vou ter que começar Madureza⁹⁷, não acha?”, daí começou a planejar seu futuro:

Comecei a pensar que precisava aprender o português bem, porque sou muito ruim em português. Por isso, falar bem o português... o meu sonho é ser o arquiteto. Por isso depois de aprender bem o português, eu penso em fazer arquitetura. Por isso comecei Madureza um ano e pouco. [...] Porque nós não podemos repetir o ano, por isso quando ia para escola tinha que concentrar e não pensar em outras coisas como namorar e tal. Os brasileiros namoravam, mas eu pensava “Tenho que estudar para passar de ano”. [...] Na escola abria bem os olhos e prestava atenção na aula. Mesmo não sabendo a língua direito pensava que precisava prestar atenção para seguir em frente. (Tradução nossa)

Assim, observa-se que, para outros entrevistados que imigraram nas décadas de 1960 e 1970, a consciência do seu dever de estudar foi muito mais aguçada do que para os imigrantes posteriores, embora ambos tivessem empregado maior tempo e recurso no estudo como um todo. Kang Eun-won recorda que, entrando na faculdade, “ficava na biblioteca até o zelador expulsar ela logo antes de fechar”.

A meta mais próxima que os entrevistados visavam alcançar com o estudo era ingressar na universidade, lugar onde seriam preparados com conhecimentos profissionais para integrar na sociedade brasileira. Então, vê-se que muitas vezes a escolha da escola foi feita dando prioridade àquelas com currículo melhor estabelecido para preparar os alunos para o vestibular. O caso de Kim Su-jin mostra bem essa tendência. Vejamos:

Como tinha amigos na igreja, eles me falaram que se estudasse no colégio Bandeirantes, eu poderia entrar numa boa faculdade. Também falaram que era uma escola com professores qualificados que se diferenciava das outras

⁹⁷ Nome do curso de educação de jovens e adultos – e também do exame final de aprovação do curso - que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961. Fixava em 16 e 19 anos as idades mínimas para o início dos cursos, respectivamente, de Madureza Ginásial e de Madureza Colegial. Exigia, porém, um prazo de dois a três anos para a sua conclusão em cada ciclo, exigência essa abolida posteriormente pelo Decreto-Lei n° 709/69. Isso ocorreu porque a clientela dos exames de madureza era formada, na sua maioria, de autodidatas que tentavam suprir a formação escolar dentro de suas próprias condições de vida e de trabalho. Para estas pessoas somente o exame interessava. Em acordo com o Ministério da Educação, a TV Cultura, da Fundação Padre Anchieta, produziu o primeiro Curso de Madureza Ginásial da tevê brasileira que contou com uma rede de telepostos em vários municípios paulistas, com a finalidade de atender às necessidades da massa de indivíduos marginalizados da rede escolar, utilizando para tanto os recursos propiciados pelo rádio e televisão. Em 1971, o Curso de Madureza foi substituído pelo Projeto Minerva e, posteriormente, pelo curso Supletivo. (MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Madureza" (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=293>>

escolas. Que era difícil, mas se eu me esforçasse poderia entrar numa boa faculdade. Por isso, na época, eu decidi estudar lá. (Tradução nossa)

Podemos observar no depoimento de Oh Min-chan que ingressar na universidade era importante para ele também, (que dizia nunca tinha menor interesse no estudo):

Formei-me e logo entrei no curso de contabilidade da PUC. Todas as pessoas que me conheciam ficaram surpresas. “Você, entrou na faculdade?” [...] Eu também fiquei surpreso. Mas eu me esforcei muito quando estava no terceiro colegial. Eu tinha no meu pensamento que eu teria que entrar numa faculdade sem falta. Eu lembro que quando estava no meio do 3º colegial meu pai estava muito descontente comigo. O meu relacionamento com ele não era bom. [...] Meu pai falava: “Eu me formei numa faculdade boa, isso e aquilo, e você”. Por isso respondi assim: “Tudo bem o senhor não esteja contente comigo que para ver se entro ou não na faculdade este ano”. E eu entrei. [...] (Tradução nossa)

Dessa maneira, grosso modo, parece que todos os entrevistados seguiram caminho semelhante até o ingresso na universidade, o que era o maior objetivo até então. Já a partir do momento da escolha de área de especialidade, podemos ver aspectos mais variados em termos de motivo, objetivo, influência das opiniões dos pais e mudança de plano pela percepção da realidade.

Estima-se que os entrevistados das levas anteriores da imigração assumiram naturalmente o papel pioneiro na exploração de áreas profissionais onde não havia presença coreana. Im Hye-suk conta o porquê decidiu fazer o curso de medicina:

Na verdade, o motivo de eu entrar na medicina, na verdade eu não sabia o que fazer. O meu caçula machucou uma vez. Não sabia falar português, na época nem sabia como funcionava. Aí, eu senti: “Ah, na faculdade, tenho que entrar. Vamos estudar.”, “Ah, precisa de médico em casa. Ah, então eu vou ser médica”. Na minha casa não tinha médico. Como estudei ginásio na Coreia, matemática era muito fácil para mim. Acho que participei de umas olimpíadas. E até fui campeã de São Paulo. Como matemática era fácil, pensei comigo: “Será que faço engenharia?” Mas isso também me obrigaria a estudar cinco anos. E parecia coisa para homem. Aí como meu irmão se machucou; medicina tinha que estudar seis anos... e como precisava de um médico... [...] Mas se medicina precisasse muito dinheiro de investimento durante os estudos nem poderia fazer. Na época fiz porque era de graça. (Tradução nossa)

Assim, Im foi eliminando outras áreas candidatas que lhe surgiam na época e a escolha final se deu de um modo simples e determinado, incentivada pelo fato de que a faculdade era gratuita por se pública.

No caso de Kang Eun-won, médica, a escolha se deu por convicção, tanto dela quanto de sua mãe: mulher tem que ter a sua própria carreira profissional. Depois de sua formação em medicina, ela teve que decidir se ia abrir clínica nos bairros com maior concentração de imigrantes coreanos, como muitos seus conterrâneos formados da medicina fazem, ou permanecer no hospital universitário, pois também não podia ignorar a grande diferença de renda entre as duas opções. Ela explica como seu marido brincava sobre a escolha pela segunda opção (neste momento fazia pouco tempo que se casara): “Por isso até o início do meu casamento tinha uma frase que ele tirava muito com a minha cara: ‘você entre os seus amigos é o que vive mais pobre’. (Tradução nossa)”

Por sua vez, Kim Ae-yeong conta que mudou de plano inicial de fazer arquitetura por causa do aconselhamento de uma amiga, também imigrante coreana:

Uma amiga da minha irmã mais velha olhou pra mim e disse: “Em vez de arquitetura faz odonto. Se abrir um consultório de dentista só vai entrar dinheiro.” Por isso eu mudei o curso para odonto. E se fizesse arquitetura eu precisava procurar emprego, como nós somos imigrantes onde arrumaria um emprego? (Tradução nossa)

Ela fala que trabalhar no ramo de confecção ou casar com alguém desse ramo era uma escolha que ela jamais iria fazer (e nem a mãe dela), embora a essa altura a dedicação ao ramo de confecção já estava surgindo como a estratégia da ascensão econômica “mais realista” para os imigrantes coreanos. Por outro lado, ela não podia ignorar totalmente a realidade, então, seguindo essa sugestão, abriu uma clínica odontológica onde atendia tanto clientes brasileiros como coreanos, o que se pode dizer um plano mais realista do que o inicial.

O importante é notar a participação dos fatores “realistas” na elaboração do projeto profissional dos entrevistados, algo que já começa a partir da escolha da área de especialidade na universidade. De fato, muitos estudantes com diploma universitário nas diversas áreas regressaram para os bairros Brás e Bom Retiro, visando se dedicar aos trabalhos mais estáveis, normalmente já estabelecidos pelos conterrâneos, em especial, no ramo de confecção.

Poderíamos vislumbrar, em alguns casos dos entrevistados, o que os levam a não darem continuidade na área de especialidade. Baek Geyong-tae, especializado em administração, fala que trabalhou alguns anos em bancos como analista de crédito, mas decidiu começar de novo no ramo comercial, depois de avaliar o grau de satisfação com a sua qualidade de vida no futuro, caso continuasse no banco:

No começo, você não sabe **o quanto fiquei com dó que tinha aprendido...**, comecei a trabalhar no banco. E naquela época não tinha muita gente que tinha feito pós-graduação... Deixe-me ver... Será que meu salário inicial no banco era 1.500 dólares? Na década de 70, achava que estava ganhando bem, mas depois eu vi que não era tanto. Comparando com o salário médio, e como não era tão bom o salário, foi difícil continuar trabalhando lá. Vendo um senhor que tinha profissão liberal, e que nem precisava usar gravata, estava vivendo bem melhor que eu, com horário flexível... Por isso se continuar aqui daqui frente até onde... Comecei a planejar e vi que... **Se eu ficar assim 10 anos, até onde posso crescer? E até onde chegaria? Será que eu estaria satisfeito? Será que é melhor eu procurar outra coisa?** (Tradução nossa, grifo nosso)

Foi assim que ele começou a trabalhar com a fabricação e venda de roupas de crianças na loja de Bom Retiro, junto com sua esposa; e, hoje, também com a importação de tecidos e outros produtos.

Por sua vez, Ha Jeong-a recorda o quanto adorava o curso que fazia, comunicação visual, que, no início, escolheu, porque, sendo área da arte, havia mais aulas práticas do que teóricas, o que lhe facilitaria acompanhar a aula. Mas, depois da formação, ela precisava deixar seu sonho de lado, segundo sua declaração:

Os meus pais trabalhando com confecção sofreram muito. Esse trabalho, eu tinha que ajudar, mas o que eu queria fazer era outra coisa. Por isso foi difícil pra mim. Quando entrei em artes e comecei a estudar comecei a gostar muito. Depois de formada, eu queria continuar a crescer na minha área. Não consegui e fiquei muito chateada com isso. Alguns anos. [...] **Fiquei pensando e ajudando os meus pais, fiz com responsabilidade...** E agora, **como meu marido já fazia antes de casar, comecei a trabalhar junto com ele.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vemos no relato de Ha, no início pela responsabilidade de ajudar seus pais que tinham uma loja de roupas e depois para acompanhar seu marido, que já havia trabalhado no mesmo ramo havia tempo desde solteiro, ela acabou ficando no ramo de confecção, como muitos imigrantes coreanos.

De modo semelhante, Ju Yeong-chai também trabalha hoje como administradora da loja de roupa que seus pais começaram, depois de se formar em línguas estrangeiras, área que escolheu porque queria ser intérprete e trabalhar alguns anos numa empresa na Coreia. Quanto à opção pela volta ao Brasil e participação da administração da loja, sua fala é bastante diferente da dos outros: “Quero ser uma grande empreendedora. Gostaria de continuar neste ramo.”

No caso de Ko Su-hyeon, é motivo de orgulho o fato de que a colônia coreana está tendo uma atuação dinâmica no comércio de confecção do Brasil. Ela mesma pretende abrir

uma confecção mais sofisticada para poder apresentar nas revistas e nos desfiles aonde vai se encontrar lado a lado com os profissionais brasileiros. E quanto a crítica de que fazer a confecção reflete uma mentalidade bem acomodada de querer seguir o caminho fácil em vez de batalhar numa outra área que esteja mais integrada à sociedade brasileira, diz ela:

[...] O que eu acho dessas falas que a *Geração 1.5* e a segunda geração acabam seguindo o rumo dos pais porque é fácil assim? Não sei... em minha opinião, se eles realmente querem seguir a outra área, eles seguem... mas acho difícil eles abandonarem tão facilmente o que os pais ergueram até hoje.

Para Ko, abandonar de vez o que seus pais construíram com muito esforço também é uma escolha que não é a melhor escolha para todo mundo. O pensamento preconceituoso, na opinião dela, é visto mais exatamente naquelas que criticam os que se dedicam ao ramo de confecção generalizando-os como se essa escolha fosse feita só para ganhar muito dinheiro e de modo fácil.

Por sua vez, no projeto da vida de Park Dong-min, advogado no bairro de Bom Retiro, não havia espaço para algo relacionado a coreanos entrarem, pois ele “se distanciava propositalmente de qualquer coisa ou pessoa que lembrasse a Coreia”. Isso perdurou enquanto ele não terminou seu segundo curso, na área de Direito. Até então, seu maior objetivo era ter uma carreira que lhe garantisse o conforto e prestígio intelectual. Conforme suas palavras, ele voltou para a comunidade coreana pelo seguinte motivo:

O motivo de eu ser advogado é que um amigo pediu ajuda e percebi que muitos coreanos estavam passando por injustiças absurdas, então acabei desistindo do concurso público e entrei de cabeça na profissão de advogado. Fiz muitos trabalhos de graça para ajudar. [...] Pois ficava com dó e sentimento de culpa. Trabalhando acabei tendo mais contato com a comunidade. Eu morava em Santos... Como morava longe, comecei a ver a realidade dos coreanos depois que eu vim trabalhar no Bom Retiro. [...] Depois disso, não só problemas de direito, mas problemas sociais, pessoais, étnicos, nacionais, e fiquei por dentro. (Tradução nossa, grifo nosso)

Dessa maneira, a questão da “permanência ou retorno ao Bom Retiro” parece envolver vários aspectos no que diz seu motivo. Muitas vezes a escolha se dá depois da “negociação” entre um sonho maior e uma vida estável para alguns, enquanto, para outros, essa escolha é feita por meio da “resignificação” da participação do ramo de confecção ou das outras áreas profissionais que envolvem a comunidade coreana.

No caso de Lee Pyeong-an, a escolha se deu entre a medicina e o Direito. Hoje, juiz, afirma que decidiu fazer o curso de Direito considerando mais o mercado de trabalho do que a

concorrência no vestibular: “Tem muito mais oportunidades. Na minha família não tem nenhum médico, por isso é difícil de crescer mais. Até ficar no consultório vai ficar difícil, mas se isso não der certo. Entre os parentes, a maioria tem loja de roupas e de óculos.”

No relato dele, novamente surge à questão do “suporte”, mas desta vez, da família, que poderia estimular o crescimento profissional como médico se sua família tivesse esse suporte. No entanto, ao ser perguntado se pensa em se juntar à administração da loja de roupas dos pais, o que pode ser o “suporte” ou a “base” segura caso quisesse, responde determinadamente que não conta com essa possibilidade porque “não gosta de trabalhar na loja”, só pessoalmente. Ele admite que o ramo representa muitas vantagens para os imigrantes coreanos porque pode ter seu próprio negócio e não precisa trabalhar “sob as ordens de alguém” – de fato, este parece um dos motivos pela preferência por negócios autônomos entre os imigrantes coreanos em São Paulo. E complementa: dizendo que não vê nisso nenhum problema como muitos criticam.

Diferente de Lee, Choi Seung-gyu, formada em engenharia elétrica e com atuação profissional na mesma área, fala que abrir uma loja de roupas até pode ser sua segunda opção, mas “ainda prevalece a primeira”. Esta seria a de montar um escritório de engenharia, para o qual já está se organizando junto com um amigo.

Vemos no caso de Jang Yeon-hui, que hoje está se preparando para ser juíza, que direito não era o curso que ela queria fazer originalmente. Ela teve que mudar de ideia por causa da limitação ou da barreira que enfrentou perante a imperfeição de seu português e o fato de que ela é asiática:

Minha área é direito. **Até o primeiro ano de colegial, queria ser âncora.** Porque gostava de falar e ler. E gostava de fazer debate com o tema escolhido. **Mas eu não tinha segurança 100% em relação à língua portuguesa.** Ainda não acho que a minha pronúncia seja 100%. **E por ser oriental, as pessoas ao meu redor diziam que ia ser muito difícil de eu entrar.** Professores também falaram que âncora ia ser um pouco difícil. (Tradução nossa, grifo nosso)

Reconhecendo a realidade, sobre a qual as pessoas ao redor dela aconselharam, ela decidiu fazer o curso de direito. Mas nem por isso ela se desistiu de trabalhar num ambiente onde conviveriam mais com brasileiros: sendo juíza, em vez de ser advogada na comunidade coreana, a chance de ela penetrar mais na sociedade brasileira será maior.

Por sua vez, a história de Kim Tae-eun chama a nossa atenção por parecer o contrário dos outros entrevistados que dizem que “não queriam muito, mas acabaram

decidindo ficar no ramo (de confecção)”. Ela fala que, desde criança, quis fazer a moda e que, no seu caderno, desenhava roupas e tinha certeza de que ela queria trabalhar com a moda. Mas ela mudou de ideia no dia da inscrição para curso:

Mas na hora da inscrição mudei para comunicação. Na hora. Uh... é um caso diferente. Sempre tinha um sonho na cabeça. [...] Acho que ficou um trauma no inconsciente. Acho que por isso mudei de última hora. Acho que bem no fundo as dificuldades que passei na infância me fizeram querer mudar de área. Então prestei e fiz a prova para o curso de comunicação. (Tradução nossa)

Para Kim, o sofrimento que seus pais tinham passado trabalhando no ramo de confecção de roupas, especialmente por causa de fraudes de alguns dos seus próprios conterrâneos, foi o que lhe deixou o “trauma”, do qual nem ela estava consciente até o dia da prova. Hoje ela se dedica à moda, dominada pelos imigrantes coreanos no Bom Retiro e Brás, o que teoricamente reduziria a chance de se envolver fundo na relação com eles. Porém, formada de comunicação, hoje ela tem uma participação, além na sociedade brasileira com um todo, na comunidade coreana também, mas voluntariamente sem aquele trauma.

Enquanto isso, Gwak Tae-gyeong, cujos pais vieram ao Brasil como missionários trazendo os filhos, conta que sua escolha pela área de Relações Internacionais se deu especialmente motivada pelas experiências nas culturas diferentes do mundo: “É porque primeiramente, queria entender o mundo em que eu vivo composto por tantos países, povos, raças e etnias diferentes. Queria entender porque o mundo funcionava da forma que ele é.”

Ele podia se identificar com esta área exatamente por ser tão vasta e rica, dando “inúmeras possibilidades” a explorar no momento em que ele não sabia o que fazer também diante das “muitas possibilidades” dadas a ele por meio de sua trajetória única.

Retomando um pouco a questão de encruzilhada, encarada por muitos imigrantes coreanos entre o ramo de confecção e demais áreas onde não há base ou suporte que pudesse apoiar os imigrantes coreanos, é interessante ver como Hwang In-pyo, pastor de uma igreja presbiteriana, explica, à luz da sua experiência, essa tendência ou mecanismo de como muitos dos imigrantes coreanos enfrentam um muro quando planejam penetrar mais na sociedade brasileira e optam por apostar no ramo de confecção:

[...] Quando eu tive que escolher a área na faculdade, aí que caiu a ficha: “... **será que fico na confecção?**”... Confecção com certeza também é para a sociedade brasileira, haha, é voltado para clientes brasileiros... Nessa época que entrei num emprego onde só havia brasileiros. Aí, mais uma vez: “**então será que eu vou continuar vivendo no Brasil?**”. Tem que viver. Então

agora em diante o Brasil tem que ser como minha nação. Tem que ser minha segunda nação. Senão sempre tem que viver triste e sofrendo. Quando for assim... Isso acontece mais com pessoas que estudam mais e quando volta à realidade sentem isso. Então começa a encontrar pessoas. **“Eu, sou o que?”** Começa a ter pensamentos assim. (Tradução nossa, grifo nosso)

Neste depoimento, vemos as perguntas que ele dirigia a si mesmo nos momentos em que ia dar o próximo passo e cada vez que ele tinha que escolher entre a comunidade coreana em São Paulo ou a Coreia e o Brasil. Se a comunidade coreana ou a Coreia lhe representaram uma “base” ou “suporte” do qual ele poderia depender por elas serem sua cultura de origem, o Brasil significava a ausência dessa base. Podemos ver que ele ainda tinha que responder mais às suas perguntas nos outros momentos de grande decisão:

Em meio a tudo isso eu tinha o chamado de Deus. O que eu passei de dificuldade na época: **“Para fazer o curso de teologia será que tenho que ir para a Coreia ou devo ficar aqui?”** [...] Primeiro decidi que vou começar os estudos no Brasil. Foi simples. Porque foi aqui (que Deus) me chamou. Concluí o curso de teologia aqui... E tive outro dilema: **“Será que vou receber o pastoral aqui no Brasil ou na Coreia?”** Pensei: “Tenho que saber mais sobre o Brasil”. Por isso me tornei pastor aqui. Mas tinha preconceito. Mas na parte do Brasil, não me reconheciam como pastor e entre as comunidades algumas pessoas me conhecia. Todo dia eu fazia o papel de intérprete... [...] Nessa época pela segunda vez... ah... Fiquei embaraçado... Então eu... fui para a África. Fazer doutorado. [...] O que foi melhor lá é que pela primeira vez vivi só com a minha família. Aí pude **observar**. Estudei lá e junto com outras pessoas pude ver. Ali pude ver muito isso. Ficando sozinho. Não recebendo outras interferências. Eu estudando e pensando e fui percebendo... Fiquei mais sozinho e a minha visão abriu. (Tradução nossa, grifo nosso)

Hwang, tendo duas referências culturais igualmente relevantes para a elaboração de pequenos e grandes planos da vida, coreana e brasileira, também contava predominantemente com essas duas referências na hora de tomar decisão, até antes de incluir uma terceira opção nesse processo. É interessante ver que ele, depois de certo tempo de vivência e aprendizagem nessas duas culturas, virou seus olhos para a África, onde foi possível ele se distanciar das suas duas bases, ou seja, olhar para elas com os olhos mais objetivos. Ele conta que essa oportunidade foi um ponto da virada, a partir do qual começou a se livrar do sentimento de estar preso entre possibilidades limitadas que as duas referências incompletas. Ter duas opções já é uma condição mínima para se fazer uma escolha. Hwang tinha duas referências desde o momento da imigração. No entanto, no sentido de que a ideia da imigração para o Brasil foi concebida e posta em prática puramente por seus pais, essas referências nem sempre foram percebidas e usufruídas como opções que lhe dessem mais liberdade simplesmente por

serem plurais. Mas foi saindo um pouco da sua base mais íntima, coreana, e de outra base ainda não completamente “minha ou nossa”, brasileira, que Hwang passou a olhar as duas referências de modo diferente de antes: com o olhar mais objetivo, sim, mas também finalmente pronto para abraçar ambos dentro de uma visão maior de mundo.

Continuando a ter experiências em outros países após essa primeira experiência com a terceira possibilidade, hoje ele tem seu ministério no Brasil. Escolha que fez voluntariamente. Viver no Brasil hoje é um “projeto consciente dele” e não mais dos pais dele e, isso afeta no modo de interagir com a sociedade brasileira. Suponho que tal mudança não necessariamente pode acontecer através de experiência da saída física do Brasil e da comunidade coreana no Brasil, embora isso possa ser um motivo mais intensivo que outras maneiras.

Acredito que examinar o processo de tomada de decisão tanto da área de especialidade quanto da carreira profissional pelos entrevistados tem grande importância no sentido em que ele está diretamente ligado à percepção aguda da sua posição como imigrante coreano numa sociedade onde são estrangeiros. E, como vimos acima, ao tentarem se definir no nível profissional, de uma forma ou outra, muitos são movidos pela insegurança de seu lugar, pela percepção de que estão num mundo ainda a ser explorado e conquistado, especialmente tendo como outra opção, no caso, comunidade coreana, onde já se acredita ter seu espaço garantido.

7.2.2.2 Contribuição à sociedade – significação ativa da sua identidade como *Geração 1.5*

Então, é no sentido elucidado no tópico anterior que se pode dizer que a questão de identidade não é simplesmente responder a uma pergunta “Quem sou eu?”, especialmente para migrantes internacionais. Em vez disso, ele atribui um significado mais ativo assinalando a necessidade de constantemente dirigir a si mesmo perguntas mais concretas como “Estou vivendo para me tornar quem?” ou “Como quem devo viver?” e assim, um pode encontrar a resposta à pergunta original e existencial “Quem sou eu?”. Aqui se verifica, mais uma vez, que a visão de si não é algo que seja dada e permaneça num único estado sem sofrer de modificação, pelo contrário, é a dimensão que exige a articulação constante de projetos, dando significado ativo, (no caso dos entrevistados, à vida como imigrante coreana no Brasil e à sua posição entre dois mundos que eles permanentemente transitam).

Não seria equívoco então entender a manifestação entre os entrevistados da vontade de contribuir tanto à sociedade brasileira quanto à coreana através da sua profissão como manifestação da vontade da “organização dos fragmentos de fatos e episódios separados

acumulados na memória (VELHO, 1994), dos quais o sentido de identidade depende em grande parte.

Examinando os papéis exercidos pela comunidade coreana na formação da identidade, vimos alguns entrevistados apontando algumas imagens negativas dela e as contribuições a serem dadas por ela tanto para si quanto para a sociedade brasileira. Foi possível notar que nem todos se sentem seriamente responsáveis pelo gesto de mudança na direção a esses tópicos por eles apontados a ponto de incluí-los na sua agenda do projeto individual.

Im Hye-suk fala que até hoje tem se dedicado como médica mais ao serviço destinado exclusivamente aos brasileiros, mas sem pensar sobre como criar um “elo” entre sua identidade coreana, da qual ela diz nunca ter duvidado pessoalmente, e a identidade cultural brasileira construída no Brasil:

Pelas pessoas daqui, por esse país, como coreana, quero fazer o máximo. Quero contribuir para o bem desse país. [...] Agradeço por poder fazer atividades sociais através da KOWIN⁹⁸. Até agora vivi centrada em mim mesma e atendendo os meus pacientes brasileiros... mas KOWIN me fez mudar. **Quero dedicar um pouco mais do meu tempo para melhorar a imagem da comunidade coreana e da Coreia.** [...] Eu sozinha não consigo fazer, mas com a força em equipe é mais fácil de fazer. (Tradução nossa, grifo nosso)

Jeong Se-bin, publicitária, que recentemente quis descobrir o outro lado da cultura coreana, e está empolgada com seu plano para futuro próximo: fazer curadoria de uma exposição de arte compostas só por artistas coreanas, visando criar uma ponte entre a comunidade coreana e a sociedade brasileira, bem como entre a primeira e a segunda geração dos próprios imigrantes coreanos. E para ela, isso tem que ser exatamente no bairro de Bom Retiro onde, como ela explica: o Parque da Luz, o Museu Pinacoteca e Museu da Língua Portuguesa estão “pertinho da gente”, imigrantes coreanos:

Então (quero organizar uma exposição) mesclando entre artistas consagrados, artistas já com uma base e carreira sólida e artistas novos, talentos emergentes, jovens, e várias mídias, além de escultores, fotógrafos, pintores e até artistas performáticos. [...] ali no Bom Retiro que pudesse marcar, “Olha, a Coreia não é só carne de cachorro, *kimchi*, e escravização de bolivianos. Tem coisas muito interessantes que **vocês brasileiros** deveriam ficar bem de olho, prestar bastante atenção porque tão vindo tudo aí.” E também trazer uma forma de a gente despertar o interesse dentro da própria comunidade coreana. Assim, “**você que é a mãe e pai coreano**, eu acho que

⁹⁸ Korea Women's International Network

tá na hora de você bater na bunda do seu filho e falar pra eles: “sabe que na Coreia não é só essa coisa de *kimchi*, *gochujang*, *doenjang* que vocês rejeitam. Tem muitas coisas interessantes para jovens.” [...] (Grifo nosso)

Quando entendemos, alicerçados na reflexão de Buber (1974) e Velho (1987; 1994), fica evidenciado a “objetivação” por Jeong Se-bin dos imigrantes coreanos, bem como dos brasileiros – ambos são Nós ao mesmo tempo em que são os Outros para ela –, no momento da elaboração do projeto, se colocando “entre” eles. Nesse momento, ambos se tornam “Eles” para ela, mas ela não fica só nesse mundo de objetivação. Depois da objetivação dos mundos a que ela pertence, ela volta a se colocar na relação atual com ambos, transitando livremente entre esses dois mundos como intermediadora dos dois.

Vale trazer aqui os comentários de alguns dos entrevistados sobre o sentido da *Geração 1.5* que chamam a nossa atenção por atribuírem um significado mais ativo às pessoas pertencentes a essa geração, enfatizando a necessidade de um maior esforço consciente para realmente cumprir o papel de “ponte” como a *Geração 1.5*. Kim Su-jin dá sua opinião de que, apesar de essa ser considerada uma ponte por existir no meio das duas gerações e assim das duas culturas, isso por si só não bastaria para realmente exercer seu papel como intermediador que “não atrapalha” a relação das partes que ela está tentando aproximar:

O trabalho de ponte pode ser uma ajuda, mas também pode atrapalhar. Se olhar pelo lado bom, podemos dizer agente intermediário. Por exemplo, o intérprete só precisa transmitir o que estão falando, mas se ele estudar um pouco antes sobre o assunto pode ajudar muito. Mas não teria grande poder de decisão. Mas como sou advogada, tenho mais poder. Acho que esse é o meu papel. [...] E também as partes que poderiam ter engano, mas podemos esclarecer isso. Se fizermos bem isso, podemos dizer que estamos cumprindo o nosso dever. (Tradução nossa)

Mais uma vez, podemos notar que a *Geração 1.5*, como um todo, surge como “Nós”, com a qual Kim Su-jin se identifica de modo mais semelhante e intensivo por compartilhar suas experiências, sentimentos, senso da sua posição a identificação. Ela expressa esse papel a ser assumido pela *Geração 1.5* como ponte, intermediador, e conselheiro, dando-lhe um significado mais ativo ou dinâmico. Isto é, “trabalhar conscientemente” para estreitar a relação entre o Brasil e a Coreia, e não “estar aí” simplesmente, seria a função que a *Geração 1.5* tem que assumir como verdadeira ponte.

Entretanto, ela, que trabalha na equipe da Ásia de um grande escritório de advocacia brasileiro em São Paulo, confessa que nem sempre tinha esse pensamento. Embora ela se orgulhe da sua raiz coreana, antes pensava que levar isso para o mundo profissional era

“aproveitar” essa base, levar “privilegio” e facilitar o caminho. E essa angústia a fez evitar, propositalmente, assumir trabalhos relacionados à Coreia, porque quis competir justamente com seus colegas brasileiros. Hoje, através dos conselhos dos veteranos da área, tanto brasileiros quanto coreanos que já se encontram no topo de suas carreiras, ela reconhece que é com o que ela tem e é que deve maximizar a sua contribuição à sociedade. Sobre isso, ela afirma: “Eu quero entrar o mais fundo possível na corrente principal da sociedade brasileira”, e isso para ela é um projeto mais possível do que antes, porque agora conta com mais um recurso, que já tinha, mas que não disponibilizava antes.

De fato, não é difícil ver casos parecidos como este. Por exemplo, ao longo das entrevistas e do percurso da pesquisa, ouvi alguns casos, especialmente aqueles que têm experiência em desenvolver trabalho acadêmico sobre a imigração coreana no Brasil na área das Ciências Humanas e Sociais, falam que no início não tinham essa intenção, mas que foram orientados para tal pelos seus professores orientadores.

É interessante também ver que a carreira de diplomata ou a área das Relações Internacionais são escolhidas por alguns dos entrevistados pelo desejo de tirar o máximo proveito de suas experiências multiculturais. Para Han O-jun, que começou recentemente a fazer curso na área, a *Geração 1.5* tem potencial para ser diplomata e isso pode ser sua contribuição à sociedade.

Por sua vez, vimos anteriormente no depoimento de Gwak Tae-gyeong que a identificação com as inúmeras possibilidades na área de relações internacionais levaram-no a escolher esta área como especialidade. Porém, naquela época ele ainda não tinha um eixo bem definido em torno do qual organizasse as possibilidades que lhe foram dadas também de modo consistente. Sendo ainda estudante universitário, talvez o tempo tenha sido curto para ele elaborar um projeto concreto, mas ele diz que a “base” ou “ponto de partida” será o Brasil. no campo de negócios internacionais. Quanto à identidade cultural, ele fala que quer contribuir com ambas as sociedades através da preservação da cultura coreana, de modo que esta fosse enriquecer a diversidade cultural da sociedade brasileira, trazendo os “bons exemplos” dados pelos imigrantes – como árabes, principalmente libaneses, japoneses e italianos entre outros – porque:

Eles permanecem profundamente enraizados neste país com suas gerações contínuas, sem perder a suas origens. Não é só isso. Deixam suas marcas de forma intangível e tangível, por exemplo, nos hospitais, clubes, e também tem muitas pessoas que estão posicionadas como dirigentes deste país. E, por fim, gostaria de contribuir e ser lembrado junto aos coreanos neste país, com coisas novas, legados novos que outros povos não deram.

Gwak Tae-gyeong termina falando cautelosamente: “Um exemplo seria: o povo que mais contribui no desenvolvimento educacional do Brasil”.

Jang Yeon-hui, que também diz ter o desejo de contribuir na área da educação, especialmente, fazendo uma escola pública no Brasil, trazendo o assunto de preconceito e discriminação étnica na classe alta intelectual. Ao falar sua visão profissional, ele afirma:

Isso, hum... Faz um a dois anos que comecei a pensar assim, tem pessoas injustiçadas. Principalmente na sociedade coreana, queria ser força para essas pessoas. Agora temos promotores... A sociedade brasileira é assim. A diferença entre *high class* é pior ainda. Os japoneses até que respeitam mais, os coreanos eles ignoram. Como tem muitos coreanos só em confecções não temos muitos profissionais na área de direito. Por isso, penso que precisa sair melhores profissionais dessa área. Eu também penso que quando estiver na sociedade trabalhando será que eu não poderia ajudar a comunidade coreana? (Tradução nossa)

Tanto ela como outros que se dedicam à área de Direito fora da comunidade coreana deixam claro que sua contribuição profissional não é algo que possam fazer pessoalmente, dando vantagem para os imigrantes coreanos. Por exemplo, Lee Pyeong-an fala que, pela profissão, ele não poderia ajudar especificamente a comunidade coreana, e que trabalhar para a sociedade brasileira como um todo é o papel dele. A respeito disso, ele aponta o lado negativo que ele vê em alguns imigrantes coreanos:

Me parece que os coreanos têm isso, você sabe, tirar vantagem, querer ajuda quando acham que alguém tá bem sucedido na sua área... Isso não me parece tão legal. O que eu posso fazer é compartilhar minha experiência nos eventos como palestra, tirar dúvida, informação, dica.

Dessa maneira, observa-se que os entrevistados passam pela fase em que dão significado ao que têm passado para a continuidade de trajetórias individuais e sociais no futuro. Com certeza, o grau de especificidade varia de caso para o caso e, talvez, os depoimentos aqui colocados sejam projetos expressos de modo mais concreto. E muitos dos entrevistados hesitam para dar nome “projeto” ao seu plano porque acham que não é nada de grandioso sob seu próprio olhar. O que eles pretendem fazer, e têm feito, é ser “fiel” ao seu dever, tanto na carreira quanto na vida mais íntima. E para eles é exatamente isso, uma contribuição à sociedade. Também se nota que os entrevistados, como um todo, reconhecem o Brasil como base onde plantarão seu projeto e recolherão seu fruto, o que é uma coisa indiscutível para eles.

Um fato interessante de ser observado, em se tratando do processo da significação ou ressignificação da trajetória passada, é ver que nesse processo também há procura para repensar o significado do projeto elaborado pelos seus pais, a “imigração para o Brasil”, não como base da elaboração do projeto dos entrevistados, como vimos até agora, mas se colocando no lugar deles. O relato de Jeong Se-bin, que diz pretender organizar uma exposição sobre a cultura coreana, descreve simbolicamente essa curiosidade que surge com o tempo, usando a palavra ou o objeto “*bottari*”, que significa uma espécie de “pacote” de tecido na Coreia. Vejamos:

[...] A primeira obra que quero que os espectadores vejam é o *bottari*. Porque pra a gente que é imigrante, isso tem significado muito grande. Porque você ser imigrante, é, é uma palavra que você ouve muito, né? [...] Nós que somos imigrantes, criança não sei, quando você era criança toda casa coreana é muito comum você ouvir sua mãe dizer: “Se você não for boazinha, vou fazer *bottari* e sair de casa.” Elas ameaçam sair de casa, fugir de casa. Então essa palavra *bottari* já é muito familiar pra mim, né? [...] Mas uma coisa interessante pra nós imigrantes é que meus pais realmente fizeram *bottari* e saíram da Coreia e vieram para o Brasil... E é lindo. [...] *Bottari* é uma coisa que na época fazia na hora de mudança de casa ou da fuga durante guerra. Então na hora você tá desesperado, fugindo, mas você carrega um *bottari*. E você fica imaginando. **O que será que os meus pais e meus avós trouxeram dentro do *bottari* deles.** É mais do que roupas velhas, mais do que sapatos, cobertores. **Eles trouxeram sonhos, esperança, né, quem sabe no Brasil a minha vida vai dar certo, quem sabe a coisa vai mudar,** então isso eu acho que foi uma simbologia representatividade muito poética e muito bonita. (Grifo nosso)

Como vemos no relato de Jeong, há uma pergunta ou perguntas que ela lança a si mesmo ao pensar em *bottari* e que quer dirigir às pessoas que vão visitar a exposição que pretende fazer com essa temática: “O que será que os meus pais e avós trouxeram dentro do *bottari* deles?”, ou seja, “Que sonho será que eles tinham ao imigrar para o Brasil?” Podemos entender que a curiosidade de Jeong por *bottari* a estimulou para pensar no lugar dos seus pais com relação à imigração para o Brasil, que era um projeto para eles. É possível entender o relato de Jeong como uma expressão maximizada de tal curiosidade, a qual provavelmente se deve à sua profissão, publicitária, que exige dela uma criatividade maior.

Mas os relatos dos outros entrevistados, já casados ou próximos à idade para casar, permitem-nos presumir que “pensar no lugar dos seus pais”, e não só no lugar dos seus Outros mais explícitos, acontece mais frequentemente, tendo que elaborar um projeto sobre como educar seus filhos, como veremos a seguir.

7.2.2.3 Educação dos filhos, a segunda geração: coreano ou brasileiro?

Enquanto para a *Geração 1.5* a identidade coreana não foi algo que foi lhe transmitida em forma de um projeto bem elaborado pelos seus pais, para a segunda geração, que nasceu no Brasil, isso já se tornou uma dimensão de projeto que exige um esforço consciente da parte dos pais, seja a primeira geração, seja a *Geração 1.5*. Dos nossos 26 entrevistados, 16 são casados (e pais) e os 10 são solteiros, dos quais o mais novo tem vinte e cinco anos de idade. Sendo assim, considera-se que os entrevistados como um todo são capazes de opinar sobre o assunto com senso crítico razoável da realidade.

Acerca da identidade nacional dos filhos, parece que a maioria dos entrevistados reconhece a realidade com atitude mais objetiva, isto é, o projeto da educação dos filhos parte da base “meus filhos são brasileiros com raiz coreana” em princípio, embora, como isso seja aplicado em níveis mais detalhados, varie entre os entrevistados.

Im Hye-suk denomina seus filhos de “a segunda geração dos imigrantes coreanos que nasceram no Brasil” e complementa sua postura com relação a isso:

Meus filhos também são segunda geração de coreanos no Brasil. A raiz é coreana. Mas como nasceram no Brasil têm características de brasileiro. Isso é realidade. Como nasceram no Brasil é segunda geração. Mas eu falo: “Saiba que os seus pais são coreanos.” Isso tem que saber. [...] Não poder forçar. (Tradução nossa)

Assim, a partir desse fator mais óbvio e objetivo da identidade dos seus filhos, os entrevistados elaboram o projeto pelo qual os orienta a “absorver” ou “aprender” os lados positivos das duas culturas basicamente.

Por exemplo, Kang Eun-won conta que queria criar seus filhos como “cidadãos cosmopolitanos”:

Fiz planejamento. **Planejei assim: esta criança vai nascer como coreano que é brasileiro em relação a isso, vai aprender bem e, queria criar uma capacidade de conseguir viver bem em qualquer parte do mundo.** Por isso, tem que falar bem coreano, português e inglês. Queria criar esta criança para que onde quisesse viver possa ter a capacidade suficiente, e pensei muito em qual colégio matricular o meu filho. Por causa da identidade, matriculei-o numa escola brasileira. Porque se estudasse numa escola internacional poderia crescer sem estar ciente que é um coreano que nasceu no Brasil... Como tem muitos parentes nos EUA poderia viver lá também, ou falo que pode ir para qualquer outro país que quiser. Eu falo assim. **Tentei criar como uma pessoa que sabe respeitar o próximo e como um**

cidadão cosmopolitano que sabe aproveitar o melhor do lado oriental e ocidental. (Tradução nossa, grifo nosso)

Vemos que, para Kang, conhecer ambas as culturas, coreana e brasileira, ou seja, oriental e ocidental, como ela emprega, é essencial para se tornar cidadã ou cidadão cosmopolitano.

Hwang In-pyo, que também diz que a identidade dos filhos era uma das grandes preocupações ao casar, resume seu projeto da educação dos filhos em três pontos:

Acho que são as três coisas. Acho que estas três coisas chegam a uma conclusão no fim. Primeiro, por Brasil ser um país de imigrante, acho que a raiz é importante. Especialmente é importante quando criamos os filhos. Principalmente, para minha filha mais velha, sempre falo que somos coreanos, que viemos aqui como imigrantes. Para que entenda facilmente, falo muitas vezes de forma simples. Tinha uma época em que minha família morava na África. Então eu dou o exemplo a ela, e explico: “Você é descendente de uma família coreana que imigrou para o Brasil e que nasceu no Brasil e que morou um tempo na África”. É assim que eu ensino às minhas filhas quem elas são. Precisamos ensinar os nossos filhos que eles são a segunda geração de imigrantes coreanos. **Em segundo lugar, precisamos explicar sobre o Brasil: “Vocês são descendentes de imigrantes, mas também são brasileiros que precisam servir os brasileiros. Servindo o Brasil também estará servindo a Coreia que é país de origem dos pais.”** Enfim, se nós não servirmos bem o Brasil, no fim nossos filhos terão ponto de vista negativo em relação a... Eles vão pensar de modo negativo em relação a nossa raiz. Precisamos ser fiéis ao presente. Terceiro, falo assim: **“Você, com traços orientais, tem que se estender ao ‘mundo’, servindo no atual onde estão agora.”** Tem que ser assim. (Tradução nossa, grifo nosso)

Para Hwang In-pyo, o problema da identidade, passível de ser mais grave entre a segunda geração, como apontado por muitos dos entrevistados, pode ser resolvido quando os pais esclarecem aos filhos os pontos acima colocados, os quais levam estes a se perceber como o “coreano que vive no mundo”. Quando o indivíduo, em particular, descendente de imigrantes, tenta definir sua identidade conforme fronteira geográfica e imóvel, que é fronteira nacional, ele pode ficar confuso, não conseguindo entender o que ele é. Então o ideal, na opinião dele, seria tirar essa parte “Coreia”, e em vez disso, focar na sua posição como “descendentes coreanos espalhados no mundo”. Sendo pastor, ele entende que o que pode englobar esses pontos soltos num foco só, dando consistência entre eles, é a fé cristã, como também podemos ver esse ponto de vista acompanhando a reflexão de Buber (1974).

Parece que os depoimentos dos dois descrevem com maior nitidez o projeto com o qual muitos dos entrevistados têm orientado ou pretendem orientar seus filhos, embora a

clareza e concretude de tal projeto nem sempre chegue a ser do alto nível. Mas, apesar da existência de uma grande linha como acima apresentada, pode permanecer uma questão polêmica, como assinala Velho (1994, p. 97): “Até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão do mundo, com algum grau de especificidade, implica uma *adesão* que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais?”

Diferente dos entrevistados que dizem ter tido consciência mais clara como coreana, a segunda geração, com fisionomia oriental, mas com mentalidade mais brasileira do que seus pais, pode enfrentar mais momentos conflituosos do que seus ascendentes em alguns sentidos. Porque também, existe a tendência entre imigrantes coreanos em considerar essa geração como mais coreana do que brasileira, sem dar uma explicação compreensível para ela, e muitas vezes movidos pelo desejo meio abstrato de seus filhos não se esquecerem de sua raiz. Enfim, por mais que seja nítido os planos dos pais anteriormente descritos, essa geração pode viver num hiato maior entre olhares e expectativas diferentes das gerações dos seus pais e avós para com ela.

Os entrevistados, que também reconhecem esse problema, contam quais ensinamentos eles estão dando a seus filhos com maior detalhamento. Uma vez que a língua e a cultura brasileira são adquiridas naturalmente estando no Brasil, parece que, no seio da família, os entrevistados procuram ensinar mais sobre a cultura coreana. Em especial, observa-se que existem certas heranças coreanas cultivadas conforme um projeto elaborado pelos entrevistados com maior grau de comunicação com seus filhos, o que nos permite entender quais fatores ou valores da cultura coreana são utilizados como matérias essenciais da identidade cultural coreana (TAK, 2000) que desejam que seus filhos tenham.

O meio mais objetivo e explícito que possibilitasse a preservação da identidade coreana seria a língua coreana. Podem-se citar como esforços para tanto, usar a língua coreana em casa, mandar seus filhos a escolas de coreano aos finais de semana, mandá-los para a Coreia por programas de curso de coreano organizado pelo governo da Coreia do Sul entre outros. De fato, bom número dos entrevistados relata ter experiência de uso desse programa, destinado tanto para estrangeiros quanto para descendentes coreanos espalhados no mundo.

Como resultado de tal esforço, segundo os depoimentos, o nível de “entender mais ou menos” a língua coreana foi alcançado embora seja difícil ter conversas puramente em coreano. Ainda que não tivesse ocupado o lugar prioritário entre as duas, ou até três línguas, incluindo inglês, vê-se que o ensino da língua nos casos acima apresentados não deixa de ser de grande importância.

Já para os entrevistados mais jovens, inclusive os solteiros, o plano sobre o ensino da língua coreana parece ser de natureza mais rígida talvez porque já tem casos precedentes – bem sucedidos ou não –, a partir dos quais é possível elaborar um projeto mais maduro. E eles acreditam que os próprios descendentes coreanos da segunda e terceira geração vão querer aprender coreano especialmente porque a posição da Coreia no mundo foi mais elevada hoje e falar coreano vai ser um mérito no currículo.

Nos depoimentos dos jovens solteiros, observa-se uma postura mais determinada sobre isso, os quais respondem sem hesitar que “é lógico educar a cultura coreana aos filhos em casa e a língua é a mais essencial”. A política deles é ensinar coreano como a língua nativa e, português, só depois de alfabetização completa em coreano.

Por exemplo, Gwak Tae-gyeong responde:

Não vou, em hipótese algum, deixar de ensinar a língua coreana como a primeira língua, pois seria a coisa mais fácil para eles não aprenderem tal língua na geração dos meus futuros filhos. E continuamente vou incentivar o interesse aos meus filhos de manterem a língua coreana, enviando eles pra a Coreia nas férias e também vou fazer com que eles estudem na Coreia. (Grifo nosso)

Ko Su-hyeon também compartilha a posição semelhante à de Gwak, mas mais determinada. Ela, que tem o pensamento excepcional, no sentido em que ela considera a segunda geração dos imigrantes coreanos (e até próximas gerações como um todo) como “coreana”, e não simplesmente “descendentes coreanos”, pretende educar seus filhos no futuro, tendo a si própria no comando:

A educação dos meus filhos, sou eu que quero tomar a conta... quero ensinar a falarem fluente coreano... vou fazer todo o possível para que eles se tornem filhos de coreano com orgulho, pois acho muito vergonhoso um coreano não saber sobre a cultura coreana e não falar coreano. Não adianta falar que nasceram no Brasil, pois é a mesma coisa que um casal brasileiro que mora na Coreia e gerou um filho. Esse filho não vai poder ser “coreano”, ele é brasileiro. Brasileiro que nasceu na Coreia, somente isso. (Ênfase da entrevistada)

Assim, podemos ver que hoje a preservação da cultura coreana tende a ser mais valorizada entre os entrevistados como um todo e, no caso daqueles que não conseguiram dar mais atenção nesse sentido até manifestam seu arrependimento por ter se desistido tão cedo, querendo somente facilitar a comunicação com os filhos que não entendiam coreano. Por exemplo, Noh Jeong-nan fala que seus filhos adolescentes reclamam disso:

Eu era muito imatura. Pois **hoje eu sei que errei. Eu achei que como a gente vivia no Brasil, eles tinham que falar primeiro a língua nativa que era português. Mas hoje eu acho que tá errado. Tinha que ter falado o coreano primeiro.** Porque meus filhos estão me cobrando, estão reclamando. “Por que é que não falou coreano em casa?” Mas naquela época, como meu marido não falava coreano e a babá era brasileira... e... também eu conversava muito com educadores da escola, eles falavam que tinham muitos estrangeiros coreanos na escola, e que não vai muito bem na gramática em português. [...] Eles me orientaram pra falar, como é o Brasil, para que falassem em língua nativa, português em primeiro lugar. E eu fiz isso. Portanto eles não têm problema nenhum com a gramática portuguesa, e com a redação também não têm. Só que hoje depois de vinte anos meu filho mais velho está reclamando.

Junto com a língua, chamam nossa atenção alguns valores enfatizados pelos entrevistados em orientar seus filhos que refletem tanto a verticalidade quanto a horizontalidade.

Para Noh Jeong-nan, ter duas referências na elaboração do projeto de educação dos filhos é um privilégio, e isso é possível porque ela mesma tem essas referências:

Então sempre falo pra meus filhos: “**Tem que absorver coisas ‘boas’ do Brasil.**” Mas isso não quer dizer que não tem que absorver coisa da Coreia. **Também tem que absorver coisa boa do coreano.** Sabe, disciplina, educação, hierarquia, Coreia é melhor, respeitar os pais e mais velhos que o Brasil não tem. **Então eu acho que quem mora aqui no Brasil que nem eu, Geração 1.5, são felizardos. Consegue colocar duas culturas nos filhos.** Então, acho que isso é muito bom, entendeu? (Grifo nosso)

Por sua vez, Kang Eun-won explica como essa política é realizada especificamente na sua casa, a qual contém a orientação sobre como deve ser a relação entre pais e filhos, entre irmãos conforme o padrão coreano basicamente, mas com uma postura flexível:

Na minha casa usa muito a linguagem formal (coreano). Porque muitas vezes perdemos o valor da mãe. Por isso entre os irmãos não se chamam pelo nome, para o irmão mais velho sempre tem que chamar de “*oppa*” e irmã mais velha de “*eonni*” e mãe de mãe. **Quando fala com o pai, sempre usa o coreano mais formal.** Nos países estrangeiros percebo muitas vezes na língua que se usa mais linguagem coloquial entre família e que assim não mostra o respeito pelo pai e pela mãe. **Mas na Coreia sempre fala que o que o pai e a mãe fala sempre, você tem que obedecer.** Mais do que obedecer: você não deveria estar respondendo ou questionando as ordens dos pais. Tem coisas que não são admitidas na minha casa até que eles se mudem e vivam uma vida independente no futuro. Eu falo assim sobre a liberdade deles: “Para vocês viverem uma vida livre, acompanhem seus deveres também. Em cima de tudo, vocês são estudantes, então precisam estudar bem. E entre vocês, que são irmãos, precisam se cuidar um do outro, pois depois que os pais falecerem sobram somente os irmãos”. Essa coisa de

família é pensamente coreano, certo? Isso é muito claro. **E uma coisa que é estilo brasileiro é que**, entre os coreanos dizem que não podem responder aos pais, mas assim não conseguimos ouvir a opinião dos nossos filhos. **Então, eu depois de falar, eu ouço meus filhos. Eu respeito a opinião dos meus filhos... E se a opinião deles é melhor, mesmo que eu tenha dito uma coisa, eu mudo de ideia.** Na Coreia mesmo que os pais estejam errados, os filhos não podem falar nada. Mas eu também erro. E quando erro, peço desculpas. Nisso eu e meu marido somos mais estilo estrangeiro. (Tradução nossa, grifo nosso)

O que se destaca mais nos depoimentos de Noh Jeong-nan e Kang Eun-won é a combinação entre a verticalidade e a horizontalidade em termos de “relacionamento” com as pessoas. Estima-se que a preocupação em aplicar esses dois princípios do relacionamento de modo estrito, mas ao mesmo tempo compreensível para os filhos, é maior no caso de Kang.

Enquanto isso, Im Hye-suk responde focando mais os valores da vida mais equilibrados que ela mesma passou a ter no Brasil:

Sim. Eu tenho um bom relacionamento, tenho muitos amigos, e sempre defendo que com honestidade, esforço e seriedade em tudo precisamos dar o máximo. Por isso não preciso necessariamente ser o 1º lugar sempre. Mas fazer com esforço dando o melhor. Constantemente. Só isso. (Tradução nossa)

“Esforço” continua a ser uma virtude no projeto de Im Hye-suk, mas também acompanhado pela valorização das relações com as pessoas.

Desse modo, enquanto a maioria dos entrevistados reconhece a riqueza de referências que eles têm, ao mesmo tempo, tem uma preocupação grande sobre como “filtrar” as coisas boas das duas culturas. Como se pode imaginar, no caso dos entrevistados, a relação com seus filhos tende a ser mais horizontal do que a relação que os entrevistados tiveram com seus pais, e essa atitude em si dos entrevistados reflete que eles reconhecem seus filhos mais como “indivíduo-sujeito”. Velho (1994, p. 98) observa com clareza bem esse ponto, colocando a mudança do grau de vínculo desse indivíduo com as possíveis unidades englobadas “encompassadoras” como nação, linhagem, família, partido e igreja. Isto é, “à medida que o indivíduo se destaca e é cada vez mais sujeito, muda o caráter de sua relação com as instituições preexistentes”. Então, é mais provável que esse processo de filtração de valores procurados nessas unidades consideradas “tradicionais” junto com a outra referência considerada mais “moderna”, no caso, brasileira, desenvolve-se de forma mais conflituosa entre os pertencentes da segunda geração.

Então, para os entrevistados, de maneira geral, claramente cientes e convictos de tal mudança, o projeto voltado à educação dos filhos tem objetivo de prepará-los para poderem contar com duas opções igualmente sólidas e decidir por autonomia.

A questão da nacionalidade dos filhos pode ser uma dimensão em que se manifesta simbolicamente tal ato de dar autonomia, como no caso de Jeong Nam-eun:

O motivo porque eu registrei meus filhos tanto na Coreia como no Brasil é que eu queria dar escolhas para eles, para que eles mesmos pudessem ter opções e tomar sua própria decisão no futuro (de acordo com a lei da Coreia) quando tiverem seu próprio pensamento, é isso que sempre digo ao meu marido. (Tradução nossa)

Por outro lado, o assunto do casamento é o que envolve mais fatores emocionais do que racionais. Assim como a língua e outros costumes coreanos foram adquiridos naturalmente através da vivência na família, no caso dos entrevistados, normalmente não era necessário que esse assunto fosse tratado como um projeto. Mas já para a segunda geração, a ideia de casar com alguém de origem não-coreana é uma opção altamente realista, talvez mais que casar com coreano dependendo dos casos. Enfim, para os nossos entrevistados, o princípio é, como nos outros assuntos, “respeitar” os filhos e “não se opor” explicitamente ao casamento com brasileiro ou brasileira, mas orientar os filhos, empregando expressões como “de preferência” com coreano ou coreana.

Nessa situação, parece haver os “pequenos esforços” que alguns dos entrevistados fazem para encontrar o consenso com seus filhos nesse assunto. No caso de Im Hye-suk, a arma usada por ela e por seu marido é *kimchi* e a taxa de divórcio relativamente alta no Brasil:

Minha filha namora um chinês. Eu não sou contra, até mesmo que o namoro seja com brasileiro. Mas falo pra ela: “A mamãe prefere e gosta mais de um coreano do que brasileiro.” Porque entre a maioria dos brasileiros, me parece que o primeiro casamento não dá certo. Muitos divórcios. As crianças também ficam perdidas. [...] Então eu e meu marido temos esse desejo no coração. Se os meus próprios filhos quiserem mesmo casar com brasileiros, eu respeito. Já que não tem jeito. Mas o pai tem pensamento e estilo de vida mais coreano. [...] Bem, eu eduquei assim desde que meus filhos eram pequenos: “Se você casar com loira(-o), não vai conseguir mais comer *kimchi*.” (riso) (Tradução nossa)

Não necessariamente por causa da persuasão dos pais do grau intensivo, mas pela convivência natural com a família, a ideia de casar com pessoa da mesma origem muitas vezes se aceita naturalmente pelos próprios filhos dos entrevistados também.

Jo Hwa-ran, que tem dois filhos já casados, também fala: “ah, é lógico que prefiro coreano porque sou coreana.” Mas logo prossegue falando:

A minha filha casou com brasileiro. Ele tem nacionalidade tanto da Espanha e quanto do Brasil. Ele também é formado em odonto [...] É que minha filha casou com um colega da mesma turma com quem estudou durante seis anos juntos. **No começo fui contra. Mas não é pelos pais serem contra que isso se resolve facilmente. Fui observando pouco a pouco e vi que a pessoa era boa.** [...] Na minha época quando alguém namorava um brasileiro, todos criticavam... Antes era assim, mas depois que passou uma geração, agora não é assim. (Tradução nossa, grifo nosso)

Hoje ela aceita o casamento interétnico com mais naturalidade porque está mais convencida de que, afinal, trata-se da personalidade de cada pessoa, não de raça ou etnia em geral. Às vezes, o lado mais conservador (do que os imigrantes coreanos) do seu genro a assusta, segundo ela.

Para quem é cristão, a fé entra como um dos fatores importantes nesse assunto. Observa-se entre os entrevistados com esse vínculo religioso a opinião de que, como Kang Eun-won sintetiza: “é melhor um brasileiro bem educado e com a fé cristã do que um coreano sem a fé que só procura alcançar seu objetivo por qualquer meio (Tradução nossa)”

Enfim, apesar da inclinação emocional por alguém de origem coreana como cônjuge dos seus filhos, parece que a posição dos entrevistados casados se resume em um ditado coreano: “Não há pai que vença o filho”. Além disso, estima-se que, diferente da geração dos seus pais, a habilidade com a língua portuguesa dos entrevistados contribui para que estejam mais abertos com a possibilidade de seus filhos casarem com brasileiros.

No caso dos entrevistados solteiros, o casamento dos futuros filhos se considera um assunto ainda distante já que eles mesmos precisam lidar com seu próprio casamento primeiro. Como vimos no tópico sobre o projeto dos pais, normalmente há alto grau de sincronia entre os entrevistados e os pais deles com relação ao futuro cônjuge. E isso foi o caso dos entrevistados já casados também, o que me permitiu não trazer aqui os depoimentos deles sobre como se deu a escolha do atual cônjuge e quais influências teve da família.

Por parte dos entrevistados, a relação com os familiares faz com que preferissem casamento endogâmico considerando a diferença cultural, em especial, a barreira da língua. O depoimento de Lee Pyeong-an mostra bem tal consideração:

Casamento vai ser com coreana. Não vejo problema em casar com brasileira em si, mas na minha situação eu mesmo prefiro, eu concordo com o pensamento dos meus pais. Para os meus pais, para ter uma integração entre

a família em termos de cultura e língua, acho que seria melhor ser fosse coreana. Tenho avó, e se for pessoa de outro país, acho que poderia distanciar a família. **Se for ver só eu, não me importaria se fosse brasileira. Mas quando leva em conta a questão de pensamentos e valores, talvez seja melhor ser coreana mesmo.** (Grifo nosso)

O depoimento de Lee, em que fala da sua preocupação com o possível distanciamento da família (dos pais) caso se casar com uma brasileira, nos lembra a observação de Velho (1987) de que: “existem regras em individualização”. Isto é, por mais que os entrevistados tenham pensamento mais individualista comparado à geração dos pais, a relevância das opiniões da família ainda é significativa ao tomarem algumas decisões importantes, como por exemplo, casamento. Pois, no pensamento coreano, o casamento é entendido como união das duas “famílias”, e não só dos dois “indivíduos”. Apesar de que os entrevistados reconhecem a decisão dos seus filhos, a segunda geração, de natureza mais individualista, ainda parece difícil para eles mesmos aplicarem a mesma atitude no seu próprio casamento, o que envolve seus pais mais diretamente. Não seria apropriado entender essa tendência de considerar em alto grau a opinião dos pais em assuntos importantes da vida não apenas como a obediência incondicional aos superiores da família ou falta de subjetividade do indivíduo. Quando vemos que isso é tomado pelos entrevistados voluntariamente, parece que podemos lembrar o que Arnold Joseph Toynbee (Apud HONG, 1996, p. 186) disse na sua observação sobre a cultura coreana: “Se a cultura coreana tem algo a contribuir à humanidade no futuro, isso seria *hyo* (孝, piedade filial), isto é, o pensamento que considera como virtude o respeito dos filhos aos seus pais”.

De modo sumário, o que podemos verificar, acompanhando as ideias expressas nos depoimentos, coincide com mais uma vez a observação de Velho (1994) que diz:

O projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Mas, sobretudo, o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo. (VELHO, 1994, p. 103)

Isto é, assim como os projetos voltados à sua carreira acadêmica e profissional bem como à contribuição para as sociedades brasileira e coreana, os projetos acerca da orientação dos seus (futuros) filhos são elaborados claramente conscientes da existência dos brasileiros e da relação atual e potencial com eles. Além disso, pode-se ver também que esse projeto, na

absoluta maioria dos entrevistados, toma o Brasil como sua base para ser implementado, e não a Coreia ainda que a identidade coreana se encontre nesse processo como uma base mental.

Enfim, acredito que se pode dizer que a *Geração 1.5* tem uma visão mais integral ou inclusiva, no sentido em que ela tem uma noção dos Outros mais real, enquanto quem pertence tecnicamente somente a uma cultura nacional tem mais dificuldade de supor os Outros. Isto é, quando se toma como critério a humanidade como um todo, e não apenas uma nação ou outra, é possível se aproximar desse conceito *Geração 1.5* a partir de um ponto de vista mais equilibrado.

Então, a vivência nos ambientes de naturezas diferentes e de grupos étnicos e culturais diferentes seria um processo em que os indivíduos, aqui nossos entrevistados, passam a encontrar interseções entre eles e seus Outros, as quais, organizadas na memória, servem como matérias em articular e reformular continuamente os projetos. Nesse sentido, o ditado coreano “*gyulwhawiji* (귤화위지, 橘化爲枳)” que se traduz “A tangerina da região sul se torna a laranja trifoliata ao ser plantada na região norte” tem razão só parcialmente. Pois, não se pode ignorar a importância do ambiente na educação ou socialização do indivíduo, assim como o papel do clima na plantação. Mas também sob as mesmas condições, alguns ficam de um jeito, e outros de um jeito totalmente diferente, porque é o indivíduo-sujeito que se coloca como manejador do seu próprio projeto.

CAPÍTULO 8. VISÃO

Todas as experiências e memórias contadas pelos entrevistados, as quais acompanhamos nos tópicos anteriores, são fatores que se entrelaçam, e trabalham no processo da construção da visão do Eu. O registro de Chateaubriand (Apud LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 150) de que “Cada homem carrega consigo um mundo composto de tudo o que viu e amou, e onde penetra sem cessar, mesmo quando percorre e parece habitar um mundo estranho”, ilustra muito bem a natureza da memória como material que proporciona ao sujeito definir uma noção de si.

Seguindo a relação interativa entre o Eu e a sociedade que enfatizamos nesta tese, podemos dizer, seguramente, que a visão do Eu que os entrevistados têm carregado, e sua visão sobre o Brasil, um mundo antes composto por seus Outros distantes, com os qual hoje compartilham a identidade de Nós, encontram-se numa relação de influência mútua.

Uma vez que outros fatores, que participam da construção da identidade do indivíduo, estão expostos a uma mudança contínua, as visões, tanto de si quanto do Brasil, também mudam ao longo da vivência no país, e da convivência com os membros integrantes dessa sociedade. Veremos, neste capítulo, a mudança de olhar dos entrevistados sobre si mesmos, bem como sobre o Brasil, visão essa que foi relativamente organizada depois de passar por tempos turbulentos, em que lutaram para se posicionar na sociedade brasileira, em concomitância com a existência de memórias da Coreia.

8.1 Visão do Eu

O que podemos imaginar é que, para os imigrantes coreanos, provenientes de um país onde a identidade nacional e a identidade cultural têm sido tratadas como um único todo, devido a uma maior coerência entre as duas, o deslocamento do indivíduo com relação a essa identidade, num movimento em direção a uma inserção na sociedade brasileira, onde manifestam aspectos notavelmente complexos a esse respeito, já é uma experiência desafiadora.

O imigrante encontra-se numa situação em que ele faz parte de um grupo minoritário, no meio das pessoas bem diferentes dele, tanto em termos de fisionomia, como com relação à maneira de pensar; contudo, precisam se importar como elas, quem são a maioria. Então, o modo como o imigrante coreano vê a si mesmo já não pode ser igual ao modo como o coreano vê a si mesmo. Mais ainda, o imigrante coreano no Brasil teria passado por um

processo único, no qual se distingue do imigrante coreano em outros países. Isto é, se introduzirmos os termos de Mead (1934), o *self* dos imigrantes coreanos não é mais aquele *self* de quando estavam na Coreia porque o *me*, constituinte do *self*, agora não é apenas o *me* observado por seus conterrâneos. Agora, outro *me*, um imigrante coreano aos olhos dos brasileiros, seus Outros, com quem passam a ter um confronto e uma relação duradouros. É assim que se constitui o *self* deles.

Como já vimos, e como veremos com mais foco ao abordarmos os aspectos da noção de si dos entrevistados, que mudam em fases diferentes, a tarefa de se definir diante desse outros, somando-se às múltiplas referências da dinâmica tanto da Coreia quanto do Brasil, tinha que ser resolvida em meio a certa ambiguidade com relação a seu pertencimento. Para os nossos entrevistados, tal ambiguidade vem essencialmente da sua posição “entre dois mundos”, e “entre as duas gerações diferentes dos imigrantes coreanos”, na qual se encontram inevitavelmente por serem da *Geração 1.5*. Neste sentido, o que veremos mais adiante é uma jornada incessante ao longo da qual ela elabora e reelabora a visão de si no Brasil, onde se apresenta a pluralidade humana com mais vigor, especialmente por sua própria composição populacional, complexa e dinâmica em termos de etnia e raça.

8.1.1 Fase turbulenta da construção da identidade e a interiorização dos olhares dos Outros

Com a imigração para o Brasil, os entrevistados passam a ter uma noção básica de que eles são “diferentes” dos brasileiros. Embora a população brasileira já não tenha uma homogeneidade étnica e racial, a fronteira entre os orientais e não-orientais na concepção das pessoas, aparece mais nítida. Observa-se o modo como os entrevistados têm lidado com tal distinção, clara em sua mente, e imposta tanto pelos próprios entrevistados, como pelos brasileiros como um todo, varia de caso para caso.

Estima-se que, no caso de Hwang In-pyo, que veio ao Brasil com dezessete anos de idade, a noção de si ainda não incluía efetivamente os olhares dos brasileiros para com ele, pois ainda não havia um intercâmbio desses olhares, ou seja, não havia uma comunicação direta com os brasileiros, até completarem quase dez anos da imigração ao Brasil. Isso porque, até então, ele vivia “isolado”, como ele expressa, da sociedade brasileira, mantendo um mínimo contato com ela, que se deu na escola e na faculdade. Pode-se dizer que, no caso dele, a insegurança que ele “sentia” com a língua portuguesa – independentemente do nível objetivo da língua – fez com que a sua posição no Brasil permanecesse insegura também.

Segundo ele, a primeira chance para o “quebra-gelo” na relação com português se deu durante uma experiência especial em Belém:

Quando comecei a me sentir bem com português... Era quando fez uns dez anos. A essa altura, eu já estava trabalhando numa empresa de pesca em Belém depois de formar da faculdade. Tem um lugar chamado Icoaracá em Belém [...] Morei dois ou três anos lá. Pela primeira vez na minha vida, vivi quase isolado dos coreanos... Havia um marinheiro coreano lá, mas conversei muito mais com os brasileiros. Então, **eu caí na sociedade brasileira pra valer**. Foi assim que passei a ter mais segurança com meu português. (Tradução nossa, grifo nosso)

Porém, na verdade, Hwang não tinha a percepção de que a vida dele no Brasil não estava indo em direção à integração na sociedade brasileira antes dessa experiência, porque até então ele só se preocupava com como iria sobreviver no Brasil. Por meio de uma relação intensa com os brasileiros, primeiro nesse trabalho em Belém, onde Hwang “caí” na sociedade brasileira de verdade, e depois no seminário teológico, a visão dele tanto de si quanto do Brasil se tornou mais inclusiva no sentido de que daí começou a perceber sua posição dentro de um contexto maior, que envolve a sociedade brasileira como um todo.

De fato, é comum ouvir entre os imigrantes coreanos que passam a questionar sua posição no Brasil, especialmente quando pensam em ter carreira nas áreas onde a participação dos imigrantes coreanos é rara. De acordo com Hwang, isso tem sido o motivo mais decisivo pelo qual muitos da *Geração 1.5* retornaram para Bom Retiro, Brás, mesmo depois da formação em diversas áreas profissionais.

Diferente de Hwang, Kang Eun-won fala que sempre teve certeza de que seu português era ótimo, até antes de entrar na faculdade de medicina, quando realmente viu o problema. Só que esse “pequeno defeito” não foi recebido por seus colegas com uma atitude discriminatória contra ela. Embora a pronúncia e a acentuação erradas tivessem causado frequentemente risadas, foi exatamente durante essa convivência mais intensa – tanto pelo conteúdo do curso quanto pela relação com os colegas – com a cultura brasileira, que a segurança de si tornou-se mais sólida, por meio de experiências de aceitação do seu próprio jeito de ser pelos colegas. Ela fala que não se sentia muito diferente, menos no que se refere a sua aparência, até fazer uma visita à casa de um amigo brasileiro na ocasião de uma festa:

Há muitos japoneses na USP. Então, não lembro que alguma vez fui discriminada por ser oriental... Só que uma vez fui a uma festa na casa do meu amigo brasileiro quando estava no primeiro ano. A família dele era da classe alta e elite. O avô dele era presidente de um hospital... Enfim, fui a

casa dele muito grande e luxuoso no bairro de Jardins, e as irmãs mais novas do meu amigo me perguntaram por que eu, mulher, fazia a medicina. Eu era a única oriental naquela casa. Eu não sabia até então. Pensei comigo: “Ah... mesmo no Brasil não há pessoas orientais na classe alta...” Isso foi há trinta anos. (Tradução nossa)

Entendemos, no depoimento de Kang, que o olhar de estranheza a ela foi dirigido duplamente pelas irmãs de seu amigo, isto é, o que não foi recebido com naturalidade era, além de ela ser mulher, ser uma oriental. Porém, esse olhar não chegou a intimidá-la porque, no caso dela, como falamos acima, o fato de ser oriental, ou diferente dos outros, não foi considerado, na maioria das vezes, como um defeito; mas, pelo contrário, isso fazia com que seus colegas e amigos brasileiros lhe mostrassem curiosidade a respeito de sua origem, e oferecessem mais ajuda.

O depoimento de Lee Pyeong-an, que imigrou na década de 1980 e hoje é juiz, nos faz presumir que a presença de pessoas orientais, especialmente coreanas, ainda é vista com olhos curiosos em certas áreas:

Na área de direito também. **Quando vê alguém de origem japonesa, já é normal. Mas se entrar um coreano, não é normal.** É muito raro. Quando... aí ele pergunta “por que você quis virar advogado?” Porque eles não estão entendendo. Para ele pensar mais naturalmente, não como estrangeiro, mas também a sociedade que está integrando... tá começando. A imagem de coreano é tudo loja de roupa... **ainda coreano é estrangeiro.** Acho que inevitável. Só com o tempo. (Grifo nosso)

Ele é bem ciente de que, sendo imigrante coreano, pertence a um grupo minoritário. Assim, é considerado “estrangeiro” apesar de ter se naturalizado brasileiro devido à sua profissão. Porém, ele aceita isso como uma fase “inevitável”, que vai mudar “só com o tempo”. Estima-se que a capacidade intelectual e profissional na área reconhecida pelo sistema público brasileiro contribui para ele enxergar essa situação com uma atitude mais objetiva.

Para Kim Ae-yeong, o processo de adaptação ao Brasil também foi tranquilo, pois teve maior participação em relações com os brasileiros. Ainda que tivesse tido momentos em que se sentia inferior a seus colegas por ser pobre durante a época da faculdade, estima-se que isso não chegou a fazê-la pensar que sua posição era desvantajosa no Brasil por ser estrangeira. Em vez disso, ela recorda um episódio de quando estava próxima da formatura na faculdade, que a deixou ser mais consciente do fato de ser diferente da maioria dos alunos:

O motivo de eu ter me naturalizada na época, antes de formar, era que o reitor da minha faculdade falou que, por ser uma universidade pública, eu só poderia participar da colação de grau se eu fosse naturalizada. No primeiro semestre do quarto ano de faculdade, ele me chamou para me avisar, e, às pressas, fiz a naturalização. Na época, eu era a primeira aluna de coreano naquela faculdade. (Tradução nossa)

Segundo ela, era uma “figura rara” na faculdade, a ponto de até o diretor conhecê-la. O fato em si de ela ter sido “orientada” para se naturalizar brasileira porque a faculdade era nacional chama nossa atenção, no sentido de que, embora ela não tenha enfrentado um preconceito ou tratamento discriminatório na rotina na faculdade, a nacionalidade coreana foi problematizada, de certa forma, no momento de sua inclusão oficial na colocação de grau. Por enquanto, o que é mais importante aqui talvez seja o fato de que ela não viu alguma atitude hostil nisso, e nem o levou como ato de discriminação.

Por sua vez, ao ser perguntado se alguma vez sofreu uma crise grave da sua identidade, Park Dong-min também conta um episódio sobre a formatura da faculdade, não muito agradável:

Talvez... Acho que isso só aconteceu uma vez. Depois de formar em engenharia e casar, quando comecei a faculdade de direito. Ficamos de votar para eleger o aluno que faria o discurso na formatura, aí cada um foi fazer a sua apresentação e eu fui eleito por voto, oh... Aí o reitor falou que tava errado e mandou fazer a votação novamente, e de novo ganhei agora com mais votos. Isso era no início da década de 1990, o reitor falou: **“Como um coreano seria o representante para falar na formatura do curso de direito? Isso não tem cabimento.”** Disse ele. Naquele tempo eu já estava naturalizado, mas a minha cara era de coreano. Por reitor falar isso a comissão de formatura acabou. Foi feito um novo voto entre eles e o reitor fez eleger o filho de um político amigo... (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vimos nos depoimentos de Park colocados e; outros tópicos, ele não se sentiu diferente dos colegas brasileiros, e “nunca se sentiu inferior” a eles por ser coreano, pelo contrário, ele sempre se considerava mais brasileiro do que coreano. Vale notar que, mesmo tendo a nacionalidade brasileira, ele foi tratado como um “estranho” pelo diretor, que não tem qualificação para representar a universidade.

Ele relata que até ia processar a faculdade, mas não o fez para não estragar a formatura dos seus colegas, que o tinham apoiado e compreendido. Depois disso, não aconteceu nenhum outro caso em que ele tenha sido discriminado por ser coreano, mas estima-se que esse acontecimento foi decisivo para ele repensar sua identidade, a qual acreditava ser brasileira.

Acreditamos que a experiência dele não pode ser menosprezada, embora a maioria dos entrevistados, incluindo Park Dong-min mesmo, relate que “não tem como não sentir diferença, porque a aparência já é diferente dos brasileiros”. Contudo, ressalte-se que não sofreram “nunca”, ou “seriamente”, alguma discriminação étnica ou racial no dia a dia.

Vimos, também, em outros tópicos, que os imigrantes normalmente não ficaram gravemente magoados pelas brincadeiras pejorativas, ou olhares de estranheza dos brasileiros. Entretanto, uma série de comportamentos por parte de brasileiros referenciados pelos entrevistados de forma sutil ou mais explícita, faz-nos questionar a possível interiorização desses olhares e tratamentos por parte dos imigrantes, mesmo que isso ocorra inconscientemente.

Como já vem sendo tratado pelos acadêmicos brasileiros, é óbvio que, entre a população brasileira, é freqüente a associação de minorias com o estigma de “não serem brasileiros”, sejam elas compostas por pessoas de outras nacionalidades, de diferentes religiões, ou fisionomias, como no caso particular dos orientais (FISCHMANN, 1996).

Estima-se que, somando os oriundos do Japão, da Coreia e da China, o número chega a aproximadamente dois milhões de pessoa, sendo que os imigrantes coreanos e até japoneses, cujas segunda e terceira gerações já foram abrasileiradas, são percebidos mais como o “Outro” na mente dos brasileiros, do que aqueles imigrantes recém-chegados no Brasil com fisionomia “ocidental”.

No caso de Gwak Tae-gyeong, que diz ter se relacionado bem com os brasileiros “até certo ponto”, as experiências de natureza tal qual a acima tratada, lhe trouxeram um desespero maior do que nos casos dos outros entrevistados. No primeiro momento, ele recorda as reações das pessoas quando os pais dele falavam português:

O maior preconceito que vi contra os meus pais era referente à língua, com a qual eles tinham muita dificuldade de aprender. Era duro ver meus pais serem zombados e mal entendidos pela limitação da língua. Até eu zoava dos meus próprios pais. Pessoalmente, como todos os outros coreanos devem ter passado, era muito chato ouvir que eu era japonês, e que era tudo mesma coisa. E o estereótipo dos colegas de escola de que todo coreano é inteligente, que sabe muito bem a matemática, e ser cobrado por isso era angustiante, muitas vezes.

E logo ele fala de outro conflito interno que passava por viver duas culturas diferentes:

Ainda estou numa fase de aprendizagem e assimilação da cultura brasileira. Os valores que a minha cultura em respeitar os mais velhos e lealdade entre amigos como exemplo, têm sido um dos aspectos onde me debatia e me frustrava por não assimilarmos da mesma forma. Quando era mais novo, dificilmente lembro-me das ocasiões onde me senti excluído, mas ao longo do passar do tempo para o presente me recordo das ocasiões em que passei por momentos de exclusão e solidão do grupo brasileiro, tanto por ser simplesmente coreano, e por ter uma personalidade mais introvertida.

O sentimento que isso trouxe a Gwak era de “frustração”, como relata. Isso acontecia, primeiramente, porque não conseguia se envolver mais profundamente com os colegas brasileiros, mesmo que se esforçasse. Mas sua maior frustração veio porque, a cada vez que procurava chegar mais perto do mundo dos brasileiros, tinha de lutar muito “para se aceitar como ele era e não como o estereótipo que eles tinham com orientais em geral (o “CDF” – segundo Gwak Tae-gyeong o colocou para complementar)”.

Ju Yeong-chai, por sua vez, mostra maior segurança a respeito de si, tanto na época da escola, quanto hoje. Ela acredita que, além de entender o “suficiente” a cultura brasileira, percebeu que o sentimento de exclusão que teve em alguns momentos, por ter pensamentos diferentes dos brasileiros, acontece com pessoas da mesma cultura também. Além disso, acha que seus amigos brasileiros a olham “normal”, “ainda mais com um português fluente”.

Podemos ver, a partir dos olhares dos brasileiros para com os entrevistados, como as diferentes interpretações feitas por estes, descritas em seus depoimentos, apontam, além de fatores externos, fatores internos. Tem-se como exemplo o fato de que a personalidade de cada entrevistado influencia significativamente as percepções de si mesmo diante de seus outros. Nos casos acima tratados, embora alguns tenham sofrido mais conflitos internos em relação à sua posição no Brasil, como no caso de Gwak Tae-gyeong, a *internalização* dos olhares (BERGER; LUCKMANN, 1985) dos brasileiros para com os entrevistados não parece ter resultado em negação da identidade coreana. Nesses casos, além de simplesmente sentir esses olhares, houve uma comunicação maior sobre o conteúdo desses olhares entre os entrevistados e os brasileiros.

Por outro lado, poderemos observar que, nos casos a serem apresentados logo em seguida, em que a identidade insegura fez com que se tornassem mais aptos a serem influenciados mais pelo julgamento das outras pessoas sobre como eles são, assim formando uma “falsa identidade” (GOFFMAN, 1988).

Realmente é preciso considerar que existem certas imagens estigmatizadas na sociedade, no entanto, há outra situação igualmente problemática: a falta de comunicação sobre essas imagens. Quanto a isso, podemos recorrer a Goffman, para quem “a sensação de

não saber aquilo que os outros estão ‘realmente’ pensando um dos outros” (GOFFMAN, 1988, p. 23).

Pode-se dizer que a experiência de Jeong Se-bin enquanto ainda era estudante é um exemplo que permite vislumbrar como ocorre a negação da sua identidade. Ela fala que, desde criança, sempre se sentia confusa ao pensar esse assunto porque, “sinceramente falando, não quis assumir que era coreana”. Ela relata que:

O tipo de imigração que eu vi no Brasil normalmente, tô falando da geração dos meus pais que vieram pra cá na década de 1970, 1980, eram pessoas que se saíram da Coreia pra vir pra um país subdesenvolvido, como era o Brasil naquela época. É... vieram como aventureiros, que vieram tentar oportunidades melhores de vida. Então, já têm um histórico meio complicado. Muita gente que fugiu, deu calote, gente que se junta com amante e foge pra cá, né? Gente que roubou dinheiro. Então tem uma coisa meio complicada que não necessariamente são pessoas de crédito limpo que vieram pra cá. [...] Então esse é o tipo de coreano que conheci e convivi a minha vida inteira aqui no Brasil. E, **na minha cabeça, esse era o padrão básico de coreano.** Então, na minha cabeça, todos os coreanos deveriam ser assim. Isso era pra mim, hum... **sabe, gente ignorante, que nem consegue se comportar com etiqueta num ambiente ocidental e as comidas coreanas que usam bastante gochujang, doenjang, alho (parte descrita na língua coreana, tradução nossa) chama muita atenção, cheiro muito forte.** [...] (Grifo nosso)

Essa imagem que ela construiu desde criança sobre seus conterrâneos a “horrorizava”, porque “morria de vergonha”. Por isso, mesmo quando precisava fazer trabalho em grupo com colegas da escola, ela nunca os chamava para sua casa, onde havia esses cheiros “esquisitos”. Ela fala:

Isso era muito constrangedor pra mim. Então, o que eu pensava era se eu renegar esse lado coreano e quanta mais abrasileirada eu for, é melhor. Eu me sentia uma pessoa mais desenvolvida, mais acostumada com as coisas daqui adaptada se eu agir como brasileira. Então por isso que eu propositalmente evitava falar coreano, propositalmente evitava me comportar como coreana, comecei a tentar me abrasileirar mais, me topicalizar mais...

Essa forte ansiedade da entrevistada fez com que ela não se apresentasse mais abertamente a seus amigos brasileiros, como vimos no tópico sobre o relacionamento. Isto é, a imagem negativa que ela mesma tinha sobre esse mundo coreano, formada a partir do perfil de alguns coreanos que conhecia até a adolescência, fez com que temesse ouvir a mesma coisa (que ela pensa de imigrantes coreanos) de seus colegas brasileiros. O processo de *alterizar* é essencial na construção do *self* ou do Eu (MEAD, 1934; BUBER, 1974), como

vimos enfatizando ao longo deste trabalho. Mas, quando a experiência de *alteridade* permanece em sua fase mais básica, em que o sujeito simplesmente observa seus outros e introduz os olhares “imaginários” a respeito deles, isto é, quando não há o “*feedback* saudável do intercâmbio social cotidiano com os outros”, como Goffman (1988, p. 22), “a pessoa que se auto-isola possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa.” Contudo, no caso dela não houve uma auto-isolação física com os amigos brasileiros. Pelo contrário, ela se misturou mais ativamente com eles, e auto-isolação acabou ocorrendo com relação a assuntos “coreanos”.

Por sua vez, a história de Shim Jeong-mi parece menos drástica do que a de Jeong Se-bin, mas ela também fala que, culturalmente, considerava-se mais brasileira até a juventude, e, mesmo hoje, mantém um estilo mais abrigado em alguns assuntos:

Durante o meu crescimento, colegial e faculdade, eu misturava muito com brasileiros, e praticamente não tinha convívio com a comunidade. Igreja também ficava só uma hora, e fugia. Por isso, tinha muitas vezes que eu me enganava achando que era brasileira. Por isso não tive muita oportunidade de ter contato com coisas ligadas à Coreia, e mesmo que tivesse contato, não conseguia pensar que isso era melhor do que as coisas brasileiras. Por isso tem muitos antigos que se naturalizaram, pois na época, a Coreia era pior que o Brasil. Achavam que aqui era o país do futuro... Os primeiros vieram para cá para dar melhor vida, melhor educação, por isso pensava que tinham que ser brasileiros, e vamos esquecer a Coreia, tinha muita gente que pensava assim. Meus pais também são naturalizados. (Tradução nossa)

Mas tanto Jeong Se-bin quanto Shim Jeong-mi passam a ter experiências que mudam essa negação, ou desvalorização, da cultura coreana. No caso de Jeong, ela começou a “fazer as pazes com a cultura coreana” quando “saiu daqui, Brasil”, depois de viver muitos anos rejeitando a sua raiz, criando “muro entre ela mesma e a Coreia”:

[...] Mas quando eu saí do Brasil, eu fui pra Londres. Londres é uma cidade muito habitada por estrangeiro. Só tem estrangeiro naquela cidade. A pergunta mais comum que você ouve nas ruas é “Where are you from?”, “Da onde você vem?”. Aí respondo: “*I’m Brazilian.*” E as pessoas riam na minha cara, porque naturalmente meus olhos são puxados, eu tenho uma fisionomia de asiática, e como você pode dizer que você é brasileira? E pra você explicar, “Ah, eu nasci na Coreia, mas meus pais, minha família se imigrou para o Brasil quando eu tinha sete anos”, tudo isso. Como tinha preguiça, comecei a falar “Sou coreana”. Às vezes, eu até usava, **eu abusava dessa dupla nacionalidade quando eu queria me entrosar mais expansiva, pra as pessoas falava que era brasileira.** Quando eu dizia que era brasileira, as pessoas já queriam sair pra dançar samba, caipirinha. **E quando eu queria impor um pouco mais de distância, um pouco mais de respeito, dizia que era coreana.** “Ah, coreana, então, não pode mexer com menina coreana, elas são sérias, são tímidas, não pode abusar delas

sexualmente, ou demonstrar qualquer atitude, ato de caráter sensual.” E respeitavam mais. (Grifo nosso)

Conforme sua própria expressão, ela “abusava” até da nacionalidade coreana, mesmo antes de ter se reconciliado com ela. Mas é interessante verificar como essas experiências foram despertando alguma coisa dentro dela, a ponto dela começar a pensar: “Sim, posso assumir que sou coreana”. Ela fala que, a partir daí, foi conhecendo muitos coreanos, de “outro tipo”, com perfil intelectualmente mais elevado, e profissionalmente mais variado do que havia conhecido até então. Especialmente, pelo fato de sua especialidade ser a publicidade, os encontros com obras dos artistas coreanos a levaram a culpar seus pais por não ter lhe ensinado sobre esse lado da cultura coreana:

E quando eu vi, conheci *designers* fantásticos coreanos, músicos maravilhosos, escritores, eu falei “nossa, gente, como é que nunca conheci esse pessoal. É maravilhoso!”. Puxa, comecei a culpar os meus pais, os coreanos do Brasil. Por que eles nunca me avisaram que tinha coisa tão interessante. Eu que gosto de arte, cultura, música, design, tudo isso. Puxa vida, fui descobrir só em Londres que existe um cara chamado Nam Joon Baek, que é um grande pai do Video Art, cara que desde a década de 60 foi um grande nome nesse cenário, que existe no museu em Londres [...] Eu fui descobrir isso só com 25 anos. Não foi nem na Coreia nem no Brasil. Fui descobrir em Londres. Acho isso absurdo, vergonhoso.

Se até aquele momento, os motivos para ela repensar sobre a Coreia foram simplesmente “dados”, a partir daí ela passou a “explorar” esse assunto. Assim, quando participou de um festival da cultura coreana, encarou um ponto que, de acordo com a sua expressão, permitiu uma “virada para ela resgatar sua identidade coreana”:

Eram pessoas jovens como eu que estavam tocando aí, com uma empolgação, paixão. Não consigo colocar isso em palavras. Mas tem alguma coisa naquelas batidas do *Samulnori* que meus olhos começaram a se encher de lágrima. Eu tava chorando. Não podia parar de chorar. Foi como se alguém da minha família tivesse morrido. O que é isso? Nunca fui interessada em *Samulnori*. Já tinha ouvido, mas aquilo nunca tinha mexido tão profundamente comigo, e quando eu vi aquilo, aquilo conversou comigo, aquilo dialogou comigo. Isso é que eu falei: **“Gente, eu preciso ir atrás pra descobrir o que é que é isso? O que é que tem no meu DNA, no meu sangue?” E aí fui. Graças a Deus na Inglaterra...** [...] Porque eu achava que tudo que era coreano era brega, cafona, era outra *fashion*, ultra passado, antigo. E não. **Na verdade, são coisas diferentes.** (Grifo nosso)

Ela fala que a partir desse momento, ela sente certa “responsabilidade” em divulgar esse lado da cultura coreana, a qual ela passou a reconhecer como “nossa”.

Por sua vez, Shim Jeong-mi teve esse motivo para repensar sobre a Coreia enquanto permanecia na Coreia fazendo mestrado, mas só depois de continuar tendo um preconceito forte sobre os coreanos e o auto-isolamento deles:

As pessoas que visitaram a Coreia na década de 70 e na década de 80 tinham algumas críticas. Eu também morei um tempo na Coreia, entre a década de 80 e 90, no começo... oh, não gostei muito. Tinha coisas boas, mas não gostei. Quando encontrava com pessoas, era hobby falar mal dos coreanos. [...] Depois de morar dois anos na Coreia, ficou muito difícil pra mim. Por isso, não conseguia fazer amigos. A maioria dos meus amigos era estrangeira. Alguns que vieram dos EUA, Japão, Canadá. Foi muito difícil. (Tradução nossa)

Quem fez mudar o pensamento e a atitude dela para com coreanos era um coreano que enxergou o lado paradoxal dela, e fez um longo sermão a criticando por bloquear toda relação possível com coreanos:

Mas tinha um coreano, numa noite que tava nevando, me levou para caminhar, e começou a falar. Durante várias horas ouvi sermão. E a questão era “se você está reclamando e só criticando os coreanos, como eles podem te receber calorosamente”. Depois de ouvir ele naquele dia, eu mudei. Depois disso, fiquei mais confortável. Consegui fazer amigos, e vivi bem. (Tradução nossa)

Por outro lado, podemos ver um caso contrário, de Shim e Jeong, bastante recorrente entre os entrevistados. Kim Jin-mo, que sempre tinha mais afinidade com a cultura coreana, e nunca duvidava de sua identidade coreana, teve que encarar olhares frios dos coreanos quando visitou a Coreia, o que não esperava:

Em 88, fui pela primeira vez para a Coreia, em viagem de lua-de-mel (depois da imigração). Na época, **sentí como se estivesse em algum país estrangeiro**. Vivendo num país estrangeiro, tem muitas vezes que eu falo para mim mesmo, “ah, isso é porque sou estrangeiro”. Acho que essa sensação é algo que não tem como fugir. E eu pensava que, na Coreia, que é meu país, eu não iria sentir isso, mas quando fui para a Coreia senti que eu também não sou coreano, não tem como escapar e não sentir diferente. Eu senti o olhar diferente nesse instante. **“Ah, eu não sou nem coreano e nem brasileiro, então o que eu sou?”**, vinha esse sentimento naquele instante... (Tradução nossa, grifo nosso)

Era uma fase em que ele percebeu aguçadamente que os coreanos da Coreia não o consideravam como um de “Nós”, e esse olhar ficou gravado fortemente em sua memória. Em

outras palavras, Kim Jin-mo viu que eles são tão Outros quanto os brasileiros eram para ele até então.

O que podemos entender, nesses últimos três casos como um todo, é que, a partir dessa fase, em que ocorreu a reformulação da memória da Coreia, eles começaram a “buscar sua identidade coreana a partir das heranças culturais da Coreia em comum” (TAK, 2000), e não os traços dos indivíduos coreanos ou imigrantes coreanos, como veremos em seguida.

8.1.2 Quem sou eu hoje?: no meio da jornada à procura da identidade

Observa-se que muitos dos entrevistados têm consciência de si como *Geração 1.5*. Essa noção é expressa frequentemente por muitos dos entrevistados ao longo da entrevista, especialmente ao falarem sobre a visão de si mesmo. E como vimos no quadro metodológico e conceitual da Parte I desta tese, a seleção dos entrevistados foi realizada a partir de outros critérios, levando-se em consideração as características representantes dos imigrantes coreanos considerados pertencentes à *Geração 1.5*, tais como definidas por eles mesmos. Por conseguinte, acreditamos que vale à pena apresentar algumas delas com maior detalhamento, a fim de melhor compreender como os entrevistados têm uma percepção de si mesmos hoje.

A opinião de Hwang In-pyo sobre isso parece delinear esse grupo de modo nítido:

Geração 1.5 no Brasil? Podemos definir de várias maneiras. Quando eu digo que sou Geração 1.5, seria quando eu saí do país para imigrar, eu não tinha nenhuma influência ou interferir sobre esse assunto. Pra mim, primeira geração de imigrante seria quando a pessoa pode e decidi fazer esta decisão. Segunda geração nem precisa fazer porque nasce Geração 1.5. Não adianta ficar preocupado ou ficar pensando, pois mesmo que fique preocupado e não queira vir, vai ter que vir. Ele não pode viver sozinho. O começo de imigrante para Geração 1.5 é assim. E quando chega aqui o papel da Geração 1.5 seria... usa-se mais a expressão de “geração que está entre”. Geração 1.5 não tem poder de decisão que escolher qual seria o trabalho a família iria fazer aqui. Por exemplo, fazer oficina de costura ou fazer confecção era escolha dos pais. Mas como mão de obra são pessoas que teria participação de 100%. Geração 1.5, tem uma característica peculiar da Geração 1.5. Não tinha direito de decisão na família. (Tradução nossa, ênfase do entrevistado)

Ele ressalta, ainda, a posição da *Geração 1.5* como um “enxertado” das duas culturas, coreana e brasileira, que tinha que assumir o sacrifício de dividir a tarefa de sustento da família até sua estabilização financeira:

Eu me considero *Geração 1.5*. Não sou nem coreano, e nem brasileiro. Eu sou eu. Nasci na Coreia, conheço a cultura coreana, não sei perfeitamente o coreano, e nem o português, mas tenho um diferencial, tenho capacidade de enxertar as duas culturas, esse é a pessoa de *Geração 1.5*, e esse sou eu. Não tem jeito. Podemos ver que a *Geração 1.5* tinha o papel de estabilizar economicamente, e focado em um objetivo não fica abalado. Não precisa se preocupar com a crise de identidade. A segunda geração teria mais essa crise de identidade. E, se tiver uma religião, acho que a crise seria amenizada. O que preocupa mesmo é a segunda geração. (Tradução nossa)

Como vemos no depoimento dela, a questão da identidade não chegou a ocupar um lugar prioritário na agenda da *Geração 1.5*, especialmente dos que imigraram até a década de 1970, quando a instalação financeira no Brasil era a tarefa a ser resolvida com maior urgência pelas famílias aqui alocadas. De fato, vê-se que muitos dos entrevistados que vieram ao Brasil nessa época relatam, com menos frequência, conflitos do passado, referentes à sua identidade.

Por sua vez, Gwak Tae-gyeong comenta sobre as dificuldades inerentes à *Geração 1.5*, e o papel dela como “ponte” entre a primeira e a segunda geração de imigrantes coreanos, bem como entre coreanos e brasileiros:

A geração que está em fase de transição que não está completamente associada a um lado, tanto do 1.0 ou do 2.0, e que tem **o papel da ponte entre as duas gerações**. Aqueles que têm menos tempo de imigração são geralmente “*corebões*”. Compartilha de certa dificuldade em ter amizades mais profundas com os brasileiros, e geralmente andam em grupo de coreanos da mesma geração. [...] (A *Geração 1.5*) **Tem uma cultura rica porque sabe maioria das vezes dos dois lados (Brasil e Coreia)**. (Grifo nosso)

Para Gwak, é lamentável o fato de que alguns, ou muitos da *Geração 1.5* acabem por ficar cercados pelo relacionamento com seus conterrâneos, não chegando a contribuir para a aproximação das duas culturas – coreana e brasileira – com uma “cultura rica” que têm.

Podemos observar que há um consenso entre os entrevistados em torno da noção geral do que seja a *Geração 1.5*, definida como a geração que, primeiramente, mais sofre por não ser considerada como a primeira geração e nem a segunda e que, por conseguinte, dedica-se a preparar o plantio de atuação no Brasil para a próxima geração, por aceitar e entender ambas as culturas com maior facilidade. Enfim, é um grupo que não pode ser definido nitidamente conforme uma classificação tradicional, na qual se leva em consideração apenas a existência da primeira e da segunda geração.

É importante lembrar é que não estar completamente associada, nem à primeira, nem à segunda geração, ou melhor, nem à cultura coreana e nem à brasileira, é um “fato”, e não uma

situação de inferioridade, ou de incompletude por não se encaixar na classificação feita por números inteiros, como 1.0 ou 2.0, ou seja, a primeira geração e a segunda geração, numa classificação que não permite a existência de uma geração entre a primeira e a segunda, assim como 1.5. Pode-se dizer que a jornada acima descrita pelos entrevistados, desde a chegada no Brasil até hoje é um processo em que os entrevistados têm caminhado indagando a si mesmos sobre quais são o “significado” e o valor atribuídos ao fato de serem da *Geração 1.5*, que representa uma “ambiguidade”, de certa forma.

Vimos, nos depoimentos acima colocados, o quadro geral do grupo, isto é, a *Geração 1.5* estabelecida pelos entrevistados. Veremos, aqui, como os imigrantes instalados no Brasil, de catorze a quarenta e seis anos, se definem e posicionam a partir da conclusão à qual chegaram ao meio da jornada no Brasil.

É interessante ver a clareza e a firmeza da resposta dos muitos entrevistados, ao serem perguntados sobre como se definem, em termos de identidade nacional, independentemente de sua nacionalidade legal - dos 26 entrevistados, os 8 se naturalizaram brasileiros –, bem como do grau de identificação com a cultura brasileira.

Para Im Hye-suk, que já completa quarenta e seis anos de imigração no Brasil, “é impossível ela se tornar 100% uma pessoa daqui, por mais tempo que more no Brasil e se naturalize”. Ela fala que “sentir mesmo” algo especial, é quando ouve músicas coreanas, e não brasileiras, prova simples do fato de ela se considerar coreana:

Ainda assim... se cantar música assim, hum? **O que sinto é música coreana.** Assim, podemos ver que ainda eu **sinto algo em ouvir música coreana.** Claro que, com meus filhos, não deve ser igual. Mesmo que eu fale o português, **a música coreana toca mais o meu coração.** Provável que seja por ter a mentalidade oriental. (Tradução nossa, grifo nosso)

No caso de Jo Hwa-ran, não somente na música, mas em todo o resto, para ela, o que é mais familiar é a língua coreana. Segundo expressão que ela mesma emprega, a língua coreana é mais sentida “na pele” assim como o sangue é mais grosso que água. Ela acrescenta que, enquanto isso, com a comida não tem inclinação a uma entre as duas.

A língua, sendo indiscutivelmente uma das características mais importantes da identidade e da cultura, é tratada com maior foco no relato de Kim Su-jin. Apesar de a capacidade de comunicação com assuntos técnicos ser igualmente alta em ambas as línguas, ela fala que faz questão de usar coreano quando a pessoa com quem fala tem o “sangue coreano”, porque acredita compartilhar a mesma emoção:

Penso que preciso falar o coreano porque sou coreana. Eu penso que é lógico falar coreano porque sou coreana. *Jeong* é uma coisa que não dá para ser traduzido ou expresso. Só em coreano. Para expressar para o brasileiro... acaba sendo superficial. Por causa de uma palavra, esta palavra pode tocar mais o coração. Sinto por não poder compartilhar das palavras como “*nuna*” (irmã mais velha de home para mulher), “*eonni*” (irmã mais velha de mulher para mulher) para amigos íntimos. Perde graça explicar o significado do vocativo “*ya*”, esse tipo de vocativo também. Os coreanos daqui não gostam de ser chamados de “*ya*”. Pois aqui chama mais pelo nome mesmo. (Tradução nossa, grifo nosso)

Gwon Hye-ok também não tem demonstrar a menor dúvida ao falar: “Claro que acho que sou coreana”. Isso é porque, primeiramente, a “fisionomia” demonstra isso claramente, e o gosto dela com relação a tudo é mais ligado à cultura coreana. O importante a notar, no depoimento dela, que, além da afirmação da sua identidade coreana em geral, há ainda a identificação como “Nós” com a *Geração 1.5*:

Como eu não recebi muito afeto dos meus pais, eu tento cuidar mais dos **meus filhos**, mas **eles** em vez de agradecer, querem mais mordomia... Vendo por esse lado, nós da *Geração 1.5*, penso que era bom **na nossa época de 1.5**. Vimos os **nossos** pais sofrerem, participamos disso, temos muito respeito e orgulho dos **nossos** pais em relação a isso, **nós** sentimos bastante isso. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como já vimos no tópico sobre os papéis exercidos pela família, a valorização do sacrifício dos pais, da qual os entrevistados participaram, considera-se um dos aspectos do pensamento que muitos da *Geração 1.5* têm em comum. Nota-se, também, nos depoimentos acima, que sua identidade coreana torna-se mais clara, ao comparar com a geração de seus filhos, que já não se identificam tanto com a cultura coreana.

Por sua vez, Noh Jeong-nan, naturalizada brasileira, que vivia com o estilo mais abasileirado, convivia com mais brasileiros de diversas origens, especialmente orientais. Isso durou até casar com um imigrante coreano, muito mais abasileirado que ela. Ela fala que hoje identifica-se como coreana:

Ah, eu sou coreana, sim. Até adolescente, até antes de casar, vamos dizer, em que eu não tive muitos contatos com coreanos, né? [...] E a gente achava assim... meus pais jogavam golfe também, e a gente ia ao clube, lá só tinha brasileiro, chinês, japonês. Então, **eu falava “ah, não, eu não quero casar com coreano”**. Sabe, até chegava a pensar assim, né? **Mas agora, conforme ficando com idade, tendo mais contato com coreanos...** hoje acho que eu sou mais coreana. Conforme a idade, meu marido mesmo, ele nem comia comida coreana, mas agora ele faz questão. Ele pede, né? **É a raiz, né? Por isso que falo que sou coreana por causa da raiz...** (Grifo nosso)

Apesar da habilidade maior com a língua portuguesa, e de ser cidadã brasileira, esta é uma escolha que fez a fim de exercer o direito ao voto nas eleições, Noh hoje mostra maior certeza de que é coreana por causa da “raiz” coreana.

Noh acha “engraçado” ficar inclinada à sua raiz depois de viver no Brasil há trinta e oito anos, quase quatro vezes mais tempo do que viveu na Coreia. De fato, a palavra “raiz” é frequentemente mencionada por mais entrevistados, ao explicar sua identificação inconsciente com a cultura coreana.

É importante notar que ter uma posição firme em relação à sua identidade coreana não é compreendido pelos entrevistados como um ato de autoisolamento da sociedade brasileira, ou de exclusão dela. Muito pelo contrário, nos outros tópicos, em particular, ao tratarmos da dimensão que a comunidade coreana ocupa na formação da visão coletiva de Nós, coreanos, bem como do Eu individual dos entrevistados, vimos que os relatos assinalaram a importância da preservação da unicidade coreana em prol da integração coreana na sociedade brasileira.

Jang Yeon-hui, por exemplo, que mora no Brasil há catorze anos, o menor tempo de permanência dentre os entrevistados, fala que nunca teve dúvida da identidade, e que vive até hoje com orgulho de ser coreana, mas também está ciente da necessidade de esforço para viver seu duplo pertencimento cultural em sincronia:

Eu penso assim. Eu sou coreana. Eu sou coreana, mas que reside no Brasil, e por isso tento conhecer a sociedade brasileira e sua cultura, o que não acontece de forma natural, ou porque é natural ser como eles. (*Falando de forma firme*). **Por mais tempo que fique aqui, tem raiz coreana. Mas tem que integrar a sociedade brasileira.** (Tradução nossa, grifo nosso)

No caso de Jang, a segurança e a certeza da visão de si ficam mais claras quando ela se compara à segunda geração de imigrantes coreanos, e aos coreanos da Coreia. Pelo que ela observa na escola de língua coreana onde leciona, muitas crianças da segunda geração “não sabem o que são”, e por quê devem estudar coreano.

Aqueles que nasceram aqui só têm a aparência de coreanos, mas são totalmente brasileiros, o que é uma situação bastante conflitante. Por sua vez, a entrevistada valoriza a diligência, o esforço dos coreanos da Coreia, que levam à realização de seus objetivos em curto tempo e, neste sentido, ela se identifica com a cultura coreana. Mas, ao mesmo tempo, outro lado dessa mesma característica, isto é, da diligência “demasiada” no trabalho, que leva muitos coreanos a não desfrutarem da vida, faz com que ela não se identifique completamente com o estilo de vida na Coreia. Vivendo no Brasil, ter mais “fôlego” e saber se divertir

mesmo trabalhando com afinco hoje são características que parecem valer mais à pena do que ficar exausto, dedicando 100% de sua energia para realizar sua ambição profissional ou simplesmente para ganhar mais dinheiro.

O depoimento de Jang Yeon-hui é representativo de outros casos em que a identidade da *Geração 1.5*, ou a posição dupla vivenciada pelos imigrantes, que ficam “entre” a primeira e segunda geração, é aceita “numa boa” e com “orgulho”, citando as expressões usadas pelos outros entrevistados.

Kim Tae-eun, que diz ter sofrido muito junto com a família por causa dos próprios contrarrazões no processo de instalação, atribui maior valor ao fato de “ter nascido com a cara de coreano, e viver no Brasil com esse traço único”. Ela acredita que o fruto de seu trabalho de jornalista, é maximizado exatamente por ela ser “coreana no Brasil”, isto é, essa combinação única é o que ela possui de singular por ser parte da *Geração 1.5*. Junto com esse significado “conscientemente” atribuído à sua posição, logo ela complementa o motivo pelo qual se considera coreana a nível menos consciente:

Quando falo que sou coreana, meu rosto diz que sou coreana. **Por ser oriental, nunca eu posso passar como brasileira, por isso eu admito e acho que assim é mais confortável. Não adianta eu não querer... hummm... Eu sinto que sou coreana, pois acho que eu não consigo viver só comendo comida brasileira. Mas, ao contrário, se não comer a comida brasileira, e comer só a comida coreana, parece que eu consigo viver sem nenhum problema.** [...] E outra coisa engraçada é que, quando vou para a Coreia, não me sinto 100% coreana, e algumas pessoas nem me aceitam como coreana. Mas um amigo brasileiro que encontrei na Coreia comentou que “antes não tinha percebido, mas depois de me ver na Coreia, para ele eu sou completamente coreana, que até a roupa me vestia como coreana de lá, que estava encarnada coreana. (Tradução nossa, grifo nosso)

Como entendemos no relato de Kim, a fisionomia oriental ou asiática na sociedade brasileira é um traço eminente, que leva muitos brasileiros a considerarem Kim quase automaticamente como uma coreana, ou melhor, uma não brasileira.

Terminando de relatar esse episódio, ela define-se como uma pessoa “hábil para transformar-se” conforme a circunstância vai mudando, inclusive no modo de vestir-se e de comportar-se.

Grosso modo, a visão de Ko Su-hyeon, uma jovem com vinte e cinco anos de idade, não foge muito aos casos acima apresentados, no sentido de que se considera coreana. Entretanto, no caso dela, a inclinação ao estilo coreano em geral parece significativamente maior:

Às vezes, tenho conflitos e discussões com amigas coreanas (a maioria que nasceu aqui no Brasil) que são bem abasileiradas, meu jeito de pensar tem bastante diferença ao delas. Acho que por isso **tenho apelido de vovozinha** entre as minhas amigas. **Elas falam que eu tenho ideias muito fechadas e quadradas, como os adultos coreanos** (*riso*). (Grifo nosso)

No caso dela, a habilidade não muito grande com a língua portuguesa fora do cotidiano, considera-se um dos fatores que refletem o estilo de vida predominantemente coreano que ela leva. Há até amigas (imigrantes coreanas e descendentes) que a acham muito conservadora, não exatamente por causa da língua, mas pelos valores de vida que Ko tem, especialmente com relação à identidade nacional, ao modo de relacionamento entre pessoas de idades diferentes, e à educação dos filhos entre outros. O importante é que ela não vê problema algum no fato de que ter um pensamento bem determinado sobre seu pertencimento étnico e nacional, porque nem por isso ela exclui os brasileiros do seu círculo de relações.

Os relatos apresentados até aqui são dos entrevistados que dizem não ter passado por nenhuma fase seriamente conflituosa sobre seu lugar entre os dois mundos. E tanto no caso dos entrevistados que possuem alta habilidade e afinidade com a cultura brasileira, para quem a língua é relacionada mais aos brasileiros; quanto no caso contrário, parece ter sido mais natural perceber-se como “coreano que vive no Brasil”.

Enquanto isso, podemos ver que, para alguns dos entrevistados, o reconhecimento de sua posição como parte da *Geração 1.5* era algo que precisava ser “assumido” depois de passar por momentos de conflitos, cujos detalhes variam de caso a caso, como vimos anteriormente.

Para Kim Jin-mo, que sempre se considerava coreano, o momento de grande conflito foi na Coreia, onde se sentiu estrangeiro frente aos olhares frios que os próprios coreanos dirigiram a ele. Observa-se que a visão de Kim para si mesmo continua a ser bem estabelecida, mas com a consciência de ser diferente dos coreanos da Coreia: “Por que outro tá falando assim, outro diz pra mim ‘por você ser assim é isso é aquilo’, não é por isso que vou mudar. Por que eu sou eu. (Tradução nossa)”

Por sua vez, como vimos acompanhando na história de Jeong Se-bin, a forte negação de sua raiz coreana continuou até os vinte e cinco anos de idade, quando houve um ponto de virada de seu pensamento, durante a estada na Inglaterra, num “terceiro país”, no caso. Vivendo há quatro anos com esse ponto de vista renovado, hoje ela atribui um valor único à propriedade que só a sua geração pode ter:

Pra gente que faz parte da *Geração 1.5*, que tem que conviver, sambar no meio desses dois mundos... Porque, imagina, dentro da minha casa e no Bom Retiro é um universo. É... não só porque o bairro é coreano, mas porque o meu comportamento muda, a minha maneira de vestir, de andar, de falar e de gesticular. E fora do Bom Retiro é o outro universo. Quando estou no meio dos brasileiros, você tem que saber, é óbvio isso, é um conflito de identidade cultural muito grande também. Às vezes, faz um samba na sua cabeça, **mas, por outro lado, tem muitos privilégios. Acho que é algo que só as pessoas da minha geração vão ter. Essa capacidade de transitar e conviver dois universos.** Acho que isso te traz outras habilidades, outras aptidões, faz capaz, de te adaptar a ambientes novos, então no meu trabalho ajuda muito. **Essa capacidade de você entender os códigos orientais, dinâmica, configurações, então. Por esse lado, acho que é excelente.** (Grifo nosso)

Entretanto, ela fala que a posição como a *Geração 1.5* ainda é “complicado individualmente porque se sente muitas vezes órfã de uma identidade cultural”:

Isso não é algo claro na minha cabeça. Eu tenho plena consciência de que eu não sou 100% coreana, assim como por mais que eu tente, jamais serei 100% brasileira. Eu posso morar 50 anos no Brasil. Eu não vou ser 100% brasileira. Quer dizer, eu nunca vou me sentir 100% nada. Nem de um país, nem de outro. Isso é uma questão pessoal existencial filosófica.

Para Jeong, pertencer à *Geração 1.5* permite a habilidade de transitar em dois mundos em questões legais, essa mesma situação a deixa sentir-se “não ser nenhuma coisa, nem outra”. Por exemplo, quando ela tenta conseguir – aliás, já tentou, e o resultado foi negativo – bolsa de estudo pelo governo brasileiro ou coreano para fazer curso no Exterior, ela não consegue porque é estrangeira no documento brasileiro, e coreana não residente, no documento coreano. Ela fala: “Enfim, você acaba ficando meio em cima do muro”.

Então, como ela explica, algumas questões ainda permanecem como fatores que podem “chatear” aqueles que estão numa situação parecida à sua, embora tenham descoberto outros lados incentivadores nela depois de começar valorizar sua posição como *Geração 1.5* o que foi descrito no outro relato de Jeong anteriormente apresentado neste capítulo.

Por sua vez, Yu Na-bin, que fala que teve muitos conflitos crescendo “mergulhada em duas culturas tão diferentes”, valoriza isso como uma experiência muito enriquecedora, porque, quando criança, esse duplo pertencimento cultural a ajudava a entender melhor cada país. Mas, por outro lado, isso a fazia “julgar” coisas e pessoas, aplicando “dois critérios diferentes” a elas.

Observa-se, também, que, semelhantemente a Jeong Se-bin, a estada nos Estados Unidos por aproximadamente cinco anos contribuiu para Yu ter a visão de Eu de hoje. Diz ela:

Eu me considero coreana por fora, mas por dentro, brasileira. Na verdade, se for colocar em números, acho que fica mais fácil, **eu me considero 51% brasileira e 49% coreana [...]** Hoje em dia **eu conto como vantagem ter essas duas culturas como parte de mim.** (Grifo nosso)

Esses dois casos mostram bem o processo de reconciliação com sua identidade coreana, que se dá por meio da interiorização dos olhares dos “Outros”, que nem são brasileiros nem coreanos, e nem no Brasil nem na Coreia.

Poderíamos entender nisso que, num lugar onde não há uma intersecção significativa entre os imigrantes e os constituintes da cultura local, seja com relação às pessoas, à cultura, à língua etc.. Além de pertencer à humanidade como um todo, o indivíduo passa a ter momentos de objetivação de si “mais objetiva”. Nesse sentido, parece apropriado expressar essa experiência propiciada num terceiro país como a descoberta de um “terceiro caminho”, ou uma “terceira opção” para se definir, ou seja, em construir sua identidade.

Por sua vez, Gwak Tae-gyeong confessa que “ser um coreano não tem sido nem muito difícil e nem fácil”. Isso porque o leque de opções para se conhecer e se relacionar com os outros, tanto no lado coreano, quanto no lado brasileiro, era muito vasto e limitado ao mesmo tempo, o que a Gwak deu grande frustração até achar a “terceira opção” na religião:

Se quisesse relacionar ativamente com todos os brasileiros seria possível, mas quando fiz isso, chegava a um limite que não conseguia ultrapassar por causa da geração de mau entendimento e confrontamento de valores. E quando me voltava aos coreanos, em termos de quantidade, eram poucos, e que mesmo aqueles poucos não me dava bem porque nossos pensamentos não batiam. Por isso, agradeço muito a Deus que encontrei a minha igreja, que me mostrou uma **terceira opção onde os coreanos, brasileiros, e qualquer que seja a sua raça e etnia, podiam conviver juntos** com grande sofrimento, mas mediante o amor de Jesus. (Grifo nosso)

Estima-se que o depoimento de Gwak Tae-gyeong represente o caso de outros entrevistados que também encontram essa terceira opção por meio da religião. Assim, a visão do Eu a respeito do Brasil torna-se mais sólida quando encontra um “para que”, e não “por que” da imigração ao Brasil e descobre que é possível “conviver” com pessoas tanto de origem coreana quanto de origens diferentes, ou melhor, independentemente de origem.

Com relação à sua posição, que pensava ser mais “ambígua”, “incompleta” e “órfã”, começa a aprender a “simplesmente ser quem ele é”, e a conviver com seus Outros e com o Nós mais inclusivo, conectados como um todo ao Tu eterno (BUBER, 1974) e, assim, conectam-se horizontalmente entre si e seus outros por esse único elo.

Enquanto isso, para Han O-jun, que expressa sua identidade como “identidade meio peculiar”, ele ser coreano hoje é um fato imutável, embora tenha sofrido conflitos e confusões, como ocorreu com outros entrevistados. Vê-se que a presença de “metade da Coreia, e metade do Brasil” dentro de si, é recebida como algo que “não tem como, porque ele é da *Geração 1.5*”. Ele fala que hoje não fica ofendido como antes, ao ser chamado de “japinha” ou “chinês”, porque:

O motivo de eu não ficar chateado agora é porque eu admito que sou coreano, e essa verdade não vai mudar. Se não é para explicar direito e deixar claro o fato de eu ser coreano, pode chamar de japinha que tudo bem. De um modo geral, falo que sou coreano. **Aproveito esta oportunidade para falar às pessoas. “Para vocês, chinês, japonês parece tudo igual, mas vocês gostam quando são chamados de argentino, quando chamam vocês de alemães, vocês gostam?”** Tem muitas vezes que respondo para eles assim. **Mas sem algum remorso.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Além de assumir que é coreano, é interessante ver Han sugere a esses brasileiros, com compostura, para se colocarem no lugar dos “Outros deles”, isto é, dos asiáticos tratados como se fossem um só.

Ao longo dos depoimentos dos entrevistados, vimos que alguns não como um todo hoje têm um pensamento mais organizado sobre sua identidade. Alguns dizem que nunca se sentiram gravemente abalados por serem coreanos no Brasil, ou por não se sentirem pertencentes a nenhum das duas culturas porque não tinham fôlego para pensar sobre essas coisas, ou porque tinham certeza da sua identidade por terem vindo já crescido. Por outro lado, muitos falam que teve momentos em que se sentiram perdidos, chateados, ofendidos, solitários, confusos e excluídos dos ambos os países. Mas hoje, parece que reconhecer o que têm ou o que são como *Geração 1.5* contribuiu para que eles pudessem dar próximo passo a partir dessa identidade assumida, e não de uma “falsa identidade” (GOFFMAN, 1985), a qual é influenciada mais pelos olhares – comunicados ou imaginados – dos outros.

Com relação à questão da nacionalidade, vimos que a maioria dos entrevistados mantém a nacionalidade coreana e, mesmo nos caso daqueles naturalizados brasileiros, a razão por tal opção se deu por causa da profissão, na área de direito, na maioria das vezes. Discutindo sobre a temática da identidade política do indivíduo, Park Hyo-jong (PARK; NA;

SHIN, D., 2008) toma como exemplo a opção de nacionalidade por migrantes internacionais como manifestação da vontade de atribuir o sentido político à sua identidade. Nesse sentido, pode-se dizer que a naturalização ou não-naturalização brasileira dos entrevistados mostra que eles participaram conscientemente do processo da construção da sua identidade, e não simplesmente influenciada pela circunstância.

Porém, outra coisa importante é que essa opção ativa pela identidade coreana não pode ser entendida como a escolha passiva entre ou a Coreia ou o Brasil. Muito pelo contrário, muitos dos entrevistados viram a realidade da Coreia em que os coreanos e a cultura contemporânea de lá não batem exatamente no estilo de vida que hoje os entrevistados levam no Brasil. Seria mais correto entender que a identidade coreana que hoje eles têm foi elaborada a partir da herança da Coreia, a qual os coreanos da Coreia e os imigrantes coreanos no Brasil – ou espalhados nos outros países também – possuem em comum. E os depoimentos dos entrevistados mostram que hoje aceitam com gratidão o lado brasileiro claramente existente dentro de si, o qual faz parte da sua identidade cultural. Como um exemplo, Jeong Nam-eun, que diz usar frequentemente a palavra “nós coreanos” e “nosso país Coreia” inconscientemente e, com nacionalidade coreana, fala: “Acho que o Brasil ocupa mais espaço no meu coração. Sinto-me estrangeira na Coreia. (Tradução nossa)”

Para fechar este tópico, parece haver um consenso entre os entrevistados, especialmente os mais jovens que têm mais tempo a viver no Brasil, que saíram da fase mais turbulenta, mas a jornada ainda não acabou e estão no processo de aprendizagem de como lidar com as situações de “descontinuidade entre Eu e Outro” (VELHO, 1987, p. 82) e como atribuir um significado mais ativo, por exemplo, como “ponte” a sua posição “entre”.

8.2 Visão do Brasil

Acredito que foi suficientemente vislumbrado, ao longo dos outros tópicos, que a trajetória social dos entrevistados contém aspectos mais complexos e dinâmicos, quando comparada à da geração de seus pais. Podemos presumir, com razão, apoiados pela observação de Velho (Ibid., p. 20), que o contato com grupos de naturezas mais variadas, e o círculo de relações nessa trajetória têm afetado a visão de mundo e o estilo de vida dos entrevistados.

A visão dos brasileiros e a visão do Brasil, por mais que seja impossível separar uma da outra, não é a mesma coisa. É verdade que o círculo de relações com os brasileiros influencia consideravelmente como os entrevistados olham para o Brasil, pois é a partir desse

pequeno pedaço do país, com o qual tiveram contato direto, que podem imaginar uma peça inteira, que é o Brasil. Mas, ao mesmo tempo, são mais ou menos cientes de que sua experiência é limitada para poder fazer uma generalização extrema, embora emocionalmente possam ser mais inclinados a se apegar a imagem preconceituosa. A seguir, veremos como a imagem e a visão do Brasil, representadas pelos entrevistados, têm mudado, e como seu significado para eles tem se modificado ao longo dessa trajetória: a partir do momento da concepção da existência do país quando ainda estavam na Coreia, até o presente momento, em que os entrevistados encontram-se no Brasil fazendo, parte dele.

8.2.1 Brasil imaginário e no primeiro encontro real: Brasil ainda como um Outro distante

Tanto para os pais dos entrevistados, que conceberam o projeto de imigração para o Brasil, quanto para os entrevistados, o Brasil ainda representava o mundo do Outro desconhecido. Especialmente no caso dos entrevistados, materiais com os quais podiam imaginar o Brasil eram realmente poucos, superficiais e abstratos e, ainda que tivessem tido informações mais concretas, elas poderiam ter sido não muito úteis, pois ainda eram muito novos.

Observa-se que, para os imigrantes pioneiros, o Brasil foi concebido como um paraíso, onde seria possível comer até fartar-se, sendo que, muitas vezes, o símbolo disso era a “banana”. Vejamos como Kim Ae-yeong desenhava o Brasil:

O Brasil era um mundo totalmente distante. Quando eu estava na Coreia, pensava, havia bananas no chão, e que poderia viver sem ter que trabalhar. Era isso que tinha ouvido. Por isso tinha pensado facilmente. Pensando que poderia viver confortavelmente. (Tradução nossa)

Enquanto isso, já para quem imigrou nos anos posteriores, tinha mais fontes disponíveis que ajudavam a terem uma ideia um pouco mais concreta, por exemplo, fotos enviadas pelos parentes já instalados no Brasil.

Ha Jeong-a, por exemplo, fala de duas fotos que sua tia materna enviou um pouco antes de deixar a Coreia, com as quais ficou sabendo que existe uma cidade chamada de Brasília, e que seu primo tinha ido passear lá. Também teve notícias sobre a comida e as frutas, que surgem mais uma vez em seu depoimento.

Por sua vez, no depoimento de Jeong Nam-eun, que veio no final da década de 1980, assim como Ha Jeong-a, podemos ver mais traços que tornam possível imaginar um Brasil mais real, como “Pelé”, “Carnaval”, e “Fusca”, entre outros:

Já tinha ouvido falar sobre o Brasil, mas ter um grande interesse no Brasil, isso não tinha. E na Coreia naquela época nem se falava muito sobre o Brasil. Não conseguia ter a menor intuição sobre como seria o país. **Na época, existia o Pelé, que era brasileiro, e o carnaval era o que as pessoas sabiam no geral.** [...] O meu primo mais velho veio primeiro, imigrando um ano antes. Esse primo e os familiares de sua esposa viviam aqui... mandamos uma carta informando que viríamos, e pedimos para nos contar como era o lugar mais ou menos, e nos contar o que precisamos trazer. **Lembro que trocamos algumas cartas.** Na carta nos contaram que tinham comprado um carro alemão, *volkswagen*, sabe o fusca que tinha muito na época, como era chamado o carro? Chamava-se besouro? *Beetle*? (Tradução nossa, grifo nosso)

Jeong recorda que o primo falou do carro tão entusiasmado que ela pensava que deve ter sido um carro realmente bom, e ao menos, isso foi uma informação fiel à realidade do Brasil.

A situação não parece ter sido muito difícil para os entrevistados que imigraram na década de 1990, sendo que o que sabiam, ou ouviam do Brasil então era sobre “gente com pele bronzeada” e a língua. O que se pode dizer resumidamente com relação ao Brasil na imaginação dos entrevistados como um todo, é que, para eles, era um país muito “obscuro”, o que é muito natural.

O encontro pessoal com o Brasil não ocorreu imediatamente após terem deixado a Coreia, no caso dos imigrantes até do início da década de 1970. Durante essa jornada no barco, que levou aproximadamente cinquenta dias saindo da Coreia até chegar ao Brasil, os entrevistados tiveram a oportunidade de enfrentar, mesmo de longe e superficialmente, “gente com fisionomia diferente” deles, cada vez que desembarcavam nos portos dos países como Hong Kong, Cingapura, Lorenço Marquês etc., com paisagens exóticas.

Ao ser perguntado sobre como se sentiu quando o barco finalmente entrou no Brasil, Baek Gyeong-tae responde, após alguns segundos:

Eu tinha uma expectativa quanto a como era o Brasil, como que haveria muitas oportunidades de trabalho... e que o Rio de Janeiro seria um paraíso, essas coisas. [...] e nós passamos pelo Rio de Janeiro, Santos e, por fim, chegamos a Paranaguá, no Estado de Paraná, pois havia uma fazenda em Paraná. **A impressão foi péssima. Havia muitos moradores de rua, negros, e não era higiênico.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Como vemos no relato de Baek, a expectativa alta para com o Brasil e uma nova vida lá, que seria mais abastecida e tranquila do que na Coreia, fez com que ele ficasse decepcionado ao ver a cidade onde iria morar. Estima-se que essa impressão negativa marcou tanto que daí a muito tempo foi difícil ter uma visão mais aberta para o Brasil e para brasileiros.

É interessante ver como é diferente a impressão que Kim Ae-yeong teve nessa mesma trajetória chegando ao Brasil, marcada mais pela curiosidade e gratidão ao povo brasileiro. Ela conta essa história, começando por um episódio engraçado que ocorreu graças à sua ingenuidade:

...e depois (após passar por muitos portos), o navio voltou para o Rio de Janeiro. Mas o meu irmão não permitiu que descesse do navio. O meu irmão desceu e pregou uma peça para mim: “Ae-yeong, Ae-yeong, aqui é um lugar chamado Rio de Janeiro, e há um bairro chamado Rio, outro chamado de e outro chamado Janeiro.” Então procurei três placas em que estivessem escritas Rio, de e Janeiro, mas não as encontrava. Então perguntei: “irmão, por que não tem?” Então o meu irmão sorriu. Agora, com 65 anos de idade estamos envelhecendo juntos. (Tradução nossa)

O que realmente a impressionou foi a hospitalidade das pessoas que estavam aguardando a chegada dos imigrantes coreanos para recebê-los com “pão e café”, o que ela não esquece até hoje:

[...] depois nós retornamos ao porto de Paranaguá, as pessoas da igreja católica deram as boas vindas e quando nos direcionávamos para a casa na qual iríamos morar, disseram que a casa não estava pronta, por isso fomos para a base do exército. Viajamos de trem e todas as vezes que faltava carvão (combustível), nós parávamos. **O bom foi que nós pudemos ver o lado acolhedor dos brasileiros.** Em todas as paradas, quando descansávamos, as irmãs católicas se aproximavam vestidas de avental branco, e nos entregavam pão e café. **Na estação, as pessoas nos aguardavam na estação dizendo em português: “Bem Vinda à imigração coreana”. E vinham de avental branco limpinho, segurando bandejas com pão, manteiga, café e leite. Era muito gostoso.** Faziam isso em todas as nossas paradas. Como sendo país católico, parece que mandavam aos fiéis para fazerem isso. Isso naqueles tempos. Acho que agora não fariam mais. (Tradução nossa, grifo da entrevistada e do autor)

Essa viagem longa, cansativa e aventureira, como marcada na memória dos entrevistados que veio de barco, fez com que eles se sentissem mais na pele que estavam deixando mesmo a Coreia, e que não estavam no Brasil apenas para passear. Tal percepção que tiveram parece formar um contraste com o que os entrevistados da imigração posterior sentiram ao chegar ao Brasil.

Por sua vez, Noh Jeong-nan, que veio ao Brasil na segunda turma que veio de avião, fala que não sentiu como se fosse uma imigração, mas uma viagem. Para os entrevistados que vieram posteriormente, inclusive Noh, a primeira impressão do Brasil resume-se em uma: “muito grande e quente”.

Depois de respirar fundo, mas com um sorriso alegre e empolgado, No Jeong-nan conta detalhadamente como se sentiu nos primeiros momentos no Brasil, comparando com a Coreia:

A única coisa que... quando eu cheguei ao Brasil e senti... era muito grande, né? Na Coreia você vai pra escola, volta pra casa. Era uma caminhada, assim... lembro disso, era muito próximo. E aqui (com a exclamação) a gente tinha que andar um quarteirão muito longe. A gente ia muito a pé. Eu Morava na Aclimação, eu fiz primário em Cambuci. É um bairro do lado. A gente ia a pé. **E a gente achava muito longe, muito longe. Porque o Brasil é muito grande.** Hoje eu sinto isso, né? Mas naquela época eu falava nossa, como é longe. Andava tanto, tanto, tanto. Não gostava de andar. Reclamava... (Grifo nosso)

Além de ser grande, podemos ver que “pão e café”, que marcaram a memória de Kim, representa ou representava uma das imagens do Brasil para outros entrevistados também. Noh também não é exceção:

[...] Eu lembro que a gente comia muito aquele pão francês. Nossa, quando a gente chegou ao Brasil, (*exclamação*), ai que delícia!!! Pão, a gente comia tanto que chegava ao céu da boca, ficava toda rachada, né? Porque era dura aquela casca, né? [...]

Além dessas imagens, alguns falam da terra e casa toda vermelha, estilo completamente diferente de se vestir das pessoas, atmosfera tropical, tantos estrangeiros, cheiro diferente no ar ao descreverem a então imagem do Brasil, e a sensação que tiveram.

Observa-se que, desde o momento da chegada, até alguns anos depois, a visão geral que os entrevistados costumavam ter do Brasil tendia a ser de natureza bastante limitada. Muitas vezes, ela não incluía nenhuma reflexão profunda sobre os brasileiros e a sociedade brasileira, especialmente porque o escopo de atividades em si ainda era altamente restrito às regiões menos privilegiadas. Por conseguinte, observa-se que nos primeiros momentos depois que começaram a viver em São Paulo, alguns dos entrevistados viviam com certo preconceito sobre o Brasil em geral, e sem muito afeto por ele.

Jeong Nam-eun fala que a primeira imagem do Brasil era de muita sujeira, e parecia uma cidade que havia passado pela guerra, vivendo no bairro do Brás:

O bairro Brás é um pouco assim. Que tipo de país é esse... digamos que **fiquei muito frustrada ao chegar no Brasil**. Até então, até tive um pouco de expectativa por ser um país em ascensão. Se faziam a imigração, deve ser porque era bom. E a minha mãe havia ouvido no consulado que o Brasil era um bom país. **Mas quando chegamos, fiquei profundamente frustrada, não tendo sentimento bom, parecia tudo ultrapassado.** Na Coreia também eu não era ninguém especial, mas por alguns anos tive esse tipo de pensamento. [...] Foi assim. No começo nós moramos no Brás, e o bairro não é bom para morar... (Tradução nossa, grifo nosso)

Não é o caso dos nossos entrevistados, mas entre os imigrantes pioneiros, que viviam concentrados na região de Liberdade, havia uma imagem realmente limitada e preconceituosa do Brasil em geral. Park Dong-min explica isso com um tom bastante crítico:

Na época, havia uma comunidade coreana. Condes de Sarzedas. No local havia prostíbulo, por isso o preço dos aluguéis era barato. Os coreanos sequer sabiam do prostíbulo, e por ser barato, viviam reunidos lá. Por isso os coreanos começaram a subestimar os brasileiros. Era local de prostituição e insegura. As mulheres eram meio assim e jogavam saco de mijo das janelas. Por viver em um local assim, pensava que todos os brasileiros eram assim, começando a usar expressões pejorativas aos brasileiros. (Tradução nossa)

Park lamenta e critica o fato de que alguns coreanos, que moravam nessa situação precária naquela época, viviam generalizando por um bom tempo essa imagem desagradável para todo o Brasil.

De fato, é possível ver nas fontes escritas e verbais sobre a imigração coreana no Brasil que, entre a primeira geração dos imigrantes coreanos, essa imagem perdurou por muito tempo, sendo uma barreira que os impedia de procurar fazer algum gesto ativo para conhecer os brasileiros, e assim imaginar um Brasil maior e diferente. Contudo, ao mesmo tempo, observa-se que existia a consciência entre eles, provavelmente não todos, da necessidade de mudar tal realidade. Vale trazer aqui uma passagem do prefácio do segundo volume da revista “Cultura Tropical”, publicada em abril de 1987 por um grupo de imigrantes coreanos em São Paulo, a qual pode ser considerada um ato significativo para apresentar o Brasil primeiramente aos seus conterrâneos em São Paulo:

[...] Eu também passei a perceber só com o tempo. O Brasil não é simplesmente um país tropical, e jamais é um país subdesenvolvido. Ao passo que fui conhecendo este país pouco a pouco, passei a ter desejo de aprender este Brasil enorme, e apresentá-lo ao nosso país (Coreia do Sul). Isto é, surgiu em mim o carinho pelo Brasil. [...] (“Cultura Tropical”, n. 2, 1987. p. 5, tradução nossa)

Publicada na língua coreana em principal, essa revista tinha como objetivo “aprender o Brasil e fazer o Brasil conhecer a cultura coreana a partir da percepção de que “nós – os imigrantes coreanos e os brasileiros – nos conhecemos pouco um a outro” (Ibid., p. 5).

Diversas formas de artigos como ensaios, colunas, artigos acadêmicos, histórias curtas, tudo sobre a vida do imigrante no Brasil, bem como dos brasileiros experienciados pelos autores, propiciam aos leitores um olhar reflexivo sobre o Brasil, o mundo do Outro ainda desconhecido para muitos dos imigrantes coreanos naquela época.

Junto com esses artigos escritos em coreano, a revista também publicava obras literárias, especialmente poemas coreanos com tradução para a língua portuguesa, o que também permite a possíveis leitores brasileiros conhecerem a cultura coreana. Enfim, no sentido em que a publicação da revista poderia ser entendida como um “projeto coletivo” – ainda que não tivesse envolvido grande número dos imigrantes coreanos – que “pressupõem a existência do Outro” (VELHO, 1994).

No nível individual, a mudança de visão do Brasil ocorre conforme a ampliação do escopo de atividades, e a ascensão econômica da família, o que permite residir em bairros mais decentes. Podemos ver, nos depoimentos dos nossos entrevistados, que a imagem do Brasil que tinham nos primeiros momentos passa a ser complementada e modificada, enfim, cada vez mais equilibrada à medida que isso aconteceu. A mudança, por enquanto, era com relação à aparência do país.

Jeong Nam-eun, que falou da sensação escura e sombria que teve quando morava em Brás, conta como as cenas dos outros bairros a surpreenderam:

[...] E depois fomos para o Bom Retiro, que dava para morar... então fomos para Aclimação, que é tudo muito bom. Lá tinha árvores e era muito bom. Também tinha prédios bonitos... então “Ah ah... (*suspiro*)”. Fiquei sabendo de tudo isso só depois de alguns anos. (Tradução nossa)

Por outro lado, diferente da maioria dos entrevistados, na memória de Kim Jin-mo o Brasil no início da década de 1970 está gravado um contraste com a então Coreia, muito pobre. Ele fala: “Meus pais diziam que o Brasil era um país bom, e eu realmente senti que era muito bom chegando aqui. Economicamente.”

Como foi dito, sejam boas, sejam ruins, essas imagens ainda não são baseadas em conhecimentos sólidos a respeito da sociedade brasileira, e especialmente nelas não surgem comentários sobre “pessoas” do Brasil. Quando lembramos que são pessoas que constituem de uma sociedade, dando-lhe vigor e cor única (MEAD, 1934), poder-se-ia dizer que é

imprescindível ter as imagens dos brasileiros na nossa reflexão para poder falar da visão do Brasil.

8.2.2 Uma visão geral do Brasil estabelecida ao longo da (con)vivência no Brasil

Para os entrevistados, a adesão às instituições brasileiras de várias naturezas, como a escola e o trabalho, entre outras, contribuiu significativamente para que sua visão do Brasil se tornasse mais inclusiva e menos preconceituosa. Some-se a isso o círculo de relações com os brasileiros em diferentes ambientes, ampliado e aprofundado o que a primeira geração não desfrutou.

Podemos ver que, primeiramente, a partir da observação das pessoas e dos sistemas diferentes do Brasil, nascem concepções sobre a cultura brasileira. Enquanto não há interação significativa, essa observação, ou relação “unidirecional” (BUBER, 1974) tende a conter olhares preconceituosos.

Baek Gyeong-tae, reconhecendo o seu lado meio preconceituoso, fala cautelosamente da impressão geral sobre o ritmo de trabalho “muito lento” aos seus olhos enquanto a família trabalhava na fazenda:

Ao convivermos aqui, nós pensávamos que as pessoas daqui eram preguiçosas. **Era um preconceito. Não havia muitas oportunidades de contato com os brasileiros, mas era tudo muito lento...** quando nós chegamos, na cidade de Londrina o comércio fechava na hora do almoço. Por causa de... tipo *siesta*. Até os bancos fechavam. Achávamos isso muito peculiar, e assim vivíamos. [...] Nós fazíamos comparações... “não devo viver daquele jeito”, mentiam muito para gente. Será que todos os brasileiros são assim? Não pode ser assim... pois é. E falávamos: “Vamos agilizar com esforço e melhorar de vida fazendo o máximo no trabalho. (Tradução nossa, grifo nosso)

Para ele, que hoje trabalha com confecções e lida com funcionários brasileiros, parece que essa impressão ainda continua “parcialmente” por ele se sentir mais apegado ao ritmo de vida um pouco mais rápido. Mas ele fala que, quando ele trabalhava em bancos, num ambiente profissional muito diferente, viu outro ritmo de trabalho na convivência com os colegas elites, o que lhe permitiu não generalizar essa impressão para o Brasil todo.

Esse lado sobre a “velocidade” é comentado por Im Hye-suk também, que faz uma comparação um pouco mais detalhada com a Coreia:

Nesse sentido, é muito difícil. As pessoas daqui são mais lentas, e os coreanos são muito apressados. Não há porque apressar aqui. Nada se resolve no dia. Demora alguns dias. Alguns dias podem se tornar alguns meses. Quem é muito apressado não compreende isso. Eu também fiquei mais lenta, quando vou à Coreia é tudo assim: “imediatamente, hoje”, “dentro do prazo”. Mesmo tendo me acostumado com este país por dezenas de anos, quando vou à Coreia fico admirada e maravilhada, “Ah, como seria bom se fosse assim.” Por um lado é bom, mas por outro deve ser mais difícil. Tudo neste país é muito lento. É sufocante. (Tradução nossa)

No que ela prossegue dizendo, vê-se a identificação com a cultura brasileira, e a negociação entre os valores diferentes das duas culturas que ela faz, objetivando favorecer sua cultura original:

Por outro lado, não há porque ter pressa enquanto vivemos aqui (*sorriso*), nesse sentido... não se trata de preguiça, mas de modo de pensamento. Na Coreia é tudo muito apressado. Na verdade, não é bom ser muito apressado. Mas também, muito devagar enche a paciência. (Tradução nossa)

Como muitos outros, também fala sorrindo: “Seria bom se misturasse os dois.” Daí a conclusão da sua visão do Brasil, um “grande” país:

Há muitas coisas para se aprender das pessoas daqui. Desde criança o que senti é que “**aqui é realmente um grande país**”. Mesmo que o processo seja lento, o bom é que a competitividade não é como a Coreia. Na Coreia é “você morre para que eu viva”, mas aqui todos se ajudam. Até cola junto na prova. (Tradução nossa, grifo nosso)

O Brasil, país grande, com “coração grande”, não simplesmente com “vasto território”, ganha mais clareza pela “tolerância”, no caso de Kang Eun-won:

Na época, eu era, hahahahaha, uma piada. Eu costumava falar trocando os artigos masculinos e femininos. Quando conversava com os amigos ríamos juntos, hahahah era uma piada (era engraçada só de pensar). Havia muitos episódios assim: quando abria a boca, ficava rindo, era muito engraçado. Mas os brasileiros não pensavam negativamente e acolhiam tudo isso. **Há muita tolerância.** Não menosprezam porque não fala bem português, mas valorizam o fato de ter ingressado em uma boa faculdade mesmo não dominando a língua. (Tradução nossa, grifo nosso)

Dessa maneira, são comentados lados dos brasileiros como “generoso”, “harmonioso”, “alegre” etc., dos quais a maioria dos entrevistados diz ter desfrutado.

Enquanto a natureza do Brasil e a mente aberta do povo são mencionadas por outros entrevistados, o que é interessante para Kim Su-jin é um aspecto do relacionamento na cultura

brasileira, o qual ela estranhou muito no início, a ponto de ficar meio ofendida pela diferença com a cultura coreana. Vejamos onde começou sua observação sobre o relacionamento:

Como você sabe, no Brasil, alguém telefona pra você, e essa pessoa pergunta: “De onde fala?” ou “Quem tá falando?”. **Isso, eu achei muito estranho.** Na Coreia, é o contrário. Você ligou? Então é você que tem que dar seu nome, falar quem você é, por que ligou, não é? Então, por isso que fiquei meio... **Mas agora penso assim.** No Brasil, eles acham natural perguntar primeiro da parte que ligou “Da onde fala, Quem tá falando”, **porque eles querem “conectar” a pessoa com quem estão falando. Primeiro “colocar essa ponte entre eles”.** Não sei. Foi o que senti refletindo sobre isso. (Tradução nossa, grifo nosso)

Hoje, ela entende esse costume na cultura brasileira como uma tentativa “preciosa” de ligar “Eu e Tu”, o que torna mais flexível e eficiente o relacionamento com as pessoas. Além disso, ela mesma pratica isso tanto no trabalho quanto na esfera pessoal, perguntando o nome da pessoa com quem fala por telefone, e ela enfatiza, verifica que a atmosfera fica realmente mais favorável ao relacionamento duradouro, facilitando a conversa em negócios também.

E outros falam, como vimos no outro tópico, que as experiências que tiveram com a igreja ajudaram a conhecer mais o vasto território brasileiro, e aspectos divergentes do país; fazendo com que abrissem sua visão a respeito dele. Se antes o pequeno pedaço de São Paulo, Bom Retiro, Santa Cecília, Liberdade e regiões onde frequentavam no dia a dia era tudo do Brasil para eles, essas viagens permitem conhecer e imaginar um país maior.

Assim, nos depoimentos acima colocados, vê-se que é descrita a visão do Brasil, adquirida através da experiência direta, do relacionamento com as pessoas, e da observação dos ambientes que frequentam ou conhecem pessoalmente.

Enquanto isso, alguns, junto com a imagem obtida por meio desse tipo de experiência, contam a partir de um ponto de vista mais macro sobre a sociedade brasileira.

Shim Jeong-mi, que diz sempre ter tido mais afinidade com a cultura brasileira até os anos de 1980, mostra sua opinião cautelosamente sobre a mudança, no sentido negativo, da corrente da cultura brasileira:

(agora que a Coreia está em alta) ao mesmo tempo, o Brasil ficou muito defasado. **Ao observar os anos 70 e 80, penso que o Brasil regrediu muito. Não há um ambiente favorável para nos valores da sociedade ou na cultura brasileira.** Parece-me que não há nada do que aproveitar na música e etc. do ponto de vista dos coreanos. Ao observar as músicas que fazem sucesso atualmente em comparação com os anos 70, há uma diferença de linguagem muito grande. Está muito corrompida... e **isso quer dizer que**

não há uma cultura de alto nível no Brasil? Há, porém não é popularizada. Sinto que antes o nível era muito melhor do que atualmente. Há muito apelo sexual. Não era assim. Não sei qual a razão disso... todas as pessoas assistiam TV, mas as pessoas de alto nível de renda não assistem mais... Fico com aperto no coração. Sim... **o Brasil da minha infância... a Coreia... é um sentimento contraste**, mas por um lado gostaria de correr em direção à sociedade brasileira. O Brasil é muito bom. Há muitas pessoas dignas. Também possui uma grande cultura. Quando jovem quis muito adentrar essa cultura... [...] Agora mudei bastante. Eu cresci nesse período em que a cultura brasileira era de mais alto nível. [...] (Tradução nossa, grifo nosso)

Para ela, tal regressão do Brasil em termos da cultura popular é recebida com grande pena, especialmente por ela ter tido admiração pelo Brasil na sua adolescência e juventude.

A diversidade do Brasil já foi expressa por outros entrevistados também, mas de modo mais indireto, comentando mais os aspectos específicos manifestados, como a “relação horizontal”, “o povo receptivo”, a “coexistência de valores diferentes”, em meio a tal atmosfera “diversificada”, “multicultural”, “plural”, “mesclado” etc.

Com relação a isso, Oh Min-chan faz sua observação sobre essa diversidade, atribuindo a ela um caráter único do povo brasileiro, composto de diversas raças e etnias, que são o “orgulho”, ou uma espécie de teimosia só dos brasileiros:

O país brasileiro é um país de várias raças, muito mais do que em Nova Iorque. Realmente há muita diversidade. **Se observar o Brasil politicamente, ou mesmo o caráter do brasileiro, tem uma auto-estima e um orgulho. Tem uma teimosia só deles.** Por exemplo, recentemente teve um jogo de futebol no estádio do Morumbi entre um time argentino e um brasileiro. No ataque do time brasileiro havia um atacante chamado Graffite. Durante o jogo, houve uma jogada de corpo e o jogador argentino fez um xingamento carregado de preconceito racial, contra a sua cor de pele. Essa cena foi flagrada pela imprensa, e assim que terminou o jogo, o delegado e a polícia civil prenderam o jogador argentino por dois dias, acusado de preconceito racial. **Esse país é assim. Independente** no relacionamento com a Argentina. Também tem o caso com o piloto norte-americano, da *American Airlines*. (Tradução nossa, grifo nosso)

Observa-se, de fato, que esse lado que o Brasil mostrou exteriormente é frequentemente comentado por imigrantes coreanos, com um tom de certo orgulho e empolgação – expressos implícita e explicitamente – de fazer parte desse país, assim como Oh sente.

Acerca de como a diversidade do Brasil é vista pelos imigrantes coreanos, parece interessante introduzir a observação de Ko Young-gyu, pastor da igreja presbiteriana Á gua Viva. Ele aproxima-se do assunto com mais especificidade, comparando com a diversidade

dos EUA, em especial, com base em sua experiência em outros países. Enquanto os outros focam mais o lado receptivo, não discriminatório, tolerante como aspectos concedidos por tal diversidade, ele entende essa mesma característica como uma diversidade condicional, ou como “cultura da esponja”, expressão que ele empregou na hora da entrevista:

No Brasil, o oriental se destaca. O ocidental... é interessante. Italianos, turco, ninguém diz a eles que não falam bem português. Há muitos deles que dominam o português menos que agente. Mas eles vivem misturados aqui. Por serem ocidentais, aparentemente não se destacam. Mas o oriental se destaca. Se aqui fosse Hong Kong ou Indonésia, sentiríamos menos diferença. Pois vivemos misturados no Brasil. **O Brasil é como uma esponja. A esponja absorve tudo, mas se for exprimida, sai toda a sujeira.** Isso é o Brasil. Ele absorve tudo e guarda tudo dentro de si. Se for pressionada, vem à tona. Por exemplo, pode-se dizer que o boliviano, por causa do comércio coreano etc e tal... os imigrantes coreanos também são brasileiros, mas se faz uma distinção entre coreanos e bolivianos. Toda a sujeira vem à tona. Chamo isso de cultura da esponja. Filosofia da esponja. (*sorriso*) (Tradução nossa, grifo nosso e do entrevistado)

Com o fim de deixar mais clara sua observação, ele faz uma comparação com a diversidade dos EUA, frequentemente comparada ao Brasil por muitas pessoas:

Nos EUA, a cultura não é de esponja. Eles têm as suas cercas. Como posso dizer... os EUA... o interessante... eles fazem muito bem. Em minha opinião, eles têm uma base no pensamento cristão. Todas as nações vivem no país, em especial a elite desses países. Por isso os EUA têm uma cultura do surgimento da nação, e digamos, da bandeira estadunidense? Se a pessoa é declarada como cidadã norte-americana perante a bandeira, eles entram completamente nisso. [...] Os EUA dividem entre a minoria e a maioria, o importante é quem tem a hegemonia... **Os EUA... poderia ser comparado a um museu. Um mega museu. Como a estrutura já está feita, é só colocar de acordo com cada departamento. Porém, somente dentro da sua área.** Aqui tem o contemporâneo e o antigo. Porém, nós cuidaremos do geral. Caso haja uma obra-prima, pode ser exposta. Totalmente bem vinda... eles criam essas condições. [...] (Tradução nossa, grifo nosso)

Para Han O-jun, a questão da diversidade do Brasil é de natureza complicada. Ele entende que, em alguns sentidos, a imagem do Brasil, especialmente propagandeada fora do país, é muito superficial. Observa-se que ele vê a diversidade do país muito “abstrata” e “ambígua”, assim como o homogeneísmo – e não homogeneidade – da Coreia é:

Acho que tanto a Coreia quanto o Brasil precisam se abrir mais. Porque o Brasil também me parece muito superficial, digo, a imagem que ele difunde exteriormente [...] **Não existe um meio concreto que explique especificamente qual a vantagem e qual o problema dentro deste país para alguém que está fora.** Mesmo com relação à divulgação do país, acho

que ela tem que abranger diversos aspectos da sociedade. [...] Você conhece um ditado: “O sapo no poço”, né? Tanto os coreanos quanto os brasileiros têm um lado muito fechado, eu acho. (Tradução nossa, grifo nosso)

E para finalizar, Han aponta que na sociedade brasileira “existe, com certeza, fronteiras, difíceis de ultrapassar” ainda que não sejam de natureza de discriminação racial, reconhecendo que ele mesmo vê esse lado em si.

De fato, a questão da fronteira entre grupos diferentes em vários sentidos como de raça, etnia, religião, nível econômico etc. é de grande relevância no Brasil, especialmente por nele existir diversos grupos étnicos. José de Souza Martins (2009, p. 132-133), em seu trabalho sobre a degradação do outro em torno do conceito-eixo “fronteira”, coloca que “a história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais”, vendo-a como uma “situação de conflito social”.

Hoje, uma das características que define a polêmica em torno da questão da fronteira, não necessariamente no Brasil, mas no mundo como um todo, parece ser a “ambiguidade”, o que se deve, antes de tudo, um consentimento tácito existente na sociedade: sob esse consentimento, as pessoas sabem que existe a fronteira, mas fingem que ela não existe, e sabem que é difícil ultrapassá-la, mas a propagandeiam como se não houvesse nenhuma limitação para quem quiser atravessá-la. Assim, forma-se uma atmosfera em que cada um se torna mais apto a pretender ficar no lugar onde está.

Podemos ver os olhares de objetivização óbvia da cultura brasileira, lançados pelos entrevistados e, nesse processo, a Coreia e outros países entram frequentemente como objeto de comparação. É inevitável captam-se fatores subjetivos, como sentimentos e emoções, carinho e pena pelo país, porque eles mesmos constituem esse país.

Se podemos entender esse processo à luz da reflexão de Buber (1974), embora no momento de reflexão o Brasil se torne um “objeto” para os entrevistados, esse país não é algo que simplesmente foi experienciado por eles, mas é exatamente ele que lhes propiciou encontros e relações atuais com seus constituintes – povo, cultura e tudo. É bom lembrar também que os depoimentos aqui citados, que se destacam mais ao falarem opiniões sobre as características do Brasil, são uma versão mais organizada das observações, na verdade, “fragmentadas” sobre os brasileiros e a cultura brasileira, feitas nas esferas diferentes da vida.

8.2.3 O significado do Brasil para mim: o Brasil como Tu

É interessante ver como os entrevistados trazem o Brasil para uma dimensão mais pessoal de sua visão a respeito do país. Observa-se que o maior sentimento – não avaliação ou observação objetiva como vimos anteriormente – que o Brasil traz pessoalmente para todos os entrevistados resume-se a uma palavra: “gratidão”. Esse agradecimento é expresso nos relatos através da manifestação da vontade de contribuir à sociedade brasileira, de uma forma ou de outra, o que está colocado melhor no tópico sobre seu projeto da vida.

Por exemplo, Im Hye-suk diz:

Somente tenho um coração agradecido ao Brasil. Tenho muito que devolver para o Brasil. Pois me acolheu muito bem. Esta nação. Sim, para mim o importante é o Brasil. Pois é o país em que vivo. Toda a minha vida está aqui, por isso é importante, preciso trabalhar pelo Brasil. (Tradução nossa)

Entretanto, ela fala que quer trabalhar “pelo Brasil” com uma postura coreana, embora não possa dizer que a nação dela é mais a coreana. Da mesma maneira, a maioria dos entrevistados com o desejo de contribuição à sociedade parece estabelecer um princípio em que o Brasil se coloca no lugar de objeto mais direto de tal contribuição, e a Coreia mais indireto, o que é muito natural, uma vez que o Brasil é a “base” da sua vida, como todos falam com unanimidade.

A respeito do significado do Brasil para os entrevistados, foi dirigida a eles uma pergunta: “Como definiria pessoalmente o Brasil na sua vida?”. Essa pergunta foi elaborada como sendo uma tentativa de descobrir como eles englobam suas várias observações, impressões e sentimentos manifestados ao longo da entrevista, de maneira solta, em uma visão mais significativa. É interessante ver que eles encontram mais facilidade ao responder, lançando a si mesmos a mesma pergunta sobre a Coreia, o que, por sua vez, nos permite entender sua relação com a terra natal com mais clareza.

Para Kim Ae-yeong, “a Coreia é o país natal”, e “o Brasil é uma espécie de treinador que a preparou com conhecimentos profissionais e, de graça”. No caso dela, o reconhecimento da Coreia como “país natal” é algo muito recente, não porque ela negava isso, mas porque vivia mais fiel à realidade do Brasil.

Ao contrário de Kim Ae-yeong, o “país natal” para Yu Na-bin, uma jovem de trinta anos, com mais habilidade com a língua portuguesa, é o Brasil, e não a Coreia, embora ela não tenha nascido no Brasil. Vejamos o que a faz dizer isso:

Embora eu não tenha nascido aqui, eu sei muito mais coisas desse país do que o meu país de origem. Outro fato é que eu morei a maior parte da minha vida aqui no Brasil. Em minha opinião, e posso falar com confiança, que a maioria das pessoas vai concordar, **o Brasil é um país extremamente acolhedor**. Não somente pelas pessoas que são imensamente simpáticas, compreensivas e pacientes. **O clima também ajuda muito os imigrantes a amarem tanto esse país**. (Tradução nossa, grifo nosso)

Esse pensamento que Yu tem a levou até alguns anos atrás a criticar seus pais por não aprenderem direito português morando aqui no Brasil. Essa é uma coisa “básica” para ela. Falando do “*American Dream*”, que muitas pessoas tinham por muito tempo, ela afirma que o que brilha mais para ela é o “Sonho Brasileiro”, sonho com um país que tem mais recursos e potencial do que qualquer outro país no mundo, a seu ver.

De modo semelhante, Jeong Nam-eun, que tinha uma impressão péssima do Brasil nos primeiros anos, hoje fala que está sendo beneficiada muito pela sociedade brasileira, a ponto de pensar que “foi muito bom ter vindo para cá” (Diferente dos outros entrevistados, ela foi a única que tinha escolha se vinha ao Brasil com a família ou permanecia na Coreia na casa de algum parente, aos dezessete anos de idade naquela época):

Sinto mais amor pelo Brasil... haha (*rindo*) agora gosto muito do Brasil. Penso que **foi muito bom ter vindo para cá, pois mais do que viver sob um mesmo jeito na Coreia é muito melhor viver com uma diversidade de pessoas onde não há preconceito racial**, e penso que aqui seja o único lugar onde possa viver misturado com outros. É difícil ter uma vida bem estruturada quanto imigrante. Agradeço muito por essa vinda e **penso no Brasil como a minha 2ª terra natal...** acho que aqui podemos pensar grande. Há grandes vantagens em viver no Brasil. (Tradução nossa, grifo nosso)

Para Jeong, a satisfação com a vida no Brasil e a gratidão a ele são imensas, o que a faz sentir e considerá-lo como sua “segunda terra natal”.

Como se pode pensar facilmente, a ideia “pátria” também surge frequentemente, mas nem sempre com um sentimento muito forte inerente à palavra, no sentido tradicional de solenidade, por exemplo.

Ha Jeong-a, que nunca voltou à Coreia depois que imigrou ao Brasil, parece imaginar a Coreia com maior intimidade, embora a considere como sua pátria. Em vez disso, dá o significado ao Brasil como país que lhe deu o “motivo para ela crescer na fé cristã”.

No caso de Hwang In-pyo, nota-se que a visão cristã forma o eixo em definir sua visão para com o Brasil:

A Coreia é minha pátria, e o Brasil, é o país que me permitiu oportunidades ao me receber. [...] Por isso quero conhecer bem o país para ser aquele que preenche as necessidades do país. Por isso não vivo no país em que gostaria de viver. Eu viajo para esses lugares. **Mas vivo no país que necessita de mim.** Após ser missionário na África, ao decidir se iria para Inglaterra, Coreia ou Brasil, decidi por esse país por sentir que era a nação que mais necessitasse de mim. Em outras palavras, **queria me maximizar, a ponto de contribuir com tudo que tenho. E esse país, pensei que tem que ser o Brasil...** Com relação à nacionalidade é a mesma coisa. **Eu sou cristão, e sou imigrante, pois com isso tenho que servir a nação em que estou vivendo.** Como José serviu ao Egito e como Daniel serviu a Babilônia. (Tradução nossa, grifo nosso)

Podemos ver, no depoimento de Hwang, que o pensamento de que o Brasil necessita da pessoa que ele é coincide com a consciência clara de que, como membro da *Geração 1.5*, pode se expressar melhor estando no Brasil. Em outras palavras, para ele, é no Brasil que deve haver a realização de si, constituído experiências e memórias estabelecidas na trajetória que começou na Coreia, e teve sua continuidade no Brasil.

As palavras como “mãe” e “pai” também são frequentemente empregadas como o fim de descrever melhor.

Por exemplo, ao ser perguntada sobre o que se sente com relação ao Brasil e à Coreia, Noh Jeong-nan pára alguns segundos, e conclui que:

O Brasil é assim... eh... como é um lugar em que cresci, é **tipo uma mãe**, entendeu? Eu não penso a Coreia... como... eu não sentiria segura. **Eu acho que a mamãe é o Brasil. E a Coreia seria o pai.** Porque aqui sei que aqui tem minha família, é onde eu cresci, então sinto mais segura, né, a segurança e tudo. (Grifo nosso)

Han O-jun, que também define a Coreia como a “terra natal” e “pai”, e o Brasil como a “mãe”, mostra maior orgulho de ter nascido e ter sido educado na Coreia, mas também diz que o Brasil deu mais coisas para ele. Por exemplo, o “visto permanente” brasileiro é uma coisa simbólica do que ele recebeu do Brasil.

Por sua vez, Kim Jin-mo também define os dois países em termos da relação pais e filhos. O interessante é que ele se define como “filho adotivo do Brasil, o pai”:

Poderíamos pensar no país como uma família maior, não? O país é formado por pessoas que possuem culturas parecidas com o nosso que convivem em troca e interdependência dentro de um espaço maior chamado país. Gostaria de observar como uma família maior. E a Coreia é onde nasci. Gostando ou não, não posso abandoná-la. Simplesmente onde nasci. **(A Coreia) Simplesmente sou eu. [...] E o Brasil é o lugar que me adotou quando estava um pouco crescido.** Não me rejeitou nem me impediu o meu

caminho me dando muitas oportunidades de realizações de forma justa. **A minha 2ª terra natal a qual não posso expressar com palavras.** É comum isso acontecer, mas é real. (Tradução nossa, grifo nosso)

Podemos entender que na percepção de Kim, enquanto a Coreia é uma cerca ou identidade que foi “dada” naturalmente para ele, o Brasil tomou “atitude” ou “escolha” consciente de “adotá-lo” como “filho” respondendo à escolha do Brasil pelos, estritamente falando, pais de Kim.

Quanto à raiz, outros entrevistados, ao empregarem essa palavra, têm tendência para focar mais na Coreia quando se referem à “sua raiz”. Enquanto isso, Oh Min-chan, aplica o conceito de raiz com relação aos seus filhos, que nasceram aqui:

[...] **(o Brasil) é o país na qual tenho que criar raízes e o país onde os meus filhos irão viver.** Tendo imigrado, passei por um processo difícil de estabilidade, mas agora estou em uma posição, e agora tenho condições para contribuir. **Agora penso que devo retribuir para essas pessoas, essa nação.** Antes não tinha esse pensamento. De uma forma ou de outra, sofri, mas fui muito mais beneficiado. **No simples fato de ter vivido até agora estou sendo beneficiado. O que mais poderia ser?** Será que os estrangeiros poderiam viver dessa maneira na Coreia, honestamente? (Tradução nossa, grifo nosso)

De fato, podemos ver que a tendência da sociedade coreana em ser menos tolerante com as pessoas e coisas “diferentes”, é gravada na mente dos muitos entrevistados, o que torna mais destacada a diversidade, e relativamente maior a tolerância do Brasil como um mérito.

Por outro lado, a comparação de Kim Su-jin parece mais criativa em termos da frequência maior dos outros termos. Ela começa por definir a nação para poder falar que significado tem o Brasil. Para ela, a nação é como um “guarda-chuva” que protege o indivíduo, do qual ele não tem ciência:

Mas quando não temos a diferença é muito grande. Se não há nação, não haverá patriotismo. Quando não há, sentimento de falta é muito grande. Quando tem não se percebe. Como um guarda-chuva que não é visível. Eu tenho dois. **Penso que recebo muita proteção.** Tenho 28 anos, e vivi 14 anos da Coreia e 14 anos no Brasil. Penso que a cada vez que fizer aniversário ficarei cada vez mais abasileirada. **Para mim, o papel de guarda-chuva que a nação faz para mim...** (Tradução nossa, grifo nosso)

É interessante acompanhar o que Kim conta sobre a imagem dela vista aos olhos das pessoas dos outros países, nem do Brasil, nem da Coreia, o que é possível por ela ter essa “dupla proteção por dois guarda-chuvas”:

[...] o Brasil para mim tem uma potencialidade e é um futuro país líder mundial. Por isso quando digo que sou do Brasil as pessoas demonstram muito interesse. É muito... como posso dizer? Otimista, aberta, não tem discriminação racial e tem muitos recursos naturais. **As pessoas têm essas duas imagens da Coreia e do Brasil em mim.** Eu percebi isso porque tenho um amigo alemão. Esse amigo percebeu essa característica em mim quando veio estudar no Brasil, e estava procurando ajuda pela internet, e viu o meu perfil. Coreana que vive no Brasil e estudou direito. Essa pessoa também é advogado, que mora na Alemanha. Sob o seu ponto de vista, a Alemanha e a Coreia são semelhantes na educação e na tecnologia na sua tradição. Mas, ao mesmo tempo, esse amigo tinha muito interesse na paixão latina. **Mas como eu tinha esses três componentes,** essa amiga gostou muito. **Penso que posso mostrar tanto do ocidental quanto do oriental.** (Tradução nossa)

Assim, ela atribui mais explicitamente um significado igualmente importante às duas nações que possibilitaram a constituição da pessoa que ela é hoje. Ela acrescenta: “Quero dizer que ‘não sou em si, mas dentro do guarda-chuva que é a nação para outras pessoas’ (Tradução nossa)”. Seu depoimento nos lembra as reflexões sobre o Eu ou *self*, nas palavras de Buber (1974) e Mead (1934) respectivamente, essenciais na nossa discussão. Como vimos enfatizando ao longo deste trabalho, os dois autores assinalam um ponto de que “não existe ‘Eu em si’, mas somente ‘Eu nas relações estabelecidas ou no processo social’ no mundo. Do mesmo modo, Arendt (2007) adverte o quanto é “irreal” o homem existir como homem se isolando do mundo:

Estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A ação e o discurso necessitam tanto da **circunvizinhança de outros** quanto a fabricação necessita da circunvizinhança da natureza, **da qual obtém matéria-prima**, e do mundo, onde coloca o produto acabado. (ARENDR, 2007, p. 201, grifo nosso)

O relato de Kim Su-jin mostra que ela está claramente ciente do seu ser como um produto culturalmente fabricado, a partir da vivência em ambas as culturas, coreana e brasileira; bem como da convivência com os componentes dela. Para ela, é impossível dizer “Eu em si”, separando-a dessas dimensões culturais, pelo contrário, são elas que constituem o Eu dela.

Enquanto isso, com respeito à questão da nação, Shim Jeong-mi responde que “agora não há mais um sentimento de pressão”, que vem por pensar que precisa escolher um dos dois. No caso dela, o trabalho como tradutora e intérprete contribuiu significativamente para ela

abraçar nela a visão das duas nações, ou melhor, dos dois países porque é exatamente esse recurso que possibilita esse trabalho.

Ao tentar descobrir para qual país os entrevistados ficam mais inclinados no nível mais natural, pareceu interessante trazer aqui o assunto de futebol. Nisso, foi levado em consideração o fato de que o futebol parte um código comum entre dois países em termos da paixão do povo por ele e também motivado pelas respostas de alguns entrevistados, que comentam o assunto ao contar sua visão do Brasil.

Ao serem perguntados por qual país torcem no jogo, alguns hesitam um pouco por terem afeto por ambos os países, enquanto os outros respondem com maior certeza, mostrando a inclinação indiscutível a um país.

Noh Jeong-nan, com um sorriso de certo embaraço, responde: “Olha, na verdade, se for pra escolher, eu acho que o Brasil. (*silêncio*), mas se a Coreia faz com outro, outro países, com certeza, a Coreia. Pelo menos isso.”

E outros também têm mesma opinião que a de Noh, mas nem sempre é por causa da inclinação emocional com relação ao Brasil, embora muitos dos entrevistados o sintam em relação aos outros assuntos. Parece que a opção pelo Brasil é mais pelos motivos realistas, afinal, o Brasil é “invencível” no futebol. Por exemplo, Oh Min-chan pensa como seguinte:

Se os dois países tiverem um jogo de futebol contra si, honestamente, tecnicamente falando a Coreia não tem condições de ganhar. No ano de 98, quando estava na Coreia, teve uma vez que a Coreia ganhou. Fiquei frustrado pelo Brasil ter perdido. **Falando francamente, acho que no 1º tempo vou torcer pela Coreia e no 2º, pelo Brasil.** (Tradução nossa, grifo nosso)

Assim, ele faz uma negociação consigo mesmo para ser fiel a ambos os países, o que foi visto nos outros entrevistados também.

Por sua vez, Han O-jun, que diz ter agradecimento ao Brasil como os outros, responde que pode falar abertamente na frente dos seus amigos brasileiros que vai torcer pela Coreia, e vai fazer isso “mesmo que leve um soco deles”.

Enquanto isso, é interessante como Gwak Tae-gyeong, que torcem pelos dois, descreve o sentimento que cada um traz nos jogos de futebol:

Ainda, mais pra Coreia que me dá ataque de coração a cada partida. Mas cada vez que assisto ao jogo do Brasil fico mais e mais entusiasmado, e sinto me entrando em sintonia com os brasileiros. É um sentimento e emoção pouco diferente. **Primeiro, parece mais com o sentimento que tenho pra**

minha irmã querida. E o outro, é parecido com o sentimento que tenho com o meu melhor amigo. (Grifo nosso)

Desse modo, para a maioria dos entrevistados, que diz não se sentir pressionado a escolher um só entre os dois, o futebol parece um ponto que exige mais essa escolha, mas sem algum peso que implica conflito de identidade, com certeza. Como vimos, há espaço para negociação conforme critérios que cada um estabelece do seu jeito.

Ao longo da trajetória apresentada neste trabalho, do momento em que pela primeira vez foi concebido um país chamado Brasil, enquanto ainda estavam na Coreia, até o momento presente, em que eles se encontram no meio do Brasil, foi possível acompanhar seus olhares para com o Brasil, os quais têm mudado de caráter ao passo que foram conhecendo o povo e a cultura brasileiros.

Nos primeiros momentos os olhares dos entrevistados dirigidos ao Brasil tendiam a ser limitados e preconceituosos porque realmente (os entrevistados) não tinham intimidade alguma com esse mundo estranho. Hoje, depois que estabeleceram relações íntimas com este país, esses “olhares distanciados” (LÉVI-STRAUSS, 1983) para com o Brasil que nós vimos ao longo dos relatos dos entrevistados, têm como natureza a objetivação “intencional” de si (do Brasil) – digo “de si” porque hoje o Brasil constitui a identidade deles.

Acredito que é possível atribuir tanto ao Brasil quanto à Coreia o lugar de “Tu”, conforme o pensamento de Buber (1974). Ainda que façam constantemente esse distanciamento do mundo a que pertencem, com o fim de articular e modificar o projeto de vida, especialmente com relação a como se posicionar perante duas culturas como referência, que têm por ser imigrantes coreanos, e, da *Geração 1.5*, enquanto os entrevistados vivem no Brasil, voltam constantemente a ele para pertencer a ele de novo e se encontrar com ele como Tu e não como Isso. E a Coreia, com a qual entrevistados tinham relações íntimas na forma atual, está guardada na memória dos entrevistados como matéria-prima e essa memória continua sendo reconstruída através do contato com a Coreia de várias maneiras. Enfim, a visão do Brasil, o que é o presente para os entrevistados hoje, é influenciada permanentemente pela visão da Coreia que eles têm, nem sempre de modo linear e coerente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não deixe a sua vida acontecer sem você.
(De um comercial de um produto eletrônico)

A minha reflexão sobre a noção do Eu e do Outro, ou seja, do Nós e do Eles começou com o descolamento do meu país natal e inserção num outro país, no qual pude pisar só depois de ficar “no ar” mais de um dia. Hoje, essa própria viagem, esse momento em que estive nem na Coreia, nem no Brasil, me parece um estágio simbólico que me trouxe a uma experiência especial de “entre” no Brasil, embora naquele momento eu não tenha tido a consciência disso. Realmente, a travessia de fronteiras nacionais implica mudanças muito mais dinâmicas.

Pode-se dizer que a estrutura deste trabalho representa o percurso do olhar de um indivíduo que saiu do seu país natal, caracterizado pela homogeneidade da sociedade, e entrou num país que parece completamente diferente do seu país, especialmente, no que concerne à sua diversidade ou pluralidade racial, étnica, cultural e assim, das várias esferas da vida. No capítulo de contextualização sobre as duas sociedades, coreana e brasileira, vimos quais trajetórias econômicas, políticas e sociais os dois países têm caminhado, ao longo das quais a homogeneidade e a diversidade se formaram e se consolidaram nas respectivas sociedades. O significado deste capítulo pode ser encontrado ao entender que a imigração coreana no Brasil foi um “encontro” das duas culturas, o qual passou a ocorrer na medida em que uma massa de indivíduos coreanos, portadores de memórias da Coreia, veio se instalar no Brasil. Então, examinando os principais aspectos da sociedade coreana, com foco no período de após a independência em 1945 à década de 1990 quando houve maior influxo imigratório coreano para o Brasil, procurou-se entender em que contexto foram tecidas as memórias que os entrevistados têm da Coreia antes de ocorrer esse encontro. Por sua vez, a abordagem do mesmo período ao tratar da sociedade brasileira nos permitiu vislumbrar a natureza de memórias coletivas da sociedade brasileira de quando os imigrantes coreanos foram inseridos na história dela.

Hoje o encontro entre a Coreia e o Brasil ocorre de formas diversas envolvendo pessoas de perfis mais variados e diversas áreas e, quando vemos a presença coreana só no Brasil, ela já se mostra consideravelmente diversificada comparando com as primeiras décadas da imigração coreana no Brasil. No terceiro capítulo foi apresentado brevemente o

perfil de coreanos que estão permanecendo no Brasil com motivos e prazos diferentes, classificando-os em cinco grupos, inclusive os imigrantes permanentes, por motivo de conveniência em compreender a natureza da presença coreana no Brasil. E se incluirmos aqueles que procuram o Brasil movidos mais por interesse pessoal, atraídos pelos recursos naturais e culturais⁹⁹ que o país representa, o quadro da presença coreana no país se torna mais dinâmico ainda.

Desses encontros entre brasileiros e coreanos dados em diversas formas, este trabalho procurou refletir sobre a temática de encontro entre Eu e Outro propiciado especialmente por meio de “imigração”. Com vimos enfatizando, a imigração coreana no Brasil, como todas outras imigrações de etnias diferentes, é um encontro entre dois sujeitos, portadores de memórias tecidas em culturas étnicas diferentes e é um confronto duradouro e intensivo no sentido em que esses dois agora vão viver os mesmos momentos importantes históricos num território nacional. “Como foi descoberto o Brasil pela Coreia?” e “O que o Brasil representava para a Coreia?” a ponto de esta elaborar o grande projeto da emigração ao Brasil seriam perguntas que surgem primeiro para quem tem curiosidade sobre essa massa com presença cada vez mais visível em São Paulo. As circunstâncias da Coreia do Sul nas décadas de 1960 e 1970, não muito estáveis política e economicamente mostram que houve primeiramente uma forte vontade de se livrar de tal situação por muitos coreanos. Isto é, foi uma série de fatores de expulsão encontrados na então Coreia que estimulou alguns componentes do governo coreano a procurarem uma “saída” – saída não somente como medida de resolver problemas, mas literalmente uma saída do país rumo a algum outro país que lhes desse uma condição melhor para viver. E isso fez com que surgissem iniciativas institucionais impulsionadas principalmente por esses indivíduos que naquela época tinham uma visão mais ampla do mundo. Assim, a exploração do Brasil pela Coreia, então um Outro, ainda muito distante para ela continha sérias limitações em fornecer aos interessados na emigração para o Brasil conhecimentos detalhados sobre ele.

Com base na legislação para a emigração e imigração coreana ao Brasil, estabelecida pelos governos, coreano e brasileiro, um bom número de coreanos, que estavam mais ansiosos para deixar a Coreia, se candidatou às vagas de recrutamento de emigrantes para o Brasil. E como vimos, essa ansiedade vinha do medo da eclosão de uma outra guerra e no caso de famílias em que tinham filhos jovens, do medo de eles serem alistados no exército na década

⁹⁹ Por exemplo, observa-se que, além do turismo no sentido mais tradicional, capoeira, alguns gêneros da música brasileira, como por exemplo, bossa nova entre outras vêm atraindo profissionais que pretendem uma aprendizagem mais especializada nessas áreas.

de 1960 e do medo da atmosfera extremamente anti-comunista que repercutiam fortemente a sociedade coreana até a década de 1970. Já nas décadas posteriores, tal instabilidade política diminuiu significativamente e a decisão da emigração foi tomada mais por motivos mais pessoais como dificuldade financeira da família e desejo de viver num mundo maior entre outros.

Embora mesmo dentre aqueles que vieram ao Brasil como imigrantes alguns tenham tido intenção de reemigrar para outro país depois de ficarem algum tempo no Brasil, muitos acabaram se fixando aqui, como nós vimos ao longo do trabalho. Uma vez tomando o Brasil como sua nova “base” da vida, esses imigrantes coreanos precisavam se estabelecer aqui “economicamente” com maior urgência. Parece que para os imigrantes pioneiros da década de 1960, o plano “oficial” era relativamente claro pela imigração ter sido de caráter voltado para a agricultura, embora não se possa dizer que todos os imigrantes vindos sob esse Projeto da Emigração da Coreia para o Brasil tinham intenção de se instalar nessa área definitivamente.

No entanto, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, surge o primeiro sinal da concentração atual dos imigrantes coreanos nas cidades grandes como São Paulo, Campinas entre outras e da sua atuação notável no ramo de confecções com sede funcional, bem como simbólica, nos bairros de Brás e Bom Retiro. E o processo de instalação começou a se desenvolver de modo não esperado, distinto de quando a ideia de emigração para o Brasil foi concebida e isso deu uma base mais sólida para imigrantes posteriores poderem elaborar um projeto um pouco mais concreto em relação a como viver no Brasil.

Como deixamos bem claro na apresentação, bem como ao longo desenvolvimento desta tese, até chegar a esse ponto, quem concebeu a ideia da emigração e executou essa ideia era a geração dos pais dos nossos entrevistados, a plenamente primeira geração dos imigrantes coreanos no Brasil. Enquanto isso, a *Geração 1.5*, representada por nossos entrevistados nesta tese, não participou do processo da elaboração deste grande projeto da emigração dos seus pais. Contudo, como nós acompanhamos a trajetória deles depois que chegaram ao Brasil, foi exigido dessa geração elaborar um projeto no sentido pretendido por Velho (1987; 1994) que devesse levar em consideração múltiplas referências, dadas por meio de imigração, ou seja, “encontro” com componentes da sociedade brasileira, especialmente ao construir a sua identidade. Ainda tendo uma forte adesão à cultura coreana, preservada dentro da família, da igreja da comunidade coreana, no caso dos cristãos, e enfim, dentro da comunidade coreana, a *Geração 1.5* utiliza como matéria na elaboração do projeto *memórias* da Coreia, constantemente reformuladas. Ao mesmo tempo, essa geração fica mais exposta ao mundo dos brasileiros, ou seja, se insere mais ativamente no encontro com os brasileiros, o que se

deu primeiramente através da educação que ela teve nas instituições de ensino regular do Brasil. Eu chamaria isso de “oportunidade”. Com certeza, foi uma oportunidade porque foi a educação brasileira que lhes deram “opção” de transitar por duas culturas, com efeito, e de modo equilibrado. Pois, retomando a indagação colocada na introdução deste trabalho, se alguém tem uma coisa ou um caminho só disponível para escolher, como pode-se dizer que ele teve escolha de verdade? O significado de “optar”, segundo a definição no dicionário, é “decidir-se por uma coisa (entre duas ou mais)” (AURÉLIO, 6ª edição, 2004). Os depoimentos das entrevistas mostram que o ambiente escolar os capacitaram para a integração deles à sociedade brasileira dando-lhes mais essa opção. Primeiramente, a aprendizagem da língua portuguesa nesse ambiente os possibilitaram se apresentarem aos brasileiros com o grau elevado de comunicação. E aqui eles podiam desfrutar das relações com os brasileiros de modo imediato e atual, os chamando de “Tu”, e não “Ele e Ela” (BUBER, 1974). Além da aprendizagem da língua e das relações com os brasileiros, a escola ensinou aos entrevistados sobre a “diversidade” do Brasil, não com suas disciplinas do currículo, mas por abranger nela alunos de diversas origens étnicas. Como essa aprendizagem e experiência na escola foram desfrutadas pelos entrevistados varia de caso para caso na medida em que fatores como caráter, grau de dominância da língua etc. influenciaram o grau de envolvimento dos entrevistados nas relações com seus colegas brasileiros. O que se pode dizer com relação ao papel da escola na formação do “Eu” dos entrevistados hoje é que ela contribuiu para que o Brasil lhes tornasse um Brasil mais imaginável, mais acessível e composto de seus Outros que poderiam se tornar seus “Tus” quando procurassem entrar em relações com eles.

Assim, parece-me apropriado dizer que, basicamente, somente depois de passar por essa fase o significado do termo da *Geração 1.5* passa a ser completado no sentido em que ela se refere, pelo menos neste trabalho, àqueles que se encontram “entre” a cultura coreana e a brasileira, assim tendo duas referências ou critérios igualmente ou significativamente importantes em interpretar o mundo e planejar como se posicionar nele. E a aprendizagem que se deu no ambiente escolar tornou possível muitos dos entrevistados darem continuidade à inserção na sociedade brasileira no ambiente profissional, tecendo nele um novo relacionamento com os brasileiros. A *alteridade*, que foi experienciada antes nas relações com colegas e amigos brasileiros, passa a ser vivida e refletida mais intensa e frequentemente na medida em que os entrevistados se amadurecem em termos da idade, intelectualidade e habilidade com a língua portuguesa, bem como, com a cultura brasileira geral. Igualmente, os brasileiros com quem os entrevistados se relacionam no âmbito profissional também são possuidores de tal amadurecimento pessoal e intelectual. Nessa base, os olhares dos

entrevistados para com seus Outros bem como os olhares desses Outros para com os entrevistados foram “comunicados” ou “dialogados” mais aberta e frequentemente fazendo com que o processo de *alterização* se realizasse de modo mais concreto, e não abstrato, como quando a relação entre os dois se restringe à observação.

Por outro lado, os relatos de alguns dos entrevistados nos permitem presumir que no ambiente profissional as fronteiras entre etnias diferentes tornam-se mais perceptíveis como uma barreira difícil de ultrapassar especialmente quando o assunto se trata de competição e qualificação profissional. E, na verdade, essa frustração é experienciada mesmo nas relações de amizade com os brasileiros por quem tenta entrar mais fundo nessas relações. O importante a ser lembrado é que não são só os olhares dos brasileiros ou os olhares deles “imaginados” pelos entrevistados que entram no processo da formação da identidade deles. Depois que voltam a se encontrar com coreanos da Coreia depois de muito tempo da imigração, nasce a percepção de que eles também são tão Outros quanto os brasileiros. Assim a internalização dos olhares dos Outros tanto brasileiros quanto coreanos (da Coreia), com os quais os entrevistados compartilham denominadores comuns por terem duplo pertencimento cultural, contribui para que os entrevistados comecem a olhar para si mesmos como eles são, não como deveriam ser conforme a classificação dicotômica. Ainda mais, a experiência num outro país, que não é nem o Brasil nem a Coreia, propicia chance de objetivação das duas culturas às quais os entrevistados pertencem, ajudando-os a enxergar uma terceira opção, isto é, de assumir seu ser como é. Especialmente para alguns que passaram por mais conflito e confusão com a questão da sua identidade, essa experiência serve realmente como ponto de virada.

Então, a partir dessa percepção ou a partir do momento em que assume o fato, a identidade realmente se torna algo “construído” pelos próprios entrevistados com autonomia. Eles continuam a interiorizar os olhares e opiniões dos outros, os quais constituem de *Me* do *Self*, mas agora atribuem significado ativo ao que têm, procuram tirar máximo proveito disso e enfim elaboram um projeto da sua vida se apresentando ao mundo como Eu, indivíduo-sujeito (MEAD, 1934). Nesse processo, o mais essencial que recebe um novo significado é a essência da sua posição como *Geração 1.5*, isto é, o “entre”. Vimos no quadro teórico deste trabalho que Buber (1974) atribui um significado existencial à relação em si, a qual torna possível a existência do Eu bem como do Outro. Assim, o “entre” é considerado por Buber como “categoria ontológica onde é possível a aceitação e a confirmação dos dois pólos envolvidos no evento da relação” (BUBER, 1974, p. 34), e não como um conceito secundário, sobre o qual ele explica na sua tese *What is man?* (1975):

[...] Esta esfera, que já está plantada com a existência do homem como homem, mas que ainda não foi conceitualmente elaborada, chamo-a de esfera do “entre”. Ela constitui uma protocategoria da realidade humana, embora seja verdade que se realiza em graus muito diferentes. A partir daí pode sair essa “exclusiva alternativa genuína” de que falávamos. Para chegar à intuição sobre o conceito do “entre”, teremos que localizar a relação entre os seres humanos, não como é habitual nos indivíduos ou em um mundo em geral que os engloba e os determina, mas precisamente e de fato, no “entre”. Não se trata de uma construção auxiliar *ad hoc*, mas de lugares e suportes reais das ocorrências interhumanas. (BUBER, 1975, p. 146-147, tradução nossa)

Acredito que essa reflexão de Buber sobre a esfera “entre” na relação interhumana pode ser aplicada à posição “entre” da *Geração 1.5* também no sentido em que esse termo em si provém da sua relação entre a primeira e a segunda geração dos imigrantes coreanos bem como entre coreanos e brasileiros. E essa geração não simplesmente se encontra na esfera entre os dois sujeitos ou duas culturas diferentes, mas também tem dentro de si esse “entre”. Como nas palavras de Buber acima,

Dessa maneira, a reflexão de Buber sobre o “entre” parece nos propiciar uma aproximação da questão da identidade da *Geração 1.5* a partir de um ponto de vista mais inclusivo. A razão por que muitos dessa geração dos imigrantes coreanos no mundo passam pela fase de conflito e autoestima baixa em que se consideram nem isto nem aquilo seria a aplicação de um critério impossível de gerar uma noção saudável de si nem dos Outros, “ser normal é ser plenamente isto ou plenamente aquilo”. Mas exatamente por causa da identificação com as duas culturas dessa geração, ela pode ser “única” ou “inerente” em mais lugares. Isto é, nossos entrevistados podem ser vistos únicos no Brasil por causa do lado coreano deles enquanto, na Coreia, o lado brasileiro deles os torna inerentes. Como tratamos anteriormente adotando a tese de Tak (2000), a natureza “inerente” da *geração 1.5* vem da “unicidade” que ela tem por possuir a combinação das duas culturas. E essa combinação de ambas, por sua vez, é vista única quando o portador dela está fora do Brasil e da Coreia, como vimos na experiência de duas entrevistadas. E com certeza, mesmo entre pertencentes a essa geração na comunidade coreana em São Paulo, o resultado de tal combinação não é uniforme, pois isso depende da interpretação e aceitação “criativa” de cada “indivíduo”, o que foi assinalado por Mead (1934) também.

Entretanto, se nós focarmos somente no significado da “existência” da *Geração 1.5*, não poderemos tratar da questão da identidade como algo “construído” constantemente. “Construir” se trata de um “ato” e não um “estado”. Por mais que seja atribuído o significado menos errôneo, criativo, ou até “dinâmico” ao ser da *Geração 1.5*, – uma etapa

imprescindível, com certeza –, se não for dado o próximo passo que envolve “ações”, a primeira etapa não teria pleno sentido no que concerne ao “problema” da identidade. É aqui que surge a percepção pelos pertencentes dessa geração da necessidade de pensar no “papel” que poderiam exercer como quem vive tal “entre” mais intensamente do que os outros que ainda não têm a experiência de travessia de fronteira. Não é difícil ouvir alguém sugerir a identidade como “ponte” para essa geração, mas muitas vezes sem especificidade alguma. A respeito disso, gostaria de citar mais uma vez Park Jee-bum, o pastor e missionário que tem se dedicado ao ministério com a *Geração 1.5* e a segunda geração dos imigrantes coreanos no Brasil e nos EUA entre outros. Para ele, a *Geração 1.5* ter que procurar sua identidade no papel de “ponte” ou “intermediador” é imprescindível. Alguém que é dessa geração, para onde quer que emigre, essa pessoa não precisa se encaixar ao padrão do seu país de origem, nem do país onde mora agora. Vejamos isso nas palavras de Park no trecho abaixo:

Aqui em São Paulo, (para alguém da *Geração 1.5*) não falta gente que está na situação semelhante. Quer dizer, quem é a *Geração 1.5* aqui pode sentir e compreender suficientemente a situação do seu **grupo idêntico**. O grupo idêntico tem realmente grande importância. Como aqui em São Paulo o número dos constituintes desse grupo não é pouco, quanto mais clara for a consciência da sua identidade como “**ponte**” de alguém da *Geração 1.5*, mas “eficiência” terá a vida dessa pessoa. Isto é, observa-se que quem consegue lidar bem com isso possui recursos o suficiente tanto para alcançar o objetivo, valor enfatizado na sociedade coreana, quanto para desfrutar do relacionamento com as pessoas e da vida em si, traço característico da sociedade brasileira. Porque essa pessoa tem a percepção de si como “ponte”, mas uma ponte que não precisa ligar necessariamente centro (*downtown*) a centro (*downtown*). **Basta ligar beira (*edge*) a beira (*edge*)**. Assim, ela se livra do pensamento de que ela tem que ser exatamente igual aos brasileiros nem à primeira geração dos imigrantes coreanos. E essa consciência pode-se tornar mais clara quando alguém passa a ter a experiência pessoal do papel como “ponte” de várias formas. (Entrevista com o Pr. Park Jee-bum, do QUM, Centro Cultural da comunidade coreana em São Paulo, tradução nossa, grifo nosso)

De fato, foram comentados por muitos dos entrevistados algumas características representativas do relacionamento e dos valores procurados na cultura coreana e brasileira, caracterizada pela sua verticalidade e horizontalidade respectivamente. O respeito aos superiores de idade, de posição etc. na ordem hierárquica é apontado como um lado positivo a ser herdado de geração a geração por muitos dos entrevistados. Também vimos que eles admiram, até certo ponto, os valores como diligência, esforço máximo, sacrifício dos coreanos. Enquanto isso, da cultura brasileira, muitos falam da horizontalidade no relacionamento não somente entre pessoas da mesma faixa etária e de mesmo cargo no

trabalho, mas também na relação com os superiores. Mas por outro lado, o pensamento muito fechado e até exclusivista, não desfrutamento da vida na cultura vertical são apontados como lado negativo enquanto a falta de respeito aos superiores, especialmente na relação entre alunos e professores e falta de motivação para realizar algum objetivo são comentados da cultura horizontal. E Park acredita que a *Geração 1.5* e a segunda geração dos imigrantes coreanos que conseguem digerir e desfrutam de ambas as culturas de modo criativo podem contribuir para as sociedades onde a verticalidade e a horizontalidade se manifestam de maneira extrema.

Outra coisa importante a notar no que Park diz é a ênfase que ele dá à necessidade de um “grupo idêntico” composto de pessoas que compartilham mesma situação, no caso, o grupo da *Geração 1.5*. Realmente, por mais que alguém que é da *Geração 1.5* enxerga sua unicidade, se não é sustentado por um bom número de pessoas que compartilham com ele a mesma situação, essa unicidade seria tratada mais como simples diferença, ou algo estranho, ou no caso pior, como anormalidade. A respeito da imprescindibilidade de “grupo idêntico”, podemos entender melhor com o que é denominado por Peter Berger (1986) por “base social”:

A maioria das pessoas adquire seus significados de outras pessoas, cujo apoio constante é necessário para que esses significados possam continuar a ter credibilidade. [...] O hippie precisa de ter uma subcultura hippie, como também o pacifista, o vegetariano e o Cientista Cristão. Mas o burguês bem ajustado, maduro, sensato e que tem “os pés na terra” também necessita de um contexto social específico que aprove e mantenha seu estilo de vida. Na verdade, cada um desses termos – “ajustamento”, “maturidade”, “sanidade”, etc. – refere-se a situações socialmente relativas e não tem nenhum sentido quando dissociado delas. Uma pessoa se ajusta a determinada sociedade. Amadurece ao se habitar a ela. É só se partilha seus pressupostos cognitivos e normativos. (BERGER, 1986, p. 75-76)

Nesse sentido, pode-se dizer que a *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo hoje tem uma base social ainda sólida, embora não seja mais provável ela não crescer mais devido ao influxo significativamente reduzido de imigrantes coreanos no Brasil. De fato, os depoimentos dos entrevistados nos mostram que eles se identificam com maior grau e no sentido mais estreito com os pertencentes da *Geração 1.5* como eles. Parece que o emprego do pronome “nós” por eles ganha mais intimidade e concretude quando se referem à *Geração 1.5* dos imigrantes em São Paulo. E independentemente de alguns comentários sobre a imagem negativa e até severa crítica sobre a comunidade coreana em São Paulo, nota-se entre eles uma forte identificação com ela também como “nós” especialmente quando se trata de

assuntos específicos. Por exemplo, ao ser perguntados com quem pretende casar-se, muitos dos entrevistados solteiros responderam que “tem que ser”, ou “é bom ser” alguém como “eles”, quer dizer, alguém que é da comunidade coreana no Brasil. Condição específica, na verdade, é ser alguém que conhece e entende ambas as culturas, coreana e brasileira e que fale português e coreano. E esse alguém, como resultado, é imigrante coreano no Brasil. Alguns complementam, para deixar claro, dizendo: “Seria difícil, mesmo que não seja impossível, com um coreano da Coreia porque o pensamento já não é igual ao nosso”. Entendemos a partir disso que a comunidade coreana, que engloba a *Geração 1.5*, funciona como uma base social significativa para os entrevistados.

Neste ponto, parece-me necessário retomar a questão de fronteira, colocada tanto pela sociedade brasileira quanto pelos próprios entrevistados, devido ao “preconceito” de ambas as partes uma para com a outra. Primeiro, olhemos a posição da sociedade brasileira para com os imigrantes coreanos, uma base social maior da qual os nossos entrevistados necessitam uma vez que é nela que eles vivem hoje e pretendem viver no futuro. Acredito que a presença dos imigrantes coreanos no Brasil, assim como outros grupos étnicos propiciou à sociedade brasileira uma chance de perceber quais são as distinções importantes para a cultura de origem desses imigrantes que podem ser surpreendentemente diferentes da cultura local (VELHO, 1987, p. 18) e o vice-versa. Estima-se que para os brasileiros os meios para tal descoberta dos seus Outros de origem coreana dentro do seu território têm sido mais limitados em razão de pouco envolvimento dos imigrantes coreanos na sociedade brasileira. Numa situação como essa, alguns dos poucos meios pelos quais os brasileiros podiam conhecer os imigrantes coreanos foi uma observação muitas vezes superficial e de longe ao ouvir notícias e boatos sobre esse grupo, isso pode conter erros de interpretação fatais, especialmente quando se pretende uma relação “interativa” com esse objeto. Com a inserção dos imigrantes coreanos da *Geração 1.5* na escola e no mundo profissional, e enfim, na sociedade brasileira, o que permitiu relações de maior reciprocidade com e entre eles e os brasileiros, parece que a imagem de um povo pouco comunicativo, suspeito etc. não é mais predominante hoje. Pode-se dizer que o crescimento da comunidade coreana em São Paulo e o esforço para divulgação da cultura coreana por ela também contribuiu para a melhora da imagem dos imigrantes coreanos.

Porém, como mencionamos brevemente, algumas fronteiras permanecem mais claras para certas etnias ou raças, no caso, para orientais ou asiáticos como os nossos entrevistados. Certamente, os “imigrantes” coreanos, seja da primeira geração, seja da *Geração 1.5* não são brasileiros a não ser que tenham se naturalizado. Os próprios entrevistados se consideram

“coreanos”, não iguais aos coreanos da Coreia, mas com a identidade coreana estabelecida a partir da herança cultural da Coreia. Mas ao mesmo tempo para eles que pretendem “enraizar” no Brasil – como vimos nos depoimentos deles sobre sua visão do Brasil –, certas áreas profissionais especialmente da classe da elite brasileira ainda parecem estar colocando barreira não somente para os imigrantes coreanos mas também para seus descendentes, que são brasileiros. Não é só no âmbito profissional que acontece isso. Mesmo nas relações pessoais parece existir limite quando tenta aprofundá-las. A identidade da sociedade brasileira foi construída a partir dos seus imigrantes como é falado frequentemente e, os descendentes desses imigrantes de diversas origens étnicas são chamados de brasileiros. Mas imigrantes de origem asiática e seus descendentes ainda se encontram meio “soltos” dos demais brasileiros.

Por outro lado, como alguns dos próprios entrevistados reconhecem o preconceito por parte deles, isso fez com que colocassem primeiro uma fronteira ou uma linha entre eles e os brasileiros, ou pela hostilidade abstrata, ou pela imagem não muito positiva do povo brasileiro, generalizada a partir do contato com perfil limitado do Brasil especialmente no início da imigração. Mas na maioria das vezes não se trata de um preconceito de natureza humilhante. Muitas vezes o preconceito vinha do pensamento como: “Eles não vão me entender porque não entendem a cultura coreana” ou “Não vai adiantar eu explicar isso para eles”.

Em qualquer um dos casos acima descritos, o preconceito, tanto por parte dos entrevistados quanto por parte dos brasileiros, é um julgamento precipitado sem conhecer ou saber sobre seu Outro ou sem sequer querer conhecer. O preconceito que eles tinham ou têm um para com outro talvez não seja do caso de uma manifestação extrema do preconceito. Mas pela essência, qualquer tipo de preconceito não está livre do princípio do preconceito: “para alguém se afirmar com eficácia contra um adversário ou um concorrente, é necessário pintá-lo com as tintas mais negras”, recomendado por Hitler (apud HORKHEIMER & ADORNO, 1956, p. 175) Despertando o perigo do preconceito bem como do orgulho, em *Émile* (Emílio), Rousseau (1995, p. 77) fala que a doença mental da nossa sociedade é o resultado do preconceito.

Tanto o conflito que a *Geração 1.5* passou com relação ao seu pertencimento quanto a questão do preconceito em geral parecem alertar para a tendência da nossa sociedade do “-ismo” no sentido em que ambos são causados, de certa forma, pela tentativa em se encaixar e encaixar os Outros em classificações ou categorizações tradicionalmente estabelecidas e tornar um simples estado em algo fixo a ser procurado. Realmente isso foi o que preocupou tanto Arendt quanto Lévi-Strauss, ambos que procuraram alertar para a tendência para o

pensamento totalitário do mundo moderno, especialmente das sociedades mais “civilizadas”, mesmo depois que o mundo saiu da ameaça explícita da violência e da guerra, uma manifestação extrema de tal totalitarismo. Um exemplo disso seria a tendência na sociedade coreana na qual a homogeneidade que ela tem mantido por muito tempo é promovida em forma de homogeneização e assim criando o homogeneísmo. Pode-se dizer que a tensão entre o tal coletivismo e individualismo também é uma falsa tensão se entendermos isso à luz da reflexão de Buber (2008):

Parece-me que é a partir deste singular ponto de partida que se coloca a questão. Por esta razão é, sem dúvida, tolice falar de individualismo, a que, por assim dizer, se aspira ou que se exige. O individualismo não é um fato; é algo do espírito, da fantasia, não é um fato da existência. Não tem sentido reclamar a existência do individualismo. Diria mesmo que o individualismo como todos os “ismos”, é uma teoria inadequada, desnecessária e até absurda, que não pode ser superada por qualquer aspiração. [...] Não se trata, pois, de algo como o desenvolvimento ou a evolução de um individualismo, mas antes, do fato de que este indivíduo vive realmente com o mundo onde ele está situado, com os seres com os quais ele pode estabelecer relações imediatas [...] É por esta razão que o individualismo e, por outro lado, bem como o chamado coletivismo, é algo questionável. Não se pode construir um “ismo” e partir de um fato fundamental como..., e, mais, é impossível construir um “ismo” a partir deste imenso “estar-inserido-no-todo” no seio do qual a todos os seres humanos encontram-se mutuamente; não é possível elaborar um “ismo” e declarar que não é o indivíduo que importa, mas a coletividade. (BUBER, 2008, p. 107-108)

A afirmação de Buber de que “não se pode construir um “ismo” e partir de um fato fundamental” realmente tem grande relevância na nossa discussão em geral. O esforço para estabelecer e fixar um padrão chamado “ismo” e aplicar esse padrão para qualquer elemento novo, seja pessoa, seja coisa, que se introduz em certa sociedade não é só fútil, mas também destruidor. Eu diria que tal “ismo” é exclusivista pela natureza e tem força totalitária. Quem se adere fortemente a certo “ismo” não abre espaço para outras possibilidades e exclui os que são desqualificados conforme o padrão estabelecido seguindo a política desse “ismo”. Além disso, isso “delimita” e “prende” a realidade em “ismos”, a qual é complexa, vasta, e assim, impossível de ser definida por algum “ismo”.

Todas essas características do “ismo” estão longe de um pensamento horizontal no sentido em que este não ordena as coisas ou pessoas num sistema hierárquico e restritivo. Isso nos lembra da argumentação de Horkheimer e Adorno (1956) sobre a natureza do preconceito que diz:

[...] a distinção entre caracteres livres de preconceitos e preconceituosos – fio condutor de oda a investigação – subentendia, implicitamente, o perigo de também cairmos no vício da esquematização, tornando-nos responsáveis por um mal geral: a dicotomia da humanidade em salvadores e condenados. (HORKHEIMER & ADORNO, 1956, p. 180)

É exatamente nesse sentido que ganha relevância o pensamento “laico”, baseado na crença na igualdade dos elementos que constituem a sociedade e numa visão mais inclusiva para com eles. A elucidação da necessidade de análise do Estado laico num sentido mais essencial por Fischmann (2008) propicia que compreendamos num contexto maior a temática sobre o Eu e o Outro, abordado neste trabalho por meio da *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo:

A análise e a defesa do Estado laico se inserem no debate mais amplo e complexo dos direitos humanos, da tolerância e da democracia e, assim, das possibilidades de construção de paz para todos. O caráter laico do Estado tem caráter expansivo, e não restritivo. Por isso: volta-se para medidas que promovam a inclusão; protege do preconceito e da discriminação todo modo de crer e de não crer; e é indispensável para prevenir tudo que possa levar à exclusão em matéria de consciência, opinião e crença; Envolve autonomia individual e responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros, convoca para que todos sejam respeitados exatamente como são – cada um em si e como coletividade –, portanto isolada e/ou coletivamente. É, por isso, um dos temas que melhor explicita a relação entre direitos individuais e liberdades públicas, assim como invoca a presença da ética, pensada de maneira universal e vivida como construção cotidiana. (FISCHMANN, 2008, p. 3-4)

Poderíamos tratar da questão da integração dos imigrantes étnicos à sociedade local de acordo com esse raciocínio. Acredito que a união entre etnias diferentes dentro da fronteira do Estado-nação não quer dizer uma assimilação à cultura local em detrimento da particularidade de cada cultura étnica. É por este motivo que a identidade coreana que os entrevistados afirmam ter não pode ser vista como algo que contrarie a integração deles à sociedade brasileira. Pois, para que eles possam realmente aceitar a cultura brasileira, é preciso que tenham antes sua própria base ou moldura bem estabelecida (HONG, 1996, p. 230). E ter essa consciência autônoma também corresponde à exigência da sociedade a que eles pertencem.

A propósito, a “consciência” dos valores desejáveis que temos discutido até o momento não nasce naturalmente da mente das pessoas sem algum estímulo especial. Ela precisa ser construída e elaborada através de uma orientação no âmbito educacional. Como Velho (1987) coloca ao falar da missão de antropologia e da educação na nossa sociedade, “se antropologia procura localizar experiências suficientemente significativas para criar fronteiras

simbólicas, a missão da educação é a procura de uma universalidade, ou seja, valores em comum que podem ser traçados em cima dessas fronteiras.” (Ibid., p.16). O contrário resultará em fragmentação de tudo – o ser humano, fenômeno, significados e, assim, tudo que existe e acontece no mundo – que deveria ser entendido em sua totalidade e, assim, em interpretação limitada e distorcida do mundo baseada em seus fragmentos. E Rousseau, quando escreveu o *Émile* (ROUSSEAU, 1782), estava seriamente preocupado com o “preconceito que o homem passa a ter através da educação” e essa preocupação perdura até hoje. De fato, há vozes de preocupação pela educação nas nossas formas modernas em que existe uma forte tendência a perder o todo nas partes. Tal fragmentação, mais uma vez, tem a forma de classificação hierárquica dos elementos da sociedade e até dos seres humanos e daí o tratamento diferenciado a cada um deles. A “diversidade”, hoje empregada frequentemente nos discursos retóricos que propagandeam a imagem de um país com ampla tolerância, na verdade não tem uma longa história de aparecimento nos espaços públicos e, menos ainda, no âmbito da educação pública. Como Roseli Fischmann (26/06/2010, 8º encontro do curso Cidadania e Direito à Educação)¹⁰⁰ destaca, “apenas na década de 1990, com a luta dos movimentos sociais pela garantia de direitos, a diversidade ganha força enquanto ‘tema educacional’”. Discutindo sobre a utilização do termo no sentido equivocado e abstrato no Brasil, ela aponta a própria dicotomia entre “Nós” e “Eles”, que já explicita o aspecto excludente presente nas discussões sobre a temática da diversidade e, dentro do sistema de tal dicotomia, fala Fischmann (Ibid.), “Todos são iguais, mas alguns são mais iguais que outros”.

Então, voltando ao papel ou missão da educação, especialmente no contexto da educação moderna acima descrita, parece se tornar mais óbvio o significado da educação verdadeira como sendo o de formar os alunos conforme o pensamento pela associação de várias disciplinas bem como de diversos elementos que constituem a sua sociedade, e não o pensamento pela fragmentação e classificação hierárquica e excludente desses elementos. Não deveria ser uma educação que promove inúmeros “ismos” já existentes ou que cria um novo “ismo”, mas deveria ser uma educação que dá aos alunos as “opções”, ajudando-os a conhecerem a realidade de maneira não distorcida e a desenvolverem a capacidade de pensamento reflexivo sobre o mundo e si mesmo, bem como sua atuação sobre o mesmo. Numa passagem do *Émile*, Rousseau colocou com certo tom de lamentação e de crítica que todos os animais têm a capacidade conforme necessário para a autopreservação, mas somente

¹⁰⁰ O artigo sobre o evento está disponível em: <<http://direitoaeducacao.wordpress.com/2010/07/05/a-diversidade-pode-se-tornar-paralisante-caso-reforce-a-oposicao-entre-%E2%80%99Cnos%E2%80%99D-e-%E2%80%99Celes%E2%80%99D-afirma-roseli-fischmann/>>

ao homem foi dado o poder mais do que necessário e isso o tornou infeliz (ROUSSEAU, 1995, p. 76). Acredito que isso é lamentação pela tendência para essa capacidade do homem não ser usada de maneira devida ou simplesmente não ser usada. Com certeza, todas as capacidades que só o homem tem, talvez desnecessárias para auto-preservação, não seria algo “excedente”. Porque é com essa capacidade, acredito, que o homem pode pensar no Outro, se importar com ele, dialogar com ele, enfim, trabalhar junto com ele, ao invés de se prender dentro de si só. No campo da educação, nesse sentido, tem de ser promovido o diálogo (BUBER, 1974; 1982), entre educadores e educandos bem como entre educandos, compostos de pessoas de origens mais variadas em termos de etnia, raça, e assim, cultural. Assim, isto é, através das relações “atuais” com os diversos Outros no âmbito que garanta troca de propriedades culturais e opiniões entre eles sem que alguém seja excluído ou receba tratamento desigual, o pensamento reflexivo ganhará uma base mais sólida fazendo com que o processo de *alteridade* possa ser realizado verdadeiramente pensando na posição dos Outros e, ao mesmo tempo, não sendo manipulado pelos olhares “dos Outros”.

Enfim, a reflexão sobre a temática da noção do Eu e do Outro a partir do estudo da experiência da *Geração 1.5* dos imigrantes coreanos em São Paulo parece nos propiciar que nos tornemos menos obcecados à armadilha da dicotomia. Pois, a percepção do Eu e do Outro pela própria *Geração 1.5* não pode seguir esse sistema tradicional e, uma costura criativa das memórias de cores diferentes que nela tem é uma tarefa dada constante e mais intensamente a ela porque é com isso que a identidade dela se constrói. Em algum sentido, acredito que pode-se dizer que a *Geração 1.5* é um ser mais integral porque tem uma noção dos Outros mais real enquanto quem pertence tecnicamente somente à uma cultura nacional tem mais dificuldade de supor os Outros de etnias diferentes da sua e, assim, de aplicar a *alteridade* na relação com eles. Nós nos enganamos muitas vezes ao supor “se eu fosse você” seria um espírito verdadeiro de *alteridade*. Entretanto, essa suposição contém uma armadilha não ignorável: quando nós pensamos ou falamos assim, tentamos impor nosso pensamento a esse “você” que deve estar passando uma situação completamente diferente de nós, e assim, com pensamento diferente. Nós simplesmente trocamos o sujeito dessa situação sem tentar trocar nada do que temos com o que o Outro tem. Ou melhor, fazendo assim, estamos pedindo para esse Outro, que precisa da nossa compreensão, pensar e agir no nosso lugar. Então, a suposição correta seria “Se eu estivesse no seu lugar”, ou melhor, “Se eu estivesse na sua situação”, uma procura para realmente se colocar no lugar do Outro e pensar no lugar dele e não no meu. É aqui que surge mais uma vez o significado da língua como propiciador de tal *alterização* não egocêntrica. Isto é, a habilidade com a língua portuguesa que os nossos entrevistados possuem

tem sido um fator básico e essencial que propiciou com que o esforço da compreensão da cultura brasileira por estes seja feito no lugar dos brasileiros ou a partir do código brasileiro, e não coreano. E o vice-versa: com a língua coreana que eles podem entender e valorizar sua cultura de raiz, não a desprezando a partir da lente meramente brasileira.

Para terminar, gostaria de rever as características do grupo da *Geração 1.5* que tomamos no início deste trabalho, mas reelaboradas ao longo das fases diferentes que lhe permitiram estímulos e orientações pelas instituições sociais – família, comunidade, escola, profissão, religião etc. – e experiências com diversos Outros em relações de naturezas diferentes. Resumindo, poderíamos entender essa geração como gente que atravessou a fronteira do Estado, gente que tem nela a fronteira entre o Brasil e a Coreia, gente que fica entre os dois mundos, gente que liga os dois mundos, gente que atravessa constantemente essa fronteira cultural, gente que tece diálogo constante entre as duas culturas dentro dela e, assim, que pode intermediar diálogos entre as duas culturas diferentes. Para a *Geração 1.5* que não teve escolha quanto à imigração ao Brasil e que assim não tem o porquê de tal decisão, o que torna o significado ativo a essa interseção seria constante indagação a si mesmo “para quê” vai servir uma situação como essa que ela tem como fator ontológico do seu próprio ser. É somente depois disso que pode ser articulada resposta ao “porquê” de tudo isso sem se prender à armadilha que faz acreditar que é possível encontrar o significado disso explorando somente o passado. O papel da educação está em indicar o rumo nessa procura do “para quê” e do “porquê”, indissolivelmente associados (VELHO, 1987, p. 87), dos indivíduos por meio dos projetos elaborados com clara “intencionalidade” (LORENZ, 1988 apud FISCHMANN, 1998) para alcançar a mudança da realidade a ser trazida e não para manter o *status-quo*. É neste sentido que a educação é instrumento privilegiado (FISCHMANN, 1998) que pode incentivar e orientar os alunos a enxergarem a mudança necessária na nossa sociedade, imaginarem e desenharem providências a serem tomadas para isso e terem consciência da necessidade da coerência entre o pensamento e a prática. Comecei este capítulo lembrando uma frase de um comercial que diz “Não deixe sua vida acontecer sem você”. Obviamente é importante o indivíduo se apresentar e agir no mundo como sujeito da sua vida. Porém, a educação terá que dar orientação aos alunos – não somente crianças e adolescentes que estão no ensino regular, mas também para os membros da nossa sociedade como um todo – para não deixarem sua vida, aliás, nossa vida acontecer sem consideração dos Outros.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: COHN, Gabriel. (Org.). **Sociologia**. Tradução de Flávio R. Kothe; Amélia Cohn. São Paulo: Ática, 1994, p. 33-45.

_____. Preconceito. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 173-183

ANJOS, Margarida dos; FERREIRA, Marina Baird. (Coord. e Ed.). **Dicionário Aurélio**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

ARENDT, Hanah. **Condição humana**. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2005.

ARON, Raymond. **Paz e Guerra entre as Nações**. Capítulo VI – Dialética da paz e da guerra. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1979. P. 169-195.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS COREANOS (ABC). **40 anos da Imigração Coreana no Brasil**. São Paulo: ABC, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERGER, Peter Ludwig; LUCHKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 2. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

BERGER, Peter Ludwig. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 28. ed. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRASIL. Ministério de Educação (MEC)/ Secretaria de Educação Fundamental do Brasil. Pluralidade cultural. In: BARRETO, Rosângela M. S. (Ed.), **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: SEF, 1997.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente através da Lei n ° 8.069**, de 13 de julho de 1990. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10. ed. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **인간이란 무엇인가 (What is man)**. Tradução de Nam Jeong-gil. Seul: The Christian Literature Society, 1975.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz, Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Sobre comunidade**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANUTO, Otaviano. **Brasil e Coréia do Sul**: os (des)caminhos da industrialização tardia. São Paulo: Nobel, 1994.

CENTRO DA EDUCAÇÃO COREANA DE SÃO PAULO (CEC/SP). **Relatório sobre as Escolas de Língua Coreana no Brasil**. São Paulo: CEC, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHOI, Bong-yeong, **한국 문화의 성격 (As características da cultura coreana)**. Seul: Saguejol, 1997.

CHOI, Keum-joa. **Além do arco-íris**: a imigração coreana no Brasil. 1991. 244 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CHOI, Sang-jin. **한국인 심리학 (Psicologia de coreanos)**. Seul: Editora da Universidade de Joong-ang, 2000.

COMITÉ PARA A ELIMINAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL (CERD)/ONU. Relatório da Anistia Internacional. Genebra, 17 ago. 2007.

COREIA DO SUL. **Estatuto do Adolescente**, a pessoa entre nove e vinte e quatro anos de idade segundo o Artigo 8432 da Lei, Revisão 11 de maio de 2007.

_____. Korean Statistical Information Service (KOSIS). 2005. Disponível em <<http://www.kosis.kr/>>

_____. Korean National Statistical Office. 2009. Disponível em: <<http://www.kostat.go.kr/>>

_____. Ministério da Administração Pública e Segurança. **Número de residentes estrangeiros na Coreia**. Disponível em: <<http://www.mopas.go.kr/gpms/ns/mogaha/user/nolayout/main/nationDisplay.action>>

_____. Ministério das Relações Exteriores e do Comércio. Departamento de Assuntos Ultramarinos. **Statistics on Overseas Koreans**. 2009. Disponível em: <<http://www.mofat.go.kr/consul/overseascitizen/compatriotcondition/index.jsp>>

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Navio de imigrantes, identidades negociadas**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOOSAN. **Enciclopedia Encyber & Encyber.com**. Versão *online* do dicionário Doosan. Disponível em:
<http://www.encyber.com/search_w/ctdetail.php?masterno=758439&contentno=758439>

ESCOLA COREANA NO BRASIL (POLILOGOS). “Cronograma da Associação Brasileira da Educação Coreana”. **Escola Coreana e Colégio Polilogos**. Disponível em:
<http://colegiopolilogos.com.br/bbs/view.php?id=_test_&page=1&sn1=&divpage=1&sn=off&ss=on&sc=on&select_arrange=headnum&desc=asc&no=4>

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FISCHMANN, Roseli. “Do preconceito à solidariedade”. **Folha de São Paulo**, n. 23.981, 29 nov.1994. caderno Opinião, p. 3-2.

_____. Tolerância e anti-racismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 out.1995. Opinião, p. 15

_____. Educação, democracia e a questão dos valores culturais. In: MUNANGA, Kabengeli (Org.). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996, p. 177-194.

_____. Estratégias de Superação da Discriminação Étnica e Religiosa no Brasil. **Direitos Humanos no Século XXI**. Parte II, Brasília, MRE/IPRI/FUNAG, p. 959-985, 1998.

_____. Mulheres e cores. **Correio Braziliense**, Brasília, 7 mar. 2005. Opinião, p. 11.

_____. América: onde somos minoria. **Correio Braziliense**, Brasília, 30 mar. 2005. Opinião, p. 29.

_____. Relevância da dimensão cultural na pesquisa educacional: uma proposta de transversalidade. **EccoS-Revista Científica**, São Paulo: UNINOVE, v. 7, n. 1, p. 41-56, jun. 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/715/71570103.pdf>>

_____. Tolerância e anti-racismo. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 out. 2005. Opinião, p.

_____. Diversidade e Raça na Educação Escolar: reconhecimento institucional e principais desafios. In: **Curso Cidadania e Direito à Educação**, mar.- jul, 2010; 8º encontro, 26, jun., São Paulo. Conferência. São Paulo: Ação Educativa. Artigo referente ao encontro disponível em: <<http://direitoaeducacao.wordpress.com/>>

FREITAS, Sônia Maria de. Imigração coreana no Brasil. In: **Workshop Contribuição de povos de origem asiática na América Latina e Caribe**, 2003, Washington, DC., Washington, DC: Banco Interamericano de desenvolvimento – BID, 18/19 de set. 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Vera de Mello Joscelyne. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GLOBAL MIGRATION GROUP (GMG) da ONU. **International Migration and Human Rights: Challenges and Opportunities on the Threshold of the 60th Anniversary of the Universal Declaration of Human Rights**. Oct. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1988.

_____. **A apresentação do Eu na vida cotidiana**. 11^a ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GWON, Oh-sik. et al (Ed.). Introdução. **Cultura Tropical**. São Paulo, n. 2, p. 4-5, abr. 1987.

GWON, Yeong-uk. Realização do banquete em comemoração 50 anos da permanência no Brasil dos ex-prisioneiros da Guerra da Coreia (반공포로 거주 50주년 초청 만찬 열려). **Jornal dos Coreanos no Exterior** (재외동포신문), Coreia do Sul. 7 fev. 2006. Notícias, América Central e do Sul. Artigo de autoria do cônsul da Coreia do Sul. Disponível em: <<http://www.dongponews.net/news/articleView.html?idxno=7557#>>

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire collective**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1950.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HONG, Il-sik. 한국인에게 무엇이 있는가: 21 세기 인류문명의 주역이 되기 위한 한국인의 자기 점검 (**O que têm coreanos**: auto-inspecção para assumir o papel da liderança da civilização do ser humano do século XXI). Seul: Jeongsinsegyesa, 1996.

IBGE. **Brasil: “500 anos de povoamento”**, Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento. p. 226. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/tabelas/imigracao_brasil.htm>

JEON, Gyeong-su. 브라질의 한국 이민과 그 전개 과정 (**A imigração/emigração coreana para o Brasil e seu processo**). Seul: Editora da Universidade Nacional de Seul, 1990.

KANG, In-cheol. 한국전쟁과 사회의식 및 문화의 변화 (**A Guerra da Coreia e a transformação da consciência social e da cultura**). Seul: Baeksanseodang, 1999.

KANG, Jun-man. 한국인 코드 (**O código de coreanos**). Seul: Inmulgwa Sasangsa, 2006.

KANG, Sam. **Socialização de jovens imigrantes coreanos**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

KIM, Chun-soo. 꽃 (**Flor**). Literatura Moderna. n. 9, Seul, 1955.

KIM, Hyo-jeong. National Identity in Korean Curriculum. **Canadian Social Studies**. v. 38, n. 3, Alberta: University of Alberta, 2004. Disponível em: <www.quasar.ualberta.ca/css>

KIM, Hyung-mi. **Han-guk yonsok-guk**: nas salas de video, uma janela para a Coreia (etnografia do conteúdo simbólico das novelas coreanas). 141 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

KIM, Yoo-na. **A jovem Coreia**: um almanaque sobre uma das imigrações mais recentes do Brasil. São Paulo: SSUA Editora, 2008.

_____. **50 anos de relações diplomáticas Brasil-Coreia**. São Paulo: SSUA Editora, 2009.

LAFER, Celso. **Hannah Arendt**: Pensamento, persuasão e poder. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LEE, Gwang-gyu. 국제화 시대의 한민족의 진로 (**O caminho do povo coreano na era da globalização**). Seul: Editora de Universidade Nacional de Seul, 1997.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução de Wilson Martins. São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1957.

_____. **Olhar distanciado**. Tradução de Carmen de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1983.

_____. “Categorias, Elementos, Espécies, Números” e “Universalização e Particularização”. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 6. ed., Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

_____. “O problema das gerações”. In: _____. **Sociologia de conhecimento**, vol 2. Tradução de Maria da Graça Barbedo. Porto: Res Editora, 1952. p. 115-176.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MATHEWS, Gordon. **Cultura global e identidade individual**: à procura de um lar no supermercado cultural. Bauru: EDUSC, 2002.

MCLAUGHLIN, Corinne; DAVIDSON, Gordon. **Builders of the Dawn**: Community Lifestyles in a Changing World. Book Publishing Company (TN): 1990.

MEAD, G. H. **Mind, Self and Society**. MORRIS, Charles W. (Ed.). Chicago; London: The University of Chicago Press, 1934.

MEYER, Marlyse. **Um eterno retorno**: as descobertas do Brasil. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2000.

MILLS, Charles Wright. **The sociological imagination**. Tradução de Kang Hee-kyeong, Lee Hae-chan. Seul: Dolbegae Publishers, 2004.

MIN, Moon-hong. **Emile Durkheim and his society revisited**. Seul: Acanet, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

MOORE-JR, Barrington. **Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORILAS, Luciana Romano. “Português para adolescentes coreanos: uma experiência no ensino de português como le”. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL) 50., 2002, São Paulo. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 32. São Paulo: 2002. 1 CD-ROM. Comunicação. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci147.htm>>

NAMMI DONG-A. **Lista de Telefones do Comércio Coreano 2010/2011**. São Paulo: Nammi Dong-A Ilbo, 2010.

OH, Eung-seo. **아마존의 꿈 (Sonho Amazônico): recordando os 40 anos da imigração coreana no Brasil**. São Paulo: Nammi Dong-a Ilbo, 2004.

OLIVEIRA, Henrique Altemani; MASIERO, Gilmar. Estudos asiáticos no Brasil: contexto e desafios. **Asian Journal of Latin American Studies**, v. 19, n. 1. Seul. 2006. Disponível em: <<http://www.ajlas.org/v2006/paper/2006vol19no106.pdf>>

ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. 2. ed. Tradução de Marylene Pinto Michael, Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

PAGELS, Heinz R. **The dreams of reason: the computer and the rise of the sciences of complexity**, New York: Bantam Books, 1989.

PARK, Cheon-hong. **악령이 출몰하던 조선의 바다 (O mar da Joseon onde apareciam espíritos malignos)**. Seul: Hyunsilmunhwa, 2008.

PARK, Hyo-jong. 공동체주의에 대한 성찰 (Reflexão sobre o comunitarianismo). In: PARK, Se-il; NA, Seong-rin; SHIN, Do-cheol (Eds.). **공동체 자유주의 (Liberalismo comunitário)**. Seul: Nanam, 2008. p. 127-174.

PARK, No-ja. **당신들의 대한민국 1 (A Coreia de vocês 1)**. 2. ed. Seul: Hangyora, 2001.

PARK, Tae-gyun. **한국전쟁: 끝나지 않은 전쟁, 끝나야 할 전쟁 (Guerra da Coreia: guerra que ainda não acabou e que tem de acabar)**. Seul: Cum libro, 2005.

PAULILO, Maria Angela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Serviço Social em Revista. v. 2, n. 1, jul/dez 1999, Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm>

PRADO, Jr. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**: Colônia. Editora Brasiliense Limitada, 1957.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural no Brasil. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, 1(1), 1º semestre, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **Os brasileiros**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **América Latina**: chegou a hora de nossa identidade. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

ROUSSEAU, **Emílio ou Da Educação**. 3. ed. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SAITO, Hiroshi (Org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

SAKURAI, Célia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada (1908-1941). In: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**, 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. 2. ed. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEYFERTH, Giralda. **Histórico da imigração no Brasil**. Site do Ministério das Relações Exteriores.

SHIN, Gi-wook. Ethnic pride source of prejudice, discrimination: blood-based ethnic national identity has hindered cultural and social diversity in Korea, experts say. **The Korea Herald**, Seul, 2 ago. 2006. Disponível em: <http://ksp.stanford.edu/news/koreas_ethnic_nationalism_is_a_source_of_both_pride_and...>

SHIN, Jung-hyeon. A segunda imigração. **Cultura Tropical**. São Paulo, n. 1, p. 23-28, dez. 1986.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

TAK, Seok-san. **한국의 정체성 (A identidade da Coreia)**. Seul: O mundo de Livros, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: A reflexão francesa sobre a diversidade humana, v.1. Tradução de Sérgio Gomes De Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

UNESCO. **Declaração de princípios sobre a tolerância**. 1998.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.

_____. **Projeto e Metamórfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

WON, Hyeon-guk. **대지의 꿈 (O sonho da terra)**. Seul: Jerusalém, 1988.

YAMASHITA, Shinji, Responses to “Other Anthropologies and Anthropology Otherwise”: Steps to s World Anthropologies Framework’ by Eduardo Restrepo and Arturo Escobar (June, 2005) University of Tokyo, In: **Critique of Anthropology**. Dec. 2006, 26, p. 474-478, SAGE Publications. Disponível em: <<http://coa.sagepub.com>>.

YOUTH AND THE UNITED NATIONS. **Frequently asked questions**. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/qanda.htm#1>>

GLOSSÁRIO

As transcrições fonéticas deste glossário seguem a Norma para Romanização Revisada da Língua Coreana, adotada em 2000 pelo Instituto Nacional da Língua Coreana (The National Institute of the Korean Language) do então Ministério da Cultura e Turismo (atual Ministério da Cultura, Esporte e Turismo). Manteve-se a transcrição tradicional (anterior) de algumas palavras já com a versão romanizada amplamente difundida especialmente no Exterior. Assim, abriu-se exceção a elas como foi também estabelecido na Norma de 2000. Com respeito aos significados, tomaram-se como base a definição do *EnCyber*, a versão *on-line* do Dicionário *Doosan*, colocando-se a explicação complementar, especialmente, para o caso dos termos utilizados especificamente entre imigrantes e descendentes coreanos no Brasil, com a adaptação do significado original, para a melhor compreensão dos termos.

Bendê – Entre os imigrantes e descendentes coreanos no Brasil, o termo refere-se à atividade de vendedor de roupas ou tecidos. O termo começou a ser utilizado a partir da pronúncia da palavra portuguesa “vendedor” ou “vender”, ajustada ou encurtada casualmente pelos primeiros imigrantes coreanos.

Bulgogi (불고기) – Literalmente significa carne de fogo. É um prato de carne bovina finamente fatiada misturada com diversas especiarias, inclusive açúcar.

Beurajil saram (브라질 사람) – Beurajil é a transcrição de “Brasil”, adaptada a sua pronúncia em coreano e, *saram*, significa gente ou pessoa. Assim, em coreano, *Beurajil saram* é a denominação usada para se referir às “pessoas brasileiras”.

Bottari (보따리) – Pacote. Refere-se a um pacote de coisas envoltas em um pano quadrado largo, que se chama *bojagi* (보자기). Quando ainda não se usava amplamente malas modernas na Coreia, *bojagi* era utilizado para fazer a mala. Então, *bojagi* em si era um tipo de lençol que se usava para enrolar as coisas e, depois de amarrado, servia como mala de viagem ou passeio simples. Já a mala para viagem assim feita, refere-se à *bottari*.

Chinjeong (친정, 親庭) – Casa dos pais de mulher casada.

Corebão ou Corebona – Termo utilizado entre os imigrantes e descendentes coreanos no Brasil, para se referir aos imigrantes coreanos que chegaram ao Brasil recentemente, os quais mantêm um estilo ou jeito de vida coreana, o que, por sua vez, revela a sua não adaptação ao estilo brasileiro.

Daehanminguk (대한민국, 大韓民國) – República da Coreia.

Doenjang (된장) – Pasta de soja.

Eonni (언니) – Termo usado entre mulheres da mesma família, para as mais novas se dirigirem ou chamarem as mais velhas, porém, é utilizado mesmo entre mulheres que não são da mesma família como manifestação de intimidade ou carinho. (Exemplo: como costumamos chamar de *tia* as mães de nossos amigos, que não são da mesma família.)

*Kimchi*¹⁰¹ (김치) – Um prato tradicional coreano composto por vegetais misturados com pó de pimenta vermelha, sopa de arroz, alho, cebolinha e outras especiarias e depois fermentados. Pode ser preparado com vários tipos de vegetais, tais como acelga, nabo, rabanete, pepino etc.

Gochujang (고추장) – Pasta de pimenta vermelha.

Gye (계, 契) – Uma espécie de fundo privado tradicional popular entre os coreanos, cujos membros depositam dinheiro periodicamente em uma quantia modesta, com o fim de conseguir grande soma de dinheiro. A função principal de *Gye* é para servir como uma espécie de banco. O dinheiro é para uso individual. Cada um leva o dinheiro juntado, normalmente de forma mensal, de acordo com a ordem estabelecida pelos participantes, e usa para seu próprio objetivo. Além dessa função principal, *Gye* serviu para reunir periodicamente as pessoas e manter uma rede de relações. Então, acaba exercendo o papel de confraternização, ao propiciar o encontro entre as pessoas.

¹⁰¹ A romanização correta para a palavra de acordo com a Norma de 2000 seria “gimchi”, no entanto, como a transcrição anterior “kimchi” já se fixou amplamente tanto dentro quanto fora da Coreia, as duas são permitidas com base no parágrafo 7 do capítulo 3 da Norma, o qual diz: “a romanização das palavras como nomes de pessoas, firmas, entidades e demais nomes do caso excepcional é estabelecida separadamente do princípio básico da Norma. Fonte: The National Institute of the Korean Language. Disponível em: <http://www.korean.go.kr/09_new/dic/rule/rule_roman_0101.jsp>

Hangeul (한글) – Denominação oficial do alfabeto da língua coreana.

Hangukmal (한국말) ou *Hangugeo* (한국어, 韓國語) – Língua coreana.

Hwagyo (화교, 化敎) – Nome para designar descendentes dos chineses espalhados no mundo.

Hyeong (형) – Termo usado entre homens da mesma família, do mais novo para o mais velho, mas também é usado entre homens que não são da mesma família como manifestação de intimidade ou carinho.

Hyo (효, 孝) – Piedade filial ou compaixão filial com os pais. É um dos conceitos-eixos do confucionismo, especialmente o confucionismo adaptado à cultura coreana, que ensina a respeitar e servir os antepassados.

Iljeomose (일점오세, 日點五世) – *Geração 1.5*. Geração entre a primeira e a segunda geração de imigrantes.

Ilse (일세, 一世) – Primeira geração.

Ise (이세, 二世) – Segunda geração.

Jeong (정, 精) – Em diversos dicionários, esta palavra é frequentemente traduzida como emoção, amor, afeição, simpatia etc. É uma das palavras que melhor descreve um dos lados emocionais do povo coreano, difícil de ser traduzida para outros idiomas.

Jepum (제품) – Produtos manufaturados. Entre imigrantes e descendentes coreanos no Brasil, refere-se às fabricações de roupas, isto é, as confecções.

Joseon Minjujuui Inmim Gonghwaguk (조선 민주주의 공화국) – República Democrática Popular da Coreia.

Miyeok (미역) – Alga.

Nuna (누나) – Termo usado por homens mais novos, ao se dirigirem ou chamarem uma mulher mais velha, sejam eles parentes ou não, como manifestação de intimidade ou carinho.

Oppa (오빠) – Termo usado por mulheres mais novas, para dirigir-se a homens mais velhos, seja ou não da família. Exemplo: comumente utilizado entre namorados, quando a namorada se dirige ao seu par.

Saemaeul Undong (새마을 운동) – Significa o Movimento Vila Nova. O Movimento varreu aldeias rurais da agricultura de acordo com a política do ex-presidente Park Jung-Hee como forma de modernizar e melhorar a vida dos agricultores.

Samulnori (사물놀이) – *Samul* significa quatro objetos e *nori* significa jogo. *Samulnori* refere-se a um quarteto de percussão tradicional na Coreia.

Wangtta (왕따) – *Bullying*.

Wonjumin (원주민, 原住民) – Literalmente significa “nativo”, “aborígene”. Foi utilizado frequentemente entre a primeira geração dos imigrantes coreanos no Brasil para se referir aos brasileiros.

ANEXO 1 – Formulário usado para obter dados pessoais dos entrevistados

Formulário de dados pessoais 개 인 신 상 조 사 서						
Nome 이름						
Ano de Nascimento 출생년도				Local de nascimento 출생 국가/도시		
Nacionalidade 국적				Estado Civil 혼인 여부		
Bairro de 거주구역						
Religião 종교	Família 가족	Na Coreia 한국		Entrevistado 본인	Na Coreia 한국	
		No Brasil 브라질			No Brasil 브라질	
Profissão 직업						
Ano da vinda para o Brasil 이민 시기				Meio de transporte 여행 수단		
Pessoas que acompanharam 동반 인원						
Ano de aquisição de visto permanente 영주권 취득시기						
Escolas que frequentou na Coreia 한국 출석 학교						
(Se for o caso) País em que morou antes de imigrar para o Brasil exceto a Coreia e o período (해당자만) 한국 외에, 브라질로 이주 전 거주했던 국가와 시기						
Bairros em que já residiu em São Paulo 이민 후 거주 구역						

Escolas brasileiras que frequentou e o período iminu 후 수학 교육기관 및 시기	Educação infantil 유치원	
	Ensino fundamental 초/중학교 과정	
	Ensino médio 고등학교 과정	
	Ensino superior 대학교 과정	
	Outros cursos complementares etc. 기타 교육기관	
Se já frequentou alguma escola coreana na colônia e, se for sim, qual e por quanto tempo 한글학교 출석여부 및 학교명/출석기간		

ANEXO 2 – Roteiro da entrevista

1. APRESENTAÇÃO

Apresentação dos objetivos do projeto;

Apresentação dos objetivos da entrevista;

Informar ao entrevistado sobre a eventual possibilidade de retomada de contato. O tempo máximo previsto para cada entrevista é de uma hora e, caso necessário, será marcado um novo encontro para complementação dos dados;

Aplicação do termo de consentimento livre e esclarecido aos entrevistados para gravação da entrevista.

2. HISTÓRIAS

A) Dados pessoais

Complementar os dados preenchidos no formulário de dados pessoais, apresentado neste trabalho como **ANEXO 1**.

B) Origem da família (Na Coreia)

Gostaria que você contasse o que sabe sobre a história familiar, especialmente sobre os seus pais e, se possível, dos seus avós.

- Cidade natal, profissão, nível de instrução (se puder informar), religião etc.
- Qual é a sua lembrança da Coreia antes da sua imigração? Poderia descrever quais foram as suas impressões e o sentimento que a Coreia trazia para você? Você poderia relatar sobre a sua experiência quanto a sua rotina, casa, escola, lugares os quais visitava, suas férias, além disso, compartilhe sobre seu hobby e músicas favoritas naquela época.

C) Processo emigratório e imigratório

- Quais as razões que motivaram a vinda da sua família para o Brasil?
- Como seus pais ficaram sabendo desse lugar? Tinha referências de parentesco, amigos ou outras informações?
- Você sabe quais eram as expectativas dos seus pais em relação ao Brasil e a cidade de São Paulo?
- Seus pais vieram para o Brasil com qual intenção (de instalação definitiva)?
- Já tinha informação e/ou conhecimento do Brasil ou estudou sobre ele antes da vinda?
- O que trouxeram em suas bagagens?

- Em que outros países já residiram antes do Brasil? Caso houver, poderia falar sobre isto?

3. PROCESSO DE INSTALAÇÃO EM SÃO PAULO

Já viveram em outras cidades antes de São Paulo? Como foi a vida de lá e como sua família acabou se instalando em São Paulo? Gostaria que contasse como foi a vida em São Paulo nos primeiros anos focando os seguintes pontos:

- Em que bairros já residiram e qual era forma de residência?
- Quais eram meios de sustentação da família?
- Qual era forma de aprendizagem da língua portuguesa (tanto no seu caso quanto no caso dos seus pais)?
- Quem ajudou mais na instalação? Se já se dirigiu a alguma igreja?

4. RELACIONAMENTO E INSTRUÇÃO EM ÂMBITOS DIFERENTES: ATÉ A FORMAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

Gostaria que você contasse como era o seu dia-a-dia durante a semana e no fim de semana.

A) No âmbito familiar

- Em que língua conversava com os pais e irmãos?
- Quais os horários de encontro da sua família?
- Assistiam aos programas de televisão juntos? Quem escolhia os programas? De que país eram esses programas?
- Como eram os finais de semana da sua família? (religião, lazer etc.)
- Que tipos de alimentação vocês preferiam? Cite alguns pratos prediletos da sua família.
- Você ajudava no trabalho dos seus pais?
- Onde você aprendeu coreano? Ou Como você preservou o idioma coreano?
- Como se relacionava com seus pais? Vocês são amigos?
- Seus pais davam atenção ao seu estudo e de que maneira te apoiaram?
- Como se deu a escolha de escolas e área de especialidade?
- Seus pais comparavam a Coreia e o Brasil? Quais foram pontos mais comentados?
- Seus pais tinham alguma preferência da raça/etnia/ para seu cônjuge?
- Você foi orientado sobre como se posicionar e se relacionar na sociedade brasileira?

- Gostaria que você comentasse sobre o que era e é mais importante na educação que você recebe dos seus pais (valores que os pais enfatizavam). Ou, qual seria a maior influência que a vida deles lhe deu?

B) No âmbito escolar

Gostaria que você comentasse como se relacionava com seus colegas de escola.

- Em quais escolas e faculdades estudou?
- Como se deu a escolha dessa escola ou faculdade e da área de especialidade?
- Como era a composição dos seus amigos e colegas em termos de etnia e raça?
- Tinha alguma dificuldade de comunicação com eles por causa da língua ou por outros motivos?
- Você convidava seus amigos brasileiros para casa? Como seus pais os atendiam? E você foi convidado por eles também?
- Você tem afinidades ou já tiveram algum desafeto? Você considerava seus colegas solidários? Alguma vez você já precisou de um de seus colegas e como foi atendido?
- Em que momentos você se encontrava fora da escola com seus colegas?
- Com respeito à diversidade cultural do país, como a escola orientava os alunos?
- O que você aprendeu na escola ou na faculdade? Poderia resumir em uma palavra a educação que você teve nessa escola?
- Acredita que a educação na escola influenciou de alguma forma para formar seus pensamentos e atitudes, em particular, em relação a sua identidade nacional?
- Desde que entrou na escola, houve alguma mudança em você em relação a essa questão? Por que?
- Antes e depois de entrar na escola, em que língua você conversava com seus pais?
- Você ainda mantém contato com seus amigos brasileiros?

C) No âmbito religioso

- Você tem religião? Desde quando pratica essa religião e com que frequência? Toda a família compartilha mesma fé?

Perguntas dirigidas aos praticantes da fé cristã católica ou protestante

- Quais igrejas você já frequentou e com que frequência você ia a igreja?
- O que fazia?
- Tem alguma mensagem que lembra até agora e que marcou sua vida?
- Em quais línguas foram realizados cultos e outros programas?
- Sua igreja tinha programas destinados a preservação da cultura coreana? (ex. Escola de coreano)

- Você participava de algum deles?
- Nas reuniões voltadas a adolescentes, o que costumava ouvir dos professores?
- Tem membros brasileiros? Você levava seus amigos brasileiros para sua igreja? Ou já pensou? Se não, por quê?

D) No âmbito comunitário coreano

Gostaria que você contasse sobre os lugares onde a sua família costumava freqüentar, por exemplo, associações, times de futebol, visitas à outras famílias.

- Quem participava?
- Você se envolvia nos programas e atividades educativas promovidas por outras entidades como o Consulado, a ABC etc.?
- Qual foi o seu sentimento quanto a comunidade coreana?

E) Demais âmbitos

Se for o caso, poderia descrever seu envolvimento em outros ambientes exceto os acima tratados?

5. QUADRO ATUAL DEPOIS DA FORMAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

A) Gostaria que contasse sobre sua vida atual, especialmente depois que se formou do ensino superior. Em todos os tópicos acima tratados, se houver a mudança no estilo da vida no decorrer do tempo, peço que compartilhe.

B) Rotina e relacionamento no âmbito profissional

- Em que área você trabalha? Tem alguma ligação com sua formação acadêmica?
- Caso você não trabalhe em sua área de formação (*especialmente para aqueles que trabalham no ramo de confecção*), como foi essa decisão?
- Como é a composição racial/étnica dos colegas ou empregados no seu trabalho?
- Como você relaciona com eles?
- Como é a recepção dos seus colegas pelo fato de ser coreano? De que forma vocês compartilham sobre a cultura coreana?
- Você nota alguma diferença no relacionamento de amizade e a profissional?

C) Focando nas questões das origens e integração à sociedade brasileira.

Gostaria que você comentasse sobre a importância de pertencer ao seu grupo étnico.

- Como você vivencia o pertencimento ao seu grupo étnico? Como você vivencia o fato de pertencer ao seu grupo étnico?

- Você preocupa-se com as tradições herdadas dos seus familiares? Que tipo de tradições sua família preserva?
- Você ou algum membro da sua família já enfrentou algum tipo de preconceito no Brasil?
- Como seria o grau de intimidade para com a cultura brasileira e a intimidade com seus amigos e/ou colegas? Você já sentiu excluído do grupo?
- Em caso afirmativo, relate alguma situação em que você ou/ vocês se consideraram discriminados.
- Conte um pouco sobre a Coreia que você vê. Que sentimento ela traz a você?
- O que você sabia do Brasil antes de vir pra cá? Como era a imagem do Brasil?
- Como foi a sua primeira impressão no Brasil? Como é o Brasil que você vê? E seu povo? Que significado tem o Brasil para você?
- Quais dos quatro ambientes citados aqui você acha que influencia mais no processo de construção da sua visão de si e do Brasil?

6. IDEALIZAÇÕES E EXPECTATIVAS

Gostaria que você comentasse suas expectativas em relação ao futuro (profissão, lugar para morar, educação dos filhos).

A) Visão profissional

- Qual é a sua visão profissional?

B) Educação dos filhos

- Tinha alguma preferência de raça e etnia para seu futuro cônjuge?
- Qual identidade nacional e cultural você deseja ao seu filho?
- Qual é a língua materna de seu filho?
- Em que língua você conversa com seus filhos?
- Você ensina coreano aos seus filhos? Como e por quê?
- Você tem alguma preferência em nacionalidade/raça/etnia para os futuros cônjuges dos seus filhos?
- Em que escola estudam seus filhos? Por que escolheu essa escola?
- Já pensou em mandar seu filho para a Escola Coreana em São Paulo/Polilogs? Por que não *ou* sim?
- O que você espera que seus filhos aprendam na escola?
- Você faz algum esforço para manter sua identidade coreana e herdá-la para seus filhos? Quais?

Para os entrevistados solteiros, perguntar como pretende fazer em relação às mesmas perguntas acima citadas.

C) Definição de alguns termos que podem vislumbrar a visão dos entrevistados de si mesmo e do Brasil

- O que é família?
- O que é nação? O que é a nação brasileira? O que é a nação coreana?
- Quem é coreano e quem é brasileiro? (*ou* O que é...)
- O que é comunidade?
- O que é escola?
- O que é igreja?
- O que é a vida no Brasil?
- O que é a *geração 1.5*?

ANEXO 3 – Sistema Educacional da República da Coreia

Gráfico reelaborado por Kim Sun-myung, estudante da Faculdade Belas Artes
 Fonte: Facts about Korea. Edição 2008. Disponível em: <www.korea.net>

ANEXO 4 – O poema A Flor traduzido para a língua portuguesa**A Flor**

Kim Chun-su

Antes de eu lhe pronunciar o nome

Ele não era

Mais que um simples gesto.

Quando eu lhe pronunciei o nome

Ele veio a mim

E se tornou uma flor.

Assim como chamei-lhe o nome

Alguém me chame o nome

Que combine com meu matiz e meu perfume

Também quero ir até ele

E tornar-me a sua flor.

Todos nós queremos ser algo

Eu para você, você para mim

Queremos significar algo, algo que não se esquece.

Tradução: Im Yun-jung

(REVISTA CULTURA TROPICAL, n. 4, abril. 1988)

ANEXO 5 – O poema A Flor na versão original (língua coreana)

꽃

김춘수

내가 그의 이름을 불러 주기 전에는
그는 다만
하나의 몸짓에 지나지 않았다.

내가 그의 이름을 불러 주었을 때
그는 나에게로 와서
꽃이 되었다.

내가 그의 이름을 불러 준 것처럼
나의 이 빛깔과 향기에 알맞은
누가 나의 이름을 불러다오.
그에게로 가서 나도
그의 꽃이 되고 싶다.

우리들은 모두 무엇이 되고 싶다.
너는 나에게 나는 너에게
잊혀지지 않는 하나의 의미가 되고 싶다.

ANEXO 6 – Testemunho completo do pastor Moon Myeong-cheol

“Com a eclosão da Guerra da Coreia, o Exército da Coreia do Norte alistaram à força até os jovens adolescentes. Dia 2 de agosto de 1958. Eles reuniram cerca de mil jovens na proximidade de Ung-gi, na Província de Hamgyeong, com o pretexto de fazer uma espécie de prova de resistência. Mas, na verdade, todos foram recrutados, exceto aqueles com grave deficiência física. Fui escolhido como aspirante-a-oficial por ter concluído o ensino médio, mas ao descobrir que eu era de família cristã, reprovaram-me, o que me fez decidir fugir do exército, logo depois tomando o rumo em direção à Coreia do Sul porque julguei que lá teria mais liberdade de culto do que na Coreia do Norte. [...] Tornei-me prisioneiro das tropas da ONU junto com soldados norte-coreanos e fui enviado para o campo de prisioneiros de guerra de Busan. [...] Foi no final de agosto de 1952. “Agora, vocês têm que decidir se vão para a Coreia do Sul ou para a Coreia do Norte, ou então se vão para um país neutro. Nós vamos respeitar a livre vontade de vocês.” Foi o que nos disseram a ONU e a avaliação de decisões tomadas pelos prisioneiros ocorreu em Panmunjom, zona neutra, onde todo o processo foi operado pelos soldados da Índia, que era um país neutro. “Senhor, que país devo escolher? Se for para a Coreia do Norte, aqueles prisioneiros comunistas que me viram no campo de Busan vão me acusar de reacionário, e na Coreia do Sul, o estigma de prisioneiro anti-comunista deve me seguir e torturar até eu morrer.” E finalmente decidi: “Bom, se for pra ser assim, vou para um país do Terceiro Mundo e começar uma nova vida. Lá também deve ter o propósito de Deus.” Tornei-me oficialmente livre em 4 de fevereiro de 1954, exatamente três anos e seis meses depois de ter sido capturado pelas tropas da ONU. O dia estava nebuloso quando os 88 prisioneiros que optaram por viver num país neutro partiram para a Índia. Entrando no barco no porto de Incheon, declamei o capítulo 23 do Salmo: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará.” Quando será que poderei pisar novamente o solo da minha pátria? – pensando nisso, não pude segurar as lágrimas. O navio chegou, em 21 de fevereiro de 1954, no Porto de Madras (Chennai) da Índia. “Não posso gastar o tempo em vão. Vou procurar se há algum caminho para estudar aqui.” Depois da pesquisa junto com meu colega da fé cristã, Kang Hee-dong, descobri que o Seminário de Teologia de Leonard, localizado em Japalpur, era bastante prestigioso e ingressei nele em 20 de dezembro de 1954. Em janeiro de 1956, um ano depois, chegou a notícia de que o Brasil decidiu nos acolher. Depois de momentos de angústia e oração, apesar de ser uma notícia bem-vinda para meus colegas, tomei a decisão de partir para o Brasil, a qual me deu, finalmente, a paz no coração. Eu, na companhia de outros prisioneiros,

cheguei ao Brasil pelo voo da Air France. Ao desembarcar no aeroporto, a atmosfera completamente diferente da Índia nos deixou meio empolgados e tensos. Além do mais, chegamos justamente durante o período do Carnaval, quando o país estava envolvido no calor dos festejos de samba; ficamos consternados ao ver danças selvagens com corpos quase pelados. [...]” (Testemunho de Moon Myeong-cheol, publicado na Seção de Cultura, Diário Guk Min, da Coreia, 12 de outubro de 1998, pág. 19, tradução nossa)